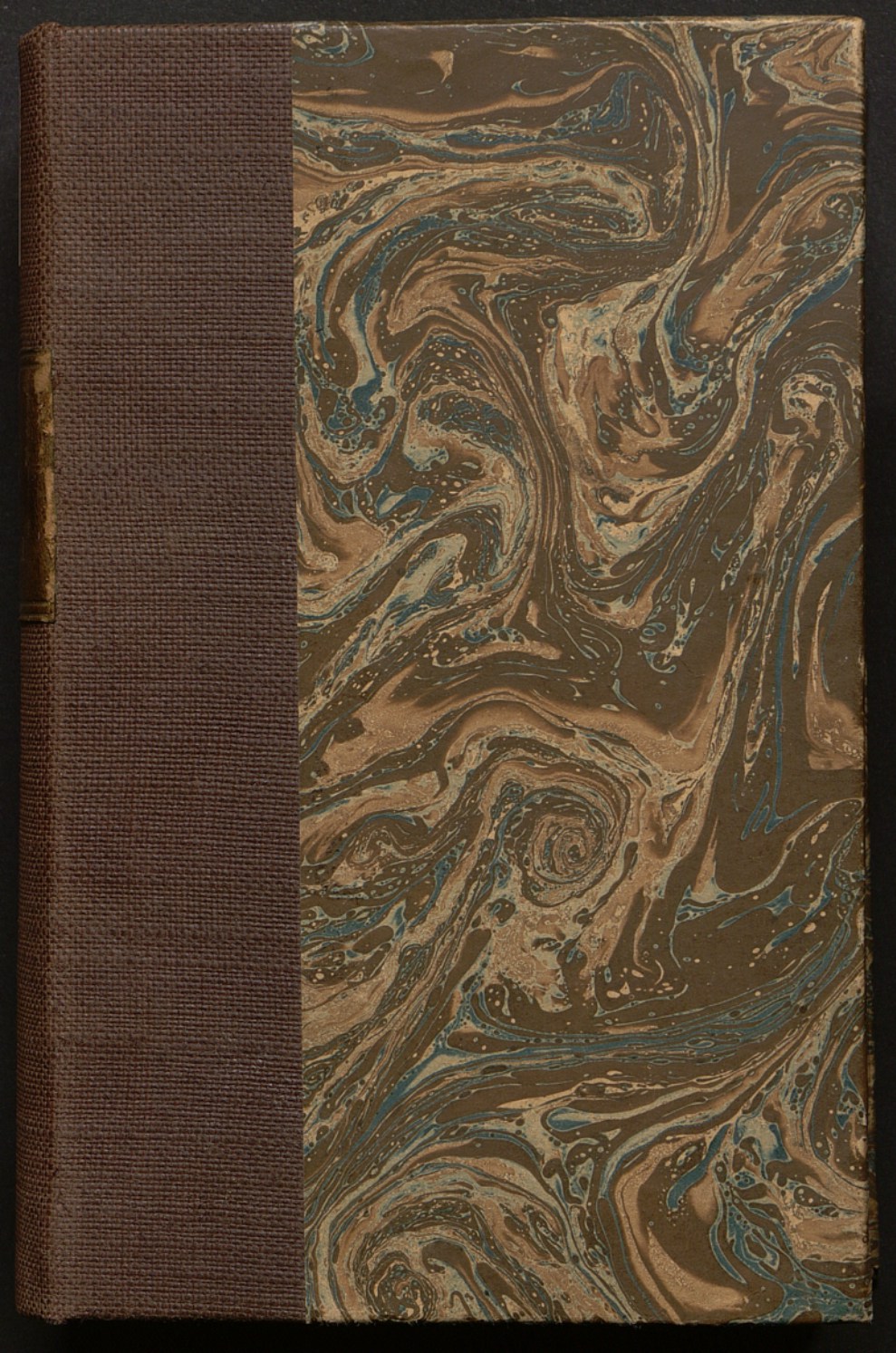
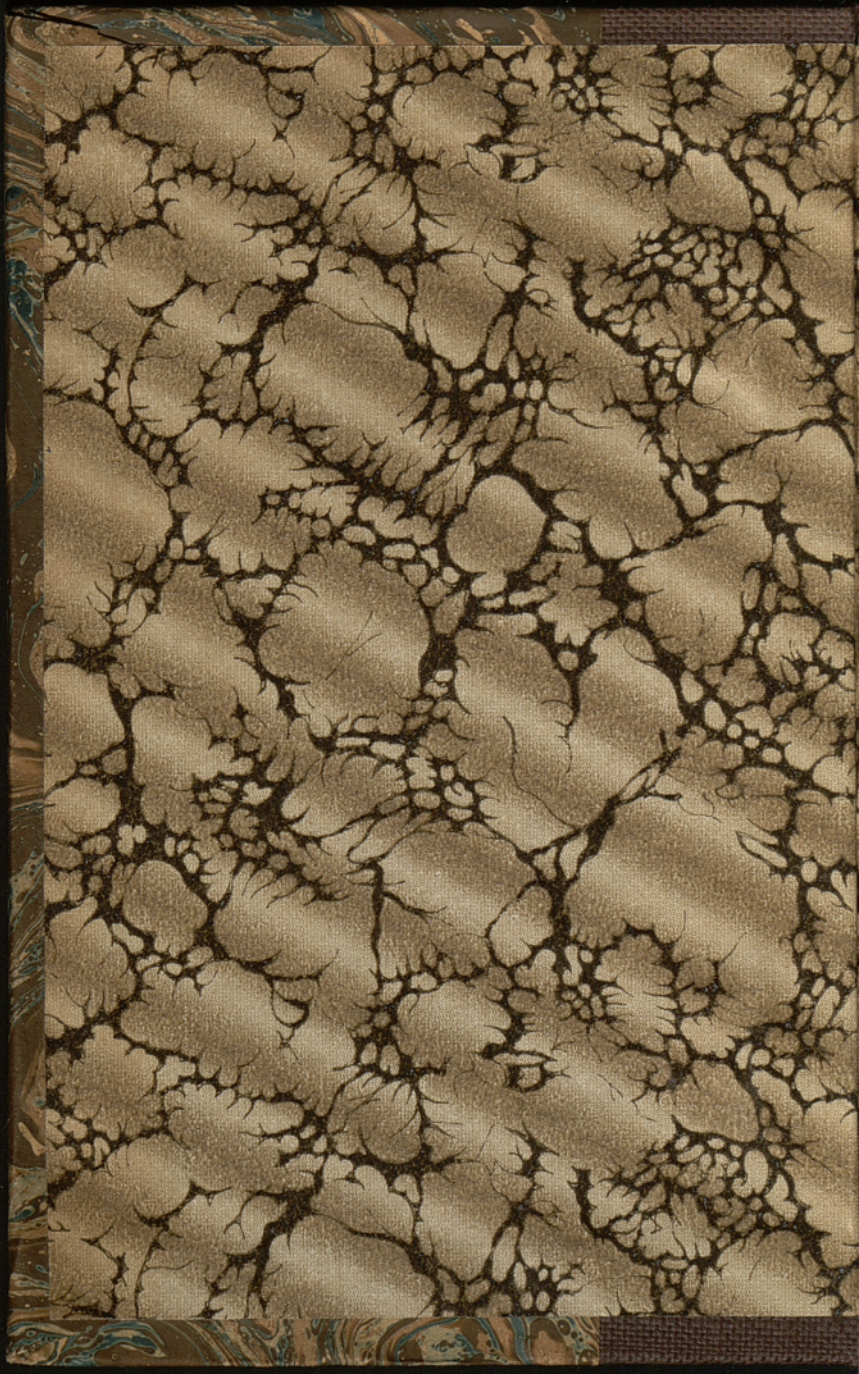
53.653

FABULARIO

POR

HENRIQUE O'NEILL





A Monsieur
Ferdinand Denis,
à l'Illustre Ami des
Portugais

Hommage respectueux

de l'auteur

FABULARIO

△ 53.653

FABULARIO

COMPOSTO

E DEDICADO A SUA ALTEZA REAL

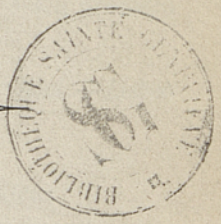
O PRINCIPE D. CARLOS

POR

HENRIQUE O'NEILL

Visconde de Santa Monica

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra,
Director Geral Honorario dos Negocios da Justiça,
do Conselho de Sua Majestade,
Preceptor aposentado de Suas Altezas,
Veador Honorario de Sua Majestade A Rainha,
Ajudante do Conselheiro Procurador Geral da Corôa e Fazenda.



LISBOA
LIVRARIA FERREIRA
132 — Rua Aurea — 134
1885

A SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE

D. CARLOS

PRINCIPE,

Acabada a educação de Vossa Alteza, e não podendo eu por falta de saude continuar a concorrer para a de Sua Alteza Serenissima o Senhor Infante D. Affonso Henriques, occupei as horas de forçado ocio escrevendo o Fabulario que tenho a honra de offerecer a Vossa Alteza, ousando esperar que se dignará de acceitar o livro destinado á educação dos filhos do Povo Portuguez Aquelle que ha de ser o seu primeiro Magistrado.

Deus Guarde a Vossa Alteza Real.—Lisboa 28 de Setembro de 1885.

De Vossa Alteza
antigo e dedicado preceptor

Henrique O' Neill.

Visconde de Santa Monica.

PROLOGO

Por meio de exemplos, expostos sob fórma ingenhosa e agradavel, intentam as fabulas applicar ao procedimento dos homens as lições da experiencia. Devem, pois, aquelles exemplos ser, alem de moraes quanto á doutrina, tambem applicaveis na pratica, embora revestidos de fórma phantasiosa. E porisso uma fabula ou é verdadeira e util, ou esteril, senão prejudicial, segundo podér, ou não, admittir-se o exemplo que apresenta.

Dizem, e é muito provavel, que as antigas fabulas nos vieram quasi todas do Oriente. Estou porém convencido de que, embora não as houvessemos herdado, outras e muito semelhantes teriamos composto, visto serem de ordinario as fabulas paraphrases de dictados que muitas vezes até se vêem expressos na respectiva moralidade.

Das trezentas e sessenta e seis que formam a presente collecção um terço são novas, isto é, tratam assumptos que ainda não foram apresentados, ao menos que eu saiba, debaixo d'esta fórma. Muitas das outras, que fui buscar ao fundo commum e já explorado por Pilpay, Lokman, Esopo, Babrius, Phedro, La Fontaine, Florian, Lessing, Yriarte..., vesti-as, quanto pude, á moderna, tirando d'ellas não poucas vezes moralidade diversa da que tiraram outros, por me parecer mais conforme com o presente estado social.

Não pretendi escrever uma serie de contos pueris e frivolos; mas, seguindo o espirito do meu tempo, desejei organizar um todo harmonico e util, onde reunisse a maior copia de idéas sãs e praticas, destinadas a concorrer para a educação da mocidade e a servir de memento ás outras edades mais adeantadas.

Quanto á maneira de encarar os assumptos e á fórma que mais convinha dar-lhes, dois grandes modelos se me offereciam entre os fabulistas modernos — La Fontaine e Lessing. Este ultimo, verdadeiro philosopho e observador verdadeiro, escreveu em prosa quasi todas as suas fabulas (algumas novas ou escassamente conhecidas) dando-lhes extrema concisão e desprezando atavios, como expressamente o declara na primeira—A apparição. La Fontaine aproveitou as fabulas attribuidas a Esopo e já magistral-

mente, mas de modo conciso, tratadas por Phedro; e, narrador incomparavel, bordou a tela sem se importar com a verdade d'ellas, nem ainda, por vezes, com a dos mimosos atavios de que as adornava. Procurei seguir o pensar do primeiro, quanto á materia; pois, como o disse e creio, a fabula deve ser verdadeira. Pelo que respeita á fórma, quem póde imitar a La Fontaine? Empreguei comtudo o verso como mais proprio em taes assumptos, escolhendo o de oito syllabas por se accommodar melhor ao estylo familiar. Ainda assim, cortei-o de quando em quando para lhe diminuir a monotonia e, diga-se a verdade toda, tambem obrigado a isso não poucas vezes, pois entendo que no verso o som final d'uma palavra não póde encontrar outro identico sem com elle rimar necessariamente; e muito menos póde desprezar esse que primeiro encontrou, para ir rimar com terceiro. E d'ahi deduzo que deverá evitar o concurso de desinencias eguaes dentro do mesmo verso, ou ainda nos seguintes, quem não quizer aproveitar para rima a segunda desinencia; e mais concluo que semelhantes consonancias repetidas devem proscrever-se dos versos heroicos, pois necessariamente os fraccionam e lhes alteram a indole.

Dicto isto para descargo de consciencia, e prompto a confessar o meu erro quando m'o demonstrem, accrescentarei que o presente Fa-

bulario foi escripto nos annos de 1883 e 1884; as idéas porém nelle apresentadas, recebi-as e meditei-as muito antes.

Alem dos defeitos apontados nas emendas e alterações, outros escaparam de certo nesta edição. O mesmo aconteceu e ha de acontecer a ingenhos com os quaes não tenho a louca vaidade de me comparar; e todos quantos publicaram alguma obra de certa extenção, principalmente em verso, sabem que a primeira edição, ao menos quanto á fórma, é apenas uma prova mais limpa.

Ainda assim, muitissimo mais imperfeito sahiria este livro se não fossem os conselhos de alguns amigos que me coadjuvaram na tarefa, e mais do que tudo o inapreciavel auxilio do meu presado amigo o Ex.mo Sr. Com.or Joaquim Alves de Souza, o qual á erudição que ninguem lhe póde negar, reuniu, para me ser util, paciencia e dedicação inexcediveis as quaes gostosamente aqui confesso, em que pése á sua modestia.

No ultimo quartel da vida não me moveu a escrever o interesse: bem mesquinho fôra elle, ainda quando a obra tivesse o merecimento que não tem. Escrevi este livro, porque sobrando-me vagar, senti vontade de escrever; e publico-o hoje, porque o amor de pae me cega até o ponto de suppor que não fiz obra de todo inutil.

Se alguem quizer indicar-me os defeitos que

nelle descobrir, grande favor me fará a fim de eu, tendo vida e saude, os emendar em nova e menos imperfeita edição. Peço porém, para que possa ser justo na apreciação do meu trabalho, que queira ler primeiro as erratas e alterações, as notas e o indice por materias, a fim de não me condemnar sem eu ser ouvido, attribuindo-me erros alheios, idéas differentes das minhas, ou ainda contradicções que procurei evitar.

FABULARIO

FABULA 1.ª

A Verdade e a Fabula

Segundo os gregos, num poço
Mettida estava a Verdade:
Ou para lhe combater
A terrivel qualidade
De ser mais dura que um osso,
E só se poder
Roer
Depois de estar bem de molho;
Ou isso significava
Que num poço muito fundo
Cahia quem procurava
A verdade neste mundo;
Ou que, se lançar o olho
A velha ao poço ou á poça,
Ha de ver a realidade
De já não ser bella e moça
Estampada num espelho,

Em que lhe pese á vaidade;
(E o mesmo digo do velho.)
Seja qual fôr o sentido
A Verdade
Num poço tinham mettido
Mergulhada.
Sem vestido
Nem camisa,
Fóra do banho sahiu
Numa bella madrugada.
Ao vêl-a tudo fugiu:
Era caso de fugir,
Pois quem não se escandaliza
De assim vêr,
De assim ouvir,
A verdade toda nua
E, de mais a mais, na rua?!
Ninguem a quiz receber.
Alli gelada tremia,
Não tendo onde se acolher;
Alli morrido teria,
Se não houvera passado,
Mollemente recostada
Em lindo carro dourado,
A Fabula arrebicada,
Coberta de pedraria
Toda falsa, mas luzia...
Teve dó. É da mulher
Sempre caridosa ser:
Caridade, abnegação,

Rara a mulher que não tenha
Num canto
Do coração.
—«Coitadinha! nua assim!
Cubra-se com este meu manto,
Venha para ao-pé de mim:
Ande, venha,
Não seja bicho do matto:
Para casa a levo já,
Quero dar-lhe um lindo fato,
E verá
Que a matar
Lhe ha de ficar,
Que bem parece vestida.
Minha amiga, nesta vida
Valemos
Quanto par'cemos (1)»
Deixou-se a outra levar
E enfeitar
De trapos e d'ouropeis,
Da moda segundo as leis,
Respeitadas muito mais
Que as civis e que as penaes
E sem muito lhe doer,
Porque, emfim, era mulher.
Depois de assim revestida (2),
Foi muito bem recebida
Logo nos paços reaes
E, portanto, nas demais
Casas de gente graúda.

Depois a arraia miuda,
Que os reis e os grandes imita,
Ou busca sempre imitar,
(Boa manha,
Se bons exemplos apanha!)
Embora d'elles maldiga,
Achou-a tambem bonita,
Quando a viu assim vestida
Com tão vistoso trajar.

Quer o leitor que eu lhe diga
Se gósto d'ella garrida,
Se foi um bem adornal-a?
Nem por isso: mas conheço
Que assim lhe dão mais apreço;
Pois, sabendo bem doural-a,
Pilula a mais amargosa
Até gente não gulosa
A vai sem custo engulir.
Estou que tempo ha de vir,
Em que a verdade se diga
Nua e livre do rodeio
Com que tanto se mitiga;
Tempo serio, qual desejo,
De pão—pão e queijo—queijo.
Mas tal tempo inda não veiu
E, emquanto elle não vier,
(Sabe Deus quando virá)
Cumprimentos haverá,
Fabulas se hão de escrever.

Se te enfadam, meu leitor,
Qual esteril passatempo
De creanças e de velhos,
Fecha o livro, ainda é tempo;
É melhor,
E vae-o dar
A quem o deseje ler
E não o possa alcançar:
Matas assim dois coelhos.

FABULA 2.ª

O esculptor e o invejoso

Em bronze, que pertencera
A estatua muito famosa
Que um incendio derretera,
Outra, menos primorosa,
De fórma muito diff'rente,
Porém tendo algum valor,
Diligente
E estudioso
Esculpiu
Outro esculptor.
Invejoso
Que tal viu,
Procurando criticar,

Depois de longo scismar
Disse: — «Muito bem andou,
Ou foi bem aconselhado,
Este artista, que empregou
Bronze já acostumado
A taes obras. O valor
D'esta estatua, menos má,
Vem todo d'ahi... Não ha
Merito em ser esculptor,
Quando o acaso assim nos dá
Tão prestimoso
Metal.»

Não imagine o leitor
Sensato e conscienciosо,
Que lhe pretendo applicar
D'esta fabula a moral,
Se das minhas não gostar:
Fallo só para o invejoso (3).

FABULA 3.ª

O sapo e o pyrilampo

Entre a macia verdura
D'um vallado do meu campo,
Brilhava por noite escura

Innocente pyrilampo.
Sapo asqueroso, que o viu,
Approximou-se e cuspiu
Sobre elle a nojenta baba.
O pyrilampo, que a vida
Assim cruelmente acaba,
Lastimando a sua sorte
Diz-lhe em voz enfraquecida:
«Porque me dás tu a morte?
Que te fiz, de que me accuses?
Diz-lhe o sapo:—«E porque luzes...?»
—«Imagem da vil inveja,»
Bradei eu, que estava ao-pé;
«Que tudo o que bello seja
Destruir sempre tomara;
De bom grado te esmagara,
Se não me sujasse o pé.»

FABULA 4.ª

O leão, o lobo e a rapoza

Ao lobo voraz e hirsuto
E á manhosa
Da rapoza
Disse o leão uma vez:
—«Vamos caçar todos tres,

E entre nós d'esta caçada
Repartamos o producto.»
Foi a lembrança approvada
Por ambos. Podéra não,
Quando vinha do leão!
Partem: mal tinham andado,
Eis que lhes sai um veado.
Correram todos sobre elle,
Deram-lhe conta da pelle.
Em tres partes é cortado
(Deseguaes,
Pois que taes
Os socios são,)
Pelas garras do leão,
Que em seguida perguntou:
—«Como ha de isto agora ser?»
—«Não tem muito que saber,»
Disse o lobo, que lançou
Á preza os olhos glutões:
«Somos tres e ha tres quinhões,
Por signal, dois pouco eguaes.
Como és rei dos animaes,
Tu queres ter o maior;
O segundo me convem,
Pois o não tenho melhor;
Coma a rapoza o menor.»
Acabado
Elle não tem,
Recebeu tal cachação
Puxado

Pelo leão,
Que lhe deixa pendurada
Toda a pelle do pescoço,
Escorrendo ensanguentada
E mostrando quasi o osso.
A rapoza, que tal viu,
Muito depressa acudiu:
—«O segundo é da leôa;
O terceiro, julgo eu,
Deve ser do filho teu.»
—«A lembrança é muito boa!»
Brada o leão:
«E põe fim
A toda e qualquer questão.
Mas porque pensaste assim?»
A rapoza respondeu:
—«Um doutor
(Parece que estou a vel-o
Com o seu capello
Vermelho,)
«Este conselho
Me deu,
Não te vás com teu senhor
Metter a jogar as peras;
O que espéras?
Vê nos outros um espelho (4).»

FABULA 5.ª

O lobo e o cordeiro

Fuja do lobo a correr
O cordeiro tresmalhado;
Pois, se o consegue apanhar
O malvado
Nem lhe deixará provar
Culpas não ter
No cartorio,
E morre, sem oratorio (5),

Um cordeiro malfadado,
Novato
Perdido por esse mundo,
Para beber, em regato
Pouco fundo
Sequioso se metteu.
Apenas elle bebeu,
D'onde aquella agua vinha
Se avizinha
Um grande lobo esfaimado.
—«Atrevido e mal creado!»
Grita a fera a bom gritar:
«Pois tiveste a ousadia

De o regato, que corria
Limpo, com teus pés sujar,
Quando eu quiz nelle beber;
Vais morrer!»
—«Ó meu senhor!»
Lhe diz tremendo o cordeiro:
«Queira reparar primeiro
Que estas aguas vêm d'ahi.»
—«Essa agora é que é melhor!»
Brada o lobo: «então menti?
Tu é que mentes, meu traste,
E bem sei que me cortaste
Ha mais d'um anno na pelle.»
—«Não posso ser eu aquelle
Que tal ousou:... eu nascido
Ainda não era então.»
—«Pois seria um teu irmão,
Pelo qual tu vais pagar.»
—«Não tenho irmãos.»—«Atrevido!
Que sempre has de resmungar!
Se por acaso
Os não tens,
Tanto monta;
Nem isso faz nada ao caso:
Vocês, pastores e cães,
Trazem-me sempre de ponta,
E não me podem tragar:
Mas eu hei de os ensinar,
E tu serás o primeiro
Que pague o atrevimento.»

Dicto isto, num momento
Atassalhou o cordeiro (6).

FABULA 6.ª

O leão e o burro á caça

Foi el-rei leão caçar
E escolheu o jumento
Para a caça levantar.
Escondido
Entre a ramada,
O burro foi um portento;
Pois toda a caça, espantada
Com o seu tremendo ruido,
Vinha cahir na cilada,
Onde a esp'rava o leão.
—«Que tal?» diz o fanfarrão
Do burro, no fim da festa:
«A trompa é boa ou não presta?»
—«Zurraste qual grande burro,»
Disse o leão; «e esta caça,
Não te conhecendo a raça,
Tomou a serio o teu zurro.»

FABULA 7.ª

O lobo e a cegonha

Era tão comprido um osso,
Ou tão grosso,
Que o lobo o não enguliu;
E ficou atrapalhado,
Engasgado,
Dando tractos ao pescoço.
Neste aperto lhe acudiu
A cegonha, que passava
Quando em vão elle acenava
A quanto bicho alli via;
E nem um só lhe acudia.
Com destreza
E de seu bico as tenazes
Tirou das fauces vorazes
O tal osso, e assim salvou
O lobo de cruel morte.
Finda a empreza
A cegonha perguntou
Ao lobo, se lhe pagava.
—«Ora! córte
Já d'ahi!
Nunca vi
Tammanha ingrata!

Pois você inda pensava,
Quando a cabeça tirou
Sã e intacta
D'esta terrivel guela,
Que esse favor não bastava
Para muito bem pagar
Uma triste bagatela?
Se eu a podesse apanhar...
(A cegonha se afastara)
Fôra você que pagara,
Por ser commigo atrevida
Depois de dever-me a vida.»

Quando algum homem de bem
Vir um malvado
Engasgado,
Deixe-o ficar, que está bem (7).

FABULA 8.ª

O cysne e o cosinheiro

Nesses tempos fabulosos,
Quando o cysne moribundo
Seus cantos melodiosos
Soltava deixando o mundo (8),
Um cosinheiro, que tinha

Bebido o sumo da vinha
Mais do que era regular,
Estava quasi a cortar
O pescoço a um dos taes
Sobredictos animaes.
Começa o cysne a cantar
Seu triste rondó final (9).
—«Não sou inda tão boçal»
Disse então o cosinheiro,
Que logo cahiu em si;
«Que vá matar um gaiteiro,
Como nunca assim ouvi.»
Larga o cysne, e procurar
Vai um ganso que apanhou;
Grasnou
Este a bom grasnar,
Mas nem por isso escapou.

Expôr as suas razões
Sem gritos nem palavrões
E, até, de bom humor
Tem *muitas vezes* valor (10).

FABULA 9.ª

Os pastores e os lobos

Em tempos muito distantes,
Num paiz desconhecido
Dos modernos viajantes,
E que nos mappas não vem,
Dizem ter acontecido
Que os pastores mais os lobos
Houveram todos por bem
Acabar mortes e roubos.
Foi o tractado
Assignado
Com todos os barbicachos:
Os pastores os seus cães
Entregaram em refens;
Os lobos os seus lobachos.
Correu tudo muito bem
Por algum tempo. Fechado
Estêve o templo de Jano.
Mas diz o velho dictado:
«Atraz d'um tempo outro vem.»
Isto levou mais d'um anno,
Até que os lobos poseram,
Apezar das convenções,
Com toda a pouca vergonha

Em obra as suas tenções.
E eis o que elles fizeram:
Por uma noite medonha
Dão conta da pelle aos cães
Que retinham em refens,
E vão direito aos curraes
Sem rafeiros nem zagaes;
(Dormiam estes fiados
Na sancta fé dos tractados.)
Alli, com os filhos que então
Quasi lhes eram eguaes,
Matam, ferem sem perdão,
E levam grande farnel.

Lembre-se d'este painel
Quem me lêr; e com malvados
Não queira nunca tractados.

FABULA 10.ª

O leão moribundo

Depois de largo reinado,
O leão
Velho e alquebrado
Jazia no duro chão.
Nem signal de cortezão

No seu antro se mostrava.
Arquejava
Sósinho!... Sósinho não:
Eis que entrava
Para vingança tomar
Grande chusma de animaes,
Entre os quaes
Não poucos o adulavam
Quando d'elle receiavam.
Era o terrivel momento,
Em que injustiças passadas
Vinham, lettras protestadas,
Exigir o pagamento (11).
O tigre não foi presente;
Pretendente,
(Assim diz a tradição)
Andava apertando a mão
Até aos mais inf'riores
E promettendo favores,
(Era já costume então)
Para que fosse acclamado
Em logar do rei finado.
Mas voltemos ao monarcha:
Prostrado embora no chão,
Com a morte brioso arca.
Quer
Morrer
Sempre leão (12).
O cavallo deu-lhe um coice
Sem nada dizer, e foi-se:

Deu-lhe o lobo uma dentada,
Em memoria da caçada (13);
A raposa mal se riu,
E fugiu
Logo que el-rei a fitou;
Assim, á chucha calada,
Muitos outros animaes
Cada qual menos ou mais
Se vingou;
Porém o urso
Esse lá botou
Discurso,
E massou,
Como sempre os ursos massam,
Sobre as grandezas que passam,
Sobre as mundanas vaidades
E outras banalidades;
Um longuissimo rosario:
(Era urso e *doutrinario*) (14),
Foi o peior de aturar.
Acabou... por acabar,
Dando a el-rei um grande murro.
De orelha tesa e a zurrar,
Eis que por fim chega o burro:
—«Matae-me!» rugiu então
Aos demais el-rei leão:
«Vossas garras, vossos dentes,
Tudo, tudo é acceitavel:
Mas, por honra dos valentes,
Não me deixeis insultar,

Aviltar,
Por aquelle miseravel!»

FABULA 11.ª

O pastor e o mar

Não se deve chamar «pobre»
A quem certo tenha o pão,
Muito embora não
Lhe sóbre;
Chamo-lhe «remediado»
Que me parece melhor (15).
Assim vivia um pastor
Com o seu cão
E com o seu gado.
Do monte por onde andava
Se avistava
Um grande porto de mar;
E nelle sempre se via
A sahir ou a entrar
Muita náu
Para o norte, ou meio-dia,
Para o leste,
Ou o sueste,
Para Londres ou Macáo,
Para aqui, para acolá.
Isto claro lhe dizia

Os grandes lucros que dá
O negocio pelo mar.
Começou elle a scismar,
A dizer:—«Se eu tenho pão,
Tambem o tem o meu cão;
E para, qual elle, o ter
Hei de sempre trabalhar
Toda a vida até morrer.
Que vida tão desgraçada!
Emquanto outros regalada
A levam sempre: e porque?
Já se vê
Que o herdaram
Ou ganharam.
Herdar! Eu bem pouco herdei.
Trabalhar! Eu trabalhei,
Não posso trabalhar mais
Do que faço. E os demais?
Pois não se ganha com o ocio,
Esses têm outro trabalho,
Sendo o melhor o negocio
Com as possessões do ultramar.
Isso hei de eu tambem tentar,
Pois menos que elles não valho [16].»
Assim disse e assim o fez.
Do rebanho se desfez,
De quanto tinha dispoz.
Comprou fazenda, que poz
Toda a bôrdo d'um navio:
Perdeu-se este num baixio,

E levou-lhe tudo o mar!
.....
Eil-o de novo a guardar
Ovelhas, suas já não;
Eil-o tirando ao seu pão
Para de novo as comprar;
Tanto fez,
Que o conseguiu:
E, quando outra vez
Se viu
Guardando um rebanho seu,
Dava mil graças ao céo
Por voltar
Ao antigo estado,
E nunca mais foi tentado
Com os negocios pelo mar.

De pão seguro boccado
Ninguem queira aventurar;
Que pode ficar
Logrado.
Quantas vezes, desgraçado
Carpindo se julga alguem
Até vir maior desgraça,
Que lhe faça
Achar um bem
O que teve e já não tem!

FABULA 12.ª

O hortelão e os caçadores

Um hortelão abastado,
Por muito bem situado
Estar da cidade á porta,
Andava desesperado,
Pois iam alguns coelhos
Comer-lhe as couves da horta.
Não dormia socegado:
Assim é com muitos velhos,
(Elle moço já não era)
A quem a edade exaggera
A menor contradicção;
Querem só quietação,
É proprio d'aquella edade.
Ora o velho na cidade
Tinha, entre outros, um freguez,
Com quem fallando uma vez,
Dos coelhos se queixou.
—«Você porque não fallou
Mais cedo? Já seus cuidados
'Stavam todos acabados.
E eu cá então que me péllo
Por uns coelhos guizados!...
Ámanhã vou-lhes ao pello:

E desde já lhe asseguro
Que você para o futuro
Nem um laparo ha de ter
Para amostra, se o quizer.
Ámanhã aqui me tem.»
Assim foi. Ao amanhecer
Eis que o tal caçador vem
Com meia duzia d'amigos,
E não sei com quantos cães:
Tractam logo de almoçar.
Dizer os figos
E os pães
Que comeram,
Fôra um nunca se acabar;
E beberam
Menos mal
Para os figos afogar (17).
—«Comecemos a caçada,»
Diz o amigo a final.
Com effeito é começada,
E, depois de um bom jantar,
Felizmente se acabou.
Mas se a caça deixou
Morta,
Foi-lhe a morte bem vingada,
Pois ficou
Em tal estado
A desgraçada da horta,
Que nem paiz conquistado
Pelo povo Huno ou Vandalo.

Foi um verdadeiro escandalo,
Um raio que alli passou;
Nem uma couve escapou
Direitinha no seu talo:
Tudo calcado no pó!
O velho, depois de só,
Rogando pragas que eu calo,
Chorou, diga-se a verdade,
Dos coelhos com saudade...

Ás vezes o curativo,
Não a doença, é que mata:
Ha erro menos nocivo
Do que a emenda na errata.

FABULA 13.ª

O burro e o cãosinho

Quem com graça não nasceu
Não se metta a engraçado.
Olhe o caso que se deu
Com certo burro, estafado
De trabalho e de pancadas,
Que, vendo quanto estimadas
Eram d'um cãosinho as graças,
Que todos d'ellas se riam;

Não attendendo a que as raças
E os tammanhos differiam;
Na grande sabedoria
De que nascera dotado,
Imaginou que seria,
Do mesmo modo estimado.
O momento aproveitando
Em que vê 'starem folgando
Os patrões com o tal cãosinho,
Entra na sala zurrando,
Aos coices e pretendendo
Dar tambem o seu pésinho,
Ás caras a pata erguendo.
Imaginem em que estado
Ficaram todos na sala!
Cai a senhora sem falla...!
—«Acudam!» gritam afflictos:
«Acudam já com um arrocho!
Que 'stá damnado
O carocho!»
(Por ser preto, assim chamado.)
Ouvindo tammanhos gritos
Um labrego, seu mentor,
Que, dando-lhe a palha e a herva,
Não lhe soffria tolices,
Qual noutro tempo Minerva
Ao filho do sabio Ulysses,
Acabando com as meiguices
Fez calar logo o cantor,
E poz na folia ponto

Com um bom rufo de tambor
No lombo do burro tonto.

FABULA 14.ª

O macaco e o golfinho

Segundo Plinio (18), os golfinhos
Não só não eram damninhos,
Mas até uns animaes
De certo mui serviçaes,
Pois cuidavam de salvar
Quem ao mar
Cahido tinha,
Ou quem estava alli em p'rigos.
D'onde vinha
Serem tidos por amigos
Dos homens em outras eras.
Hoje são isso chimeras
D'aquelles tempos passados:
Os golfinhos são fisgados,
E lhes tiram as gorduras,
Que muito máo cheiro deitam,
Mas de que alguns se aproveitam
Por não ficar ás escuras (19).
Ora contam que um navio,
Pelas alturas
De Athenas,

Dando com a quilha em baixio
Se afundou. Os desgraçados,
Marinheiros
Passageiros,
Pelas antennas
Trepados,
Já se julgavam perdidos,
Quando foram soccorridos
Pelos bondosos golfinhos,
Que fizeram mil caminhos,
Em cima do seu costado
Á terra os homens levando.
Um d'elles, que ia montado
Por macaco, que julgara
Ser homem ao vêr-lhe a cara,
Foi com este conversando:
—«É d'Athenas?»—«Sim, senhor;
Nem o ha alli melhor
Aparentado do que eu.
O meu pae é magistrado,
Meu irmão grande letrado;
Descendemos de Theseu (20).
Em mim tem um homem seu,
Que muito desejaria
Servir-lhe ao menos de guia
Para Athenas lhe mostrar.»
—«O que me diz do Pireu? (21)»
—«Amigo velho: elle e eu
Junctos fomos almoçar,
Quando eu estava de partida.»

Ouvindo tal descahida
Olha o golfinho, pasmado,
Quem nelle estava montado;
E, vendo que era um macaco,
Que tirava assim do charco,
Mergulha sem mais cavaco,
E volta direito ao barco
A buscar
Um homem para o salvar.

Quantos macacos não ha,
Que, por muito bem calados,
Têm de sabios alvará,
E não morrem afogados (22)?
Mal lhes não quero, coitados!
Pois, se merito não têm,
Não incommodam ninguem.

FABULA 15.ª

O camelo

O primeiro que avistou
Um camelo,
Tão assustado ficou
Só de vêl-o,
Que espavorido fugiu.

O segundo, quando o viu,
Perto d'elle se achegou
Sem ter lá maior receio.
O terceiro poz-lhe um freio
E, qual besta, o carregou.
O camelo assim ficou
Sendo um dos mui serviçaes
Entre os outros animaes.

Muitos homens ha que, ao vêl-os,
Parecem grandes portentos,
E não passam de camelos,
Sem ter os merecimentos
Que estes têm mais os jumentos [23].

FABULA 16.ª

O velho e seus filhos

Sentindo a morte chegar
Um velho mandou chamar
A seus tres filhos; e disse,
Que desejava saber,
Qual tinha tanto poder
Nos pulsos, que lhe partisse
Um mólho, de varas feito,
Que mostrou juncto do leito.

Todos tentaram a empresa;
Mas nem força nem destreza
Lhes valeu: não se quebrou
Do tal feixe uma só vara.
Então o velho as separa,
E uma após outra partiu.
— «Cada qual
De vocês viu
Quanto val'
Serem unidos;
Aquelles páos, se o ficassem,
Nunca seriam partidos,»
Disse o velho: e lhes pediu
Que do feixe se lembrassem.
Prometteram; e morreu.
Mas do que foi promettido
Nenhum mais se recordou;
E porisso succedeu
Vêr-se cada um perdido,
E só então lhes lembrou,
Mas tarde, o feixe partido
Apenas se desatou (24).

FABULA 17.ª

O rachador e Mercurio

Tendo perdido o machado,
E nelle o seu ganha-pão,
Rachador já não rachava;
Mas partia o coração
Com os queixumes que soltava.
Como havia de elle obter
Outro? mal lhe chegava
O ganho para comer.
Nada o acalma:
—«Ó machado
Da minha alma!
Sem ti
De que hei de viver?
Oh! maldicta seja a hora
Em que nasci,
Desgraçado,
Para de fome morrer!
Dá-me, Jove, sem demora
A morte, ou o meu machado!»
Eis Mercurio lhe appar'ceu:
—«Aqui o tens todo inteiro;
Acaba-me esse berreiro:
Será isso?»

E lhe metteu
Á cara um d'oiro massiço.
—«Deixe vêr...
Bem póde ser:»
Responde o triste acalmando,
E limpando
Os olhos com a suja mão.
«Ai! esse nunca foi meu.»
—«De certo que é este então:»
E um de prata lhe off'receu.
—«Tambem não.»
Mas solta um berro
Apenas vê o de ferro,
Que Mercurio lhe mostrou:
—«Ó machado! Ó meu machado!»
E com elle se abraçou.
—«Pois todos tres eu t'os dou;
Deves ser recompensado,
Que és homem de boa fé.»
Espalhado
Pelo sitio o caso é.
Eis começam rachadores
Levantando mil clamores
Por ter perdido o machado;
E eis Mercurio que vem
A estes tambem
Com os tres,
Assim como ao outro fez.
Mas não póde resistir
Nenhum, quando vê luzir

O d'oiro: muito depressa,
Julgando têl-o já certo,
A gritar: — «Esse é o meu!»
Então Mercurio lh'o deu...
De rijo, pela cabeça.

Mais d'um, por esperto
Havido,
Se tem assim extendido.

FABULA 18.ª

O burro carregado de reliquias

Ao som de gaita e tambor
Iam reliquias d'um sancto;
Se martyr, se confessor,
Não ousarei
Dizer tanto (25);
Apenas sei
Que um jumento,
Corpulento,
Coberto de rico manto,
Levava reliquias sanctas
Em solemne procissão.
Vendo o burro ás suas plantas
Tantos joelhos no chão,

Vendo tanto adorador,
Pensou que emfim a razão
Começava a governar,
Pois já lhe sabiam dar,
A elle, o justo valor,
Que sempre julgou immenso,
Como o julga e ha de julgar
Quem nasceu sem nenhum ter.
(Cada vez mais me convenço,
Por tudo o que estou a ver,
De que é a compensação
Dada pela natureza
A quantos ineptos são.)
Respirava pois o incenso
O tal burro, na certeza
De que o tinha bem mer'cido.
Voltando emfim á egreja,
Da qual havia sahido,
A devota procissão,
Eis que o jumento forceja
Por entrar de cantochão,
Já sem reliquias embora;
E, quando o poseram fóra
Á paulada e a pontapé,
Disse: — «Assim foi e assim é
Dos homens sempre a toleima:
Ora
Adora
O que queimou,
Ora queima

O que adorou ([26]):»
Mas ficou,
Como d'antes, convencido
De que o incenso lhe é devido.
Ao burro se dá razão
Toda a vez que se faz caso
De idiota muito raso
Só por ser um figurão.

FABULA 19.ª

A serpente e a lima

Uma serpente malvada
Entrou de noite fechada
Na loja d'um serralheiro;
De comida nem o cheiro
Encontrando
Se lançou
A uma lima que topou,
Na qual se poz a morder.
— «Melhor não podes fazer»
Lhe diz a lima zombando,
«Do que estás ahi fazendo:
Vae mordendo
Nesse meu aço, vae dando
Cabo dos dentes maldictos.»

Quanto infame maldizente
Felizmente
Se tem assim enganado,
Julgando com torpes dictos,
Ou escriptos
Indecentes,
Cravar venenosos dentes
Nalgum caracter honrado?
Mas tal raça não acaba;
E, se não pode roer,
Vai sempre tendo o prazer
De sujar com a immunda baba ([27]).

FABULA 20.ª

Os animaes atacados da peste

Doença cruel, medonha,
A peste!... (e que dizer mais?)
Com sua negra peçonha
Tinha eivado os animaes:
Ferozes ou innocentes,
Os que não iam puxando
Andavam todos doentes.
Julgando
Que os céos irados
Enviavam tal flagello

Em castigo de peccados,
Por lembrança d'um camelo,
Sempre nas graças reaes
Na côrte dos animaes,
Manda el-rei tirar devassa,
Porque justiça se faça,
Sendo logo castigados
O auctor,
Quemquer que fôr,
Ou os perfidos auctores
Dos mofendos attentados;
E que cessem os rigores
De Jove assim satisfeito.
Fez-se isto *com muito geito*,
Como era bem natural,
Não fosse algum animal
Mais graúdo o peccador.
Tudo correu ao sabor
Do justo e sabio camelo;
Ficaram assignalados
Sua prudencia e seu zelo.
Condemnados
Com solemne espalhafato,
Com juridico berreiro,
Por supposto desacato
Foram dois burros e um pato.
Foi um carneiro
Accusado
Do crime de desordeiro;
Escapou, mas infamado

E muito bem tosquiado.
Para não ficarem restos
Dos infestos
Peccadores,
Causadores
Dos celestes desagrados,
Os corpos dos infelizes
Foram logo sepultados...
No ventre de seus juizes ([28])....
A peste continuou
A grassar,
E cessou
Quando tinha de cessar,
Como sempre o ha de fazer
Quer dizer,
A contento ou a pesar
Dos que tomam o camelo
Por modelo ([29]).

FABULA 21.ª

O cordeiro tosquiado

Quando a primavera volta
Trazendo cantos e flores,
Dos rebanhos com a tosquia
Andam de volta

Os pastores.
Isto via,
Arrepiado,
Cheio de medo um cordeiro:
Chegára o anno primeiro
De tambem ser tosquiado.
Mais morto que vivo andava;
Só pensava
Nos tormentos
Que os medonhos instrumentos,
Tezouras
Aterradoras,
Haviam de lhe causar,
Quando o fossem tosquiar.
Soou a hora fatal!
Mesmo á entrada do curral,
Sobre um banco
Meio manco,
Foi o triste collocado,
Bem preso de pés e mãos;
Tosquiado,
A pesar de esforços vãos.
Contente porém ficou,
Depois de solto, o cordeiro:
O vello, que lhe cortou
O rude cabelleireiro,
Não lhe fez falta nenhuma;
Pôde, em summa,
Dizer até que lucrou
Com aquelle temido córte!

Não será assim a morte?...
Deve ser. Se o bom pastor,
Protector
Do seu rebanho,
Por tammanho
Que elle seja,
Nem carneiro nem um anho
De certo perder deseja;
Quanto mais quem tudo cria?
É necessaria a tosquia,
Assim tambem é a morte,
Fatal sorte
De tudo quanto nasceu:
Mas a morte não é nada
Mais que vida transformada,
Planta que reverdeceu.
Não temas pois um morrer
Que é nascer;
E, quando houveres soltado
Teu alento derradeiro,
Has de surgir... melhorado,
Como ficou o cordeiro (30).

FABULA 22.ª

O jardineiro e os caracoes

Tractar todos como amigos,
Perdoar aos inimigos,
Isso tudo é muito bom;
É de almas nobres o dom,
E até mui pouco lhes custa:
Mas comtanto
Que, quem queira assim ser sancto,
Só o seja á sua custa.

Jardineiro, perseguido
Pelos caracoes, lhes faz
Guerra assidua, e conseguido
Tem encher grande cabaz
Com milheiros
Dos nocturnos ratoneiros (31).
Matal-os
Lhe repugna ao coração,
Julga o vingar-se mesquinho,
E vai então
Atiral-os
Para o quintal do vizinho (32).

FABULA 23.ª

O burro e o cão

Ia um burro e mais um cão,
Noite feia,
Para a aldêa
Por um atalho da serra:
Eis que enterra
O segundo pela mão
O damninho
D'um espinho.
—«Eu assim mal posso andar,
Amigo,» diz elle ao burro:
«Bem me podias levar
Até ao alto da encosta;
Facil te fôra de certo.»
—«Amigo,» diz-lhe o casmurro,
Que da lembrança não gosta:
«Estamos de casa perto;
Vae tu caminhando em tres,
Como o fazes muita vez,
Quando te sentes cançado
D'um dos pés.»
Nada responde, coitado,
O pobre cão; vai andando:
Mas eis que sentem, uivando,

No matto um lobo esfaimado.
—«Não te arredes do meu lado,»
Diz então,
A tremer, o burro ao cão;
«Ou de certo devorado
Pelo lobo sou em breve.»
—«Não sei porquê? Tu vais leve,
Muito bem podes fugir,
Ou te podes defender
A valer,»
Responde o cão: «'stas ferrado
De novo dos quatro pés.
Eu é que vou já partir,
Poisque me sinto aleijado,
Caminhando só em tres,
Como o faço muita vez,
Quando tenho um pé cançado.»

O cão vai-se. Num momento
Chega o lobo; e justo fim,
Porque foi villão ruim,
Teve em paga o tal jumento.

FABULA 24.ª

A canna de foguete

«Olhem como eu vou subindo
Nobremente pelo ar!»
Toda ufana
Grita a canna
D'um foguete,
Acabado de deitar.
Este estoira; e rebolindo
Cai ella, e fica servindo
Aos garotos de joguete.

Ás vezes succede áquelle,
A quem a fortuna impelle
Apesar de ser ruim,
Ir subindo muito teso;
Mas, por fim,
Dá no chão com o proprio peso (33).

FABULA 25.ª

A gamella

Homem mui velho e já tonto,
Um filho casado e um neto
Debaixo do mesmo tecto,
Nos diz um conto,
Viviam.
Junctos, porém, não comiam:
O velho, poisque a tigela
Quebrava
E o caldo entornava,
Comia numa gamella
De páo, e fóra
Da mesa;
Com asp'reza
Era tractado
Pelo filho, pela nora
Desprezado.
Um dia, ao canto da casa,
Estando o neto entretido,
(Era ainda pequenote)
Muito attento a ver se vasa
Com uma goiva e um serrote
Um pedaço de madeira;
Interrompido

Pelo pae foi, que indagou
O fim de tal brincadeira?»
—«Aqui 'stou,»
Lhe responde o innocente,
«A fazer uma gamella,
Qual aquella
Em que come meu avô,
Para meu pae comer nella
Quando for velho e demente.»
Accrescenta mais o conto:
Revirou o coração (34)
Ao pae aquella lição;
Cuidadoso
E respeitoso
Desde então
Tractou do velhinho tonto.

FABULA 26.ª

O arminho e o porco

Á beira de charco immundo,
Embora mui pouco fundo,
Um branco arminho parou;
E, para não se manchar,
Não ousou
Além passar (35).
E quanto elle o desejava!

Que o tentava
O campo do outro lado,
De boninas esmaltado,
Tudo em tôrno embalsamando!
E os pomares, que vergando
Se mostravam com seus fructos!
Eis que chega d'entre os brutos
O mais porco, e assim chamado.
Longe de lhe dar cuidado
Se a lama o pode sujar,
Fica muito consolado
De nella se retouçar.
Depois o charco passou,
E ao arminho assim gritou:
—«Anda, vem!
Já viste como eu passei;
Podes passar muito bem.»
—«O que tu fizeste eu vi,
Mas passar assim não sei;
Nem de certo passarei,
Porque porco não nasci:»
Lhe respondeu o arminho.

Não pode o mesmo caminho
A todos aproveitar:
Por onde ignobil pedante,
Um tartufo, um traficante,
Um galopim descarado,
Sabem com gosto passar,
Não passa um homem honrado ([36]).

FABULA 27.ª

Os dois machos

Dois machos iam andando,
Carregando
Um com carga mui pesada,
Eram saços de cevada;
O outro, bem mais ligeiro,
Numas bolsitas de coiro
Levando
Pouco dinheiro,
Mais a prata do que o oiro;
Era dinheiro do Estado.
Porisso desvanecido
Ia o macho, convencido
De ser publico empregado;
E lançava, muito teso,
Um certo olhar de desprezo
Ao pobre do outro macho,
Que seguia cabisbaixo
Seu caminho caminhando.
Elle, as mãos arregaçando
Que nem brioso cavallo;
No chocalho não parava
Um só instante o badalo.
Eis, quando menos se esp'rava,

Apparecem uns ladrões,
Os quaes, sem ouvir razões,
Põem a murro e á bordoada
Os guardas em debandada,
E vão direito aos dobrões;
Sem lhes importarem nada
Os taes saccos de cevada.
O macho não quer ceder;
Julga mesmo seu dever,
Como empregado
Do Estado,
Com denodo resistir
Até alguem lhe acudir.
Nada, porém, lhe valeu:
Tão cerrada
Saraivada
De paulada
E pontapé
Sobre o coiro lhe choveu,
Que não pôde ter-se em pé;
Por um triz o não mataram.
Os ladrões foram-se embora,
Do dinheiro
Mais recibo não deixaram.
O outro macho então correu
Sem demora
Para ao-pé do companheiro,
Que o seu infortunio chora;
E diz-lhe: —«Amigo, a riqueza
E a nobreza

Estes funestos revezes
Acarretam bastas vezes.»
Melhor podéra dizer:
—«Se, cumprisses teu dever,
Acarretando o dinheiro,
Qual um macho de moleiro,
De cevada carregado
E nunca te supposesses
Um notavel figurão;
Talvez ahi não
Estivesses
Estatelado
No chão.»

Por vaidade ou ambição
Quem se fôr assim metter
Aonde não
É chamado,
Bem lhe póde acontecer
Apanhar egual lição (37).

FABULA 28.ª

A carriça

Decidiu a passarada
Que havia de ter um rei.

Se foi lembrança acertada,
Se parvoice, não sei
Nem me importa. Ella junctou-se
Toda um dia; e decretou-se
Que, quem mais alto voasse,
Governasse:
(Sancta lei!)
Foram jury — o avestruz,
E seu primo casoar,
E outras mais aves de truz
Que, mal sabendo voar,
Não quizeram fazer d'urso (38)
Em tão solemne concurso.
Dado o signal, voam todos
Segundo as forças e os modos
Que cada um d'elles tem:
Desde a aguia ao beijaflor
E desde o pisco ao condor,
Não faltava alli ninguem:
Tammanha nuvem se ergueu,
Que toldou a luz do céo.
Pouco e pouco vão cançando
Alguns, outros protestando
Contra certas nullidades,
Faltas de solemnidades;
(Sempre protestos eguaes
Em concursos se hão de dar,
Quantas vezes com razão (39)?)
A final, quem voou mais
A aguia foi, sem questão.

Cançada ella de voar,
A carriça, que se tinha
Escondido agarradinha
Ás suas valentes pennas,
Voou mais umas dezenas
De palmos acima d'ella;
E appella
Da decisão,
Que declara
A aguia ser a primeira
E das aves a rainha;
Mas ninguem a enxergara,
E ficou por trapaceira.
Desde então
Esta avesinha,
Que se julga preterida,
É como sob'rana tida
Por si e outras que taes:
E... d'isto não direi mais (40).

FABULA 29.ª

O urso e o macaco

«Se dançar bem eu não sei,
Tampouco ainda dancei
Por vontade: sou forçado,

Não devo ser apupado.
O homem porque se ri?
Sei dançar?
Que razão tem de zombar?
Este problema explicado
Quizera vêl-o por ti:»
Dizia um urso ao velhaco
D'um macaco.
— «Olha, urso,
O teu discurso»
Lhe diz este, «é doutrinal;
Mas eu vou-lhe responder.
O facto é que danças mal,
Que peior não póde ser,
De modo até indecente;
Eis porque se ri a gente:
Porém,
Se dançasses bem,
Do mesmo modo se ria.
Eu danço perfeitamente,
E faço rir
A cahir.
Ou se dance muito mal,
Ou se dance com mestria,
O resultado é egual:
Dos homens a maioria
O que quer
É ver
Dançar;
Só procura divertir-se,

Rir-se
Para não chorar.»

FABULA 30.ª

O urso civilizador

Fugiu um urso a seu dono,
Que o trazia mais um mono
Pelas ruas a dançar.
Fugiu e pôde voltar
Á cara patria o tal urso.
Alli abre logo um curso
Para aos outros ensinar
Quanto elle pôde apprender
Durante o seu captiveiro.
Primeiro
Ensina o saber
Bem direito ter-se em-pé
(E já é);
Depois vêm as cambalhotas,
E no fim o *balancé*.
Dos caros compatriotas
A maioria
Lá ia,
Menos mal
Levantando as mãos do chão;

(Como as maiorias vão) (41).
Nas cambalhotas, melhor:
(Cousa é mui natural,
No physico e no moral,
Aos homens e aos animaes.)
Dançar com geito, peior,
(Geito d'urso ainda assim;)
Por mais
Que o mestre fizesse
E dissesse:
«Ponham os olhos em mim,
Deitem para fóra o pé,
Vejam bem este *entrechat* (42);
Que magnifico exercicio!»
Mas qual chá
Nem qual café?
Mal sabendo ter-se em-pé
Haviam de dançar bem?
A cada instante — zás
Trás!
Com o frontispicio
No chão!
O mestre se ria
Então,
(No que muito mal fazia (43).
Vendo que geito não têm,
Os ursos deram cavaco;
Concluem que o mestre é fraco (44),
Que não presta.
Breve se vê apupado,

Alcunhado
De franduno
E de alumno
De *mações* (45):
Dão-lhe cresta
A alguns tostões,
Que lhes havia apanhado
Com o seu curso;
Se não foge, como fez,
Era uma vez
O tal urso.
Tem que voltar
Para o dono,
Na rua dançar
Com o mono;
E foi-lhe isso bem melhor
Do que ser legislador
De nação,
Quaes muitas ainda são.

D'aqui se tira, leitor,
Mais d'uma boa lição:
Quem se mette a educar,
Deve saber; e tambem
Ter o geito de ensinar,
(Dote que só poucos têm (46).)
Ha gente que não se ensina,
E, mais do que se imagina,
Incapaz de ensinamento
Por falta de entendimento;

Que, para o progresso morta,
Não passa da cepa torta;
De gente tem o feitio,
Mas fica sempre *gentio* (47).

FABULA 31.ª

A lebre

«De todos os animaes,
(Eu fallo dos principaes
Em forças e valentia,)
Nenhum se pode gabar
De não ter sua fraqueza,
Impossivel de curar,
Pois lhe vem de natureza:»
A coelha assim dizia,
Em conversa, á lebre um dia:
—«Ao leão um triste gallo
É capaz de afugental-o;
E com que? com o seu cantar.
Ao elephante o grunhir
D'um porco o vai affligir
A ponto de sossobrar (48).
—«E eu então?»
Atalha a lebre:
«Se vejo um cão,

É tal febre,
Que não me posso conter,
E deito logo a correr.»

FABULA 32.ª

A rã e o toiro

N'um charco, formoso
Toiro
Sequioso
Foi beber;
Boas carnes, liso coiro,
Um bicho de appetecer!
—«Assim é que eu hei de ser,»
Coaxou invejosa rã:
«Não quero ficar anã.»
Chama então suas vizinhas,
Diz-lhes que busquem palhinhas
Bem ôcas, para assoprar
O seu corpo e o alargar.
Começa a operação:
Todas ellas, quantas são,
Assopram mesmo a matar.
E a rã brada sem cessar:
—«Olhem para aquelle toiro;
Emquanto eu egual não fôr,

Assoprem, façam favor.»
Assim fazem: mas, no coiro
Não cabendo mais o vento,
Morreu victima do intento
A rã, dando um grande estoiro.

Ha no mundo muita rã,
Que não quer ficar
Anã,
Mettida sempre em folias,
Em altas cavallarias,
Até que á força de vento
Tem por fim de rebentar;
E esse mal
Vai em augmento.
Com rapidez sem egual
D'antes muito se ralhava,
Se um sapateiro tocava,
Sem saber, o rebecão:
Será possivel contar,
Ou inda só calcular,
Quantos hoje o tocarão,
Quando ha orchestras inteiras,
Ha concertos aos milheiros,
Compostos de sapateiros
E até... de sapateiras?!
Se taes rãs por sua conta
Estoiram, isso que monta?
Deixál-as: perde-se pouco,
Se morre um nescio ou um louco.

Bem peior é quando as rãs,
Por mais que entesem os coiros,
Que nem peros, ficam sãs:
Não egualam nunca os toiros,
E com o seu parvo coaxar
Não cessam de importunar.

Eu, de certo, acho mui justo
Que todos, embora a custo,
Sem quebra de honra e com tino,
Melhorem o seu destino;
Julgo até isso um dever.
É um nobre sentimento
Que o homem aspire a ser
Sempre mais
Do que foram os seus paes.
Mas ande com muito tento...
E não caia em imitar
Da tal rã o louco intento,
Se não quizer estoirar (49).

FABULA 33.ª

Os dois sujos

Um moleiro
E um carvoeiro
Se travaram de razões;

Um era da côr da neve,
Outro da côr dos carvões;
Cada qual d'elles teimava
Que o outro mais sujo estava.
Tinham ambos a mão leve,
Choveram os bofetões:
E qual foi o resultado?
Um ao outro se sujou;
Pois ficou,
O carvoeiro
Empoado;
E o moleiro
Enfarruscado.

Assim fazem as comadres,
Se começam a ralhar;
Assim fazem os *compadres*,
Se a politica os separa:
Cada qual, sem se limpar,
Consegue o outro sujar;
Nem é isso cousa rara (50).

FABULA 34.ª

A raposa e o veado

«Se eu tua força apanhasse
E mais esses grandes galhos,

Qualquer cão que se achegasse
Deixava-o feito em frangalhos;
Mas tu logo
Dás ás de Villa-Diogo,
Mal te apparece um tótó,
Ainda que venha só:»
Disse a raposa ao veado.
«É devéras covardia,
Nascendo tão bem armado.
Eu fujo: podera não!
Tenho eu as forças d'um cão (51)?
Ninguem me via
Fugir,
Se podesse resistir.»
—«Olha,» responde o veado,
«Estou bem capacitado
De que tu pensas assim;
Mas não o exijas de mim.
Antes de nascido ser,
Já costumado a tremer
Com susto dos cães andava;
Pois minha mãe abalava
E lá ia esbaforida,
Em corrida
De matar,
Só de ouvir
Um cão ladrar.
Nascido, fui educado
Desde então
Sempre assim, vendo a meu lado

Quem fugia,
Quando ouvia
O latir
D'um triste cão,
A trompa do caçador:
Como hei de, pois, ter
Valor?
Eu fujo sem o querer,
Embora ás vezes me zangue
Contra mim: está no sangue,
É filho da educação;
E tu, se forças tivesses,
Talvez que o mesmo fizesses
E pela mesma razão.»

Os instinctos são herdados,
Feios... bellos
Necessarios resultados
De educações ant'riores (52).
Máos, é difficil vencel-os,
Mas podem ser emendados;
Bons, ainda melhorados:
Ficarão
Os bons máos, estes peiores,
Sendo má a educação (53).

FABULA 35.ª

A inundação

'Stava a cousa muito feia
Em volta de certa aldeia:
Sêccas eram as campinas,
Os prados não se vestiam
Já de mimosas boninas;
Murchavam na cepa as uvas
E, se não viessem chuvas,
As searas se perdiam.
Afflictos os lavradores
Tristes baldados clamores
Noite e dia aos céos erguiam.
Perto havia uma represa,
Só formada
Pelas mãos da natureza,
D'agua das chuvas e fontes
De continuo accumulada
Entre dois erguidos montes.
Lembrou-se prudente velho
De dar ao povo um conselho:
—«Ide a represa sangrar,
Mas vêde como o fazeis;
Bastará um furosinho,
E tereis

Com que salvar
Vosso pão e vosso vinho,
Se de rega precisar.»
Depois lhes quiz ensinar
Como o deviam fazer.
Deitam, porém, a correr
Sem mais o velho escutar,
E mettem mãos á empresa.
Furam, cavam na represa,
Mas a eito,
Sem preceito,
E tanto, que desabou.
De repente
Enorme enchente
Os campos lhes alagou;
E tal foi a inundação
Que prostrou
Rasos no chão
Arvoredos
E vinhedos,
E lhes varreu todo o pão,
Fóra os gados que afogou.
Voltam-se todos então
Contra o velho,
E o seu prudente conselho.

Muito embora seja boa
Uma lei, pode causar
Graves males, quando á tôa
A quizerem applicar (54).

FABULA 36.ª

A raposa e o macaco

O mono disse á raposa:
—«És esperta e és manhosa,
Mas não tens o meu talento,
Nem no mundo ha outro egual;
Não encontras animal
Que eu te não possa imitar
Num momento;
Negal-o fôra cegueira.»
—«Nem
Tampouco o negarei,»
Lhe respondeu a matreira
«Mas tambem
Nunca encontrei
(Se é possivel encontrar)
Animal tão despresivel
Que te fosse copiar.»

Se sincera respondia,
(O que me parece incrivel,)
Por certo não conhecia
Este mundo
Bem a fundo.

FABULA 37.ª

O carvalho

Da serra sobre o coruto
Nasceu,
Cresceu,
Um carvalho;
Aos homens deu
Sombra e fructo (55),
Ás aves o agasalho.
As gerações que passavam
Ignoravam
Qual a era
Em que o gigante nascera.
Quantos seculos o viu
O mundo sem ter rivaes!
Até que por fim morreu,
Não podendo viver mais;
E cahiu
Com o estampido d'um trovão!
Tremeu
E gemeu
O chão:
Tão grande abalo soffreu
Do peso descommunal!
Um ratinho,

Que vivia
Em mesquinho
Buraquinho
Do tronco monumental,
Julgando
Que o céo cahia
Quando
O carvalho cahiu,
Espavorido fugiu.
Passadas horas voltou:
Muito e muito tempo andou
Em volta d'elle á matroca,
Com trabalho,
Até dar com a sua toca,
Exclamando então pasmado:
—«Eu nunca tinha pensado
Que era tão grande o carvalho (56)!»

FABULA 38.ª

Os dois dragões

Dois dragões: mas, olhem bem,
Não d'aquelles que hoje tem
Capacete e grande espada,
E que são,
Se não
Me engano,

Cavallaria pesada.
Estes eram dos dragões
Que, já lá vai muito anno,
Foram os guarda-portões
Afamados
De palacios encantados,
Guardadores
Atterradores
De thesouros enterrados (57),
Dragões, nos quaes o diabo
Gostava de disfarçar-se,
Por isso elles tinham rabo
E cornos de metter medo;
O que prova que o folguedo
De mascarar-se
Inda é
Muito mais velho que a sé.

Dois dragões, pois, mas dos taes
Tremebundos animaes,
Teimaram
E apostaram
Sobre qual d'elles chegava
Primeiro á falda d'um monte
Que de longe se avistava.
Um tinha, se bem lh'o conte,
Cem cabeças
De tremer,
Emquanto o outro, ás avessas,
Tinha de rabos um cento,

De notavel comprimento.
O terreno a percorrer
Era muito accidentado,
Cortado
De pedregaes
E charcos e mattagaes.
Eis começam a carreira,
Ou, antes, eis a começa
O que tinha uma cabeça.
O das cem mal pode andar,
Pois cada qual a primeira
Quer ser e as mais governar:
E, se por acaso anda,
Vai d'uma para outra banda
Esbarrar,
Impedido a cada instante
Por algum tronco ou penedo
Atravessado deante.
O outro vai caminhando,
Avançando
Sem estorvo ter
Nem medo;
Cabe á cabeça mandar,
Aos rabos obedecer.
Indo assim pôde chegar,
Á vontade,
Até á meta indicada;
Quando outro nem metade
Logrou vencer
Da jornada.

Nos negocios d'esta vida
Vale mais uma cabeça,
Quando essa
Tenha juizo,
(Bem que com pouco talento)
De todos obedecida,
Do que um cento,
Sem ter siso,
(Muito embora talentosas ([58]),)
E que com balofas prosas
Vem a dar, por nossa magoa,
A final com as burras n'agua.

FABULA 39.ª

O lobo moribundo

Um lobo, vendo chegada
A sua hora fatal,
Dizia com voz maguada:
—«Fui um grande peccador,
Mas não sempre fiz o mal,
Tambem
Dei
Valor
Ao bem,
Que não raro pratiquei.

Não fui eu que perdoei
Áquella ovelha atrevida,
Que inda em cima me insultava,
Quando comsigo levava
Vivo o filho a quem a vida
Poupei?»
—«Eu mesma o presenciei:»
Diz rapoza descarada,
Á cabeceira sentada,
Servindo de confessor
Ao contrito peccador:
«Até o posso
Ir jurar;
Foi quando se atravessou,
Por comeres sem cautela,
Aquelle terrivel osso
Tão fundo nessa guela,
Que para o poder tirar
Muito a cegonha suou (59).»

FABULA 40.ª

O conselho de Salomão

Apesar da muita edade
E de haver grande calor,
Andava um bom lavrador
(Mais do que remediado)

Occupado
No trabalho d'uma herdade.
Passando alli o prior
Encostado
Ao seu bordão,
Lhe bradou com voz amiga:
—«Ora diga
Lá, porquê
Trabalha ainda você?»
—«Porque o manda Salomão:
Bem sabe vossa mercê
Que elle diz:
«Mandrião!
Olha a formiga;
Admira, e busca imital-a (60).
Assim fiz:
De copial-a
Nesta lida
Não cessei,
Não me poupando a fadiga;
Nem de certo cessarei,
Emquanto Deus me der vida.»
—«Permittirá que eu lhe diga,
Meu freguez,
Que d'esta vez
Não foi lá grande copista,
Ou não teve boa vista
Para tudo perceber.
Pois, se a formiga
No v'rão

Trabalha a mais não poder,
Tambem no inverno descança,
E goza então
Da abastança
Que ajuntou com a dura lida.
E, como de a imitar
O freguez teve a lembrança,
Deve tambem descançar,
Gosar,
Da vida
No fim,
O que soube assim
Ganhar (61).»

Não tinha entendido
O velho
De Salomão o conselho;
Só metade do sentido,
Que não todo, percebeu.
Isso que lhe aconteceu
Vemos dar-se a cada instante
Com quem, ou por ignorante
Ou por falto de attenção,
Só percebe, só repara
Em metade
Do que vê,
Do que lê
Sem reflexão:
Ignorancia, ou leviandade,
Que muitas vezes sai cara (62).

FABULA 41.ª

O philosopho e o mocho

Um philosopho escapou
Outr'ora d'uma cidade
Ao povo, que o acossou
Á pedrada,
Depois da eschola queimada,
Onde ensinava a verdade (63),
E num bosque se escondeu.
Alli deu
Com um pobre mocho,
Velho e chôcho
E perseguido
Por um bando desabrido
De insolente passarada,
Que em tôrno d'elle fazia
Uma infernal ingresia
Não lhe poupando bicada (64).
Depois de os ter enxotado,
Ao mesquinho perguntou,
Porque era assim conspurcado?
—«Porque sou
Capaz de ver
Durante a noute fechada,
Quando elles não vêem nada.»

—«Sim, por isso è que ha de ser,»
O sabio diz, «mocho amigo:
O mesmo se deu commigo.»

FABULA 42.ª

O Jogo

Um lanzudo, que jogou,
Por acaso em sociedade
Na cidade,
Teve fortuna e ganhou.
Mas, não 'stando acostumado
A tentos, pois com tremoços
Marcavam os padre-nossos (65)
Na aldeia, todo o ganhado
Embolsou
E os tentos com que jogou,
Feitos de cobre doirado,
Julgando,
Muito crendeiro,
Serem seus e bom dinheiro.
Porém quando,
Ao outro dia,
Varias cousas foi comprar,
E viu não os acceitar
O vendedor, que se ria

De tanta simplicidade,
Desatou em berraria
Contra a *bella* sociedade
Da cidade,
Que só tracta de enganar
A quem alli vai jogar.
Voltou para a sua terra,
Para a patria parvalheira,
Onde inda hoje á lareira
Crua guerra
Move á sociedade inteira,
Na qual seu fino criterio
Não vê mais que ladroeira.

Assim é quem toma a serio
O louvor ou vituperio
Que mutuamente se dão
Estadistas,
Jornalistas...
Quantos politicos são.
Quem os ouve, e não vê logo
Que são os tentos *do jogo*,
Será homem muito honrado,
Mas é um parvo chapado ([66]).

FABULA 43.ª

As duas cadellas

Lá diz o dictado: «O bem
Faze, não cates a quem.»
Justo é que assim façamos;
Mas não vamos,
Pelo nosso bem-querer,
Expôr-nos a receber
Paga tão má como aquella
Que teve certa cadella
De que lhes passo a fallar (67).

Um dia chegou-se a ella,
A chorar,
Muito afflicta e atrapalhada
Outra que estava pejada,
Pedindo que lhe emprestasse
A casa, e alli a deixasse
Residir uns *diasinhos*
Até ter
Os seus filhinhos;
E assim logo o pôde obter.
Findo um mez, a senhoria
Vai com muita cortezia
Pedir a casa: outro mez

A inquilina requer;
Não tem onde se metter;
Os filhinhos
São ainda mui fraquinhos
Mal se podem ter nos pés.
Lá volta segunda vez,
E terceira e quarta..., até
Que a outra lhe bate o pé
E rosna, mostrando o dente:
—«Sempre é muito impertinente!
Mas, já que assim me atenaza
Pelo chaveco da casa,
Ha de provar-me que é sua,
Ou pôr-me os quartos na rua:
Pois, amiga,
Ha boa gente que diga,
E que o prove com verdade,
Uma burla, uma cantiga
Ser a tal *propriedade;*
Ou antes um grande roubo,
Que o ricasso e mais o nobre
Fizeram sem dó ao povo (68),
Que por isso vive pobre
Na moderna sociedade:
E, por tanto, esta casinha
De má morte
Tanto é sua como é minha.
Veja lá se forças tem
Para os filhos pôr e a mãe
Por aquella porta fóra?

Se não, córte!
Vá-se embora,
E não me torne a moer:
Olhe que pouco me custa
Ensinar-lhe, á sua custa,
As regras de bem viver.»
E ficou a senhoria,
(Só, com tantos não podia)
Sem casa, e a outra cadella,
Inda em cima, diz mal d'ella (69).

FABULA 44.ª

O javardo e os passarinhos

Um javardo procurava,
Fossando a terra, raizes
E d'ellas se contentava,
Pois não o tinha melhor.
Ao redor
Se lhe juntava
Um bando de chamarizes,
Pintaroxos, tentilhões,
Cantando
Sobre os torrões,
Alegres ahi buscando
O pasto desenterrado.

Eis que o javardo, cançado
Ou farto, no chão se extende,
E pretende
Taes harmonias gozar,
Emquanto o somno não vem.
Eis que os passaros, tambem,
Tractam de se pôr a andar.
—«Não se vão, *podem* ficar,»
Diz o porco: «cantam bem
Gósto d'o seu canto ouvir.»
—«Quando acabes de dormir
E tornes a trabalhar,
Voltaremos,
Cantaremos,»
Os passarinhos respondem;
«Pois sabes desenterrar
Com o teu valente focinho
Os vermes que fazem ninho
Na terra, e nella se escondem.»

Javardos ha que percebem,
D'este modo, qual o fim
Das zumbaias que recebem;
Mas muitos, nem inda assim.

FABULA 45.ª

A abelha, ou os beneficios

«A nenhum dos animaes
Deves tu por certo mais
Do que a mim;
Não é assim?
Dou-te a cera que alumia,
E que, mal se esconde o dia,
Da noite mitiga os tedios.
Remedios
Mil e cerotos
D'ella são tambem e os côtos
Que, bentos,
Afastam os máos intentos
Do diabo:
E com isto não acabo.
Serve até para *milagres* (70):
Pernas, braços e cabeças,
Porque aos santos os off'reças,
Os consagres,
Em signal de gratidão.
E o mel então?
Ha nada mais agradavel?
Cousa é que a ninguem trava,
E já Plinio o proclamava,

No seu tempo deleitavel (71).»
Isto zumbia á orelha
D'um lavrador
Mestra abelha.
—«É melhor
Estares calada,
Impostora d'uma figa!
Obrigas-me a que te diga
Que nunca te devi nada.
Dás-me a cera? *dás-me* o mel?
Sim; mas com a mesma vontade
Iam lá pela cidade
Voluntarios *a cordel* (72).
Eu bem sei o que me custa
Se vou crestar-te
A colmeia;
Sei o quanto isso me assusta,
Que tenho de atordoar-te (73).
A deitar por fóra cheia
Do teu mel, não és capaz
De commigo
O repartir.
É pois verdade
O que digo:
Abelha, nada me *dás*.
Deixa-te de assim mentir;
Essa generosidade
Só dá vontade
De rir.»

Has de muitos encontrar
Egoistas, mentirosos,
Que só dão
O que não
Podem negar;
Porém sempre a blazonar
De seus actos generosos.

FABULA 46.ª

O gallo e o pavão

«Olha, gallinha, alli vem»
Disse o pavão: «teu marido.
Sempre é muito presumido!
Que vaidade de si tem!
Mas, vaidoso
Nunca lhe chamou ninguem,
Só eu sou o presumpçoso
Malsinado.
Por isso diz o dictado:
Uns os figos vão comendo,
Aos outros rebenta a bocca.»
—«Meu marido não defendo,
Nem elle d'isso carece,»
Diz a gallinha: «mas pouca,
Me parece,

Razão tens de assim fallar,
Pois não ha que comparar.
Orgulhoso
Talvez seja
(Não vaidoso (74);)
Nem me peja
Confessal-o.
Todos estimam o gallo
Pelos meritos que tem;
Será por isso que o é,
E de mostral-o
Não foje:
Mas até
Á data de hoje
Descobriu em ti alguem
Motivos de grande gabo?
Apenas
Tens essas pennas
Que Juno te pôz no rabo.»

FABULA 47.ª

Os coxos e os gagos

Homem são e escorreito
Lembrou-se de viajar.
Dicto e feito:
Sem parar

Muito e muito viajou;
Correu terras, passou
Mares,
Só faltou
Subir aos ares.
Até que, um dia, foi dar
A uma immensa cidade,
Onde grande novidade,
E nunca vista, encontrou
Pois, com assombro notou
Que todos os habitantes,
Quantos por alli andavam,
Eram coxos d'uma perna,
E que todos gaguejavam,
Ainda os mais bem-fallantes!
Pela cidade se interna.
Eis lhe fazem grossa
Troça
Uns garotos coxeando,
Gaguejando:
—«Olhem! vai a coxear!»
Era tambem novidade
Para a gente da cidade
Ver alguem direito andar.
Começam a reparar
Logo todos e a dizer:
«É verdade!
O pobre estrangeiro é coxo».
O homem, que se vê roxo
Por ser

Posto na berlinda,
Pela troça que não finda,
Lhes gritou:
—«Coxo não sou!
Vocês sim, que taes nasceram
E gagos, pois coxeando
Todos vejo e gaguejando,»
Logo os outros se offenderam.
—«Cala a bocca, ou tens o pago
Do teu grande atrevimento,»
Lhe disseram:
«Estrangeiro morrinhento;
Coxo, gago
E insolente,
Que se atreve a criticar
Raça nobre e intelligente,
Que só devera imitar!»

E coxo e gago ficou,
Emquanto não se safou,
Receiando em desenlace
Gago que a valer ficasse (75);
E, pois já nisso fallavam
Seriamente,
Que uma perna lhe quebravam,
Para que, ao menos, andasse
Como via andar *a gente*,
E não d'um modo *indecente*.

Quem no mundo quer

Viver
Socegado,
Tem de andar
E de fallar,
De bom grado,
Tal e qual o vir fazer:
Se não, ha de
Muito espinho,
Muita injustiça soffrer.
Defender
A sã verdade
É nobre; mas custa
Caro
O seguir esse caminho,
Que não raro
A muitos por isso assusta;
(Não se é martyr baratinho...)
Mas é nobre, e tanto basta.
Quem da verdade se afasta,
Ainda apparentemente,
É um covarde que mente,
Um desprezivel traidor.
O mais seguro e o melhor,
Se alguem
Não quizer
Soffrer
E *não póde* resistir,
É fugir
De conviver
Com quem

Não sabe fallar
Nem andar ([76]).

FABULA 48.ª

O leão e o mosquito

Dormindo estava um leão;
D'elle em volta multidão
De mosquitos,
Que voavam
E dançavam
Sua eterna contradança ([77]).
Eis que um dos mais pequenitos
Diz aos outros:—«Vou morder-lhe,
Vou matal-o!»
E a creança
Numa venta se lhe lança:
Porém o maior abalo
Que assim consegue fazer-lhe
É forçal-o
A espirrar,
Com que ao longe foi parar
O mosquito atordoado.
D'ahi a um bom boccado
O leão, quando acordou,
Se espojou

Duas, tres, vezes a-fio.
—«Olhem, 'stá com um calafrio!»
O mosquitinho bradou:
«É da morte que lhe dei
Quando, ha pouco, lhe cravei
O meu temivel ferrão;
'Stá aqui e 'stá no chão!»
E embora ficasse a féra
Com a mais perfeita saude,
O mosquito sempre allude,
Desde então,
Áquella notavel era
Em que matou um leão!

Quanto critico
Rachitico
Tem, com parvas reflexões,
Morto *assim* muitos leões!

FABULA 49.ª

O gato e o espelho

Num espelho a vez primeira
Que vê a sua figura
Um gato, cheio de brio,
Vai logo numa carreira,

Direitinho
Qual um fuso,
Com bravura
Chamar a um desafio
Aquelle bichano intruso.
Porém, zás!
Dá no vidro com o focinho.
Volta atraz;
Devagarinho
Torna ao espelho, d'esta vez
Com menos intrepidez.
Nas pernas se ergue de traz
Contra o vidro; apalpa e cheira,
E não vencendo a barreira
Entre os dois que suppõe 'star,
Em tôrno começa a olhar.
Nada encontra: dá um salto;
E eil-o do espelho no alto.
Alli encarrapitado
Mui sorrateiro se agacha;
Extende a mão, outra vê,
Olha para o opposto lado,
E só acha
A sua mão
Não percebendo o *porquê*,
O gato já assanhado
Se lança á imagem e no chão,
Cahindo, dá com o costado.
Põe-se em pé e sem demora,
Não pensando mais no gato,

Vai-se embora
Á procura d'algum rato.

Assim, teve mais juizo
Que Narciso,
Que de si se enamorou;
E mostrou
Muito mais siso
Que os sabios, aos quaes cançou
Poesia mal cosinhada,
Metaphysica chamada (78),
Quando buscaram insanos,
Tantos annos,
Construir ou sustentar
Frageis *castellos no ar*.

FABULA 50.ª

A questão da precedencia entre os animaes

Houve certos animaes
(Dos que desejam ser mais
Do que podem, e que são)
Que levantaram um dia
Entre todos
A questão
Ácerca da primasia.

Foram principaes
Auctores,
Pelos modos,
D'aquella resolução,
Com outros que taes
Senhores,
Que se julgavam lesados
Por menos considerados,
O burro, o pato, a toupeira
E a rapozinha matreira,
(Esta jogando de fóra,
O que faz ainda agora),
Mas o juiz quem seria
De entre tanta bicharia?
Hoc opus, hic labor est.
Ou, por outra: «Oh diabo!
Aqui torce a porca o rabo!
Quem havemos de chamar
Para dar
O seu juizo?»
Como o latim é conciso (79)!
(Mas, por isso que é latim,
Não tem rima e fica assim.)
O burro e o pato lembraram
(Nem sempre é parvo o sandeu,
Quando tracta do que é seu (80))
Ir o homem convidar.
Nisto á uma concordaram:
Alem da capacidade
Por todos reconhecida,

Havia de bem julgar,
Com muita imparcialidade
Aquella questão renhida,
Pois estava fóra d'ella.
Ainda assim, á cautela,
Tanto que o homem chegou,
O leão o interpellou
E, affectando ar de indiff'rença,
Perguntou:
—«Que norma intentas seguir
Na sentença
Que ha de
O pleito decidir?»
—«A maior
Utilidade
Que de vocês eu obtenho;
Melhor
De certo não acho.»
Prompto lhe responde o homem.
—«E quantos furos abaixo»
Pergunta fulo o leão,
«Venho
Eu então
A ficar,
Dos que vocês montam, comem?—
O burro, o porco nojento,
O perú, ou a gallinha?
Não convenho
Em que nos possas julgar:
Muitissima graça tinha!

Nem admitto julgamento.
Isso é bom para o jumento,
O pato, e outros que taes.
O meu merito é sabido;
Eu sou rei dos animaes,
De ha muito reconhecido:
E quem inda o não souber,
Eu lh'o ensino, se quizer.»
—«Rei leão!
Talvez que tenhas razão,»
A sorrir o homem diz:
«Mas, se tu fosses juiz,
E se tractasse de mim
(Isto é da humanidade)
Em que te pese a verdade,
Julgavas de certo assim (84).»

O leão não disse nada,
E foi-se. Pela calada
Traz d'elle foram os demais
Animaes;
Primeiro iam os valentes,
Logo depois os prudentes,
De genio serio e pacato,
E por fim os descontentes:
O burro, o mono e o pato,
O camelo... e outros taes
Furiosos, o qual mais,
Por não haver julgamento
Sobre o seu merecimento.

FABULA 51.ª

O arco

O arco d'um caçador
Era forte, era certeiro,
Emfim arma de valor;
Mas, grosseiro.
De o polir, de o adornar
O dono então se lembrou,
E por isso o foi levar
A casa d'um esculptor
Para mui bem o lavrar,
Como de facto lavrou,
Com relevos, com figuras,
Primorosas esculpturas...
Ficou
Um arco bonito,
Mas fraquito:
Tanto o artista lhe cortou!
Isto em breve o dono viu;
Quiz armal-o,
E, dando o arco um estalo
Pelo meio se partiu.

Deve ser bem educado
O homem; porém cuidado

Em fugir a demasia;
Não vá ficar acanhado,
Perdida toda a energia ([82]).

FABULA 52.ª

O astrologo

Entre o astronomo d'agora
E o astrologo d'outr'ora,
Entre um sabio e um charlatão,
As mesmas diff'renças vão.
Um que estuda, que calcula
A lei que os mundos regula,
Descreve no firmamento
Dos astros o movimento,
E nos vai com o estudo seu
Explicando a terra e o céo,
É um sabio verdadeiro.
O outro, ler pretendendo
Nos astros que apenas via,
E horoscopos vendendo
Aos grandes por bom dinheiro,
Mui serio prognosticando
Se haveria
Chuva, sol ou nevoeiro,
A tal hora de tal dia,

E até prophetizando
Guerras e revoluções
Ás aterradas nações,
Era grande charlatão,
Que de ignaros abusou.
Tal raça não
Se acabou,
Porém segue outros caminhos;
Se mais, se menos damninhos,
Cousa é pouco para aqui:
Que ha fartura por ahi
De intrujões de toda a casta
É sabido, e tanto basta.

Um dos taes, por noite escura,
Mas muito bem estrellada,
Fingindo andar á procura
De horoscopo ou prophecia,
Com que fizesse redada,
Na borda rasa d'um poço,
Que não via,
Tropeçou;
Nelle cahiu, e ficou
Com agua até ao pescoço.

Assim no mundo acontece,
Ao pedante,
(Embora de boa fé,)
Se lhe esquece,
O que de si tem deante,

O que tem de si ao-pé,
E pretende aos ceos subir,
Descobrir
O que ninguem
Póde ver
Nem
Entender.
Té que vai emfim cahir,
Num poço, com grande susto,
D'onde saia muito a custo,
Se acaso podér sahir (83).

FABULA 53.ª

O burro flautista

Numa flauta, que topou,
Cheirando um burro tirou
Som mui terno e mavioso.
—«Sou flautista!»
Grita o burro,
Encantado
Com o achado:
«Deixo o zurro
Vergonhoso,
E vou ser um grande artista!»
Volta á flauta, mas em vão

Rojou com ella no chão;
Nunca mais se repetiu
Tal acaso, que o serviu
Naquelle inesp'rado solo.

O dizer uma tolice
Não prova que seja tolo
Quem a disse,
Nem o dicto mais correcto
Prova que um parvo é discreto (84).

FABULA 54.ª

O pavão, os perús e o gato

Um pavão empavesado,
Da cauda ostentando as côres,
Era o alvo dos louvores
Do povo em-tôrno apinhado.
Dois perús, que tal notaram,
Não se julgando inf'riores,
Se enrufaram:
Mas d'elles ninguem fez caso.
Furiosos
Começam a pôr mais raso
Que o pó da terra
O pavão:

—«Olha os pésinhos mimosos
Que elle tem! que perfeição!»
Diz um—«E como elle berra,
Quando pretende cantar?»
Accrescenta o companheiro.
Era um nunca se acabar
De epigrammas e dicterios.
—«Perús!» lhes gritou um gato
Que estava, muito pacato,
Extendido ao soalheiro:
«Perús! esses vituperios
Nascem só da vil inveja,
Que forceja
Por achar
Algo para criticar:
Os defeitos do pavão
Tambem são
Os de vocês;
A sua voz, os seus pés
Que os d'elle não
Valem mais;
E as bellezas que elle tem
Em perús não vê ninguem.
Invejosos
Animaes!
Se aqui vivem sustentados,
Não é por serem formosos;
Vocês só prestam... assados.
Acabem pois com a censura
E reconheçam que são

Do pavão
A triste caricatura (85).»

FABULA 55.ª

A ovelha e o passarinho

Para forrar
O seu ninho
E o tornar
Macio e quente,
Foi pousar
Um passarinho
Numa ovelha, á qual puxou
Pela lã: impaciente
Esta logo o enxotou.
—«Dás a lã toda ao pastor,»
O passarinho exclamou;
«E negas-me um fio a mim!
Não será isso injustiça?»
Ao que a ovelha respondeu:
—«Sabe tiral-a melhor
Do que tu; não me derriça,
Nunca assim
Me fez doer;
E eu
Posso dar,

Ou negar,
O que é meu
A quem quizer (86).»

FABULA 56.ª

O pastor, o lobo, o burro e a rapoza

Um pastor o bom rebanho,
Que tinha,
Bello e tammanho,
Em poucos dias perdeu
Com morrinha
Ou outro mal que lhe deu.
Chorava o seu
Triste fado,
Sua ruina total.
Pelo seu lado,
O curral
O lobo quando avistava,
Desatava
A bom chorar:
Era magua de pasmar,
Cousa assim nunca se viu!
O burro, que tal ouviu,
(Sempre grave, moralista)
Diz:—«Tudo é menos ruim

Depois, que á primeira vista.
Olhem o lobo, que par'cia
Um malvado empedernido;
Pois chora (quem tal diria!)
Por ter o pastor assim
O seu rebanho perdido.
É um verdadeiro lucto,
Sem sombra de hyprocrisia.»
Sempre has de ser
Muito bruto;
Diz-lhe a rapoza: «nem vês
O que é tão facil de vêr:
Chora aquelle *bom freguez*,
Por perder
A *freguezia* (87).»

FABULA 57.ª

O leão e o moscardo

«Vae-te! da terra excremento,
Insecto vil e nojento!
Não me aturdas os ouvidos
Com teus ignaros zumbidos.
Vae-te já d'aqui; se não. . . .»
Isto bradava um leão
A moscardo mui teimoso.

—«Se não... o quê, meu senhor?»
Responde em tom desdenhoso
O despresado cantor:
«Eu não sei que mal lhe fiz,
Para subir-lhe ao nariz,
Ou ao seu real focinho,
Tanta e tão forte mostarda.
Se eu sou insecto mesquinho,
Se o senhor tem força em barda,
Isso lá não põe nem tira:
Porque será que me atira
Á cara com os meus defeitos?
Quando todos somos feitos
Todos nós,
Sem mais nem menos,
(Tambem vós,
Real senhor)
Os grandes e os pequenos,
Pelo mesmissimo auctor,
Embora lhe não pareça.
Mas, seja assim ou assado,
E apesar d'esse costado,
Da juba d'essa cabeça,
Das fortes garras e dentes,
E de tão
Fero rugido;
Porque fique convencido
De que não
Mette mais medo
Com seus dictos insolentes,

Do que um burro
Com seu zurro,
Ou do que o ladrar d'um cão;»
Disse elle com tom azedo:
«Guarda-te lá! Rei Leão!»
E, zumbindo em som de guerra,
Eis lhe enterra
No focinho
O seu damninho
Ferrão.
Procura a fera esmagal-o,
As faces rasga com a garra
Sem conseguir alcançal-o,
Furiosa ruge e salta.
O outro que mais se exalta
Lhe grita: — «Veja se agarra,
Meu senhor, o vil moscardo.»
Não lhe dá tregoas: com o dardo
Morde-lhe onde mal o espera.
Em sangue por si vertido
Escorrendo está a fera,
E cai a final vencido,
Extendido
Alli no chão
Por quem tanto desprezou
Esse orgulhoso leão!
Eis que o moscardo voou
Para ao mundo annunciar
Sua victoria tammanha:
Mas na teia d'uma aranha

Foi esbarrar
E morrer!

Muitas vezes vem o p'rigo
De inimigo
Desprezivel;
E não poucas, invencivel
Se reputa,
Por vencer
Em combate o mais renhido,
Quem ha de em obscura lucta
Vencido
Tudo perder (88).

FABULA 58.ª

O manto do santo

Era uma vez um santo
Muito pobre. Tinha um manto
Dos mais velhos, remendados
E rafados,
Que mesmo assim lhe servia
Para bem se agasalhar.
Quando muito frio havia,
Dos hombros logo o tirava
E ficava

Algum tempo a tiritar:
Depois que o tornava a pôr,
Que suavissimo calor,
Que doce consolação!

O santo fazia bem
Pois ha males, que maiores
Nos parecem do que são,
'Té que vem
Outros peiores (89).

FABULA 59.ª

O mar e o naufrago

Um homem, que naufragado
Tinha, andava desesp'rado;
Pois salvára só a vida:
Toda a fazenda sumida
Vira nas aguas do mar.
Noite e dia amaldiçoava
Elle o perfido elemento;
E, se era vão seu lamento,
Ao menos desabafava;
Quantos ha a quem chorar
É meia consolação!
Um dia, na solidão

Da praia, que d'um penedo
O viu todo mudo e quedo,
Mal se lhe sentia o arfar;
—«Os homens 'stás a tentar?
Ó maldito!» lhe gritou:
«Escusas de te cançar
Commigo. Olha que eu sou
Aquelle a quem tu roubaste,
Uma só vez, uma baste;
Não me tornas a roubar.»
—«Injusto é teu lamento
Contra mim:» responde o mar;
«Mas de vocês sestro velho:
A culpa toda é do vento,
Contra elle seja a queixa.
Pois, cada vez
Que me deixa,
Liso estou qual um espelho,
Como agora aqui me vês.»

Quando me dizem d'alguem,
Que elle tem
Coração
D'oiro;
Mas, se o contradizem, que é
Um leão,
Um tigre, um toiro;
E lhe vem
Cada repente,
D'aquelles de matar gente....

«Apagé!»
Digo eu então,
«Com o tal nobre coração
De vai-vem!
Fico-lhe muito obrigado:
Antes ser
O d'um malvado,
Sem fazer
Damno a ninguem (90).»

FABULA 60.ª

O grillo e o rouxinol

Disse o grillo ao rouxinol:
—«Eu bem sei que os namorados,
E os poetas, enlevados
Estão quando ao pôr do sol
Ouvem teus meigos trinados.
Mas, olha, que tambem eu
Tenho o meu
Cortejo de admiradores:
No campo ha trabalhadores
Que preferem o meu canto.
Ser melhor... não direi tanto;
Porém
Vê-se muito bem

Que ha dois juizos oppostos
Sobre o teu
E o cantar
Meu.
Não se póde pois negar
Que depende isso *dos gostos.*»
—«E das *pessoas* tambem:»
O outro lhe respondeu (91).

FABULA 61.ª

A macieira brava

No tronco já carcomido
D'uma macieira brava,
Que o fructo ruim que dava,
Era fel,
Não se engulia,
Tinha-se um enxame acolhido,
E alli feito a cera e mel.
Grande foi a ufania
Da bravia
Macieira:
Tanto se ensoberbeceu
D'aquelle doce producto,
O qual sem cessar gabava
(Já o dava

Como seu,)
Que lhe disse uma videira,
Vivendo mui perto d'ella:
—«Olha cá; e esse teu
Fructo,
Azedo
De dizer: — credo!
Inda trava na guela?
Ou o azedume perdeu,
Melhorado
Com o doce mel, emprestado,
Que um acaso em ti metteu?»

O que vive em
Companhia
De quem
Tem
Maior valia,
E d'isso tira vaidade
Sem comtudo melhorar,
Consegue apenas provar
A sua incapacidade,
A sua loucura cega;
Pois parece ter a crença
De que o merito é doença
Que, qual a sarna, se péga (92).

FABULA 62.ª

O corvo e a aguia

O corvo uma vez
Notou
Que estava a aguia no choco
Durante um mez,
E pensou:
—«Bem me par'cia ser pouco
O tempo que eu fico lá.
Comparem o resultado
Que um ou outro choco dá:
Fortes aguias, ou mesquinhos
Corvos. Está pois provado;
Deve isto ser emendado,
São mais só uns diasinhos.»
Desde então não se enfastia
A chocar um mez inteiro;
E 'staria
Mez e meio
Só com o cheiro
De ser pae d'aguias um dia.
Mas esse ainda não veiu:
Até hoje não logrou
Alterar
O que chocava,

Pois sempre continuou
A tirar
O que tirava,
Uma agoirenta
Corvada
Muito nojenta
E... mais nada.

Pilriteiros dão pilritos,
Fructos muito pequenitos,
E de todos desprezados;
Contra a raça não se lucta
Nem adubos nem cuidados
Lhes fazem dar boa fructa (93).

FABULA 63.ª

O lobo feito pastor

Os tempos muito apertados
Se tornaram para um lobo,
Pois andavam os rafeiros
Todos tão acautelados
Que dias, mezes inteiros,
Se passavam sem um roubo.
Julgou ser cousa melhor
Fazer-se tambem pastor

E ter um bello
Rebanho.
Sendo loucura pensar
Em obtel-o
De arreganho,
Lembrou-se de o alcançar
Usando de arte e de manha.
Logo para tal se amanha:
Veste japona e calção,
Calça bota de canhão,
E, porque nada lhe esqueça,
Tambem leva o seu surrão,
Carapuço na cabeça,
Grande cajado
Na mão.
Bellamente mascarado
Eil-o vai mui sorrateiro,
Quando o guardador do gado
E o rafeiro
Resonavam ao soalheiro,
Ver se o rebanho levava
Com geitinho ao seu covil.
Que inutil era o ardil,
E nada assim alcançava,
Logo porém reconhece:
As malditas das ovelhas,
Pois não era o seu pastor,
Abanaram-lhe as orelhas.
Cheio de raiva se esquece
Do papel que representa,

Volta o instincto roubador:
Larga o cajado da mão,
A uma se lança e intenta
Leval-a á força: o pastor
Acorda e acorda o cão.
Quer fugir; atrapalhado
Pelas botas e o vestido,
A dente e mais a cajado
A vida perdeu
Assim,
Por ter sido
Actor
Ruim.

Cada qual tem seu valor
Para aquillo que nasceu,
Se não fôr
Algum sandeu.
D'esses mesmos não
Mui poucos,
Tidos por parvos ou loucos,
Lá se vão
Abotoando,
Comendo,
Á grande vivendo,
E sensatos jejuando,
De miseria alguns morrendo,
Ou não coalham vintem.
O que instinctos tem
De lobo

E não quer viver de roubo,
Acho que faz muito bem:
Mas olhe que leva tosa,
Se se metter a rapoza;
Nem esta procure obter
A sua presa á má cara,
Pois lhe pode sahir cara
A tentação, se a tiver (94).

FABULA 64.ª

O pato

«Quem mais do que eu é prendado?«
Grasnava um pato marreco:
«Eu corro, eu voo, eu nado!
Quem dotado
Mais do que eu?»
—«Cala o bico, badameco!»
Um gallo lhe respondeu:
«Tuas prendas tão gabadas,
Meu pateta,
A final são uma peta,
Quando ás de outros comparadas:
Tu qual o peixe não nadas,
Não voas qual a andorinha,
E qual o gamo não corres.

És um trapalhão chapado,
E prestas só quando morres,
Triumphando na cosinha
Com arroz de forno, e assado.»
O pato não disse nada:
Mas ficou capacitado
De que corre e voa e nada
Muito melhor que ninguem;
Pois quem
Marreco nascer
Pato será 'té morrer.

Hoje é preciso saber
De quasi tudo um boccado;
Mas o homem deve ter
Uma profissão em fito,
Para a qual seja educado,
Perfeito
Quanto podér.
Tudo o mais será bonito,
Porém de menos proveito.
Quem assim não estudar,
Muito embora seja esperto,
Bem de certo
Ha de ficar
Um trapalhão, badameco,
Como era o pato marreco (95).

FABULA 65.ª

O lobo e a velha

«Deixa estar,
Que ainda hoje te hei de dar
A comer
Ao lobo, se Deus quizer,
Maroto! pois és tão máo,
Que não queres, nem a páo,
Aprender
O á-bê-cê,
Por mais e mais que eu te dê;
Elle t'o dirá então:»
Gritava em alto berreiro
Tola e veneranda velha
De cangalhas no nariz,
Cartilha na esquerda mão,
E na dextra com a orelha
Do bregeiro
D'um rapaz,
Que sabe serem cantigas
O que a avózinha lhe diz,
E por detraz
Lhe faz
Figas.
Não longe, um lobo escondido,

De ter piteo para a ceia
Fica muito convencido.
Meia-noite, e noite feia,
Uma hora, hora e meia,
E o lobo ainda á espera;
(Já não ha lobos assim!)
Até que emfim
Desespera
E volta ao covil sem nada.
Diz-lhe a *esposa* avinagrada:
—«Por onde tens tu andado?
Não ganhei eu com as demoras,
Pois voltas tarde e ás más horas
Sem nada a casa trazer.»
Responde o lobo enfadado:
—«Não me tivesse eu fiado
Em promessas de mulher!»

Ninguem se fie em balela,
Tão parva como era aquella;
Que lhe póde acontecer
Muito peior, se o fizer (96).

FABULA 66.ª

O cavallo e o toiro

Um toiro, vendo um cavallo,
Que um rapazito montava,
Diz:
—«Não tinha esse regalo
Commigo, pois o atirava
Logo de nariz
Ao chão.»
—«Foras grande valentão,
Se tal fizesses, devéras!
Ser tanto não quero eu;»
O cavallo respondeu:
«Mas, sendo assim, o que esperas,
Grande domador de feras,
Para ao homem resistir,
Quando te colhe e te ferra
E a outro te vai jungir,
Porque lhe lavrem a terra?»

Ha muita gente
Covarde
Que com os fracos faz alarde
De valente;
Mas de viola no sacco,
Se leva para tabaco (97).

FABULA 67.ª

A rapoza e o bode

Nem sempre as barbas juizo
Indicam; famosas tem
Bastantes parvos tambem.
Um bode de pouco siso,
Mas barbado a mais não ser,
Com rapoza
Mui manhosa
Foi beber
A poço algum tanto fundo.
O descer
Sempre, no mundo,
Mais facil foi que o subir;
Até se lê em Camões.
Quando quizeram sahir,
Disse ella:—«Vê se te pões
Sobre os pés, muito direito,
Pois que assim me darás geito
De por ti poder trepar,
E saltar
Fóra
Do poço:
Quando lá, verás que posso
Livrar-te sem mais demora.»

Grita o bode:—«Nunca a mim
Lembráram cousas assim!
Quem me déra esse miolo
Em vez do meu, tão obtuso!»
Dito isto, ergue-se o tolo,
Direitinho qual um fuso,
Contra as pedras da parede,
Como a rapoza lhe pede.
Trepa esta e sai do p'rigo
E diz-lhe, vendo-se fóra:
—«Devéras não posso agora
Tirar-te d'ahi, amigo;
Tenho pressa, vou-me embora:
Mas, sabes o que te digo?
Pouco perdes com a demora,
Nem ella póde durar,
Pois que vem aqui buscar
Muitos agua a este poço.»

Quem assim se fôr metter
Com um tratante, o vê comer
A carne, e deixar-lhe o osso ([98]).

FABULA 68.ª

O sol e o homem

Ao sol disseram um dia
Que o homem, pois se mettia
Tudo a eito a decidir,
Affirmava que elle tinha
(E, se alguem fosse medir,
Lá veria)
Em altura
Ou em largura,
Sem sobejar-lhe uma linha,
Um palmo só, bem medido.
—«Nem mais curto, nem cumprido,»
Responde o sol: «fico eu,
Porque me mede um sandeu.»

Quanto critico ruim
Merece resposta assim? (99)

FABULA 69.ª

As cabras

Não com pouca berraria
Dizem as cabras um dia
A Jove: «Cornos queremos!
Não somos menos que os bodes:
Não sabemos
Como os tem e nós não temos.
Tu bem podes
E nos deves cornos dar;
Uma de nós a mamar
Te deu, bem sabes, seu leite:
Não nos negues esse enfeite.»
«Dou!» diz Jove; «mas, cuidado!
A elles anda aggregado
Um barbicacho,
Que eu acho
Não lhes deve agradar nada.»
A cabrada
Grita, berra,
Atordôa céos e terra,
'Té que por fim despachada
Vê a sua petição.
Mas agora é que ellas são!
Com os taes cornos que lhes crescem

Apparecem
Barbas, quaes os bodes tinham!
A Jove tornam berrando
Que barbas lhes não
Convinham.
Mas em vão:
Por mais berros que soltaram,
Usando
Barbas ficaram.

Quando algo nos appetece,
Com mil cuidados se veja;
Dar-se pode que não seja
Tão bom quanto nos parece.
É mui raro o bem
Com o qual
Algum mal
Não vem
Tambem (100).

FABULA. 70.ª

O pardal prudente

Gato dos mais atilados
Arte inventou de apanhar
Os rouxinoes dos telhados,

(Dos pardaes quero fallar)
E eis-ahi o que elle fez:
A mão esquerda com pez
Untou e foi-a metter
Em alpista,
Até coberta ficar.
Ia depois esconder
Todo o corpo bem da vista,
Menos a mão que extendia;
E, se algum pardal
Sentia
Nella pousado, era—zás!
Com a outra mão, e o sumia
Logo em si sem mais demora.
D'essa fatal
Ingenhoca
Por modo tão efficaz,
Assim destruir a vida
Um que testemunha fôra,
Nunca mais topou comida
Que não julgasse ser
Môca.
Ao gato assim escapou;
Porém nada aproveitou,
De fome vindo a morrer.

Olha não dês em demente,
Á força de ser prudente (101).

FABULA 71.ª

O homem e a mula

Um homem, quando passou
Por traz de ruim muar,
Um par de coices levou;
E ficou
A coxear:
Porém, ainda assim côxo,
Pegou
Logo d'um arrôcho
E fartou-se de bater,
A valer,
Naquella besta manhosa;
Deu-lhe formidavel tosa!
Um zoophilo, dos taes
Protectores de animaes
Contra o direito *das Gentes*,
Que até desherdam parentes
A favor de cães e gatos,
Com brutos gastando os cobres
Que podiam dar aos pobres,
(Eu não fallo dos cordatos,
Que com justiça os defendem
E pretendem
Combater a crueldade,

Deshonra da humanidade)
Um homem, muito prudente,
D'essa *gente*
De *juizo*,
Sempre prompta a desculpar
Prejuizo
Que não a possa lesar,
Ou mal que nunca a molesta:
—«Culpa não vejo na besta,»
Disse elle ao pobre pisado:
«Você é que foi culpado,
Que por traz d'ella passou.»
—«Pois está muito enganado,
Não houve um, mas dois culpados,
Por isso dois castigados:»
O f'rido lhe replicou:
«Eu, que d'ella atraz passei
Descuidado,
Dois grandes coices levei
(Se por milagre estou
Vivo,
O mais certo é ficar coxo!)
E ella, por m'os ter dado
Sem motivo,
Apanhou
Sóva de arrocho,
Para vêr se tem emenda,
E perde tão boa prenda.»

Leitor, se te acontecer

Que um bruto, um villão ruim,
Te dê dois coices assim;
Não tenhas que duvidar,
Dá-lhe que dá-lhe a valer,
Com vontade,
É serviço á humanidade:
Se eu perto de alli 'stiver,
Prometto de te ajudar ([102]).

FABULA 72.ª

O avestruz

O avestruz quiz brilhar:
Não se contentou de ser
Enorme, descommunal,
Ave emfim mesmo de *truz;*
Quiz voar
O avestruz!
Não se podia conter,
Nem dormir, nem socegar,
Ao ver
Voando o pardal,
A andorinha
Mesquinha...
Sem elle o poder
Fazer.

Mandou pois apregoar
Que a taes horas de tal
Dia
O avestruz voaria!
Ajuntou-se
A bicharia,
E postou-se
Para ver a exhibição.
O avestruz não voou,
Mal tirou
Os pés do chão:
O que deu
Em resultado
Ser justamente apupado
Aquelle que até então
Sempre fôra respeitado.

Quem nasceu
Só para andar,
Ou quem mal póde voar,
Não se metta a voador;
Vá *andando* que é melhor (103).

FABULA 73.ª

A ovelha

Vendo que todos na terra
Lhe moviam crua guerra,
A Jove se queixa a ovelha.
Este ao vêl-a torce a orelha,
E ao ouvir a triste historia
Dá as mãos á palmatoria:
—«Tens razão!»
Responde elle á infeliz:
«Inerme de mais te fiz,
Bem digna de compaixão!
Mas já remedeio tudo,
Num volver d'olhos te mudo.
Vou dar-te garras e dentes
Com que se hão de ver bem quentes
Teus inimigos.»—«Senhor!
Não me faças tal favor,»
Brada a ovelha: «arrepiada
Toda estou, só de pensar
Que d'elle posso abusar,
Ser malvada
Quaes
As carniceiras féras.»
—«Ovelha! tu exageras:

Mas, se taes
Armas não queres,
Vê lá então se preferes
Que te faça esse pescoço
Muito rijo e muito grosso;
Que te dê cornos graúdos,
Tão agudos,
Que ninguem se chegue a ti.»
—«Senhor, eu não te pedi
Que todos de mim fugissem,
Mas só que não me aggredissem;
E receio
Que tal meio
De lesar
Me possa tambem tentar.»
—«Pois para defesa tua»
Diz-lhe Jove (que já sua
Por não vêr
Que lhe off'recer):
«Vou derramar nos teus dentes
O veneno das serpentes...»
—«Isso não; que amaldiçoada
Como ellas não quero ser:»
Mui depressa diz a ovelha.
Jove quasi que se enfada,
Vendo que ella
Não quer nada
Do que pode defendel-a;
E franzindo a sobrancelha:
—«Escuta, pobre innocente!

Sem um veneno mortal
Garras, dente,
Força emfim,
Para que possas pagar
Aos outros o mal com o mal,
Quando t'o queiram fazer,
Sem cessar
Has de soffrer.
Foi o mundo feito assim,
Já não o posso emendar.»
—«Se tal é,
Eu soffrerei»
Torna a ovelha: «até á morte,
A mesquinha
Sorte
Minha.»
—«Isso queres, isso tenhas»
Conclue Jove: «mas não venhas
Outra vez queixar-te a mim.»

Leitor não sejas ruim,
Não faças mal a ninguem:
Mas, se alguem
T'o vai fazer,
E te podes defender,
Defendendo-te andas bem;
(E quasi que é teu dever.)
Se o não queres
Terás muito que soffrer;
E certo podes ficar

De que nada val' chorar,
Se o soffrimento escolheres (104).

FABULA 74.ª

As rãs

Cançado já da anarchia,
Bem que mansa,
Em que vivia,
O povo rã não descança
De pedir a Jove um rei,
Como outr'ora a Samuel
Todo o povo d'Israel.
Eu não sei,
Não ouso dizer, se erraram
Os que de tal
Se lembraram.
Quem 'stá bem,
(Soffrivelmente)
Será de certo imprudente
Se não se deixar
Ficar;
E aquelle que estiver mal
É tambem
Mui natural
Que procure melhorar.

Porém,
Se soffre o doente
De certo modo deitado,
Virar-se para outro lado
Não lhe sára o mal interno,
Só o deixa alliviado
Por tempo que pouco dura;
Da mudança de governo
Não vem aos povos a cura,
Quando o mal não 'stá no pello,
Mas na raiz do cabello...
Voltemos á vacca fria:
O tal rei, que se pedia,
Jove lhes lança do céo
Mais negro que o negro breu:
Com o estampido do trovão
Dá no chão
Ou antes lama,
E faz cama
Larga e funda.
Em tôrno o campo se inunda
Do charco aonde cahiu.
Tudo em breve socegou;
E o tal monarcha... boiou.
Quanta rã alli havia
Aterrada se sumiu;
Largo tempo não se ouvia
Rã nenhuma a coaxar,
Foi um compasso d'espera.
Finalmente, uma surdiu

Do lodo onde se escondera,
E começou a nadar,
Para ver el-rei, primeiro
Senhor d'aquelle lameiro.
A susto embora, nadando,
Lá se foi aproximando.
Pensava achar um guerreiro,
Cesar ou Napoleão,
Senão
Fosse Numa, ou Tito,
Que leis désse
E as mantivesse:
Mal pôde suster um grito,
Quando viu que era um... madeiro!
Não sendo nenhuma tola,
(Tanto, que deixou eschola...)
Calou-se muito calada
E, depois de aproximada
Estar bem da Majestade,
Com toda a seriedade,
Braços no peito cruzados,
Fingiu ouvir-lhe os mandados.
Ás outras depois voltou,
E contou
O que tinha visto e ouvido:
El-rei... Oh! que grande rei!
Cuja palavra era a lei,
Qual um raio o olhar seu,
(Era forte admiração!
Vinha

Cahido
Do céo)
Em sabença um Salomão!
El-rei tinha
Decretado
Que fosse o povo regido
Só por ella, em seu logar.
Começou
Pois a mandar,
Sendo ministro d'Estado
De quantas pastas creou
Para o immundo lodaçal.
Em nome da divindade,
Já se sabe, governou
Ou de Sua Majestade,
(Era uma á outra egual
Nesses tempos que lá vão;
E fossem dizer que não...).
Mas em breve se acabou
A sua grande influencia,
Morta pela concorrencia.
Outras se foram chegando;
Foram os olhos abrindo,
Descobrindo
Que o monarcha venerando
Não passava d'um... madeiro!
Emfim, ralhando
As comadres,
Descobriram-se as verdades,
Ficando todas sabidas,

Ainda as mais escondidas,
Por aquelle charco inteiro.
Recomeça a berraria
A Jupiter noite e dia:
—«Senhor! o que o povo quer
É um rei para o reger,
Justo, sabio, mas guerreiro;
Um senhor de mando e posso,
Que seja de carne e osso
E não inerte madeiro.»
Aturdido
Jove com tanto alarido,
Manda áquella parva gente
Uma terrivel serpente!
Essa sim que *governava*,
Essa sim que se mexia,
Manducava
Quanta rã lhe não fugia.
Começa nova ingresia,
Jove lhes brada:— «É demais,
Pestilentes animaes!
Quando vos mandei
Um rei
Que reinava
Mal ou bem,
Porém
Que não governava,
Não o quizestes guardar:
Haveis de agora soffrer
Quem vos ha de governar,

A valer;
Ou tereis outro peior.»

Percebeste, meu leitor (105)?

FABULA 75.ª

O gato e a rata velha

Morriam de medo os ratos
E de fome. *Robinó*,
Elle só
Peior que trezentos gatos,
Peior que trinta diabos
Com cornos, garras e rabos,
Como dizem que elles tem
Nos infernos: (eu, porém,
Só conheço os baptizados,
Que d'isso nada apresentam,
Nem cruzes os afuguentam)
Os dava por acabados.
E dizia:—«Embalsamados
Nos museus os devem ter,
(Ou não sei que mais esperam)
Para depois se saber
Quando esta raça acabar,
De que feitio elles eram.»

Por ainda aproveitar
As restantes rapaduras,
Pendurado
Das alturas
Finge-se um dia enforcado.
Deram vivas, deram palmas,
Aquellas crendeiras almas!
Causas mil inventam varias,
Productoras do castigo
Do seu feroz inimigo,
E decretam luminarias.
Porém velha ratazana,
D'essas de rabo pellado,
Não se engana
Com a comedia do malvado,
E diz aos ratos:—«Eu cá
De apostar não se me dá,
Que tudo aquillo é tramoia
Que nos arma aquella joia;
E, pelo sim pelo não,
Aqui fico.» Os outros dão
Á rata uma gargalhada,
E lá vão
De cambulhada,
Quebrar o longo jejum:
Salta me o gato no chão
E lhes corta a retirada,
Aqui dois, acolá um:
Fez d'elles grande caçada.

Ás cegas acreditar
Tudo quanto se deseja,
Por mais absurdo que seja,
É pouco tino mostrar ([106]).

FABULA 76.ª

O porco e o carvalho

Um porco que se cevava
Sem trabalho
Com a bolota d'um montado,
Extendido um dia estava
Á sombra d'alto carvalho,
Depois de ter bem jantado;
E, o seu jantar digerindo,
Grunhindo
Se acalentava
Para conciliar o somno.
D'isso o carvalho se agasta,
E lhe brada com entono:
—«És um porco e tanto basta,
Sempre has de mostrar que o és;
Pois que o bem
A quem
T'o fez
Não cuidas de agradecer.

Devoras porções enormes
Do meu fructo, depois dormes
E acordas para comer;
De mais não queres saber.»
—«Pois de certo agradecia,»
O porco diz: «se não visse
Que cahia
Com fartura
A bolota de madura,
E não por tu desejares
Que cahisse
Para sustento me dares,
Não tomes pois esses ares
De generoso offendido;
Essa generosidade
É só apparente
E mente;
A verdade
É que teu fructo perdido
No chão ficava, sem mim;
Pois só se aproveita assim.»

Affectando charidade,
Quantos ha que buscam dar,
O que não podem negar [107]?

FABULA 77.ª

A dupla demonstração

Dois figurões escreveram,
Em termos os mais abjectos,
Um contra o outro pamphletos
Com que as imprensas gemeram
E o senso commum tambem:
Manha velha e indecente,
Mas ainda hoje seguida
Entre gente
Que se diz esclarecida.
Nenhum d'elles ficou
Bem
No final do desafio;
Mas o publico lucrou,
E zombou
Do desvario,
(Como lucra muitas vezes,
E se ri, com os entremezes)
Vendo mui bem demonstrado,
Por um e por outro lado,
O que se não saberia
Sem aquella chularia,
Sem tão immundos *cavacos*;
Que eram ambos os athletas

Ignorantes e patetas
E, de mais a mais,... velhacos (108).

FABULA 78.ª

Os dotes das fadas

Convidadas
Duas fadas
Foram para o baptizado
D'um principe, o qual fadado
Tinha de por ellas ser,
(Eram duas fadas bentas,
E não bruxas agoirentas.)
Eis que depois de o benzer
E com a vara de condão
Segura na dextra mão,
A mais velha diz assim:
—«Aqui vim,
Meu nobre infante,
Para te dar
Um olhar
Tão seguro e penetrante,
Qual a aguia só o tem;
Que vê a presa distante,
Ainda a mais pequenina,
Como se perto estivesse;
E muito bem,

Se o quizesse,
A podia saltear.»
Falla a outra e vaticina,
Depois dos taes gatimanhos:
—«Infante! pelos poderes
Da minha vara tammanhos,
Depois de tu assim veres
Qual a aguia, longe e bem,
Dou-te em partilha a nobreza
D'alma, que ella tem
Tambem.
Despreza
Pois ninharias,
Miseraveis valentias;
Tracta só de praticar
Acções grandes, bizarrias,
De promulgar
Sabias leis
Dignas de homens e de reis;
E que assim te ajude o céo.»

Outro tanto direi eu
A quem
Tem
De governar:
Não se vá amesquinhar
Com negocios sem valor,
Tracte dos grandes apenas,
Pois que das cousas pequenas
Não se occupava o Pretor (109).

FABULA 79.ª

Jupiter e Apollo

«Não ha no Universo inteiro
Melhor frécheiro
Do que eu!»
Apollo uma vez dizia
Aos outros deuses no céo.
—«Veremos!» lhe respondeu
Jupiter, que a ambrosia
Talvez tivesse regado
Com nectar demasiado.
Foi logo dia
Aprazado;
E então Apollo atirou
Ao alvo com tal mestria
Que até Jove embasbacou.
Mas, prudente, disfarçou
E soube voltar
Atraz:
—«Bravo!» lhe diz,
«Meu rapaz!
Acceita o meu parabem.
Eu só quiz
Ver-te brilhar;
Pois tu sabes muito bem

Que ao arco jámais atiro,
Cuidados tenho maiores:
Governar
Devo, e prefiro,
Todos os atiradores.»

Jove com prudencia andou,
Pois que assim não se arriscou
A que alguem talvez podesse
Seriamente acreditar
Que não sabia atirar,
Se o quizesse,
Muito bem
E melhor do que ninguem (110).

FABULA 80.ª

A educação

Filhos da mesma cadella,
Dois cães que tinham nascido
Ambos numa só ninhada,
Teve um d'elles sorte bella,
Outro sorte desgraçada;
E foi isto acontecido
Como aqui lh'o vou contar.
Um, sempre sob a tutela
De famoso caçador

A caçar,
Tornou-se cão afamado
A cem legoas em redor,
Desejado
Para propagar a raça
Dos famosos cães de caça.
Valido do cosinheiro
O outro foi um matreiro,
Todo ronha,
Sem valor e sem vergonha,
(Ou com vergonha de cão);
Um goloso,
Torpe goso,
Apanhando ora o seu pão,
Ora algum bom pontapé;
Progenitor de ralé,
Qual por ahi anda a rôdo,
Nem tem modo
De acabar.

D'aqui se póde tirar
Como justa conclusão
O valor da educação:
E ainda que o instincto mau
Custe muito a combater,
Tem ella sempre poder
De algum tanto o melhorar.
Assim pulem o calhau
De que essas praias 'stão cheias,
As areias

E as ondas do largo mar;
Pois se elle calhau ficou,
E portanto não logrou
De natureza mudar,
Ao menos ganhou
Ser liso,
E não causa prejuizo
Á mão que nelle tocar ([111]).

FABULA 81.ª

O cavallinho do xadrez

Ninguem ha que faça falta,
Impossivel de supprir;
Se um dá baixa, outro dá alta,
Forçoso é prescindir
D'aquillo que não se tem,
Ou se ha de substituir,
Por algum expediente,
Quer bem
Quer soffrivelmente.

Uma vez
Dois rapazinhos
Foram jogar o xadrez:
Faltava um dos cavallinhos,

Não lhes deu isso cuidado:
Um peão, que havia a mais,
Com signal por diff'rençal-o
Dos demais,
Foi arvorado
Em cavallo.
Os outros tres com ditinhos,
Começam a caçoal-o:
—«Ó gallucho
Pequerrucho,
Não andes como os podões
Dos peões,
Repara bem no que fazes;
Tens de dar
Dois passinhos cada vez.»
—«É calar!»
Lhes bradou um dos rapazes:
«Vale o mesmo que vocês,
Já que o puz no seu logar» (112).

FABULA 82.ª

O homem e os animaes

Quando Adão
E Eva foram
Expulsos do paraiso,

Por lhes faltar o juizo
E não
A fazerem limpa,
Os brutos, que até alli
Os respeitam, os adoram,
Ergueram, segundo li,
Contra elles logo a grimpa,
(Sempre assim foi e ha de ser
Com quem deixou de valer):
E, não fôra *decretado*
O contrario, bem de certo
Lhes davam cabo das pelles.
Afastam-se todos d'elles,
Ou quasi, para o deserto;
Mas julgaram acertado,
Antes de se pôr a andar,
Bem claro patentear
O seu odio ou má vontade.
Conspurcado
O homem se viu então:
Pouco lhe disse o leão
(Valha a verdade)
E os demais
Poderosos animaes.
(A força e a covardia
Mal andam de companhia)
Declarando-lhe só guerra,
Mais
Á sua geração,
De exterminio em toda a terra.

Porém entre a multidão
Se distinguiram na glosa
O jumento,
O urso, o porco nojento,
A serpente venenosa,
E o despresivel velhaco
Do macaco.
—«Eu não sei,»
Disse a Adão
Mui serio o burro:
«Como tu imaginaste
Que podias dar a lei
A tão
Numerosa grei?
Com este meu sonoro zurro
De certo não comparaste
Tua voz effeminada.
Bem pouco valem, ou nada,
Essas orelhas mesquinhas,
Se comparadas ás minhas.
Com dois pés só, e inda assim
Desarmados,
Sem cascos bem alentados,
Terás que te defender
Com as mãos, arma bem ruim,
Que mal póde proteger
A cara. Ao inimigo
Eu sempre costas voltando,
E no duro chão fincando
As mãos, ou pés dianteiros,

Facilmente evito o perigo
Largando
Coices certeiros
'Té ás estrellas do céo...»
— «Deixa-o lá,» interrompeu
Do sabio burro o discurso
O hirsuto e nedio urso:
«Repara que o desgraçado
Quasi sem pello nasceu,
E que se vê obrigado
Para não morrer de frio,
Apenas nos foge o estio,
Coitado!
A aproveitar
Qualquer pelle
Que deixou,
Quem d'entre nós se finou.»
— «Não o posso lastimar»
Diz o porco: «a culpa é d'elle,
Que sabio assim se proclama
E não gosta do chiqueiro;
Eu muito pello não tenho,
E com a lama
Cá me avenho:
De mais, é todo biqueiro
E quer
Só comer
Com a mão,
Em vez de fossar
No chão,

De apanhar
O pasto a dente,
Como o faz bem boa gente,
Do que elle com mais juizo.»
—«D'isso não me escandaliso,
Grita
O mono; «pois imita
O meu modo de o fazer:
Porém não posso soffrer
Que me queira exagerar.
Reparando
Que eu, por um acaso, ando
Em dois pés,
Tem a louca pretenção,
Tanta vez,
De tirar
As mãos do chão...»
—«Como ha de elle ser alguem,»
Interrompeu a serpente;
«Se o meu dente,
Tão pequeno,
Pode mais com o seu veneno
Que quanta força elle tem?»
.....
De boquinha bem calada
O homem não disse nada;
Deixou-os desabafar
E, depois de os ver
Partir,
Começou

A trabalhar.
Muito e muito trabalhou,
Até poder
Conseguir,
Elle tão inerme nascido,
Tão despido,
Mais do que todos valer.
Albarda sobre o costado
O burro se viu
Montado,
Serviu
Para acarretar.
Teve o urso de apprender
A dançar,
A divertir,
Á custa de boas sóvas;
E da pelle o homem fez
Manto para se cobrir,
Capacho para os seus pés.
Do chiqueiro
Subiu o porco ao fumeiro,
As sedas deram escovas.
O mono só lhe prestou
Para bobo, e tal ficou.
.....
Assim foi elle vencendo,
Escolhendo
Entre os demais
Os que lhe eram serviçaes
Dos indiff'rentes

P'rigosos,
Ai d'esses! Ai das serpentes!
Dos ferozes, dos manhosos!
A guerra, que inda hoje dura,
Não deixa que duvidar
Da sua sorte futura.
Tanto pode o ter valor,
Tanto pode o trabalhar
Com vontade e com amor!

Trabalha, pois, sem cessar
Se com merito te sentes;
Não te importem julgamentos
De ursos, macacos, jumentos,
Sujos porcos, vis serpentes
Rojando torpes no chão:
Has de calcal-os aos pés,
Reconheçam o que são,
Demonstrando-lhes quem és (113).

FABULA 83.ª

A manteiga e a margarina

Com voz unctuosa e meiga
Disse um dia á margarina
A manteiga:

—«Olhe, menina,
Uma cousa é nascer
Pura,
Filha de leite de vacca;
Outra é ser
Qualquer
Gordura,
Uma imitação velhaca.
Se você
De boa fé
A vender
Se apresentasse
De carinha descoberta,
Não se mettendo a esperta
E a fingir o que não é;
Nada tinha que dizer
Quem no mercado a comprasse,
E eu não lhe pedia meças.
Mas você, por fim, com essas
Velhacarias nojentas,
Feita capa de ladrões,
Vai levando pelas ventas
E passa por vergonhões.»

Não é justa
A pretenção
De subir á alheia custa;
E se alguem
Isso tentar,
Pode achar

Quem,
Com razão,
Lhe dê severa lição,
Peior que a manteiga fina
A foi dar
Á margarina (114).

FABULA 84.ª

A gralha

Gralha atrevida e vaidosa,
Quaes as gralhas todas são,
Para se tornar formosa
Apanhou
Quantas pennas de pavão
Encontrou
Espalhadas pelo chão;
D'ellas
Mui bem se enfeitou.
Uns pavões que a encontraram,
Á bicada
Lhe arrancaram
Toda a belleza roubada;
Não lhe largando as costellas
Em quanto luzentes pennas
Vêem nellas.

—«É demais!
As mais
Pequenas,
Inda que bellas,
São minhas»
Grita a pobre depennada.
—«Impostora! tu não
Tinhas
Cousa que valesse nada»
Os pavões lhe retrucaram:
«Porisso lançaste mão
Sem vergonha, do que é nosso.»
E tosquia foi então
Que a deixaram
Quasi em osso.

Quem assim se for vestir,
Na praça o hão de despir
Do roubado
E até do bem grangeado,
Apanhando sorriada,
Sendo um pensamento alheio
A cousa surripiada;
Ou talvez grande tareia,
E com os ossos na cadeia,
Quando o caso for mais feio (115).

FABULA 85.ª

As duas panellas

Duas panellas viviam,
Ou ferviam,
(Tanto monta
Quando se falla em panellas)
Segundo a historia nos conta,
Ambas na mesma lareira,
Mas irmãs não eram ellas:
Uma côr de pederneira,
De barro e bastante velha,
Com a outra não se emparelha,
De ferro, bem rija e forte,
E seus tres pés de supporte.
Viviam em harmonia,
(O que eu acho
Acontecia
Por alli não haver tacho.)
Um dia,
Quando acabada
Do jantar 'stava a canceira,
A loucinha já lavada,
Os patrões tendo sahido,
E a cozinheira
Corrido

A ver passar o derriço,
(Não consta havel-as sem isso)
Disse a panella de ferro
Á de barro:—«Estamos sós;
Vamos nós
Dar por ahi uma volta?
Farta estou de tal desterro,
Quero andar um pouco á solta.
A lareira tão baixinha
Facil será de descer;
Saiamos pois da cozinha,
Vamos as casas correr.
Venha commigo vizinha,
Que me 'stá pulando o pé.»
—«Isso é lá
Para quem é»
Lhe responde a companheira:
«Póde fallar de cadeira,
Por ser rija das costellas,
É rainha das panellas:
Mas eu cá...
Não sou assim;
Feita de barro ruim,
Qualquer carolo... e estou prompta.»
—«Com bem pouco se amedronta»
Lhe torna a outra: «Você,
«Basta que se chegue a mim,
Que sou forte como crê,
Para eu lhe servir de escudo;
E ver-se livre de tudo

Que mal lhe possa fazer.»
Deixou-se emfim convencer
A de barro. Lá vão ellas
Julgando
Dar volta ao mundo;
Uma estirando
As canelas,
E a outra arrastando
O fundo.
Mas a volta não foi grande:
Embora de vagar ande
Com todo o geito e cautela,
A cada instante a panella
De barro tropeça e cai;
E peior ainda lhe vai
Quando a outra, sem querer,
Lhe dá o seu encontrão,
Em logar
De protecção,
Para a livrar
D'algum risco.
Já mal se póde mexer,
Já tem rachas, tem buracos,
Até que se fez em cacos;
E a outra... nem um belisco.

Cada qual com seus eguaes
Viva-me de par a par,
Não se metta a acompanhar
Com quem pode muito mais (116).

FABULA 86.ª

O cão com as orelhas cortadas

Vendo-se desorelhado
E com enorme colleira
De pregos, um cão de gado
Deu ao demo a brincadeira,
Ou o máo gosto
De quem o tinha assim posto.
Revoltou-se contra a póda;
E, se o collar era moda,
Passava mui bem sem ella,
Pois um cão não é cadella.
Breve porém enxergou
Que o patrão
Teve razão
Quando assim o amanhou;
E foi na lucta primeira
Que contra um lobo travou.
Não podendo este encontrar
Orelhas onde filar,
Nem os pregos da colleira
Lhe permittindo maneira
De ás goellas se lançar,
Deu
A lucta por baldada

E bateu
Em retirada.

Não nos aconteça assim:
Julgarmos, sem tom
Nem som,
Ruim
O que é muito bom (117).

FABULA 87.ª

A gallinha cega

Tanto e tanto esg'ravatou
Que, á força de esg'ravatar
E muito pó levantar,
Uma gallinha cegou.
Porém, embora cegasse
E já nada aproveitasse,
Ia sempre esg'ravatando:
Muito pode a costumeira!
Outra gallinha, notando
Da pobre a grande cegueira,
Mui sorrateira,
A seguia
E assim bem aproveitava
O que ella desenterrava.

Mais de um ha que noite e dia
Trabalha e cança a matar,
Sem de nada aproveitar
Por não ser
Capaz de ver;
E o que faz alguma vez
Não ficar
Todo o trabalho perdido,
É ser o fructo comido
Por mais esperto freguez (118).

FABULA 88.ª

O milhafre e o rouxinol

Uma tarde, ao pôr do sol,
Acabando de cantar
Mavioso rouxinol,
Um milhafre o empolgou:
—«Quem
Assim canta tão bem,
Delicado paladar
Com toda a certeza tem.»
Disse; e, quando o devorou,
Pennas
Apenas
Achou.

Se foi serio ou a zombar
Que o milhafre discursou,
Não sei; mas vejo julgar
Em geral todos assim,
Sem pensar
Que alguem
Ser bom ou ruim
Depende muito do fim
Que tem
De desempenhar.
Um decantado poeta,
Um orador eloquente
(De que ha muita e muita grosa
Por ahi infelizmente)
Pode ser grande pateta,
Quando se tratar
De *prosa*,
Ou quando empregar
Convenha
Quem obras, não phrases, tenha (119).

FABULA 89.ª

O lobo e a viola

Por não ter onde se acoite
Vai um homem, alta noite,

Numa estrada a caminhar:
Eis que sente um lobo a uivar.
Por armas só um cajado
Tinha e, muito assustado,
Julga que, pelo seguro,
Deve trepar a um muro
Alto bastante, e trepou.
O lobo pouco tardou:
Deixou-se ficar
A olhar,
De alcateia,
Poisque esp'rava
Boa prêa.
Ora o tal homem levava
Ás costas uma saccola,
Onde tinha a sua ceia
E tambem uma viola.
Julgou, por ser muito tolo,
Que se o seu farnel deitasse
Ao lobo, este o deixasse
Ficar quite.
Assim fez: mas foi um bolo
Para abrir mais appetite.
O lobo não se mecheu
Esp'rando maior pitéo,
E com a esp'rança se lambia.
Então, para se entreter
Até ver
Raiar
O dia,

O homem poz-se a cantar
E na viola a tocar.
O lobo, que tal ouviu,
Mais não quiz ouvir, fugiu.
—«Ó ladrão!»
Grita-lhe o homem então:
«Se eu soubesse que gostavas
De me ouvir tocar assim,
Não to guardava para o fim
Nem a ceia me gramavas.»

A certa gente,
Leitor,
Muito tola,
Mal creada, impertinente,
Que a paciencia nos amola
E sempre anda descontente,
É melhor
Tocar-lhe logo a viola ([120]).

FABULA 90.ª

A torrente e o rio

Furiosa uma torrente
Seu clamor tão alto erguia,
Que assustava toda a gente,

Inda de longe se a ouvia!
Um viajante imprudente
(Talvez por necessidade)
Tenta passal-a, e passou.
Pasmado depois ficou
Vendo que, em realidade,
Muito pouco lhe custou;
Não deu nem um só mergulho;
Barulho
Com barafunda
Era a furia da torrente
Nada funda,
Muita parra pouca uva:
Um cano d'agua da chuva.
O homem, muito contente,
Continua a caminhar
E vai dar
Á beira d'um rio ameno
Que, nem grande nem pequeno,
Sem cachôpos
Ou ruido,
Serpeava
Pelos prados
Esmaltados
E quasi que adormecido,
Entre salgueiros e choupos,
Par'cia que convidava
Quem passava
Nas suas aguas a entrar,
Não tendo que receiar.

Assim fez o viajante,
A quem o p'rigo vencido
Tornara mais destemido.
Em má hora se fiou
Naquella falsa doçura;
Num instante
Se afogou
Das aguas na grande altura!

Bem nos póde metter medo
Cousa que não vale nada;
Um brinquedo,
Comparada
Com outras que não assustam,
Mas a vida ou a honra custam.
Quanta vez
Se esconde um bom coração
Debaixo de casca bruta;
E debaixo de ar cortez,
Delicado,
Um intrujão
Refalsado,
Alma felina e corrupta (121)!

FABULA 91.ª

O santo na aldeia

Passava por muito má,
De crimes, de vicios cheia,
Certa aldeia.
Para lá
Se muda um santo
De lei,
Como sei
Os tem havido.
Visital-o
E lastimal-o
Foi um tartufo com pranto,
Por elle se haver mettido
Em covil peccaminoso.
Ao que responde, bondoso,
O verdadeiro christão:
—«Irmão!
Deixemos a Deus
Os cuidados
De abrir os olhos a quem
Assim os quer ter fechados
Para não fitar os céos.
Cada qual de nós o bem
Que podér faça tambem,

Cumprindo os deveres seus
Para bons exemplos dar
Aos grandes e aos pequenos.
Havemos de ambos lograr,
Sem enfado nem clamores,
Tenho fé,
Que esta aldeia, desgraçada,
Pelo menos
Não seja escandalisada
Por dois grandes peccadores:
Quaes somos—eu e você.»

Quem quer o mundo emendar
Por si deve começar ([122]).

FABULA 92.ª

O busto e a raposa

Para se formar conceito
De qualquer cousa, o direito
Se deve olhar e o avesso;
E os que não fazem assim
Bem não andam, quanto a mim.

Um grande busto de gesso,
Que bom marmore fingia,

Era de todos gabado
Por seu bello modelado
Tido como obra famosa
Por muita gente que o via.
Passa alli uma rapoza
E, tendo bem reparado,
Diz: — «Ês bello, porém ôco;
Ês de gesso
E vales pouco.»

Quanto busto, que eu conheço,
Anda ahi empertigado,
Muito bello e muito ôco,
Por toda a gente gabado,
Apesar de valer pouco ([123])!

FABULA 93.ª

Os oculos

Um parvo e analphabeto,
Emfim um sandeu completo,
Foi uns oculos comprar
Á loja d'um oculista
Nenhuns porém encontrava
Proprios para a sua vista,
D'entre quantos foi buscar

O paciente logista,
E que elle experimentava
Olhando para um jornal;
Mas isto de tal
Maneira,
Que a final
O outro desconfiou
De que não soubesse lêr;
Tanto, que lh'o perguntou.
—«Não é má a sua asneira!»
Torna-lhe o homem pasmado:
«O que havia de eu fazer
Se o soubesse,
Tomára que m'o dissesse,
Enfeitado
Com esses seus instrumentos?
Foi por ver
Certos sujeitos,
Que não passam d'uns jumentos,
A lerem muito direitos
De cangalhas no nariz,
Que eu os quiz;
Julgando que, se os tivesse,
Com elles lesse
Tambem,
E nessa fé aqui vim:
Mas, visto não ser assim,
Passe por cá muito bem.»

Quanto parvo ahi não ha,

Trapalhão
Analphabeto,
Intrujão
Enriquecido,
Julgando que um alvará,
Um decreto,
O pode tornar discreto,
Devéras enobrecido (124)!

FABULA 94.ª

A maré

A primeira vez que o mar
Um velho e o filho avistaram,
Grande foi o seu pasmar;
E d'elle se aproximaram.
A custo
Por abertura
Cavada na rocha dura
Á praia poderam ir.
A maré vendo subir
O rapaz, cheio de susto,
Não pensa mais que em fugir.
O velho tendo notado
Que, assim como a onda vinha
Um boccado

D'aquella praia cobrir,
Muito pouco se detinha
E voltava logo atraz;
Junto a si chama o rapaz
E o phenomeno lhe indica.
O moço desata a rir
E sem medo
Vai brincar.
Fica
O velho a meditar,
Sentado
Sobre um penedo,
De cuidados descuidado,
Sem de nada receiar.
Mas vai a maré subindo,
Cada vez diminuindo
A praia mais, 'té que emfim
D'ella chega mesmo ao fim...
Foi então que se assustou:
O filho chama, e buscou
D'aquelle p'rigo sahir;
Não o poderam conseguir.
Já coberta a abertura
De agua muito funda estava,
E nenhuma outra havia,
Pois lisa a rocha se erguia
E toda a praia cercava
Com invencivel altura.
Cresce
O mar

E se enfurece
Na rocha vindo quebrar,
Até que os dois desgraçados
Morrem alli afogados!

Muitas vezes acontece
O homem não ver
(Não crer)
Que do mal a maré cresce,
A tempo de se salvar;
Até vir
O preamar
A praia toda cobrir,
E com elle então soffrer
A desventura, ou morrer (125).

FABULA 95.ª

O pastor e o rouxinol

Um rouxinol que cantava,
Perto do ninho pousado,
De repente se calou.
Um pastor, que o escutava,
Pesaroso perguntou:
—«'Stás cançado
De cantar?

Pois eu não, de te escutar:
Desejo sempre ouvir mais.»
—«Não percebes d'os pardaes
O maldoso reboliço
Para o canto me abafar?»
—«Só agora dou por isso
(Ámanhã hei de ir á caça
E dar-lhes cresta na raça)
Mas fica desenganado
De que não teria ouvido
Seu insolente alarido,
Se não te houvesses calado.»

Poeta, vae tu cantando,
Deixa os miseros pardaes:
Elles e outros que taes,
Criticando
Teu mavioso cantar,
Coitados! podem piar
Fazer bulha e... nada mais (126).

FABULA 96.ª

O burro e o seu dono

«Porque me dá herva ou palha,
E mais nada?
Porque não

Me dá ração
De cevada
De fava ou cousa que a valha?»
Perguntou com triste zurro
Um pobre burro
Ao patrão.
—«Porque era mal empregada:
Tu, dos asnos capataz,
Por certo não és capaz
D'o que é bom apreciar;
Não é para ti o mel.
Quanto a mim,
Fôra o mesmo que deitar
Per'las ao porco ruim:
Era dinheiro perdido,
Não o tenho eu a granel,
E não estou resolvido
A tratamento
Escusado.»
—«Pois está muito enganado,
Com tal crença, meu senhor»
Lhe respondeu o jumento:
«Se com as hervas me contento,
E até como duros talos,
É por fóme e não por gosto.
Comia muito melhor
O que se dá aos cavallos;
A fresca e bella chicorea,
A boa cevada e a fava.
E, se duvida, eu aposto,

(Quero dizer, apostava
Podendo) levar á gloria
Num instante, meio alqueire,
E que inda a pouco me cheire.»

Ha de certo quem prefira
Ao que é bom o que é ruim,
Á sã verdade a mentira.
Pode haver gostos assim
E quem goste do peior:
Mas tambem ha quem se ageite
Ao que é máu, e só o acceite
Por falta de o ter melhor ([127]).

FABULA 97.ª

O toiro e o vitello

Um bravo toiro sahiu
Num rompante
Pela porta do curral,
Á qual
A verga partiu.
Um bezerrito pedante
(Embirrenta creatura,
Todo modos, compostura)
Que tal viu,
Disse ao pastor

Com um certo ar de pudor:
—«Aquillo não é decente,
Aquillo não faço eu!»
—«Nem nunca serás
Capaz
De tal fazer, maldizente!»
O dono
Lhe respondeu:
«Nem prestar
Para o trabalho.
Não posso crear
Um mono,
'Stás aqui e estás no talho!»

Erros ha que commetter
Só pode quem
Valor tem
De cousas grandes fazer,
Nanja qualquer
João-Ninguem (128).

FABULA 98.ª

O rio e o dique

Um rio, por ser caudal,
Nos invernos transbordava;
Alagava

Tudo em tôrno e assim fazia,
Em vez de bem, muito mal.
O povo, que alli vivia,
Para aos estragos fugir
Lembrou-se de construir
Durante a sêcca do v'rão
Um enorme paredão.
E ficou
Muito contente,
Quando o inverno lá voltou,
De ver a grande corrente
Alli chegar
E parar.
Pouco porém lhe durou
Este vão contentamento,
Pois, indo a cheia em augmento,
Por cima e por cada lado
Tanto galgou,
Que deixou
A final tudo alagado,
Como era de uso ficar.
Começam a trabalhar
Levantando mais e mais
A parede, e a segural-a
Com gigantes
Colossaes,
Para assim não desabar.
Dinheiro deitado á rua!
A galgal-a,
Como d'antes,

Sempre o rio continúa
E, no inverno que se segue,
Enche tanto que consegue
O dique atirar ao chão.
Convencido o povo então
De que era inutil tentar
O embargar
De repente
A caudalosa corrente,
Lembrou-se de a ir sangrar.
Foi subindo
Rio
Acima,
E conseguindo
Por fim
Com muito e muito desvio
O seu fim,
E ainda em cima
Fertil, por ser regadio,
Grande sequeiro tornar.

A torrente é a maldade,
É a caudalosa arteria
Do crime, vicio e miseria:
O dique é a boa vontade
De lhe obstar,
De a superar,
Tantas vezes mallograda
Por ser menos bem pensada:
É o desvio

Prudente
Uado á corrente
Do rio
A *sensata* educação.
As chagas da sociedade
Não se curam de repente:
Remedios muitos e varios
Tentados são
É verdade,
Uteis e até necessarios,
Contra o mal
Já feito, seja qual
For;
Mas prevenil-o é melhor.
Ensinem a *ganhar*
Pão
Honradamente, e terão
Menos prantos a seccar,
E crimes que castigar (129).

FABULA 99.ª

O leão e o homem

Numas ruinas havia
Um grupo bem conservado
Onde, em marmore lavrado

Por arte insigne, se via
Prostrado
No duro chão
Pelo homem o leão.
Um d'estes, que descançou
Alli durante o calor,
Da raposa em companhia,
Na 'sculptura reparou.
—«Muito diff'rente seria
A scena,» diz com desdem:
«Se esculptor
O leão fosse tambem.»
—«Mas não é:» volta a raposa
Que, qual bobo, tambem ousa
Metter a sua verdade:
«E porisso e muito mais
Verá Vossa Majestade,
Que este grupo é verdadeiro;
Falta-lhe só um letreiro,
Onde em letras garrafaes
Claro se podesse ler:
—«A tudo vence o saber,
O trabalho e a razão.»
Nada disse el-rei leão (130).

FABULA 100.ª

O falcão e o frango

Um falcão,
Bem ensinado
A descer, pousar na mão,
Quando a isso era chamado,
Que se tinha
Empoleirado
Na janella da cosinha,
Viu um frango que fugia
Á chamada
Do mestre que pretendia,
Com fereza disfarçada,
Encaixal-o numa empada,
E por isso repetia,
Acenando-lhe com a mão:
—«Vem cá, menino! menino!»
Quanto mais elle chamava,
Mais o frango se esgueirava.
—«Mofino!»
Grita o falcão;
«Nem sabes obedecer?
Ou és surdo, ou és de certo
Muito parvo: uma das duas.»
—«E tu serás muito esperto,»

Lhe torna o frango a correr:
«Ouço o mestre, mas as suas
Intenções tambem conheço,
Porisso não obedeço:
Sei demais
Quaes
Ellas são.
Vejo esvoaçar as pennas,
Vejo os pés, mais
As cabeças,
Ás dezenas
Espalhadas pelo chão,
E digo: *não é com essas!*»

Quem é feliz, que se gose,
Não glose
Do desgraçado;
Só elle sabe, coitado!
As linhas com que se cose (131).

FABULA 101.ª

O encontro

Depois de feitas as pazes
E de tudo quedo estar,
Quando vinham estudar,

Ás centenas,
Os rapazes
Do Brazil á Lusa Athenas,
Um caloiro brazileiro
Tinha ás vezes por consolo
Bello *doce-de-tijolo*
Que a familia lhe mandava,
E sorrateiro
O guardava
Dos maganos
Veteranos.
Assim fez com a goiabada
Em caixa de corrediça,
Mui azada,
Que de casa recebeu,
E menos bem escondeu
De remissa,
Para que d'ella gozassé
Cada vez que só se achasse.
Da tal caixa então puxava
A tampa, mas poucochinho,
E cortava
Um delgado boccadinho.
Na fina que logo deram
Os veteranos operam
De muito diff'rente modo:
Puxam a tampa de todo,
Depois cortam do outro lado
Um grandissimo boccado.
Isto mesmo repetiam

Toda a vez que tal podiam,
E ao rapaz
De quando em quando
Diziam
Assim zombando:
—«Veja você o que faz;
Temos de nos encontrar...»
Não lhes percebendo o dicto,
O caloiro andava afflicto,
A scismar
Com medo de caçoada,
Até que viu
A charada
Bem claramente explicada;
Poisque um dia,
Quando ia
Cortar o tal boccadinho,
Todo o resto lhe cahiu,
Por já 'star mui delgadinho:
Foi então que percebeu.

Cousa egual aconteceu,
Não com *doce-de-tijolo*,
Com a grande desegualdade
Nas classes da sociedade.
Eram senhores do *bolo*
Uns que bem o não guardaram,
E nelle foram gramando
Com mais ou menos prudencia:
Os outros, aproveitando

O descuido, se gosaram
Do tal
Bolo mal
Guardado,
Comendo com appetencia.
Cedo ou tarde, em resultado,
De certo se hão de encontrar...
A final
Tudo se ha de nivelar (132).

FABULA 102.ª

A raposa e o lobacho

«Em toda a historia não acho»
Dizia a uma raposa
Um lobacho:
«Quem a meu pai comparar.
Que vida tão gloriosa!
Aquillo é que foi matar,
Aquillo é que foi vencer,
Sempre, sempre, até morrer!
Porque, emfim, era mortal.
Mas que gloria sem egual,
Neste mundo elle deixou!...»
A raposa lhe atalhou
O discurso, e assim disse:
—«Quanto aldravaste é tolice,

Verdade nenhuma tem.
O defender a memoria,
Se offendida, de seu pae,
Fica a um filho muito bem:
É porém
Quando não vai
Dar
Por mentirosa a historia;
Senão, é melhor calar-se
Ou buscar
Algum disfarce.
Ninguem
D'isso sabe mais
Do que eu, pois o conheci:
Sempre o vi
Lobo, quaes
São os demais;
Ia evitando os rafeiros,
Se fortes e expeditos;
Era valente
Sómente
Com cabritos
E cordeiros;
Chegava
A ovelhas, carneiros,
Porém d'ahi não passava,
Salvo se com algum jumento
Ou cavallo lazarento.
Esse pasmo dos valentes
Morreu nos dentes

D'um cão!»

D'esta raposa a lição
Tambem se póde applicar
A muitos graves auctores,
Chamados historiadores,
Que *historias* querem contar (133).

FABULA 103.ª

A raposa e o lynce

Ao lynce diz a raposa:
—«Não te dou os parabens
Por essa vista que tens;
É de certo cousa
Bella,
Mas de que te serve a ti?
Nunca te vi
Usar d'ella,
Meu rapaz,
Que não fosse para veres,
Como qualquer outro o faz
Com aquella
Que Deus lhe deu,
(Por mais que de ti se diga)
Se algum burro ou cão morreu,

E encheres
Bem a barriga.
Para tanto, cá me avenho
Eu com esta vista que tenho.»

Se fulano é um talento,
Um portento,
Não é bastante dizel-o,
Em que o prova no que faz,
De fazel-o
Se um João-Ninguem é capaz? (134)

FABULA 104.ª

O rato, o gato, o gallo e a rata velha

Do seu buraco sahira
Pela vez primeira um rato,
Voltando com espalhafato
Contar á mãe o que vira,
E lh'o contou mesmo assim:
—«Ai! mamansinha, que susto!
Escapei a muito custo,
Ainda não 'stou em mim...
Pouco me tinha mettido
Por esse mundo de Christo
Quando avisto,

Dormindo ao sol extendido
Um magnifico animal,
Sem egual:
Era mesmo um gosto vel-o.
Imagine um rato immenso,
Um colosso,
Coberto de lindo pello;
Até penso
Que seja parente nosso,
Mas affirmal-o não posso,
Não o vi bem á vontade.
Par'cia
São e robusto:
Com toda a chanternidade
Dormia
O somno do justo;
Resonando mansamente
Mal se via
O seu arfar:
As mãos, cruzadas na frente,
(Adormecera a rezar!)
Sem unhas, eram velludo:
O rosto tinha pelludo,
Qual o nosso, com bigode.
Por mais que queira, não pode
Imaginar-lhe a belleza,
Prodigio da natureza!
Talvez já entrado em edade,
Gozava alli satisfeito
Do ocio com a dignidade.

Dormia o somno do justo,
Como disse. Eu com respeito
Contemplal-o de mais perto
Ia...: mas pregou-me um susto
Bruto atrevido, coberto
De pennas arrepiadas,
Dando tremendas pancadas
No corpo com os curtos braços:
Batia, assim, os compassos,
Emquanto com voz de ferro
Soltava medonho berro!
Na cabeça o tal malvado
Tinha barrete encarnado;
Aquillo, se não me engano,
Era algum republicano,
Ou quem sabe se o diabo,
Pois lhe vi alçado um rabo?
Má peste mate o mofino!
Sem elle talvez gozasse,
Eu do outro o *fino*
Trato,
Apenas elle acordasse.»
—«Como te enganas, menino!»
Diz-lhe a mãe: «pelo retrato,
O tal que estava dormindo
Ou fingindo,
É o malvado
Do gato,
Das feras a mais cruel.
Se elle estivesse

Acordado,
Se te tivesse
Sentido,
Meu filho, estavas perdido!
É por fóra todo mel,
Manso, tratavel, ameno...
Por dentro é todo veneno,
Nasceu para o nosso mal:
Sempre dos ratos á caça,
Inimigo figadal,
Quer acabar-nos com a raça.
Emquanto o do espalhafato
É um animal
Pacato,
O parlapatão
Do gallo,
Incapaz de fazer mal,
Que talvez
Inda uma vez
Nos sirva de bom regalo.

Aproveita esta lição:
Com mais prudencia repara;
Nunca julgues pela cara,
Qual será o coração (135).»

FABULA 105.ª

O oiro e o cobre

—«Porque te escondes assim?»
Perguntou o cobre ao oiro:
«Sumido qual um thesoiro,
Não te deves esconder.
Anda cá, liga-te a mim,
Vamos o mundo correr.»
E ligou-se o oiro nobre
Imprudente ao torpe cobre.
Ficou desacreditado,
Alcunhado
De *bisoiro*,
Quer dizer:
Que faz barulho e é loiro,
Porém fraco o seu valor.
Conservando a antiga côr,
Não é oiro é oiropel,
Dos enfeites a ralé;
Pois tambem o zangão é
Côr da abelha, e incapaz
A cera e o doce mel
De fazer como ella faz.

Bom e pouco é bem melhor

Do que muito sem valor;
Quem se liga a um ruim
Cedo ou tarde tem máo fim (136).

FABULA 106.ª

O cão desenganado

Contam que, tendo nascido
E vivido
Na casa d'um lavrador,
Da qual era o guardador,
Um valente e fiel cão
Tinha sincera afeição
Ao dono e mais moradores.
Se vendido foi ou dado,
Não estou
Bem informado;
Mas o certo é que passou
Ao poder d'outros senhores.
A saudade lhe ficou
D'aquella familia amiga,
Pois é justo que se diga:
Ás vezes, os animaes
Mostram sentimentos taes
Que de bom exemplo são.
Mezes se passam; o cão
Pôde fugir, e voltou

Á sua antiga morada.
Pasmado
Porém ficou:
Foi recebido
Á paulada,
E corrido
Como se fôra damnado!
Então lhe gritou
Um gato
Lá de cima do telhado:
—«Tu sempre és um grande pato!
Tão tolo, que até julgavas
Que gozavas
Da estima cá d'esta gente,
Á tua correspondente!
É só por necessidade,
E nunca por amizade,
Que nos criam
E avaliam,
Que nos dão
O triste pão:
Julgam que tudo nasceu
Só para proveito seu:
Não tivesse o mundo ratos,
Quem se importava
Com os gatos,
E onde estaria eu?»

Muito não exaggerava
O gato; que o homem é

Um abysmo
De egoismo:
E ha quem pense que, até
(Mas tanto não direi eu)
Chorando d'um amigo a morte,
Só lastima a propria sorte
Pela perda que soffreu.
É comtudo muito certo
Que será bem pouco esperto
O que for
Acreditar
Que todos lhe tem
Amor,
Sem
Attender ao valor
Que d'elle possam tirar.
Raras as occasiões
De encontrar
Taes corações:
Não ha um só entre cem,
Embora de homens de bem [137]».

FABULA 107.ª

A aguia

—«Porque tammanhas alturas
Procuras

Ao ninho teu?»
Á aguia se perguntou;
Ao que logo respondeu:
—«Com os meus filhinhos estou
Alli mais perto do céo;
Pois os pretendo educar
A voar
Mais alto ainda do que eu,
Se o poderem,
Não para que degenerem
Acostumando-se ao chão.»

Os resultados se esperem
Como for a educação (138).

FABULA 108.ª

As alabardas e as albardas

Eu ouvi
Já não sei onde,
Que de Coimbra o afamado
Bispo Conde,
Sendo alli
Tambem prelado
Ou reitor da Academia,
Certo dia

Precisou
Para os guardas,
Ou archeiros, de alabardas;
E umas vinte encommendou,
Cousa boa,
A um fuão que lh'as comprasse
Ou no Porto ou em Lisboa.
Com vinte guapas albardas
Não tardou
Que o homem se apresentasse!
O Bispo ficou
Passado!
Como não quiz
Ser injusto,
Nem
Tambem
Ser albardado,
Paga ao outro o meio custo
Da compra, e assim lhe diz
Com muita serenidade:
—«Leve-as todas: a metade
Pagará por tolo ser;
Eu pago a outra, porque
Sem tino me fui metter
Com um parvo como você.»

Quiz o Bispo castigar-se,
E isso só por fiar-se
Num tolo sem o conhecer.
Muitos que vão recorrer

A parvos reconhecidos,
A velhacos afamados,
Desatam em alaridos
Porque soffreram revezes,
Ou porque foram lesados;
Isto, quando muitas vezes
São egualmente culpados (139)!

FABULA 109.ª

O rouxinol e o beijaflor

Alvo de invejas, não tendo
O rouxinol um amigo
Entre os passaros cantantes,
Disse: «Vou ver se o consigo
Entre os que, sendo
Formosos
E não podendo
Cantar,
Antes
Que ser invejosos
Me saibam apreciar.»
(Se alguem, que merito sinta,
Ahi houver
Que disser:
«Não me apraz ser escutado,
E louvado,

Em termos;» e que não minta
Se tal diz,
Tem
De certo mais valor
Do que o rouxinol que o quiz:
Porém
È ave tão rara,
Que nunca lhe vi a cara).
Foi pois ter com o beijaflor,
Com quem travou
Amizade.
Cada qual sua vaidade
Conservou
Sem ver
Pisada,
Por outra talvez maior,
E porisso despeitada.
O beijaflor
Escutava
Com indizivel prazer,
Sem gana de o criticar,
Se cantava,
O rouxinol;
Nem a este acontecia
Que o podesse enfastiar
O outro, brilhando ao sol
Coberto de pedraria.

Se muitos são inimigos,
Por mestres do mesmo officio,

Não pode haver dois amigos,
Se um ao outro não soffrer,
Sem lhe fazer
Commentario,
E embora com sacrificio,
Se tanto fôr necessario,
Alguma fragilidade,
Filha da humana vaidade,
Algum pequeno defeito,
Poisque ninguem é perfeito.
Arrenego d'um amigo
Que censure a cada passo
O que eu digo
Ou o que eu faço (140).

FABULA 110.ª

A rosa e o monturo

—«Commigo tão desdenhosa!»
Dizia o monturo á rosa:
«Isso não te fica bem;
Somos ainda parentes
Por parte de tua mãe
Que d'estas entranhas quentes
A vida e força tirou,
Quasi seu pae fui assim:
Depois é que te gerou,

Fiquei quasi teu avô,
Apesar de tão ruim.»
—«Isso negar não pretendo»
Lhe responde a linda rosa:
«Nem me mostro desdenhosa
Por pobre seres e horrendo;
Mas, se és pae de minha mãe,
Se te julgas meu egual,
Para que cheiras tu mal
Em logar
De cheirar
Bem?»
—«Se o meu cheiro é tão sédiço»
Lhe retorquiu o monturo
Em tom insolente e duro;
«Se cheiro mal, orgulhosa,
E dos perfumes rainha,
Não me cabe a culpa d'isso.»
—«Muito menos será minha:
Eis porque te não aturo,
Amigo!» conclue a rosa (141).

FABULA 111.ª

A raposa e o leão

—«Quem me déra ser tão forte
Qual tu és entre os valentes,

Que podesse dar a morte
Com as minhas garras e dentes
Á vitella ou ao carneiro
Em que me fosse cevar;
E não andar
Á piranga
Atraz de gallinha ou franga,
Em volta do gallinheiro
Curtir fome de rapar:»
Disse ao leão a raposa.
—«E mais nenhuma outra cousa
Em mim vês que desejar?
Esta juba majestosa
Te havia de ir
A matar;
Este garbo, esta estatura,
Esta féra catadura
Não te podiam servir?»
—«Isso não!» disse a matreira,
«Pois fora chapada asneira
Tal desejar para mim.
Ser fraca me desespera,
E tuas forças quizera;
Porém sem perder assim
As apparencias, que tenho,
Conformes ao meu engenho;
Que as desejo conservar
Ou, se podesse, augmentar
Unindo a um forte peito,
Capaz de grandes façanhas,

O meu geito
(Ou minhas manhas,
Como lhe queiram chamar).
E longe de desejar
Tão grande força e fereza
Ostentar,
Quizera que a natureza
Me disfarçasse inda mais
Entre os outros animaes.»

O que a raposa pedia
Tanto orça
Como seria
Casar
A força
Com a covardia,
Que não se podem tragar (142).

FABULA 112.ª

O burro

TRILOGIA

1.ª PARTE

O leão com o burro

El-rei Leão foi caçar
Levando comsigo um burro

Para com o valente zurro
A caça lhe levantar;
Uma raposa, que os viu
Com ar de mofa sorriu.
—«Julguei mais do teu juizo,
Da tua clara razão»
Lhe diz á parte o leão;
«Pois não vês
Que, se vou com este *freguez*,
É porque d'elle preciso,
E que o não
Mandava embora,
Mil vezes que burro fôra?»

2.ª PARTE

O burro com o leão

Servir de trompa de caça
Indo o burro a el-rei Leão,
De gaudio em si não cabia
E para os da sua raça
A vista grossa fazia.
—«Olha o grande toleirão!»
Disse outro que alli passou,
E a quem elle não pagou
Uma grande cortezia:
«De que é burro já se esquece!
Talvez julgue que enobrece,
Que 'stá aqui, 'stá barão,

Porque vai na companhia
Do leão,
Que o foi chamar
Só por d'elle precisar!»

3.ª PARTE

Os dois burros

O burro, que cortejado
Não fora pelo outro burro,
Quando este ia com seu zurro
Servir de trompa ao leão,
Tendo-o de novo encontrado,
Mas agora só, gritou:
—«Vê lá bem se me conheces
Paspalhão!
Já que tão breve te esqueces
De quem sou,
Dos que são
Da tua raça,
Quando vais com el-rei á caça;
E assim não
Me conhecias
Aqui ha bem poucos dias!»
—«Isso fiz»
O outro burro lhe diz:
«Só porquè
Vi que você
Foi cortez

D'aquella vez
Por me ver
Com el-rei andar.
Cortejar
Se me não quer,
Fica d'isso despensado:
Porém, se você quizer
Ver-se por mim cortejado,
Ha de ser
Quando egualmente o fizer,
Indo eu só ou acompanhado (143).»

FABULA 113.ª

A aguia e o mocho

«Não te chegues para mim,
Agoireiro, tanto assim!
Cheiras aos ratos que embaças.
Põe-te ao largo, não me faças
Perder toda a paciencia,
Dar-te cabo da sciencia.»
Pespegou com altivez
A aguia ao velho freguez
Do mocho, quando este entrou
No Olympo, e se lhe achegou
Julgando que tinha nella

Com quem desse á taramella.
Logo o mocho se abespinha:
—«Se você da passarada
Foi rainha,
Isso aqui não vale nada,
Aqui somos nós eguaes:
Senão diga,
Orgulhosa d'uma figa,
Em que presta você mais?»
—«Eu t'o digo,
Mono feio,
Amigo
Do bem alheio:
Eu voei
E até ao céo
Cheguei
Só com o esforço meu;
E tu, mocho, se cá 'stás,
Foi porque te trouxe Palas:
Vê agora se te calas,
Ou ainda aqui não fico.»
Assim lhe deu
Sota e ás,
E lhe fez calar o bico.

Nem os méritos se pegam,
Nem todo o matto é ouregam (144).

FABULA 114.ª

A cigarra e a formiga

Alegre levára o v'rão
A cigarra, sem cessar
De cantar
Seu eterno
Cantochão;
Comendo ia e cantando,
Em guardar
Nunca pensando
Um boccadinho de pão.
Até que chegando
O inverno,
Eil-a de fome a chorar
Sem almoço nem jantar;
E lá vai, triste mendiga,
Ter a casa da formiga
A pedir que lhe emprestasse
Com que a vida atamancasse
'Té o tempo melhorar:
—«Eu pago-lhe, e pago bem»
Diz o faminto animal:
«O juro que me levar
Mais o capital tambem.»
A formiga não empresta,

E nisso não anda mal:
—«Que fizeste tu no v'rão?»
Lhe pergunta pela fresta.
—«A minha alegre canção
O dia todo cantava,
Mal o comer
Me calava:
Quem sabe se não gostava
A vizinha de me ouvir?»
—«Não tinha eu mais que fazer!...»
Responde a formiga
A rir:
«Minha amiga,
Emquanto eu me não poupava
Trabalhando
Como escrava,
Pensavas tu em cantar,
Em dormir,
Ou em comer
De boa vida gozando:
Pois vai agora dançar,
Não é mau para aquecer.»

Se me pedes que te diga
D'esta fabula a moral:
—Não andou bem a formiga,
Mas a cigarra peior;
Pois não se deve queixar
Do seu mal,
Nem de sorte desgraçada,

Nem dos outros, com rancor
Quem assim
Vida levar
Regalada,
E tiver
O mesmo fim.
Quem ruim
Cama fizer
Nella terá de gemer (145).

FABULA 115.ª

O cordeiro protegido

Tinha ficado
Cançado
No caminho
Um cordeirinho;
Tambem ficar
Um rafeiro
Ao pé d'elle se deixou,
Para o poder
Proteger
E ao curral acompanhar.
Outro cão atraz voltou
Que ao primeiro
Quiz tirar

O protegido,
Levado
De sentido
Interesseiro,
Para assim vir
A cahir
No agrado
Do seu pastor.
Não quer
O outro ceder,
Deseja o mesmo proveito;
E, a meu ver,
Tinha até melhor
Direito.
Um ao outro se lançou,
E com tal força puxou
Pelo triste do cordeiro,
Que delle ficou
Meeiro!

Isto mentira parece,
Mas vezes mil acontece:
Quanto mal se está fazendo,
Quanto bem se está perdendo,
E tudo pelo interesse,
Quando ha mais d'um pretendente!
E quem paga?... O innocente (146)!

FABULA 116.ª

Os dois ratos

Dois genios não ha eguaes
Entre os homens; não se apontam
Nem entre os irracionaes.

Dois ratos, segundo contam,
Dois irmãos, tinham vivido
Juntos até certa edade;
Depois havia ficado
Um morando na cidade,
O outro o campo escolhido
Para estar mais socegado.
Passados porém uns annos,
Visitaram-se os dois manos.
Primeiro foi o burguez
Que a sua visita fez.
Muito alegre o recebeu
O outro na sua toca:
Não lhe deu
Café de moka,
Depois de fino jantar,
Com sopa de *ravioes*
E bicos de rouxinoes,
Que pouco podia dar:

Demais, não fora avisado,
Estava desprevenido,
O mano tinha appar'cido
Sem que fosse convidado.
Azeitonas, avelãs,
Meio-podres meio-sãs,
Foi o que pôde off'recer
O pobre, por mais não ter.
Depois de curto passeio
Disse o cidadão: —«Ó mano!
És feliz, assim o creio;
Mas esta amostra do panno
Pouco tenta na verdade.
Eu, vivendo na cidade,
Só me falta companhia:
Sou, como sabes, solteiro,
E quanto desejaria
Que fosses meu companheiro!
Que vida não levarias
Vivendo das hucharias,
Como eu vivo ha tanto anno,
E como espero morrer!»
Responde o outro: —«Não, mano!
Lá isso não póde ser.
Tambem eu muito gostava,
Deixando esta vida brava,
De junto de ti viver;
Mas os taes malditos gatos,
As malditas cozinheiras
Com venenos, ratoeiras,

Me dão ao miolo tratos,
E me conservam nos mattos
Onde esses p'rigos não ha.»
—«Se toda a duvida está
Só nisso, vence o meu plano:
Obra temos, pois engano
Grande é teu o imaginares
Esses terriveis azares,
Essa grande ladainha
De p'rigos assustadores,
Historias da carochinha!
Os taes gatos caçadores,
A que chamam bons rateiros,
Vivem só em pardieiros,
Ou nas casas da pobreza
Onde nunca é farta a mesa.
Um gato que se respeita,
Que vive em casa de gente,
Nunca deita
Unha ou dente
A nenhum rato *graúdo;*
Vai fingindo que os não vê
Quando lhe passam ao-pé,
Ou vê-os... por um canudo.
Só algum pobre ratinho,
Bem mesquinho,
Lhes serve de brincadeira.
Quanto á moça cozinheira,
Onde não ha cozinheiro
Ella mais o despenseiro

Bem lhes importam os ratos,
Quando são qual eu pacatos;
Tem mais com que se entreter.
Emfim sou exemplo vivo,
E motivo
Nenhum tens de duvidar.»
Deixou-se o outro vencer
E prometteu de ir cear
(Para se desenganar)
Com o mano em noute aprasada.
Chegou á hora marcada,
Provando por uma vez
Não ser rato portuguez.
Recebido na despensa,
Pasmado quasi que pensa
Ser alli o céo dos ratos!
Oh que cheiro! Que perfume!
Que cardume
De pratos
De cousas boas!
—«Aqui terás em que roas»
Lhe diz o outro, «á vontade;
Aqui a difficuldade
Está só no escolher.
Anda, vem commigo ver,
Pois quero mostrar-te tudo.»
Vai na frente, satisfeito
De ostentar tanta riqueza;
Segue-o mudo,
Com respeito

Da grandeza
Nunca vista,
Seu irmão, ouvindo a lista
De nomes mal cozinhados,
Em francez de cozinheiros,
Com os quaes se viam chrismados
Pratos, embora caseiros,
Alem d'um *menu* selecto
De mui finas iguarias,
Sem fallar nas mercearias
De que tudo estava cheio
Desde o chão até ao tecto.
Mas no meio
Do passeio
Eis que se sente ruido:
O camponio espavorido,
A correr,
Não sabe onde se metter,
Onde possa achar abrigo.
—«Não ha p'rigo»
Diz o mano: «não é nada,
Conheço os pés da creada,
Ella nunca vem aqui.»
—«Seja creada ou quem for,»
Lhe responde o outro a custo,
Num tremor:
«Não ganhei
Para tal susto,
Nem sei
Como não morri!

Safo-me já sem demora;
Se me vejo d'aqui
Fóra,
Na minha
Toca mesquinha,
Onde a pobreza me espera,
Prometto pezar-me a cera.
Á custa do meu socego
De taes grandezas renego.»
Dito e feito: foi-se embora
E não voltou 'té agora (147).

FABULA 117.ª

O estatuario

D'alvo marmore comprou
Um magnifico pedaço
Estatuario famoso;
Depois ficou
Duvidoso
A scismar
Em que o havia de empregar.
— «D'aqui faço
Cousa digna de se ver
Que ha de ser...?
Um mausoleo?

Um heroe... Cesar? Pompeo?...
Seja um Deus!
Atheus!
Haveis de tremer.»
Se disse bem, melhor fez.
O 'statuario d'esta vez
Tanto e tanto se esmerou
Que, assombrado,
Depois do Deus acabado,
Elle proprio o adorou!

Quantos no mundo estarão
Adorando
Entes, que a imaginação
Sem cessar lhes vai creando (148)?

FABULA 118.ª

O santo e o frade

Uma vez um frade e um santo
(E não quer
Isto dizer
Que santo não fosse o frade,
Porém como affirmar tanto,
Sem certesa de verdade?)
Iam a Roma aportando.

O segundo em romaria;
O primeiro não cabia
Na pelle e impando
Ia,
Por ter sido nomeado
Abbade, e demais mitrado,
De muito rica abbadia.
O santo lembrou-se então
De lhe dar
Uma lição,
Pois é tambem caridade.
—«Vai vossa paternidade
Entrar
Na eterna cidade,
E entra com o pé direito;
'Stá aqui e está eleito
Da sua ordem Geral,
Por influencia papal;
Visto Sua Santidade
Ser grande apreciador
Dos que mostram ter valor.»
—«Isso é só de quem
O tem...»
Diz o frade, e os olhos baixa,
(Modestia mal affectada)
Puxa depois pela caixa
E sorve grande pitada.
—«Fica-lhe bem»
Diz o santo,
«Mostrar-se assim tão modesto;

Mas onde estará
O espanto?
Melhor virá
Inda o resto,
Pois que ha de ser cardeal.»
—«Senhor! não me diga tal!»
Lhe volve o frade e córou,
Vendo que lhe adivinhou
O que na mente elle tinha.
—«Da massa d'essa farinha
Se devem sempre fazer»
Responde o santo, «e os tem feito.»
—«Será o que Deus quizer!»
O frade diz, e ao peito
Cruzadas as mãos levou:
«Sei que um servo indigno sou,
Só me cabe obedecer:»
E outra pitada tomou.
—«Amigo, sem ser propheta,
Bem me parece que 'stou
Da carreira a ver-lhe a meta:
Não será eterno o Papa,
Que Deus queira conservar...»
—«Senhor! que vai futurar!»
Atalha o frade, que tapa
O rosto com as gordas mãos.
—«Ambos nós somos christãos,
Meu padre, e, louvado Deus,
Bons catholicos; os seus
Terrores são naturaes:

Mas o dever
Póde mais;
E se o conclave inspirado
O elevasse ao Papado,
Que havia de lhe fazer?»
—«Ai de mim! obedecer.»
Diz o frade, suspirando
E outra pitada tomando.
—«Depois...» continua o santo
—«Inda mais!» brada com espanto
O frade: «Não pode ser!»
—«Póde, póde... ha de morrer
Após um sonho tão lindo»
Conclue o outro sorrindo,
«Como se fosse um... donato,
Salvo só o espalhafato
Que se der
No seu enterro.»
O frade não disse nada;
Ficou perro
Com a *pitada:*
Que havia de elle dizer ([149])?

FABULA 119.ª

A hera e o tumilho

Num carvalho entrelaçada
Ao tumilho disse a hera:
—«Creatura desgraçada!
Coitadinha,
És de muito baixa esphera.
Bem mesquinha
Te foi mãe a natureza.
Não tens força nem destreza;
D'esse chão
Nunca te has de levantar
Como eu sei,
Que me liguei
Ao carvalho secular.»
—«Lá isso de certo não:»
Lhe respondeu o tumilho,
«Como tu, nem que o podera,
Eu tal quizera,
Maldita!
Miseravel parasita
Que só serve de empecilho
Que vivendo á custa alheia,
Alardeia
Do seu immenso valor

Matas o teu bemfeitor,
Sugando-lhe a força e a vida
E, quando elle desabar,
Tambem tu has de ficar
Por este chão extendida;
Mas serás aos pés calcada,
Despresivel, despresada,
Porque és má,
Porque prestimo não tens,
E do alheio te mantens.»

Quantos parasitas ha
Impostores,
Que vivendo á custa alheia
Se julgam mui sup'riores,
Com desdem,
A qualquer homem de bem,
Que honradamente grangeia
A vida com os seus suores (150)?

FABULA 120.ª

O ganso

Nasceu mais alvo que a neve
Um ganso, e por isso teve
Comichões de cysne ser.

Com os cysnes se foi metter
A nadar,
Dando tractos ao pescoço,
Curto e grosso,
Para o d'elles imitar.
Deu-lhe tal volta o miolo
Que emfim
Cysne se julgou;
Mas assim
Só alcançou,
Com seus esforços baldados,
Ser um ganso muito tolo.

Quantos gansos não tens visto
Por cysnes apregoados,
Que nunca passaram d'isto (154)?

FABULA 121.ª

Os tempos e os costumes

Das aves os veteranos,
Os corvos, duram cem annos:
Assim dizem, que eu não sei,
Ainda nenhum comprei
Para ver se isto é verdade.

Um corvo, que á tal edade

Já quasi chegado
Tinha,
E que muito se entretinha
Contando
A um seu neto e afilhado,
Como ia
Tudo mudando
Disse-lhe um dia:—«Affirmado
Me foi pelo meu avô,
Mais velho do que hoje sou,
Que em pequeno ouviu dizer
Muita vez ao tris-avô,
O qual o dizia
Ter
De continua tradição,
Passando de mão em mão,
Que em muito remotas eras
Neste mundo não
Havia
Nem inda as menos certeiras
D'essas armas caçadeiras,
Com as quaes perseguem as feras,
Com que tambem nos atiram.»
—«Oh! que tempo que elles viram,
Nossos felizes avós!
Assim os vissemos nós!
Aquillo é que era viver
Até de velho morrer.»
Exclama immediatamente
O neto de *D. Vicente*.

Este, dando-lhe um carolo,
Lhe disse:—«Não sejas tolo:
Em vez d'armas caçadeiras,
Balas, quartos, escumilhas,
Sobravam settas ligeiras,
Arcos e mil armadilhas;
Em vez d'uma, havia cem,
Que matavam muito bem.»

Entre o passado e o presente
Não é *tammanha* a diff'rença,
Como o pensa
Muita gente (152).

FABULA 122.ª

A serpente e a creança

Brincando com uma serpente
Que mais não tinha veneno
Um rapaz, inda pequeno,
Tomando o serio lhe diz:
—«Vocês são ingrata gente!
Lembre-te aquella que quiz
No seu bemfeitor morder
E mordeu....
Tanto, que o homem morreu,
Por ser bom, mas imprudente.

Não m'o podes tu fazer,
Pois que os dentes te arrancaram
Porém para egual maldade
Talvez te sóbre vontade.»
—«É um falso testemunho
Esse que nos levantaram,»
Lhe respondeu a serpente:
«Uma fabula que mente
E tem da mentira o cunho.
Pois tu, que não és pateta,
Podes engulir a peta
De que *innocente*
Aldeão
Fosse levantar do chão
Uma serpente,
E leval-a
No seio, para a aquecer
E de frio não morrer?!
Não seria mais verdade
O querer
Elle esfolal-a
Em casa, muito á vontade,
E a pelle então lhe vender,
Visto ser
Bella por mui bem pintada?
Pois foi tal e qual assim:
Essa acção
Elogiada
Era a d'um villão
Ruim,

Que para lucros obter
Não se lhe dá de enganar
Os outros e os esfolar.
E, quando o pago levou,
Procurou
Calumniar
Aquella que o foi morder
Só para se defender.

Ha muito ruim villão
Da 'schola do aldeão (153).

FABULA 123.ª

A divisão do trabalho

Viviam em companhia
Na casa d'uns bons burguezes
Em menos má harmonia
Dois *freguezes*:
Um bichano e um macaco;
Este muito mais velhaco,
Intrujão e trapaceiro
Do que o era o companheiro.
Para si só desejava
Uma vida sybaritica,
E quasi que o alcançava
Á força de manha e geito.

Da economia politica
Ao tão famoso preceito
—Do trabalho a divisão,—
(A seu sabor o entendendo,)
Dava esta interpretação:
Puxa tu, que eu vou gemendo.
(Muitos no mundo assim são:
Para si, o bem supremo,
E para os demais, um demo.)
No contracto,
Que uma noite fez com o gato,
Quiz pôr em pratica as manhas.
'Stavam ambos ao borralho,
Onde havia
Bellas castanhas
A assar.
Para ver se as comeria
Sem os dedinhos queimar,
«A divisão do trabalho»
Disse ao outro, «amigo gato,
Como sabes bellamente,
Suaves torna de facto
As veredas d'esta vida;
É verdade mathematica,
Tão assente
Que ninguem d'ella duvida.
Pois nós vamos pôl-a em pratica
Comendo aquellas castanhas.
Tu com essas unhas tammanhas
Que a natureza te deu

As vais das cinzas tirar
Com geitinho, de vagar,
E bem pouco te incommodas;
E então eu
Com estas minhas mãosinhas
As ponho logo limpinhas
Tirando as cascas a todas.»
Pelo gato
Acceite foi o contracto.
Começam logo na lida.
Porém o mono, á medida
Que o gato alguma tirava,
Apenas ella esfriava,
Com mestria
A descascava
E, em seguida,
A comia:
Até que tendo voltado
A cabeça por acaso,
O gato percebeu tudo;
E, vendo-se assim logrado,
Mais não quiz continuar.
—«Amigo! dar-se-ha o caso,
Muito e muito de estranhar,
Que sejas tão botucudo»
Disse o mono: «que renegues
Os principios da sciencia...?
Julguei-te menos novato.»
—«Tratante!» responde o gato:
«Não é ella que tu segues,

Mas tuas manhas malditas
E a tua conveniencia,
Por isso a désacreditas.»

Quantos buscam encobrir,
Para conseguir
Seus fins,
Com o manto
De sabio ou santo
As suas tenções ruins?
Hypocritas, doutrinarios,
Cobertos de relicarios,
Ou com a capa da prudencia:
Uns só fallando no céo,
Outros no publico bem,
Todos tem
O mesmo véo:
Malvados sem consciencia,
Com a sabença, com o tregeito,
Explorando em seu proveito
O mundo, que é todo seu (154).

FABULA 124.ª

Hercules e Juno

Quando Hercules deu entrada
Na côrte dos Immortaes,

Tratou
Assim por demais
Juno, que escandalisada
Lhe bradou:
«Se você aqui entrou
Grande ingrato, a mim o deve.
Por minha causa é que teve
Occasiões de brilhar,
De mostrar
Quanto valia:
Agradecer-m'o devia,
Em vez de assim me tratar!»
Hercules não respondeu,
(A tolas não se responde)
Fez o que lhe corresponde
Em tal caso,
Pois que os hombros encolheu;
E disse baixo a Morfeu,
Que estava meio-acordado
(Mau grado seu)
Por acaso:
—«Que lhe parece o recado?
Tentou dar cabo de mim,
Não o tendo conseguido
E vendo-me agora assim
No Olympo bem repimpado,
Quer lhe seja agradecido!»

De Juno ha muitos da raça;
Se podem a vão

Pregando,
E, se não
Pegou
Foi graça;
Porém sempre apregoando
O seu nobre coração,
Que só máo pago levou,
De quem d'elles.... escapou (155).

FABULA 125.ª

O espadim e o espeto

A folha d'um espadim
De Toledo, verdadeira
E do mais subido preço,
Foi por fim
Parar, após muitos tombos,
Ás mãos d'uma cozinheira,
A qual não lhe dando apreço
A metteu abjecto
Espeto
A assar frangos e lombos
Na lareira
Da cozinha.
Certo espadeiro querendo
Um espadim completar,
Ao qual a folha faltava

Para completo ficar,
Sendo
Os copos e a bainha
Ao que sómente se olhava
E não ao ferro ou ao córte
Quando era espadim de côrte,
Ás salas só destinado,
D'um espeto lançou mão,
E o vendeu bem enfeitado
A um illustre figurão.

Quantas folhas nobres, bellas,
Estarão
Entre as panellas?
Quantos espetos ornados
Andam nos paços dourados (156)?

FABULA 126.ª

O fundador e o conquistador

Dois rapasitos brincavam,
(Eram horas de recreio,)
Numa sala onde no meio
Junto a uma mesa estavam
Sentados o pae e a mãe
E tambem

O mais velho dos rapazes.
Este de antigos baralhos
Edificava um castello,
Fragil sim, mas alto e bello
(Quaes os faço e tu os fazes
Fugindo a serios trabalhos).
Montado numa bengala,
Picadeiro
Fazia o outro da sala.
Eis que o primeiro
Acabou
O edificio e bradou
Orgulhoso:—«Edifiquei
Aqui um nobre solar,
Digno d'um grande ou d'um rei!»
—«Teu castello conquistei!»
Diz-lhe o irmão,
Que a mesa foi empurrar
E deitar
Todo o trabalho no chão.
O mais velho não gostou;
O pequeno larga a rir,
E a maman de se sorrir
Tanta gracinha lhe achou.
—«Mal sabem» O pae lhes diz,
Que assim quiz
Dar a um e a outro irmão
Uma salutar lição:
«Mal sabem quanto imitou
Cada qual bem o modelo

Que tomou,
De grande conquistador
Ou de sabio fundador:
Tu fazendo esse castello,
Tão fragil e miseravel,
Cheio de orgulho julgavas
Que nos davas
Cousa bella e perduravel;
Tu avesso a trabalhar,
Mas invejoso do irmão,
Foste deitar
Pelo chão
O seu castello no ar (157).»

FABULA 127.ª

A serra

Pouco depois da invenção
Do podão,
Tanta bocca um homem fez
No que elle tinha alcançado,
Que o julgou,
Por uma vez
De todo inutilisado
E assim o abandonou.
Outro homem o encontrou,
O qual tendo em vão tentado

Com elle talhar, notou
Que, esfregando
Na madeira,
Cortava d'outra maneira,
E talvez que ainda melhor.
Eil-o as boccas augmentando,
Egualando,
Até que emfim
Da serra foi inventor!
Uma das mais preciosas
D'entre as cousas
Inventadas!

E quantas assim
Achadas
(Ou que ainda o hão de ser
No porvir)
Por quem busca descernir
As causas dentre os effeitos,
Onde nada sabem ver
Os outros senão defeitos.
E quantas vezes tambem
Do que nos parece um mal,
A final
Nos provem
Inda algum bem;
Que o máu, quando aproveitado,
Rende mais do que o melhor,
Que não for
Bem governado (158).

FABULA 128.ª

O cão culpado

Com a fatal corda ao pescoço
Ia um cão
Ser enforcado.
Todos são
De carne e osso;
Todos somos peccadores:
Porém era o seu peccado
Certamente dos maiores:
—Sendo cão dum lavrador,
Em vez
De guardar o gado
Tinha matado
Uma rez,
E atacado
O seu pastor!—
Contrito e arrependido
Pede, e é-lhe concedido,
Á turba-multa fallar;
Não para se desculpar
(Elle muito bem sabia
Que o seu castigo mer'cia);
Porém para que servisse
De lição o caso seu,
E, como este aconteceu,
Soluçando assim o disse:

—«Tinha o lobo
Feito o roubo
D'um cordeiro:
Pelo cheiro
O fui seguindo
E achei-o,
Que, fugindo,
A preza deixou em meio.
'Stava só, ninguem me via;
Tentou-me a carne macia
E nella me fui cevando.
Vem a ovelha, procurando
O cordeiro, tive medo
Que o segredo
Ella fosse divulgar;
Talvez, quem sabe, accusar
De lhe ter morto o seu filho!
Entrei do crime no trilho:
Matei-a, por me salvar:
Eis nessa
Scena
De horror
Que apparece o meu pastor!
Desvairado
Como eu estava.
Certo de que me matava,
De todo perco a cabeça,
Lancei-me a elle; o cajado
Sobre mim descarregou...
Não me quiz alli matar

Para assim um exemplo dar.»

Nada mais contou
O cão
Tambem pouco mais direi,
Só apenas que tirei
D'este caso uma lição
Muito diff'rente, leitor,
Do que talvez a tiraste,
E porventura maior:
Notaste
Quão facilmente
De leve culpa escorrega
Culpado, quasi innocente,
Que até chega,
Criminoso mais e mais,
A crimes taes
Commetter!
Eu, porém, não julgo errar
Quando te fizer
Notar
A grande, immensa
Diff'rença
Que se dá
Entre o libelo
Singelo
Dos crimes d'aquelle cão,
E os crimes, quaes elles são.
A verdade onde estará?
Que o réo é grande culpado,

Que tudo lhe foi provado,
Ninguem o póde negar,
Elle proprio o confessou:
Resta só *avaliar*
Como o caso se passou.
Por isso as nações modernas,
Seguindo as regras eternas
Da Justiça e da razão,
Te chamaram, cidadão,
Para tudo avaliares,
E para assim abrandares
Da lei os duros rigores.
Quando o fôres,
Não te esqueça
Pesar bem as intenções
Dos réos ante ti trasidos:
Nem sempre serão ladrões
(Ao menos endurecidos)
Aquelles que a lei processa
Por lançarem mão do alheio;
Nem sempre será tão feio
O crime como é pintado.
Provado
Porem se fôr
Que o réo
De facto é malvado,
Não podes fazer favor,
Perdoando,
Dando
Do que não é teu (159).

FABULA 129.ª

A mutua apresentação

—«A noivado
E a baptisado»
Diz um antigo rifão:
«Não
Vás sem ser convidado.»
Despresando tal dictado
Certo intrujão
Sem real
Com outra firma que tal
Associou-se uma vez
Para de conserva irem
A casa d'um bom burguez
E lá bem se divertirem,
Num saráo
Que lhes não cheirava a mau.
Nem um nem outro intrujão
Conhecia o amphitrião:
Entram, vai logo direito
Ter um d'elles com o sujeito
Que lhe indicou um creado,
E diz-lhe mui descarado:
—«Que eu tenha a honra permitta
De apresentar-lhe meu mano

O conselheiro
Fulano.»
—«Agora que tenho a dita
De ser conhecido seu,»
Ao burguez o companheiro
Diz:—«espero me conceda
Que tambem assim proceda
E gostoso lhe apresente
Um mano meu,
Eminente
Jornalista
E estadista.»
O burguez, que *via pouco*,
Não percebeu
O descoco,
E deu-se por satisfeito.

Isto mesmo se tem feito,
Isto a cada passo vês,
Não
Com saráos de burguez,
Com a vulgar opinião.
Existe uma associação,
Cujos membros apresentam
Uns aos outros, sem pudor
Dos parvos á admiração
E della assim se alimentam.
Este é grande historiador,
Aquelle illustre estadista,
Não

Falta o insigne pintor,
Nem o talentoso artista,
O eximio professor...
É um pasmo!
Uns contra os outros se coçam,
Quaes os dois mulos de Erasmo;
E as lettras, que assim endossam
Na praça tem o valor
D'ouro bom, ou inda maior (160)!

FABULA 130.ª

O pavão e o corvo

Qual mais voava dos dois
Para se ver, apostaram
O negro corvo e o pavão;
E, depois
Que a exp'riencia tentaram,
Mostrou
Que tinha razão
O corvo, pois
Mais voou.
—«Agoureiro!» lhe gritou
O pavão:
«Ave nojenta!
E tanto, que se alimenta
De corpos que podres 'stão!»

—«A questão»
Interrompendo-o lhe diz
A aguia, que era juiz:
«É saber quem mais voou:
Foi o corvo que ganhou.»

Muito mau que seja eu,
Não me tirem o que é meu (164).

FABULA 131.ª

O deputado em herva

Um rapasito engraçado,
E filho d'um deputado
Orador
Muito afamado,
Um dia depois do almoço
Disse:—«Eu posso
Tambem ser
Dos povos o defensor,
Tal qual é o meu papá.
—«Querem ver?»
«Pois vamos lá»
Brada encantada a maman.
Não foi a promessa vã:
Numa cadeira trepado,

Que em tribuna logo arvora,
Eis o novo deputado
Que diz:
—«Senhor presidente!
Hei-de salvar o paiz.
O povo de fome chora,
Quer ser vestido e calçado.
Anda por 'hi indecente,
Roto, com os dedos de fóra.
Tudo por não ter dinheiro;
Seus meninos, coitaditos,
Não podem comprar *bonitos!*
É por isso que requeiro,
Com licença do papá,
Que uma boa lei se faça
Aqui já,
Para que se dê de graça
A casa, o fato e o comer
A qualquer
Que o precisar;
Para nunca se mandar
Que jante fóra da mesa
Ou fique sem sobremesa
Quem não souber a lição;
Para que os meninos vão,
Pelos bazares buscar
Cada qual o que quizer
Dos *bonitos* que alli ha;
Ficando eu autorizado
A ir primeiro ao *Chiado*,

Com a maman ou o papá,
E para casa trazer
O que mais me appetecer.
Isto feito muito bem,
Será feliz
O paiz,
E os seus meninos tambem.»
Disse, e foi logo a correr
Á maman que o abraçou
Com muito e muito beijinho,
Pelo seu discurso bello:
O papá deu um risinho
Amarello,
Pois da graça não gostou.

Quem filho de peixe for
Será um bom nadador.
Para si vai procurando
Muito bom procurador
Negocios d'outrem tratando ([162]).

FABULA 132.ª

A andorinha e os passarinhos

Muito apprende viajando
Quem viaja, e não é tolo;

Pois, tendo fraco o miolo,
Dinheiro e tempo esbanjando,
Burro vai e burro vem,
Qual o outro a Santarem;
Ou póde vir peiorado
Mui ancho e empertigado
Com fumaças de... cavallo.
Mas d'esses aqui não fallo;
Sim de uma certa andorinha
Que muito apprendido tinha
No seu longo viajar.
Ora um dia
Em que via
Andarem a semear
Num campo muita linhaça
—«Olhem a sua desgraça»
Disse ella á passarinhada
«Para mim aquillo é nada
Para vocês, porém, é
Ou a morte ou a *galé*.
Do linho que vai nascer
Vejo nascerem cordeis
De que em breve hão de fazer
Laços e redes fataes;
Muitas machinas crueis
Em que apanham os pardaes,
E a vocês hão de apanhar.
Por isso sem
Mais tardar,
É comer toda a linhaça,

Com cautela
Nem
Rastos deixando
D'ella,
E bom proveito lhes faça.»
Cantarolando
E comendo
Comida muito melhor,
Ouvidos de mercador
A isto os passaros dão;
Não
Temendo
P'rigo, que por longe estar,
Segundo a sua razão,
Era pouco de assustar.
Cresce o linho e a andorinha
Recomeça a ladainha:
—«Meus conselhos despresaram
E deixaram
Aquella peste crescer?
Agora resta morrer
Ou todo o linho arrancar.»
—«Não deixarás de prégar
Teus agoiros infelizes,
Bruxa velha e impertinente!»
Lhe respondem d'esta vez:
«Onde é que nós temos gente,
Onde a vês,
Para fazer o que dizes?»
E não pensaram em tal.

Maduro o linho a final,
—«Fujam!» lhes diz a andorinha:
«Tratem de se pôr a andar
Sem tardar:
Ou terão sorte mesquinha.»
Eis que a passarada toda
Se amontoa d'ella em roda
E lhe faz vil assuada
Surriada:
Era um temporal desfeito
Que par'cia,
Em decencia
E ingrezia,
(Salvo o devido respeito)
Sessão d'algum parlamento;
E os conselhos da prudencia
Levou-os comsigo o vento.
Tarde, coitados! piando
Muitos com a vida pagaram
Aquella sua demencia;
Outros, tristes se finaram
Acabando
De gaiola, em penitencia.

Assim pelo mundo vai
Caminhando
A leviandade,
Até que no abysmo cai:
Fecha os olhos á verdade,
Foge de se incommodar

Em quanto pode vencer
Alguma difficuldade:
Esta cresce de vagar,
Mas tammanha chega a ser
Que só resta emfim chorar,
Ou na desgraça morrer.

Escutae-me mães e paes:
Quando os filhos que educais
Não forem por bons caminhos,
Lembrae-vos dos passarinhos
E da sorte que tiveram.
Se não sois obedecidos,
Seguindo as idêas velhas,
(Algumas sensatas eram,
Em termos; só o abuso
Foi que lhes matou o uso)
Não lhes falleis aos ouvidos,
Puxae-lhes bem as orelhas (163).

FABULA 133.ª

O cego e o paralytico

Quando
Andavam legalmente
Muitos pobres mendigando

(Hoje é isso contrabando)
Coisa feia
Certamente;
Da qual, porém, o remedio
— Um asylo ou a cadeia —
Não me agrada
Mesmo nada;
Sentindo não ter havido
Quem achasse um termo medio,
Pelo qual o desvalido
Não fosse, como culpado,
Da liberdade privado.
Nesse tempo, um pobre cego
Ao seu bordão encostado
Ia com todo o socego
Por onde estava deitado
Paralytico a pedir;
No doente tropeçou
E foi-lhe em cima cahir.
—«Não vê que eu aqui estou!»
Lhe grita o pobre tolhido,
Que contra o cego se agasta
Não sabendo que elle o é.
—«E você,
Que 'stá ahi extendido
A grunhir,
Porque
De mim não se afasta?»
Responde o cego: «não vê
Que de todo cego estou?

Como havia de o enxergar?»
—«Deixam-me aqui a pedir
Até me virem buscar»
O outro lhe replicou:
«Que não me posso mexer.»
—«Irmão!» O cego lhe diz:
«Já que a natureza quiz
Que você não possa andar
Nem eu ver,
Não deixando de lhe dar
Vista boa,
E a mim pernas sans e fortes,
Unamos as nossas sortes:
Eu, por toda essa Lisboa
Vou carregar
Com você;
Por si ando, por mim
Vê;
E vivamos sempre unidos,
Dos ganhos bem repartidos.»
Dito e feito
De ambos com grande proveito.

Cego
Perspicaz assim
Sabia
Ver
A valer;
Claramente
Percebia

O que ha tanto anno eu prégo,
Toda a vida prégarei:
Não á força, ou de repente
Se hade
Revogar
A lei,
Impossivel de negar,
Da humana desegualdade.
Emquanto tal não se der,
Uns só capazes de ver,
Outros só de caminhar,
Em vez de se combater
Cruamente,
Tratem de se associar
De bom grado e irmãmente;
Todos nisso hão de ganhar
Em vez de muito perder (164).

FABULA 134.ª

Os cães valentes

Cercado
De canzoada
Que pasmada
O attendia,
'Stava um cão d'agua sentado.

Tinha elle viajado
As cinco partes do mundo,
E sabia
O que dizia,
Pois tudo estudara a fundo.
—«Amigos!» lhes brada então:
«Em que me custe dizel-o,
Pois tambem me chega ao pello,
Forçoso é confessal-o:
Degenerados estão
Os cães
Da nossa nação,
E os de muitas terras maïs.
Porém na India o regalo
Tive de os ver sem eguaes
E dar-lhes os parabens.
Que valentes animaes!
Accometter até vão
O leão
Nos mattagaes!»
—«E logram elles vencel-o?»
Pergunta, a um canto mettido,
Rafeiro
Velho e prudente,
Que um verdadeiro
Valente
No seu tempo havia sido.
—«Tanto não posso dizel-o:»
Lhe responde o orador;
«Porém ha de conceder

Que já é
Mostrar valor
Combater
'Té
Com o rei dos animaes!»
—«Eu só acho ser
Demais,
Quando o não possam vencer,»
Lhe torna o velho censor:
«Valentia sem prudencia
Tem seus visos de demencia.
Trata, pois, só de contar
Quanto se deva imitar,
Nobre sim mas de razão.
Essas loucas ousadias
Não
Passam de poesias,
Deixam a gente pasmada
Mas de si não valem nada.»

Incriveis heroicidades,
Lendas d'antigas edades,
Podem, se tanto, servir
A creanças divertir.
Todas as forças que tem
Deve cada qual medir,
Para ver
Quanto lhe cabe fazer,
E depois fazel-o bem (165).

FABULA 135.ª

O protesto

Uma cabra e um carneiro
Mais um porco eram levados
Á cidade
Num carro puxado a bois.
Os primeiros mui calados
De vontade,
O porco em alto berreiro.
—«Não pódes» diz-lhe o carreiro
«Como fazem esses dois,
Mudos que ninguem os ouve,
Calar a porca da bocca?»
—«Vae prégar
A uma horta,
E ganharás uma couve,
Pelas tuas prégações;»
Responde o porco a berrar:
«Esses tem cabeçaôca,
Se assim ir
Lhes não importa;
Ou talvez suas razões,
Que os levem a acreditar,
Um, que o querem tosquiar,
A outra, que vão mungir

O leite de porta em porta:
E póde ser que assim seja.
Eu, já sinto nas guelas
A dura faca espetada,
Já á carqueja
Queimada
Me cheira tudo; em morcelas,
Em chouriços me 'stou vendo
Feito já
E ao fumeiro;
Pois eu cá
Mui bem entendo,
Que me querem chacinar
E a carne e o sangue comer.
Contra isso e num berreiro
Protestar
Quero eu, até morrer.»

Tinha de certo razão
O porco, que protestava
Contra aquella que julgava
Injusta condemnação.
Protestar é um direito,
O qual se deve exercer,
Seja ou não certo o proveito
Que d'elle se possa obter.
Direi mais: é o dever
De sempre ao mal
Resistir.
Um só protesto, ainda justo,

Do fraco, sem protecção,
Em geral
De nada
Val';
Quem não
O queira attender
D'elle se vai
Rir
Sem susto;
Começo apenas de escada,
Degráo só mal
É notado;
Com um só golpe de machado
Não cai
O roble no chão:
Porém
Os tristes gemidos
De quem
Soffre injustamente,
Que nos parecem perdidos
Muito tempo em vão
Nos ares,
Lentamente
Reunidos,
Aos milhares,
Os degráos,
Os golpes são,
Com que vai a humanidade
Cortando os costumes máos,
Derruindo

A iniquidade;
E subindo
Á perfeição.
Os protestos, quando justos,
Crescendo chegam a ser
Os preceitos mais augustos
Para o mundo se reger (166).

FABULA 136.ª

A lagarta e o bicho da seda

Das artes industriaes
Numa grande exposição,
Que o leão
Promovera em seus estados,
Os diversos animaes
Ficaram muito pasmados
Vendo o cazulo da seda,
Obra tão bem acabada
De industrioso bichinho.
—«Talvez haja quem exceda
No fiado
Essa teia tão gabada:»
Disse baixinho
Com enfado
A lagarta,

Mais que farta
Já com tanto
Elogiar
Alto o dito repetiu,
A raposa
Quando o ouviu
Accrescentando-lhe:—«Espanto
Não deve causar
A glosa
Que nós ouvimos agora;
Sabemos que esta senhora
Tambem se mette a fiar (167).»

FABULA 137.ª

O argueiro

O grande Jove chamou
Um dia em roda de si
A quantos bichos creou
E assim lhes disse:—«Eis-me aqui
Para reparar aggravos
A todos os animaes:
Sejam mansos, sejam bravos,
Racionaes ou irracionaes,
Não reconheço excepções;
Exponham suas razões

Francamente e sem
Receio,
Que eu buscarei algum meio
De attender a queixas justas,
Não levando a ninguem
Custas.
Falla primeiro, macaco;
Muitas queixas has de ter
A fazer;
Anda lá, despeja o sacco.»
—«Nenhuma tenho, Senhor,»
Diz o mono: «pois melhor
Do que eu não vejo ninguem.
Se o homem duas mãos tem,
Quatro eu tenho e sou capaz
De duas erguer do chão,
O que nem
Sempre elle faz;
E tal é a admiração
Que consagra ao meu talento,
Que o vejo a cada momento
Tratando só de imitar.
O plebeu imita o nobre;
Vê-se o homem abastado
Copiado
Pelo pobre,
Até te quer egualar!
Depois de desfigurado
Segundo a sua razão
Com quantos defeitos tem;

Donde vem
Seres norma e imitação.
Sem
Do apreço aqui fallar
Que chegada a occasião
Mostra pelo meu dançar;
Peloticas, attitudes,
Que só trata de imitar.
Peço pois que não me mudes;
Lembra-te antes de emendar
Meu primo urso, coitado!
Foi muito mal acabado...
E quer-se photographar!»
—«Chamem esse desgraçado!»
Disse Jove», sem se rir,
«Quero ouvir
O seu recurso.»
—«Prompto!» respondeu o urso:
«Deixa fallar o macaco,
Que bem a fundo conheces,
E que, se aqui não 'stivesses,
Levava para tabaco.
Embora me chame hirsuto,
Em menos não me reputo
Do que elle, do que os demais
Animaes
Que tenham fino criterio,
E que em torno de ti vejo.
Apesar
Do meu ar

Serio
Da minha chanternidade,
Como elle posto nos pés
Eu sou capaz de dançar
A toque de realejo,
Com applauso da cidade,
Elegantes *balancés*.
Em mim não quero mudanças:
O elephante carrancudo,
Esse sim, que é um massudo,
E não nasceu para danças,
Pedaço d'um grande mono!
Parece ter sempre somno
Naquelle olhinho mortiço,
Sem rasto de sobrancelhas;
E que dentuça, que tromba!
Era bem grande serviço
O de aparar-lhe as orelhas,
E o rabo tão apoucado
Accrescentar
Com uma tomba.»
É chamado
O elephante, que vem
Jurar
Que 'stá muito bem;
Que em nada quer
Ser
Mudado,
Pois é gentil, comparado
Com a baleia,

Tão grande, tão gorda e feia,
Que até se vai esconder
Onde não a possam ver.
Vem esta affirmar
Que tem,
Muito mais do que ninguem,
Razão de estar
Satisfeita:
Que é grandita, mas perfeita;
Gorda sim,
Mas sem
Gordura
Nunca vira formosura;
Antes assim
Que formiga.
Esta
Citada
Protesta:
Que em nada
Do que ella veja
Deseja
Ser emendada,
Embora a baleia o diga,
Pois, se falla, é por inveja:
Que está deveras contente
Com o seu tammanho; é decente,
Gosa de boa saude,
E tem,
Mais do que ninguem,
Da previdencia a virtude.

—«Olha!» diz ella: «O oução,
Esse sim lá tem razão
De se queixar, coitadito!
Sempre é muito pequenito...»
E assim vão
Fallando todos;
Cada qual só tem apodos
Para os outros animaes,
Em si vê só perfeição.
Mas de todos o que mais
Mostrou sua sem-razão
Foi o rei da creação.
Em seu orgulho e tolice
Tanto disse
Enfatuado,
Tanta cousa parva e ôca,
Que, por fim, Jove enfadado
Mandou-o calar a bocca.
Tendo assim todos fallado
Sem nenhum se lhe queixar
Foram logo despedidos,
Convencidos
Do seu merito profundo,
E do alheio a criticar.

Assim foi sempre e ha de ser
Emquanto o mundo fôr mundo:
Cada qual procura ver
No olho d'outrem o argueiro,
Mas sem

Nunca perceber
Que tem
No seu um madeiro (168).

FABULA 138.ª

A culpa armada

'Stavam dois irmãos brincando:
Ora um d'elles, desejando,
Accusar,
Ver castigado
Seu irmão,
Que lhe não
Fizera mal,
Viu-se obrigado
A buscar
Á queixa alguma causal.
E assim poz-se-lhe deante
Com um dedo pouco distante
Dos olhos d'elle, dizendo:
—«Sendo
De todos o ar,
Não é mais teu
Do que meu,
E não tenciono arredar
Tão cedo

D'aqui o dedo.»
Toda a paciencia perdendo
O irmão
Na mão
Lhe deu
Um tabefe—«Ai! ai! ai!»
O outro correndo
Vai
Á maman: «que lhe bateu
O mano, sem ter
Razão,
E deve ser
Castigado.»
Assim o foi, attendendo
A mãe ao denunciado
Attentado
De bater,
De modo algum ao motivo
Do mesmo provocativo,
Percebel-o não podendo.

Cada dia se 'stá vendo
Empregar aquelle meio
(Que lejo,
De antigos mui praticado.)
Arma-se bem o enleio,
Segundo for conhecido
O genio do desgraçado,
Votado
A perdido

Ser,
'Té que, por mais não poder
Supportar com paciencia,
Perca emfim as estribeiras,
Galgue todas as barreiras
Da prudencia;
Dê por pedras, dê por páos;
Então
É que bons e máos
Todos á uma lhe dão (169).

FABULA 139.ª

A responsabilidade

Quem da causa é causador
A causa é do causado:
Porisso é *quasi* culpado,
Tanto
Quanto
O roubador,
O que fôr
Desmaselado,
Quem a porta não fechar
E se deixe assim roubar.

Um quinteiro, um lavrador,

Que boas gallinhas tinha,
Ia deitar-se á noitinha,
Contando que o seu criado
Tivesse todo o cuidado
(Como de certo devia)
De ver bem, se não havia
Alguma porta a fechar,
Dando para o gallinheiro;
Ia-se o moço deitar
Fiado num bom rafeiro;
E este farto do trabalho,
Todo o dia
Atraz do gado,
Ia
Dormir seu boccado
De vez em quando ao borralho.
D'esses taes num intervallo
Veiu a raposa matreira,
Como ha tantas,
E furtou
Da capoeira,
Ou matou,
Quantas
Gallinhas havia,
Não poupando nem o gallo.
No outro dia
O quinteiro,
Por se ver
Assim roubado,
Levantou alto berreiro;

Quiz despedir o criado,
A quem, para o castigar,
E elle assim menos perder,
Fez á custa do ordenado
Parte do furto pagar.
O moço foi-se vingar
Dando uma tosa no cão;
Que, sendo o menos culpado
Foi então
Mais castigado!

Quem o que é seu descurar,
De si se deve queixar;
E quem maus exemplos der,
Terá de se arrepender:
Reproduzidos,
Seguidos
Os pode contra si ver.
O mal, assim como o bem,
De cima é sempre que vem (170).

FABULA 140.ª

Os extremos

Um homem, por muito olhar
Para o sol, veiu a cegar;

Outro, que tal caso viu
E a mesma sorte temeu,
Da luz do dia fugiu,
Em negro antro se metteu,
D'onde nunca mais saiu.
Por modos muito diff'rentes
Ambos foram padecentes,
A final,
Do mesmo mal;
Pois nem um nem outro via,
Privado da luz do dia.

Muitas vezes assim vemos
Encontrarem-se os extremos (171).

FABULA 141.ª

O relogio de parede

Vendo pela vez primeira
Um relogio numa feira,
Dos que chamam de parede,
Chega-se um lapuz e pede
Lhe digam o que é aquillo.
—«Um relogio; assim se chama.
Pode você 'star na cama
Muito ás escuras, e ouvil-o

Dizer as horas que são.»
Repara então,
Mais attento,
No relogio o tal lapuz
E responde:—«Eu cá suppuz
Ser cousa de catavento,
Pois muda a cada momento,
Ora á esquerda ora á direita.
Será obra mui perfeita,
Mas eu vejo que desfaz
O que faz;
Por mais que você m'o atteste,
Não me parece que preste.»
—«Venha cá, faça favor,»
Lhe dizem: «Olhe você
Mais acima; e alli vê
Uma chapa com signaes,
Que se chama o mostrador,
Pois mostra a hora que fôr;
E dois braços deseguaes,
Chamados os dois ponteiros,
Pois nelle apontam certeiros,
Um todas as horas dadas,
Outro os minutos passados.
Anda para ambos os lados
Isso que ahi vê mexer,
Sessenta vezes contadas;
E então
Um dos ponteiros andou
Um só passo, e pode ver,

Olhando
O circulo inteiro,
Que sessenta quando
São
Deu um passo o companheiro,
E nenhum atraz voltou...»
—«O que me esteve a contar
Tanto monta para mim
Como se ouvisse miar
Em janeiro
Um gato no meu telhado,»
Brada o labrego enfadado:
«Isso será tudo assim;
Mas, se o olho não me mente,
O que eu vejo é mui diff'rente;
É fazer
E desfazer:
Adeus! Temos conversado.»
E foi-se mui convencido
De que lhe haviam mentido.

Vejo o mesmo acontecer
Com muitos, que não lapuzes;
E que, embora tenham luzes,
Não podem, não querem ver,
Que o processo
Natural á humanidade
No conseguir a verdade
É a acção
E a reacção,

Que o verdadeiro progresso
Em resultado lhe dão (172).

FABULA 142.ª

O juiz «ad hoc»

—«Se a aguia sabe voar,
Tambem eu sei; sou capaz
De fazer quanto ella faz;
Não duvido de apostar;»
Disse á toupeira o pardal:
«Tu inda assim não vês mal,
Vais julgar.
Alli a tens: ao abrir
As azas, heide a seguir.»
Assim fez,
Gritando: «Vês?»
A toupeira mal os viu,
Quando um e o outro partiram;
Um só momento os seguiu
No principio da jornada,
Pois logo ambos se sumiram
Ao seu tão debil olhar.
Ficando capacitada
De que podia o pardal
Bem qual

A aguia voar.

Segundo fôr o juiz
Que qualquer
Quiz
Escolher,
Assim julga e lhe dará
Alvará
De propheta
Ou de pateta,
De portento
Ou de jumento (173).

FABULA 143.ª

O lobo e o cão

Só com a pelle e o osso estava
Um lobo que jejuava,
Mas não por sua vontade,
Em desconto de peccados:
Tanto andavam resguardados
Da sua ferocidade
Quantos rebanhos havia
No cantão.
Era o dó de quem o via;
E porisso um cão

De gado,
Grande, forte e anafado
Encontrando-o certo dia
Lhe disse: — «Teu inimigo
Devéras
Eu já não sou;
Por signal que hoje te dou
Este conselho d'amigo:
Deixa o matto e as demais feras:
De tal viver o que esperas?
Fome certa: cada vez
É mais raro que uma rez
Se extravie e tu a colhas:
Não comes hervas nem folhas
Nem bolotas nem raizes,
Nem tens lá mui bons narizes,
Embora da nossa raça,
Para viver só de caça.
Guerra sempre; crua guerra
D'exterminio em toda a terra,
Que todos os dias é
Pelos homens mais e mais
Conquistada
E occupada,
Onde podem pôr o pé.
Entre os varios
Animaes
Escolheram
Aquelles que lhes par'ceram
Uteis, senão necessarios;

Os demais
São inimigos,
Dão-lhes caça
Para acabar-lhes com a raça.
D'aquelles
Só são amigos,
Quando mansos se sujeitam,
Porque d'elles,
Se aproveitam
Para o trabalho, ou sustento,
Ou para divertimento;
Nem as pelles
Lhes engeitam;
Vão vivendo á sua custa,
(Na humana sociedade
Chama-se a isto — amizade.)
Não quero saber se é justa
Essa guerra, ou se o não é:
Tenho por ponto de fé
Que os homens hão de vencer,
Pois tem muito mais saber,
E nós somos animaes
Menos que elles racionaes.
Porisso, meu caro lobo,
Antes ser sabujo e bobo
E regalado viver,
Do que metter-se a valente
Não tendo em que atole o dente,
E no fim vir a morrer
Ou de fome ou de algum tiro.

D'aqui é que eu não me tiro:
O meu bestunto me diz
Que, se tudo isto assim 'stá,
É porque Jupiter quiz,
O qual, certo, a força dá
A quem
Tem
Melhor razão;
Ou esta dará
Á força,
Tanto orça
Para mim.
Se não
Queres acabar
Ou d'um tiro ou de laseira,
Assim
Deverás
Pensar;
E verás
Quanto fagueira
Te vai correr
Esta vida.»
—«Porém, como hei de apprender
Esse modo de viver?»
Diz o lobo, decidido
A deixar a dura lida
Em que havia encanecido.
—«Facilmente,
Meu irmão,»
Responde contente

O cão:
«Eu num instante t'o ensino,
E não sou grande doutor,
Nem me tenho por ladino:
Fazer festas ao senhor,
Mas sem lhe sujar
Os fatos;
Respeitar
Muito a senhora
(Ellas gostam mais dos gatos);
Aturar
Tudo ao menino,
Por mais que seja mofino;
Correr pela porta fóra,
Muito bem esmordaçado,
Quanto pobre esfarrapado
Em casa se introduzir;
Perseguir
A quem passar
A cavallo ou de cajado;
Agradar
Muito ao creado
E não menos á creada,
E ter a casa guardada.
Em troca terás decente
Cama; e para o teu dente
Bellos ossos de tutano,
Fartas sopas e bem gordas,
Com que engordas,
E tua festa á mistura.

É um viver franciscano!»
Chora o lobo de ternura
Pensando em tanta ventura,
Que mal parece verdade.
—«Partamos já para a herdade»
Disse elle: «meu caro irmão!»
—«Vamos, lhe responde o cão.»
Marcham ambos de conserva.
O lobo que tudo observa,
Vê ao outro mui rapado
Um pedaço
Do cachaço.
—«Estás ahi tão
Pellado!
O que é isso?»
—«Não
É nada:
Sempre és muito espantadiço!
São effeitos da colleira,
Que está um pouco apertada,
Mas é ligeira
E dourada.»
—«Pois tu não andas á solta?»
—«Nem sempre: dou minha volta,
E depois sou amarrado.»
—«Fico-te muito obrigado
Por tuas boas tenções;
Mas foram-se as illusões
Que eram bellas em verdade,
Para mim, sem liberdade,

Sempre é mau qualquer contracto.
Adeus cão, eu volto ao matto,
Pois prefiro alli morrer
De fome, á vida algemada.»
E, sem que resposta ouvisse,
O lobo deita a correr
Mais que se ao rabo sentisse,
Alguma lata amarrada.

Entre a morte e a escravidão
Quem duvida de escolher
A primeira, com denodo?
Por certo só quem tiver
O vil modo
De pensar, que tinha o cão (174).

FABULA 144.ª

A leoa e a coelha

«Leoa!» disse a coelha:
«Não vejo porque será
Que eu, indo já
Para velha,
Tenho ainda em cada um anno
Tantos filhos que... sei lá?
Ás dezenas!

Emquanto, se não me engano,
Tu para amostra do panno
Um apenas
Podes ter.»
—«É facil de perceber,»
A outra lhe respondeu:
«Teus filhos laparos são;
Um leão
O filho meu.»

Vale a boa qualidade
Muito mais que a quantidade (175).

FABULA 145.ª

Esopo e o burro

Foi o burro ter com Esopo
E disse-lhe:—«Eu não me poupo
O mundo a moralizar,
Poisque a tudo me sujeito;
Nisso te quero ajudar,
Como julgo tenho feito.
Mas vamos lá: o zurrar
Sempre, sempre, não tem geito.
Vê se me podes metter
Nalgum conto,

Sem fazer
Papel de tonto,
De ignorante patarata:
Cousa chistosa
E sensata
Diga, embora faça rir;
Uma glosa
Apimentada,
Um dito bem acerado,
Me podes attribuir
Contra essa infame cambada
Que me quer sempre albardado.»
—«Amigo!» Esopo lhe diz:
«Eu não quiz
Nunca offender-te;
Talvez mesmo não acerte
Quando te pinto, qual julgo
Que tu és, e o crê o vulgo:
Mas, se eu te fosse pintar
Outro, punham-se a gritar
Que havia errado a pintura,
E que tinhamos ficado
Tu, moralista assisado,
Eu, com a tua emboccadura.»

Se quem
Fizer boa cama
Nella póde bem
Dormir;
Destruir

A ruim fama
Facil não é conseguir ([176]).

FABULA 146.ª

A caridade economica

Eu conheci um sujeito
Que nunca deu uma esmola
A ninguem:
Tinha arranjado a seu geito
Norma de fazer o bem
Não gastando um só vintem,
E vejo que deixou 'schola.
Extremava o tal amigo
Muito o pobre do mendigo:
Era este sempre um vadio
Que trabalhar bem podia,
Um sadio
Que doente se fingia,
Rico, talvez, encoberto,
Que não car'cia
De certo
D'essa esmola que pedia,
Senão de ser castigado.
Era o outro um desgraçado,
Bem digno de compaixão:

Esse sim,
Pobresinho envergonhado,
Escondido, sem ter pão,
Sem ter nada,
Nalguma agua-furtada
Onde morria
Por fim.
A sorte d'este chorava;
Porém nunca o procurava
Nem sabia
Onde existia.
Quem não apparece
Esquece:
Porisso nada lhe dava.

Ser melhor não te parece
Desprezar a tal eschola,
Pois Deus sabe quem merece?
E darmos
A nossa esmola,
(A pobres envergonhados
Sem deixarmos
De acudir)
Aos velhos aos aleijados,
Áquelles que desgraçados
Por ahi vemos soffrer?
Emquanto lei não vier
(Deve vir,
Se querem ser
Coherentes...)

Que puna como malvados,
Com penas pouco differentes,
Tanto quem esmolas dá
Como quem as vai pedir?...
Pois a todos claro está
Que ambos elles são
Culpados:
Um por extender a mão,
O outro por lhe dar pão.
E, que se a lei impedisse
De esmolas dar a mania,
Não
Havia
Tanto pobre que as pedisse (177)?

FABULA 147.ª

O cão, o lobo e o pastor

Atraz d'um lobo gritava
(Que prudente se afastava)
Certa tarde
Um cão de gado,
O qual ia acompanhado,
A distancia, do pastor
D'um enorme chuço armado.
—«Não fujas de mim, covarde!...»

—«Não faças tão grande alarde,
Impostor,
D'essa tua valentia!
Como vens com as costas quentes
Já não temes estes dentes...»
Brada o lobo, que sabia
Porque o outro assim fallava:
«Olha que estás enganado;
Não fujo
De ti, sabujo;
Nem do pastor se me dava,
Se estivesse desarmado
(Achou isso mais prudente,)
Vocês veriam então...»

Valente
Como era o cão,
Ha por ahi muita gente (178).

FABULA 148.ª

A aguia e o mocho

Depois de feitas as pazes
E dado o fraternal chocho,
Disse á aguia o negro mocho:
—«Vê lá agora o que fazes!
Os meus filhos não devores.

Tão espertos!
De lindas pennas cobertos,
Olha, são mesmo umas flores!
Mostram ter tanto talento
Que de fazel-os doutores
Eu não desisto do intento.
Mal te podes enganar,
Se não 'stás de todo cega.»
Responde a aguia:—«Socega!
Para que has de dizer mais;
Com todos esses signaes
Não t'os posso devorar.»
E dizia
Com verdade
A aguia quanto sentia.
Quem é fraco
Tem maldade,
É velhaco,
Trapaceiro,
Seja lá elle quem for:
É a matreira raposa,
A serpente venenosa,
Tartufo, calumniador.
Quem é forte é verdadeiro;
Honrado, porque é brioso,
Tem nojo do mentiroso.
Não as forças corporaes,
O valor
Inspira o forte,
Que antepõe soffrer a morte

A vilezas praticar...
Para que hei de dizer mais?
Foi ella encontrar
Um dia
Em toca mui bolorenta
Ninhada
Feia e nojenta:
Vontade não lhe mettia
De a comer; mas, apertada
Da fome, enguliu a empada
Muito pouco estomacal.
Tinha-a apenas
Devorado,
Deixando só pés e pennas,
Quando lhe apparece ao lado
O mocho!... Imaginem qual
Foi o seu grito de dôr,
Seu brado de indignação,
Vendo espalhados no chão
Os restos dos filhos seus!
Erguendo os olhos aos ceos
Pede um raio vingador
Sobre o impio matador.
Pesarosa então
Lhe diz
A aguia:—«Amigo, eu não
Quiz,
Juro ao céo, causar-te lucto;
Isto foi o triste fructo
De tu me informares mal,

Poisque nem um só signal
Tinham elles de entre tantos
Signaes que um dia me déste.»
—«Ai de mim! que não soubeste»
Lhe responde o mocho em prantos:
«Quando me estavas ouvindo,
Perceber que os meus filhitos
Eram para mim bonitos,
Embora não para os mais;
E que um filho sempre é lindo,
Visto com os olhos dos paes.»

Inda mal
Que esta cegueira,
Infeliz, é verdadeira;
Bem como o seu resultado
Muitas vezes é fatal.
Não seja o filho educado
Só com os mimos de seus paes,
Que nelle não vêem mais
Do que raras perfeições:
Eu não fallo de feições,
Mas do brio e qualidades
Moraes,
Intellectuaes.
Fojem as tenras edades,
Vem os annos que os ensinam,
(Quantas vezes cruelmente?)
Que não é o que imaginam
O modo de educar gente (179).

FABULA 149.ª

A velha e a gallinha

Mulher avarenta e velha,
(De dotes feia parelha!)
Sustentava uma gallinha,
Na qual um thesouro tinha,
Pois lhe punha cada dia
Um ovo e quem tal diria?
De boa prata massiça!
—«Se muito o papo lhe enchesse,
Talvez dois ovos posesse;
Maiores eram meus ganhos:»
Movida da vil cobiça
Pensou ella; e assim o fez.
Cada dia duas, tres,
Vezes com os torpes gadanhos
De comer o atafulhou,
Até que tudo perdeu:
O papo lhe rebentou,
E a gallinha assim morreu ((180).

FABULA 150.ª

O lobo e o homem

Um lobo,
Vendo que o roubo
Cada dia menos dava,
Porque mais e mais estava
Elle já cançado e velho;
Quiz seguir outro caminho
Menos p'rigoso e damninho.
O conselho
Foi prudente;
Mais que o *nunca* vale o *tarde:*
Porem
Que ninguem
Retarde
O que lhe cumpre fazer
Diligente;
Não lhe aconteça perder
As boas occasiões
E fique tudo em tenções,
Até que venha o morrer.
Este lobo andou melhor:
Procura certo pastor
Que o seu cão tinha perdido,
(Inda assim falla afastado

Com receio do cajado,
Que era comprido
E ferrado.)
—«Pastor!» lhe diz: «venho aqui,
Porque emfim me resolvi
A deixar
De ser ladrão:
Dá-me o logar
D'esse cão
Que te morreu, e verás
Nunca te arrependerás.
Já 'stou maduro, é verdade,
Mas muito póde a vontade:
E, andando eu bem tratado,
Pasmarás
Ao vêr-me guardar o gado.
Nada terás
Que temer,
Dormindo mui descançado.»
—«E, se eu te fosse metter
Em casa, quem guardaria
Contra ti o meu rebanho?
És esperto!
Tinha graça se eu cahia
Em tammanho
Desacerto!»
—«Pastor!» continua o lobo:
«Não quero viver
De roubo,
Mas eu não hei de morrer

Á fome. Se não me queres
Em casa, vê se preferes
Ao mal que posso fazer-te
A paz que venho offer'cer-te.
Ovelhas inda te posso
Muitas no anno matar;
É carne que tem seu osso,
Sempre é a pelle arriscar...
Mas assim tenho vivido
Das muitas que te hei comido,
E posso ainda viver
Das que te venha a comer.
Façamos pois um ajuste,
Que julgo ser razoavel:
Tu dás-me (em que te custe,
Pois dar não te é agradavel,)
Cada um anno seis ovelhas,
Sejam magras, sejam velhas,
Ou ainda adoentadas;
E temos feitas as pazes.»
—«Se outra proposta não trazes,
Perdeste, vindo ora aqui,»
Diz-lhe o pastor: «as passadas.»
—«Se tu achas que pedi
Muitas, olha, eu não me affinco
Em serem seis; dá-me cinco.
Dá-me quatro, dá-me tres...»
O pastor
De cada vez
Lhe diz que não, com a cabeça.

—«Essa
Agora era melhor!»
Brada emfim: «ir eu pagar
Tributo para evitar
Que o meu gado
Me fosse por ti roubado!
Nem uma te quero dar,
Nem um cordeiro sequer.»
—«E, quando alguma morrer
De doença,
Dás licença
Que eu a venha aqui buscar?»
—«Nem licenças, nem conselhos,
Nem nada te quero dar.
Inimigos somos velhos,
E mui bem diz o dictado:
Quem seu inimigo poupa
(Muito mais quem o soccorre)
Ás mãos de certo lhe morre:
Para ti só um forcado,
Uma choupa,
Ou um tiro, e nada mais.»
—«Pastor! pastor! é demais:
Nem um osso
Me queres dar! Eu não posso
Comer hervas; só as come
Quem nasceu para as comer:
Não hei de morrer
Á fome;
Tu não me deixas viver:

Abusando da destreza
Que te deu a natureza,
Tomaste conta de tudo,
Quer pequeno quer graúdo,
Nada deixando aos demais
Desgraçados
Animaes;
Senão aos escravisados
Por ti, em proveito teu:
Ao mundo para viver
De certo tambem vim eu.
Usurpaste toda a terra:
Hei de pois mover-te guerra,
Ou de fome hei de morrer.»
—«Morre!»
Lhe brada o pastor:
«Melhor
Não podes fazer;
Que eu de ti não tenho dó.»
O lobo perde a cabeça,
Furioso eil-o corre:
—«Pois não hei de morrer
Só!»
Grita; e ao homem se arremessa.
Travam lucta: o homem brada,
Gente armada
Lhe acudiu,
E morto o lobo cahiu:
Mas, se o pastor não morreu,
Das f'ridas o resultado

O deixou em tal estado
Que toda a vida soffreu.

Teriam ambos razão?
Uns dizem: sim,
Outros: não.
Sempre assim
Foi e ha de
Ser
Em toda e qualquer
Questão.
A que chamam social
Com respeito á humanidade
(Áquella algum tanto egual)
A meu ver
Mal
Se pode resolver.
Que decidam
Os que sabios se appellidam
O que convenha fazer.
E seja para melhor;
Ou teremos que soffrer
Sorte egual á do pastor,
Quando não seja peior (181)...

FABULA 151.ª

As aranhas e as boas-novas

Em casa d'uns agoirentos
Guerra faziam de morte
Ás aranhas, que nojentos
Insectos devéras são;
Mas por mera embirração
De as terem como funestas.
Melhor sorte
Alli tinham borboletas,
Não as pretas
(Tambem estas
São mofinas
E levavam suas sóvas);
Mas as brancas, pequeninas,
Ás quaes chamam boas-novas,
Porque trazem novas boas
A pessoas,
Ás vezes das mais machuchas,
Que são tementes a... bruxas.
Até as iam
Salvar,
Se as viam
Presas estar
Das vis aranhas nas teias.

Santa gente!
Andavam as casas cheias
Do tal bichinho... innocente.
Porém, quando um dia abriram
Gavetas
Onde guardavam
Roupas de lã, então viram
Que eram petas
Tudo quanto acreditavam;
Poisque o fato lhes traçavam
As presadas borboletas,
Emquanto as feias
Aranhas,
Ao contrario, as ajudavam,
Já com as teias,
Já com as manhas,
A dar cabo de inimigos
Que passavam por amigos (182).

FABULA 152.ª

O burro e o espelho

Burro que, embora já velho,
Muito bem não conhecia
As feições com que nascera,
Nem sabia
O que era

Espelho;
Quando se viu retratado
Num grande, que pendurado
Estava
Em salla de espera
Onde por acaso entrou,
Exclamou,
Pois julgava
Que fallava
A outro pobre animal,
Embora da sua raça;
—«A tua ignobil caraça,
Teu aspecto bestial,
Imagem da estupidez!
Mostram bem o que tu és,
O que ha de d'ahi surdir
Escoria da natureza!»
—«Olha que tu 'stás a rir
De ti, da tua belleza!»
Pousada sobre uma mesa
Pêga mordaz lhe gritou.
O burro ficou
Passado,
Quando a pêga se explicou:
Depois, tendo bem fitado
A sua imagem, bradou:
—«Já aqui não 'stá quem fallou:
Reparado
Agora
Tenho melhor,

Sim, senhor!
Fôra
Mais que vituperio
Zombar
D'aquelle olhar
Serio;
Conhecimento do mundo
Apresenta e bem profundo:
Aquella orelha cahida,
Aquelle cahido labio,
Signaes são de quem a vida
Levou sempre a meditar;
Quem quizer
Pintar
Um sabio,
Assim o deve fazer,
Ou será fraco pintor.»

Ambos nos rimos, leitor,
Do burro: não somos sós,
Elle a todos causa riso
O peior
Será se nós
Mostrarmos egual juizo
Fazendo amargas censuras
Aos outros por seus defeitos,
Os quaes, se nossos achamos
Muito depressa julgamos
Virtudes e formosuras,
Porque nós somos perfeitos (183).

FABULA 153.ª

Os altos e os baixos

Para o bem
E para o mal,
Seja lá para o que fôr,
De cima os exemplos vem:
É o homem animal,
Mais que tudo, imitador.

Amanhando um lavrador,
Já de edade,
A sua herdade
D'altos e baixos composta,
Adubava
Bem a encosta
Dos oiteiros 'té ao cimo,
Mas aos valles nem um limo
Para adubo ministrava.
Reparando, alguem lhe disse:
—«De taes cousas pouco entendo,
Mas parece-me tolice
O que você 'stá fazendo,
Pois aduba só metade
Da terra da sua herdade.»
—«Amigo!» responde o velho:

«Ou seja tolice ou não,
Eu cá sigo este conselho
Que me deixou
Meu avô
E que a razão
Dá tambem;
Pois, assim que as chuvas vem,
Acarretam dos oiteiros
Para os valles os nateiros,
E fica tudo adubado.»

Seguido seja o conselho,
Para o bem da sociedade,
Que o tal velho
Ajuizado
Seguia na sua herdade:
Tenha a metade
Mais alta
Moral com educação,
E verão
Como á outra nada falta (184).

FABULA 154.ª

O burro com a pelle do leão

Jazia no duro chão,
Morto de velho, um leão:

Eis que se chega o sendeiro
D'um jumento,
Que, á falta de testamento,
Se declara seu herdeiro.
Era bem pobre o espolio
De quem occupára o solio...
Revestindo a velha ossada,
Deixava a pelle, e mais nada!
(Nem sempre assim acontece.)
Não houve pois sahimento
D'este rei, ou testamento,
Ou quem a pelle quizesse!
Outr'ora tão respeitada,
Foi então
Aproveitada
Por vil burro lazarento!
D'ella vestido parece
Um leão
Mesmo a valer:
Corre logo a bom correr
Séca,
Méca,
Olivaes de Santarem;
E ninguem
Que, ao vêl-o, não fuja d'elle
Ou antes do fardamento.
Mas tanto corre o jumento
E, cedendo á manha velha,
Tantos coices dá, que a pelle
Se lhe entorta e mostra a orelha.

Sendo assim reconhecido,
Apupado e bem zurzido,
Abandona a nobre farda
E volta a envergar a albarda.

Meu leitor, não te parece
Que assim nem sempre acontece
Neste mundo, infelizmente?
E que muitos figurões,
Por mais que mostrem orelhas,
Dêem coices ás parelhas,
Não deixam de ser leões
Para muita e muita gente (185)?

FABULA 155.ª

O leão com a albarda do burro

A rompantes de leão
Furibundo
Quantas succedem no mundo
Retiradas de jumento
Lazarento!

Os filhos do pae Adão,
Ou antes
Seus descendentes
Porém não

Dos mais distantes,
Lá por esses Orientes
Onde ha tigres e leões,
Tinham suas relações,
Se bem que um tanto forçadas,
Com feras, hoje acossadas
'Té á beira dos sertões.
Nesses tempos um leão,
O terror
Do seu cantão,
Se sente
Mui seriamente
D'amor
Um dia doente
Por uma bella
Cachopa
Com quem por acaso
Topa,
E ao pae
D'ella
A vai
Pedir.
Para rir
Não era o caso:
O pae tinha medo d'elle,
Muito amor á sua pelle,
E aos seus rebanhos tambem,
Para ousar
Francamente
Recusar

Tão temivel pretendente.
Uma lembrança lhe vem,
Que o salvou d'aquelle p'rigo:
Foi pedir ao tal amigo
Uns diasinhos d'espera,
Para a filha resolver,
Para aos parentes fallar.
Consente a fera
Em esp'rar;
No intervallo tecer
O outro póde a traição,
Pois, quando volta o leão,
Lhe diz com ar satisfeito:
—«O casamento 'stá feito;
Porém ha de consentir
No que lhe vou exigir
Da parte da rapariga.
(Ella é muito sua amiga!)
Mas, meu genro, que ha de ser
Se esse amor é a valer,
'Stou que não deseja
Ter
Cousa nenhuma que a assuste?
Porque, sem vontade aleija,
Veja
Pois, em que lhe custe,
Se consente
No perder a garra e o dente;
Se não,
Retiro a palavra;

Temos o caldo entornado.»
Cegado
Pela paixão,
Que no sangue em fogo lavra,
Por tudo esteve o leão.
Não foi chloroformizado,
Porém
Bem
Magnetizado
Pelos olhos da donzella
Durante a operação.
Finda ella,
Transportado
Foi para tomar alento
A telheiro onde dormiu
Até o seguinte dia,
Em que havia
De ser
O seu casamento,
E os olhos á luz abriu.
Indignado
Fica o leão de se ver
Albardado,
Como se fora um jumento!
Quiz ainda reagir;
Mas, sem garras e sem dentes,
Teve de se persuadir
Ás pauladas... eloquentes,
De que era furia baldada,
Pois já não podia nada.

Então
Um burro lhe diz
(Aquelle mesmo que quiz
Ser havido por leão,
E agora
Seu camarada :)
—«Embora
Provoque risos,
O que eu fiz
Tinha visos
De razão;
Procurava ennobrecer:
Tu porém nobre qual eras,
O primeiro de entre as féras,
Foste assim tudo perder
E descer,
Levado pela paixão,
Abaixo do pó do chão!»
O triste nem teve um urro
Para responder ao burro;
Tanto elle tinha razão.
E um leão!
Que outr'ora forte e temivel,
Temido tanto, viveu,
Chorou em vão
Seu peccado,
E assim morreu,
Desprezivel
Desprezado,
Quaes os tristes burros são (186).

FABULA 156.ª

Os presos innocentes

Nessas antigas edades,
Quando os reis pelas cidades
A fazer
Justiça andavam,
(Isso então podia ser,
Governavam
Quasi que a seu bel-prazer.
E o processo
Era summario,
Dando largas ao excesso
Tentações ao arbitrario,)
Foi um rei ver a cadeia;
'Stava cheia
De accusados,
Condemnados,
Por diversos maleficios.
Chamados
Pedem a el-rei,
Cada qual mais impudente,
Que salve aquelle innocente,
Por dura lei
Castigado
Sob os mais falsos indicios.

Porém um, envergonhado,
De olhos no chão
Nada disse.
Notou el-rei que este só
Justiça lhe não
Pedisse,
E d'aquella bisonhice
Muito estranha teve dó.
—«E tu» lhe diz: «és
Culpado?»
Foi então
Que o desgraçado
Lhe cahiu aos pés
Bradando:
O meu castigo mer'ci,
Sêde commigo clemente!»
—«Ponham já
Fóra d'aqui,
Que me está
Contaminando
Tanto vassallo innocente»
Grita el-rei: «este malvado!
E foi-se sem dar signaes
De se importar com os demais.

Quem seu peccado
Confessa,
Diz um antigo
Dictado,
Não merece ter

Castigo.
Essa
Doutrina não sigo;
Só approvo que o culpado,
Se é sincero,
Capaz de se arrepender
Se o fizer,
(Vamos lá... um sobre cem?)
O tenha menos severo.
Mas haja muita cautela,
Não se vá soltar
A trela
A um malvado,
Que chora bem
Amestrado,
Para a justiça enganar (187).

FABULA 157.ª

O rato e a ostra

Um rato foi viajar,
Rato pouco experiente,
Como o é, naturalmente,
Quem viaja a vez primeira.
Julgou-se no fim do mundo
Quando teve de parar,

Depois de muita canceira,
Á beira
D'um mar
Profundo:
Era qual o *Tenebroso*,
Esse pégo fabuloso
Que os antigos aterrou.
Pela praia foi andando
E notou
Muitas ostras bocejando,
Que julgou
Deverem ser papa-fina:
Imagina
Ter achado um bom almoço.
D'uma se vai achegando,
Ao que mostra,
Cousa boa, e a atacou;
Invadida fecha a ostra
Entalando-lhe o pescoço;
Quanto mais elle estrebucha,
Mais se fecha a viva hucha,
Até que o rato,
Coitado!
Em vez de ter almoçado
Fino prato,
Alli morreu enforcado!

Tu, ratinho de dois pés,
Que me lès,
Foge sempre de arriscar,

Entalar,
Tão
Á tonta,
Essa
Cabeça
Em cousa para ti nova,
Não
Te venha a morte ou sóva...
Tenta primeiro o caminho
Só com a ponta
Do rabinho (188).

FABULA 158.ª

A raposa côta

Apesar de archimanhosa,
A final
Certa raposa
Foi apanhada num laço,
No qual
Um grande pedaço
Do rabo, ou todo, deixou.
Para sanar
O fracasso,
Sem tratar
De o pôr postiço

(Só mais tarde se usou
D'isso)
Do seguinte se lembrou:
Convocou
Em certo dia
Meeting que ella pretendia
(O reclamo não é novo)
Ser de maximo int'resse
Para o bem
Geral do povo:
Que tudo, pois, appar'cesse.
Assim foi. D'aqui, d'além,
Corre toda a raposada,
Ao tal
Local
Indicado,
Onde encontra já sentada
Em logar mais elevado
A raposa, que lhes diz:
—«Senhoras! eu hoje quiz
Vêl-as aqui reunidas
Para serem discutidas
Algumas graves questões;
Uma de certo bem séria,
Ácerca da qual, talvez,
Em muitas occasiões
Pensaram Vossas Mercês.
Eu vou entrar na materia:
'Stamos vendo
Em toda a parte

Quanto a arte
Vai vencendo
A natureza
Em commodos e em belleza.
Quem nega hoje o progresso?
Tudo o que lhe fôr avesso
Seja por nós combatido.
Logo, é forçoso dar cabo
D'este incommodo, comprido,
Nosso inutil, feio rabo.»
(Aqui ouviu-se um ganido,
Talvez d'alguma raposa
Mais nervosa,
Que toda se arripiou.)
«Senhoras!» continuou
Eloquente o orador:
«Muito embora ser maior
Não possa a gana que temos
Aos homens, pensais commigo
Que devemos
Imitar um inimigo
No que faça com juizo.
Dizer-se não é preciso
Que o homem rabo não tem:
Mas pergunto:—nunca o teve?
Não decidamos de leve
Para decidirmos bem.
Mui sabios sociologistas
E philologos peritos,
Que vos não apontarei

Por serem longas as listas,
Mas dos quaes sempre direi—
Ninguem
Os tem
Por farcistas, —
Nos provam com seus escriptos
Que as antigas tradições
Não se perdem nas nações,
Conservando-se em vocabulos,
Em phrases, que são retabulos
Onde o passado se mostra.
Vou dar-vos mais d'uma amostra:
Aos homens ouço affirmar
Ser o peior de esfolar
O rabo: tanto é dizer
—Foi o ultimo signal
Que ficou do animal,
Custando a desappar'cer. —
Pois aquella locução
—*Quem tem rabo não se senta* —
Que idêa nos representa?
O que quer
Dizer
Senão,
Que os reis, os ricos, os nobres,
Quando já bem derrabados,
Não soffriam que os creados,
Os vassallos, ou os pobres,
Aquelles
Que ainda o usassem,

Perante elles
Se sentassem?
E por encurtar cavaco
Muito fica ainda no sacco.
Isto são
Provas ou não?
Argumentos categoricos
De que rabos houve humanos,
Ha talvez milhares d'annos,
Nesses tempos prehistoricos?
Hoje em dia não os ha;
E porquê? Bem claro está:
Mais não quiz o homem soffrel-os.
Assim trata elle os cabellos
Que corta de quando em quando,
Assim vai rapando
Os pellos
Que lhe nascem pela cara,
Assim as unhas apara...
Imitemos-lhe a prudencia;
Dêmos a devida cresta
A esta
Incommoda excrescencia.
Com brado tão
Aziago,
Qual o *delenda Carthago*
Do venerando Catão,
Por mim sempre repetido
Até que seja attendido,
Senhoras! aqui acabo:

—Dê córte perpetuo ao rabo
O cutello da razão!»

Acabou: e, de pasmadas
Ao ouvir-lhe aquellas prosas,
Ficam todas as raposas
Por algum tempo caladas.
Uma emfim
Ousou fallar;
E erguendo-se, assim
Lhe diz:
—«A lembrança é mui feliz;
Mas tenho de lhe pedir
Que queira o côto mostrar,
Para bem se poder
Vêr
Como havemos de ficar.»
Teve a outra de se erguer.
Eis tudo desata a rir,
A ganir,
A regougar;
Emfim foi tal matinada
Que a pobre da derrabada
A tanto não resistiu,
E fugindo se sumiu,
Dando o *meeting* ao diabo,
Aos gritos de —«*Não tem rabo!*»

Que todo o *meeting*, assim
Convocado

Por tratante
Disfarçado
Em prestante
Patriota,
Sempre o corresse por fim
Com chacota
E até a bico de bota (189).

FABULA 159.ª

O urso, o macaco e o burro

Alvo de grande concurso
De animaes, dançava um urso,
Quando um macaco lhe diz:
—«Imagino
Que a natureza não quiz
Que tu fosses dançarino,
Visto que danças tão mal;
Obedece-lhe submisso,
E nunca mais penses nisso.»
Eis brada um burro:—«Alto lá!
Animal
Que melhor dance não ha,
Com graça mais natural;
E poucos verão
Eguaes.»
Ouvindo esta burrical,

Doutrinal,
Opinião
O urso não dançou mais.

Um homem douto e prudente
'Stando
Em publico a fallar
Deante de muita gente
Que attentamente
Escutava:
Notando
Quanto approvava
Com ruido
E riso alvar,
Um parvo já conhecido
Pela muita baboseira
Que de continuo soltava;
Estacou,
E baixinho perguntou
A quem o acompanhava:
—«Eu diria alguma asneira (190)?»

FABULA 160.ª

A desmoralização

«Isto está tudo perdido!
Isto é tudo engano e roubo!»

Enfurecido
Dizia
Á raposa um dia
O lobo:
—«Sabes o que me acontece?
Até mentira parece,
Mas é a pura verdade;
Nunca minto.
Vinha eu hontem, noite velha,
Trazendo da grande herdade,
Onde criam muita ovelha,
Detraz d'aquelle cabeço...
Sabes? a do bom arinto,
Um borrego que apanhei,
(Pesava quasi uma arroba!)
Eis no caminho encontrei
O leão, que d'arremesso
Se lança a mim e me rouba
O que era meu! Nem me deixa
Soltar, sequer, uma queixa
Contra a sua prepotencia!»
—«É precisa paciencia
Para este mundo soffrer,»
Lhe respondeu a raposa
Com voz muito pesarosa:
«Deixa tambem que eu te diga
O que vem de acontecer
Entre mim e uma mulher,
Trapalhona d'uma figa,
Que vai á praça vender.

Ella tinha
Uma suberba gallinha,
Creada a sêmeas e milho,
A que eu já chamava minha;
Com tenções de a ir buscar
Ámanhã, o mais tardar.
Pois, senhor, foi dal-a a um filho,
Que tratou de a degolar
Cruelmente,
(Parece que lhe ouço os pios!)
E d'ella caldos fazer,
Pois tem a mulher
Doente,
E eu fiquei a ver navios!»

Quantos lobos
E raposas
Se queixam, em eguaes prosas,
De grandes furtos e roubos (191)?

FABULA 161.ª

O charlatão

Charlatão, como os havia
Com fartura antigamente,
E ainda os ha

Infelizmente,
Com a diff'rença que hoje em dia
Tudo está
Mais apurado;
Hoje mente
Um estadista
Um ministro, um jornalista,
Sempre, porém, escudado
De armadilhas muito artisticas,
Disfarçadas,
Que elle diz fundamentadas
Em milhares de estatisticas;
Impingindo, bem ou mal,
A pedra philosophal
A quem a póde vender,
(A maioria estes são
Desde o nosso pae Adão)
E ao povo rude, coitado!
(Sempre aquelle que soffrer
Breve será enganado.)
Mas tornando á vacca fria,
Quer dizer, ao charlatão
D'os tempos que já lá vão:
Affirmava elle sem pejo
Que podia
Ensinar quanto sabia
A qualquer animalejo,
Ou manso fosse ou do mato,
Fosse cão ou fosse gato,
Burro emfim,

(O caso era bem pagar)
Que lhe fossem confiar
Para o sobredito fim.
Um rei, dos que havia então,
Mas onde, certo não
É
(Nem vale a pena saber)
'Stando de boa maré,
O sabio manda chamar
Para lhe bem ensinar
Só a ler
E a escrever,
Pois esse pouco bastava
(De sabios cançado estava)
Um burro d'os afamados
Burro d'os quatro costados.
Acceitou o charlatão,
Debaixo da condição
De lhe serem concedidos
Dez annos e bem contados,
Findos os quaes, se cumpridos
Os ajustes não 'stivessem
Na parte que lhe tocava,
Concordava
Em que lhe dessem
Feia morte de enforcado,
Recitando
O abecedario,
No tal jumento montado;
Porém, no caso contrario,

Seria
Recompensado;
Não cuidando
De mais nada,
A la grande passaria
'Té então vida folgada.
—«A forca tem
Você certa,
Já lhe vejo a cova aberta»
Disse alguem.
—«E eu vejo a sua tambem»
Retorquiu o embusteiro:
«Só Deus sabe quem
Primeiro
D'esta vida sahirá.
Por mim você não se assuste;
O mais provavel será
Que algum dos tres d'este ajuste
Não chegue a viver dez annos.»

É verdadeiro o dictado,
Tantas vezes esquecido
Apezar
D'os desenganos:
—Sempre se ha de
Acreditar
Cegamente
E com agrado
(Embora destituido
Torpemente

De verdade)
Quanto for apresentado
Que nos vá com o paladar.—
Os intrujões tem os *prós*
Bem seguros
Todos em seu beneficio,
(Um batoteiro de officio
Nunca joga a padre-nossos;)
Os *contras* são para nós,
Duros
Sempre que nem ossos (192).

FABULA 162.ª

Os ratos e as dóninhas

Os ratos e as dóninhas
Por serem nações
Vizinhas
(Que se saiba, por mais nada)
Resolveram dar pancada
Mutuamente; batalhar,
Verter sangue em borbotões,
'Té ficar,
Depois de final victoria,
Uma d'ellas arrasada
E a outra impando de gloria,

Mas muito mal amanhada.
Em ambos os parlamentos
Foi votado
Affrontar mares e ventos.
Brilharam grandes talentos,
Rasgos houve de heroismo
Futurado,
Brados de patriotismo
Em sonoros palavrões,
Com que muitos valentões
Se illustraram,
E Demosthenes lembraram,
Quer na tribuna a orar,
Quer no campo a... pelejar.
Entre a sabença
E o valor
Grande foi sempre a diff'rença.
Quizera eu que o orador,
(Ou quem melhor
É mais berra),
Quantos votassem a guerra,
Sempre fossem alistados,
E forçados,
Não lhes chegando a vontade,
A mostrar a heroicidade
Em que ardem, tambem por factos;
Em casa feitos pacatos,
Não ficando de reserva.
Começa a tapona:
Os ratos

Guiados pelo deus Marte
E sua mana Bellona,
As dóninhas por Minerva,
Quer dizer (se não me engano,
Já vi isto em qualquer parte)
Uns tinham valor insano
Valor os outros e arte.

Ter a cythara de Homero
Agora sim eu cubiço,
Pois, sem ella, como espero
Cantar tammanhas
Façanhas,
Tanto valor,
Tantas manhas?
É melhor
Deixar-me d'isso,
E dizer com o bom Camões
(Que de cór
Virgilio tinha:)
Ao mover dos batalhões,
Quando as trombetas soaram,
Quer no exercito dóninha
Quer no exercito arganaz,
Voltaram
Rios atraz!
E os filhinhos apertaram
Aos seus peitos, coitadinhas,
Ouvindo taes serenatas,
Mães ratas

E mães dóninhas.
Toca-se pois a rebate,
Trabalham unhas e dentes,
E só findou o combate
Por falta de combatentes!
(Se o que disse é disparate,
Lido em Corneille é belleza).
Depois de muita proeza
A Minerva cedeu Marte,
Nem sua mana Bellona
Se mostrou mais valentona,
Fugiram por toda a parte
Os ratos em debandada:
Porém, não seja alcunhada
Sua fuga de fraqueza,
Pois foi de animo grandeza,
Visto
Não desesperarem
Em tanta desgraça publica,
Mas esp'rarem
Salvar ainda a republica.
Nisto
A historia muito abunda:
Assim fez Caio Varrão
Depois da tunda
De Cannas;
E Roma louvou-lhe a acção,
(Estas minhas ratazanas
Tinham seu quê de romanas.)
Emfim quem pôde escapar,

Dar
Ás de Villa Diogo,
E o fez logo
Se salvou,
Foi louvado.
Quem morreu, por lá
Ficou,
Ou bem ou mal enterrado:
Mas não será
Esquecido,
Antes bem commemorado
Em brilhante centenario,
E com monumento erguido
Nalgum seu anniversario,
A pedido
De eloquentes
Descendentes
Dos que por casa ficaram,
Dos prudentes
Que á patria se conservaram.
Alguns, porém, figurões
Indo na fuga deixaram
Alli, d'esta vez,
A ossada;
Tantas atrapalhações
Tiveram suas mercês
Com os arnezes e pennachos
E guerreiros barbicachos,
Para os quaes era a entrada
Dos buracos apertada;

Em tanto que os ratos rasos
Soffreram menos acasos.

Quando ha publicos revezes,
É peior ser grande ou nobre
Do que pequenino e pobre,
Se não sempre, muitas vezes (193.)

FABULA 163.ª

O velho e o burro

Um velho, que se deitara
Á sombra d'alta sobreira
Para fugir da soalheira,
E o seu burrico deixara
Pastando a herva viçosa,
Viu gente vir duvidosa
(Talvez amigos do alheio)
E julgou
Que o melhor meio
D'aquelle p'rigo evitar
Era d'alli se mudar.
Porisso logo chamou
O burro, e disse: — Fujamos!
Não percamos
Um momento,

Que alli vem ladrões em barda!
—«Foje tu» volta o jumento:
«De certo que aquelles amos
Não me põem mais d'uma albarda.
Para que me incommodar?
Ou comtigo,
Ou com qualquer inimigo,
Burro sempre hei de ficar.»

Quando correm algum p'rigo
Ha espertalhões assim,
Que á sua sorte ruim
Procuram associar
Os que não tem que fazer
Com o seu ganhar
Ou perder (194).

FABULA 164.ª

Os premios

Esbracejava animado
Com outro fallando um dia,
Certo sujeito e dizia
Fôra sempre premiado
Em quantas aulas cursara;
Porém que nada lucrara

Com isso, pois preterido
Sempre e sempre havia sido.
E por quem?
Por muito João-Ninguem,
Que premio algum recebido
Tinha nunca em seus estudos.
Bradava,
Gesticulava
Citando exemplos frizantes
D'estudantes
Nas aulas uns botocudos,
Que hoje via figurões
Empregados,
Collocados
Nas mais altas posições;
E *mais ia*
Por deante o monstro horrendo...
O outro já não podendo
De tanta semsaboria
Com a torrente,
Tira o chapeo
De repente,
E brada fitando o céo:
—«Senhor! muito te agradeço!
Só agora reconheço
Como grato devo estar
De em rapaz
Não ser capaz
De premio algum alcançar!»
—«E porque?»

Pergunta o outro, pasmado!
—«Por nunca me poder
Ver
Conspurcado,
Qual você
Hoje se vê.»

Os premios podem provar
(Quando não ha valimento)
Que um rapaz
Era capaz,
Ou por ter maior talento,
Maior desenvolvimento,
Ou porque se applicou mais
Que os demais,
De passar d'elles além;
Tem
Valor
Na occasião;
Porém
Não
Podem servir de penhor,
Bem
Seguro,
De seu merito futuro.

Entre os cysnes que nasceram,
Como costumam nascer,
Negros, d'uma deitadura,
Gabou-se a alvura

Nevada
De dois, que quando cresceram,
Mostraram cysnes não ser:
Eram patos, e mais nada (195).

FABULA 165.ª

O rouxinol e o milhafre

—«Para que me has de matar?
Pouco mais tenho que pennas,
E não valho um caracol;
Como eu sou, muitas dezenas
Mal te podiam fartar.»
Dizia já empolgado
Por milhafre esfomeado
Um mesquinho rouxinol:
«Não me mates; sei cantar,
Todos gostam de me ouvir;
Jove, quando me creou
Só com o canto me dotou;
Assim te posso servir
Muito melhor que de pasto.»
—«Eu de musica não gasto»
Diz-lhe o milhafre: «creado
Fui por Jove com ouvido
Desgraçado,

Não aprecio um gorgeio;
Mas deu-me papo insoffrido,
Que nunca admitte demoras
Quando chegam certas horas
E não se sente bem
Cheio.»
Disse e prompto o devorou.

Ninguem
Deve censurar
Do milhafre o proceder,
Elle andou
Segundo o seu natural;
Tem
De matar
Ou morrer.
Distinguir do bem
O mal
De repente
Não é facil, mesmo a gente
Embora muito illustrada.
Deve a cousa ser olhada
Por mais d'um lado primeiro,
Para depois se julgar
Com justiça ou equidade;
Não se vá como maldade,
De ligeiro,
Condemnar
O que é só necessidade (196).

FABULA 166.ª

A pêga e a rola

Num ceo aberto viviam
Duas rolas em seu ninho:
Tudo era paz e carinho.
Os gemidos que se ouviam
Signaes não eram de dôr,
Mas gemidos só de amor
D'aquelle casal tão terno.
Não longe havia
Um inferno,
Uma horrivel gritaria,
Que não cessava um momento,
Quer de noite quer de dia:
Emfim de pêgas casal,
Casadas para seu mal
E dos vizinhos tormento.
Um dia a pêga mulher
Com a rola femea vai ter
Pedindo se lhe explicava
Porque tudo assim andava
Naquella bemdita casa;
Pois d'alli jámais sahia
Berraria,
Nem bater de bico ou de aza

Tampouco por lá se via.
—«Difficil não me parece
Que vivam como vivemos»
Responde a rola: «ambos temos
De viver em paz o intr'esse;
Nenhum de nós tem vontade
Senão a que o outro tem,
D'onde vem
Que ha sempre conformidade.»
—«Isso era bem
Bom de vêr
Lá em casa...» diz a pêga:
«Temos péga
Por dá cá aquella palha,
Ás vezes sem tom
Nem som,
E nenhum de nós ceder.
Um grita, se o outro ralha;
O meu genio não é bom,
Mas o do tal senhor meu
É de tirar-lhe o chapeo!
E, como somos *paulistas*,
Segue-se o jogar as cristas.
Eu
Sem mais demora é—zás!
Nas ventinhas para traz.»
—«Se a vizinha começasse»
Lhe diz a rola: «a ceder,
Bem podia acontecer
Que o seu homem se emendasse...»

—«Com que então»
Atalha a pêga raivosa:
«Eu é que sou a teimosa,
As culpas só de mim são!
Pois para haver um teimoso
É forçoso
Que teime com elle alguem.
Olhe! Você, que 'stá bem
Com um marido
Que, segundo tenho ouvido,
Não passa d'um papa-moscas,
Julga que as demais são toscas
E que não sabem viver.
Pois está muito enganada
Commigo, que fui creada
Com gente e gente a valer;
E desde então 'té agora
Não me contam entre as tolas.
Fico-lhe muito obrigada;
Mas sempre lhe hei de dizer:
Nem todas nascemos... rolas.
Adeus! qúe me vou embora,
Tenho muito que fazer.»

Chegamos a confessar,
Ás vezes nossos defeitos;
Mas ouvimos contrafeitos
Quem os ouse confirmar ([197]).

FABULA 167.ª

A raposa moribunda

Moribunda
Uma raposa
Diz á malta das damninhas
Raposas e raposinhas
Que a circumda:
—«Horrenda cousa
É peccar!
Oh! quem me dera voltar
Aos dias da mocidade,
Para viver
Sem maldade
E socegada morrer!
Eu vejo! eu vejo passar
Quantas gallinhas matei!
Ouço os lugubres *grugrus*
Dos perus
Que devorei!
Eil-os todos que alli vem
Em bandos, conta não tem!
Quem d'elles me livrará?»
A raposada
Pasmada,
Sentindo fome não pouca,

E á qual
Tammanho maná
Faz crescer agua na bocca,
Grita:—«Nós não vemos nada!
Quem pilhara tal
Caçada!»
E vai baixinho rosnando:
«Nossa avósinha treslouca...»
—«Desgraçadas!
'Stais ahi, 'stais condemnadas
Como eu 'stou!»
A raposa lhes bradou.
Umas gallinhas piando,
Chamando
Pelos pitinhos,
Então de perto se ouviram.
Erguem todas os focinhos
Té a orelha arrebitou
A tartufa,
E disse quando sahiram
Para as gallinhas caçar:
«Ah! lá vão ellas
Á ufa
Atafulhar
As guelas,
Comer
Talvez sobre posse,
E eu negra fome a soffrer!
Nenhuma se ha de lembrar
De guardar

Para mim um boccadinho,
Um pintainho
Que fosse;
Talvez me salvasse a vida,
Era azeite na torcida...»
Mas nenhuma appareceu;
E ella dando
Um gemido
Morreu,
Qual
Tinha vivido,
Sempre em gallinhas pensando.

Diz santo bem conhecido:
—«Tal
A vida, assim
O fim» (198).

FABULA 168.ª

A gallinha e os patinhos

Deitaram a uma gallinha,
Em vez dos ovos que tinha
Posto, os ovos d'uma pata;
A qual, por menos pacata,
Menos boa criadeira,

Ou massadas não querer,
Ficara na capoeira
Sem nada ter
Que fazer:
(Tambem ás vezes se dá
Nas capoeiras de cá,
Premiar
O mau
Ou a má.
Em vez de lhe dar
Com um páo)
Findos os dias fataes,
Poucos mais
Do que para os pintainhos,
Sahiram pois os patinhos,
E foi a mãe putativa
Conduzindo a comitiva
Para a ensinar
A comer,
O que fez sem se cançar,
(Custa pouco a aprender)
E quiz-lhe depois mostrar
Como devia beber.
Mal
Elles avistam a agua
Eis os patinhos que correm
E nella entram a nadar.
Avaliem qual
A magua
Da gallinha, que imagina

Que lhe morrem,
Alli se vão afogar!
Desatina,
Corre aqui, corre acolá,
Em tôrno ao grande alguidar
Á procura de os salvar,
Mas acudir-lhes não ha:
Andou até se cançar
E soccorro lhes não deu.
A final, nenhum morreu
Então d'aquella a ninhada;
Que alli vinha
Todos os dias nadar,
A pesar
Da atribulada
Gallinha.

Quantas vezes
Se vêem taes entremezes
Em familias abastadas
Que, pretendendo educar
Suas filhas, vão chamar
Preceptoras
A nações civilizadas?
De amargores saciadas
Perdem as pobres senhoras
Seus cuidados e passadas,
Pois sempre as meninas têm,
Quer na tia quer na mãe,
Nas amigas ou vizinhas,

Finalmente em
Mil logares
(Nunca faltam)
Maus exemplos — alguidares
Onde de continuo saltam
Ficando sempre patinhas (199).

FABULA 169.ª

O pastor e os passarinhos

Nos tempos em que pastores
Descantando seus amores
Teciam lindas capellas
Das mais perfumadas flores
Para c'roarem com ellas
Pastoras
Encantadoras;
Quando á falta de papel,
De pennas e de tinteiro
E, de certo, de correios
Tinham meios
De escrever
Terno aranzel
No tronco d'algum ulmeiro,
Para alli a *ingrata* ler
De seus olhos o poder...

Tempos que já longe vão:
(Hoje elles e ellas são
O que vêmos
E sabemos,
E por aqui ficarei:
Só direi
Que os seus amores
São, embora inda com flores,
Menos ternos e... cheirosos),
Pois nesses tempos ditosos
O mais bello dos pastores
Louco andava,
Tanto amava
A pastora a mais formosa
(Elle um cravo, ella uma rosa,
Como se dizia então)
E lhe soffria os rigores!
Em madrugada de v'rão
Lembra-se elle de ir buscar
Áquelles bosques vizinhos
Uns mimosos passarinhos,
Para á bella os offertar
E lhe embotar
Os espinhos.
(Não havia então modistas
Nem rua dos Capellistas,
Onde podesse feirar
Alguns trapos bem garridos,
Capazes de enternecer
Corações empedernidos,

Quando sejam de mulher.)
Tendo pois no bosque entrado,
Assim começa a dizer
O pastor enamorado:
—«Passarinhos!
Deixae vossos brandos ninhos,
Deixae amores
E flores,
Vinde viver
Mais ditosos,
Onde eu quizera morrer,
Junto a Marilia formosa...»
E outros ditos amorosos,
Tão safados,
Com que em versos, que são prosa,
Nos estafam namorados.
Vendo a final que baldados
Ficam seus ternos pedidos,
Tirou d'alli os sentidos,
E foi armar grande rede
Sobre as aguas d'uma poça.
Na moça
Mais não lhes falla
Nem no seu infausto amor.
Quando apertou o calor,
Os passarinhos com sêde,
Alli procuram matal-a.
Puxa a guita e num momento
Apanhou talvez um cento
Que aos pés da bella

Depoz;
Tão gordos que ella
Podia
Comel-os feitos de arroz
(Eu cá de certo o fazia.)
Ninguem sabe se os papou;
Constá porém que ficou
Muito, muito enternecida...

Nesta vida
A poesia,
Tendo verdade e belleza;
Não é cousa sem
Valia;
Mas, egual á sobremesa
Tem
Logar
Em cima de bom jantar:
Dá prazer mas de momento,
Sustenta a imaginação,
De illusões sempre gulosa,
Não serve para alimento:
Dá pouco alento
Á razão.
A vida
Quer
Ser
Regida
Por boa sensata prosa (200).

FABULA 170.ª

Os ladrões e o burro

Chovia
E a bom chover:
Mas não
Era d'esta vez
Chuva de agua em chão
Maninho
Que se fosse alli perder,
Pois do molho que vertia
Nem pinguinho
Se perdia.
Choviam os pontapés
A valer,
Os cachações de tremer,
O murro
De crear bicho,
Que por motivo d'um burro
Furtado dois ratoneiros,
Ambos cheios de capricho,
Pelas ventas e cabeça
E pelos quartos trazeiros
Davam mutuamente e á pressa.
Votára um que vendido
Fosse o asno, e repartido

Logo entre elles o dinheiro,
Dissera o outro:—«É p'rigoso
Irmos já vender o burro.»
—«É!»—«Não é!»—começa o murro,
E d'ahi
O tal chuveiro.
Entretanto um *curioso*,
Que passando por alli
Tão entretidos os viu,
Montou no burro e... fugiu.
Depois de bem esmurrados
É que os ladrões, estafados,
Perceberam
Quanto com a bulha perderam.

O mesmo nos acontece
A nós e vezes não poucas,
Quando o verdadeiro int'resse
Nos esquece
Por causa de questões ôcas (201).

FABULA 171.ª

As verdadeiras economias

Vendo que o seu orçamento
Não podia

Equilibrar,
Pois da despesa o augmento
Ia
Em termos de assustar,
Estando todos á mesa
Disse, finda a sobremesa,
(Hora propria do cavaco)
D'uma familia abastada
Chefe sensato, mas fraco:
—«Vamos nós agora ver
O melhor modo de ser
Nossa despesa minguada?»
Ficaram
Silenciosos
Um boccado
Bem puxado...
Mas filhas e mãe trocaram
Entre si certos esgares
E desdenhosos
Olhares.
—«Habitamos» continúa
O marido: «um casarão,
Que nos leva um dinheirão
Por causa tambem da rua...»
—«É no bairro onde *nasci*,
Menina,
Nelle cresci,
Me eduquei
E me *casei*,»
(Na voz com certa inflexão)

Lhe responde
D. Maria Justina,
Sua *esposa*: «nem eu sei,
Onde
Possas encontrar
Por menos, casa *decente*
Na qual mettas tanta gente.»
—«Temos, agora... a parelha...»
O marido continúa,
Que não ousa replicar:
—«Coitadinha, já bem velha,
E quasi que uma vergonha:
Mas... serve. Olha! não
Ponha
Eu o pésinho na rua,
Salvo á confissão
E á missa,
Se um dia sem
Trem
Ficar.»
—«A modista...»
E estacou!
Tal o olhar
Que a *esposa* então
Lhe lançou
—«Não
Ha maior injustiça!»
Brada, erguendo a vista
Ao céo:
«Passam-se dias e mezes

(Com que sacrificio ás vezes...)
Que não se faz um vestido,
Nem se encommenda um chapéo!
Tire d'ahi o sentido;
Ou, se quer
Que sua mulher
E filhas
Andem umas maltrapilhas,
Só para sua vergonha
Não serei eu que me opponha.»
E depois de tal coartada,
Resignada,
Limpa os olhos de aguadilhas.
—«S. Carlos... banhos do mar...»
Diz, julgando conjurar
A tempestade, o marido:
Mas viu logo ter cahido
Qual um cego
Noutro pego...
Tudo estando discutido,
Ficou por fim resolvido,
Do bello sexo a contento,
A favor do orçamento,
Que se devia mandar
Metter no asylo um creado,
Pobre velho estuporado:
Que as meninas, já crescidas,
Estavam muito instruidas,
Podiam lições poupar;
Virtuosas e prendadas

(Da mãe
O vivo retrato)
Estavam já bem
Dotadas.
—«Sempre tenho visto e lido,»
Disse Maria Justina:
(Dote não havia tido)
«Ser a virtude e o recato
O dote de uma menina.»
Quanto ao tal explicador
Dos filhos, era melhor
Despedil-o sem tardar
Sós podiam
Estudar,
Que assim muitos o faziam.

Quando se póde passar
Sem o que é indispensavel,
Para que se ha de poupar
No que for só agradavel (202).

FABULA 172.ª

A aranha e a andorinha

Quantas teias, paciente,
Fiado uma aranha tinha,

Outras tantas de repente
Lhe levara uma andorinha
Em seu rapido voar.
Lá iam de moscas cheias
Pelo ar
Voando as teias
Da aranha, já meio-louca,
Fazendo cruzes na bocca.
Mais raivosa que prudente,
Decidiu teia fazer
Tão valente,
Que podesse
'Té andorinhas prender.
Uma fortissima fez;
Mas porisso lhe acontece
O que previsto não tinha,
Foi morrer:
Teia e aranha d'esta vez
Tudo levou a andorinha.

Não te vás nunca metter
Com inimigo valente
A luctar;
Não tendo forças eguaes
(Só se a honra te obrigar:)
Sê prudente,
Até vir a occasião
Em que possas tanto ou mais.
É saber
Esp'rar,

E então
Assentar-lhe bem a mão:
E, se ella nunca vier,
Não
Luctes, que lhe vais dar
O gaudio de te perder (203).

FABULA 173.ª

O fogão

Reinava grande anarchia
Numa villa muito fria:
A questão
Era saber,
Se sim ou não
Se devia
Com um bom fogão
Aquecer
A egreja parochial.
Levavam muitos a mal
Similhante innovação;
E diziam que com frio,
Se tal cousa lá havia,
Se podia
A Deus resar,
Talvez com mais devoção.

Um tammanho desvario,
Bradavam certos devotos,
Ninguem vira praticar
Desde os tempos mais remotos:
Que essa e outras novidades,
Inventadas nas cidades
Produziam mau effeito
Diminuindo o respeito
Á santa religião:
Que depois do tal fogão
Lá viria
O canapé,
Onde tomassem café
Feito pelo sacristão:
Que talvez até
Traria
Isso comsigo heresia...
E mil outros argumentos
Bolorentos,
Todos do mesmo jaez,
A saber:
Que se não deve fazer
O que ainda não se fez.
Mas vencidos d'esta vez
Foram os obscurantistas;
Mandaram os progressistas
O fogão na egreja pôr.
Decidiu, sempre calor
Ter o partido
Vencido.

Ora, a fallar
Com justiça,
Quando houve a primeira missa
Era o frio de tremer;
Mas gritava a opposição
Estar
Um calor de v'rão,
De morrer:
Todas as damas então
Com os leques a abanar,
E uma até a esbracejar
Cahiu com o seu faniquito.
Levanta-se um grande grito:
—«É já! é já apagar
Aquelle fogão
Maldito!»
Eil-os correm de roldão,
Soltando grande alarido,
Sobre o negro excommungado,
Que encontraram... apagado!
Alli posto havia sido,
Porém não
Fora acendido (204)!

FABULA 174.ª

O carvalho e o caniço

—«Tu não pasmas do que eu valho?»
Disse a um caniço um carvalho:
«Domino toda a montanha,
O mundo é minha peanha!
Eu lucto com os elementos,
Desprezo a furia dos ventos,
Roubo á terra a luz do sol;
Emquanto, pobre caniço,
Tu és das auras derriço,
Um mesquinho caracol
Te faz vergar
Ou tremer:
Deves em mim acatar
Do grande Jove o poder,
Poisque lhe fui consagrado;
Imagem d'elle sou eu,
Adorado
Devo ser!»
—«Cousa não é de pasmar
Quanto acabas de dizer»
O caniço respondeu:
«E sei o pouco que valho;
Pasmo só de ver

Nascer
Por ahi tanto carvalho,
Do qual brota
Vil bolota,
Ou desprezivel bugalho.»
Dias depois, um tufão
Varreu o roble e o caniço,
Ao longe deixando o chão
Sem signal de nada d'isso.

Quando penso
Que esta terra, comparada
A todo o Universo immenso,
Não é nada;
Dá-me vontade de rir
Ver
E ouvir
Certos carvalhos humanos,
Tão
Ufanos
Por serem um pouco mais
Que os demais
Tristes guzanos,
Que a terra estão
A roer (203).

FABULA 175.ª

A camisa do homem feliz

No tempo em que não havia
Tantos
Sabios quantos
Ha,
Nem porisso se morria
Só com a carta de alforria
Que a natureza nos dá.
Não, senhor: a medicina
Mui pouco tem de menina;
Já varias... curas fazia,
Postoque lançasse mão,
Como era costume então,
Ás vezes de bruxaria.
Isto fez na occasião
Que, estando um rei a morrer,
Não sabendo a faculdade
Já que havia de fazer,
Se lembrou (valha a verdade,
Sem se rir)
De receitar-lhe o vestir
A camisa
De homem que fosse feliz;
Porém
Quiz

Que fizessem muito bem
A pesquiza
Se em verdade o era, ou não.
Lá vão
Pois indagadores,
Primeiro pelos senhores
Da côrte toda, á procura,
(Alli não tem muita dura!)
Era um dó:
Por pobreza,
Por inveja,
Seja
Com razão
Ou não,
E por mais causas tambem
Na nobreza
Não encontram nem
Um só.
O gyro vão
Alargando,
Procurando
Pelas classes inf'riores
E até entre os proletarios,
Isto por todo o paiz;
Encontrando
Os commissarios,
Só miserias, dissabores
E nenhum homem feliz!
Voltavam no desalento
De não

Poder encontrar
Tão
Raro medicamento,
Quando, uma serra ao passar,
Pelas brenhas se perderam.
Sem carreiro
Muito andaram,
'Té que deram
Com um miseravel cabreiro,
E a sorte lhe lastimaram,
Tão ruim
Nunca viram cousa assim!
—«Como é possivel viver,
Por aquillo que se vê,
Do modo que vive aqui?»
Lhe diz um: «Isto é morrer
A fogo lento; que sorte
Infeliz coube a você!»
—«Não 'stá
Má
A sua morte:
Ha um par d'annos nasci!»
Responde o cabreiro rindo:
«E cá
Lhe vou resistindo.»
—«Mas deve ser infeliz
Por força» o outro lhe diz.
—«Ou por força ou por vontade,
Para fallar
A verdade,

Quando recolho a cabrada
Ceio e me vou deitar;
Nada
Tenho a desejar
Que não seja um bom dormir;
E bem pouco tarda a vir.»
—«Temos homem!» grita então
Encantada
A commissão.
Ao pobre lançam a mão
Para tirar-lhe a camisa:
Pasmados porém ficaram,
Pois entre o coiro e a farpella
Nem sombras acharam
D'ella!
Dando por finda a pesquisa,
Voltam d'orelha cahida
Á côrte que... está de gala!
Que se diverte e regala,
Entretida
Em festins e serenatas
Luminarias,
E mil outras festas varias.
Elrei estava... umas natas!
Poisque a doença o deixára,
Talvez por já enfadada
(Cousa dizem pouco rara)
De lhe não fazerem nada.

Ser feliz

Depende de cada qual
(Quer
Dizer
Do seu feitio)
Mais do que se pensa e diz:—
Não lhe importar calma ou frio
Nada haver
Que muito dôa
Nenhum mal
Seja physico ou moral.
(Corra a sorte má ou boa.)
Quanto é bom de appetecer,
Muita saude, dinheiro,
O lisongeiro
Poder,
Tudo que se compra ou vende...
De nada d'isso depende.
Tudo, só parece um bem
Áquelles que ainda o não têm
Ou, se o chegam a perder (206).

FABULA 176.ª

A raposa e a cegonha

—«Conta lá:» disse a raposa
Á cegonha viageira:

«Tu tens visto
Muita cousa
(Não és nenhuma zoupeira,)
Por esse mundo de Christo,
Andas sempre a viajar:
Conta, que eu quero apprender.»
E a cegonha começou
A dizer
Quanto encontrou
Nas terras por onde andou,
Isto é, a desfiar
Um *menu* universal.
Cada paiz seu manjar
Tinha muito especial:
Aqui bichos saborosos,
Alli bichas,
Bellas rãs e lagartixas,
Caracoes deliciosos,
Não esquecendo as serpentes
Lá por esses Orientes.
Seu dizer
Não tinha fim:
Era porém sempre assim,
Tratando só de comer.
—«Tá! tá! tá!» diz a raposa:
«Ouvir-te não quero mais,
Fico-te muito obrigada:
Tu comeste muita cousa,
Do demais
Não sabes nada.

Julguei que a gente por lá
Algum tanto differia
Da de cá;
O que pensava
E fazia
Eu desejava
Saber
Para algo mais apprender,
E não só o que comia.»

Áquelles que em seu paiz
Pouco sabem perceber
A dois palmos do nariz,
Que lhes póde interessar
Quando andam a viajar?
Como hão de elles entender
De outros povos o viver?
Viajam muito; porém
Qual o burro a Santarem (207)...

FABULA 177.ª

O sino e a sineta

Em cidade episcopal,
Na mais elevada torre
De suberba cathedral,

Collocado
Ha sino monumental,
Que toca só quando morre
Algum rei, algum prelado,
Ou se dá
Caso raro e pouco visto.
Uma aldeia, que alli 'stá
Muito pertinho e viu isto,
Para a cidade egualar
Manda a sineta tocar
D'uma ermidinha que tem,
Só quando toca tambem
O tal majestoso sino,
Que sóme no seu tanger
Aquelle som pequenino.
Para então o perceber
O povo todo da aldeia
A pobre ermida rodeia,
E julga em sua vaidade
Que a terriola é cidade
E um grande sino a sineta,
Que alli tem; á qual então,
Quando vê tantas cabeças
Em pasmada adoração
Ao tanger do seu badalo,
Se encasqueta
Que é um sino, pede meças
Com o outro, e julga egualal-o:
Perdem porém seu trabalho;
Fica a aldeia

Pequenina sempre e feia
E a sineta um vil chocalho.

Servir póde esta lição
Para pequena nação,
Quando pretenda hombrear
Com quem mal póde imitar;
E para os seus governantes
Estadistas,
Pedantes,
De *largas vistas* (208).

FABULA 178.ª

Os dois calvos

Iam no mesmo caminho
Dois calvos a conversar;
Eis que notam num cantinho,
Muito com o sol a brilhar,
Cousa que parece ser,
Porisso, de algum valor.
Qual será d'ella senhor,
Levantam logo questão
A valer.
Aos dictos segue-se a mão
E após esta vem o pé,

Cachação
E pontapé:
E, para não
Faltar nada,
A final chove pedrada.
Outras armas não havia,
Ou... Deus sabe o que seria:
Lucta foi monumental!
A final,
O que menos apanhou,
E comsigo inda podia,
Embora muito aleijado,
Para o sitio se arrastou
E reconheceu emfim
Que o thesouro desejado,
Causador
De tanta dôr
Que por todo o corpo sente,
Era... um pente
De marfim (209)!

FABULA 179.ª

A raposa e o lobo

Os espertos tambem
Cahem

Ás vezes nos atoleiros;
Muitos porém,
De lá sahem
Salvos por certos crendeiros
E novatos,
A quem elles chamam *patos*
Pois, por muito que os esfolem,
Quaes marrecos tudo engolem.

Havia
Um poço no campo,
Bastante fundo e sem tampo,
Com os dois baldes competentes
D'uma roldana pendentes.
Um subia
Cheio d'agua, se o puxavam,
Emquanto o outro descia
A buscar egual despacho;
E constantemente andavam
Qual acima qual abaixo,
Tão direitinhos e serios
Como andam os ministerios.
Era noute: uma raposa
Sequiosa
Num dos baldes se metteu,
E assim desceu,
Sem pensar
No que fazia.
Depois de a sêde matar,
Começou a matutar

Como d'alli sahiria;
Mas, por mil voltas que desse
Ao miolo
Nada achou:
Resolveu por fim esp'rar,
(Que é o mais seguro guia
Na grande diplomacia,)
Até que viesse...
Um tolo:
Logo o demo lh'o mandou.
Um lobo se debruçou
Com sêde
Do poço á beira.
A matreira
Seu auxilio não lhe pede.
—«Não caias, toma cautela!»
Gritou ella:
«E, se quizeres beber,
Podes no balde descer,
Assim fiz
Eu, quando o quiz.
Nunca vi aguas tão bellas!
E, o que talvez não sabias,
Têm
Enguias
Com fartura,
Já me regalei eu d'ellas,
Pois, sendo pouca a fundura,
Nada custam a pescar;
Tambem

Te podes fartar.
Ora o lobo, com as guelas
Ardendo em sêde, e a barriga
A dar horas, que prosiga
A raposa não esp'rou:
Logo no balde saltou,
Num instante ao fundo vai,
E assim sóbe a onzeneira
Que do poço, mui lampeira,
Prompto sai;
E da borda ao lobo diz:
«Quando quizeres sahir,
Deves fazer
O que eu fiz;
Mais alguem ha de aqui vir
Com vontade de beber,
Sabe esp'rar;
Adeus.» O lobo ficou
Furioso. Não esp'rou,
(Lobos tem outro pensar:)
Sem saber
O que fazia
O balde e a corda mordia;
Tanto safanão lhe deu
Que, por fim, esta quebrou
E afogado alli morreu.

Quando, sem justo motivo
De te servir ou ser
Grato,

Um negocio lucrativo
Te vier
Propor alguem;
Cautela, não sejas *pato!*
Pois é muito natural
Que lhe corra tudo bem,
Tu porém
Que fiques mal (210).

FABULA 180.ª

A mosca e a mula

Repimpada no temão
D'um arado alemtejano,
Mosca insolente, ou tavão,
(Pouco importa, se ha engano)
Ás mulas quiz ensinar
Como haviam de lavrar.
E agora é que a ouvireis
Dando
Leis,
Ameaçando
Quem lhe não cumprisse
O mando.
Uma das mulas lhe disse:
—«Quanto zumbes, é fôfice

De que não fazemos caso:
Bem sei que podes ferrar;
Mas, se acaso
De mais perto,
Eu te pilho com este rabo
Da raça te darei cabo.
É mais que certo,
Doutora,
Não nos poderes mandar:
Se soubesses, bem podias;
E, direi mais, que o devias
Mas não sabes, impostora!
Com tantas pedanterias
Não passas d'um vil nónada.»

A quanta mosca insolente,
Que quer governar a gente,
É tal resposta bem dada ([211])!

FABULA 181.ª

O avarento

Berrava um velho avarento
Com razão,
Porque cadimo ladrão
Lhe furtara

Num momento
O thesouro que juntara,
Soffrendo mil privações,
Aos patacos e tostões.
Um vizinho lhe censura,
Aquella grande amargura:
Pois de nada lhe servia
Quanto dinheiro
Mettia
Na burra ou no mealheiro.
—«Porque chora
E a sua vida maldiz?
Ponha uns calhãos no logar
E tão rico ha de ficar
Como o tem sido 'té agora.»
—«Você não sabe o que diz»
Grita o velho: «e é um sandeu
Quando, mui ancho, pretende
Julgar do que não entende.
Pensa que eu
Só me lamento
Por ser um vil avarento,
E que todos estes são
Malvados, nem coração
Tendo mesmo para si;
Que cegos pela avareza
Vivem na maior pobreza
Só por indole ruim:
Porisso d'elles se ri.
Julga ser

Um Salomão
Sem perceber
A razão
Que os leva a viver
Assim.
Se o meu thesouro guardava
Era por saber
Que estava
Alli todo o meu valor.
Ninguem despreza valer
Seja lá pelo que for:
O saber
A qualidade,
E mais que tudo o dinheiro:
Assim do tempo primeiro
Foi sempre na humanidade.
E não me venha dizer:
—«Porém
Tendo a burra cheia,
Se a vil miseria o rodeia,
De que modo ha de valer?
Não o saberá ninguem.»
Chegam a exaggerar
E não pouco, essa riqueza
Que se esconde na pobreza.
—«Mas, se o dinheiro que tem
Arrecada
Sem
Cessar,
Claro está não valer nada.»

Basta podel-o deixar
Em seu testamento a alguem.
O dinheiro é um poder
E de todos o maior,
Tudo nos póde alcançar,
Tudo ahi vejo a vender,
O pão, as honras, o amor,
E ha gente capaz de crer
Que se compra o proprio céo!
Quem com fortuna nasceu
Ou quem a soube ganhar
E poupar,
Hombreia até com os melhores:
Os que d'elle a occultas ralham
Por agradar-lhe trabalham,
São os seus aduladores;
Pois leva-se inteira a vida
Trabalhando em dura lida
Para dinheiro alcançar.
Se o moço o vai esbanjar,
É só porque ainda sente
Em si o vigor
Bastante
Para vencedor
Sahir
Da vida na grande lucta;
E loucamente
O desfructa,
Pois julga muito distante
O tempo cruel da vida,

Quando a velhice o pungir:
Proprio é d'aquella edade
O julgar
Tão comprida
A mocidade
Que nunca se ha de
Acabar.
Procura o velho poupar,
Porque sente já não ter
Forças para combater.
Vê no ouro o arrimo, o escudo;
Quando o perde, perdeu tudo:
É porisso que antes quer
Privações
Crueis soffrer
Por vontade,
Rodeado
D'attenções,
Do que por necessidade
E de todos desprezado.
Isto me ha de
Acontecer;
Velho assim
E sem
Vintem,
Ai de mim!
Hei de morrer
A final
De fome ou num hospital!»

Em parte tinha razão
O velho e em parte não.
A prudencia
Nunca mate a caridade;
Pode chamar-se demencia
(Salvo se por penitencia)
De si proprio não ter dó.
Porém
É tambem
Verdade
Que um velho alquebrado, e só
Com o dinheiro por garante
Qual a prancha ao naufragante
Que no mar
Luctando está,
Se o vai perder
Ficará
Exposto um dia a morrer
De fome, ou a mendigar.
Devemos tambem
Notar
Que muitas vezes o mundo
Se tem
Um odio profundo
Ao avarento é porque
Nelle encontra ou nelle vê
Quem
Não quer
Os seus int'resses servir;
Mas trata de lhe sorrir

(E até mesmo de adular
A mais sordida avareza)
Toda a vez que elle entender
Algo assim vir,
A lucrar;
Emquanto em geral despreza
O pobre e o desgraçado.
Se o avarento é culpado
Não menores culpas tem
Que as d'elle o mundo tambem (212).

FABULA 182.ª

Os pardaes

Emquanto se atamancava
Na egreja de certa aldeia
Uma torre arruinada,
De buracos muito cheia,
Fugiu toda a pardalada
Que alli contente morava;
Depois que se concertou
A pardalada voltou.
Encontrando bem tapadas
Suas antigas moradas,
Dizem todos, voz em grita:
—«Está bonita!

Limpem as mãos á parede,
Foram a torre estragar.
Que patada!
Não serve agora de nada.»

Assim mil vezes procede,
Em seu louco avaliar,
D'este mundo a pardalada (213).

FABULA 183.ª

O coelho e o ouriço

Out'rora, o ouriço e o coelho
Travaram
Conhecimento;
A cousa foi em augmento
Até que determinaram
Juntos viver.
Mau conselho!
Imprudentemente
Andaram:
Mui diff'rente
É conhecer-se
E boas relações ter
De ir metter-se
A conviver

Com alguem.
Lá foram vivendo bem
Uns dias; não se largavam:
Mas algum tempo depois
Já os dois
Raras vezes se achegavam;
Ou melhor, já se afastava
Sempre o coélho do ouriço,
Porisso
Que este o picava:
E tanto o fez, que a final
Tiveram explicações.
—«Amigo! não é por mal»
Disse ao coelho o cacheiro:
«Não tenho más intenções;
Se te pico,
Até consternado fico:
É feitio, não vontade.»
—«Nem» lhe torna o companheiro:
«Eu te accuso de maldade;
É contra a realidade
Dos factos que me revolto,
Por me ver
Assim picado.
Volta pois que eu tambem volto
Ao nosso viver
Passado.»

—«A familiaridade»
Diz auctor que muito préso,

«É uma formosa mãe,
Da qual, não raro, provem
Um filho horrendo—o desprezo (214).»

FABULA 184.ª

Os pesames

A leoa, que rugia
A bom rugir, pois perdido
Havia
Seu filho qu'rido,
Unico filho que tinha;
Nada ouvia,
Nem a dôr lhe minorava
Quanta prosa
E poesia
Em solemne ladainha
A raposa
Lhe embutia,
Que serenal-a buscava.
—«Senhora!» dizia
Esta:
«Veja Vossa Majestade
Que lhe resta
Consoladora certeza
De estar

Hoje sua Alteza
Sendo nova divindade.
Jove não quiz demorar
Por mais tempo a apotheose;
E assim pois o foi chamar
Ainda em tão tenra edade,
Para que mais cedo goze
Entre os deuses immortaes
D'aquelle premio devido,
Como é de todos sabido,
Sempre ás Pessoas Reaes
Por suas altas virtudes.
Os reis tambem
São mortaes;
Só eguaes
Nisso aos povos vis e rudes:
Mas tem
Certo
O céo aberto
Para elles sempre estar.
Deveis-vos pois consolar:
Esta vida é um momento,
Que passa
Qual leve vento;
A ventura e a desgraça,
O prazer e o soffrimento,
Em breve tudo se esvai,
Tudo cai
No esquecimento.
Erguei pois ao firmamento

Os vossos olhos reaes,
E vêde se nelle achais
Já o brilho
D'esse vosso Augusto filho,
Patente num astro novo
Ás adorações do povo.»
—«Fallas que nem prégador,
Ou talvez ainda melhor»
Diz a leoa: «mas eu
Não quizera ver no céo
Meu filhinho tão depressa,
Embora alli appareça
Dos astros o mais brilhante:
Basta de mim 'star distante
Sem eu já poder sentil-o,
Fallar-lhe, ouvil-o
Beijal-o:
Tu discorres com juizo;
Eu qual uma louca fallo,
Porque estalo
Com a dôr que me tolhe o siso.
Se é um mal,
Que a todos vem,
O morrer; se é natural,
Assim é o amor de mãe,
Que me faz tanto soffrer.
Quem
O seu filho perder
Ha de queixar-se como eu,
Embora o julgue no céo.

Deixa, deixa-me chorar,
Não me queiras consolar,
Que não podes,
Por muito que te incommodes.»

É loucura ou crueldade
Insistir
Em illudir
Um afflicto coração,
Quando chora com razão.
É melhor
Deixar
A dôr
Á vontade
Em prantos desabafar;
Para consolo só basta
O tempo que tudo gasta ([215]).

FABULA 185.ª

Esopo e o parvo

Atravessava o mercado
D'Athenas, e dando á perna
Muito e muito azafamado
Esopo com uma lanterna,
Que tinha acesa na mão,

Sendo ainda claro dia,
(Para o seu lume acender)
Eis que um parvo (já então
Muito a fartar os havia,)
Se lhe atravessa
O detem
E diz muito zombeteiro
Eu quero agora saber
D'onde vem?
E aonde a ida
Tão depressa,
De corrida
Com essa
Lanterna acesa?
D'aqui não vai, sem primeiro
Declarar
O que quer
Assim
Achar;
Com certeza
Deve ser
Cousa ruim
De encontrar,
Que esteja bem escondida,
Poisque de dia a procura,
Como em noute muito escura »
A ladainha sabida
De perguntas indiscretas,
Insulsos alanzoados,
De patétas,

Malcreados,
Que sem cessar nos consomem.
—«Ando á procura de um homem»
Diz-lhe Esopo: «Já pois vê,
Não se trata de você.»
E logo as costas lhe deu...
O parvo não percebeu (216).

FABULA 186.ª

O gallo e a raposa

A um gallo fino, matreiro,
Que estava encarrapitado
No telhado
Do seu alto gallinheiro,
Viu de longe uma raposa;
E corre mui aguçosa
Até ao muro chegar.
—«Oh! meu gallo!
Aqui me tens:
Venho dar-te os parabens
E recebel-os de ti»
Lhe diz ella a offegar,
E julgando engazupal-o,
Acabou-se a dura guerra
A final por toda a terra.

Salta d'ahi
Sem demora,
Quero dar-te
Um bom abraço.
Ando
Fóra
Desde a aurora
Espalhando
Em toda a parte
Esta feliz novidade.»
—«Espera, que eu já o faço»
Lhe torna o gallo: «mal pensas
Quanto gosto isso me dá,
De se acabar a maldade,
De findarem desavenças;
Mas... demora-te um boccado,
Pois vejo vir para cá,
E não póde aqui tardar,
O cão que nos guarda o gado:
Vamos, juntos festejar
Num magusto
Ou num jantar
O ter-se acabado o susto
Que reinava até agora.»
—«Obrigada, meu rapaz!
Não posso esp'rar
Vou-me embora;
Tenho ainda de levar
A noticia a muita parte.»
E, sem olhar

Para traz,
Eil-a que parte
Corrida
E fugindo a toda a brida.

Nada ha que mais me encante
Do que vêr grande pedante
Que levou um magistral
Piparote no nariz,
Quando quiz
Passar a carta de tolo
A quem mais do que elle val'.
Maior seria o consolo
(Mas isso quando se apanha?)
De lhe vêr curar a manha,
Atrevidas presumpções,
D'uma vez
Com certas fomentações
Puxadas a pontapés (217).

FABULA 187.ª

Os dois philosophos

Dois philosophos tomaram
Caminhos muito diff'rentes
No seu modo de viver;

Pois nem ainda os prudentes
De maneira egual encaram
Como se ha de proceder.
Um d'elles, aborrecido,
Do mundo tinha fugido.
Inimigo da maldade
Ou vaidade
Que em todos e tudo via,
Verdadeiro misantropo,
Vivia
De hervas e fructos,
Quasi que a vida dos brutos;
Dormia
No duro chão,
Quebrara o ultimo copo
Para beber pela mão.
O outro, postoque honrado,
O mundo havia tomado
Tal qual é; mas sem deixar,
Ás vezes, de o censurar
E, o que vale muito mais,
De bons exemplos lhe dar;
Cumpridor do seu dever,
Quanto um homem o deve ser:
No demais
Não se agastava
Com o que remedio não tinha.
O mal ou o bem que lhe vinha
Combatia ou aproveitava;
Nem deixava

Muita vez de visitar
Não só humildes e pobres,
Aos quaes gostoso fazia
Quanto bem
Elle podia;
Mas ricos, grandes e nobres,
Com quem
Ia
Até jantar,
Quando a isso convidado.
Eis que se encontram um dia,
Inesp'radamente os dois.
'Stava umas hervas lavando
O misantropo e, depois
De as haver todas lavado,
Disse, para o outro olhando
E em tom muito avinagrado:
—«Hervas lavar
Se souberas,
Como eu faço;
Tanto rico a adular
Sempre de curvo espinhaço,
Certamente não tiveras
A troco d'algum jantar.»
—«E tu» lhe torna sorrindo
O outro: «que estás seguindo
Um viver
Proprio de feras,
Essas hervas tão amáras
Não laváras,

Se soubesses conviver
Com homens taes qual tu és,
Em que te julgues melhor.
Tu queres calcar aos pés
Dos homens o orgulho vão;
Não haja em teu coração
Outro orgulho inda peior ([218]).»

FABULA 188.ª

A amphora velha

Nas ruinas de Pompeia
Se encontrou
Vazilha feia
Uma amphora vasia:
Porém logo se notou
Que largo tempo conteve
Um nectar, uma ambrosia,
Pelo aroma que reteve,
Mui capaz de perfumar
Outro vinho que em tal vaso
Inda quizessem lançar.

Nesse caso
Me parece
O homem quando envelhece,

Se elle soube aproveitar
Os tempos da mocidade;
Buscando
Sempre a verdade,
Estudando
Sem cessar;
Os que foram assim velhos
Pódem dar
Bem bons conselhos;
Não os vás tu desprezar [219].

FABULA 189.ª

O naufragio

—«Carga ao mar!
'Stamos perdidos!»
Desatam em alaridos
A gritar
Capitão e marinheiros
De navio
Que se perdeu num baixio
Por culpa dos passageiros.
Eram todos a bradar:
—«A carga ao mar!»
Mas por fim
Ninguem quiz obedecer.

Todos buscam proteger
O que é seu; promptos estão
Para contravir assim
Das ordens á execução.
Ninguem quiz sacrificar
Um só fio
Para salvar
O navio:
Foi ao fundo,
E afogados
Morrem todos, abraçados
Ao que não querem perder.

Assim succede no mundo
A quem
Prudencia não tem;
Assim póde succeder
(E folgarei, se me engano)
Muito bem
A um povo insano,
Do qual digo
Ser
Tanto maior o p'rigo,
Que quantos eu vejo a bordo,
(Marinheiros
Por ignorancia de officio,
Passageiros
Por fugir ao sacrificio)
'Stão
De accordo,

Em nada alijar
Ao mar;
Antes todos com mão
Larga
Tratam de augmentar
A carga ([220]).

FABULA 190.ª

A ostra e os dois rapazes

Dois rapazes encontraram
Nas areias junto ao mar
Ostra que ambos disputaram,
Para vêr
Quem a havia de comer.
A berrar
Um afirmava que a vira
Primeiro. Que era mentira
Gritava o outro, e dizia
Quando verdade isso fosse,
Ao caso nada fazia,
Pois d'ella tomara posse
Logo, deitando-lhe a mão.
—«Vamos já»
Diz o primeiro,
«Ter com aquelle marinheiro
Que alli 'stá;

E elle decidirá
A qual, por justa razão,
Dos dois a ostra pertence.»
D'isto o outro se convence,
E lá vão
Ambos expor seu recado
Perante o dito juiz,
Sobre um penedo sentado.
Ouviu-os muito calado
O descalço Salomão;
E, depois
De comer a ostra, diz:
—«Dividil-a não podendo
Entre os dois
Por ser pequena;
Nem com certeza sabendo
Ao qual toda pertencia,
Eu comi-a.
Assim, venha uma centena.
Agora
Pois, vão-se embora,
Cada qual leve uma casca
(Ellas parecem-me eguaes),
E, se acaso encontram mais,
Vamos comel-as á tasca.»

Repara bem no que fazes
Demandas não queiras ter,
Pois te pode acontecer
O mesmo que aos taes rapazes (221).

FABULA 191.ª

A nuvem

Em tarde de quente v'rão,
Dois sabios de contrabando
(Como se encontram aos centos)
Conversando
Muito á mão,
Começaram em commentos,
Dando
O seu douto par'cer
Sobre uma nuvem, que os ventos
Acabavam de trazer
Para a crista de alto monte,
Collocado
No horizonte.
Um diz:—«D'aqui a boccado
Vem chuva, e deixal-a vir;
Se meúda e não
Atura,
É pão
E vinho a cahir;
Temos anno de fartura.»
—«Olhem o grande propheta!»
Lhe brada o outro jarreta;
«Fracos olhos tem você,

Pois não vê
Que nuvem tão carregada,
Longe de trazer choviscos,
Traz chuva grossa a valer,
Que os cães a podem beber
Em pé? Temos trovoada,
Não tardam raios, coriscos,
Saraivada!
Lua nova trovejada...
Este anno estamos servidos:
Vinhos, azeites perdidos,
E dizer adeus
Ao pão!»
—«Muito melhores que os seus
De certo meus
Olhos são,
Pois vejo perfeitamente
O que é aliás evidente;
È só chuva!»—«È trovoada!
'Stá com somno, vá dormir,
Que d'isto não
Sabe nada—»
—«Vê, e devia convir
Que deu enorme patada...»
—«Patadas são
De jumentos;
E veja lá como falla...»
Nem um nem outro se cala,
Que era confessar-se pêco,
'Té que á falta de argumentos

Desatam ao murro sêcco;
Poisque a ultima razão
Dos paes, dos reis e dos povos,
Tanto antigos como novos,
Até dos sabios, emfim,
Sempre foi erguer a mão
Para pôr fim
Á questão.
Emquanto elles appellavam
Para o socco e se esmurravam,
A nuvem se dissipou
Nem rastos de si deixando,
Salvo aquillo que apanhou
Cada um dos dois brigando.

Quantos sabios estadistas,
Jornalistas
E outros taes
São prophetas
Bem eguaes
Áquelles grandes patetas ([222])?

FABULA 192.ª

A má visinha

Uma aguia, uma gata
E uma (com sua licença)

Porca, installaram morada
Em vivenda apalaçada,
No centro de immensa
Matta:
(Claro é que estou fallando
D'um carvalho venerando.)
No mais alto da ramada
Fez a aguia o ninho seu,
Para estar perto do céo;
Uma tóca aproveitando
Que no tronco azada
Achou,
A gata lá se alojou;
E ia a porca fossando
Com incessante trabalho
Nas raizes do carvalho,
Para assim accommodar
A sua grande ninhada.
Ora a gata era malvada,
Typo da raça felina
Tão mofina,
Raça que tem de acabar,
E assim todos os malvados
De desgraças causadores:
Sejam gatos,
Sejam ratos,
Tartufos, calumniadores,
Sejam heroes afamados;
Todos elles quantos são,
Do maior ao mais pequeno,

Quanto é mau
Quanto é perverso;
A páo
A tiro, a veneno,
Debaixo da indignação,
Do desprezo e da verdade;
Ha de acabar-se a maldade!
Para o mal a este universo
Não creou a Divindade.
—«Ora!» dirá o leitor:
Que furor!
Só por causa d'uma gata!
Teu conto pela pacata
Vai contando, que é melhor.»
Tens razão! eu ahi vou.
Até o segundo andar,
A onzeneira trepou;
E depois de perguntar
E de dizer, como vai,
Continua assim com um ai:
—«Eu cá de susto ando morta;
Nada ha peior, é bem certo,
Do que ter
Mau vizinho ao pé da porta.
D'aqui, amiga, ha de ver
Como põe a descoberto
A javarda com trabalho
A fossar
De noite e dia:
As raizes do carvalho

Pois saiba que ella porfia,
Só com o intento
De a desgraçar
Mais a mim.
Depois de escavado assim
Cai o carvalho com o vento,
Temos as casas no chão,
E ella póde, a qualquer hora,
Nossos filhinhos comer,
Quando
Andarmos lá
Por fóra
Grangeando
O triste pão.
Eu cá,
Para os defender,
Se tal caso acontecer,
Já
Mal de casa me afasto,
A procurar-lhes o pasto.
Faça assim, se não quizer
Ver-se depois desgraçada.»
—«Vizinha muito obrigada»
Diz-lhe a aguia: «Até
Agora
Do que conta não dei fé;
O meu marido anda fóra,
Como sabe; e quanto possa
D'aqui não arredo pé.»
Foi-se embora,

Vendo assim ter feito móssa
A noticia que ella deu
A malvada, e então desceu
Da outra vizinha á casa,
Para assentar nova vasa.
—«Vizinha» diz: «qualquer
Dia
Teremos a honraria
De ver
Nossos filhos pasto
Da fidalga lá de cima,
Não ficando d'elles rasto;
Se tal honra pouco estima,
Veja bem
Como se avem.»
—«Isso agora é para rir»
Responde a porca a grunhir.
—«Diga que é para chorar:
Tomando você sentido,
Ha de vêl-a sempre a olhar,
Com o pescocinho extendido;
Para que? Senão pescar
Se uma de nós 'stá ausente,
E levar-lhe, de repente,
Para o seu ninho
Um filhinho?
Ande sempre d'olho álerta;
Olhe que ella é muito esperta,
Além de muito damninha:
Nunca devemos, vizinha,

Longe de casa caçar.
Mas não vá ella notar
Lá de cima esta conversa:
Adeus.» E foi-se a perversa.
Alcançou o resultado
Do seu enredo malvado:
Da lura não se tirando
Com medo a porca, e fossando
A vêr
Se assim alcançava
O comer
Alli na terra,
Mais com isto a aguia aterra,
Que mal o ninho largava.
Morrem ambas de laseira
E pôde a vil onzeneira,
(Pois tanto a acreditaram,)
Devorar
A seu vagar
Os filhinhos que deixaram ([223]).

FABULA 193.ª

O cão fiel

Certo ladrão
Quiz entrar

Noite velha, numas casas,
E para o cão,
Que as guardava
E sempre acordado estava,
Não
Lhe ir empatar
As vasas;
A chamal-o,
A atirar-lhe com pão
De longe para engodal-o,
Começou com muito tento.
O outro, que percebeu
Logo o seu
Damnado
Intento
Lhe diz:—«Estás enganado,
Não me seduzes assim;
Bem
Alcanço qual o fim
Que tem
Tanto gatimanho.
E d'onde te veiu agora
Affecto por mim
Tammanho?
Pouco valem essas manhas;
Não te vás
D'ahi embora,
Verás
O que em breve apanhas.»

E ladrando furioso,
O brioso
E fiel cão
Afuguentou o ladrão.

Cautela e sempre cautela
(Por muita que seja, é pouca)
Com quem ardilosamente
Procura armar a esparrella
Á nossa vaidade louca
Ou ambição imprudente ([224]).

FABULA 194.ª

Os frades que se regalem!

Quantos contos assacados
Aos pobres frades, coitados!
Quantas historias famosas,
Algumas de arrepiar,
Sabe Deus com que verdade!
(Quero crer
Que fabulosas:)
Uma porém,
Sem
Maldade,
Póde ter

Applicação,
E eis porque lh'a vou contar.

Fallarei d'um guardião
Dos famosos franciscanos
Era eu inda rapaz,
(E quantos annos
Lá vão!)
Deixal-os dormir em paz.
Passava
Por comilão
E, além d'isso, costumava
Apreciar
De antemão
O jantar
Que o aguardava.
Porisso, a horas marcadas
Ouviam-se umas pancadas
Á porta da sua cella:
Não era nenhuma bella,
Sim o mestre da cosinha,
Que lhe vinha
Dar noticias do jantar.
—«Póde entrar!»
Mui depressa lhe dizia
O frade, que se lambia:
«Entre, mestre; e diga lá
O que hoje você me dá,
Isso muito de vagar.»
Assim lh'o recommendava

Para mais saborear.
Logo o mestre começava
O *menu* a recitar:
Vamos andando... um jantar
Muito á antiga portugueza,
Que a pobreza
Não cheirava.
Durante a tal ladainha
Agua á bocca ao frade vinha:
Com os olhos meio-fechados,
No ventre os braços cruzados,
E todos no paladar
Os sentidos concentrados,
Julgava ouvir o cantar
Dos córos celestiaes.
Teve a curiosidade,
Não ouvindo dizer mais,
De um dia lhe perguntar:
—E a nossa communidade?»
Responde o mestre:—«O feijão
E o bacalhau a fartar
Tem suas paternidades.»
«Bom jantar!»
Serio exclama o guardião:
«Que se regalem os frades!»

Frades houve, e os ha, assim:
Á eira
Venha soalheira,
Chuva caia nos nabaes,

Para elles: aos demais
Basta e de sobra, o ruim ([225]).

FABULA 195.ª

O pretendente

Quando foi da acclamação...
(A de um rei,
Já não sei
De que nação,
Pois tenho fraca a memoria;)
Um facto se deu que a historia
De certo não contará,
O que sinto na verdade,
Poisque nos dá
A medida,
Inda talvez mal sabida,
De quanto pôde a cegueira
Da lisongeira
Vaidade.
Foi por essa occasião
Ter com certo figurão,
Que tinha seu valimento,
Um fuão
Pedindo que o protegesse,
Se podesse,

Pois fizera requ'rimento
Para ser condecorado.
—«De certo documentado
Muito bem o apresentou?»
O outro lhe perguntou.
—«Isso com toda a certeza:
Levava uma certidão
De doutor muito afamado,
Pelo qual eu fui tratado
Mais d'um mez, de perna lesa
Com dois coices que levei
(Pespegando-me no chão)
D'um dos cavallos de el-rei
No dia da acclamação,
Quando a pé o acompanhei
Soltando grande alarido,
Quasi que fico aleijado...»
Dizem que foi attendido.

Feliz
De certo o paiz
Onde um pobre cidadão
Póde ser condecorado
Só por dois coices levar
Em solemne occasião!
Ouvi
Porém
Que tambem
Não poucos alli
Havia

Podendo tudo alcançar
Não
Levando,
Senão
Dando
Com denodo e bizarria,
Ou physica ou moralmente,
Solemne pancadaria.
Um tal meio,
Embora feio
(Quando não é indecente)
Amargo medicamento
Teve sempre cabimento;
E receio
Que por muito tempo ainda
D'elle o mundo não prescinda,
Empregado
Mais ou menos mascarado (226).

FABULA 196.ª

A grande razão

A um orador que prégou
Sobre S. Bartholomeu
Perguntou
Ao depois o sacristão:

—«Porque assim
Lhe chamam *meu*,
Devendo chamar-lhe *nosso?*
Scismado tenho e não
Posso
Resolver esta questão,
Bem difficil quanto a mim.»
Fica o padre atrapalhado:
Mas, depois de haver pensado,
Respondeu-lhe muito serio:
—«É mysterio;
É *porque sim.*»
Pois, na minha opinião,
Deu a melhor solução
Que podia ao caso dar;
E, se alguem fôr estudar
Bem a fundo
Os problemas d'este mundo,
Outra lhes não póde achar ([227]).

FABULA 197.ª

O gallo fanfarrão

Numa capoeira havia
Tres gallos. Melhor diria:
Um gallo só no presente,

Um futuro, e outro passado.
Este, velho e aposentado
Era-lhe tudo indiff'rente.
O segundo, pretendente
E mettido a taralhão,
Qual o faz
Qualquer rapaz.
O primeiro, fanfarrão
De forças fazendo alarde,
Não
Passava d'um covarde.
Mas pouco monta
Que o fosse,
Tinha a posse
Do *pennacho;* era o sultão
Reinante na capoeira.
Trazia o frango de ponta,
E, levantada questão
Não
Sei por que frioleira,
Entre este, uma vez,
E um pato
Que para o gallo appellou,
Fez
Enorme espalhafato
E até de *pinto* o alcunhou.
O frango, cheio de brio,
Chama-o logo a desafio
E lhe dá, em ar de estreia,
Uma soffrivel tareia.

Vencido porém,
O gallo
Não se tem
Por desthronado
E diz muito descarado:
—«Quiz poupal-o:
Ha de vir a ser valente.
Assim vai constantemente
Nossa raça melhorando:
Somos mais
Que nossos paes.
É da natureza a lei;
A quantos o ensinei!»
Disse isto olhando
De lado
Para o gallo aposentado.
Este perde a paciencia
Ao ouvir tal insolencia;
Vai-se a elle
E por um triz
Não lhe dá conta da pelle.
Eis logo o vencido diz:
—«Ainda mostra o que foi
No seu tempo o velho heroe:
Eu poupei-o,
Fôra feio
Nelle a velhice insultar:
Mas na sua mocidade,
Confesso valha a verdade,
Havia de me esforçar,

Ou era eu o vencido.

Quantos assim tens ouvido
Insolentes fanfarrões
Sem pudor
(E isto em todo o sentido)
A quem não
Servem lições
E vão
De mal a peior (228)?

FABULA 198.ª

O idolo e o cão venerador

Perante a estatua d'um deus
Levantada no caminho
Um cão se curva e lhe diz:
—«Bem sei quanto sou mesquinho
Mas não quiz
Os votos meus
Deixar
De te apresentar,
Como devo, mui submisso.»
—«Passo muito bem
Sem
Isso»

Lhe responde a divindade:
«E só te peço
Ou te mando
(Pois te conheço
A piedade)
Vil sabujo!
Que vás cortando
Depressa,
Não te dê alguma pressa
E me deixes todo sujo.

Receia sempre o peior
D'um homem *venerador* (229).»

FABULA 199.ª

A raposa

Uma raposa
Manhosa,
(É tudo um mesmo dizer)
Vendo que de dia a dia
O negocio enfraquecia
Por causa dos concorrentes
Astutos e mais valentes;
Assentou em se fazer
De innocentes
Defensora,

Protectora
De opprimidos.
Com discursos palavrosos
Contra os grandes e pod'rosos,
Os ricos empedernidos,
Eil-a feita prégadora.
Era uma santa... por fóra;
Por dentro, a mesma raposa.
Para si, nenhuma cousa
Desejava;
Ao bem publico votada,
Aspirava
Só a elle e a mais nada.
Muitos lhe deram ouvidos:
D'esta grande clientela
Alguns eram opprimidos
Não pouco, valha a verdade;
Outros, pela novidade
Attrahidos;
Varios, porque á sombra d'ella
Esp'ravam tambem lucrar;
E muitos, muitos milheiros
Seguiam quaes os carneiros:
É gente
Que foi creada
Sómente
Para imitar
Sem nunca perceber nada;
Confundindo o mal com o bem
Vontade propria não tem.

Tanto fez, que convidada
A final
Foi, a prégar
Ante a familia real.
Alli sim, que ella brilhou!
Trovejou
Contra a cruel tyrannia,
Que o pobre povo opprimia;
Tudo num estylo e tom
Que não os desprezaria
Bourdalou ou Massillon;
E deixou
O auditorio embaçado.
O proprio tigre chorou
Tanto sangue derramado!
El-rei quiz recompensar
Nella a virtude e o saber:
Depois de a condecorar
Com sua sob'rana mão
(Pois tomou o caso a serio)
Dignou-se de lhe off'recer
Um logar
Rendoso na adm'nistração
Do seu vastissimo imperio.
A tartufa, violentada
Por se ver assim roubada
Ás suas nobres canceiras,
A final se conformou
('Té á ultima luctando)
O ministerio acceitando

De todas as capoeiras,
No qual bem se abotoou.

Mais d'um ha que tem trilhado
D'esta raposa o caminho,
Que mui breve e direitinho
O levou
Até chegar
Aonde um homem honrado,
Que de taes meios renega,
Sóbe muito de vagar
Se por ventura lá chega (230).

FABULA 200.ª

Os nabos e os grêlos

—Quem comer
Adeantado
Não fique depois pasmado
Por não ter
De que viver.—
Á memoria isto me traz
Caso
Que me aconteceu.
Era eu
Ainda rapaz

Quando li
Carta que, por mero acaso,
Succedeu
Nas mãos cahir-me, e que vi
Ser de figurão
De marca,
Especie de patriarcha,
Senhor de farta lareira
Numa das terras da Beira.
Escrevia a um seu irmão:
Alem
De todos contados
Os casos graves passados
Que da aldeia,
Entretinham os serões,
Vinha a carta tambem
Cheia
De sensatas reflexões.
Uma não me ha de esquecer:
—«Foram os nabos poupados;
E, porisso, regalados
'Stamos agora a comer
Com indizivel prazer
Os bellos
Gostosos grêlos.»

Assim nem sempre fazemos:
Os nabos vamos comendo,
E depois
Grêlo não tendo

Nenhum,
Á nossa custa apprendemos
Que no cabo
Grêlo e nabo
Par'cendo dois
Tudo é um (231).

FABULA 201.ª

O hortelão

Perguntado um hortelão
A razão
Porque tanto se esfalfava,
Sem que descanço tivesse
Já na rega já na cava
Em que andava
Trabalhando sempre a horta,
Respondeu: — «Se o não fizesse,
Tinha a hortaliça morta.»
—«Mas permitta que lhe diga»
Torna o outro: «que se dão
Muito bem,
Quando as deixam, neste chão
A urze, a gramma, a urtiga
Medrando sem
O cuidado

Que você com as couves tem.»
—«Mal peccado!»
Lhe replica o hortelão:
«Isso está bem
Explicado,
Pois umas as filhas são
D'esta terra,
E as outras não;
D'ellas parece madrasta,
Faz-lhes guerra.
E, demais, veja o senhor:
Ao mal o desleixo basta
Para medrar a valer;
Mas o bem muito suor
Custa para não morrer (232).»

FABULA 202.ª

A lebre e a tartaruga

Disse a tartaruga á lebre:
—«Embora o mundo celébre
Numa voz
A tua veloz
Carreira
E diga que eu sou zoupeira;
De apostar

Não se me dava
Que eu chegava
Muito primeiro que tu
Áquelle rochedo nu
Que além se vê branquejar.»
—«Isso bem podia ser!»
Responde a lebre
A zombar:
«'Stás com a febre
De correr?
Apósto,
Dou-te esse gosto:
Anda lá
Com o teu vagar,
Não comeces numa fuga,
Isso não vá
A matar.»
Eis que logo a tartaruga
Para tempo não perder
Vai andando como póde,
Sem
Que muito se incommode
(Nem
É capaz de correr.)
Ficou
A lebre pastar
E depois foi se deitar
Quando farta de comer,
(E a tartaruga a andar...)
Acabou

Tarde da sesta
A lebre e deita a correr
Vendo que pouco já resta
De caminho á tartaruga;
Corre, voa, tão ligeira
Como quando vai na fuga,
Pelos galgos acossada.
Baldada
Foi a canceira:
A lebre ficou vencida.

Nas veredas d'esta vida
Quem sempre e em linha
Recta,
Embora mais devagar,
Sem se distrahir caminha,
Póde muita vez lograr
Primeiro á meta
Chegar,
Do que outro com melhor perna,
Se a carreira mal governa
Contando, com o seu talento,
Tudo vencer num momento (233).

FABULA 203.ª

Os zangãos

De fome quasi a morrer,
E não sei se despeitados
De a todos ouvir dizer
Que eram entes escusados,
Os zangãos se recordaram
De ter lido em lendas velhas
(Se não foi que as inventaram)
Que elles tambem descendiam
D'umas famosas abelhas,
As quaes, em tempos, faziam
Um mel tal
Como o não houvera egual,
Muito e muito superior
Ao que então
Era o melhor.
Consultado o calendario,
Eis decretam centenario.
Vão
Buscar,
Desenterrar,
Das taes abelhas preteritas,
Suas avós benemeritas,
As reliquias venerandas,
Com as quaes andam

Em bolandas:
Inventam jogos diversos,
Dançam leves sarabandas,
Recitam prosas e versos;
Discursos ha que tresandam
De heroismo,
De nobre patriotismo.
Perante os sagrados restos
Fazem solemnes protestos
De morrer, ou de imitar
Do seu mel o fabricar.

Acabado aquelle entrudo,
Acabou tudo:
Os pedantes,
Depois de desmascarados,
O seu viver não mudaram
E ficaram,
Como d'antes,
Despreziveis, desprezados.

Povo que quer caminhar,
Não deve olhar
Para trás;
Isso é proprio da velhice,
É signal de caduquice.
Caminhe a passo seguro
Fitando só o futuro.
De certo muito bem
Faz

Quem
Exalta os seus maiores
(Se foram d'isso crédores,
Se não, é melhor calar)
Mas trate de ir mais alem
—Atrás
D'um tempo outro vem—
Não os procure imitar
Servilmente,
Porque não volta o passado
Felizmente
(É meu pensar)
E cada epocha tem
O seu papel designado.
Novos meios
Necessarios
São
A novos fins obter;
Centenarios
Não
Passam de vãos recreios
Para os ocios entreter;
Uns joguetes,
De badalos muita bulha,
E faulha
De foguetes,
Mascarada,
De impostura occasião,
E... não
Servem de mais nada (234).

FABULA 204.ª

O OVO

O primeiro que encontrou
Um ovo (se de gallinha,
Pata, perua... elle vinha
Quem sabe?) tanto o mexeu
Que o ovo em fim se rachou:
Então o homem o bebeu
E gostou.
Quantos depois encontrava,
Ou os bebia ou os dava
A beber
Aos filhos e á mulher,
Todo ufano
De haver feito um tal achado.
Correu assim muito anno
'Té que, por acaso, um dia
Num borralho que ainda ardia
Cai um ovo
E fica assado;
E quem alli o encontrou
Comeu, muito regalado,
Aquelle
Guisado
Novo

Que elle
Aos demais ensinou;
E desde então
É que os povos
Bebem ou comem os ovos;
(Mas a historia não
Relata
D'esta evolução
A data.)
Passados annos e annos,
Quando os instinctos humanos
Se apuraram;
Inventaram
A panella!
E após ella
Os tachos, as frigideiras...
E foi quando começou
A era das cosinheiras.
Desde esta é que figurou
De mil diversas maneiras
O ovo até nossos dias
Em milhares de iguarias,
Invenções de lambareiros
(Incluindo as lambareiras.)
Pratos são muito cazeiros,
De todos bem conhecidos:
Ovos fritos e mexidos,
Escalfados
Recheiados,
Ovos molles e... reaes,

Não se póde dizer mais!
(Fôra um nunca se acabar
O querel-os todos contar.)
—«Mas d'esses feitios novos
A base eram sempre os ovos;
Cabe pois a quem
Primeiro,
Mesmo sem
Ser cosinheiro,
Se lembrou
De partir e de beber
O tal ovo que encontrou,
A gloria da invenção.
O mais foi imitação,
Pouco tinha que fazer.»
Me vai o leitor dizer—
—«Pois está muito enganado:
O primeiro que o bebeu
Não teve merecimento;
Apertado
Pela fome
O mesmo lhe succedeu
Que ao jumento,
Quando a tem e as hervas come.»

Ha invenção e invenção:
Uma, só do acaso filha
E dura
Necessidade,
Não

Nos causa maravilha;
A outra, da reflexão,
Que procura
Das cousas a utilidade.
E assim vai a humanidade
Caminhando
Em noite escura,
Alcançando
Em todo o caso,
Por industria ou por acaso,
De vagar
Sua sorte melhorar (235).

FABULA 205.ª

O rouxinol e a cotovia

Disse o rouxinol um dia,
Quando viu a cotovia
Subindo sempre, a cantar:
—«Se tu assim continuas
Sem parar,
O que valem essas tuas
Cavatinas?
Pouco ou nada.
Se queres ser
Escutada

Com prazer,
Não
Te deves tanto erguer
A cima d'estas campinas;
Fica mais perto do chão,
Onde estão
Os que te querem ouvir.»

Póde servir
A lição
A poétas, estylistas,
De palavras alchimistas:
Se o que dizem faz sentido (?)
É perdido
Infelizmente
Para quasi toda a gente (236).

FABULA 206.ª

O homem e a raposa

Um lavrador apanhou
Uma raposa num laço,
E lhe amarrou
Com um baraço
Ao rabo estriga de estopa,
Sopa

De alcatrão ou breu,
Que acendeu;
E logo deixou
Fugir
A raposa assim a arder,
Para de exemplo servir.
Mas foi elle quem o deu:
Pois ella se lhe metteu
A correr
Pela seara
Madura, que toda ardeu.
Sahiu a vingança cara
Ao lavrador leviano
Que nesse anno
Não fez eira...

A ira é má conselheira ([237]).

FABULA 207.ª

O urso e os dois caçadores

Dois rapazes caçadores,
De certo não dos melhores,
'Stando falhos de recursos
Á caça foram dos ursos:
Mas, imitando estadistas

E graves economistas,
Que são faceis de imitar,
Tinham pedido dinheiro
Sobre a pelle do primeiro,
Urso, que fossem matar,
E sabe Deus com que usura?
(Operação financeira
De divida fluctuante;
Ia dizer... ladroeira,
Porém já disse o bastante.)
Eil-os vão
Pois á procura
D'um urso. Estes por cá
Bem faceis são
De encontrar
(Só difficeis de aturar:)
Tambem não
Faltavam lá.
Entrando numa floresta,
Logo um urso!... Larga a bésta
O primeiro
Que tal viu,
E mui depressa subiu
'Té ao cimo d'um pinheiro.
Atira comsigo ao chão,
Meio-morto, o companheiro;
Mal lhe bate o coração
Gelado dentro do peito.
Chega o bicho, e vai direito
Ao desgraçado

Prostrado:
Porém (ou seja verdade
Que os mortos elles não comem,
Ou lhe faltasse a vontade)
Depois de o ter farejado
Foi-se embora socegado,
A vida deixando ao homem.
Desce o outro do pinheiro
E pergunta ao companheiro,
Que estava já levantado:
—«Aproveitaste o discurso
Que tão pertinho do ouvido
Te 'steve fazendo o urso?»
—«Amigo!» lhe tornou elle:
«Por tudo quanto me disse,
Fiquei muito convencido
De que é enorme tolice
Vender dos ursos a pelle
Antes de os ter extendido (238).»

FABULA 208.ª

A raposa e as sarças

Fugia
Quanto podia
Uma raposa acossada:

Eis que desce uma quebrada
Tão
Grande e escorregadia
(Era um barranco profundo)
Que alli de certo morria,
Se não
A achasse forrada
De sarças até ao fundo;
Mas nas quaes deixou ficar
Muito sangue a gottejar.

Bemfeitores d'esta casta
Semelham certa madrasta
Que dava o pão á enteada
Quando emfim
Esta o pedia
A chorar esfomeada,
Mas bem duro; e de repente
Pela bocca lh'o mettia
A ver se assim
Algum dente
Á desgraçada
Partia (239).

FABULA 209.ª

O bilhete de visita

Farto de fazer visitas
Massadoras, infinitas,
Um dia
Lembrou-se alguem
Que podia
Muito bem,
Se não sempre, bastas vezes,
Aviar certos freguezes
Com cartitas
De que conservava, escriptas
Nas horas vagas, porção;
E, chegada a occasião,
As datava
E assim mandava
A este ou áquelle fuão,
Pois, quaes
São
Muitas visitas,
Entre si eram eguaes
Ou bem pouco differiam
E bom serviço faziam.
Inda assim, breves embora,
O seu tempo o homem chora

Que perde em as escrever,
Tinha muito que fazer:
Porisso, de quando em quando
Vai resumindo,
Cortando,
Até que tudo se some
Ficando só o seu nome
As cartas substituindo:
Tal é a origem bemdita
Do bilhete de visita,
Que hoje, mercê do progresso,
Já todos usam impresso.

Este bem
Assim obtido,
Poupando o tempo perdido
Em visitas e massadas,
Tambem
Se podia obter,
A meu ver,
Simplificando
Muitas cousas excusadas,
Sem gastar
O tempo em vão.
Simplificar
Com juizo
Guardando só o preciso,
É o caminho a trilhar,
Na vida particular,
Na publica adm'nistração (240).

FABULA 210.ª

O burro e o eclipse do sol

Vendo que o sol se escondia,
Como ainda agora o faz,
Por trás
Do globo da lua,
Eis que logo a bicharia
De medo sua,
Alto berra
E atordoa toda a terra.
Começa o burro a zurrar,
Mais e mais forte zurrando
Quando
O sol vê despontar;
No fim impando,
A dizer:
—«Vejam qual é o poder
D'esta voz!
Seus estampidos
Temidos
São
Pelos astros do céo!
Nas trevas, não
Sendo eu,
E para sempre sumidos

Agora 'stavamos nós.»

Muitos dos mais aterrados
Ficaram capacitados
Do que o burro lhes dizia;
Que a mentira, acompanhada
De ousadia
Descarada,
Tinha já grande valia (244).

FABULA 211.ª

A arvore dos pomos de oiro

Um homem no seu quintal
Tinha planta, sem egual,
Arvore muito melhor
Que a figueira de Timão;
(De Athenas um cidadão,
Sempre de pessimo humor,
O qual antes de a cortar
Para o lume
Alimentar,
Espalhou pela cidade:
—«Que, pois estava em costume
Irem-se alli enforcar,
Quem tivesse tal tenção

Fosse lá com brevidade,
Ou perdia a occasião.)
Dava esta pomos de oiro,
Um milagroso thesoiro!
Mal o soube aproveitar,
E d'ahi se desgraçou,
O dono que se lembrou
De tal arvore arrancar,
Para assim ver se lograva
Mais oiro ainda alcançar.
Eis como elle arrazoava:
«—Tem causa sempre um effeito,
É da logica preceito:
Se oiro dás,
Deve esse chão
Onde estás,
Onde nasceste,
Tel-o mais do que te dá
(Não
Foste tu que o fizeste.)
Claro está,
Se te arrancar,
Nelle que devo encontrar
Oiro quanto appetecer:
Isso, pois, vou já fazer.»
E philosophava bem.
Porém
Da razão humana
Nada mais nasce ou dimana
(Muito embora o queira alguem)

Do que o simples argumento;
A razão é instrumento
Que ás vezes aperfeiçoa,
Ás vezes vai estragar,
Quanto a memoria lhe dá.
É qual moinho de vento:
Bom, nos ha de fabricar
Farinha de trigo boa
Se trigo capaz moér;
Má
Farinha quando o grão
Fôr elle tambem assim;
Sendo o moinho ruim
O bom trigo ha de perder.
Dá-se o mesmo com a razão:
Quantos homens ha que são
Dotados d'ella bem clara,
Porém d'ignorancia rara,
E, que á falta de moer
Cousas boas, sem sciencia
Tudo julgando saber,
Apenas moem tolices,
Patranhas e pieguices...
(Ai de mim! e a paciencia!)
Outros tem grande fartura
De sabença,
Se magna a semeadura
Correspondeu-lhe a nascença;
Mas perdido sai o estudo,
Poisque o moinho estragou

Quanto trigo nelle entrou.
Isto tudo
Quer
Dizer:
—*Que de pouco valor são*
Sem a sciencia a razão,
Sem esta o muito saber.—

Nunca o tal
Homem pensou
Haver alli um mysterio
Que excedia o seu criterio;
E o qual
Convinha deixar
Sem tentar
Descubrir-lhe a explicação.
Arranca a planta, e depois
Começa a cavar
No chão.
Cava um dia, cava dois,
Ignoro quantos cavou;
Mas sei que nada encontrou
Senão
Terra, e essa tal
Qual
Tinham elle e os demais
A rodo nos seus quintaes.
Sanar
Quer
Então

O mal,
Torna a arvore a plantar:
Era tarde, em poucos dias
Murcha e sêcca a viu morrer;
E, em vez das taes
Melhorias
Com que se tinha embalado,
Morreu pobre e desesp'rado (242).

FABULA 212.ª

O nariz curado

Um homem tão estragado
Chegou a ter o nariz,
Que a mestrança condemnado
Já lh'o havia a ser
Cortado,
Sem nada o poder
Salvar.
Isso o doente não quiz;
Especialista afamado
Vai consultar
E lhe diz:
—«Doutor, veja se me cura,
Sem que eu tenha de soffrer
A terrivel cortadura

Que os seus collegas me juram
(Ai! pobres dos que os aturam!)
Não se poder
Evitar.»
—«Qual cortar!»
Torna o doutor:
«Não, senhor:
Apenas entrou, bem
Vi;
Isso cai mesmo por si.»

Quantas cousas tem
Cahido
De maduras,
E quantas hão de cahir
Que nos parecem seguras,
Sem
Um dedo lhes bulir,
Qual o nariz combalido,
Máo grado as opiniões
Contrarias de sabichões;
Uns gritando: de as cortar,
E os outros: de as conservar?

Tudo quanto nasce e cresce
Muito faz se amadurece:
Mas, por fim, tem de acabar [243].

FABULA 213.ª

O carro atolado

Atolado um carro estava:
O carreiro praguejava
Contra os bois, contra o caminho,
E até contra si; emfim
De pragas era um moinho:
Mas o carro não andava.
Lembrou-se dos céos por fim:
—«Se com o mundo carregaste,
Alcides, sem te cançar,
Bem me podes ajudar,
Não precisas de guindaste:
Um dedinho,
E me arrancaste
O carro d'este atoleiro!»
—«Ahi vou já, mui veloz»,
Grita dos céos uma voz:
«Mas espera um poucochinho,
Pois quero ver se primeiro
Me tiras com um fueiro
Essa pedra que ahi vês
Mesmo deante da roda
Da direita do teu carro.»
O carreiro

Assim o fez.
—«Bem: agora enche de barro
E calháo essa sub-roda
Onde a outra se metteu.»
O carreiro
Obedeceu.
—«Ora pois,
Mette o hombro a esse chedeiro;
Falla aos bois.»
—«Chêga!» Está o carro a andar!
—«Hei de te sacrificar
Por este favor
Tammanho,
Grande Alcides, o melhor
Carneiro
Do meu rebanho»
Brada o carreiro
Encantado.
—«Obrigado!»
A voz lhe diz:
«Pouco tens a agradecer:
Apenas te quiz
Mostrar
Teres bastante poder
Para, com o esforço teu,
O carro desatolar
Sem ires importunar
Por cousa tão pouca o céo (244).»

FABULA 214.ª

O espinheiro

Um espinheiro rasgava
Tudo quanto lhe passava
Ao alcance dos espinhos,
Tão agudos e damninhos
Quaes espinheiros os tem.
—«Donde vem?»
Diz-lhe um salgueiro,
«Que feres tudo o que passa?»
—«De eu achar
Prazer e graça
Em
Rasgar
O mais que possa.»
Lhe responde o espinheiro.

Ha no mundo gente assim;
Que tem
Da maldade a bossa,
Que gosta de ser ruim (245).

FABULA 215.ª

O rebanho

Um rebanho revoltou-se
(Fosse lá pelo que fosse)
Contra o cão, contra o pastor;
E julgou que era melhor
Acabar com a monarchia,
Voltando á doce anarchia
D'aquelles tempos primeiros
Que os poetas inventaram,
Quando ternos misturaram
Os lobos com os cordeiros.
Numa bella madrugada
Foge tudo em debandada.
Houve quem
Quizesse o mando
Ter então da carneirada,
Tal ensejo aproveitando
Para tambem
Governar;
Mas levou basta marrada
E nada
Pôde alcançar.
Correu tudo muito bem
Naquelle primeiro dia;

Com fartura
Pasto havia,
Não se extraviou ninguem.
Mas, chegando a noite escura
Cercada dos seus horrores,
Viu-se o rebanho mesquinho
Sem aprisco e guardadores.
Torcem todos o focinho:
Mais d'um já suspira afflicto
Pelas cebolas do Egypto.
Crescem com a noite os cuidados:
Pelos lobos assaltados
Eil-os que fogem sem tino;
Muitos o cruel destino
Soffrem de ser devorados;
Outros morrem afogados.
Varios acham seu exicio
No fundo d'um precipicio.
Raia emfim a madrugada;
Reuniu-se em assembleia
O resto da carneirada
E, descontente com a estreia,
Decidiu que era melhor
Voltar logo ao seu pastor.
Assim fazem sem demora,
Assim vivem 'té agora,
E bem é de acreditar
Que hão de assim continuar.

Póde ser que apaixonado

Do governo realista
Tu me julgues, meu leitor?
Pois estás muito enganado:
Nem d'esse, nem de nenhum
Da muito comprida lista:
Porém, seja elle qual fôr,
É forçoso que haja um.
Escolham, pois, o melhor,
Já que d'elle se carece,
Tudo vai no escolher
O que mais lhes convier.
Se doenças não houvesse,
De certo que se vivia
E morria
(De velho) sem medicina,
Remedios e boticarios;
Assim males necessarios,
Muitos governos tem sido.
Quando o homem pervertido,
Desatina
Quando alem de tolo, é máo,
(E quantas vezes malvado!)
Sempre ha de ser
Governado
Não pela lei, mas a páo
(Tanto orça,
Pois tudo quer
Dizer
Força)
E por um ou outro modo

Explorado
Com qualquer
Perfido engodo.
É um governo ruim
Por sahir da mesma massa
Dos que elle governa assim.
Não me consta que se faça
Homem probo, justiceiro,
Um villão
Por ter a vara na mão;
Ou sesudo financeiro
Um safado caloteiro;
Ou estadista profundo
Papelão,
Grande pateta,
Palrador, chôcho poeta,
Como ha tantos pelo mundo;
Porque foram acclamados
Pelos seus apaniguados,
Que os querem assim ruins
(Todos sabem com que fins)
Governando algum Estado.
Só povos degenerados
Cumplices d'elles serão.
Para ser
Bem governado,
Ou fazer
Do desgoverno
Bom governo,
É vão

O nome alterar:
Se o actor não vale nada,
Que importa a peça
Mudada?
Sempre ha de representar,
Que mereça
Pateada.
E, se o publico não presta,
O que é máo, bom lhe parece,
E detesta
O que fôr
Optimo actor.
Porisso já disse alguem:
—«Geralmente um povo tem
O governo que merece.»

Povo, se governar queres,
Ou, melhor,
Desejas ser
Com justiça governado,
(Pois tudo o mais é baldado)
Deves tratar de apprender
Os direitos e os *deveres*
(De ordinario desprezados)
Dos homens livres e honrados.
Se levado
Da vaidade
Cedes a instinctos ruins,
Esqueces duras lições,
Tomas por santa verdade

Quanto certos intrujões
Te imbutem para seus fins;
Não te vás depois queixar
De quem te *ha de*
Governar (246).

FABULA 216.ª

O capote

—«Venho, amigo,
Ter comsigo
Para pedir-lhe emprestado
Todo este dia
Um capote»
Dizia
Certo sujeito
(Suspeito
De haver pregado
E mais de uma vez calote)
A outro seu conhecido.
—«Tem chovido»
Responde o homem da capa,
Julgando que assim lhe escapa:
«E é provavel
Que hoje todo o dia chova;
Começou com a lua nova,

E note
O céo como está;
Com tempo tão detestavel
Como hei de emprestar capote?
Tenho um só.»
—«Essa é boa, e mette dó!
Dar-se-ha
Que exista algum miseravel
Que dois capotes não tenha?»
Pergunta em tom zombeteiro
Desconfiado
O primeiro.
—«Ha você» conclue zangado
O outro: «que nenhum tem,
E sem
O meu lá se avenha.»

Virtudes e attenções,
Ou por grosso ou por miudo,
Segundo as occasiões:
Nos outros deve haver tudo,
Ou não
São
Homens de bem;
Porém
Nós, que nos queixamos
Quando a porta lhes achamos
Algumas vezes fechada,
Basta termos pouco ou nada (247).

FABULA 217.ª

O boticario e os remedios

Não recuses para ti
O que para os mais desejas:
De contrario,
Imitas o boticario
Do conto que trago aqui,
Qual espelho onde te vejas.

Cai doente
De repente
Boticario afreguezado.
Perguntado
Que remedio ha de tomar
Dos que na botica tem,
Desata logo a gritar:
— «Vocês vem
Com tenções de me acabar?
A botica é excellente
Para algum freguez doente;
Para mim de nada presta,
Que não conto morrer d'esta.»

Quantos boticarios ha,
Tem havido, por ahi,

Apregoando maná
Que não querem para si? (248).

FABULA 218.ª

O congresso dos ratos

Um gatarrão, um diabo
(Por signal que era maltez,
Sem orelhas e sem rabo)
Tinha jurado dar cabo
De quantos ratos havia
Pela sua freguezia;
E enviar, por uma vez,
Todo o rato ou ratazana
Aos bichanos de *Pantana*.
Os ratos espavoridos,
Em suas tocas mettidos,
Chiando de fome e medo,
Sempre na bocca com o *credo*,
Não sabiam se escolher
O morrer,
Ou o emigrar,
Como esp'rança derradeira
Para a raça se salvar.
Uma noite, pois, que ouviram
Nos descantes do telhado

Medonha a voz do malvado,
Em 'spaçosa carvoeira
Á pressa se reuniram
Para trazer a questão
Á téla da discussão.
Brilharam os estylistas,
Os profundos estadistas,
De que havia profusão.
Muita chufa alli se disse,
Muita parva bernardice,
Muito sédiço argumento,
Muita allusão
Indecente;
Appar'ceu muito jumento
Com a tal pelle do leão:
Foi, em summa... um parlamento.
Mas votou-se finalmente,
Proposto por um *prudente*
Rato velho, visionario,
Doutrinario,
Medalhão
Peste do Estado
(Quaes os doutrinarios são)
Que fosse logo amarrado
Um grande e sonoro guizo
Ao pescoço do malvado;
Que assim lhes daria aviso
Toda a vez que se mexesse
Com tenções de os ir caçar,
E que cada qual podesse

Fugir á morte macaca
Dentro da sua buraca;
Devendo o guizo levar
Gravado o nome do auctor
Que o remedio foi propor.
Tudo vota a gente rata
Aos gritos de «fere e mata!»
Quando se quiz pôr em obra
Esse famoso decreto,
O primeiro que sossobra
É o auctor do tal projecto.
Diz:—«Que esteja prompto a dar
Pela patria o sangue seu
Quem o pode duvidar?
Se até alli o não
Deu,
Bastantes vezes correu
O p'rigo de o derramar.
Que outros se vão
Arriscar
Pela patria d'esta vez,
Como elle fez
Noutra edade
Mer'cendo a immortalidade,
Uma estatua e o Pantheão.»
Assim fallou o portento
E ninguem
Lhe deu com um páo:
De molho ficou o intento
Em

Aguas de bacalháo;
A pôr o guizo no gato
Nenhum rato
Alli se quiz arriscar.

Quando o caso é só fallar,
Muitos ha que fallam bem:
Mas, tratando de arrostar
Com algum p'rigo imminente,
Ha pouca gente
Ou ninguem (249).

FABULA 219.ª

O macho fidalgo

Um macho não se calava
Com a mãe; a qual blasonava
Fôra a egua mais formosa,
Mais famosa,
Mais nobre que tinha havido.
Descendia
(Como? só elle o sabia)
D'aquelle nobre cavallo,
Nascido
Do grande abalo
Que Neptuno á terra deu,
Quando um dia

Concorreu,
De annos ha boas centenas,
Com Minerva, a gran-matrona
Sabichona,
Por causa da nobre Athenas.
Figurado
Sempre havia toda a vez
Que se fez
Casamento,
Baptizado,
Sahimento,
E outros taes
Actos nos Paços Reaes.
Leve qual o leve vento,
De corridas mais d'um cento
Tinha ganho aqui, além.
Era um nunca se calar:
Porém
Do pae não fallava;
E porisso se vingava
Zombando nelle o povinho
A dizer:—«Que o seu solar
Era longe de um moinho
Para o qual acarretava,
A suar,
Muito trigo e muito milho,
Emquanto o tolo do filho
De nobreza se gabava.»

Se o macho não se emproasse

Tanto, fallando da mãe,
Talvez o povo tambem
Menos no burro fallasse (250).

FABULA 220.ª

O corvo querendo imitar a aguia

Não é o corvo de certo,
A meu ver,
Menos esperto
Do que os outros animaes;
Mas muitas vezes pretende
Exceder
Os seus eguaes
E ainda os que podem mais:
É nisso que elle se extende.
Assim foi que se extendeu,
E muito bem ao comprido,
Certo corvo presumido
Num caso que succedeu.

Vendo uma aguia levar
Para o ninho
Nas garras um cordeirinho,
Logo as contas foi deitar
De o mesmo tambem fazer.

Vai para isso escolher
Num rebanho
Com a vista um bello cordeiro,
Mas tão lanzudo e tammanho
Que mais parece um carneiro;
E, rosnando: —«Ès mui guapo!
Has de chiar-me no papo»
Com ridicula fereza
Se lançou
Á bella presa.
Porém contra o feiticeiro
O feitiço se voltou;
Poisque tanto emmaranhou
Os pés e as unhas na lã,
Que foi vã
Qualquer
Tenção
(Vendo a empreza malograda)
De bater
Em retirada:
E peior
Foi quando a mão
Sobre elle o pastor
Lançou
E, por brinquedo, o levou
Para casa aos seus rapazes.

Repara bem no que fazes
Quando aos outros te equiparas:
Foje de acções indiscretas,

Qual o corvo não te mettas
Em camisa de onze varas (254).

FABULA 221.ª

A mosca e o veado

Mosca atrevida e vaidosa,
Das que perseguem o gado,
Sobre a armação majestosa
D'um veado
Foi poisar.
Vendo-o depois a cabeça
Abaixar
Para pastar,
Lhe diz:—«Olha eu não te impeça
Com o meu pêso: vou-me embora,
Já descancei um boccado,
E basta de incommodar.»
—«Só agora
Percebi
Que 'stavas pousada ahi.»
Responde o nobre veado.

Quantos ha que julgam ser
Figurões muito notaveis,
Ou por seu grande saber

Ou sua prudencia rara,
Sem poderem perceber
Que são moscas miseraveis
E nas quaes ninguem repara (253).

FABULA 222.ª

O prego e o parafuso

O prego e o parafuso
Para pregar
'Stão em uso.
O segundo de vagar,
Préga a taboa, a fechadura...
E fica a obra segura;
Sem ruido
Faz aceiado trabalho,
Digno de bom carpinteiro.
O primeiro,
O triste prego,
Batido
Ou a martello ou a malho,
Leva pancada de cego
Muito á pressa,
Que ora lhe dá na cabeça
(E, se alguma vez
Resvala

Sobre a taboa, vai rachal-a)
Ora o intorta,
Ficando ás duas por tres
Qualquer obra feia e torta;
Mal segura
A fechadura
Sem nos dispensar a tranca,
Pois se arranca
Num momento.
E não fallo no tormento
Do estardalhaço
Infernal,
Com o qual
Mui pouco engraço.
Por tudo isto, do prego
Arrenego,
Só uso
Do parafuso.
Pois ha muito parvo ou cego
Que diz preferir o prego.
Se é sincéra a affirmação,
Ignoro: alguns serão
Em vez de parvos velhacos;
Mas seja lá como fôr,
Faça-se tudo em
Cavacos:
O caso é só figurar,
Sem
Pensar
No que é melhor;

Fazer bulha,
Pois mais vale quem
Mais grulha.
O intrujão 'stá seguro
De que sempre ha de abrir furo:
Por ignorante que seja,
De encontrar
Quem menos veja
Tolo que o deixe
Pescar,
Com linhas rectas ou curvas,
Bello peixe
Em aguas turvas:
E, se a taboa se rachar,
Tanto monta;
Não racha por sua conta.

Respondia,
Accusado
Por alguem
De que ás vezes defendia
O mal em logar do bem,
Escriptor
Muito afamado:
—«Para quem
Eu me dirijo,
É melhor
Bater bem
Rijo
Do que bater acertado (253).»

FABULA 223.ª

A opinião publica

Um moleiro ia uma vez
Com seu filho, rapazito
Já de quinze, mais ou menos,
Vender á feira do mez
Um burrito,
Porém não dos mais somenos.
Vai no burro o rapazinho.
Eis encontram um vizinho
Que, zangado, assim lhes grita:
—«Cousa é pouco bonita
Ir teu pae *pede calcante*,
E tu, rapaz, mui chibante
Nesse jumento montado.
Como está tudo mudado
Hoje em dia!
No meu tempo quem
Havia
De ver o que hoje se vê!
Mas a culpa tem
Você,
Que assim o foi educar.»
Como não par'cesse bem,
Mandou

O velho apear
Ao filho, e elle montou.
Vão andando até que vem
De raparigas um rancho.
Entra logo uma a gritar:
—«Pobre rapaz, coitadinho!
Descalcinho
E a tropeçar
Por este ruim caminho,
Emquanto o homem mui ancho
Vai no burro amezendado,
Qual a pessoa d'el-rei!
Eu t'arrenego, malvado!
O que tu qu'rias, bem sei...»
—«Ás armas!» outra gritou
E tocou,
Fazendo da mão trombeta:
«Té, teré, terétété!
Olhem! montado
Á gineta
S. Jorge! não traz
Estado,
E seu pagem vem a pé.»
Outra diz:—«É engeitado!
E porisso o tracta assim
O ruim
Do Barrabás.»
Cada qual n'elle derriça.
—«Meninas, vão pentear
Macacos; ou vão á missa,

Que 'stá o padre ao altar.
Muito riso
Pouco siso:
Ás suas palavras ôcas
Faço eu orelhas moucas;
Mandrionas vão fiar!»
Porém quando as raparigas,
Com seus ditos e cantigas
Tomaram outro caminho,
Disse o velho ao rapazinho
Que montasse elle tambem.
Ainda não tem
Andado
D'este modo o seu boccado,
Logo com chufas o assalta
De praguentos nova malta,
Um dos quaes exclama:—«Olé!
Fôra seu esse rossim,
Tinha você
Mais dó d'elle;
Nunca o maltratava assim.
Seu não é.
Ou lhe vai vender a pelle
E da feira volta a pé.»
—«Quem chegou á sua edade»
Brada outro: «isso não faz!
Que é uma barbaridade
Ir você mais o rapaz
Ambos no bruto montados,
Num burro dos mais safados,

Que não póde com vocês.»
Seguia mui bem
Calado
O moleiro no seu burro;
Mas já lhe cheirava a esturro
O ser sempre criticado.
Quiz porém
Inda uma vez
A conselhos acceder
Para ver
Se, depois de tanta guerra,
Os deixavam ir em paz.
Põem ambos o pé em terra
E vão
Caminho da feira
Atrás
Do burro, que avança
Encantado com a mudança
Que lhe não
Parece asneira.
Inda nem
Tinham chegado
Ao principio do mercado,
Quando alguem
Rindo assim grita:
—«Esta agora é que é bonita!
O burro vai escoteiro,
E o rapaz mais o moleiro
Vão-lhe ás ancas
Dando ás trancas!

Não fôra melhor leval-o
Num de vocês
A cavallo?
Qual o mais burro é dos tres?»
—«Metta tambem o bedelho!
Serei eu» lhe torna o velho:
«Que fui um asno chapado
Por ter qu'rido, sem cessar,
Toda a gente contentar:
Mas agora estou curado,
Não torno mais a cahir
Em seguir
Os conselhos de ninguem.»

Não tinha toda a razão:
Se tal fez, não
Andou bem
O moleiro; pois diff'rente
É seguirmos cegamente
O que um ou outro fuão
Nos diz ser cousa acertada
De, sendo ella bem pensada,
A abraçarmos então
Sem nos importar mais nada (254).

FABULA 224.ª

O fanfarrão

Um fanfarrão blasonava
Que dera e havia de dar,
Porém
Que ninguem
Lhe dava.
—«Nunca teve de luctar,
Embora sempre vencesse,
Com quem
Mais força tivesse?»
Um ouvinte perguntou.
—«Isso nunca!» replicou
Mui depressa
O fanfarrão.
—«Onde então
Está essa
Valentia?
Pois mostral-a tem
Sabido
Só medido
Com quem,
Menos forças tendo,
Provou maior bizarria
Combatendo

Com você que mais podia?»

Se podes ou vales mais
Que os demais,
E se os vences á vontade,
Em que provas ter valia?
Porque tens d'isso vaidade (255)?

FABULA 225.ª

A côrte do leão

Em solemne recepção,
Num dia de grande gala
E côrte d'el-rei leão,
Serviu o antro de sala.
Não cheirava ás violetas:
Mal podendo disfarçar
Um urso fez taes caretas,
Tapando
As ventas com a mão,
Que, levando
Um cachação
De el-rei, que os sabia dar,
Cahiu redondo no chão,
Nunca mais se levantou.

—«Que tal te parece o cheiro?»
Perguntou
O leão a um macaco.
Este, muito lisongeiro,
Pois viu que para tabaco
Levara, por verdadeiro,
O urso, poz-se a gabar
Aroma tão singular;
Nem rosas nem ambrosia
Lhe podia
Comparar.
Julgou a lisongeria
Muito calva ser de mais
O senhor dos animaes,
Ou corria
Hora aziaga
Aos cortezãos: paga
Egual
Á do urso recebeu
Este, que tambem morreu.
—«E a ti?
Que tal
Te parece?»
Perguntou a uma raposa.
Responde esta:—«Que não ousa
Dar alli
Voto nenhum,
Embora bem
O quizesse;
Traz um catarrho nasal

E não tem
Olfato algum.»

Anda mal
Quem
É brutal
E diz *verdades* grosseiras;
Ninguem
Lh'as vai supportar:
Anda de certo peior
Quem mentiras lisongeiras,
Elogios descarados,
Fôr
Dizer para agradar.
Em taes casos o melhor
É calar,
Se não somos obrigados
A fallar,
(Silencios ha eloquentes)
Se o formos, meios decentes,
Procurar
Sahindo pelas tangentes (256).

FABULA 226.ª

O lobo e os pastores

Ha quem conte
Que um lobo quiz emendar-se

De sua innata fereza,
Costumar-se
A comer
Herva do monte.
O vencer
A natureza
Difficil é na verdade:
Impossivel, porém, não,
Com a vontade
Guiada pela razão
Contra a instinctiva maldade.
'Stava já mais costumado
Áquelle novo viver,
Que o tal cavallo afamado
A de todo não comer.
Eis que vê
De noite, numa clareira
Do bosque, grande fogueira;
E lá vai, pé ante pé,
Muito a susto
Espreitar o que seria.
Era uma ceia, uma orgia
Depois de grande magusto,
Onde com carne e com vinho
Festejava o S. Martinho
Uma chusma de pastores,
Jogando muita laracha
E aos abraços á borracha.
—«Caspité! caros senhores!»
Resmunga o lobo comsigo:

«Sou façanhudo inimigo
Eu, se faço o que fazeis...
Com que então,
Emtanto que assim comeis
As carnes dos animaes
Que defendeis,
Que guardais,
Vós que tendes bello pão
E mil boas cousas mais,
Coma eu herva do chão
Ou morra ahi de laseira?
Por vós agora ensinado,
D'essa asneira
Estou curado.
Sois qual era frei Thomaz
Quando moral prégar quiz:
—Faze tu o que elle diz,
Não faças o que elle faz.—
Pois eu vos quero imitar;
Quanta rez
Ora apanhar
Protesto que hei de comer.»

Ao que exemplo bom não
Der,
Toda a vez
Que o deva dar,
Ha de imputar
Com razão
Quanto mal venha a soffrer

Aquelle que é desgraçado
Só pelo haver
Imitado (257).

FABULA 227.ª

O homem e as moscas

A mosca que elle apanhasse
Olhem lá que perdoasse!
E o mesmo sempre fazia
Um homem, quanto podia,
Destruindo o que era máo
A veneno, a tiro, a páo.
Ora um dia
Alguem lhe disse:
—«Guerra ás moscas é tolice
Tocando as raias da asneira;
Pois não vês
Que, se matas dois, ou tres,
Muitos centos,
Quasi só
Nessa canceira,
Nessa comica cruzada,
Dando
Estás ponto sem nó?
Não logrando

Teus intentos,
Moscas ficam aos milhões?»
—«Guarda as tuas reflexões,
Que não valem mesmo nada»
O homem lhe respondeu:
«Deve esta raça
Malvada
Acabar. Desappar'ceu
E tudo o mais que é ruim,
Logo que cada qual faça
O mesmo que faço eu,
Quer
Dizer,
O seu
Dever.
Dos outros não sou mentor
E verdade; mas por mim
Devo, e hei de, responder.»

Pensassem todos assim
Andava o mundo melhor (258).

FABULA 228.ª

Os livros truncados

De visita a amigo seu
Um cavalheiro cedeu

(No escriptorio, ou livraria,
Emquanto por elle esp'rava)
Á natural tentação
De apanhar,
De examinar
Folhas a livros cortadas,
Arrancadas,
Das quaes via
Que grande porção
Estava
Espalhada pelo chão.
Pasmado, não percebia
Do vandalismo a razão.
Eis o amigo vem, e diz:
—«D'essa acção,
Que lhe parece folia,
Quero fazel-o juiz.
Tenho livros e bastantes
Ahi
Por essas estantes,
Dos quaes grande parte li;
Marcando á margem aquillo
Que não fazia bom chylo:
Plagiatos,
Repetições,
Palavrões
Altisonantes,
Proprios só de mentecaptos,
Que nos deixam como d'antes
E que são descôcos

Ocos
Que nada vem
Ensinar.
Quero agora encadernar
Parte dos livros; porém
Só quanto d'elles prestar.
Eis porque lhes fui cortar
Toda a folha condemnada:
Para que ha de ser guardada?»

Qual o musulmano Omar
Quasi pensava o christão,
E com alguma razão.
Livros ha que valem... nada;
E muitos outros tambem
Nos quaes a tal tesoirada
Era mui bem
Empregada.
Demais, creio
Que o mundo hoje está cheio
De livros que tem
De ser
No futuro dispensados.
Publicar que quer
Dizer,
Todos os annos, tratados,
Ás duzias, aos cem,
Aos mil,
(Levantando tanto pó
Com agitação

Febril)
Sobre assumptos demonstrados?
Exploração
Mercantil!
Sendo a verdade
Uma só,
Um livro deve bastar,
Bem pensado,
Em cada sciencia ou arte
Para em toda e qualquer parte
Ensinar
Bellamente a humanidade.
E, á proporção que rasgado
Pelo seu esforço nobre
Fôr o véo que nos encobre
Inda parte da verdade,
Tambem ha de
~~Descrever~~ Descrescer
Essa furia de escrever (259)

FABULA 229.ª

O arroz doce dos Franciscanos

Isto foi ha muitos annos,
Inda havia Franciscanos!
Athletas d'outras edades,
Que o mundo no seu andar

Teve um dia de esmagar...
Deixemos, porém os frades.
O que desejo contar
É só um dito engraçado,
Bem
Pensado,
E de valor,
Fosse lá quem
Fosse o auctor.

Do grande santo no dia
Os seus filhos adoptivos
É sabido,
Tinham bom lauto jantar:
A gastos não se fugia,
Nos conventos respectivos:
Comida boa e a fartar,
Pois lhes era
Permittido
O quebrar
A regra austera;
E todo o bom Franciscano,
Que de tal dia do anno
Saudoso estava á espera,
Atolava o grande dente
Em perú, em pato assado,
Enterrado
No seu arroz competente,
Em leitões
E em cordeiros

Que á mesa vinham inteiros,
E não em banalidades,
Em *menus* de pasteleiros:
Um jantar de indigestões,
Se as podessem ter os frades!
Alargavam-se os cordões
E fazia-se honra á mesa.
Depois vinha a sobremesa;
E era do ritual
Um prato monumental
De arroz doce por cabeça:
Outrosim 'stava ordenado
Que o dito prato, ou travessa,
De flores viesse enfeitado.
Ora um dia
Veiu o prato ermo de flores!
O que causou seus rumores
Em geral
Na fradaria
Que de bons olhos não via
Jámais uma innovação
(Era cousa natural
O serem conservadores.)
Entre elles um sacristão
Já velho,
Rato pellado,
Indignado
Ia comendo e rosnando
E feias pragas rogando
A quem dera tal conselho.

Tanto fez que incommodou
Os que estavam ao seu lado.
Um emfim lhe diz: —«Irmão!
Se o arroz doce não faltou,
Porque tanta indignação?
A falta que tem do enfeite
Fal-o-ha menos acceite,
Embora menos formoso?
'Stá famoso!
E a razão
Mal vejo dos seus furores»
—«Pois vejo-a eu muito bem:»
Replicou o sacristão:
«Faltam este anno com as flores
E, para o anno que vem,
Se começam com mudanças
Em nossas santas usanças,
Lá se vai o arroz tambem.»

O frade pensava bem:
Sua resposta discreta
Palavra foi de propheta!
Quanta cousa é conservada
(E quanta se conservou)
Só por 'star bem enfeitada,
E que hão de ver desabar
(Como muita desabou)
Se lhe chegam a tirar,
Como tiraram ao prato,
O seu primitivo ornato (260)?

FABULA 230.ª

O macaco e a lanterna magica

Receiando com o patrão,
Que mostra a lanterna magica,
Ter alguma scena tragica
De chicote e cachação
Por tratantada que fez,
Certo macaco diz:—«pés!
Para que vos quero?» E vai
Dando, quanto póde, á perna;
E não sai
Muito escoteiro
O brejeiro,
Poisque a lanterna
Furtou.
Mas, se assim se abotoou,
Muito embora fosse esperto,
Não lhe tinha descoberto
O modo de trabalhar.
E porisso aconteceu
Que, fugindo, se esqueceu
De levar
Tambem com ella
O tal
Candieiro, ou vela

Sem o qual
Nada se via.
A lanterna quer mostrar
Na patria, para onde foge
Com o fim de a civilizar
A troco de bom dinheiro
(Já d'isso então se fazia,
Como ainda se faz hoje:)
Porém falta-lhe o saber,
Falta a luz do candieiro...
E, nada podendo ver,
Furibundos os macacos
Fazem a lanterna em cacos.

Assim foi e ha de ser,
Quando tentarem fazer
Num paiz innovações
Ignorantes
Intrujões
Com fama de sabichões:
Depois de mil provas duras
Fica tudo como d'antes,
Ás escuras (261).

FABULA 231.ª

A sorte

Um mercador conseguia
Facilmente enriquecer,
Poisque tudo lhe corria
O melhor de appetecer.
Onde outro qualquer
Perdia,
Era certo, elle ganhava;
E, se alguem lhe perguntava:
—«Como é isso?»
—«Pois olhe, não é feitiço
Nem milagre d'algum santo»
Respondia com seu tanto
De disfarçada vaidade:
«Talvez me venha o proveito
De algum geito,
Não direi habilidade...»
Mas no intimo pensava:
(Emquanto á cara puxava
Os enormes collarinhos:)
—«Amiguinhos!
É verdade bem sédiça
— Quem não sabe não diz missa.»
Passados porém uns tempos,

Principia a desandar
A roda: vem
Contratempos.
Já não pretende ganhar,
Basta-lhe só não perder:
Perde porém,
Ou comprando
Ou quando
Busca vender.
Eis logo o homem começa
A queixar-se amargamente
Não de falta de cabeça,
Mas sim da sorte mofenta,
Que lhe estraga cruelmente
Quanto com geito elle intenta.

Se tudo nos corre bem,
Do nosso merito vem:
O mal se nos acontece,
É da sorte
Que parece
Um odio nos tem
De morte,
E quer-nos pôr mesmo rasos.

Sortes não ha nem
Acasos:
Tudo está por leis regido
Que ninguem
Póde dobrar;

E sempre é
Bem
Succedido
Nesta vida quem
As vê:
Quantas
Vezes se enganar
Tantas
Certo, ha de perder.
Embora tambem
Se dê
Que um ou outro, sem
As vêr,
Ou pensar
Haver
Taes leis,
As siga, e possa alcançar
Posição, contos de réis.
Assim, na farça chistosa
O Jordão sem tal saber
Falla ha tantos annos prosa (262).

FABULA 232.ª

O coelho e a doninha

Á sua toca voltando
Coelho que ao pasto fôra,

Vê que a estava occupando
Uma doninha; á qual diz
Que se mude para a rua
Sem
Demora.
Ella porém
Tal não quiz
E responde:—«A casa é sua?
Quem
Lh'a deu? quando a comprou?
E, se me diz
Que a herdou,
Mostre os titulos, se os tem,
Com que prove que ella fosse
D'aquelle que lh'a deixou?
Tenho posse,
A posse dá-me direito.»
Não viu o coelho geito
De a doninha se ir embora
Por vontade:
D'ahi a necessidade,
Que teve, de á *Boa-Hora*
Do cantão chamar a méca
Pondo-lhe acção de despejo
Perante um gato de beca.
—«Cheguem-se mais; nem
Os vejo
Nem os ouço,
Pensão
De quem

Já foi moço:»
O dr. gato lhes diz.
Ambos vão de boa fé
Para ao-pé
Do seu juiz.
Isso foi o que elle quiz:
Unha aqui, unha acolá,
A ambos a morte dá.

Estou certo, e é honra nossa,
De que tal caso só possa
Dar-se entre os irracionaes,
Nunca em nossos tribunaes.
A verdade, porém, é
Que as causas muita vez correm
De embaraços tão cercadas,
Tantas despesas occorrem
(Dizem até
Velhacadas,
Corruptellas
Subalternas
Apesar de mil *tabellas*)
Que, em vez de ~~dias~~ ou mezes, durarem
Bastas vezes
São eternas;
E a final
Nas mãos do gato morrer,
Ou sem
Vintem
De laseira,

Venha entre um e o outro mal
O grande demo escolher ([263]).

FABULA 233.ª

Os tres desejos

Dois velhos (era um casal)
Viviam, e menos mal
Em tempos já muito antigos:
Brigas
Nunca, e cuidados
Só os pelo céo mandados:
A velha não tinha amigas,
Nem tinha o velho inimigos.
—Para o homem foi creada
A mulher — assim o diz
Já Moysés no *Genesis;*
E cousa foi bem pensada!
Pois aturar quem havia,
Se não ella, uma creança,
Ainda que fosse mansa,
Quanto mais sendo
Bravia?
E, o homem envelhecendo,
Quem atura o ralhador?
Só póde ser
A mulher;

E, se fôr
Velha, melhor:
(Ainda assim o *libretto*
Ha de ter mais dum *duetto*.)
Facil será encontral-a;
Mas, se a velha não houvesse,
Fora mister invental-a.
Á vista d'isto
Parece
Que bem se póde dizer
A vida do homem ser,
Por esse mundo de Christo,
Uma linha torta ou recta
A qual nasce e se completa,
D'um chinelo a começar
Noutro por fim a acabar:
Sai do chinelo da mãe,
Anda mal ou anda bem...
D'isso não quero tratar;
Mas, se tem
Longo o viver,
Ha de por certo ir buscar
Quem
O possa emfim soffrer;
E eis o ultimo élo
Da cadeia — outro chinelo!
Eu já me 'stou preparando,
Poisque o meu se vai chegando.

Uma noite que sentados

'Stavam á quente lareira
Socegados,
Disse a velha:—«Quem me dera
Que uma boa feiticeira,
Como dizem houve já
Noutra era,
Viesse agora por cá
E desejos me cumprisse
Tres, e quaes eu lh'os pedisse.»
Mal tinha o dito acabado,
Eis de cima do telhado
Uma voz lhe respondeu:
—«Ouvi o pedido teu
E quero cumprir os tres
Desejos que me pedirem;
Mas é só por esta vez.
Para menos discutirem,
Tu pedirás o primeiro,
O teu marido o segundo,
De ambos será o terceiro.»
Pasmado, cogitabundo,
(Era muito natural,)
Ficou
O velho casal!
Pouco e pouco se animou,
Decidido
A bem pensar
Cada qual
O seu pedido.
Estando

A velha a scismar
Escapa-lhe então dizer
(Quantas vezes se vê isso)
Olhando
Para o brazido:
—«Quem me déra agora ver
Um chouriço
Aqui a assar nestas brazas.»
Tremem de alto a baixo as casas
E desce da chaminé,
Qual um raio,
Bello chouriço, que até
Podera chamar-se paio.
Quasi que teve um desmaio
A velha! O velho indignado,
Mal que pôde fallar, diz:
—«Gran-de-ssi-ssi-ma gulosa!
Eu não quizera outra cousa
Senão,
Vel-o pendurado
Agora do teu nariz!»
Eil-o na penca filado
Da velha e tão
Agarrado
Que não
Se tira d'alli,
Por muito que ella derrice.
Cai o velho logo em si
Vendo que, em vez de emendar
A pintura, a foi borrar,

E atrapalhado lhe disse:
—«Que havemos nós de fazer?»
—«Eu quero, eu quero morrer»
Grita a velha a bom gritar:
«Se não me tiram já isto!»
—«'Stá bem visto»
Torna o velho:
«Não podes assim ficar.
Chamemos já a conselho
Os grandes facultativos;
Tem de certo curativós,
Quando o não possam cortar,
Que o façam ahi seccar.»
Nisto ouviu-se dos telhados
Descer uma gargalhada,
Que os deixou capacitados
De que não faziam nada
Com a sciencia dos doutores.
Recomeçam os clamores
Da velha. Torna o marido:
—«Temos ainda um pedido
Que fazer: seja a riqueza;
Tudo ella muda em belleza.
Mandas lavrar um estojo
De oiro fino e pedrarias,
Nelle esse chouriço enfias,
Todos te gabam o antojo
E, quando fores condessa,
Verás logo com que pressa
As outras andam assim.»

—«Eu vou dar
Cabo de mim:»
Grita a velha: «ou desejar
Havemos que este maldito
Me caia já do nariz!
Tenho dito:
E ficas no mundo só!»
Mal o diz,
Eis péga d'um facalhão
E... assim foi cortado o nó
D'aquella difficuldade.
Venceu a antiga amizade,
Cai o chouriço no chão.
Que lhes restava fazer?
Por tudo não
Se perder,
Nas brazas foram assal-o
E... com pão
Era um regalo.

Quantos no mundo, leitor,
Se podessem desejar
Como o pôde aquelle par,
Escolheriam peior (264)?

FABULA 234.ª

Os bodes e as cabras

Estavam muito agastados
Os bodes por serem dados
Cornos
Ás cabras tambem,
Adornos
Com que ficaram
Orgulhosas a mais não.
Mas Jove, a quem
Se queixaram,
Lhes respondeu:—«O que tem
Que se mostrem arrogantes,
Quando são
Sempre cabras, como d'antes?»

Esta vida é uma peça
Que todos representamos;
Sobre o throno, na tripeça,
E no altar,
Quer de chapéo, carapuço,
Quer de espadim ou de chuço,
Sendo creados ou amos,
De trem, a cavallo, a-pé,
Tudo é

Representar,
Ser bom ou ruim actor:
Mas, no bastidor,
Tornamos
(Applaudidos, pateados)
A ser nem menos nem mais
Que uns desgraçados
Mortaes ([265]).

FABULA 235.ª

O doido vendendo juizo

Por essas ruas corria
Um doido, não furioso,
E ao povinho curioso
Com mil visagens dizia
Que por um triste vintem
Elle o juizo vendia.
E não vá pasmar ninguem
De que houvesse compradores:
Quantos ha que nada tem
(Não fallando
Nos crédores)
Alcançando
O serem reformadores
Da Fazenda nacional?

E é mesmo um pasmo vêl-os
Fallar com audacia tammanha,
Qual
O calvo a vender banha
Que faz crescer os cabellos...
Mais d'um, pois, ia comprar
(Já se sabe, á encoberta)
E, acabando de pagar,
Apanhava
Uma grande bofetada
D'aquellas de mão
Aberta.
E mais o doido lhe dava,
Num papel muito embrulhada,
Uma braça de cordão,
Para que bem o guardasse
E d'elle assim se lembrasse.
Ao ver isto disse alguem:
—«Ninguem
Lhe chame ladrão:
O que dá, mais d'um vintem
Vale, e até grossos tostões.
São
Duas boas lições,
Uma das quaes nos ensina
Qual a sina
Do que se mette com um louco;
Qual o troco
Que o espera em ar de graça.
Diz a outra que se afaste,

Quanto baste,
Dos doidos quem
Tem
Juizo,
Sendo o intervallo preciso,
Pelo menos, uma braça (266).»

FABULA 236.ª

A escolha

Num antigo juizado
Fôra um homem condemnado;
Mas podendo elle escolher
Entre tres penas marcadas,
A saber:
Apanhar
Cem
Bordoadas
Bem
Puxadas;
Um cento de alhos comer;
Ou com dez mil réis pagar.
—«Não tenho que duvidar,
Cômo os alhos a correr»
O réo diz, e começou;

Mas ao cabo os não levou.
Quando alli pelos oitenta,
Tendo as guelas a arder
Com mais alhos não aguenta;
Outra quer
Pena das tres,
As pauladas d'esta vez.
Vão-se a elle e dão que dão;
Assim se malha no pão
Que nas eiras sêcco está.
O compasso ia *crescendo*,
Até que grita: «Alto lá!»
O desgraçado
Massado,
Suor e sangue escorrendo.
—«Ainda não tens a conta;»
Diz-lhe o executor das leis.
—«Faltam vinte»—«Tanto monta!»
Bradou elle:
«Inda que faltassem tres;
Ahi tem os dez
Mil réis,
Que mais val'
A minha pelle.»

Mil vezes assim
Fazemos:
Por fugir d'um mal
Soffremos
Males certamente eguaes

E, porfim,
O outro, demais a mais ([267]).

FABULA 237.ª

O leopardo e o macaco

Um leopardo e um macaco
Tão dextro como velhaco
Á feira correm um dia;
A mostrar sua valia.
Cada qual barraca armou
E tratou
De bem
Vender o seu peixe.
—«Ninguem
Deixe»
Gritava, em alto berreiro
Do leopardo o pregoeiro:
«De admirar a natureza
Vencendo a arte em belleza.
Meus senhores!
Vinde ver como a nobreza
Da fórma póde alliar-se
E enfeitar-se,
Com os primores
Das mais delicadas flores;

Aqui tendes meu patrão,
A maravilha da terra!
Tão
Bello, que a Inglaterra
Lhe traz gravado o retrato
Como principal ornato
Em seu famoso brazão!»
Movida por tal pregão
Havia
Gente que entrava,
Mas muito breve sahia
Pois num momento se via
O leopardo todo teso,
Que á roda de si olhava
Com desprezo;
E quem uma vez lá ia
A visitar Sua Alteza,
Não voltava
Pelo vezo.
— «Ó clero! ó nobreza!
Ó povo!»
Rugia
Do outro lado
Esganiçado
O macaco,
Começando o seu cavaco:
«Um ovo
Por um real!
Vinde ver o quanto val',
Bem sup'rior á belleza,

A destreza
Á qual
Nada se assemelha;
Cousas do arco da velha,
Mosquitos por cordas ver.
Sei metter
Agulhas por alfinetes:
Danço em corda sem maromba;
Depois de inventar a bomba
Inventor fui dos foguetes.
Eu canto ao som da guitarra,
E ninguem me lança a barra
Adeante a dançar
O fado.
Animal mais engraçado
Inda está por inventar!
Hoje que tudo se imita,
Que seda parece a chita,
E até por manteiga fina
Ahi vendem margarina,
Não achais melhor estudo
Do que vêr como eu imito
Os gestos, o canto, o grito
De todos os animaes:
Eu sei tudo...
E muito mais!
Tão perfeitamente bem
Imito o genero humano
Que provar ha quem
Pretenda

Que o homem de mim provem,
Outros que eu d'elle descenda:
Questão
De certo mais fina
Que entre o *jota e o i romano*
A famosa distincção,
E as taes de *lana caprina*.
Isto vai já começar;
E, quem não ficar
Contente,
Que se ausente
Recebendo á retirada
O total da sua entrada.
Por tarde tão bem
Passada
Quem
Negará um vintem?»
Corria tudo á chamada:
Lá dentro depois se ouvia
A continua gargalhada
Dos deuses, quando
Os servia
Á mesa o coxo Vulcano,
Decano
Dos serralheiros.
Todos muito prazenteiros
Sahiam, rindo e louvando
O rei dos pantomimeiros;
E, se nem todos voltavam,
Muito poucos lá faltavam.

A nobreza
Ou a belleza,
Se não é acompanhada
De sciencia ou gentileza,
Corre o p'rigo de ser tida
Em pouco ou talvez
Em nada,
E vencida
'Té pela desfaçatez ([268]).

FABULA 238.ª

O cão levando o jantar do dono

Um cão mui bem ensinado
A levar
Num cestinho
Bem tapado
O jantar
Ao dono, que se occupava
Nos campos a trabalhar,
Ia muito direitinho,
Nem para os lados olhava.
Eis que lhe sai ao caminho
Um bando de cães damnados...
Por sopas. Pousa no chão
Logo o cabazinho
O cão;

De pellos arrepiados
Mostra o dente
Áquella gente
Por quem vai ser atacado.
Vendo o seu denodo vão,
(Assustado
Nem ficara o inimigo;
E, tal era a apertura,
Que pensar
Fugir ao p'rigo
Fôra de certo loucura,)
Abrindo o cesto aboccou
Quanto pôde do jantar,
E á canzoada
Deixou
A demais caperotada,
Muito pouco de fartar.

Quantos cães por ahi vês
De dois pés?
Muito fieis, muito honrados
E bizarros
Só emquanto
Não
Lhes dá o tal quebranto,
Se atacados
Por galfarros;
E que mostram ser então
Que a d'elles da mesma raça.
Se nem és feito da massa

Dos heroes e dos valentes,
Nem forças no peito sentes
Para poder
Defender
O que te foi confiado,
Ao menos persiste honrado;
Muito embora sejas fraco,
Não lhe juntes ser
Velhaco (269).

FABULA 239.ª

O rato e o elephante

Um rato poz-se deante
De elephante
Colossal
E, depois de muito o olhar,
Começou a criticar
Com desdem,
Reparando
Só no mal
E occultando
Todo o bem.
Criticas podem servir
Quando feitas sem
Maldade,

Ou mentir,
Para o erro se emendar,
Para saber-se a verdade:
Mas vão lá d'isso fallar
A quem
Morde por officio,
Por inveja e até por vicio;
Ganhando
Seu bom vintem,
Ou cousa qualquer que o valha,
Quando
Applaude, ou se não ralha!
Seja bom ou seja máo
Tanto monta;
Todo o páo
Para a obra lhe faz conta,
É materia collectavel
Que pela porta lhe passa.
Paga não ha?
—«Detestavel!
Sem graça,
E abaixo está
Do peior:
Sou eu que o digo.»
Quando rende ou se é d'amigo,
Não se lhe poupa o louvor...

Voltemos porém ao rato,
Que não era mais cordato.
No gigante reparando

Ia o pygmeu criticando
E dizia:
—«T'arrenego!
Eu de certo não fazia,
Sendo Jove, um tal pespego,
Um mostrengo alambazado,
Qual tu és,
Meu desazado,
Da cabeça até aos pés.
Que descommunaes orelhas!
Que minguado rabinho
Sem cabello e sem guedelhas!
Por tão pouco
Mais te valera ser côto.
E esse olhinho
Dorminhôco!
E esse andar!
Que nem é chouto,
Por muito que ás trancas dês.
Zombar
De ti Jove quiz,
Quando fez
Um tal nariz,
Que te chega até aos pés;
E esses dentes
Indecentes
Sempre de fóra da bocca,
Apesar de não ser pouca.»
Mais ia dizendo o rato...
Sem sequer

O ouvir ou vêr,
O elephante avançou
E sob um pé o deixou
Chato
Como o seu dizer.

Quando
Certos figurões,
Mettidos a sabichões,
Pregando
Sempre quinão
Decretam sem tom
Nem som
O que é máo
E o que é bom,
Lembro-me no mesmo instante
Do rato e do elephante (270).

FABULA 240.ª

A perola

Dentro em perola formosa
Dizem haver-se encontrado
Um grão de areia alojado;
Pois, afim de combater
A dureza tão damnosa

Que havia de a incommodar,
A ostra o soube envolver
Na materia preciosa.
Isto não tendo av'riguado
O caso dou por provado;
Que, de mais, faz recordar
Um phenomeno moral
—O do mal
Quando o chega a dominar
Animoso
Coração,
E o foi tambem envolver
Num casulo precioso,
A meu ver,
Mais do que as perolas são
— A energia da vontade
Contra tudo o que é maldade —
E que bem
D'ahi nos vem ([271])!

FABULA 241.ª

Os tres avisos

Um rapaz
Recem-casado
Pela morte é visitado.

—«*Vade retro*, Satanaz!»
Gritou elle:
«Não te largo assim a pelle,
Pois tu vès tantos malvados,
Que ninguem póde soffrer;
Milhares de desgraçados,
Que só desejam morrer;
Podes ceifar á vontade,
Nas aldeias, na cidade,
As donzellonas sédiças,
Velhos chouchos, bolorentos,
E engeitadinhos aos centos,
Que não ha
Onde os metter!
E contra mim te encarniças?
Vae-te, não quero morrer;
Põe-te já
Fóra
D'aqui.»
Dizem que a morte não ri,
Mas d'aquella
Vez
O fez.
—«Vou me embora»
Lhe diz ella:
«Só mais tarde voltarei;
E por signal até, tres
Avisos te mandarei:
Demora,
Não

Haja então
Nem te ponhas a chorar,
Pois de certo, has de morrer.»

Passou o tempo a correr,
A voar,
Como sempre usa passar;
Velho agora era o rapaz.
Eis que a morte lhe apparece.
—«Ora! já tu ahi 'stás!»
Mui pasmado elle lhe diz:
—«Inda cedo te parece?
Tão pouco favor te fiz?
Tens cem annos,
És dos raros veteranos.»
Respondeu a morte.—«E os tres
Avisos, que prometteste
Da outra vez,
Quando foi que m'os fizeste?»
—«Vem d'ahi» lhe torna a morte:
É inutil esse tedio,
Obedece á humana sorte
Que com prantos, não se affrouxa;
Contra mim nenhum remedio:
Vamos faze a tua trouxa
E cessa de consumir-te;
Se queres, vae despedir-te
Das filhas mais dos rapazes,
E vê se o fazes
Depressa,

A correr,
Pois estou com muita pressa.»
—«Isso como hei de eu fazer»
Diz em tom de choradeira
O velho: «nesta cadeira
Annos ha vivo entrevado.»
—«Estavas porém cercado
De filhos, netos e netas,
Entretido
A ouvir e a contar-petas,
Dos velhos ocio sabido;
Encantado
De bellos, fortes os ver.»
—«Isso» torna com um gemido
O velho: «podia ser,
Se eu não fôra surdo e cego.»
—«E ainda ousas, pespego!»
Bradou
A morte: «negar
Que te mandei avisar?»
Logo ás costas o levou
Para onde não se sabe.

Por mais tarde que se acabe
A vida, bem
Poucos tem
Grande pressa de morrer;
Sempre encontram que dizer
Quando emfim a morte vem ([272]).

FABULA 242.ª

O poeta e o critico

Um poeta que escreveu
Poema (dos de assobio,)
Sobre elle tambem
Teceu
O mais pomposo elogio.
Critico mordaz, a quem
Um e outro submetteu,
Sendo depois perguntado
Se d'ambos tinha gostado,
Muito serio respondeu:
— «Melhor poema inventar
E com mais arte
Escrever
Talvez outro auctor podesse:
Porém não ha de encontrar,
Do mundo em nenhuma parte,
Homem capaz de fazer
Elogio egual a esse.»

Quem nos diz que o não tentasse
Elle, se o outro pagasse?
O dinheiro dá talento,
Mudam os tempos com o vento (273).

FABULA 243.ª

A leiteira e a bilha de leite

Bilha bem cheia de leite
(Mal-peccado,
Se não era baptizado)
Que, lá no seu entender,
Havia de lhe render
Mais que se fosse de azeite,
Uma saloia ladina
Vem a Lisboa vender
E, em profundas reflexões,
Venturas mil imagina:
—«Levo aqui meus seis tostões:
Só com tres
Compro boa deitadura
Lá na praça da Figueira
Para a gallinha *pedrez;*
Não ha melhor creadeira.
A ninhada está segura;
E, se bom frango em janeiro
Póde valer um carneiro,
Boa ovelha hão de valer
Os meus, ou antes as minhas,
(Pois certo saem gallinhas
Dos ovos que hei de escolher

Bem redondos). Uma ovelha,
Não sendo nova nem velha
E não soffrendo laseira,
Dar póde, logo á primeira,
Dois cordeiros bons e bellos.
Vou vendel-os
Mais a mãe;
Tomo a alguem
Uns bezerritos de meias,
Que me dão duas mãos cheias
De dinheiro:
Com este e o do mealheiro
Muito bem posso comprar
Uma junta de boisinhos,
Embora sejam ratinhos!»
Começa então a pular
De alegre batendo as palmas,
E promette missa ás almas
Se lh'o fazem alcançar.
Baldada foi a promessa,
Pois tropeça,
Cae no chão,
Estatelada...
Lá vai o leite, e lá vão
Os sonhos da desgraçada.

Este espelho
(Já bem velho)
Deves tel-o sempre á mão (274).

FABULA 244.ª

O calvo e a mosca

Um calvo, sendo mordido
Por mosca muito atrevida,
Procurou
Tirar-lhe a vida;
E deu, com grande estampido,
Sobre a calva tal palmada
Que a deixou
Assignalada.
Havia a mosca fugido
E, zombando, disse ao calvo:
—«Não acertaste no *alvo*,
Foste em ti proprio bater
Recebendo maior mal
Do que eu te posso fazer.»
—«Nojentissimo animal!
Nada
Me doe a pancada;
Doe-me só o ter
Falhado
E não te haver
Esmagado;
Sentiria até prazer
Se com um murro te matasse,

Por mais que me maguasse.»

Quem tudo soffre calado
Para não se incommodar,
Vai levando, até que emfim
Já ninguem
Lhe tem
Respeito;
Todo e qualquer galopim,
Vil mosquinha,
De tambem
O enxovalhar
Se julgará com direito
Molhando
A sua sopinha.
Porisso, de quando em quando,
Vai um ou outro *ensinando*.
O medo é que guarda a vinha (275).

FABULA 245.ª

O solitario e o idiota

Do que mal
Acompanhado
Estar só mais val'
Ao homem:
É um sensato dictado.

Se as fortunas sobrevem,
Se as desgraças o consomem,
Estas sente mais pesadas
Quando não são partilhadas;
D'aquellas breve se farta,
Se não tem
Com quem
Reparta...
Verdade é isto: porém,
Quando mal acompanhado
Do mundo no borborinho
Egualmente está sósinho.
Não se falla ao cego em cores,
Ou ao surdo em harmonias,
No doce arôma das flores
Ao que de olfato é privado.
As altas philosophias,
Os segredos da sciencia,
Thesouros são
Escondidos
Aos faltos de intelligencia;
E tambem aos fementidos,
Insensiveis, indiscretos,
As maguas do coração,
Da alma os intimos affectos,
Melindres da consciencia!
.....
Um homem, desenganado
Do mundo, vai-se metter,
Para mais não conviver

Com ninguem,
Numa fazenda que tem
No meio de descampado.
Alli cuidar do seu gado,
Das searas, dos pomares,
Era todo o seu encanto.
Foi feliz: porém
Não tanto
Que o deixassem os pezares.
Quem
Não os tem
Os inventa,
E ainda mais se apoquenta,
Se calado vai soffrer.
Nasce o homem social;
E sempre só,
Muito mal,
Certamente ha de viver;
Porisso procura obter
(Qual a velha solteirona
Quando, á falta de melhor,
Pelo bichano ou tótó
Se apaixona,
Mil vezes termo do amor
Da solitaria mulher)
Com que os ocios entreter,
Onde vase o coração.
Encontrando um aldeão,
Idiota sem maldade,
(Se taes ha, valha a verdade)

O pão
Lhe dá e o abrigo
E, em summa,
Alli tem quasi um amigo,
Ao qual tanto se acostuma
Que sempre juntos estão.

Em quente tarde de v'rão
O homem dormia a sésta;
Juntinho d'elle sentado
O bom do parvo velando
Desvelado
Ia as moscas enxotando
Quando
Na cara, na testa
Do seu amigo pousavam.
Mas as mofinas teimavam...
Acaba por se zangar
Devéras o idiota,
Vai buscar
Um matacão
E, vendo uma que pousou
Sobre a fronte, a amarrota
Com tal geito, que a matou
E... juntamente
O patrão,
Que alli fica estatelado.
.....
Não é prudente
O dictado (276)?

FABULA 246.ª

As duas lagartas

Viviam duas lagartas
Na mais estreita amizade;
Sempre juntas, nunca fartas
Da aprazivel sociedade,
Que o não podia ser mais.
Na mesma folha nascido
Haviam, de ovos eguaes,
E grave doutor ouvido
A um menino ensinar tinham
Que as lagartas não morriam,
Apenas se transformavam;
Poisque dentro em si continham
Uns entes que aos ceos subiam,
Que voavam
Com azas de lindas cores;
Não comiam
Vis legumes;
Só viviam
Dos perfumes
E da ambrosia das flores!
As lagartas, persuadidas
D'um futuro tão brilhante,
Foram mais e mais unidas

D'aquella hora
Em deante.
—«Agora
A nossa amizade
É por toda a eternidade»
Uma á outra repetia.
Quando chega, emfim, o dia
Que lhes vai mudar a sorte,
Em que finda aquella vida,
Não soffrendo dura morte,
Buscam segura guarida
Onde ambas possam ficar
Juntas, embora insensiveis,
E juntas resuscitar
Para sempre immarcessiveis.
Assim foi: no mesmo instante,
Quando
Uma resuscitou,
A outra tambem tomou
O novo trajo brilhante!
Mas, ganhando
Assim, perderam
Da antiga vida a lembrança;
Tammanha foi a mudança
Que não mais se conheceram!
Ambas seus vôos ergueram:
Uma da outra se aparta,
Vai da luz do sol gosar
Sem nada lhe recordar
Que tinha sido lagarta.

Não será esta a pintura
Da nossa vida futura (277)?

FABULA 247.ª

As guitas

Havia out'rora uns bonecos,
De papel,
Ou de papelão, pintados,
Pendurados
Num cordel,
Que estavam
Mui socegados
Se os deixavam:
Mas, tarecos,
Faziam evoluções,
De que os meninos se riam
Cada vez que lhes puxavam
Umas guitas ou cordões
Que ás pernas, braços prendiam.
Eu muito d'elles gostava
E ainda não
Lhes achava
Pois era creança
Então,
A notavel similhança

Que tem
(Diga-se a verdade)
Com os homens na sociedade.
Ha porém
Diff'rença, sim,
Não na materia ou pintura,
Ou na parva catadura,
Pois muitos eu vejo assim;
Mas no numero das guitas,
Adstrictas
Aos diversos movimentos
Segundo os seus pensamentos.
Quando se encontram na rua
Dois homens, ou numa sala
Eis cada qual puxa a sua
Guita, segundo a pessoa
Com quem falla,
E lhe faz ruim ou boa,
Sèria ou faceta,
Careta.
Começa a conversação:
— «Passa bem, ao que parece:»
(A guita puxa do int'resse
Mais ou menos affectado.)
— «Ha dias, devéras não.»
— «O que sente?»
(Guita seria)
— «É bronchite impertinente
Que me tem apoquentado:
Ando mesmo uma miseria.»

— «Isso não ha de ser nada:
(Guita um tanto adoutorada)
Acónito e, volta e meia
'Stá curado.
E a *esposa* e os meninos?»
(Guita de desvelo cheia)
— «Olhe! um dos mais pequeninos
Deu-me ha dias bem cuidado.»
— «O que foi? que succedeu?»
(Guita de consternação)
—«Foi um cão
Que lhe mordeu.»
— «Estaria elle damnado?»
(Guita de muito assustado)
—«Isso não;
E felizmente
O pequeno está curado.»
—«Inda bem! Pobre innocente!»
(Guita de muito contente...)

Começa o outro freguez
Agora por sua vez
Noticias a perguntar;
E, quaes as respostas são
Já agradaveis já não,
Pelas guitas a puxar.
Isto feito ou cousa egual,
Cada qual
Para seu lado se affasta;
E uma só guita lhe basta,

Bem puxada,
A da indiff'rença maior
Ou de enfadonha maçada.

Não fôra muito melhor,
Assim como resumido
Cartas se tem e visitas
Infinitas
A bilhetes, o ficar
Substituido
Tanto rasgar
De baetas,
Tantas petas
(Que não embaçam,
Ninguem
Que senso commum tiver,
Mas de certo maçam
Quem
Tempo não
Tem
A perder)
Por simples adeus com a mão,
Um signal
Convencional
Da cousa significada
E mais
Nada,
Como os taes
Bilhetes são?
Quando em cabeça ha de entrar

Á maioria da gente,
Que é maçada
Impertinente,
E escusada,
O contar
Tudo quanto pensa ou sente,
Se 'stá bem, se 'stá doente,
A todo e qualquer fuão
A quem apertar
A mão?
Mas... é costume:
E os incautos,
Que não
'Stejam pelos autos
De comer tem muito lume (278).

FABULA 248.ª

O concerto

Em tempos que já lá vão,
Entre os festejos reaes
Nos annos d'el-rei
Leão,
Foi por varios animaes
Um concerto planeado
Sob a direcção do burro

Que, solfa sabendo a fundo,
E tido em conta o seu zurro,
Por elles foi aclamado
Maestro, e baixo profundo.
Baritono foi o toiro
Com sua voz de *Stentor*:
O gato foi o tenor
E o peso valia
D'oiro
(Já eram raros
E caros:)
O cão,
Que extendia a mão
E tambem tocava rufo,
Foi servir de baixo bufo.
Quanto ás damas:
Veiu a cantora das lamas
D. Rã contralto ser:
D. Cigarra, que então
Cantava de inverno e v'rão,
Todo o anno
E a valer
Foi soprano.
Nem coros alli faltaram
A troxe-moxe os formaram;
—Um desgraçado cardume,
Como ainda hoje é costume.
Tudo se fez á calada
Para não se convidar
Uma *certa* passarada

Que se mettia
A cantar,
Tal a D. Cotovia
Que as madrugadas alegra,
Mais a D. Toutinegra;
Negro melro que assobia
(Quem ousara assobiar
Em semelhante funcção?)
Pintasilgo, tentilhão,
O cochicho mui famoso,
Pelo fertil imitar,
E o rouxinol presumpçoso
Do seu nocturno trinar
(No canario nem se falla;
Esse soprano de sala
Não era então conhecido.)
Á surrelfa, sem ruido
As cousas vão-se fazendo,
Sempre uns aos outros tecendo
Louvores á queima roupa,
Poisque nunca o incenso poupa
(Ainda o mais descarado,)
Quem se quer
Ver
Incensado.
Emfim o dia raiou
Dos annos da Majestade
E o concerto começou.

Com aquella chantrenidade

De todos bem
Conhecida
Zurra o burro, e em toda a vida
Nunca tão bravo zurrou,
Nem
Ao ir com el-rei caçar!
E cada qual
Dos demais
A parte que lhe cabia,
Berra a quem
Berrará mais.
Em summa, para encurtar;
Foi desconcerto infernal,
Matinada, ingresia,
Que a final
Ninguem se ouvia;
'Té que o leão, enfadado
Com tammanhos alaridos,
Mandou dar por acabado
O martyrio dos ouvidos
E pôr os brutos na rua.
Começa então cada um
Em zum-zum
E d'ahi em gritos, berros,
Indignado
A dizer
Que não é sua
A culpa, e a dar-se a perros
Por se haver
Associado

Com gente tão desastrada,
Incapaz de fazer nada
Que se visse
Ou que se ouvisse.
A discordia entre elles lavra,
Palavra puxa palavra,
E foram quasi ás do cabo!
Então o melro lhes disse:
—«Acabou-se emfim o gabo,
Filho da sua vaidade
E solemne parvoice;
E agora reina a verdade,
Por se acharem desunidos.
Aquillo porém que são,
E um ao outro agora diz,
Sempre o foram e serão:
Unidos
Ou separados
Não valem uma de *X*.»

Assim fazem os partidos
Quando ficam derrotados:
As culpas ninguem
As tem,
São só dos associados;
E, (ainda mais engraçado:)
De graves erros tambem
É o inimigo accusado ([279]).

FABULA 249.ª

O homem e a cegonha

Tinha jurado matar,
Sem ternuras nem perdões,
Quantos podesse apanhar
Passarinhos,
Passarões,
E dar-lhes conta dos ninhos,
Um lavrador desesp'rado
Por ver tantos inimigos
De seus trigos.
Arma redes, arma laços
Desvelado,
Não se poupou
A cansaços,
Até que emfim apanhou
Muitos e muitos milheiros
Dos malditos ratoneiros.
Entre elles foi encontrar,
Escondida uma cegonha
Com vergonha
De ser apanhada assim
Entre sucia tão ruim.
—«Para que me vais matar,
Se não tens queixas de mim?

A cegonha sou» diz ella:
«Na tabella
Dos deuses me vês do Egypto,
Porque lhe mato as serpentes;
Bichos cômo, não sementes;
E porisso te repito
Que me deves já soltar.»
—«Ignoro se tu me mentes
Não conheço a tal cegonha»
O lavrador replicou:
«Só sei que te vou
Matar,
Pois tens a pouca vergonha
De fazer sucia com gente,
Qual esta é, indecente;»
E sem demora a matou.

Póde o mesmo succeder
A quem
Com os máos se metter;
Vão todos pensar que tem
As mesmas manhas tambem (280).

FABULA 250.ª

O meu e o nosso

Principe ainda novato,
Mas que nascera sensato,
Tanto
Que, passados annos,
Consta mettera a um canto
Todos os outros sob'ranos,
Indo um dia passear
Disse ao seu *particular:*
—«Dá-me cá esse meu manto.»
—«Perdoará Vossa Alteza»
Lhe respondeu o creado:
«Se pareço confiado
Atrevendo-me a dizer
Que o fallar da realeza
Outro é e o deve ser.
— O nosso manto — senhor;
Assim o deveis pedir.»
O principe agradeceu
(A sorrir,)
A lição
Como um favor,
(O mesmo fizera eu:
É sempre de agradecer

Quanto alguem
Nos vem
Dizer
Com geito e boa intenção.)
Pouco tempo era passado
Quando um dia
O principe, a quem
Doia
Um dente, disse ao creado:
—«Doe-me muito um nosso dente.»
—« Senhor!» o outro responde:
«Sinto que esteja doente
Vossa Alteza: não sei onde
Dente meu
Tenha doendo
Graças a Nosso Senhor.»
—«Fico agora percebendo»
Lhe respondeu
Sua Alteza,
«A profunda distincção:
O que é dôr,
Tristeza
Ou mal
É só meu
Mas nossos são
O conchego e o prazer...»
Com o tempo percebeu
Ser
Esse o sentir
Mais

Geral:
O que é máo ninguem o quer
E trata de o impingir
Qual *mafarrico* aos demais;
Para o bem, todos eguaes
Dizem ser...
Quantos desejando estão,
Que o dos outros mór quinhão (281)?

FABULA 251.ª

O escalracho

Sou máo; pois, nascido assim,
Nunca tive educação,
Ninguem fez caso de mim»,
Disse outr'ora o escalracho
A um honrado lavrador:
«Dá-me a rega, dá-me o sacho,
E verás se bom não
Sou,
E quantos
Lucros te dou.
Hei de vir a ser melhor
Do que tantos,
Rodeados
De cuidados,

Sabe Deus com que razão.»
Deixou-se capacitar
O lavrador e tratou,
De semear,
E adubar,
O escalracho que, coitado!
Se fosse bem cultivado,
De certo melhoraria
E seria
Da maior
Utilidade.
Em má hora o semeou
Em peior
D'elle tratou.
Cresceu logo (isso é verdade)
Bello e farto, mas ruim
Mais ainda, se possivel.
Espalhado
Cobre o monte, cobre o prado,
E é emfim
Uma peste inextinguivel.

Ninguem, mirando ao proveito
Deve ajudar um malvado;
Poisque ficará
Logrado,
E não 'stá
No seu direito;
Que podem, sem
Culpa ter,

Os outros tambem
Soffrer
D'esse mal por elle feito ([282]).

FABULA 252.ª

Os olhos do dono

Comparados aos do dono
Todos os olhos tem somno;
Não sabem, não querem vêr.

Isto pôde conhecer
A sua custa um veado.
Acossado
Num curral de bois entrou
E com pranto lhes rogou
Que d'elle tivessem dó.
Nem um só
De lh'o prometter deixou
E depois nenhum faltou
(O boi não é fementido;)
Fica o veado sumido
Entre elles á manjadoura.
Vem os moços da lavoura,
Trazem herva, trazem feno,
Anda tudo em polvorosa

Do maior ao mais pequeno;
Todos numa dobadoura,
Pouca a obra, muita a prosa:
Mas do novo aboletado,
Tão esbelto e bem
Armado,
D'elles nem
Um só deu fé!
Estava tudo acabado,
Quando chega o lavrador:
Lança um olhar em redor
E logo lhes grita: —«Olé!
Fechem-me essas portas já,
Que por cá
Temos cabeça que sobra.»
Mettem todos mão á obra
E a chuço mais a cajado
Deram conta do veado.

Embora possa doer
A muitos o que se perca,
A nenhum doe como a quem
De pagar tem
O que merca,
Quando lh'o façam perder (283).

FABULA 253.ª

Os frades de sabugo

Quando eu era inda menino
Pequenino,
Havia communidades
De muitos e varios frades,
A que pouca attenção dava:
Mas as capellistas tinham
Uns fradinhos de sabugo
Que entretinham
E de que eu muito gostava.
Inda a fronte desenrugo
Hoje pensando nos taes
Manequins conventuaes:
Imaginem (por ahi
Ha muito que não os vi)
Imaginem monosinho,
(Um rolo
Liso e esguio,
De miolo
Do sabugo) mui direito
No tammanho e no feitio
Qual o seu dedo méminho.
Era assim sem arte feito,
Salvo a cara besuntada

(Ou onde a devia ter)
De tinta preta e encarnada;
E, onde haviam de ser
Pés
Mui pegada
Com grude tinha ou com pez
Chapa de chumbo pesada.
O bonéco já se vê
Estava
Sempre de-pé:
O mais simples dos brinquedos!
Quando levava
Com os dedos
Algum grande piparote,
Eil-o que dava
Pinote,
Cambalhota,
Desafiando a risota;
Mas num instante voltava
Á primeira posição
O meu fradinho pimpão.

Não deixo de ter saudades,
Ás vezes,
D'aquelles frades
Que, não sei porque revezes,
Infelizmente acabaram;
E muito me desconsola
Certa eschola
Que deixaram,

Eschola de trapalhões
Ignorantes
E pedantes,
Que nos maçam e nos moem
E, apesar dos trambolhões,
(Que parece não lhes doem)
Ficam sempre como d'antes
Sempre em-pé,
(Se não tem de chumbo o pé
A cabeça tem de vento),
Todos fé
Em si e no seu talento.
Detestaveis, detestados,
Sem terem merito algum,
Atrevidos
Quaes moscas, e enxotados
Por quem
Tem
Senso commum;
Mas pelo vulgo attendidos
Mais que os homens asisados,
Só por serem descarados (284).

FABULA 254.ª

O remedio

—«Molhe
Um boccado de pão
Mui depressa,
(Olhe
Ella não
Arrefeça)
Na f'rida e vá dal-o ao cão;
Pois, logo que este o comer,
Não tem você que temer,
Está curado.»
Alguem disse
A um homem, que tinha sido
Havia pouco mordido
Por um cão, talvez damnado.
—«Essa tremenda tolice
Nunca eu farei» tornou elle:
«Pois, se agora salvo a pelle
Dando pão
Áquelle
Cão,
Apenas isso constar,
É contar
Sempre ter

Cães,
Que me queiram comer
Pães:
Antes quero
Mais algum tempo soffrer,
Pois espero
De melhor modo sarar.
Entretanto vou matar
E já, aquelle animal,
Porque não me faça mal
Outra vez,
Ou a mais alguem.»
Assim o fez
E andou bem.

Faça o mesmo quem
Podér
Áquelle que o offender
Contra direito e razão.
Não digo que o vá matar,
Como fez o outro ao cão,
Mas trate de lhe ensinar
As regras de bem viver;
Pois tambem é caridade
A maldade
Cohibir e castigar (285).

FABULA 255.ª

A bitola

Um sapateiro ignorante,
Mas fino que nem um coral,
Seu filho tinha estudante
Em lyceu nacional;
O rapaz lá ia
Andando,
Cabulando
O que podia:
Mas o bom do sapateiro,
Que gastava o seu dinheiro
Para que o filho estudasse,
E não por que vadiasse,
Lembrou-se, no seu vagar,
De cada noite lhe ouvir
Traduzir
A lição que ao outro dia,
De latim, tinha de dar.
Se o bom do pae entendia
Clara e correntemente
Quando o rapaz traduzia,
Estava muito calado:
Porém, quando era evidente
Ver-se o filho atrapalhado,

Ou fazer nemhum sentido
A supposta traducção,
Com o tirapé era então
Este muito bem zurzido.
O rapaz
Gritava: «Ai! Ai!
Ora o pae
De julgar não é capaz,
Quando traduzo latim.»
Tornava o outro: «Pois sim,
Dizes bem,
Não estudei:
Porém
Bellamente sei,
Embora fraco letrado,
Que o livro que estás a ler,
Mariola,
De modo algum póde ser
De asneiras apontoado.»

Á falta d'outra bitola
O *chumeco* andava bem:
Nunca fiando porém,
Que o methodo é arriscado.
Mas para uns taes sabichões
Que apregoam maranhões
Em muito sonoras prosas,
E se não as entendemos,
Nos dizem que mal podemos
Distinguir o bom do máo,

Quando se falla em *latim*,
Para taes sim
São famosas
As mais tremebundas tósas;
Inda assim
Á penna, que não a páo (286).

FABULA 256.ª

O corvo e a raposa

Num carvalho empoleirado
D. Vicente,
Mui guapo,
Mui contente
De haver um queijo furtado
Pequenito
Mas curado,
Ia mettel-o no papo.
Uma raposa que o viu
Accudiu,
E dando ao rabo lhe diz:
— «Tu sempre és muito bonito!
Porisso Jove não quiz
Que soubesses bem cantar.
Fôra dar
D'uma vez muitas fortunas.

Pena é que não reunas
A tão rara formosura
Canto
Cheio de doçura:
As aves todas a um canto
Metteras,
E o rouxinol
(Que devéras
É horrendo)
Não ficaria valendo
Nem um triste caracol.
Olha! eu cá fazia assim:
Tendo sómente belleza
Emendava a natureza,
Puxando ia por mim
Até saber cantar bem.
E isso, quando se tem
Como tu, grande talento,
É
Até
Divertimento;
Assim pois deves fazer.
Deixa ver
Uma vez só,
Quero ouvir-te dar um dó.»
O corvo, todo encantado
Solta um grasno aselvajado:
Cae-lhe o queijo; e a raposa,
Depois de o ter engulido,
Exclama na mesma prosa:

—«Dó de peito
Devéras, e sem defeito!
Poucos tenho assim ouvido.
Has de vir a cantar bem,
Mesmo melhor
Que ninguem
Se quizeres estudar.
Quando a tua estreia for,
Não deixes de convidar,
Esta humilde ensaiadora
Que te quer victoriar:»
E abalou. Só percebeu
Então
Que fôra
Logrado
O corvo, e se enfureceu
Contra a mestra da lição:
Mas contra si, isso não;
Embora fosse culpado
Na verdade
Elle tambem
Que se prestara ao caurim
Por sua louca vaidade.
Queijo ninguem
Já lhe apanha,
Mas não creio que emendado
Ficasse da triste manha.

Todos nós somos assim
(Mais ou menos) meu leitor;

Pois, se a palha bem cortada
Com cuidado
Nos for
Dada,
Ninguem lhe acha máo sabor (287).

FABULA 257.ª

As tres leituras

Orador muito afamado
E que fôra convidado
Para num comicio orar,
Tratou de se preparar
O seu discurso escrevendo.
Temendo
De se enganar,
Visto ser parte e juiz,
Quiz
A um seu amigo ouvir,
E lh'o deu a examinar.
—«Eu não te quero illudir»
Ao restituir-lh'o diz
O censor: «mais d'uma vez
Li isso; pois foram tres.
A primeira,
De carreira,

Pareceu-me obra excellente,
Primorosa;
Á segunda, menos má;
E não gostei, á terceira,
Das ideias nem da prosa.»
—«Serve!» o outro mui contente
Exclama: «poisque sómente
Ouvido uma vez
Será,
E não tres.»

Nunca se deve dizer:
—Isto é bom, isto é ruim,—
Sem primeiro se saber
Qual o fim
Para que foi dito ou feito;
Depende tudo do effeito
Que tenha de produzir.
D'aqui, porém, deduzir
Não vás poderem os fins
Santificar quaesquer meios
Embora ruins
E feios;
Pois uma cousa é dizer
Que para algo se fazer
Era tal meio o melhor
(Por muito máo que elle fôr)
Outra approval-o
Ou louval-o.
Quanto a obras litterarias

Não *sentenceies de estalo:*
Muitas á vista primeira
Parecem cousa famosa,
Um astro novo no céo:
E a final são... luminarias.
Nem são verso nem são prosa,
Á segunda ou á terceira
Leitura que se lhes deu;
De ideias moxinifada,
(Ou muito chapada
Asneira)
E mais nada (288).

FABULA 258.ª

Os sês...

Conheci um magistrado
(Já lá vai; - um delegado,)
Que até final se queixava
De que preterido estava,
Eis como elle arrazoava:
—«Se a meu pae, por ser *malhado*,
Não tivessem degredado,
Já eu, quando se acabou
A guerra, estava formado,
Esse

Tempo que passou
Com o degredo
Impediu, pois, que mais cedo
Eu obtivesse
Despacho.
Logo acho
Claramente
Resolvido
Que 'stou muito injustamente
Na carreira preterido.»

Leitor, não te rias d'elle:
Aquelle
Errar
É vulgar
Muito mais do que se pensa
(Sabe Deus se meu
E teu;
Seja dito sem offensa.)
A quantos ouves dizer:
«*Se* me houvessem educado,
Instruido,
Como o deveram fazer,
Quanto
Tinha aproveitado
Em vez de tanto
Perdido!»
Ou: *Se* eu fôra protegido,
Estaria collocado
Tão bem ou talvez melhor

Do que está muito impostor,
Mui diff'rente do que mostra.»
Isto é, leitor,
Uma amostra.
Sempre o *se*. Resta provar
Se, quando houvesse corrido
Tudo muito a seu sabor,
Lográra sorte melhor
Quem
Se estava a lastimar,
Tão doido.
Ignorante rematado
Bem
Podera ter ficado,
Embora muito ensinado
Emquanto ainda rapaz,
Visto ninguem
Ser
Capaz
De fazer
Do nada alguem;
Ou podera haver
Subido
Qual foguete, muito teso
Por outrem sendo ajudado
Mas quando, desamparado,
Cahido
Com o proprio peso.

Muito parvo é quem se cança

Com *sês* que não valem nada,
Pois nunca de certo alcança
Com a força da agua passada,
Fazer andar o moinho.
Antes bem aproveitado
Vá comendo o boccadinho
(Quando não seja um boccado)
Da fortuna que lhe coube
Ou que soube
Grangear;
Chega bem? que se acommode;
Não chega? veja se o póde,
Com honra e brio augmentar;
Mais vale isso que chorar
Do Egypto pelas cebolas,
E outras caraminhólas ([289]).

FABULA 259.ª

Os cães e o leopardo

Brincavam uns cães de caça.
Um leopardo que ensinado
(Muito embora de outra raça)
A caçar fôra tambem,
D'elles mui prompto se achega
E pede ser acceitado

No jogo como collega.
Assim foi: breve
Porém
O brinco
Deu em chorinco
E, máo grado dos cães, teve
Tal folguedo de acabar:
O leopardo, sem querer,
Arranhava-os a valer.

Com brutos não ha brincar
(Nem tão pouco que fazer)
Por mais que os pódem
E pulam,
Tempo é deitar
A perder.
Até brincando se assulam.
Embora queiram, não podem
Seus instinctos esquecer.

—«Tu nasceste humilde e pobre,
Fiz-te rico, fiz-te nobre»
Dizia um rei ao primeiro
Figurão do seu paiz:
«Não pude, por mais que o quiz,
Fazer de ti cavalheiro (290).»

FABULA 260.ª

O cavallo e o veado

Era a vingança o prazer
Dos deuses que já lá vão,
É peccado num christão:
Mas, gosto seja ou peccado,
Um e outro podem ter
Resultado
Amargurado.
Esse soffreu o cavallo
Que, inimigo d'um veado
E não logrando alcançal-o,
Para d'elle se vingar
Com o homem se foi metter.
Montou-o este, e correu
Sem cessar
Muito tempo a bom correr;
Tantas ciladas armou
Que o veado sossobrou
E morreu.
—«Adeus, homem! Volto ao matto»
Diz-lhe o cavallo: «Obrigado,
Verás que nem sou ingrato
Nem algum villão ruim.»
—«'Stás a rir?

Eu não te deixo voltar,»
Torna o homem: «bem pensado
Has de ser sempre por mim,
E nada te ha de faltar:
Poisque me podes servir.»

A liberdade perdeu,
(Não lhe faltando a pitança,)
O cavallo que morreu
Depois de basta canceira;
Tarde vendo que a vingança
É muito má conselheira ([291]).

FABULA 261.ª

O crocodilo e a cegonha

Dois rapazitos brincando
Na margem 'stavam do Nilo,
Quando
Horrendo crocodilo
Das turvas aguas sahiu
E, levando
Um dos rapazes
Em suas fauces vorazes
Pelas aguas se sumiu:
O outro logo fugiu.

Pouco depois uns gemidos,
Seguidos
De muitos mais,
Se ouviram do Nilo á beira:
Eram prantos, eram ais,
Capazes de enternecer
Corações empedernidos.
Uma cegonha matreira,
Conhecendo o crocodilo,
Não deixou de perceber
A causa de tudo aquillo
E diz:—«Se choras, malvado,
Não é porque, tendo errado
O erro teu reconheças
(Quem jamais tal cousa viu?)
Mas eram duas cabeças,
E o dono d'uma fugiu,
Mais feliz que o companheiro
Miserando!
Queres pois ver, embusteiro,
Se chorando
O podes capacitar,
De que o outro o 'stá chamando;
Esperas que haja de vir
Ao seu amigo acudir
E que podes devorar.»

Qual o crocodilo impunha,
Assim hypocrita vil
Procura com o seu ardil,

Sua arteira caramunha,
Feito o mal, enternecer
Para novo mal fazer ([292]).

FABULA 262.ª

A coruja

Muito feia e muito suja
(Pois passava a triste vida
Em negros fórros mettida)
Velha c'ruja
Qu'ria o azeite beber
D'uma lampada que a arder
Estava
Em certa capella:
Mas, se a vontade
Sobrava,
Muito medo tinha ella
De chegar-se á claridade.
Começa pois, sem olhar
A lampada, a esvoaçar;
Tanto vento
Fez que emfim
Logrou
A luz apagar,
E de azeite se fartou

Depois e muito a seu contento.

Assim
Despota procura
Extinguir
A santa luz da verdade
Para aos povos opprimir
Á vontade,
Envolvido em treva escura (293)!

FABULA 263.ª

O toiro e o veado

—«Amigo!» disse ao veado
O toiro: «se a este prado
Vier caçar
O leão,
Não
Vale desanimar
E fugir:
Havemos de resistir
E verás que, 'stando unidos,
Não ficaremos vencidos.
—«Tu que podes, faze assim»
Lhe replicou o veado:
«Eu porém, pouco esforçado,

Melhor consigo o meu fim
Pondo-me logo em fugida.»

Quem forças tiver, resista;
Mas, não as tendo, desista.
Meio azado
(Sempre honrado)
Saiba achar
De sua vida
Salvar.
Para que ha de resistir
Em vão, sem ser
Obrigado?
Off'recer
Facil victoria
Ao mais forte, e succumbir
Sem obter
Proveito ou gloria (294)?

FABULA 264.ª

O pintaroxo

Orfão de pae, malfadado
Pintaroxo era estragado
Pela mãe, avó e tia
Á porfia
Com centos de pieguices,

Vontadinhas e tolices,
(Quaes ahi verás fazer
Bem que com santa intenção,
Em geral, qualquer
Mulher
Que trate da educação
Do filho, sobrinho ou neto)
Para que elle a ser viesse
Depois, como sucedesse,
Um parvo e analphabeto,
Ou manhoso,
Vil tratante,
Desprezivel mentiroso
E detestavel
Pedante;
Um miseravel
Emfim.
Quantos não ficam assim?
E dos quaes a sociedade
Mais tarde soffrer a maldade,
(Tendo até de os castigar)
Que foram envenenados
Em vez de ser educados?
Pois, bem se póde affirmar,
Que se escapa inda algum são
De uma *tal educação*,
Salvou-se por um acaso
E devem pesal-o a cera.

Mas, tornando ao nosso caso:

D'esta maneira estragado
O pintaroxo crescera,
Um perfeito... malcreado.
Algum merito que tinha
Ainda o mal aggravava.
Quanto fazia
Ou fallava,
Que talento
O d'aquella creancinha!
Haveria
Egual portento?!
Isto vendo um melro velho,
Da familia amigo
Antigo,
Tanto fez, tanto teimou
Que levou
O tal conselho
Das prognosticas a dar
O passo mui acertado
De o menino ir viajar.
Lá vai elle empertigado,
Suppondo o mundo espantar:
Mas eil-o desenganado.
Na cabeceira do rol
Entre os cantores
Melhores
Julgando estar
Collocado,
Quiz cantar
Com o rouxinol

Á desgarrada;
Apupado
Foi com grande surriada.
Competiu
Com voadores famosos;
Logo viu
Bem demonstrado
Serem muito vagarosos,
'Té ronceiros,
Seus voos que tão ligeiros
D'antes havia julgado.
Com os taes *passaros bisnaus*
Metteu-se;
Levou
Quinaus,
Extendeu-se
E, assim, provou
Ser ignorante
E pedante.
Tendo em casa sempre ouvido
Suas forças exaltar,
Com os valentes quiz luctar;
Só mostrou
Quanto era fraco
E levou
Para tabaco,
Magistralmente zurzido.
Á sua custa ensinado
Sem piedade,
Sendo pela sociedade

Volta a casa depennado;
Mas quanto outro de mudado!
Sararam logo as costellas,
As pennas breve voltaram
Lustrosas todas e bellas;
Não assim os seus defeitos
Que lá por longe ficaram,
E foi um dos mais perfeitos
Pintaroxos conhecidos.
Ao conselho
Do prudente melro velho
A tempo deram ouvidos:
Mas nem sempre, infelizmente!
Assim é. Porisso coxo,
Aleijado moralmente
Vemos tanto pintaroxo,
Tanto vadio
Sem brio,
Porque foi mal educado.

Se não pode fazer tudo
Com o mais acurado
Estudo
A melhor educação,
Claro está
Que, quando má,
Os resultados serão
Mil e mil vezes peiores.
Se tu és pae, ou se o fores,
Pelo seguro o conselho

Escuta
Do melro velho:
Teus filhos busca educar,
Para a lucta
Que na vida hão de mover.
Em casa mal póde ser:
O mundo deve ensinar
A quem nelle ha de viver (295).

FABULA 265.ª

A menina e a abelha

Menina das mais formosas,
Toda lyrios, toda rosas,
Assentada ao toucador
Se esforçava,
Com o lavor
De velha
Que a ajudava,
Por bem feia se fazer
(Ha mais d'uma que o consiga...)
Eis nos labios uma abelha
Mui de leve a foi morder.
Aos gritos da rapariga
A culpada perseguida
Para salvar-se lhe diz:

—«Não mandes tirar-me a vida;
O que eu fiz
Qualquer fazia;
D'essa bocca tão formosa,
Que só parece uma rosa,
Enganou-me a ambrosia,
E nella corri pousar
Para o doce mel libar.»
—«Não mates a desgraçada,
Porque se foi enganar»
Disse a rapariga á velha:
«Deixál-a sahir, coitada!
Já quasi nem me doe nada,
Tanto de leve mordeu.»
Mestra abelha
Não morreu.

Se a vaidade
Ás vezes nos faz soffrer,
Não poucas sabe esconder
A triste realidade.
Que mal nos vem
Do que a tem,
(Qu'rendo o caso examinar,)
Que não seja incommodar,
A que nós temos tambem? (296)

FABULA 266.ª

O boi e a cigarra

—«Esse sulco ahi desgarra
Não pouco da linha recta»
Grita a uns bois quando lavravam,
Apenas o acabavam,
Uma cigarra
Pateta.
—«Talvez!» lhe responde um boi:
«Mas, se tão prompto notaste
Nesse rego alguns defeitos,
Só foi
Porque o comparaste
Aos demais, todos direitos.»

Não se devem criticar
Ligeiras imperfeições
(Excepções
Faceis até de notar
Por um parvo,) quando em
Obra
Que tem
Merito de sobra (297).

FABULA 267.ª

As exequias da leoa

Quando morre um figurão
Que deixa amigos, parentes,
Ou ricos ou influentes,
Para as borlas do caixão
Nunca faltam pretendentes.
Chovem logo nos jornaes
Eloquentes
Elogios
Das virtudes sem-eguaes,
Dos talentos do finado.
Correm os prantos em rios!
Por mais que fosse safado,
Inutil, parvo ou ruim,
Houve nunca perda assim?
E, se tanta bulha faz
A morte d'um incapaz,
D'um tolo ou pantomimeiro;
Imaginem o berreiro,
A solemne gritaria,
O que por lá não
Iria
Na côrte d'elrei Leão
Quando a morte

Desfechou o fatal córte
Da magnanima leoa
Na cabeça sacrosanta!
Não era só bella e boa;
Era isto e mais aquillo,
Tudo no superlativo...
Uma santa!
Do bem o symbolo vivo!
(Lagrimas de crocodilo,
Quasi todas falsidade...)
Tudo ardia
Noite e dia
D'esta vez,
Pelos campos e cidade,
Em dôr fingida ou profunda
Do leão com a viuvez,
Que toda a côrte enluctou.
No meio da barafunda
Alguem houve que notou,
E o foi logo ao rei contar,
Que o veado
Não chorara!
Como havia de chorar?
Um seu filho idolatrado,
Unico filho que tinha,
A rainha
Lh'o matára!
Mas até a el-rei se disse:
Que *em segredo talvez* risse!
— «Vil miseravel!» lhe berra

Enfurecido o leão:
«Eu pasmo de ver que a terra
Não
Se abriu
E te sumiu!
Jupiter, meu pae, ignora
O teu crime; ou já agora
Estiveras fulminado!
Perdes pouco com a demora;
O teu supplicio cruento
Ha de servir de escarmento!»
—«Senhor!» exclama o veado:
«Impio fora o meu chorar,
Poisque a rainha tomou,
Morta apenas, o logar
Que Jove lhe reservou
Entre Venus e Minerva.
Dignou-se de me appar'cer,
Já divindade, e m'o disse,
Mas que nada referisse
'Té Mercurio o vir dizer.»
Eis que levanta a caterva
Bestial
Acclamação,
Em signal
De adoração,
E o veado
Foi logo recompensado
Com prendas que el-rei lhe deu.
A orelha, vendo a mudança,

Já tarde mais d'um torceu
Por lhe escapar
A lembrança
E aquella vasa perder.

Imitar
Quem não quizer
O veado, que se viu
Em calças pardas mettido
E por salvar-se mentiu,
Deve tomar
Se podér
O partido
De com féras não viver (298).»

FABULA 268.ª

O mocho e o sapo

Um mocho estava
Mettido
Encolhido
No seu nicho;
Sapo, que se regalava
Ao sol sem pejo extendido:
—«Feio bicho!»
Lhe gritou.

—«Conheço que feio sou»
O triste mocho volveu:
«É só porisso que 'stou
Na minha tóca de dia
Escondido, emquanto o véo
Da noute não cobre o céo,
Sem ter a tua ousadia!»
E metteu-lhe ao bucho a falla.

Não julguem haver
Direito
De arguir
Por qualquer
Defeito
Quem nunca d'elle fez gala
E até
O busca encobrir.
E qual é
As mais das vezes
O virtuoso censor?
O esquadrinhador
De fezes?
Se o indagares, leitor,
Has de achar,
Sem que muito tempo busques,
Ser tão máo senão peior
E de indole a mais villã,
Pois só procura infamar.
—«Tir'-te lá, não me enfarrusques!»
Disse a caldeira á sartã (299).

FABULA 269.ª

A pomba e a formiga

Uma formiga cahiu
Num regato; e lá se viu
Entre a cruz e a caldeirinha,
Pois não sabia nadar.
Uma pombinha
Que vinha
Beber ao mesmo regato,
Para a salvar
Foi buscar
Um torosinho de matto,
E assim da morte a livrou.
Dias depois a formiga
Da porta do formigueiro
Viu pousada
A sua amiga
No coruto d'um pinheiro,
E notou
Rude cabreiro
Que pretendia
Atirar
Sem dó valente pedrada,
De certo para a matar.
Elle ia

Pé-ante-pé,
Mas descalço; e assim pôde ella
Morder-lhe um dedo do pé,
E com tal
Gana o filou,
Que o homem a quem custou
Algum tanto a mordedella,
Deu um signal
E o sentiu
A pombinha
Que fugiu.

Grata a mesquinha
Formiga
Salvar pôde a sua amiga,
E ninguem
Haverá que alguma vez
Não possa pagar o bem
Que um mais pod'roso lhe fez (300).

FABULA 270.ª

Os dois coelhos

—«Fujamos que vem
Além
Dois galgos a bom correr!»

Grita para o companheiro
Um coelho que pastava
Com elle sobre um oiteiro.
—«Deixe ver»
Disse o outro, que gostava
De tudo contradizer;
E depois:—«Fujamos, sim:
Ainda que, quanto a mim,
São podengos de má raça
Que andam por ahi á caça.
—«Você 'stá curto da vista
Para podengos chamar
Aos dois galgos que alli vem!»
—«É você
Que não vê
Bem:
Direi antes, não insista
Só por gosto de teimar...
Nem
Galgos correm assim.»
Continuam: nenhum quer
De sua teima ceder,
Sem
Que o p'rigo lhes importe:
Deitam a fugir
Emfim.
Mas já tarde: veiu a morte
Tanta loucura punir.

A maior parte das teimas

São toleimas,
E muitas tem egual fim ([301]).

FABULA 271.ª

O valor do saber

Ignorante enriquecido
Com o muito que elle ganhara
Ou com que se abotoara,
Dizia, cheio de si,
A homem muito instruido
Porém pobre como Job:
—«Eu cá nunca vi
Um só
De vocês, meu sabichão,
Que pelas letras
Sem tretas
Conseguisse farto pão.
Embora sabio, você
Anda a-pé
Com a bolsa ôca
Fazendo cruzes na bocca.
Eu serei grande ignorante:
Não obstante,
Ródo num bello carrinho;
O bom vinho

Os guizados
Ainda os mais delicados,
Nunca me faltam na mesa;
Tenho as casas mobiladas
Com grandeza;
Meus creados
E creadas
Passam melhor que você
Nas suas aguas-furtadas.
Já se vê
Que a tal massada
D'esse estudar
A matar
Vale pouco ou vale nada.
O caso é *aproveitar*
As boas occasiões:
Tudo o mais são maranhões.

Decorridos poucos annos,
Com mil perdas, com mil damnos,
Ou não sei pelo que fosse,
Acabou-se
Do dito Creso a riqueza.
Entrou-lhe em casa a pobreza
E de casa o fez sahir,
Subir
Uns bons quatro andares
Para esconder seus pezares
Numa triste agua-furtada,
Qual a que fôra habitada

Pelo sabio pobretão;
A quem a fortuna então,
Cançada de o perseguir,
Deixara emfim conseguir
Depois de tantos azares
Mostrar o merito seu;
E porisso elle desceu,
Não subiu, os quatro andares.
Recebia como amigo
Seu antigo
Amphitrião;
E, sem jámais se gabar,
Com gratidão
O tratava:
Mas este continuava,
Como d'antes, a affirmar
Que a massada
Do estudar
A matar
Vale pouco ou vale nada.

Que sim ou não
Reconheça
Um parvo a incapacidade
De sua triste cabeça,
Que vai nisso á humanidade?
A lição
Procure ella aproveitar
E deixe os parvos fallar (302).

FABULA 272.ª

A cautela

Uma vacca indo pastar,
Ao vitello diz:—«Cautela!
Fecha a porta e a janella,
Não deixes o lobo entrar.
Quando, de volta, eu bater
Repara que hei de dizer:
—Má peste mate o ladrão!»
Foi esta combinação
Ouvida por um dos taes
Façanhudos animaes,
Que alli andava caçando.
E julgando
Apanhar gordo pitéo,
Passado tempo, bateu
Á porta já bem trancada
E, com voz mui disfarçada
Mas ainda assim rouquenha,
Deu a senha
Combinada.
O vitello (que era fino
Apesar de ser menino,)
Diz, pela grêta espreitando:
—«Eu não abro senão

Quando
Me mostrar o seu focinho;
E vou já chamar o cão.»
Vendo o intento malogrado
O lobo fica assustado,
Mette pernas ao caminho,
Dando ao diabo a lembrança
Da creança,
Mais esperta que a mamã.
Safou-se com pés de lã
Por onde alli tinha vindo,
E o vitello ficou rindo.

Porisso diz muita gente,
E eu tambem digo com ella:
—«Boa dieta e cautela
Não fazem mal ao doente»
Mais este caso recorda
Que prudente
É sempre ter
Para o arco, quem podér,
Duas em vez d'uma corda (303).

FABULA 273.ª

Os zangãos e as abelhas

Os zangãos, como entendiam
Ter feito grande papel,
Na florida primavera
Fabricando
A branca cera,
Distillando
O doce mel;
Em altos gritos requ'riam
Que lhes dessem seu quinhão.
Apanhado um grande — Não,
Demandaram as abelhas
Com as quaes correr parelhas
Pretendiam no saber.
Eis começam a chover
Mandados e citações,
Exames e vistorias:
Vem abaixo as livrarias
Com aggravos, reflexões;
E não se decide nada.
Quando uma abelha assisada
E em demandas muito dextra
(Alguem diz — abelha-mestra)
Requer sejam nomeados,

Dos dois lados
Sem mais palra nem escriptos,
Operarios bem peritos,
Para que cera tão branda
E tão doce mel fizessem,
Ou melhor, caso soubessem.
Isto os zangãos não quizeram
E perderam
A demanda.

Pelas obras se conhece
Quanto cada qual merece (304).

FABULA 274.ª

O noivo e as duas noivas

Um homem já quarentão
Que começava
A pintar,
Porém
São
E escorreito
Sem
Defeito
E com vintens,
Não

Receiava
Desdens
E tencionava
Casar.
Entre duas duvidava
Senhoras que cortejava.
Era-lhe uma quasi egual
Em edade, e desejava
(Cousa muito natural)
Ainda par'cer menina
Para o noivo conquistar:
Grande mestra em disfarçar
Os começos da ruina
Com a tal arte que remoça
(Ou que serve de enganar
A quem quer
Ser
Enganado...)
A outra que elle mais moça,
Formosa mas assisada,
Quizera ver-se casada
Com homem serio, abonado,
Estimavel, qual aquelle;
Porém muito receiava
O reparo
Na diff'rença, que se dava,
Entre a sua e a edade d'elle.
Ambas pois, com o mesmo intento
De obter um bom casamento
(Desejo mui pouco raro)

Fazem-lhe guerra á cabeça,
Uma, a mais velha, começa
Á sorrelfa, quanto pello
Preto lhe vê, a arrancar;
Não deixa a outra parar,
Quando branco, um só cabello:
O que deu em resultado
O homem ficar
Pellado,
Ou bem pouco lhe faltou.
Mas com a tal operação
Lucrou
Tambem ver
Curado
Para sempre o coração.
Não casou:
Receiando, se o fizesse,
Que tivesse
De viver
Sujeito á sua mulher.

Compellir ninguem
Procure
Os outros ao seu pensar,
Pois de certo ha de topar
Com alguem
Que não o ature (305).

FABULA 275.ª

A aranha e o bicho da seda

—«Tu sempre és muito zoupeiro!
Dias se passam primeiro
Que faças o teu cazulo»
Dizia
Ao bicho da seda
Mestra aranha: «É num pulo
Que a minha teia se fia
E se enreda,
Ficando uma formosura;
Não me leva nem um dia
O fazel-a, mais o ninho.»
—«É porisso que não dura»
Lhe replicou o bichinho.

De cousas feitas á pressa
Quasi sempre a sorte é essa (306).

FABULA 276.ª

O valor das cousas

Conta alguem que um gallo achou
Uma joia, a qual levou
A mostrar, muito depressa,
Ao primeiro
Joalheiro
Que por acaso encontrou,
Diz este:—«Por ella peça
Quanto quer que em paga eu dê.»
—«Quanto quero?! Olhe você»
Responde o gallo: «eu não sei
O valor d'isso que achei:
Contente fico se pilho
Em troca um sacco de milho:
Ganha você, e eu tambem.»
O gallo pensava bem.
Não assim um ignorante
Mas pedante
Que, herdando livro mui raro
(Sem outra valia
Ter)
Que não sabia
Entender,
Vendel-o quiz muito caro.

E qual foi o resultado?
Cheio de mofo, traçado,
Não se pôde aproveitar;
Quando o desejou vender
Já
Ninguem lh'o quiz comprar.

Uma cousa é boa ou má
Quando alguem
D'ella carece,
Ou ninguem
A appetece (307).

FABULA 277.ª

O almirante...

Intrujão se apresentava
Bem fardado
De almirante,
D'um paiz lá mui distante
Ou que elle tinha inventado:
Mas usava
De esporas, grandes bastante
Para que dessem na vista.
Alguem, passando revista
Ao fardamento, lhe diz:

—«Pasmo que no seu paiz
De esporas ande a marinha!»
—«Vejo que não adivinha»
Lhe torna o outro: «é porquê,
Do mar distante
Não tem
Elle, nunca teve esquadra,
Porisso julga que quadra
Em terra ao seu almirante
De carne um bello cavallo,
Visto não ter bom nem
Máo
No mar *cavallo de páo*.
Percebeu?»—«Não muito bem;
Desejo inda interrogal-o,
Para melhor entender,
Visto esquadra não haver,
Um tal posto necessario
Para que lhe póde ser?»
—«Eu almirante nasci;
É logar hereditario...»
—«Agora sim, percebi!»

A maior parte da gente
Se com a primeira
Razão
Não
Cede immediatamente,
Uma segunda a contenta,
Inda quando babozeira.

Raras vezes argumenta
A ponto de haver terceira
Que se torne necessaria:
È esta a marcha ordinaria.
E quem
Muito alem
For d'isto
De alguns não será bem
Visto;
Pois mostra espirito sceptico,
Meio caminho de heretico (308).

FABULA 278.ª

O binoculo

Um homem, que enriquecera
Com negocios que fizera
Nas terras do ultramar,
Depois de bem collocar
Sua fortuna a render
Resolveu nada fazer.
Tendo com ruins vivido
D'elles 'stava aborrecido.
Na aldeia se foi metter,
Por pensar
Alli achar

Dos costumes primitivos,
A fabulosa innocencia.
Espalhou
Mil donativos,
Fez o bem: mas encontrou
Tammanha
Manha
E maldade,
Tão negra maledicencia,
Que por fim descorçoou
E fugiu
Para a cidade;
Onde viu
Que bem
Podia 'star só,
Sem
Soffrer
Nenhum teiró
Quem
Quizesse um tal viver.
Estudos não tinha
Tido,
Nada lia.
Contra os homens prevenido,
Evitando companhia
Nos theatros se entretinha:
Porém, rude,
Não sabia
Cousa alguma dos actores
Nem como e tão amiude

Mudam aquelles senhores
De feitio: ora pastores
(Com seu cajado e surrão)
Ora reis
(Sceptro na mão
Manto e c'roa de ouropeis)
Conforme são
Obrigados
Nos seus diversos papeis.
Porisso sympathizava
Com este ou com aquelle actor
Representando melhor
Os de heroes, de homens honrados,
Pois julgava
Serem bem desempenhados
Por lhe 'starem ao sabor.
Um binoculo comprou:
Par'ceu-lhe, ao primeiro dia
Que d'elle se aproveitou,
Ver mui bem representando
Papel nefando
Um actor,
Que de ha muito conhecia
Por lhe ter
Visto fazer
Com primor
Outro muito virtuoso.
Não tendo a quem perguntar,
Olhou
Tornou

A olhar,
E duvidoso
Ficou.
Lê á sahida o cartaz:
Toma os nomes dos actores
Que lhe parecem melhores.
- Isto faz
Varias noites a seguir...
Os olhos teve de abrir
E ver que estava enganado:
Cada actor representado
Papeis tinha mui diversos,
Virtuosos ou perversos,
Como lhe havia tocado.
Sobre o caso meditou
E pensou,
Mais assisado,
Que para os homens julgar
Convem
Bem
Examinar,
Em duas e mais
Instancias,
Quaes
As suas circumstancias.

Assim o mundo apresenta
Bastas vezes
Quer dramas, quer entremezes,
Onde o homem representa,

Bem ou mal,
Papel de justo ou malvado;
Mas, não poucas, obrigado
E contra o seu natural ([309]).

FABULA 279.ª

As bichas

Teve um homem de deitar
Certo dia
Umas bichas em logar
Onde muito lhe doia,
E com effeito as deitou.
Sugaram a bom sugar
'Té que de fartas cahiram;
Tingiram
De sangue o chão,
E o doente melhorou.
Uma d'ellas diz-lhe então:
—«Olha cá! pelo serviço
Que te fiz, que me vais dar?
Deves-me recompensar.»
—«De certo, vou fazer
Isso;
Pois não te deixo morrer
Com o sangue que me bebeste,

E do qual tanto te encheste
Que, assim, não podes viver.»
Disse e logo lhe pegou
Pelo rabo e a espremeu
Tanto, que ella vomitou
Todo o sangue que bebeu:
E, quando não deitou
Mais,
Assim tratou
As demais.
Depois num frasco as metteu,
Para que d'ellas usasse
Outra vez,
Se o precisasse.

Com o Judeu
Muito tempo assim se fez.,.
Nanja eu
Que o approvasse
Hoje; porém acho graça
Quando a cada passo vejo
O despejo
Com que certos emprezarios,
Trapalhões, pantomimeiros,
Usurarios
De má raça,
Que se tornam millionarios,
Capitalistas, banqueiros,
Arrotam com seriedade
Os serviços que prestaram,

Immensos, á sociedade
Que em seu proveito sugaram!
E não poucos d'esses meccos
Em parvos encontram echos!
Sabem governos achar
Que até vão recompensar
Com subidas distincções
Semilhantes intrujões!...
E o peior ainda eu calo,
Poisque no deserto fallo ([310]).

FABULA 280.ª

O pastor e o milhafre

Compõe a sua armadilha
Um pastor e, para o engano,
Nem lhe esquece o chamariz.
Quer empolgal-o um milhano,
Mas nas redes se envencilha
E, vendo-se preso, diz:
—«Pastor! deixa-me ir embora:
Porque me prendes agora?
Eu não sei que mal te fiz;
Com certeza que nenhum.»
—«E esse pobre chamariz»
Lhe retrucou o pastor:

«Já te havia feito algum!
Vae-te calando; é melhor.»

Pensam quasi sempre assim
Os homens e os animaes:
—«Haja um Deus, só para mim;
Um demo para os demais (311).»

FABULA 281.ª

O velho e os tres rapazes

Andava um velho tratando
Do seu pomar e plantando
De fructos novos enxertos.
Eis que passam tres rapazes
Muito alegres, muito espertos,
Dos que criticam mordazes
Crendo tudo desacertos.
—«Ó velho! vê o que fazes;
Não percas o tempo assim.
Da tua vida no fim
Não te vem ao pensamento
O fazeres testamento?»
D'elles lhe diz o primeiro:
«Não fôra isso melhor
Do que andares a dispor

Enxertos na tua edade?»
—«Se queres testamenteiro»
Diz o segundo: «Aqui 'stá
Um, a quem deixes herdeiro
Da metade
Do que tens: pouco será,
Mas com pouco me contento.
Faze pois o testamento
E tuas pazes com Deus,
Para que estejam dos céos
Abertas de par em par
As portas e, sem bater,
Possa lá tua alma entrar.»
—«O que devias fazer»
Diz-lhe o terceiro:
«Pois gostas
Tanto de lidar
Com a enxada
E eterno quinteiro
Ser,
Era deixar
Bem cavada
Numa altura,
Ahi por essas encostas,
Descommunal sepultura
Onde te enterrem depois
Com a tua enxada abraçado,
Em cima d'um grande arado
E d'uma junta de bois!
Assim, em tempos passados,

Eram (dizem) sepultados
Com armas e munições
Os mais inclitos varões.»
—«Rapazes!» responde o velho
«Agradeço
A cada um seu conselho.
Reconheço
Que breve devo morrer;
Talvez d'aqui a um momento.
Sei o pouco que já valho,
Nem
Me vem
Ao pensamento
Que possa comer
O fructo
Producto
D'este trabalho.
Feito está meu testamento
Por Deus. Tenho tres rapazes,
Todos tres
Homens capazes,
Guapos quaes são vocês.
As minhas pazes
'Stão feitas:
Contas ter
Sempre direitas,
Não fazer
Mal a ninguem,
Antes o possivel bem,
A todos; e o soffrer,

Podendo, com paciencia
A vida quando era dura,
Me dão
Essa consciencia.
Dispenso a tal sepultura
Dada aos varões afamados
Nos tempos que já lá vão:
Uns poucos palmos quadrados
De terra me bastarão.
Estou velho; e toda a vida
Levei em constante lida
Para honrado
O pão
Ganhar
E tambem para pagar
Esta divida que herdei,
De deixar
O que encontrei,
Quanto possa, melhorado
A quem ao depois vier.
Foi, por já terem plantado
O arvoredo e o pomar,
Que os fructos pude colher
E na sésta descançar
Áquella sombra deitado.
Sei que não podem viver
Os velhos da minha edade:
É porém
Tambem
Verdade

Que os moços podem morrer.
Venha pois quando quizer
A morte: terei o gosto
De a receber no meu posto.
Queira Deus que eu vá primeiro
Que vocês. Tanto janeiro
Devéras me 'stá pesando:
Tenho porém visto tantos
Na flor da vida morrer,
Que toda lhes era encantos!...
Vão pois sempre trabalhando
A valer.
Sigam este meu conselho
E que Deus os faça uns santos.»
Não sei se lhe obedeceram:
Mas é facto que morreram
Todos tres antes do velho.

Certo temos o morrer:
Não sabendo porèm
Quando,
Vamos sempre trabalhando
Sem
Cessar,
Para a morte, que vier,
Nos achar
No honrado posto
A partir com alegre rosto (342).

FABULA 282.ª

A sciencia e a experiencia

Vendo que um homem podava
A eito um bello pomar,
Certo sabio que passava
E que nunca vira tal,
Começa logo a gritar,
Em p'rigos de ficar
Rouco:
—«Ó homem! você 'stá louco,
Ou nasceu só para o mal?
Pois com tammanha bruteza
Destroe o que a natureza,
Boa mãe,
Produz para o nosso bem?»
—«Olhe que está enganado,
Meu senhor!»
Replicou o podador:
«O pomar, assim podado,
Em vez de dez dá-me cem.»
Ficou o sabio pasmado!
Mas depois de muito ouvir
(Embora mal cozinhado)
Teve de se persuadir
De que não

Tinha razão.
Quando volta á sua terra
Elle corta e elle serra,
Sem olhar á estação,
Tudo a eito,
A torto e mais a direito,
Quantas arvores de fructo
Lhe davam algum producto
'Té alli. O resultado
De tão feroz attentado
Aos preceitos mais vulgares
De tal arte
Foi, que na maixma parte,
Lhe morreram os pomares.
Consciencioso tratado
Então o sabio escreveu,
No qual deixou demonstrado
Com evidencia sem par,
Que não se deve podar;
E o livréco remetteu
A mais d'uma academia
Com quem se correspondia.
Passou o caso em julgado:
Tinha a sciencia fallado!
O ponto é que o mundo annúa,..
Vê-se, porém, que da póda
Inda a moda
Continúa,
Apesar do venerando
Accordão do tribunal:

Por signal
Que os sabios abalisados,
Sempre se vão regalando
Com fructos
Bellos productos
De pomares bem podados.

Deve a sciencia
Nascer
Da sensata experiencia.
Cumpria ao sabio apprender
A maneira de podar,
E a pratica exercitar.
Esta vem sempre a primeira;
Nem póde deixar de ser
Assim, poisque o homem sente
Ainda instinctivamente
Como se ha de conduzir,
Primeiro que possa ou queira
Principios estab'lecer
De que a sciencia se fórma.
Torna se esta depois norma,
Regra certa onde aferir,
Quando haja que decidir
Sobre pontos duvidosos,
Segundo os mais numerosos
Factos em que ella se funda.
Pratica ou exp'riencia
Sem sciencia
Póde haver

E até abunda,
Emquanto as necessidades
Da vida se contam poucas;
Sciencia
Sem exp'riencia
Nunca póde ter
Valor;
É cheia de falsidades
E de theorias ôcas.
D'ella te livra leitor (313).

FABULA 383.ª

Os membros e o estomago

Do corpo os membros um dia
Fizeram todos parede
Contra o estomago; pois qu'ria,
Segundo elles o arguiam,
Manducar
Sem trabalhar.
—«Tenho sede,
Tenho fome,
Hoje não me deram nada!»
Gritava o pobre a chorar.
Ao que os membros respondiam:
—«Quem não trabalha não come.

Acabou-se a marmelada
De viveres, songa-monga,
Á custa da barba-longa.
Mandrião! vae trabalhar.»
Foi-se o estomago calando;
Nem podia mais fallar
Por as forças lhe faltarem.
E os membros a exultarem,
Já pensando
Ter a victoria ganhada.
Porém, longe de acabada,
Estava a grande questão.
Muito em breve
Fracos e frios de neve
Se sentem elles, e então
Ao outro deram razão;
Pois, se trabalhavam todos
Por muitos e varios modos
Para o alimento lhe dar,
Só elle sabia o geito
De tal sustento empregar
Do corpo todo em proveito.

Ou soldado ou general,
Fazer
Bem o seu papel,
Ser
Fiel
Ao seu dever:
Cada qual

O tome a peito.
E tudo andará direito (314).

FABULA 284.ª

O lobo e o homem

Disse o lobo a um pastor:
—«Vocês fallam mal de nós;
Vem isso já dos avós,
Que o homem foi sempre ingrato...
Mas mui bem sabe o calor
Que a nossa pelle lhes traz
Quando a apanham para um fato;
E estes dentes com que faz
Mais brilho ter, mais valor,
Ao proprio oiro o artista!»
—«Tu és qual o egoista»
O pastor lhe respondeu:
«Vivo, a ninguem
Soccorreu:
Porém
Forçado a deixar
Pela morte quanto é seu,
Pela alma o vai legar
Com serodia caridade,
Julgando em sua maldade

Comprar
D'esse modo o céo.

Antes assim que peior:
Acho porém
Ser
Melhor
Fazer
Nesta vida o bem;
Pois, que virtude haverá
No que dá
Sem
Sacrificio
Só para seu beneficio (315)?

FABULA 285.ª

Os peixes e o corvo marinho

Esperto corvo marinho
Lembrou-se,
Mais previdente
Do que eu, do que alguma gente,
De segurar o pãosinho
Para quando velho fosse.
Com essas tenções mudou-se.
Eil-o junto d'um viveiro

Onde muito peixe havia,
Gente que não conhecia
O terrivel pescador.
Logo no dia
Primeiro
E outros muitos a-fio
Nem sequer um guarda-rio
O corvo deixou parar
De todo o lago ao redor:
Tiveram de se mudar.
Os peixinhos applaudiam;
Presumiam
Nelle ter um defensor
(Somos quasi sempre assim
E o foram nossos avós:
Ninguem
Parece ruim
Quando se int'ressa por nós;
Basta que o saiba fingir:
Raro é quem
Não vá cahir
No laço, se bem
Armado.)
Julgando-se acreditado
Entre os peixes, foi um dia
O corvo, com *ar de caso*,
Confiar-lhes que corria
Ser certo que em breve praso
Sêcco o viveiro estaria.
As intenções

Do patrão
Eram que rendesse o chão
Com que se compram melões.
Os peixes ficam passados!
Cosidos, fritos,
Assados
Já se julgam: muito afflictos
Em frente ao corvo se juntam,
—«Que havemos nós de fazer?»
Ao hypocrita perguntam:
«Por quem é, só o senhor
Nos póde agora valer.»
—«Ao seu dispor
Aqui 'stou:
O peior
Será se vou
Afinal pagar
Com a vida
Idéa muito atrevida,
Que tenho, para os salvar.
Mas emfim, só por querer
Praticar
Uma acção boa,
Salvando gente
Innocente,
Exponho a minha pessoa
E dê lá
Por onde der:
Do céo me virá
O pago.

Só de mim é conhecido
Um lago,
Muito escondido
Entre os rochedos, no mar.
Para alli sendo levados
Por mim, podem descançados
De certo sempre ficar.
Á noitinha aqui me tem,
Pois ás noites se fará
A mudança: que não vá
Nesta faina ver-me alguem.»

Assim o fez: pouco a pouco
Foi aquelle povo louco
Pelo corvo transportado,
Um a um, a sitio azado,
Lago com pouca fundura,
Aberto na rocha dura
E entre penedos sumido,
Mas enchido
Só pelas aguas do céo.
Alli o peixe mettido
Já mui tarde conheceu
O malvado que lhe deu
Um tão *sincero* conselho.
—«Povo! vê-tê n'este espelho.

A tratantes, intrujões,
Com tenções
De os emendar,

O meu fim não é
Prégar
(Nem tinha mais que fazer:
Fôra o meu tempo perder,
Pois ficavam como d'antes.)
Os homens de boa fé,
Incautos ou ignorantes,
Pretendo só avisar.
Gente ha, valha a verdade,
Que de ajudar
Tem
Vontade
Sem
Reservada tenção;
Gosta de extender a mão
A quem
De auxilio carece,
Ao fraco e ao innocente:
Mas d'isso raro apparece,
O contrario, infelizmente,
É quasi regra geral.
Fingem que querem servir
Para algum fim
Conseguir.
É máo, porêm natural;
Poisque, emfim,
Por que razão
Ha de estafar-se por mim
Um qualquer, por quem eu não
Me afadigo?

Que muito me aperta a mão
E diz ser meu grande amigo (316)?

FABULA 286.ª

Milão de Crotona

Sete vezes vencedor
Milão,
O grão
Luctador,
Sob os louros repousava:
Nem
Por sombras se lembrava
De que o tempo roedor,
Tão voraz que tudo come
Sem
Nunca matar
A fome,
Não o havia de poupar.
Louco, lisongeiro engano!
Passa um, passa outro anno,
As forças vem
A faltar.
Nos demais o vê e aponta;
Cada qual
Mas sempre conta

Que ha de ser uma excepção.
Assim pensava Milão,
E sua louca vaidade
A final
Morte lhe trouxe fatal.
Longe, um dia, da cidade
Por denso bosque vagava
Quando avista meio aberto,
Sob'rano outr'ora do matto,
Roble que o tempo escachava.
Não viu nelle o seu retrato;
Antes pensou
Que de certo
Mui facil lhe era acabal-o
Só com as mãos. Isso tentou
Mettendo-as no intervallo
Que entre as duas partes viu:
Esforçou-se, e mais o abriu.
Porém a final cançou:
Quiz a empresa abandonar,
Conseguiu
Só entalar
As mãos; que o roble fechou
Quanto elle o havia alargado.
A resistencia
O infurece
E, perdendo a paciencia,
Lucta em vão
E se enfraquece.
Exhaurido cai no chão

E, tendo a noite chegado,
Foi das feras devorado.

Que preciosa lição
O seu exemplo nos dá!
Ninguem vá
Julgar-se forte
(Ou homem seja ou nação)
Quando na provecta edade
Tem a morte
Perto já,
Embora longe pareça.
É tresloucada vaidade
Excepção se imaginar
Crendo eterna a mocidade.
Essa
Não
Tarda em passar,
E a decadencia começa ([317]).

FABULA 287.ª

O morcego

Nesses tempos primitivos
Dos quaes fallecem archivos,
E que só por tradição

Bem
Pouco sabidos são,
O morcego, falso e máo,
Quiz jogar
Com o tal páo
Que tem
Dois bicos;
Isto é, aproveitar
O par'cer
Ave por ter
Tambem
Azas,
Quando mammifero era;
Para com seus mexericos
Se ir mettendo pelas casas
D'uns e d'outros animaes
Naquella era
Rivaes;
E assim
Com muita maldade,
Intrigando-os á vontade,
Trazer tudo enrodilhado,
Como fez.
Mas por fim,
Foi enxotado
A bicadas,
Pontapés,
(Para não dizer patadas)
E forte descompostura
Por um e outro partido;

E tem de viver sumido,
Inda hoje, no seu canto
Sem ousar mostrar-se emquanto
Não aponta a noute escura.

De sentir é que outro tanto,
Inda peior,
Não se faça
Ao falso, ao *venerador*,
Animaes da mesma raça (318).

FABULA 288.ª

A macaca e o filho

Sempre aos beijos, aos abraços,
Sem nunca o largar dos braços
Que lhe serviam de cama,
Tanto mimo, tanta mama,
A um seu
Filhinho deu
Macaca pouco assisada
Que o macaquinho
Morreu.

Quanta mãe ha entre a gente,
Egualmente

Allucinada,
(E quando aqui digo mãe
Familia digo tambem)
Que não sabe, que não quer
Cumprir bem
O seu dever,
Pretendendo educar filhos
Com chorrilhos
De tolices,
Mimos loucos, piéguices,
E cousas talvez peiores,
Sem lhes dar educação
Ou carreira
Verdadeira,
Para ganharem seu pão
Honrados trabalhadores.
De tal mãe
Se o filho morre,
Qual macaquinho gosmento,
Succumbindo ao tratamento,
Inda a cousa corre
Bem:
D'elle só ha que dizer
—Acabou seu soffrimento!—
Mas, se acaso acontecer
Que, inda assim, salvar se possa,
Por sua desgraça e nossa,
Vive mais um desgraçado,
Aleijado
Moralmente,

Um doente
Condemnado
A toda a vida soffrer;
E a morrer,
Se fôr honrado,
Mais tarde de inanição!
E, se máo, temos então
Mais um augmentando a raça
Parasita de vadios,
De irrequietos, sem
Brios;
Feroz, constante ameaça
De desgraça
Sobre a patria sua mãe,
Que assim vem,
Qual a outra, bastas vezes
A caro pagar tambem
Com desordens e revezes
A pessima educação
Que a seus filhos ambas dão!
Digam, façam o que quizerem
Illustres legisladores:
Mas, emquanto não souberem
Tammanho mal debellar
Sendo bons educadores,
Hão de sempre edificar
Sobre a movediça areia.
Quem semeia
Ou quem deixa semear,
Á mão cheia

E á vontade,
A ignorancia e a maldade;
Quem tal faz ou tal consente,
Depois terá de colher
O que ahi 'stamos a ver
Cada dia, infelizmente ([349])!

FABULA 289.ª

O verdadeiro thesouro

Indo dar contas a Deus
Um lavrador chama os seus
Rapazes e assim lhes diz:
—«Se as fazendas eu não quiz
Jámais vender, ainda que
M'as quizessem bem pagar,
Foi porque
Sei 'star
Nellas enterrado
Um thesoiro
De bom oiro!
Onde? Não o soube encontrar.
Mas foi-me o facto affirmado
Por quem de certo o sabia.
Porisso, sempre a lavrar
Tão fundo, quanto podia,

Andei toda a minha vida.
Continuem nessa lida
Vocês: não queiram vender
As terras, quando eu morrer.»
Finado o velho, os rapazes,
Qual o pae, foram tenazes
Em lavrar, sempre mui fundo,
O solo que mais fecundo
Veiu a ser de dia em dia:
E porisso se cobria
De optimos trigos que a oiro
Bom e bello se vendiam.
Assim deram com o thesoiro.

Mais o trabalho produz
Do que as perolas de Ormuz,
Quando estas muito valiam (320).

FABULA 290.ª

O espelho da Verdade

Dos céos á terra desceu
Com um bello espelho a Verdade;
Em volta d'ella correu
Curiosa a humanidade:
Mas depois que se mirou,

Contra o espelho se voltou
E, agastada,
Á pedrada
Em pedaços o quebrou,
A Verdade, que tal viu,
Mais não quiz ver
E fugiu.
Começando a entender
A tolice que fizeram
Os homens logo se deram
Ao trabalho de ir juntando
Os boccados
Do tão malfadado espelho
Procurando
Onde quer que se espalharam.
E inda a tal mania dura:
Andam sempre azafamados
Desde então
O moço e o velho,
Naquella ingrata procura,
Pois tão
Miudos ficaram!
Comtudo
Cada qual crê
Que naquelles que apanhou
Vê
Tudo
Muito á vontade
E seus intentos logrou;
Quando hoje aquelles boccados,

Quer juntos quer separados,
Pouco mostram a verdade ([322]).

FABULA 291.ª

A bolota e a melancia

Era nas horas da sesta
Em
Dia de quente v'rão,
Quando o sol que tudo cresta
Nem
Poupa o duro aldeão.
D'estes um se foi então
Sob a frondosa ramada
De majestoso carvalho
Descançar do seu trabalho;
Melancia (bem calada
Por cautela)
Levando-se se regalou,
Só cascas ficaram d'ella;
E depois philosophou,
O que é geito
De quem
'Stá bem
Satisfeito.
—«Na verdade, a melancia»

Pensou
Elle:
«É que devia
Nascer d'um grande carvalho;
E nanja aquelle
Negalho
Da bolota,
Que alli a custo se nota:
Eu porém não sou chamado
Para o mundo endireitar.»
Tendo assim philosophado
Começou a dormitar.
Eis que do carvalho cai
Uma bolota e lhe vai
Por acaso dar na testa.
—«Ora esta!»
Diz o lapuz acordando
E coçando
Na pancada:
«E que tal seria
A festa,
Se fôra, como eu dizia,
Alentada
Melancia!»

Se ha
Cousas que não
'Stão
Bem,
Nunca as pretenda emendar

Quem
Inda as vá
Peiorar ([322]).

FABULA 292.ª

Os dois viajantes

Á beira de ingreme estrada
Dois viajantes toparam
Levantada
Rocha, na qual muito a custo,
Por 'star do tempo comida,
Esta inscripção decifraram:
—«Homem, quemquer
Que tu sejas,
Se não és capaz de susto,
Se não prézas uma vida
Em vil ocio consumida,
Se desejas
Illustre sempre viver;
Apodera-te da espada
Enterrada
Junto a mim no duro chão.
Desce o valle á dextra mão,
Uma fera has de encontrar:
Com ella tens de luctar

Até vencer
Ou morrer.
Se vences, aos hombros teus
A leva subindo o monte
Que d'aqui
Se vê defronte
Com o cimo tocando os céos.
O resto alli
Saberá
E seu galardão
Terá,
Quem taes proezas fizer.
Nada mais posso dizer,
Senão
Que um nome immortal,
Uma immarcessivel gloria
Só se ganham com a victoria
Alcançada sobre o mal.»
—«Agradeço
O seu favor!
Seja lá
Que premio fôr,
Ainda o mais excellente,
Por tal preço
Não ha
Nada que me tente;
Antes
Humilde viver
Do que taes p'rigos correr»
Bradou

Um dos viajantes;
E logo, sem mais demora,
Se levanta e vai-se embora.
O outro ficou
Scismando:
—«Para que» disse: «viver
Rojando
Na immunda lama?
Não póde o homem morrer:
Nada morre. O que se chama
Morte é da vida começo.
Assim vai sempre subindo,
Sempre num progresso
Infindo,
Do mundo a força vital
Na planta, no animal,
No homem. Quem fôr mais forte
Na virtude, no saber,
Mais depois ha de valer
Nessa vida alem da morte.
Quem fôr máo, fraco, ignorante,
Verá passar-lhe adeante
O melhor,
Mais forte, mais sabedor.
É justiça e é razão;
Pois cada qual
Assim tem
O seu mal
E o seu bem
Fechados na propria mão.

Eia pois! Eu vou tentar
Esta empresa.» Procurar
Vai, e encontra forte espada
Enterrada
Onde o disse a inscripção.
O valle intrepido desce
Pela escuridão
Que cresce,
Entre penedos e abrolhos,
Precipicios e escolhos
De toda a sorte
Encontrando;
Vendo a cada passo a morte,
Que arrosta sem
'Stremecer.
Ouve mil vozes tambem,
Medonhas, sempre gritando:
—«Vais morrer!»
Unindo horriveis lamentos
Ao bramir dos elementos.
Chega emfim do valle ao fundo:
Alli enorme dragão
Furibundo
Se apresenta.
Tremer-lhe a espada na mão
Um só instante sentiu:
Mas logo a lucta cruenta
Travou, e a fera cahiu
De sangue banhando o chão.
Com ella aos hombros subindo

Vai o monte: vai sentindo
Peso cada vez mais leve,
Até que ao cimo chegando
Nem peso havia nem fera,
Pois tudo desappar'cera!
Alli
Os passos deteve.
Deante de si
Olhando,
Descobriu
Valle formoso
Que, em vez de horrendos penedos,
Se vestia de arvoredos
Matizados de mil flores;
E ouviu
O mavioso
Trinar de alegres cantores
Que da florida ramada
Saudavam a madrugada.
Viu
Defronte
Um monte
Erguido,
Muito mais que o já subido,
Mas que, segundo mostrava,
Facilmente se galgava.
Uma voz então lhe diz:
—«Sê feliz!
Bem o mer'ceste,
Que soubeste

Com denodo o mal vencer.
Outros valles vais descer,
Onde não encontres susto;
Vais subir mais altos montes,
Cada vez com menos custo.
Sempre novos horizontes
Hão de a teus olhos mostrar
Maravilhas incessantes;
Rapidos que nem instantes
Te hão de os seculos passar.
Mais valendo, mais subindo,
Segue num progresso infindo
Tentando, mas sempre em vão,
Poder-te a mim egualar;
Porque eu sou a PERFEIÇÃO.
..... (323)»

FABULA 293.ª

O fatalismo

Um turco, de ruim massa,
Doutorado
Na trapaça
(Como ha tantos por ahi)
Levado
Foi ao Cadi
Por crime que... nem já sei.

—«Senhor!» brada o musulmano:
É engano,
Não pequei;
Pois vós sabeis que o tyranno
Destino nos arrebata,
Nos mata
A livre vontade,
Apaga a luz da razão.
Foi Allah
Que assim o quiz:
'Stá
Esta santa verdade
Escripta no Alcorão.»
—«É certo» torna o juiz:
«Porém
Tambem
Lá
Se encontra,
Que seja bem
Castigado
O malvado
Que for contra
Os seus preceitos divinos.
Cumpram-se ambos os destinos:
O de peccar foi o teu,
O meu
De te castigar.»
E bom castigo lhe deu.

Faz este conto lembrar

Criminalistas modernos,
Sempre ternos,
Carinhosos,
A favor dos criminosos,
Que consideram doentes
D'uma certa alienação
Á qual
Dão
O nome de criminal.
E, portanto, irresponsaveis,
Innocentes
Até os chamam; porquê
Innegaveis
Hoje são,
Para quem sabe o que lê,
As influencias fataes
De organismos
E atavismos
E mil outras causas mais,
Que fazem um cidadão
(Qual Minerva
D'um só jacto
Da cabeça do Tonante)
Nascer
Honrado ou ladrão,
De indole boa ou proterva,
Idiota ou litterato,
Sisudo ou extravagante,
Como sempre ha de viver.
Não combato

Quanto ahi ha de verdade:
Porém nego a impunidade
Que pretendem decretar.
Dá-se
A perversão moral
Herdada, com que se nasce:
Mas quem vai abandonar
Ao seu mal
Qualquer doente?
Muita gente
Ha que, nascendo aleijada,
Consegue ficar
Sarada.
Nem sempre as receitas curam
É verdade: mas depuram,
Mas melhoram, quando não
Deixem o enfermo são.
Remedios ha, mui diversos
Segundo os varios doentes
Innocentes;
E tambem os deve haver,
A meu ver,
Para os que forem perversos
(De doenças criminosas,
Aliás — contagiosas.)
Tem estas de ser
Tratadas
Não com macias pomadas,
Xaropes, emollientes
E mil drogas excellentes,

Indicadas
Na douta pharmacopea,
Que se vendem na botica.
Outra cura lhes applica
(Multas, prisões e degredos...)
A lei que os crimes refreia;
Remedios fortes, azedos,
Com os quaes tem sido curados
Casos que á primeira vista
Par'ciam desesperados.

Ao ouvir—que o vil faquista,
O ladrão,
O assassino,
Ou qualquer outro malvado,
Que o foi desde pequenino,
Sem ter nunca educação,
Não
É réo,
É desgraçado,
Innocente,
Já que doente
Nasceu,
Ou lhe faltaram com o ensino,
E não merece castigo;—
Digo
Eu:
E aquelles que nascem sãos
Ou foram bem educados,
Hão de viver

Arriscados
A lhe irem morrer
Nas mãos?
Ou suas manhas soffrer?
A tiro, a veneno, a páo,
Dos tigres ás ratazanas
E inda muito mais alem,
Destróe tudo quanto é máo
Com direito
O homem para seu bem.
—Poupem-se as feras humanas:—
Acceito,
Porém
Cuidado:
De as pôrem a bom recado
Não lesem ellas alguem (324)!

FABULA 294.ª

A gralha depennada

Historia das mais sabidas
É a da gralha enfeitada
Com as lindas pennas cahidas
Aos pavões, e depennada
Depois por elles sem
Dó.

Vendo-se alli desprezada
Para as gralhas se tornou;
Mas tambem
Lá não parou,
Foi recebida á bicada
E teve de viver só.

Assim deve acontecer
Aos que se forem metter
Com quem vale e póde mais,
Desprezando os seus eguaes (325).

FABULA 295.ª

O banqueiro e o remendão

Um sapateiro de escada,
Velho typo que se some;
Pois tudo no mundo acaba,
(Muda de fórma e de nome,)
Desde a rosa desfolhada
Ao sopro da viração,
'Té o cedro que desaba
Varrido pelo tufão;
Desde a aldeia que, nascida
Entre choupos e salgueiros,
Desapparece sumida

Sob os matos e tojeiros,
'Té ás Thebas, Babilonias,
Ás Athenas e *Parvonias*,
Que cahiram, cahirão,
Com o estampido dos trovões
Ellas mais os seus dynastas,
Ao longe juncando
O chão,
Legando
Ruinas vastas
A profundas reflexões:
Desde as humildes nações
Até o Povo Romano;
Desde o individuo humano
Ás inteiras gerações;
E desde os Napoleões
'Té os chumécos de escada!...

Um remendão,
Um velhote,
Nunca largando o capote
Inda no pino do v'rão;
Colxete no cabeção,
Ou gola, muito ensebada;
Sempre em mangas de camisa
De simonte matizada,
Que fica a gente indecisa
De quando ella foi lavada;
Chapéo alto, encarniçado,
Comprado

Quando lhe quadra
Na velha feira da ladra,
Para trás sempre inclinado;
Mostrando hirsutos cabellos
Sujos, por independentes
De escovas sempre e de pentes,
Que, ao vel-os
E mais os dentes,
Logo nos fazem lembrar,
Pelo sujo e pela côr,
O gigante Adamastor;
A cara lavada e plana
Só uma vez na semana,
Quando se vai barbear;
De cangalhas de latão,
Que ora no nariz assesta,
Ora estão,
Viseira de capacete,
Destacadas para a testa;
No collete
Usando poucos botões;
As calças quasi calções
Fugindo ao cano da bota,
Na qual um laivo se nota
(Embora raro engraxada)
Onde dá
O fio á
Faca:...

Um sapateiro de escada

Era um grande trovador
(Uma terrivel cigarra
Insupportavel matraca:)
Ninguem lhe lançava a barra
Adeante, como cantor.
Sabia mui bem
De cór
Quanto cantado se tem
Desde a *Lilia abandonada*
Até á *Carta adorada;*
Com seu depravado gosto
E furor
De dilletanti,
Aleijando *tutti quanti*
De melhor
Se tem composto:
Não se podia aturar.

Ora no primeiro andar
Morava,
Mas não cantava,
Alli tinha o seu telonio
Um banqueiro,
De chorudo mealheiro,
A quem do oiro o demonio
Noite e dia
Perseguia;
Meditando,
Calculando,
Sobre os fundos

Dos dois mundos;
Um dos Crésos importantes
Das dividas fluctuantes.
Em seus calculos profundos
Mil vezes interrompido
Pelos teimosos descantes
Do vizinho desvalido,
Que tão alegre vivia;
Emtanto que elle, ao contrario,
Homem mais que millionario,
Mal podia
Olho fechar;
Manda o vizinho chamar.
—«Mestre!» lhe diz: «se você
A pergunta não me estranha,
Diga-me lá quanto ganha,
Termo medio, em cada um anno?
Porquê,
Pelo que se vê
Ou eu ouço, sem engano
Os seus ganhos não
São
Fracos,
Deve ter bellos patacos.»
—«Senhor!» responde o chuméco
(Que para vir mais decente
Puxara as repas de trás,
Servindo os dedos de pente;
Jaleco
Vestido traz

Que sem exemplo envergara,
E tentou limpar a cara
Com cuspo e a ponta do lenço:)
«Senhor! eu cá nunca penso
Em cousas da *mathamatica*,
Jámais metto o meu bedelho
Naquillo que não entendo:
Mas vou, só com a minha pratica
E seguindo o credo velho,
Esta vida atamancando
E comendo
Cada dia
O que o officio me vai dando.
Bem
Podia
Render mais:
Porém
Hoje os cabedaes
'Stão pelas horas da morte;
Tudo vai a peso d'oiro:
Desde a sola até o coiro.
E depois, o grande córte
Que nos dão os sapateiros
Estrangeiros!
E agora ainda mais é
Que já ninguem anda a pé;
Anda tudo de carrinho,
Não põe no chão um pésinho;
Qualquer dia andam descalços.
Tudo mui serios percalços:

Mas, emfim, vai-se vivendo
E fazendo
Boas figas ao demonio.
O meu padre Santo Antonio
E mais o Senhor dos Passos
Da Graça, que me 'stão vendo
Do céo, afastem fracassos,
Emquanto eu cá vou durando
Espantando,
O dia inteiro,
Os meus males, a cantar»
(Morde os beiços o banqueiro)
«Sem no futuro cuidar.
O futuro a Deus pertence,
'Stá fóra da nossa mão;
Tanto orça,
Pois, que pense
Nelle o homem, como não:
Sempre ha de ter
Muita força
O que tem de acontecer...»
—«Isso é de homem de razão»
Atalha aqui o banqueiro
Fingindo um ar prasenteiro:
«Gostei de o ouvir fallar;
Tanto que o quero ajudar.
Ahi tem
Esse dinheiro:
Você é homem de bem,
Que eu já informado estou»

(O remendão cortejou)
«Leve-me essas inscripções.
São minhas: mas a você
Fracos papeis, quaes os vê,
Ainda bellos tostões
Podem render cada mez,»
E com voz accentuada:
«Não havendo algum revez
Com que toda a papelada
Fique não valendo nada...
E, visto que até agora
Sem isso vivido tem,
Não o deve deitar fóra;
Deve poupal-o,
Guardal-o,
A vêr se chega a comprar
Suas inscripções tambem
E a arranjar
O pão
Da sua velhice.
Adeus, passe muito bem;
E não
Lhe esqueça o que eu disse.»
Agradecendo ao banqueiro
Foi-se embora o sapateiro
Direitinho logo a casa;
Ia em brasa
Para guardar o dinheiro,
Que bem cedo o atormentava.
Quando foi já não cantava,

E na volta não cantou;
Levou
Todo o outro dia
Mettido na agua-furtada
Dando tractos ao juizo,
Por ver onde esconderia
Bem guardada
E sem soffrer prejuizo
A fortuna e... as alegrias.
Comprava todos os dias
Desde então sempre um jornal,
Do qual
Fez seu breviario,
Onde lia
Bem ou mal
Tudo quanto elle trazia
Do mercado monetario;
E dizia
Muito serio,
Se cahia
O ministerio,
Se as noticias estrangeiras
Algo tinham de guerreiras,
Emfim, se os fundos tremiam:
—«Isto assim não póde ser:
Onde iremos nós parar?
Se as inscripções depreciam,
Não é caso de brincar
Para quem
Tem

Que perder...»
Foi ralando a triste vida,
Outr'ora tão divertida;
Nunca mais soltou um pio
Ou, sequer, um assobio.
Quem lucrou
Foi o vizinho,
Visto que tão baratinho
O sapateiro calou.

De tudo o que fica dito
(Algum tanto compridito)
Tirar se podem, leitor,
Duas lições, qual melhor.
A primeira é que a diff'rença
Entre as sortes nesta vida
É menor
Do que se pensa,
Quando fôr
Bem reflectida.
Póde o pobre ser feliz
(Não fallo do que não tem
Saude, forças, sustento;
Mas sim do remediado,
Que se diz
Pobre tambem:)
E póde o muito opulento,
Com razão
Apouquentado,
Não

Ter socego um momento.
O que possue quanto basta,
(Pouco tendo que perder)
Gosa ás vezes muito mais
Do que quem
Tem
Capitaes
Arriscados, sem
Saber
Onde a fortuna o arrasta.
Hoje tudo é grande e bello;
Ámanhã o que será?
A riqueza perderá?
Todos fogem só de vêl-o.
E mais soffre o que desceu
Do que quem
Nunca valeu.

A segunda, e a que tem
Para mim maior valia,
É que não se fie alguem
D'um qualquer na sympathia.
Raro encontrarás tratante
Que não seja obsequiador,
Eximio comediante,
Tirando sempre proveito
Para si d'esse seu geito;
Pois, venha lá donde fôr,
Ha de pagar-se um favor.
Devemos, pois, hesitar

Com receio de acceitar
Quanto nos seja suspeito.
Se ha males que vem
Para bem,
Não
Deixam de haver fortunas,
Pelo menos, importunas,
Falsos bens e que afinal
Dão
Em droga e em muito mal,
Como deu ao sapateiro
O presente do banqueiro ([326]).

FABULA 296.ª

O caminho a seguir

Ao seu possante
Elephante
Pergunta o cornaca, um dia,
Que caminho preferia?
A subida
Ou a descida?
—«Porque me perguntas isso?
Acaso d'ora em deante
Deixará de haver caminho
Bem liso, bem direitinho,

Onde se faça o serviço?»
Lhe tornou o elephante.

Um homem, embora honrado,
Tem ás vezes de seguir
Obrigado
Ou contrafeito,
Caminho menos direito;
Não por este ser melhor
Do que outro ainda peior,
Mas sem na escolha convir
E incapaz de reagir.
Quando podér,
Que reaja;
E bem haja,
Se o fizer ([327]).

FABULA 297.ª

O pinheiro e a cunha

Para rachar um pinheiro
Certo lenhador, primeiro
Estreita fenda lhe abriu;
Depois nesta introduziu
Uma cunha, na qual deu
Tanta e tão rija pancada,

Com a cabeça da machada,
Que o pinheiro se rachou
E, feito em achas, morreu.
Antes da vida deixar,
Para a tal cunha fallou:
—«Não tenho que me queixar
Da machada;
Era-me estranha
E não me devia nada.
É só contra ti que eu bramo,
Pois, sendo feita d'um ramo
Que foi meu, com arte e manha
Te metteste no meu seio
E assim me partiste ao meio.»

Quantas vezes os destroços
Nos vem da sanha
Dos nossos ([328])!

FABULA 298.ª

A mosca e a formiga

—«Já as formigas tem tosse!»
Dizia a mosca á formiga:
«Minha amiga,
Se você tola não fosse,

Não tinha o atrevimento
De se comparar
A mim.
Olhem o insecto nojento
A qu'rer hombrear
Assim
Com os que valem muito mais!
Coitado, como se engana!
Eu pelos Paços Reaes
Entro, se me dá na gana
(Onde mil vezes jantei,
Muitas mil hei de jantar.)
Na c'roa me vou pousar
D'el-rei;
No sceptro real,
E na fronte,
No cabello
Da Rainha ou da Princeza,
Sem que nada me amedronte.
Fui modelo
Do signal
Que outr'ora punha a belleza
Para realçar a tez.
E vocês,
Tristes formigas,
Vivem quaes reles mendigas,
Arrastando o vil sustento
Para um buraco nojento,
Um chiqueiro, onde não ha
Nem ar, nem luz. Ahi 'stá

O seu retrato e o que eu sou;
E cale a tola da bocca.»
—«Acabou?»
Disse a formiga:
«Cautela não fique rouca,
Impostora d'uma figa!
Antes diga
—O mundo é meu—
E na carta mais não ponha:
Bem
Lhe póde chamar seu
Quem
Nasceu
Sem
Ter vergonha.
Olha a tola, que me falla
No viver sempre de sala
E entrar nos Paços Reaes!
Inda mal que tem
Entrada.
Você e outras que taes...
Mas não diz que é enxotada,
Não a podem lá aturar,
Nem
Nenhures:
Todos morta a querem ver.
Pousa na c'roa d'el-rei?
Ora... e pousa mais algures;
Onde? agora não direi:
Verbi gratia, numa forca

Ou nalguma cousa porca.
Tenho-a visto no monturo
Mil e mil vezes pousar.
Você tem o condão raro
Do branco sujar
De escuro;
E, o que for preto, de claro;
De tudo emfim, conspurcar.
Se com sustento grosseiro
Vivo neste pardieiro,
Tudo é meu
De ninguem mais,
Ganho á força de trabalho.
E, demais,
Pouco me importa o seu
Ralho
E os olhos com que me vê;
E vá pentear macacos:
Não quero o tempo perder
Em cavacos
Com tolas, como você,
Que nada sabem fazer
Senão fallar e comer.

Parasitas, mandriões,
Quantas moscas de dois pés
Ahi vês,
Apanhem d'estas lições,
Quando se vão
Comparar

A quem sabe grangear,
Trabalhando, o honrado pão (329).

FABULA 299.ª

O bicarbonato

Uma senhora da moda,
Mas... gulosa,
Como ha muita que se gosa
(Ainda da melhor roda)
Com indigestos guizados,
Muito embora delicados;
A cada passo cahia
Doente, por gulodice
Que comia.
Bicarbonato de soda
Ser optimo alguem lhe disse
Contra as suas macacoas.
Nunca mais
Lhe metteu medo
Fartar-se de cousas boas,
Ou que tinha como taes;
Pois já sabia o segredo
Dos máos effeitos curar.
Tanto nellas se metteu
Que não a pôde salvar

O seu
Remedio; e morreu!

É infelizmente
Um facto
Este do bicarbonato.
Quanta gente
Ha que imagina
Poder muito impunemente
Abusar da medicina
(No physico e no moral!)
Arranjam remedio certo
Ou havido como tal,
E eil-os capacitados
De serem
Sempre curados,
Ou terem
O céo aberto
Apezar dos seus peccados (330).

FABULA 300.ª

O regato

Ia limpido regato,
Nascido numa collina,
Dando

Voltas na campina
Toda em flor,
Regando
Muita bonina,
Que lhe servia
De ornato;
Seguia
O doce pendor
Que o levava até o rio:
Eis brada:—«Num rodopio,
Misturado
Com aquellas aguas, vou dar
Ás ondas do largo mar!
Não quero morrer
Salgado;
Hei de ser
Independente,
Levar a minha corrente
Onde muito me approuver!»
Assim fez: com aquelle fumo
De vaidade, muda o rumo;
Vai correndo,
Vai descendo
Até um valle profundo
D'onde não póde sahir.
Foi-lhe enchendo
O vasto fundo
Que apenas logrou cobrir;
E eis o regato louco,
Pouco a pouco,

Convertido em charco immundo,
Pestilente,
Do qual foge toda a gente
Que não quer
Morrer
De peste.

Se o meu conto percebeste
(Facil é de perceber)
Bem claro havias de ver
O retrato
D'um novato,
D'uma cabeça de vento,
Que imagina ter
Talento,
Descobrir novos caminhos;
E dá na agua com os burrinhos,
Feito, por sua vaidade,
A praga da sociedade (331).

FABULA 301.ª

O pavão e Juno

Pediu audiencia a Juno
Desconsolado o pavão
E disse:—«Real senhora!

Que todo o vivente adora!
É verdade que eu reuno,
(Por mercê de tua mão)
Na cauda bellesa tanta
Que, ao vel-a, o mundo se espanta,
Quando brilha á luz do sol.
Mas, Senhora, a minha voz
É atroz.
Impossivel de aturar;
Emtanto que o rouxinol,
Mesquinho, desengraçado,
Que ninguem procura ver,
Apenas entra a cantar
É por todos escutado
Com indizivel prazer;
E tudo, para o ouvir,
Deita a fugir
Do meu lado.
Canto cheio de doçura,
Aos ouvidos sempre grato,
Qual no rouxinol o vejo,
Que diga com a formosura
D'estas pennas, eu desejo.»
—«Bruto ingrato!
Ave invejosa!
Responde Juno irritada,
Ao ouvir-lhe aquella prosa,
Só pela inveja dictada:
«Cala-te ahi; se não queres,
Longe do que me requeres,

Ficar sem
Cauda tambem.»

Já não é pouca fortuna
Ter algum
Talento
Alguem:
Raro quem
Mais d'um
Reúna;
Póde julgar-se portento!
Trate pois de utilisar
Cada qual
Aquelles dotes que tenha;
Os dos outros invejar
Nunca á lembrança lhe venha,
E verá que não vai mal (332).

FABULA 302.ª

A queda

Não foi qualquer tombo ou salto,
Sim queda monumental
(E, por signal,
De tão alto
Que durou quasi um minuto)

A que um pobre homem deu.
Medico serio e astuto
A pretendeu
Estudar,
Porisso lhe perguntou:
—«Teve tempo de pensar
Emquanto a queda durou?
Conte lá o que pensou?»
—«Tive» responde o doente
(Que, embora á morte escapasse,
'Steve seus dias no quente)
«E pensava:
Se isto sempre assim durasse,
Era um gosto; pois então
Nem nada me incommodava,
Até... vir bater no chão.»

Digo agora tambem eu,
Ao ver tudo como vai:
Emquanto a cousa assim cai
É um céo,
Temos inda pão
Com mel:
Afinal virá o fel
Quando o corpo der em terra:
Ora é isso que me aterra (333).

FABULA 303.ª

O leão doente e a raposa

'Stando infermo el-rei Leão
Mandou deitar um pregão
Dizendo que recebia
Cada semana, tal dia.
A visitar o seu rei,
Cuja palavra era lei.
Apressou-se a bicharia
Lá foi tambem a raposa
Que, depois de examinar
Com olhos inquisidores
Muito attenta os arredores,
Entrar
No antro não ousa.
—«Porque 'stás a duvidar?»
Lhe pergunta o camarista
Urso, todo formalista:
«Dize lá, porque duvidas?»
—«Vejo mui bem as pégadas
Das entradas»
A raposa lhe responde:
«Mas não posso enxergar onde
Estejam as das sahidas.»

Ha passos que nada custam

Dar a quem pouco reflecte,
Não lhes vendo prejuizo;
Mas que assustam
E obrigam a reflectir
Aquelle, que com juizo,
Jámais num bêco se mette
Donde não possa sahir (334).

FABULA 304.ª

As carapuças

Um saloio, muito *esperto*,
De olho aberto,
Qual o homem que esmiuça
Tudo no interesse seu;
Resolveu
Mandar fazer
Uma boa carapuça.
Quiz elle comprar
O panno,
Para não haver
Engano;
E depois o foi levar
A mestre, ao qual perguntou
Se a fazenda era bastante.

Vendo que no mesmo instante
Este respondera — sim,
Começou
A matutar,
Não o fosse elle roubar,
Não lhe pregasse caurim.
E diz:—«O mestre podia
Ver se do panno fazia,
Talvez, duas em vez d'uma?»
Não poz duvida nenhuma
O alfaiate. Encantado
Por não ter sido logrado,
Parte o saloio; e no dia
Aprasado
Os barretes vai buscar.
Não os podendo encaixar
Na cabeça,
Por pequenos,
Eis que começa
A queixar-se
Em termos mui pouco amenos,
De que o mestre lhe estragara
O panno que lhe entregara:
Teve porém de calar-se
E ficar,
Muito embora contrafeito,
Com um só barrete, e esse feito
Dos boccados
Dos outros dois desmanchados,
E tres feitios pagar!

Já tenho visto espertezas
Darem nestas baratezas (335)...

FABULA 305.ª

Asno morto...

—No vinho está a verdade—
É dictado bem sabido.

Na rua d'uma cidade
Estava
Um homem extendido,
Por haver de mais bebido;
E gritava
A bom gritar,
Que o fossem d'alli tirar,
Poisque lhe tinha passado
Por cima do corpo um trem.
Diz-lhe alguem
Que tal ouviu,
—«Estás de certo enganado:
Ao miolo te subiu
E o juizo te toldou
Muito quartilho de vinho;
Nenhum trem aqui passou:
Só quando algum te pisar

Terás razão de gritar.»
—«Ora muito obrigadinho!»
Torna o homem bocejando:
Vai-me já d'aqui tirando,
(Vê se o fazes com geitinho:)
«Só preciso de ajudado,
Antes de ser esmagado;
Porque, depois de eu o 'star,
Passe quanto trem passar,
Não me dá isso cuidado».

A cautela deve vir
Antes do mal se sentir (336).

FABULA 306.ª

A serpente e as rãs

Quando Jove finalmente
Mandou a cruel serpente
Ao lameiro
Das rãs, que loucas pediam
Rei sabedor e valente,
Em vez do inerte madeiro
Que não qu'riam,
Logo o povo se vê quente,
Pois lhe dá caça de morte

Este rei, que fero o come.
Em vão cada qual se some;
Não evita a dura sorte
De acabar no cruel dente.
—«Porque nos matas assim?»
De longe uma lhe gritou.
—«Vocês chamaram por mim...»
A serpente retrucou.
—«Isso nunca me lembrou;
O pedido não foi meu.»
—«Ah! malvada!»
Berra a serpente assanhada,
A custo quando a colheu:
«Não queres ser *governada?*»
E nos dentes lhe morreu.

Sempre o fraco ha de soffrer
Por ter,
Ou não,
O seu cão.
Antes um tosco madeiro
Que represente de rei,
Do que um sabio, um guerreiro,
Cuja vontade é a lei:
É o governo melhor
O menos *governador* (337).

FABULA 307.ª

O anão

Foi certo dia um anão
Á loja d'um mercador,
E disse:—«Quero saber,
Do panno que tem melhor
Quantos covados serão
Precisos para fazer
Um bom collete e uma calça?»
O logista os olhos alça
(Ou baixa) para o anão
E lhe diz, sem
Hesitar:
—«Para um homem regular
São tres: porém ao senhor
Dois lhe bastará comprar.»
O anão muda de côr
E responde, a desfechar:
—«Ora faça-me o favor
De tres covados cortar!
Saiba que um homem não é
Medido a palmo ou a pé,
Mas por suas qualidades.»

Ás bravezas de vaidades,

Qual esta
Do parvo anão,
Chamava alguem
Muito bem:
—Castigar o chão
Com a testa (338).—

FABULA 308.ª

O satyro e o viajante

Houve satyros out'rora,
Que eram meio-divindades:
Os que se encontram agora
Mostram só más qualidades,
Não são pessoas de bem:
E tambem
O seu feitio é diff'rente,
Ao menos no que patente
(Vivos uns, outros pintados)
Nestes se vê e naquelles.
São uns qual a outra gente
Vestidos, do mesmo modo
Calçados
E alojados:
Os outros, ou nús de todo,

Ou mal cobertos de pelles,
De cabra com pés e pernas,
Na cabeça tendo cornos
E, junto d'estes adornos,
Umas orelhas felpudas
Com as pontinhas muito agudas,
Viviam pelas cavernas.

Em noite escura, invernosa,
Horrorosa,
Foi viajante acolhido
Na gruta por um dos taes
Ou deuses ou animaes,
(D'isso não
Farei questão.)
O homem, para a aquecer,
Com a bocca sopra na mão;
Depois, antes de comer
Umas papas muito quentes,
Com o fim de as arrefecer
E não constipar
Os dentes
Ou escaldar
A guela,
Sopra tambem na gamella.
Pediu-lhe a explicação
O outro, d'aquelles actos
(Hoje grandes grosserias,)
Desconhecidos nos mattos
Pelos satyros de então.

—«Sópro, para as aquecer,
Nas mãos quando as sinto frias»
Torna o homem: «e no comer
Sópro para o arrefecer.»
Fica o satyro pasmado!
E, depois de ter scismado:
—«Grande favor me farás»
Diz: «quando a chuva parar,
De te pôres logo a andar:
Não quero viver com gente
Que, segundo bem lhe apraz,
Sopra frio ou sopra quente (339).»

FABULA 309.ª

O caranguejo e o filho

—«Que modo tu tens de andar!
Isso é quasi recuar»
Disse ao filho o caranguejo:
«Não pões os olhos em mim?»
—«Porque vejo
O que o pae faz»
Lhe respondeu o rapaz:
«Julguei que se andava assim.»

Lembro-me de ouvir um dia

Papagaio que dizia:
—«Careca o pae mais a mãe,
Careca o filho tambem (340).»

FABULA 310.ª

O gamão

Jogava muito o gamão,
E dizem que menos mal,
Um homem que endoideceu,
Pois perdeu
Numa certa occasião
Jogo tal,
Que eram todos a dizer
Absurdo de se perder.
Comsigo sempre trazia,
Desde então,
Um taboleiro e, se via
Gente seria a conversar
Onde elle podesse entrar,
Logo estava
Lá cahido;
Armava
O jogo perdido
E mui serio perguntava,

Se era possivel perdel-o?
Ouvindo a todos — que não,
O desgraçado dizia,
Ao peito levando a mão:
—«Pois aqui 'stá o camelo
Que o perdeu!»
Com a tal mania
Morreu.

Verdades ha impossiveis:
Quer
Dizer,
Cousas que parecem taes
Por incriveis
E fóra da natureza;
Mas que se tornam reaes
E nos vencem de surpresa.
Que te possa acontecer
O que não desejas ver,
Nunca julgues impossivel;
E, se tal caso se der,
Jámais será tão sensivel,
Que te chegue a enlouquecer.
É melhor
Sempre contar com o peior:
Se vier
Preparado já te encontra
Contra
O seu cruel effeito:
E, se acaso não se der,

Com certesa has de ficar
Só por isso satisfeito (311).

FABULA 311.ª

O leão e o rato

Um rato muito estouvado,
Indo esbarrar com um leão,
Ficou aterrado
E quedo,
Porém não
Penedo contra penedo,
Qual gigante
Adamastor.
Num tremor
E supplicante,
Lastimando a sua sorte,
(Via quasi certa a morte)
Estacado alli ficou.
Quem tal diria? Escapou!
O leão
Gostava pouco de ratos
(Apesar do parentesco
Dos leões com os outros gatos)
Ou tinha bom coração...
Fosse lá pelo que fosse,

Da prêsa não tomou posse,
E o ratinho poz-se ao fresco.
Passados dias, cahiu
Incauto o leão num laço,
Onde luctou e rugiu
Embalde, por grande espaço;
E talvez alli morresse,
Se o ratinho, que o ouviu,
Acudir-lhe não viesse.
O laço tanto roeu
Que este, afinal, se rompeu.

Por ter nobre coração
(Gósto mais d'esta versão)
Poupou a um rato
O leão;
Livrou-se este de morrer,
Porque lhe pôde valer
O ratinho, que era grato.
Sempre é bom fazer
O bem
Inda a qualquer
João-Ninguem (342).

FABULA 312.ª

A abelha e o cuco

—«És monotono, meu cuco!»
Disse a abelha:
«Sempre essa mesma parelha
De notas! é forte séca!»
—«E tu sempre o mesmo succo,
Minha méca,
A fabricar!»
Diz-lhe o cuco:
«De mim não podes zombar.»
—«Olha, sabes o que mais?»
Torna-lhe a mestra: «o que é bom
Nunca póde ser demais:
Mas isso raro acontece
Com o que não passa d'um som
Que, repetido, aborrece.»

Esta abelha, ao que parece,
Pouco devia gostar
D'uns diversos,
E mui afamados, versos
Que por 'hi ouço gabar (343).

FABULA 313.ª

O lobo, a raposa e o urso

Perante um urso trombudo,
Mas agudo
A verdade em discernir,
Uma causa discutir,
(E causa de ladroeira)
Foram o lobo e a raposa.
Accusada era a matreira
Pelo outro, e com rancor,
De lhe haver furtado cousa
De não pequeno valor.
Negava ella, teimosa,
Auctora ser de tal roubo
Feito ao lobo
(Dado
Que lhe fosse feito.)
Ouvido e bem ponderado
Pelo urso o allegado
Já d'uma já d'outra parte,
Neste mui notavel pleito,
Convencido de que os dois
Eram uns grandes birbantes,
Lembrou-se d'este descarte:
—«Eu conheço quem vós sois:

Fóra já
D'aqui,
Tratantes!
A ti,
Lobo,
Nenhum roubo,
Pois vives só de roubar,
Jámais se fez ou fará:
Tu, raposa,
Se tal cousa
Não furtaste,
Foi porque não a encontraste,
Que a tua vida é furtar.
Saiam ambos sem demora
Por aquella porta fóra!»

Esta decisão podesse
Ter sempre toda a demanda,
Na qual
Ruindade houvesse
Egual
D'uma e d'outra banda.
Ha gente de quem direi
—Deve estar fóra da lei (344).—

FABULA 314.ª

O chiqueiro

Um homem que, sem saber,
Se metteu
A crear gado,
Entendeu
Que um porco podia ser
De certo muito aceiado,
Quando assim fosse educado.
Escolheu
Porcalhão atoicinhado
E num curral o metteu.
Alli reinava a limpeza,
Lauta mesa;
Mas... de chiqueiro
Nem cheiro.
O resultado fatal
Foi que o porco se deu mal
Com o aceio;
'Stava em meio
Do que quando alli entrou
E por um triz não morreu!
Mas, quando o dono o metteu
Outra vez no tal
Chiqueiro,

Logo engordou
E rendeu
No mercado bom dinheiro.

—Nem todos podem ser tudo—
Muito estudo
Se perdeu,
Muito se ha de
Inda perder,
Emquanto não se attender
Á verdade
Do dictado.
Só depois de bem saber
Para que fim é creado
Cada qual,
Homem, planta ou animal,
Só então,
Lhe podem dar
Cultivo ou educação
Capaz de se aproveitar.
Tudo o mais é illusão,
Tudo o mais é theoria
Oca, vã philosophia.
Admitto as regras geraes:
Mas não creio nas demais.
Nisto vou com o que dizia
Doutor dos mais
Competentes:
—Não ha doença, ha doentes—
Quer

Dizer,
Que é frioleira
O tentar
Fazer passar
Todos por egual fieira (345).

FABULA 315.ª

O mulato

Um mulato brasileiro,
Rico, mandou educar
Uma só filha que tinha.
Bonita e bem educada,
E o pae com muito dinheiro,
Era certo, a mulatinha
Não ficava por casar.
Quer o pae vêl-a casada
E, porisso, determina
Vir á Europa viajar,
Escolher para a menina
Noivo da mais branca gente.
Dias antes de partir
Foi-se porém despedir
D'uma senhora, mui fina,
Da qual era inda parente,
E lhe expôz suas tenções.

Ora nessa casa havia
Um rapaz, amulatado,
Mas em bellas condições;
Afilhado
Da senhora
E a quem ella protegia
A ponto de o ter formado.
—«Porque vai
Você lá fóra,
Tão longe, noivo buscar
Para a sua rapariga?»
Pergunta ao pae:
«Ora
Diga,
Não lh'o pode aqui achar
Que responda ao seu desejo?»
Torna-lhe o outro:—«Não vejo
Genro que me faça geito.»
A senhora, tendo a peito
Proteger o tal rapaz,
Continúa:—«Pois Fulano,
Formado
Não
Ha um anno,
E que vai ser despachado,
Nenhuma conta lhe faz?
Bem educado,
Capaz,
Com talento e tão
Pacato...?»

—«Nada! nada!»
—«Então
Porquê?»
—«É mulato.»
—«Agora essa!
Tem muita graça! E você?»
Retruca muito depressa
A senhora estomagada.
—«Isso é mais uma razão:
Bem fóra da minha mão
Esteve o eu tal
Nascer;
E, longe de concorrer
Para assim perpetuar
Na minha gente esse mal,
Quanto possa, lhe hei de obstar.»

O dizer:
—«*Por mais um cacho*
Venha essa parreira abaixo!
—*Porque se ha de*
Duvidar
De tal despesa fazer
Se outras se fazem aos centos
De menor necessidade?»
Estes e eguaes argumentos,
Repetidos cada dia,
Para mim não tem valia.
Procuremos
Melhorar;

Ou, se tanto não podemos,
Ao menos não peiorar (346).

FABULA 316.ª

O mestre de dança

Insigne mestre de dança,
Famoso outr'ora na França,
Seu filho desde menino
Ensinara a bailarino.
O rapaz dançava bem:
Mas alguem
Ferro quiz
Metter ao pae
E lhe diz:
—«Seu filho vai
Dançando muito melhor
Que você dança ou dançou.»
—«Isso bem era de 'sp'rar
Com um professor
Como eu sou,
E qual não pude encontrar
Quando apprendi a dançar»
O velho lhe replicou.

Devemos ser
Muito mais

Do que foram nossos paes,
Sem
D'ahi orgulho ter;
E nossos netos tambem
O mesmo devem fazer:
Cada qual é obrigado
A accrescentar o herdado (347).

FABULA 317.ª

Historia da machadinha

Lavrador
Remediado,
Porém parvo a mais não ser,
Casado
Com uma mulher
Da mesma força e teor,
Tendo uma filha solteira
Não menos forte na asneira,
Desejou vel-a casada.
Embora pouco atilada,
Era boa a rapariga,
Isto em todos os sentidos:
Só tinha aquelle senão.
Ha quem diga
Que é melhor para os maridos

Quanto ellas mais parvas são;
Eu sempre direi que não.
Ha deveres
De mulheres
Que, se dispensam sciencia,
Pedem clara intelligencia.
Mas deixemos a questão
E vamos á machadinha.

Um rapaz em casamento
A moça pedido
Tinha.
Dito e feito: num momento
'Stava o caso
Decidido
E até o praso
Marcado.
Sendo o noivo convidado
Um certo dia a jantar,
Quiz-lhe o velhote off'recer
A beber
Um copo de geropiga,
E mandou á rapariga
Que a fosse ao quarto buscar.
Era bem perto d'alli
E onde dormiam
Os tres;
Muitos não podiam
Ter
Nem tal cousa era mister.

Eu ouvi
Mais d'uma vez,
Quem sabia, repetir
—Ao lavrador possuir
Basta uma casa onde caiba,
Mas terras que não as saiba.—»
Foi a moça e demorou-se
Tanto que, emfim, levantou-se
Sua mãe
E a foi buscar:
Resultou ella tambem
Lá ficar.
Ergue-se afinal o pae
E eil-o vai
Rosnando; porém
Não volta.
O rapaz, que se revolta
Vendo aquelle estranho enguiço
Trás d'elles foi e pasmou
Quando todos tres achou
Em prantos e soluçando
—«O que é isso?
Que desgraça aconteceu?»
—«Filho!» a velha respondeu
Para a parede apontando
(E os demais fazendo côro
Com o seu chôro)
«Outro quarto que lhes dar
Não temos. Ha de ficar
O berço do innocentinho

Que vier,
Se Deus quizer,
Debaixo da machadinha
Que alli tu vês pendurada.
O coração me adivinha
Que me mata o meu anjinho,
Pois lhe cai na molleirinha...»
Solta grande gargalhada
O rapaz — « De os aturar»
Lhes diz: «ha muito estou farto:
Vou viajar,
Hoje parto,
Só voltarei outra vez,
Se lá por fóra encontrar
Parvos mais do que vocês.»
Assim fez...
Porém voltou,
Depois de muita fadiga,
Farto de parvos achar,
E casou
Com a rapariga (348).

FABULA 318.ª

O dilemma

Um viajante chegou
A uma aldeia, e encontrou

Todo o povo alvoroçado.
Celebrava-se um noivado
E, conforme o ritual
Alli sempre respeitado,
Mui sécios os noivos iam
Cada qual
Em macharrão de tremer,
E ambos montados deviam
Entrar no adro da egreja.
Aqui é que ella vai torta.
Tem o adro baixa porta
E, ou porque a mulher
Seja
Muito alta, ou porque veja
Com terror
Que o toucado se lhe entorta,
Se a cabecinha curvar,
E o não quer
De enfatuada;
Não póde a entrada
Transpôr
D'ahi dilemma fatal:
Ou a cabeça lhe cortar,
(Podia
Isso lá ser?)
Ou as pernas ao animal
(Sem ellas como ha de andar?)
Que havia
De se fazer?
Vendo impedido o noivado

'Stava o povo desesp'rado.
Brada o viajante:—«Esperem!
Se o querem,
Arranjo eu isso;
Mas serei recompensado.»
—«Está dito!»
Respondem todos num grito.
Eis logo o homem montado
'Trás da noiva, e no toutiço
Um grande murro lhe prega
Apenas a besta chega
Á porta, que assim passou,
Visto que a moça abaixou,
Máo grado seu, a cabeça.

Embora isto pareça
Tolice monumental,
Quantos dilemmas se dão,
Inda mal,
Que são
Na realidade
Da mesma força e verdade
E o mesmo remedio tem?
Quantas vezes diz alguem
De cabeça empertigada:
—«Eu não posso!»
Mas lá vem
Temporal grosso,
Irresistivel

Pancada,
Que tudo torna possivel
De cabeça bem
Curvada (349).

FABULA 319.ª

A imitação

Dizem (e não muito mal
A meu ver)
O homem ser
Animal
Por instincto imitador.
Mais exacto era o dizer
Que, em geral,
É grande macaqueador.
Ora entre uma e outra acção,
Do que certa gente
Pensa,
Vae muito além a diff'rença.
Raro será de encontrar
Bom auctor
Que não
Seja imitador,
Ainda que inconsciente;
Porém, se quer

Imitar,
É mister
Comprehender
Com perfeição
O modelo;
E para a macaqueação
Basta vêl-o.
É a primeira *crear*
Uma cousa similhante
No semblante,
Mas differente
Bastante,
Para não se confundirem,
Se uma pela outra aferirem.
A segunda, copiar
Tolamente
E sem criterio,
Tornando parvo o que é serio,
Sem o qu'rer parodiar,
Mas não sabendo melhor.

Um doutor
Dos mais prudentes,
Que porisso o seu saber
Fazia muito valer
Aos olhos de seus doentes,
(A confiança segura
No medico, é meia cura)
Consentia
Que outro, mas inda caloiro,

O seguisse emquanto ia
Trilhando o seu calcadoiro.
Um dia
Diz de repente
A doente
Que achou um pouco peior:
—«De que val' eu receitar,
Se, em vez de me obedecer,
O senhor
Laranjas ousa comer?
Isto assim
Não póde ser.»
Quiz o doente negar;
Porém confessou emfim.
—«Diga-me aqui entre nós»
O outro lhe perguntou
Apenas 'stiveram sós:
«Como assim adivinhou
O que elle comido tinha?»
—«Amigo! não se adivinha:
Das laranjas pude ver
As cascas, que elle esconder
Mal soube com o travesseiro.»

Feito doutor
Curandeiro,
Passado tempo, o novato,
Achando
Que um seu doente
Está peior,

E notando
Certa palha
Junto ao leito,
De repente
Grita e ralha
E faz grande espalhafato:
—«Isto assim não leva geito:
Para que hei de eu receitar?
Não ha sciencia que valha
Com quem se vai atirar
Tolamente
A comer palha:
Se d'esta não escapar,
Já lh'o digo, a culpa é sua.»

Furioso o padecente
Préga com o doutor na rua (350).

FABULA 320.ª

A velhice e a mocidade

Dama outr'ora mui formosa,
Porém já entrada em edade,
Convencer-se não podia
De que, similhante á rosa
Que brilha apenas um dia,

Breve tempo dura a flôr
Festejada pelo amor,
—A saudosa
Mocidade.—
E porisso attribuia
Sua triste soledade
Ao máo gosto dos rapazes
Da moderna sociedade,
Os quaes amaveis, loquazes,
Com jovens bellezas via.
De azeda, não se calava:
Criticava
Como entravam numa sala,
Seu vestir e até a falla,
Que dizia
Usavam muito baixinha
Por affectação absurda,
Quando era ella que tinha
O caruncho de 'star surda.

Assim vai na humanidade
Com a velhice e a mocidade.
Esta, ás vezes, sem
Prudencia
Não procura
Nem
Atura
As lições da exp'riencia:
Mas a velhice tambem
Mil vezes não anda bem.

Cançada da vista e ouvido,
Pouco vê e ouve peior
Do seu tempo o que não fôr;
E afinal
Tudo lhe parece mal,
Julgando o mundo perdido (351).

FABULA 321.ª

O lavrador e o filho

Lavrador, que o filho viu
Já crescido e bem capaz
De trabalho, o conduziu
Á fazenda onde marcada
Tinha a tarefa.—«Rapaz!
Quero esta terra cavada:
Sabes como isso se faz»
Lhe diz: «e o podes num dia.
Aqui me tens com o jantar
Assim que dér meio-dia.»
Foi-se elle, e o moço ficou.
A tarefa era pequena,
Comtudo descorçoou.
A chorar
A sua pena,
Numa pedra se sentou

Do trabalho se esqueceu.
Appareceu
Com o jantar
O pae, e nada viu feito;
Mas, logo emendando a mão,
Lhe diz:—«Tiveste razão:
Para uma vez
Com effeito
Foi demais
O que marquei. Mas tu vais
Dividir a obra em tres
Ou quatro, e uma só parte
Até á noite cavar,
Pois eu não quero estafar-te.»
Acabando de jantar,
Sósinho o rapaz
Ficou
E gostosamente faz
O que seu pae lhe indicou.
Reparte
Em quatro o terreno;
Cada talhão mui pequeno
Sendo assim,
Logo cavou
Um d'elles... Cresce-lhe o brio,
Segundo cava e, emfim,
Leva todos quatro a fio
E da tarde antes do fim!

Lavradores,

Professores,
Olhae
Bem para este espelho,
Do pae
Segui o conselho.
Rapazes! é trabalhar,
Faça calma ou faça frio,
Mas desde o nascer
Da aurora,
Sem nunca desanimar.
Haja brio,
E tereis certo o vencer
Nesta lucta pela vida,
Embora
«Crua e renhida (353).

FABULA 322.ª

O jantar e o cosinheiro

Um homem, indo jantar
A grande casa de pasto,
Deu por bem gasto
O dinheiro,
Não cessando de gabar
(Pois era conhecedor)
O saber

Do cosinheiro;
E até pediu por favor
Para á cosinha o ir ver.
Foi, e dá com um mondongueiro
Fossando immundo chiqueiro.
Tanto nojo lhe causou
Que tudo fóra lançou.

Quando gósto d'um jantar,
Não procuro quem o fez:
Sempre penso
Que é melhor não me arriscar
A saber
Que elle talvez
Toma rapé,
Ou até
Dos proprios dedos faz lenço.
Quem taes empresas tentar
Terá de se arrepender
Nove vezes sobre dez.
Para que se hão de perder
Illusões, inutilmente?
Bastam as que dia a dia,
Infeliz ou felizmente,
Nos vai levando a exp'riencia,
Pondo em luz toda a verdade
Á custa de annos de edade...

Póde a obra ter
Valia,

Ser
Bom guia
Nas veredas da sciencia,
Nos preceitos da moral,
De brilhante poesia
Um verdadeiro primor ;
E afinal
O seu auctor
Não passar
D'um traficante,
D'um pedante,
Que ninguem
Quer aturar,
Ou d'um caracter safado,
Que nos faça recordar
O dictado,
Que jámais deve esquecer:
—Bem
O prega fr. Thomaz...
Faze quanto te disser,
Mas, cuidado!
Não faças o que elle faz (353).—

FABULA 323.ª

O conselho

—« Vae ver o tempo que 'stá»
Um velho disse ao creado:
«Se chove, se choverá?
Desejo dar
Uma volta,
Mas não me quero molhar
Nem ficar
Enlameado.»
O moço volta
A correr
E lhe diz: —«'Stá a chover,
E a rua cheia de lama.
Ficar-se ainda na cama
É melhor;
Talvez que o tempo levante.
Se sahisse
Já, com similhante
Dia,
Era grande parvoice,
E o senhor
Seria
Tolo de todo.»
—«Agradeço

O teu conselho»
Lhe disse
Sorrindo o velho:
«E de certo o seguirei.
Mas confesso
Não te agradecer o modo
Grosseiro como foi dado:
É d'isso que não gostei.»

Bons conselhos prezo eu:
Mas tomara
Nunca ser
Aconselhado
Por quem me quer
Ver
No céo,
Máo grado
Meu
E á má cara (354).

FABULA 324.ª

Os doidos

Um homem endoideceu,
E a mania
Que lhe deu

Foi de não dever andar;
Julgando, se um dia
Andasse,
Que forçosamente
Havia
De esmagar
Quantos deante
Encontrasse,
Pois nascera,
Infelizmente,
Tão gigante
Como nunca tal houvera.
Tirar-lhe aquella chimera
Não poderam; e morreu
Assim, o pobre sandeu.

Ha no mundo muita gente
Do mesmo modo demente;
É dizer,
Que julga gigante ser.
Uns porém,
De ruim raça,
Nada os tolhe ou embaraça,
Toda a vez que lhes convem,
De incommodar,
De pisar,
A seu bel-prazer alguem.
Entes são dos mais p'rigosos,
Contra quem
Muito nos val'

Quando, com o excesso do mal,
Ficam doidos furiosos
E os fecham no hospital,
Que para esses taes foi feito;
Ou tambem, se o seu defeito,
Em menores proporções,
Lhes carréta cachações,
Pontapés, grande massada,
Que ás vezes deixam curada,
Ou menos forte, a mania
Do mal creado
Doente.
Outros ha que quasi eguaes
São ao fallado
Demente;
A sua philosophia
Longe não vai muito mais:
Tremem sempre de dar passo
Que fracasso
Vá causar.
Tudo são hesitações!
As suas opiniões
(Embora das mais batidas)
Só medidas
Com cuidado
Requintado
As ousam manifestar.
Julgam que qualquer palavra,
De sua bocca sahida,
Póde ir escandalizar,

Se por muitos fôr ouvida;
Póde abalar
A sciencia
E, qual um fogo que lavra,
Desenvolver heresia
Que resultados bem serios
Dê em muita consciencia.
Tudo nelles são mysterios,
Gravidade
E cautela em demasia.
A responsabilidade
Que lhes pertence é tammanha,
(A seu ver)
Que tudo acanha
Quanto deviam fazer.
De ordinario são
Honestos,
Mas modestos
Isso não;
Porque tão
Grande modestia
É molestia;
Ou antes grande vaidade,
Que lhes esconde a verdade
De que, a cousa bem pensada,
Quanto fizerem,
Disserem,
Vale pouco ou vale nada.
De resto
Antes os quero

Com o seu proceder austero,
Ar modesto,
Comica chanternidade,
Do que os outros mentecaptos
Dados aos espalhafatos,
Á maldade:
Mas uns e outros detesto.
Tudo se pode dizer
E quasi tudo fazer
(O que é bom, bem entendido)
Com decencia
E escolhido
O logar, o tempo e o modo.
Uma cousa é ter
Prudencia;
Outra, nos olhos peneiras:
Uma coisa é com denodo
Procurar seu fim honesto;
Outra, ser
Sempre molesto,
Em toda a parte e a todos,
Com maneiras
Altaneiras
E insupportaveis apódos.

Que se julgam uns gigantes
Ha ainda outros dementes.
Tem valor, mas são pedantes;
Pois pensam que o mundo, antes
De lhes nascerem os dentes,

'Stava em trevas mergulhado;
Foram elles o sol nado
Para tudo alumiar!
Não os ha
Capacitar
De que 'stá
Alto o telhado
Só por paredes haver;
De que uma flor deve ter
Raiz, haste, sem as quaes
Não podia
Subsistir.
É mania
E nada mais,
Que faz rir
Ou bocejar
Quem
Fôr sensato e prudente.
Util, porém,
O doente
Não é para comparar
Com os outros, pois tem
Valor,
Embora muito menor
Do que lhe apparente
A mente.

Desengana-te, leitor,
(Se acaso estás enganado :)
Cada qual,

Seja quem
Fôr,
Com certesa é obrigado
A fazer
O seu dever,
Evitando
Sempre o mal,
Forcejando
Pelo bem
Seu e dos outros tambem.
Mas não lhe entre na cabeça
Imaginar quecareça
D'elle o mundo: caminhou
Sem
Isso e caminhará.
Assim foi e assim será.
Se o não vê, mal
Meditou;
Não lhe ficou
Em memoria
Quanto nos ensina a historia,
Com a qual
Não te massarei.
Só direi:
Homens de grande valia,
Os que mais se abalisaram
Nesta vida, só juntaram
Algo ao que tinham herdado
Do passado;
A saber, fraca quantia,

E essa nem toda val'
Alguma não se aproveita.
A final,
E feita
Toda a justiça,
É sempre o caso citado
Da aguia mais a carriça ([355]).

FABULA 325.ª

O pescador e o peixinho

Eu não gósto de pescar,
Porque nunca apanho nada;
Tudo vem a ser massada,
Que mal
Se póde lograr.
Provavel é que gostasse,
Sendo um dextro pescador.
Cada qual
Para o que nasce,
E com isso irá melhor.
Uns por gosto ou por *contracto*
São famosos caçadores:
Eu caço, mas é no prato.
Outros grandes pescadores,
Que sabem até pescar
Nas aguas turvas, não tracto

Agora d'esses senhores.
Só me proponho fallar
D'um que pequenino peixe
Em claras aguas pescou;
Um barbito
Que o supplica muito afflicto
A triste vida lhe deixe.
—«De que te posso servir,
Miseravel como sou?
Só se fôr para o teu gato.
Dez, qual eu, não
Dão
Um prato.
Larga-me, pois, para eu ir
Por essas aguas crescer;
Então,
Outra vez pescado,
Poder-me-has comer
Assado
Ou por bom preço vender.»
—«Fallas qual um doutorado»
Respondeu o pescador:
«Mas eu sempre ouvi dizer
E sempre assim o pensei,
Que um *toma* é muito melhor
Do que dois *eu te darei*.»
E pondo termo ao cavâco
Metteu o peixe no sacco.

Não se devem desprezar

Cousas, por serem pequenas:
Muitos poucos, muitos fazem,
Que a abundancia por fim trazem
A quem os soube ajuntar;
E de gotas de agua apenas
Se compõe o immenso mar (356).

FABULA 326.ª

O leão indo para a guerra

Mandou pôr em pé de guerra
Seu exercito o leão:
Dos valles, bosques e serra
Convocados logo são
Seus vassalos animaes.
Em conselho (que o d'Estado
Antes fôra consultado)
Reuniu os generaes.
Entre as questões principaes
Tratou-se mui seriamente
A maneira mais prudente
De as forças organizar.
Houve alguem
Que duvidasse
Util ser que se empregasse
(Ou antes o não quizera)
No serviço militar

O burro, por ser quem
Era;
E a lebre
Pela tal febre
Do medo, que não a larga.
Votou-se, porém,
Que o burro
Era bem
Utilisado
Para carga,
E alem
D'isso aterraria
Com o seu zurro
Asselvajado
O exercito inimigo
Que ainda o não conhecia;
E a lebre, visto corria
Tanto, era de aproveitar
Para despachos levar
Onde não houvesse p'rigo.

Assim, governo prudente
Lança mão de toda a gente,
Quanta tenha ao seu dispôr,
Seja ella como fôr.
Assim quem
Juizo tem
Não rejeita
As cousas que o parvo enjeita
Ignorando o seu valor (357).

FABULA 327.ª

O cão e a sombra

Com boa chicha no dente
Um cão ia mui contente
Á beira
D'uma ribeira
Para a qual olhando, viu
Outro cão
(Pois não
Julga sombra seja)
Par'cendo ter aboccado
Do que o seu, melhor boccado;
E sentiu
Remordel-o negra inveja.
Com fereza
Ao outro logo se lança...
Só alcança
O perder
A sua presa,
Que nas aguas se sumiu;
E não logrou nem morder
Na sombra que lhe fugiu.

Escarmentos possam ter
Eguaes

Ou mais
Amargosos
Sempre, abjectos invejosos (338).

FABULA 328.ª

Os abutres e os pombos

Entre os abutres ardia
No ar
A guerra
E na terra;
Tudo por causa d'um cão
Que jazia
Morto e já podre, no chão!
E, se o leitor indagar
Porque os senhores da terra,
Um contra o outro o irmão,
Se guerreiam 'té á morte
Através seccas e chuvas,
Transpondo mares e rios,
Soffrendo fomes e frios,
Sem lhes importar
A sorte
Dos orfãos e das viuvas,
A quem vão
Roubar

O pão;
Achará que taes revezes
Tem por causa, bastas vezes,
Pouco mais que um triste cão
Morto e já podre no chão.
.....
Deixemos estas materias,
Muito serias
Para aqui as discutir,
E vamos a referir
O que os abutres fizeram.
Pennas e sangue choveram
Entre feros alaridos;
Muitos abutres morreram,
Muitos mais ficaram f'ridos;
Era uma guerra de morte
Sem tregoas e sem quartel!
Lastimando a triste sorte,
As desgraças e os p'rigos
De seus crueis inimigos,
Os pombos (pois não
Tem fel)
Com embaixadas, pedidos,
Tanto fazem que, afinal,
Seus gemidos
Termo dão
Á'quelle mal.

Depois de feitas as pazes,
Os abutres tão

Vorazes
Cumpriram seu compromisso,
Nunca mais se guerrearam:
Mas bem perderam com isso
Os pombos que os congraçaram.
Desde então
Os tristes soffrendo vão
A mer'cida penitencia
De sua grave imprudencia.

Quando vires dois malvados
Um no outro engalfinhados,
Se não
Tens obrigação
De entrevir, de os separar,
Foge de os accommodar
Por bondade
Ou devoção
(A meu ver)
Mal entendida.
Para que vais tu salvar
A quem ha de,
Se podér,
Mais tarde tirar-te a vida?
A quem é, só póde ser,
A peste da humanidade (359)?

FABULA 329.ª

O saber

Certos caloiros estavam
Ao cavaco
Sobre o merito d'um lente
Com fama de muito fraco.
Convictos alguns teimavam
Que era grande mandrião,
Mas insipiente
Não.
Um veterano atilado
(Té alli muito calado)
Soltando uma gargalhada
Eis profere na questão
Sentença
Interlocutoria
Com força definitiva:
—«Qual historia!
Fulano não sabe nada.
Mas tambem
A sabença
É relativa:
Porisso, justo que o tomem
Vocês por um grande homem
(Andam bem)

Visto serem tão pequenos
Que sabem ainda menos.»

Sempre tem
Algum valor
Saber mais
Do que os demais,
Inda quando seja pouco:
Será porém
Grande louco
(Por maior
Sabio que fôr)
Quem
Julgar
Que o degráo, onde
Se encontra, não deve estar
Longe do cimo da escada
Muito mais que do começo;
Aquelle
Sempre se esconde,
E d'elle
Nem se vê nada:
Pois infindo é o progresso (360)!

FABULA 330.ª

A chuva fatal

Que a tal hora de tal dia
Cahiria
Uma chuva tão damnada
Que toda a gente. molhada
Por ella, enlouqueceria:
Tinha isto annunciado
(Segundo a tradição diz)
Ao povo do seu paiz
Sabio muito abalisado.
Era um homem de verdade,
Todo chão:
Credito ninguem lhe deu,
Pois não
Era filiado
Em nenhuma sociedade
Das da mutua admiração.
Chega o dia designado,
E choveu
A bom chover.
Eis que pela porta fóra,
Sem demora,
Deitam todos a correr.
Quaes chapeos

Nem carapuços?
Uns de pé, outros de bruços,
De gatinhas,
Para assim aproveitar
(A se molhar
E a beber)
D'aquella chuva dos ceos
'Té as ultimas pinguinhas.
Todo o povo enlouqueceu:
Porisso
O não
Percebeu,
Do feitiço
Continuando a descrer.
Depois de doidos varridos
Vão
Com grandes alaridos
Do sabio á porta bater,
Para bem lhe demonstrar
Que, longe de ser
Propheta,
Era um misero pateta.
Teve elle de se esconder;
E por alli não ficar,
Com p'rigo, entre taes orates
Alvo de seus disparates,
A correr
Foi procurar
Onde a cabeça molhar.
Por fortuna ainda achou

Pôça, na qual se molhou
Todo muito bem molhado:
Tanto assim, que até ficou,
Mais do que os outros, sandeu;
O que depois lhe valeu
Do povo ser
Respeitado
E grande sabio morrer.

A lembrança não lhe invejo
Nem
A aconselho ao leitor:
Porém
Vejo
Que elle assim soube escolher
O caminho
Melhor
E mais comezinho
(Embora menos decente)
De viver
Naquella nação demente ([361]).

FABULA 331.ª

A cabeça e a cauda da serpente

A cauda d'uma serpente
Á cabeça disse um dia:

—«Que demais a enfastiava
Caminhar constantemente
Atrás d'ella; pois sabia
Que não era sua escrava,
E governar-se podia.»
A outra lhe respondeu:
—«Que sem olhos ninguem via;
Porisso, o destino seu
Era viver
Governada.»
Não se dando por cangada,
A cauda diz:—«Pois eu
Nego
Que sou cega? Mas ser
Cego
Não tem
Nada
Que fazer
Com o talento de ninguem.
Cegos ha que fazem meia,
Obra muito delicada;
Ás escuras na colmeia
Aparelha
Mestra abelha,
Quando volta a primavera,
Dôce mel e branca cera;
E a fortuna, quem o nega
Que esta deusa seja cega,
E governa o mundo todo?
Pois eu sinto

Um maravilhoso
Instincto,
E portentoso
Talento :
Porisso não me accommodo,
Com servir não me contento,
Hei de tambem governar.»
E mil outros argumentos,
Quaes aos centos
Ahi vemos empregar,
Tendentes a demonstrar
Que quem fôr cego é que vê,
E o que muito estuda e lê
Não passa de nullidade.
Basta ter habilidade,
Inutil é estudar:
E não a houve calar.
—«Safa!» dirá o leitor:
«Que tinha muita sabença
A tal cauda!»—«Sim, senhor!
Porém (com sua licença)
Ella inda assim não valia
A que se vê cada dia
Ahi em muitos meninos.
Methodos intuitivos,
Transcendentes, repentinos...
Além de sabios jornaes,
Trazem muito reflexivos
Hoje os povos.
E com taes

Systemas novos
Não se carece de estudo:
Basta decretar saber,
Eis logo se sabe tudo
De repente
E a bom valer.

Mas, voltemos á serpente.
A cauda diz «Tens razão»
O tronco (tambem é cego.)
E lá vão
De escantilhão,
A correr com toda a pressa
Ao revés,
Até cahirem num pégo
Onde morrem todos tres
—A cauda, o tronco e a cabeça!
Esta, coitada, a gritar
Que andassem mais devagar!

Digam lá o que disserem
E façam o que fizerem:
O verdadeiro saber
Valeu
Vale e ha de valer;
E só quem sabe trunfar
Ganha e *deve governar*.
Governe, pois, a cabeça
Que nasceu
Para esse fim;

E a cauda que lhe obedeça,
Cabe a esta obedecer:
É o que deve fazer,
Ou terá sorte ruim.
Olhe a primeira porém
Que ella tem
De governar com prudencia,
Sempre attentando no bem
Dos privados de sciencia.
O da cauda e o seu juizo
Não causem o mesmo riso
A toda a sensata gente,
E o pobre corpo pereça
Por egualmente
Demente
Ser a cauda ou a cabeça ([362]).

FABULA 332.ª

O mocho e a lagarta

Um môcho
Já velho e chôcho,
Que havia muito estudado
Porém mal,
Estava capacitado
De que, afinal,

Tudo morre
Neste abysmo de miseria,
E que só é immortal
A increada materia.
(Quanta gente,
Infelizmente,
Hoje assim tambem
Discorre!)
Não obstante, môcho honrado.
Muitos terás encontrado
Na mesma contradicção,
Poisque são,
Para o mal e para o bem,
De suas crenças o inverso.
Nem todo o....môcho é perverso.
Tinha este, coração:
Uma lagarta encontrou
Entre as folhas do seu ninho
E a ella se affeiçoou.
Signal é de peito nobre
Proteger o fraco e o pobre.
Passados dias, notou
Que, apezar
Do seu carinho,
A lagarta adoecia;
Mal comia,
'Stava sempre a dormitar.
—«Vem a morte!» pensou elle.
Muda a lagarta de pelle,
De fórma; morta não está,

Inda bóle, se lhe tóca...
—«Bem pouco mais durará»
Diz o môcho «é evidente:»
E leva a pobre doente
Para um cantinho da tóca
Onde acabe docemente.
Tempo depois lá voltou
E, cascas só encontrando,
Exclamou
Quasi chorando:
—«Assim tudo morre e passa!
E creiam nessa trapaça
De haver almas immortaes,
Entaipadas
Nos corpos dos animaes!
Forte pêta!
Não é a mim que ella embaça,
Só merece gargalhadas.»
Notado o môcho não tinha
A formosa borboleta,
Que da tal mumia mesquinha
Se soltara
E voara,
A bom voar,
Alegre as flores buscar.

Será isto
Não ter
Visto
Nunca haver

Bem
Reparado,
Que põe em
Caminho errado
Tanto... môcho, embora honrado (363)?

FABULA 333.ª

A cotovia e o dono da seara

Já Ceres pelas campinas
Mostrava as madeixas louras
C'roadas das purpurinas
Papoilas, que das lavouras
São veneno, embora enfeite;
Qual na vida é o deleite,
Se nos mancha o coração.
Quer
Dizer,
'Stavam maduras
As searas d'um cantão.
Eis porquê em aperturas
Andava uma cotovia,
Que via
Muito atrazada
A sua tenra ninhada.
A cada instante podia

Ser a ceifa começada.
Quando, pois, fóra sahia
A procurar o sustento,
Aos filhos recommendava
'Stivessem de ouvido attento
A quanto alli se fallava,
Para accudir logo ao p'rigo,
Se o dono d'aquelle trigo
O quizesse ver ceifado.
Pouco tempo era passado
Quando uma tarde appar'ceu
O tal dono e um filho seu;
E fallou assim o pae:
—«Este trigo está maduro;
E então, pelo mais seguro,
Ámanhã de madrugada
Levanta-te tu e vae
Pedir a quantos parentes
Aqui temos residentes,
Nol-o venham ajudar
A ceifar.»
Aterrada
Fica toda a pequenada,
E á cotovia o contou
Apenas esta voltou.
—«Isso não ha da ser nada.
Ahi tem;
Comam e durmam-lhe bem.»
Assim foi. No outro dia
E no seguinte ninguem!

'Stava ausente a cotovia
Quando de novo alli vem
Com o filho o dono, e lhe diz:
—«Dos parentes nenhum quiz
Ajudar-nos a ceifar!
Vae pois, e já, convidar
A quantos amigos temos,
E veremos
Se ámanhã, d'uma assentada,
Nos fica a ceifa acabada.»
Ardendo em brasa
A ninhada
Tudo conta á cotovia,
Julgando chegado o dia
De pôr escriptos na casa.
—«Quaes amigos!»
Torna a mãe:
«Não
Se trata de ir aos figos.
Ámanhã escutem bem.»
Assim foi; poisque ninguem,
Nado o dia, appareceu
Senão
O rapaz e o pae,
Que disse:—«Ao amanhecer
De ámanhã, tu e mais eu
Vamos metter
Mãos á obra,
Ceifar ambos este trigo;
E verás como isto vai.

Forças temos e de sobra
Para o trabalho vencer.
E sabes o que te digo:
Mais meus parentes e amigos
Do que eu sou, não os deve haver.»
Ficaram pouco assustados
Os pequenos, já aos p'rigos
Costumados:
Não a cotovia assim,
Pois, sem o tempo perder,
Faz a trouxa nessa noite
E sitio busca qualquer,
Que seja menos ruim,
Onde com os filhos se acoite (364).

FABULA 334.ª

O jardineiro e as flores

Umas flores
Animadas,
Quer dizer, umas meninas
Adornadas
De mil graças femininas
(Uns amores
De matar!)
Foram visitar

As rosas
E outras flores,
Do que ellas, menos formosas,
Ao jardim
D'um jardineiro,
A joia dos amadores.
Não tinham conta nem fim.
—«Que cheiro!
Que lindas côres!»
Gritavam as raparigas:
«Abençoadas
Fadigas
As que com flores
Se tem,
Quando tanto gosto dão!»
—«Assim sejam: mas tambem
Não deixam de ser pesadas...»
Replica o outro.—«Ora não
Vale assim exaggerar.
O que faz? Regar
Ás vezes
Durante os mais quentes mezes,
Livrar
Algumas do sol,
Apanhar
Um caracol?
A tarefa não é nada,
Ao prazer
Dos effeitos comparada.
Eu sempre quizera ver

Esse afanoso lidar»
Diz uma.—«Pois, se quizer,
Facil é. De madrugada
Ámanhã aqui me tem:
Talvez que lhes cause dó!...»
—«Ai! tão cedo?
Tenho medo
De faltar, se prometter:
Porém
Por uma vez só...»
Vieram; e encontraram
Trabalhando o jardineiro
Já no seu trajo frasqueiro.
Pasmaram
Então de vêr
Quanto dava que fazer
De flores um só canteiro!
Era semear,
Sachar,
Pôr,
Dispôr
E rega e monda,
Sem se poder
Dizer
«Bonda!»
—«Caros alhos,
Meu compadre!»
A mais jovial lhe brada:
«Que massada!
Eu, nem á mão de Deus Padre,

A semelhantes trabalhos
Me quizera sujeitar
Só por flores alcançar,
Nem que ellas de ouro
Nascessem
E rendessem
Bom dinheiro.»
Fazem côro
Logo as outras raparigas.
—«Pois, senhoras, sem
Fadigas
E ás vezes mil dissabores»
Lhes responde o jardineiro:
«Não ha flores
Nem...
Amores (365).»

FABULA 335.ª

O pintor e o sapateiro

Os antigos esculptores
E pintores
As obras que executavam
Expôr sempre costumavam
Ainda não acabadas,
Para que fossem julgadas

A tempo de as emendar.
D'elles um expoz pintado
Famosissimo guerreiro
De grandes botas calçado,
As quaes vendo um sapateiro
Começou a criticar:
Certo defeito lhes viu,
Não sei qual,
Na sola ou no cabedal.
O pintor, que tudo ouviu,
O erro reconheceu
De bom grado
E ao critico agradeceu.
Mas, quando o chumeco quer
(De si todo enfatuado
Pelo
Bello
Resultado)
Ser
Juiz
De toda a demais pintura
E critical-a procura
Tolamente e sem saber,
Logo o outro o atalha e diz:
—«Não podem as suas notas
Subir acima das botas;
Nisso é mestre a bom valer,
No demais... nem aprendiz.»

O mesmo deves dizer

A pedante sapateiro
(Como tanto ahi se vê)
Quando
Queira sobranceiro,
Tomando
A mão
Pelo pé,
Decidir qualquer
Questão
Ácerca de rabecão ([366]).

FABULA 336.ª

Os bons argumentos

Veiu um dia ter commigo
Certo amigo
E me disse:—«Veja lá
Você,
Que é
Um bacharel,
Se me lê
Esse aranzel,
Bem difficil de entender;
E me dá
O seu par'cer:
Devo eu ganhar, ou não,

Em juizo tal questão
Que libras já me custou?»
E um folheto me entregou.
Era extensa allegação
De advogado
Mui lettrado,
Que a dita causa tratava.
Alli não
Faltava nada
Que a podesse defender:
Mas baldada
Sahira a jurisprudencia
Do doutor;
Todo o poder
Da sciencia
Ficou sem nenhum valor:
Era causa desgraçada.
Volta breve o tal amigo
E diz:—«O que lhe par'ceu?»
—«Olhe, sabe o que lhe digo?»
Torno eu:
«Quando um tão
Grande lettrado
Como o seu
Não
Encontrou
Mais por onde lhe pegar
Do que alli apresentou,
Loucura é duvidar:
Á vista do arrazoado

Fiquei bem capacitado
De que a demanda perdeu.»
Isso mesmo aconteceu.

Um doutor em theologia,
Impugnando
A doutorando
Sua these inaugural,
Perguntou
Se, para tempo poupar,
Não
Lhe podia
Indicar
A razão
Fundamental,
Emfim, a pedra angular
Da these que apresentou?
Cai o outro em
Tal cumprir
E a pó
A vê reduzir
Num momento!
—«Mas, nem
Só
Nesse argumento
A minha these se funda;
Mais d'um cento
Lhe apresento
Tanta prova nella abunda!»
Brada

O doutorando então.
—«A questão
'Stá acabada»
O arguente lhe replicou:
«Visto que já confessou
Seu valor
Ser inf'rior
Ao do que não
Vale nada.»

Bem pensado quanto expuz,
Eu no costume me puz,
Para entender
De repente
Questão
Que se me apresenta,
De ir ver
Como o defendente
(Quando habil seja e honrado)
A sustenta.
Não a póde defender?
Nada mais tenho a dizer,
Fico do contrario lado ([367]).

FABULA 337.ª

Os jogadores

Dois rapazes, que gostavam
Do bilhar,
Iam jogar
A casa d'um seu amigo,
De quem
Eram o castigo:
Porém
D'isso não curavam
(Tinham tardes entretidas...)
Nas partidas
Apostavam
Cada vez
Um copo de bom Xerez
Contra um copo de Madeira;
Mas tudo se ia buscar
(Já se sabe, sem pagar)
Á frasqueira
Do dono do tal
Bilhar;
Que, afinal,
Julgando asneira
Sustentar
Com seus bem modestos meios

Aquelles vicios alheios,
Teve de se resolver
A mesa e tacos vender.

Os partidos contendores
São
Taes
Quaes
Os jogadores
Á custa alheia apostando.
A nação
É o tal dono da casa;
Vai pagando
Com a frasqueira, que se vasa,
O divertimento alheio;
Com a diffrença que não
Póde
Ter o meio
De o bilhar tambem vender...
Ou de algum modo os sacóde,
Ou em talas se ha de ver (368).

FABULA 338.ª

O dó de peito

Em S. Carlos a cantar
'Stava tenor afamado,

Costumado,
Para applausos excitar,
A dar
De quando em quando e a geito
Um brilhante dó de peito;
Cousa muito appetecida,
Sempre tida,
Seja lá pelo que fôr,
(Talvez por bastante rara)
Em muitissimo valor.
Eu (aqui á puridade
Direi) nunca percebi,
Quando a ouvi,
A tal grande habilidade,
Que á lembrança traz a ararа
E me parece, ao cantar
Ser
Quaes são ao bem dançar
Cambalhotas de tremer
Ou saltos de embasbacar.
.....
Cantava, pois, o tenor:
Eis de repente ao redor
De mim ouço immensas palmas,
Que dava a rapasiada
Encantada.
Contemplar
O profundo enthusiasmo
D'aquellas ditosas almas
Era um enlevo, era um pasmo!

Nada tendo percebido
(Tampouco eu) que lhe explicasse
O repentino alarido
(Talvez se achasse
Entretido
O derriço a namorar)
Um alli mesmo ao meu
Lado
Começou a perguntar,
Muito e muito asafamado,
Aos *dilettanti*:—«Deu? Deu?»
(Era o dó apreciado)
E, quando ouviu dizer—*Sim!*
De enthusiasmo se encheu
E foram palmas sem fim.

Dós de peito ou cousas taes,
Com pasmos artificiaes,
A quantos vês applaudir
Que os não poderam ouvir,
Nem apreciar
Sabiam,
Se por acaso os ouviam?
Aos parvos o *bem cantar*
De mui pouco ou nada val':
Basta-lhes ouvir soltar,
Com mais ou com menos geito,
Não um canto natural
Mas agudo *dó de peito* (369).

FABULA 339.ª

O gato e os ratos

Não tinha ainda morrido
O mais terrivel dos gatos
—Robinó. E basta o nome,
Outr'ora bem mais temido
Por todo o povo dos ratos
Do que a peste, a guerra e a fome.
Robinó ainda vivia:
Mas, já de avançada edade,
No ocio com dignidade
Repotreado dormia
Á sombra da antiga gloria.
E porisso a rataria,
Leiga nos fastos da historia,
D'elle já não receiava
E na casa á solta andava.
Dos bichanos para o mal
Pouco a pouco se formou
Um partido nacional
Entre aquelle povo omnivoro,
(Fallar intento dos ratos)
E depois se organizou
Sob o nome de *gativoro*,
(Quer

Dizer
—Dos papa-gatos.)
O chefe d'esse partido,
Patriota destemido
E a nata dos oradores,
Na sala, onde num estrado
Robinó 'stava deitado,
Convoca um *meeting* e diz:
«Senhores!
Eu hoje quiz
Todos aqui reunir,
Para que juntos possais
Decidir,
Se devemos soffrer mais,
Sem lhe dar justo castigo,
Entre nós um inimigo?»
—«Isso não! antes a cóva!»
Gritam todos com furor.
—«Appar'ceu a *idéa nova!*»
Brada o illustre orador:
«Possa o seu nobre raiar
Aos vindouros indicar
D'aquelle bichano a sóva
E de todos os demais.
Morram os torpes bichanos!
Diga-se um dia:—«Houve gatos
Até nos Paços Reaes!
Houve aquella infame raça
E, durante largos annos,
Com seus feios desacatos

A terra inteira cobria,
Sempre aos nossos dando caça.
Um dia
Todos os ratos
Se erguem qual um rato só
E d'elles fizeram.... pó.»
Eia pois, amigos meus!
No altar da patria juremos
Que nunca mais comeremos
Senão de gato
Pitéos,
Emquanto gatos houver.
Dizem que não é máo prato:
Em breve o iremos
Saber.
Mais não devemos
Soffrer
Que fique no mundo um só.
Acabem por uma vez:
Seja o primeiro
A morrer
Esse estrangeiro
Maltez,
Esse infame Robinó!»
Correm todos de roldão
Contra o illustre gatarrão.
A este, que alli dormia
Ou nenhum caso fazia
D'aquelle desaguisado,
Renasce-lhe a gana velha,

Vendo-se assim atacado
Por insolentes pygmeus;
Bem como outr'ora a Samsão
A guedelha,
Quando se viu insultado
Por covardes Philisteus.
Eil-o está em pé no chão.
Solta um berro,
Quaes o grande D. João
Deu com a sua voz de ferro
Nos campos de Aljubarrota,
Quando
Em completa derrota
Pôz o outro de Castella.
Logo mexem a canella
Alguns não 'sp'rando
Por mais;
Sobresahindo aos demais,
Pela pressa que se deu,
O tal famoso orador.
Muito rato alli morreu,
Alguns, de puro temor.
E jamais
Ao resto, que se escondeu,
Succedeu
Metter-se em espalhafatos.
Diziam:—«Só imprudentes
Se lembram de acordar gatos,
Para lhes morrer nos dentes (370).»

FABULA 340.ª

O macaco e o escravo

Um macaquinho metteu
A mão
Numa ratoeira
Com milho, e d'elle a encheu;
Depois, por mais que o tentou,
Não
Logrou
Ver-se livre da pulseira.
Alli um negro appar'ceu
Um escravo, a quem doeu
A sorte do desgraçado
(Comparado
O mal d'elle havendo ao seu.)
E lhe diz:—«O milho larga;
É só elle que te embarga
Poderes a mão
Tirar.»
—«Isso nunca hei de fazer
Pois vou o milho perder
E sem juizo deixar,
Á toa,
Presa tão
Boa»

Retruca logo o bugio.
—«Não
Deixes,
Bruto sem
Brio!»
O negro aqui
Lhe bradou:
«Porém
De ti
Só te queixes,
Quando te venham matar;
Indigno és de viver.»
E com desdem
Se afastou.

Saude queres, riqueza,
Liberdade, sem
Deixar
De paixões satisfazer;
De sempre ter
Lauta mesa
Sumptuosos atavios,
Que mal podes sustentar?
Trabalhar
Não te convem
Para um dia conseguir
Resistir
A quem
Teus brios
Queira calcar?

'Stás demente!
Deixa tão
Parvas esp'ranças,
Pois de certo honradamente,
O que intentas, não
Alcanças.
Justos fins requerem meios
Idoneos para os obter.
De si se deve queixar,
Nunca de aggravos alheios,
Quem seu dever
Desprezar.
Para a honra e o proveito
Um sacco só é estreito (371).

FABULA 341.ª

O caniço e o carvalho

—«Bem sei que és immenso e forte,
Porém não te invejo eu isso»
Diz ao carvalho o caniço:
«Sópre do sul ou do norte,
Muito pouco se me dá.
Eu cá
Me avenho,
Pois tenho

O condão
De vergar
E não
Quebrar:
Nunca me acontece mal.
Tu, porém,
Embora com tanto alento,
Qualquer dia um pé de vento
Ou terrivel vendaval
Dos que nos invernos vem
Prega comtigo no chão.»
—«Tens razão»
O carvalho respondeu:
«Mas cada qual
Segue o seu
(Melhor
Ou peior)
Destino.
Tu, por seres pequenino,
Curvar-te podes, e eu
Não.
Inda assim prefiro o meu:
Rojas no chão,
Desgraçado,
Com qualquer sopro de vento;
Pisado
A cada momento,
Coberto de pó e lodo,
Exposto a tudo soffrer!
Tal não quizera o viver.

Eu resisto com denodo
Á furia dos vendavaes;
E, quando não possa mais,
Antes prefiro morrer,
Quebrar,
Mas nunca torcer.»

Mais val' findar
Nobremente,
Como o faz briosa gente,
Do que de rojo viver,
Não se lhe importar
Com isso,
Imitando o vil caniço ([372]).

FABULA 342.ª

Os odres de vinho e os odres de agua

Lá em tempos muito antigos
Eram os povos amigos
De seus reis, mais que hoje são.
As culpas de quem serão?
Do pouco que d'isso sei
Aqui nada lhes direi
(Senão
Ser caso isolado

O erro estar
Só d'um lado.)
Sempre festejar
Buscavam
Aquelles que os governavam.
Nos annos d'um rei de então
Seu povo determinou
Fazer vistosa
Funcção
Nas ruas da capital;
E para tal
Se lembrou
(Aquella gente ditosa
Ainda não conhecia,
Nem os mofinos
Dos sinos
Nem as bombas do foguete
Nem salvas de artilheria)
D'um banquete
Fraternal
Pelas praças da cidade,
Onde cada qual
Comesse
Á vontade
E, depois, da Majestade
Tambem
Bebesse
Á saude;
Devendo estar
Uma fonte

Do palacio bem
Defronte,
Vinho e não agua a jorrar;
E, para se fazer
Isso,
De—cada um seu almude
Do roxo nectar trazer—
Tomaram o compromisso.
Houve a festa e o tal banquete
De bufete:
Houve danças e folias,
Expansivas alegrias,
Com seus apertos de dedos,
Tudo emfim
Proprio d'aquelles folguedos.
Mas no fim,
Quando correram
Á fonte, que então se abriu,
Só com simples agua deram
E se viu
Que, em vez
De cada burguez
O seu vinho alli vasar
Agua trouxe e nada mais,
Contando com os demais
Para o dolo se encobrir.

Ha muita gente
A pedir,
A gritar,

Que se faça tudo e bem:
Porém,
Quando a vez
Lhes vem
De seriamente
Ajudar,
Um só não ha entre dez,
Entre cem,
Que eu não veja fraquejar ([373]).

FABULA 343.ª

A medalha

Um amador numismata
Não vulgar,
Sempre á cata,
Havia já muitos annos,
De medalhas alcançar
Dos gregos e dos romanos,
Encontrou uma mui rara
Com o busto do Macedonio!
Mas logo, pelo demonio,
Pouco se enxergava ou nada
Da cara
Por 'star gastada
Do tempo, que tudo come.

—«Não sei porque se consome?»
Observa um amigo seu
Vendo-o pouco satisfeito
Com o defeito:
Outro é o pensar
Meu.
Se desejava a medalha
Para lhe representar
Quem ganhou
Tanta batalha,
Quem foi
O famoso heroe;
O seu intento logrou;
Entra na regra geral,
Em sangue illustre observada
E o representava mal
Não 'stando ainda *safada* (374).»

FABULA 344.ª

As difficuldades vencidas

Por fugir á soalheira
(Era um sol de derreter)
Camponios trabalhadores,
De certo não
Dos melhores,

Á pressa se vão
Metter
No telheiro d'uma eira.
Alli a sésta fagueira
Dormiram; depois da qual
Tem a idéa estapafurdia
De dizer,
Quando os chama o maioral,
Que não se podem mexer
Para tornar ao trabalho;
As pernas em tal balburdia
Umas com as outras estão
Que nenhum póde saber
Quaes d'ellas as suas são.
Fomentação...
De carvalho
O outro lhes applicou,
Para que as duvidas cessem.
Logo os donos apparecem,
Cada qual dos meliantes
De suas pernas
Ficou
Tão
Senhor como era d'antes.

Ha questões
Muito renhidas
(Algumas entre nações,
Outras não
Passam de internas)

Que assim
Chegam a ter fim
(E ficam bem
Decididas)
Recebendo a solução
Do dito caso das pernas;
Quando vem
Revolução,
Crua guerra,
Que préga todos em terra.
Eis tudo logo arranjado
A poder d'um bom cajado (375).

FABULA 345.ª

O proprietario e o proletario

—«Eu trabalho a bom valer,
Sou honrado proletario
E nenhum vil mandrião;
Infame proprietario,
Nem fui de ricaço herdeiro.
Filhos sustento e mulher
Com o suor d'este meu rosto;
Não
Vivo á custa do povo:»
Gritava em alto berreiro

Homem forte e ainda novo.
—«Com que então
Trabalha com muito gosto?»
Houve alguem
Que perguntou.
—«Quem
Disse tal?» lhe voltou
Em tom azedo o primeiro:
«Parvos haverá
Assim:
Cá
Por mim
Trabalho por ter dinheiro
E, se o chego a conseguir,
Só penso em me divertir.
Hei de fazel-o render,
Passar
Vida regalada;
(Assim eu tenha saude!)
E, quando morrer,
Deixar
Pão aos filhos e á mulher.»
—«Mas se trabalha
Obrigado
Onde está essa virtude
Por você apregoada?
E, se deseja viver
No ocio quando o podér,
Porque ralha,
Todo inflammado

Em rancor
Contra aquelles que o herdaram
Ou ganharam,
Se, do seu odio apesar,
Tenções tem
De os imitar
Logo que possivel for,
E acha que faz muito bem?»
De bocca muito calada
Fica o outro: e eu tambem
Não direi aqui mais nada ([376]).

FABULA 346.ª

O caloiro armado e desarmado

Um caloirito, um novato,
Um tareco
Badameco,
(Isto foi ha muitos annos)
Amigo de espalhafato,
Deu-lhe a pancada na bóla
De imitar os veteranos
Que via, em dias f'riados,
Com seus varapáos armados
E de jaqueta á hespanhola;
Emfim, mui bem mascarados

(Costume que tinha então
Todo o vet'rano pimpão.)
Veste-se pois a capricho
O tal bicho,
O tal broeiro;
Sai de casa mui lampeiro
Com um certo ar
Iracundo
Que lhe ficava a matar;
Cajado
De marmeleiro
Comprado
Por bom dinheiro,
Pensando assustar o mundo.
Porém, por sua
Desgraça,
Logo alli pela Couraça
De Lisboa treme e sua
Com um veterano topando
Que lhe diz chalaceando:
—«Menino! não seja máo.
Eu licença não lhe dou
De trazer um varapáo.»
Com este se abotoou,
E grande favor lhe fez,
Que ainda assim foi cortez.

Lição
Esta
A pequenina nação,

Que loucamente se apresta
Em seu balofo valor
Para metter-se em folias,
Em altas cavallarias,
Seja lá pelo que fôr,
Em vez de juizo ter.
Procure ser
Respeitada,
Porisso que é governada
Com prudencia e com saber;
Não se lembre de mais nada.
Só podem grandes nações
Metter
O corpo em funcções (377).

FABULA 347.ª

O chaparral é nosso!

Num julgado em Portugal
Ha chaparral
De valor,
Do qual
O povo é senhor,
Tendo-lhe muito custado
Não se ver d'elle esbulhado.
Posso

Tambem
Affirmar
Que ninguem,
Seja velho ou seja moço,
Fraca mulher
Ou criança,
Se cança
De alli dizer
E gritar:
—É nosso
Este chaparral!—
Procurando defender
Á porfia a sua herança.

Façamos nós assim todos,
Indo pela mesma senda,
Quanto ao nosso Portugal.
Cada qual,
Pelos modos
Que podér,
Com honra e com heroismo
Bem defenda
Contra *qualquer*
Despotismo
A sua terra natal (378).

FABULA 348.ª

O urso

Vinha a noite. Um desgraçado
Todo dia tendo andado,
Sem poder
Esmola obter
E a negra fome matar
Sentou-se á beira da rua
E pensou:
—«Agora nada mais ha
Que contra mim desfechar
Possa a crua
Sorte já.»
Mal findou,
A elle vem direitinho
Um urso (que se soltára)
Grunhindo
E mostrando cara
(Ou focinho)
Das taes
De poucos amigos.
O homem, fugindo,
Então
Percebeu que jámais
'Stão

As miserias ou os p'rigos
Acabados neste mundo.
Por mais
Que se escorra
A taça
Da desgraça,
Conserva borra
No fundo.

D'esta vida no decurso
Conta sempre com o tal urso (379).

FABULA 349.ª

A protecção do Marquez

Se lhes fosse aqui
Narrar
Quanto contam por ahi
E eu ouvi
Que disse e fez
O nosso grande Marquez;
Fôra um nunca se acabar.
Não fallo das leis, reformas,
Normas
Que em tudo deixou;
Das quaes sou,

Como é justo, admirador.
Olhemos
Nós em redor,
Veremos
Claros e bastos
Os seus luminosos rastos.
Fallo de anecdotas mil
Que não transmitte o buril
Da *seria* historia
Ao futuro;
Mas sim o menos seguro
Canal
Da geral
Memoria,
A que chamam — tradições,
As quaes muitas vezes são,
Senão
Sempre verdadeiras,
Deducções
Muito caseiras
Das idéas bem
Sabidas,
Das acções
Mais conhecidas,
Que teve e fez sem
Questão;
Mytho, emfim, que envolve o heroe
E nos ajuda a julgar
O que em
Verdade elle foi.

D'estas uma vou contar.

Negociante da praça
De Lisboa, vendo perto,
Quasi imminente, a desgraça;
Nesse aperto
Se valeu
D'alguem,
Que lhe prometteu
Fallar bem
D'elle ao Marquez:
Um bom empenho (expressão
Que, talvez,
Usada nesta accepção,
Só se encontre em portuguez.)
Decorre tempo: ninguem
Da parte d'elle lhe vem
Cousa alguma prometter.
Já nenhum negociante
Se quer
Na praça metter
Com parceiro
Semelhante:
Cheirava a pobre... (máo cheiro!)
Para longe se desvia,
Como out'rora se fazia
Com os miseraveis leprosos.
Ás horas da praça um dia,
Quando andavam
Aguçosos

Os outros em
Seus negocios
Nem
Olhavam
O pobre cortindo ocios,
Qual do desalento a imagem;
Eis pára uma carroagem
E lacaio agaloado
Entra muito asafamado
Dizendo:—«O sr. Marquez
Procura-o o sr. Fuão.»
D'uma vez
Mudam-se as scenas então.
Todos pasmam, todos vão
Chamar o afortunado.
Este correu
Encantado
Ao Marquez, que o recebeu
Á portinhola, e lhe disse
Pouco ou nada,
Senão
Que não
Succumbisse,
Pois em breve melhorada
A sorte havia de ter;
E o deixou
Sem
Mais dizer.
Despedido assim, voltou
Pouco animado;

Mas vê
(O que bem
A custo crê.)
Como tudo está mudado!
São
Attenções, sympathia,
Á porfia;
Muitos apertos de mão;
Emfim, em vez de desdens,
Calorosos parabens;
Mais d'um á parte lhe jura
Estar todo ao seu dispôr,
Seja lá para o que fôr.
Tudo emfim se transfigura;
E o triste, em vez
De quebrar,
Pôde fortuna lograr;
Isto devido ao Marquez
Que, afinal, tão pouco fez!

Que vezes só é preciso
Um sorriso
Ou um olhar,
D'aquelle que quer
E tem,
Para se poder
Salvar
Do abysmo um homem de bem (280)!

FABULA 350.ª

A preta bonita

Feia como a noite escura,
Preta dos quatro costados,
(Excellente creatura)
Vivia, em tempos passados,
Em Coimbra. Os estudantes
Gostavam de a caçoar,
Como era o costume d'antes.
É mais alto o seu pensar
Hoje, que a troça aos b'roeiros
E caloiros.
Muito menos zombeteiros
Mais profundo
É seu visar
Aspiram a outros loiros;
Pois raro talvez será
Aquelle que não está
Meditando grande plano
Para reformar
O mundo.
Que se em pratica o posér
(E dê lá por onde dér)
Feliz do genero humano!
Naquelles tempos porém

Problemas taes não solviam;
Cabulavam,
Estudavam,
E tambem
Se divertiam
Caçoando
(Não direi que sempre bem.)
Á muitos, da preta andando
Na rua, de lhe dizer
Ás vezes vinha a lembrança
—«Que pretinha tão bonita!
Tão catita!
Quem m'a dera em casa ver!»
Ella então muito se ria
E dizia
Á vizinhança:
—«Sei que sou feia a valer;
Porém que lhe hei de fazer?
Gósto de assim os ouvir.»

Ninguem se lembre de rir
Da preta;
Pois quanta peta
Não gostará de engulir,
Quanta insulsa louvaminha
Que lhe coce a burbulhinha?
E (aqui muito á puridade)
Vamos lá,
Onde estará
A maldade?

Ao louvor,
Quando este fôr
Dado sem fins de enganar,
Não
Lhe vejo grande mal.
'Té a pilula amargosa
Da verdade
Póde tornar
Saborosa.
Com geito e moderação,
É sinal
De educação.
Verdades nuas
E cruas,
Não sendo a tanto obrigado,
Só as diz um mal-creado (381).

FABULA 351.ª

O pintor e os miolos

Para pintar bons paineis
Não bastam tintas, pinceis
Superfinos,
Nem
Tambem
Perfeitas

Telas.
Pinturas inda as mais bellas
De peregrinos
Pintores
Foram feitas
Com meios muito inf'riores
Aos que nós por ahi vemos
Nas mãos de todos: porém
Não affirmará ninguem
Que temos
Hoje melhores,
Mais inspirados pintores.
Póde muito a educação:
Todavia,
Se faltar a inspiração
E o talento especial,
Será menos efficaz.
Aperfeiçoa, não
Cria:
É esta a regra geral
Sem que lhe veja excepções;
Do nada nada se faz.

Farto das perseguições
De principiante teimoso
Que pouco geito mostrava,
Um pintor famoso
Havido
Por seu bello colorido,
E a quem o tal não largava,

Sempre e sempre a perguntar
Que havia de misturar,
Na palheta, ás suas côres
Para lhes poder juntar
Os macios, os vigores
Que as telas d'elle animavam
E incomparaveis tornavam:
—«Miolos» lhe respondeu;
«Pois assim o faço eu.»

Sem elles, caros leitores,
Por mais que cada qual faça,
Tudo é vão,
Não
Passa
D'um trapalhão (382).

FABULA 352.ª

O habito e o monge

Não faz o habito o monge
Nem turbante faz o moiro.
É verdade: mas de longe
Tudo quanto brilha é oiro,
E tal ficará de certo
Para quem nunca de perto

O observar com criterio.
Assim passará por *serio*
Homem que nunca se ri:
E quantas vezes não vi
Tido em conta de illustrado
Um parvo, sempre calado;
Com a cabeça a menear
Só respondendo ao que ouvia,
E um sorriso
Que ora podessem tomar
Por applauso, e ora não,
Segundo a opinião
De quem via
Alli mais qualificado?
Em todo o caso é preciso
Que cada qual represente
(Se quizer
Ser
Respeitado)
Neste mundo o seu papel
Da maneira mais decente:
Do contrario, não
Se queixe
D'alguma lição
Cruel,
Que o deixe
Bem convencido
De quanto andava illudido.

Dois deputados vieram

Da provincia, e se metteram
(Não havia hoteis então)
Em casa d'um cidadão,
Seu amigo, morador
Em travessa
De mui raro viador;
E de fronte de barbeiro
Politicão
E palreiro,
Como quasi todos são.
—«Nada vejo que me impeça
De ir fazer a barba alli,
Tal e qual estou aqui,
De chinellas sem chapeo»
Disse um quando amanheceu:
«Esta rua é um deserto.»
—«Não irei assim, de certo»
O outro lhe respondeu:
«Vá indo que eu depois vou.»
Assim foi. O tal barbeiro
Começou
Logo o primeiro,
Que chegou,
A barbear.
Depois de se preparar
(Esmeradamente o fez)
Entra o segundo freguez.
O mestre, logo que o viu,
A elle
Se dirigiu

E, chamando o aprendiz,
Lhe diz:
—«Tu vais aviar
Aquelle
Homem; e eu vou
Barbear
Este senhor.»
—«Essa agora é que é melhor!»
O outro, fulo, bradou:
«Pois então
Quer deixar-me a barba em meio,
Por quem depois de mim veiu,
Só por ser um figurão?»
—«Nenhumas explicações»
Responde o mestre com entono:
«Agora lhe quero dar.
Em loja de que eu for dono
Haverá
Sempre attenções
Com quem m'as deve mer'cer.
Se conta lhe não fizer
Desde já
Póde marchar (383).»

FABULA 353.ª

A raposa e as uvas

Raposa pouco matreira,
Depois de muito saltar
E de bastas vezes dar
Com as costas no duro chão,
Ás uvas de alta parreira
Tentando ver se chegava;
Desenganada
Porfim
De que o intento se baldava,
Disse então:
—«Verdes estão,
Nem assim...
Nem maduras, valem nada.»

Um parvo e villão
Ruim
(Como ha tantos) dos que dão
O nome de independencia
Á mais grosseira insolencia,
Dizia
Sem pejo um dia
A outros, perante um velho
Honrado

E condecorado
Com uma carta de conselho:
—«Pasmo como os conselheiros,
Que ahi vemos aos milheiros,
Quando se encontram e fallam
Ficam serios, não
Estalam
De riso...»—«Pois em verdade
Muito rimos, com razão
E a bom rir»
Torna o velho: «da maldade
De invejosos zombeteiros
Que nem podem conseguir
Ser uns tristes conselheiros (384).»

FABULA 354.ª

Os tótós

Victima da ingratidão,
Perseguido
Dos homens pela maldade,
Que alguem fuja á sociedade
E, tolhido
De verter
Os prantos do coração
No seio d'uma mulher,

D'um amigo, d'um irmão,
Busque em toda a natureza,
Mas longe da humanidade,
Allivio á sua tristeza;
Ou escolha um animal,
Que lhe seja lenitivo
No meio da soledade:
Sentimento é natural.
Mas preferir, sem motivo,
Um cão
Ou bruto qualquer
Ao homem, seu semelhante;
A quem, talvez não
Distante,
Soffrer
Por falta de pão,
Ao doente,
Á creança abandonada:
É sómente
Um tristissimo sinal
De cabeça transtornada,
De depravação
Moral.
Não
Trato aqui d'esse mal:
D'outro pretendo fallar.

Em Londres houve um sujeito,
Que ganhou um dinheirão,
Porque tinha grande geito

De cães fraldeiros curar.
É de todos bem sabido,
Que os brutinhos
Pelas damas adorados
(Para de homens não fallar)
Enfraquecem,
Adoecem,
Por ter comido
Demais
Bollinhos
E cousas taes,
Por muito apaparicados.
Cão doente,
Era immediatamente
O grande doutor chamado.
Lá corria
Mister Smith asafamado,
E dizia,
Mal olhava o tótósinho:
—«Oh que joia! que lindeza!
Coitadinho!
É bem grave o seu estado:
Mas tenho quasi a certeza
De que ha de voltar curado...»
E o mettia
Num cestinho,
Que trazia,
Bem forrado
De setim acolchoado.
Logo em casa lhe pegava

Pelo rabo, e o atirava
A um grande pateo. que tinha.
Alli, com mais companheiros,
Em vez de caldo e gallinha
Achava ossos e pão,
Por cama palhas no chão;
E, além d'isso, uns enfermeiros
Munidos de bom chicote
Faziam todos andar,
A certas horas, a trote
De estafar.
D'isto tudo o resultado
Era o cão
São
Qual
Um pêro ficar.
Muito bem ensaboado,
No tal
Cestinho mettido,
Á *lady* restituido
Voltava;
E a mão
Generosa
Pouco achava
O muito que ao doutor dava
Pela cura milagrosa.

Quantos tótós de dois pés,
Que ahi vês
Incapazes, enfezados

Talvez
Ficassem curados,
E tendo muito valor,
Se a tempo fossem tratados
Por competente doutor (385)?

FABULA 355.ª

A economia

Para um ente racional
(Não tendo o instincto do mal)
Estragar
Não é gozar.

Um homem remediado
Vivia
Com o seu creado
E na melhor
Harmonia,
Salvo quanto a economia,
Pois se indignava
E ralhava
Vendo o menor
Desperdicio.
(Ralhar, ás vezes, é vicio
E raro póde ser bom:

Em regra, é tempo perdido;
Vai-se costumando o ouvido
Áquelle mais alto som,
E já não produz effeito.
Se um creado
Não tem geito,
Se faz sua
Falcatrua
E, tendo sido avisado,
O não vemos emendado,
É melhor pôl-o na rua
Sem mais gritos
Nem conflictos.)

Ora, um dia,
Commissão
Andando em sua missão
Para fim caritativo,
Á porta lhe foi bater;
E ácerca de ninharia
Se perder
Ouviu um *recitativo*
Entre o servo e o seu patrão.
Com agrado recebidos
Logo são.
Pasmados
Ficam
Dos soccorros offrecidos
Tantos, que mal
Os explicam,

Do tal
Dialogo lembrados.
Vendo aquella admiração
O homem diz:—«A razão
Ahi vêem de eu ralhar;
Pois, se não
Fosse poupado,
Estava agora privado
De os poder auxiliar (386).»

FABULA 356.ª

O gigante anão

Um anão muito famoso
Corria
O mundo a mostrar-se.
Ninguem fartar-se
Podia
De o ver e de o celebrar:
Tanto elle era singular
De pequenino e formoso!
E por graça
Alcides fôra alcunhado.
Muito diff'rente na raça,
Um perfeito mocetão,
De força herculea, fazia

O mesmo com fim egual
E, por acaso, alojado
Eil-o na hospedaria
Onde estava o tal
Anão.
Uma dama da cidade,
Curiosa em demasia
(Como, aqui á puridade,
Ainda as ha hoje em dia)
Vencida da tentação
Do *micrómegas* mirar,
Lá foi: porém perguntou
Pelo Alcides. O porteiro,
Sem da alcunha se lembrar,
A levou
Ao verdadeiro.
Ao ver quanto ella
Pasmou,
Percebeu este o engano,
Mas, notando que era bella,
Lhe diz com ar mui magano:
—Queira sentar-se, senhora:
Sou
Aquelle a quem procura.
Só por méra utilidade
Lá por fóra
Me encolho nessa estatura
Tão pequena;
Mas, sendo desnecessario
Em casa, estou á vontade,

O que assim me desempena...»

Quantos ha, pelo contrario,
Que por meios naturaes,
Sabem fingir estatura
Muito diff'rente da sua.
Emquanto essa illusão
Dura,
Uns gigantes collossaes,
Vistos de longe... na rua;
Mas, de perto, são
Pigmeus
E ridiculos sandeus (387).

FABULA 357.ª

A aguia e a andorinha

—«Eu sou capaz de voar
Sem parar
Um dia inteiro, e tu não»
Disse á aguia a andorinha:
D'onde vem,
Pois, que rainha
Das aves és acclamada?
Que razão
Haverá em
Tal despacho?»

—«Porque eu
Chego quasi ao céo,
E tu voas muito baixo,
Pouco te afastas do chão:
É só porisso, e mais nada»
A aguia lhe replicou.

Não basta dizer
—Eu sou
(E ser)
Capaz de escrever
Em verso ou classica prosa
Muita cousa:
Esta deve ter
Valia.
Certo critico dizia
D'um auctor muito fecundo:
—«Sabe a nossa lingua a fundo;
Mas nem ainda uma vez,
A meu ver,
Soube elle aquillo que havia
De escrever
Em portuguez (388).»

FABULA 358.ª

O nivel differente

No tempo em que a *senhoria*
Tanto decerto valia,
(Senão mais)
Como vale a *excellencia*
Hoje em dia,
Em que todos são eguaes;
Cidadão
Muito forte na sciencia
Difficil da precedencia,
Fallando com figurão,
O qual, segundo entendia,
Bem de todo não subia
Ao ponto de rebuçado
Para gozar de excellencia:
O tratou de senhoria.
Quando o outro respondeu
Sem hesitação lhe deu
De excellencia o tratamento.
O primeiro,
Vendo que elle se doía,
Ou por lhe ser lisongeiro
O ouvir-se assim tratado,
Muda no mesmo momento

E excellencia lhe vai dar.
Pasmado,
Porém,
Ficou!
O outro tambem
Mudou,
E lhe volta senhoria!
Muito a lucta duraria
Sem
Ter geito de parar,
Se o figurão
Não
Pedisse
Ao outro que decidisse
Em
Que haviam de ficar.
—«D'um ou d'outro tratamento»
Lhe diz elle: «me contento;
Ambos me são indiff'erentes,
Comtanto que o seu
E o meu
Fiquem sempre bem diff'rentes.»

Hoje rimos do que fomos;
Ámanhã, do que hoje somos.
Não é mais ajuizado
O presente que o passado.
Ouro é o que ouro val',
Seja papel ou metal.
Desappareçam embora

Senhorias, excellencias;
Tudo fica como agora:
Sempre haverá precedencias,
Que não podem acabar.
Ao antigo nascimento
Succeda o merecimento
(Assim o podesse eu ver,
Mas inda tem de tardar...)
Entretanto desafio
Um homem que tenha brio
A dizer
Que não
O ha de maguar
Quando o forem collocar
Ao lado
D'um mal-creado,
Chumeco, vil besuntão,
Ou d'um safado
Intrujão (389).

FABULA 359.ª

O rebanho e o lobo

Um carneiro
Grande e bello
(Do que tinha de ouro o velo

Quem sabe, se descendente?)
Vendo o rebanho a tremer
(Namorado
O pegureiro
'Stava ausente
Do seu gado,
Gemer
Fôra
Aos pés de linda pastora.
E afastara-se o rafeiro,
Do mau exemplo levado)
Lhe disse com arreganho:
—«Se acaso algum lobo vem,
O que tem?
Não será elle tammanho,
Tão feroz
E tão valente,
Que possa mais do que nós:
Os cornos valem o dente.
Todos unidos havemos
De mostrar-lhe
Que mais do que elle podemos,
E dar-lhe
Conta da raça:
Basta que com brio faça
Cada qual o seu dever.
Eia pois, se elle vier:
Nunca mais seja eu carneiro
Se primeiro
O não

Fôr logo atacar.
Assim que elle me filar
(Pois é certo que me fila,)
Se nenhum então
Vacila,
Á marrada
Convidado
O malvado
Larga a ossada.»
Juraram todos vencer
Ou morrer.
Chega um lobo: e o tal carneiro
Cheio de brio guerreiro,
Corre a elle destemido,
Como havia promettido,
E o pretende combater:
Mas de ninguem é seguido.
Todos a tremer
Fugiram
Mal
O inimigo viram;
Cada qual
Se quer salvar
Sem dos outros lhe importar;
E o carneiro pateou,
Porque nelles se fiou.

Quem isto
Lê
E não vê

Que o homem tem sido assim
Antes e depois de Christo?
Um egoista ruim
Que, porisso, ha de soffrer
Quem o quizer
Explorar?
Trata só de se salvar,
E procura abotoar-se
Quanto póde
Com disfarce,
Dos demais não se lhe dá.
Ou mui raro lhes acode.
No cynismo
Do seu immundo
Egoismo.
Se a alguem vê espesinhar,
Diz: «Eu cá
Não nasci para emendar
O mundo:
Deixal-o ir
Como muito bem quizer.»
Desconhece
O que o verdadeiro int'resse
De accordo com a sã justiça,
Lhe devera suggerir
Que para o homem viver
Na sociedade,
Carece
De combater
Sem cessar

A maldade,
A injustiça,
Quantas vezes appareça;
Quer ella lhe seja avessa,
Quer vá os outros lesar.
A causa da humanidade
É tambem
A de todo o homem de bem;
E se hoje somos por vós,
Amanhã sereis por nós.

Houve um rei
(Portuguez era e de lei:)
Rara
Lição
Nos deixou.
Um seu vassalo levou,
Sem razão
E brutalmente, com a mão
D'um fidalgo, pela cara.
—«Alcaide!» bradou
El-rei,
Mal o facto lhe constou:
«Acudi! que ora levei
Nesta minha face honrada
Infamante bofetada (390)!»

FABULA 360.ª

A critica

Certo cão
De estimação,
Como dizem, atacou
Um soldado em sentinella.
Este logo com a baioneta,
Que lhe espeta
Na guela,
Sem mais cer'monia o matou.
É o soldado
Accusado
Pelo dono ao commandante.
—«Você foi muito adeante
Do que lhe era permittido
Devia ter reflectido
Que bastava defender-se
Com a c'ronha da arma, e abster-se
De ir logo assim ás do cabo»
Este lhe diz asp'ramente.
—«Mas olhe, meu capitão,»
Volta o soldado: «o tal cão
Contra mim vinha com a frente,
Não
Com o rabo;

E mostrava cada dente!...»

Mui facil é criticar
O que este fez ou aquelle;
Mostrar
Que muito melhor
Podia ter elle
Andado:
Resta saber se peior
O tal critico andaria,
Ou de outro modo o podia
Na pelle
Do criticado
Quando se houvesse encontrado (391).

FABULA 361.ª

Os juizos oppostos

De vinho muito afamado
Um tonel fôra atacado
Por certo mal, um sabor,
Que lhe tirava o valor.
Para o poder
Combater
Chamar manda o lavrador
A dois peritos famosos,

Serios ambos e zelosos
Em cumprir o seu dever.
Um d'elles, depois de ter
Provado o vinho, affirmou
Que sem erro
Percebia
O tal gosto ser
De ferro,
Que cahira no tonel:
O outro sobre o pichel
Jurou
Que consentiria
Em lhe chamarem caloiro
Se o sabor não era a coiro.
Assim
A junta deu fim
(Como ellas costumam dar)
Sem nada se aproveitar.
Quando o tonel se vasou,
Alguem na borra encontrou
Chave de ferrugem cheia
E na argola... uma correia.

Póde bem acontecer
Sobre assumptos contraversos
Juizos haver
Diversos,
E não deixarem de ser
Verdadeiros; dependente
Cada um d'elles da diff'rente

Aptidão do julgador
Em saber
Descortinar
Uma ou outra qualidade
A que dá maior
Valor.
A verdade
Só se chega a alcançar
Só resulta d'essa lucta,
D'essa renhida disputa
Levada á saciedade (392).

FABULA 362.ª

Os dois imitadores da natureza

—Quem boa fama crear
Póde em paz ir-se deitar
E dormir mui descançado.—
Dictado
Bem
Corriqueiro;
Mas nem
Sempre o seu sentido
Verdadeiro
É de todos percebido;
Pois sómente

Nos aponta
Como se julga em geral,
Tanto monta
Que se pense bem ou mal.
Ora mal (infelizmente)
Pensa a mór parte da gente.
E foi assim que julgou
No caso que se passou
Entre dois actores dos taes
Que o fallar ou o grunhido
Imitam dos animaes.

Um já muito conhecido,
Afamado,
Constantemente applaudido
Pelo povo embasbacado,
E sempre tido
O maior
Alli e por toda a parte,
Naquella famosa arte,
Um dia desafiado
Foi por outro imitador.
Soa a hora do certame!
O portento,
Mal ao palco tem subido,
Declarando o seu intento
D'um bacorinho imitar
É logo, sem mais exame,
Com palmas e alarido
Recebido

Inda antes de começar.
Imitou
(E muito mal)
Novos loiros alcançou.
Eis que apparece o rival;
Declarando arremedar
Com a voz o dito animal.
Começou,
Porém não pôde acabar
Tal pateada levou!
—«Parvos!» lhes bradou,
Tirando
Do gabão
Um verdadeiro leitão:
«Aqui tendes vós o actor
A quem estais pateando... !»
Pois não
Se dá por vencido
Do contendor
O partido,
Gritando:
—«Que a imitação,
Toda cheia de belleza
Excedia a natureza;
E que o suino animal
Grunhia, mas muito mal!»

Se de Virgilio, ou de Homero,
Ou d'outro classico auctor,
Que citar aqui não quero,

Alguma passagem fôr
Destempero,
Um solemne disparate,
(Ou seja o erro do auctor
Ou talvez d'algum copista,)
É belleza, sem debate;
Um primor!
Ignaro controversista
É de certo e temerario
Quem defender o contrario.
Não se lhe admitte negar
A verdade do traslado
Comparado
Á natureza.
'Sta julgado
Sem appello;
E, se logra demonstrar
Que tomam como belleza
O que é contrario ao modelo
E aos principios da razão,
A resposta é—que o talento
Não
Admitte julgamento;
Nem ao menos percebendo
Que o julgam, assim dizendo (393).

FABULA 363.ª

As orelhas da lebre

A cem leguas desterrado
Da residencia da côrte,
E sob pena de morte,
Por decreto promulgado
Reinando certo leão,
Foi todo o animal ornado
De galhos de qualquer sorte.
Nunca se soube a razão
De se tomar tal medida
(A meu ver, bem
Entendida,
Pois não
Gosto das marradas
Que aos milheiros ahi dão
Sem
Motivo nem
Razão,
Pessoas... civilizadas.)
O certo é que os galhudos,
Quer pequenos quer
Graúdos,
Trataram de se mudar
Sem

Esp'rar,
Por segunda intimação.
Para remedio sequer,
Nem
Ficou um... páo-do-ar.
Mui timorata uma lebre,
'Stando ao sol, toda se assombra
Das orelhas vendo
A sombra;
Fica logo ardendo
Em febre
Não fossem taes espantalhos
Accusados de ser galhos.
Feitas estas reflexões,
Mui serias, com os seus botões
Trata logo de emigrar:
Antes porém visitar
Vai uma coelha
Velha
E d'ella se despedir.
—«Adeus! que me vou embora.»
—«E porquê? Onde quer ir?»
—«Vou por esse mundo fóra;
Podem elles confundir
Galhos e orelhas, e assim
Dar tambem cabo de mim.»
—«Safa!» responde a coelha:
T'arrenego!
O que não distingue a orelha
Do galho é peior que cego.»

—«Pois diga se o póde haver
Maior que quem
Não
Quer
Ver.»
Torna a lebre: «Lá vão
Leis
Onde o qu'reis.
E bem
Me podem dizer
Que na letra da tal lei
Não 'stou eu,
Mas sim no 'spirito seu,
E que d'isso pouco sei.
Ou talvez nem digam nada;
Como fazem muita vez
Aos fracos suas mercês:
Safo-me pois á calada.»

Quanta coisa interpretada
É, ora assim, ora assado,
Segundo o interessado
Vale menos, vale mais,
E isto até em tribunaes (394)!...

FABULA 364.ª

O inspector de incendios

Um predio ardia!
Corria
Para lá o povo
Em barda,
Velho, novo
Da jaqueta até a farda:
Incluindo o aguadeiro,
Ninguem quer
Ser
Derradeiro.
Correm de boa vontade
Ardendo com outro fogo,
—O da santa caridade,
Para o mal se debelar.
Todos... não digo; um faltava
(Falta era de estranhar!)
Dos incendios o inspector,
Mui longe d'alli
Morava
E d'ahi
O seu tardar.
—«Não se póde isto aturar»
Disse

Alguem: «esse senhor
Dos incendios muito perto
Devia sempre viver.»
Esperto
Que o dito ouviu
O tomou
Por bernardice,
Da qual
Se riu
A valer;
E como tal
O espalhou
Sem demora,
E até agora
Todos se riem tambem.

A meu ver
Não andam bem.
A fórma que o pensamento
Tomou
É de certo, má:
Porêm
Mui facil será,
Reflectindo-se um momento,
Perceber
Que o homem qu'ria dizer:
—«Quem
Lhe pertence acudir
A um dever
Andará mal

Se for mui longe habitar
Do local
Onde tenha de o cumprir.»
Devia o inspector morar
Em logar
O mais central
Possivel do povoado,
Achando-se assim presente
Quasi que instantaneamente
Apenas fosse chamado,
E jamais em sitio ermo
Ou fóra de villa e termo.

Ao seu dever dedicado
Tenha cáda qual de nós
Pelo mais serio cuidado
'Star prompto á primeira voz (395).

FABULA 365.ª

As caçoadas

Quando caloiro eu cheguei
A Coimbra, ainda havia
Caçoadas,
Mais ou menos abrutadas.
Se escapei
Sempre d'ellas, não podia

Deixar
De covarde achar
Quanto em taes casos se via,
Quantos torpes desacatos
Dos novatos.
Os caloiros supportavam.
Mas fiquei mais indignado
Quando, aquelle anno passado,
Vi que os que tinham soffrido
Caçoavam
O caloiro desvalido,
Com a mesma brutalidade
E falta de coração
Que com elles tinha havido.

Foi a primeira noção
Do valor da humanidade
Que alli tive. Desde então
Repetiram-se as lições.
(Eu não fallo de excepções,
Mas sim da regra geral.)
Quem mais se queixa do mal
É quem depois faz peior,
Assim que o póde fazer.
Mau senhor
O que foi escravizado.
Raro dará com prazer
Quem já se viu obrigado
A pedir.
Martyr hoje perseguido

Ámanhã vai perseguir,
Esquecido
Da injustiça soffrida.
Tal é o quadro da vida!
Poucos ha que exceptuar:
Felizes e desgraçados
Amassados
Foram no mesmo alguidar (366).

FABULA 366.ª

O organista e o sacristão

Tocava, e até muito bem,
O orgão certo organista
Ajudado d'um sacrista
Que tocava elle tambem
(Mas os folles). Certo dia
Em que festejavam santo
Graúdo na freguezia,
Andou
Com tanta mestria
(Já se sabe qual dos dois)
Que deixou
Tudo num encanto.
Então
Cheio de effusão

Lhe gritou
O sacristão:
—«Sabemos o nome aos bois!»
E depois
Nos braços o apertou.

O homem tinha razão
Apesar
De muito a exaggerar.
Todo aquelle que labora
Segundo a sua aptidão,
Tem direito a algum quinhão,
Seja em que trabalho for,
Do resultado final,
Muito embora
Desegual
Aos demais
(Ou de quem o fez melhor,
Ou de quem trabalhou mais.)
Cada qual,
De certo modo,
Como pôde concorreu
Com esse auxilio que deu
Para se fazer o todo.
Na amarração d'um navio
Tem seu
Valor cada fio (397).

Fim das fabulas.

INDICE ALPHABETICO DAS FABULAS

FABULAS	PAG.
Abelha (a) e o cuco.....	692
Abelha (a) ou os beneficios.....	83
Abutres (os) e os pombos	730
Aguia (a).....	202
Aguia (a) e a andorinha.	803
Aguia (a) e o mocho....	213
Aguia (a) e o mocho....	295
Alabardas (as) e as albardas.....	203
Almirante (o).....	606
Altos (os) e os baixos...	310
Amphora (a) velha.....	403
Anão (o).....	684
Andorinha (a) e os passarinhos.....	254
Animaes (os) atacados da peste.....	37
Aranha (a) e a andorinha.	363
Aranha (a) e o bicho da seda.....	604
Aranhas (as) e as boas novas.....	306
Arco (o).....	97
Argueiro (o).....	268
Arminho (o) e o porco..	47
Arroz (o) doce dos Franciscanos.....	494
Arvore (a) dos pomos de ouro.....	451
Asno morto.....	681
Astrologo (o).....	98
Avarento (o).....	384
Avestruz (o).....	131
Banqueiro (o) e o remendão.....	654
Bicarbonato (o).....	671
Bichas (as).....	612
Bilhete (o) de visita.....	448
Binoculo (o).....	608
Bitola (a).....	562
Bodes (os) e as cabras...	511
Boi (o) e a cigarra.....	586
Bolota (a) e a melancia .	641
Bons (os) argumentos...	752
Boticario (o) e os remedios.....	467
Burro (o) e o cão.....	43
Burro (o) e o cãosinho..	25
Burro (o) carregado de reliquias.....	34
Burro (o) com a pelle do leão.....	311
Burro (o) e o eclipse do sol.....	450
Burro (o) e o espelho...	307

FABULAS	PAG.
Burro (o) e o seu dono..	180
Burro (o) flautista.....	100
Burro (o) (trilogia).....	210
Busto (o) e a raposa....	174
Cabeça (a) e a cauda da serpente.....	737
Cabras (as).....	126
Caçoadas (as)	824
Cães (os) e o leopardo..	572
Cães (os) valentes.....	261
Caloiro (o) armado e desarmado.....	776
Calvo (o) e a mosca.....	533
Camelo (o).....	29
Caminho (o) a seguir...	665
Camisa (a) do homem feliz.....	370
Canna (a) do foguete ..	45
Canniço (o) e o carvalho	766
Cão (o) e a sombra.....	729
Cão (o) com as orelhas cortadas.....	165
Cão (o) culpado.....	245
Cão (o) desenganado...	200
Cão (o) fiel.....	415
Cão (o) levando o jantar do dono.....	520
Cão (o) o lobo e o pastor	294
Capote (o).....	465
Carangueiro (o) e o filho	687
Carapuças (as).....	679
Caridade (a) economica.	292
Carriça (a)..	51
Carro (o) atolado.....	457
Carvalho (o).....	68
Carvalho (o) e o canniço	368
Cautella (a).....	598
Cavallinho (o) do xadrez	151
Cavallo (o) e o toiro....	122
Cavallo (o) e o veado...	574
Cego (o) e o paralytico..	258
Chaparral (o) é nosso!..	778
Charlatão (o).....	331
Chiqueiro (o)..... ..	695
Chuva (a) fatal.....	735
Cigarra (a) e a formiga.	215
Coelho (o) e o ouriço...	391
Concerto (o).....	544
Congresso (o) dos ratos.	468
Conselho (o)	717
Conselho (o) de Salomão	73
Cordeiro (o) protegido..	217
Cordeiro (o) tosquiado..	39
Côrte (a) do leão.....	486
Corvo (o) e a aguia.....	114
Corvo (o) e a raposa....	564
Corvo (o) querendo imitar a aguia.....	473
Coruja (a).....	577
Cotovia (a) e o dono da seara.....	744
Coxos (os) e os gagos...	86
Crocodilo (o) e a cegonha.....	575
Critica (a)	812
Culpa (a) armada.....	274
Cysne (o) e o cosinheiro	14
Deputado (o) em herva.	252
Desmoralisação (a).....	329
Difficuldades (as) vencidas.....	772
Dilemma (o).....	704
Divisão (a) do trabalho.	235
Dó (o) do peito	757
Doido (o) vendendo juiso	512
Doidos (os)...	718
Dois (os) calvos.....	378
Dois (os) coelhos.....	593
Dois (os) dragões.....	69
Dois (os) imitadores da tureza.....	815
Dois (os) machos.....	49
Dois (os) philosophos...	400
Dois (os) ratos.....	219

FABULAS	PAG.
Dois (os) sujos	61
Dois (os) viajantes	643
Dotes (os) das fadas	146
Duas (as) cadellas	79
Duas (as) lagartas	538
Duas (as) panellas	162
Dupla (a) demonstração	145
Economia (a)	799
Educação (a)	149
Encontro (o)	189
Elcalrracho (o)	553
Escolha (a)	514
Esculptor (o) e o invejoso	5
Esopo e o burro	290
Esopo e o parvo	396
Espadim (o) e o espeto	240
Espelho (o) da verdade	639
Espinheiro (o)	459
Estatuario (o)	224
Exequias (as) da lesa	587
Extremos (os)	278
Falção (o) e o frango	188
Fanfarrão (o)	484
Fatalismo (o)	648
Fogão (o)	365
Frades (os) de sabugo	557
Frades (os) que se regalem!	417
Fundador (o) e o conquistador	241
Gallinha (a) cega	166
Gallinha (a) e os patinhos	351
Gallo (o) e o pavão	85
Gallo (o) e a raposa	398
Gallo (o) fanfarrão	423
Gamão (o)	688
Gamella (a)	46
Ganso (o)	230
Gato (o) e a rata velha	141
Gato (o) e o espelho	91
Gato (o) e os ratos	760
Gigante (o) anão	801
Gralha (a)	160
Gralha (a) depennada	653
Grande (a) razão	422
Grillo (o) e o rouxinol	111
Guitas (as)	540
Habito (o) e o monge	790
Hera (a) e o tumilho	229
Hercules e Juno	238
Historia da machadinha	701
Homem (o) e a cegonha	549
Homem (o) e a mula	129
Homem (o) e a raposa	443
Homem (o) e as moscas	490
Homem (o) e os animaes	152
Hortelão (o)	432
Hortelão (o) e os caçadores	23
Idolo (o) e o cão venerador	426
Imitação (a)	707
Inspector (o) dos incendios	822
Inundação (a)	65
Jantar (o) e o cosinheiro	710
Jardineiro (o) e as flores	747
Jardineiro (o) e os caracoes	42
Javardo (o) e os passarinhos	81
Jogadores (os)	756
Jogo (o)	77
Juiz (o) *ad hoc*	282
Juizos (os) oppostos	813
Jupiter e Apollo	148
Ladrões (os) e o burro	358
Lagarta (a) e o bicho da seda	267
Lavrador (o) e o filho	712
Leão (o) com a albarda do burro	313

FABULAS	PAG.
Leão (o) doente e a raposa	678
Leão (o) e o burro á caça	12
Leão (o) e o homem	186
Leão (o) e o moscardo	105
Leão (o) e o mosquito	90
Leão (o) e o rato	690
Leão (o) indo para a guerra	727
Leão (o) moribundo	17
Leão (o) o lobo e a raposa	7
Lebre (a)	58
Lebre (a) e a tartaruga	433
Leiteira (a) e a bilha do leite	531
Leoa (a) e a coelha	289
Leopordo (o) e o macaco	516
Livros (os) truncados	491
Lobo (o) a raposa e o urso	693
Lobo (o) e a cegonha	13
Lobo (o) e a velha	120
Lobo (o) e a viola	168
Lobo (o) e o cão	283
Lobo (o) e o cordeiro	10
Lobo (o) e o homem	300
Lobo (o) e o homem	625
Lobo (o) e os pastores	487
Lobo (o) feito pastor	115
Lobo (o) moribundo	72
Macaca (a) e o filho	635
Macaco (o) e a lanterna magica	498
Macaco (o) e o escravo	764
Macaco (o) e o golfinho	27
Macho (o) fidalgo	471
Macieira (a) brava	112
Manteiga (a) e a margazina	158
Manto (o) do santo	108
Mar (o) e o naufrago	109
Maré (a)	177
Má visinha (a)	410
Medalha (a)	771
Membros (os) e o estomago	623
Menina (a) e a abelha	584
Mestre (o) de dança	700
Meu (o) e o nosso	551
Milão de Crotona	631
Milhafre (o) e o rouxinol	167
Mocho (o) e a lagarta	741
Mocho (o) e o sapo	590
Morcego (o)	633
Mosca (a) e formiga	667
Mosca (a) e a mula	383
Mosca (a) e o veado	475
Mulato (o)	697
Mutua (a) apresentação	249
Nabos (os) e os grelos	430
Nariz (o) curado	455
Naufragio (o)	404
Nivel (o) differente	805
Noivo (o) e as duas noivas	601
Nuvem (a)	408
Oculos (os)	175
Odres (os) de vinho e os odres de agua	768
Oiro (o) e o cobre	199
Olhos (os) do dono	555
Opinião (a) publica	479
Orelhas (as) da lebre	819
Organista (o) e o sacristão	826
Ostra (a) e os dois rapazes	406
Ovelha (a)	133
Ovelha (a) e o passarinho	103
Ovo (o)	439
Pardaes (os)	390
Pardal (o) prudente	127

FABULAS	PAG.
Pastor (o) e o mar	20
Pastor (o) e o milhafre	614
Pastor (o) e o rouxinol	179
Pastor (o) e os passarinhos	354
Pastor (o), o lobo, o burro e a raposa	104
Pastores (os) e os lobos	16
Pato (o)	118
Pavão (o) e Juno	674
Pavão (o) e o corvo	251
Pavão (o) os perus e o gato	101
Pêga (a) e a rola	346
Peixes (os) e o corvo marinho	626
Perola (a)	525
Pesames (os)	393
Pescador (o) e o peixinho	725
Philosopho (o) e o mocho	76
Pinheiro (o) e a cunha	666
Pintaroxo (o)	579
Pintor (o) e o sapateiro	750
Pintor (o) e os miolos	788
Poeta (o) e o critico	530
Pomba (a) e a formiga	592
Porco (o) e o carvalho	143
Prégo (o) e o parafuso	476
Premios (os)	341
Presos (os) innocentes	318
Preta (a) bonita	786
Pretendente (o)	420
Proprietario (o) e o proletario	774
Protecção (a) do marquez	781
Protesto (o)	264
Queda (a)	676
Questão (a) da precedencia entre os animaes	93
Rã (a) e o toiro	59
Rãs (as)	136
Rachador (o) e Mercurio	32
Raposa (a)	427
Raposa (a) côta	322
Raposa (a) e a cegonha	374
Raposa (a) e as sarças	446
Raposa (a) e as uvas	794
Raposa (a) e o bode	123
Raposa (a) e o leão	208
Raposa (a) e o lobacho	192
Raposa (a) e o lobo	379
Raposa (a) e o lynce	194
Raposa (a) e o veado	62
Raposa (a) e o macaco	67
Raposa (a) moribunda	349
Rato (o) e a ostra	320
Rato (o) e o elephante	522
Rato (o), o gato, o gallo e a rata velha	195
Ratos (os) e as doninhas	335
Rebanho (o)	460
Rebanho (o) e o lobo	807
Regato (o)	672
Relogio (o) de parede	279
Remedio (o)	560
Responsabilidade (a)	276
Rio (o) e o dique	183
Rosa (a) e o monturo	207
Rouxinol (o) e a cotovia	442
Rouxinol (o) e o beijaflor	205
Rouxinol (o) e o milhafre	344
Saber (o)	733
Santo (o) e o frade	225
Santo (o) na aldeia	173
Sapo (o) e o pyrilampo	6
Satyro (o) e o viajante	685
Sciencia (a) e a experiencia	620
Serpente (a) e a creança	233
Serpente (a) e a lima	36
Serpente (a) e as rãs	682
Serra (a)	243
Sês (os)	569

FABULAS	PAG.
Sino (o) e a sineta.....	376
Sol (o) e o homem	125
Solitario (o) e o idiota..	534
Sorte (a)	500
Tempos (os) e os costumes	231
Toiro (o) e o veado	578
Toiro (o) e o vitello	182
Torrente (a) e o rio.....	170
Tótós (os)	795
Tres (os) avisos.....	526
Tres (os) desejos.....	505
Tres (as) leituras.....	567
Urso (o).....	780
Urso (o) civilisador.....	55
Urso (o) e o macaco....	53
Urso (o), o macaco e o burro.	328
Urso (o) e os dois caçadores	444
Valor (o) das cousas....	605
Valor (o) do saber	595
Velha (a) e a gallinha...	299
Velhice (a) e a mocidade	710
Velho (o) e o burro.....	340
Velho (o) e os tres rapazes	615
Velho (o) e seus filhos..	30
Verdade (a) e a fabula..	1
Verdadeiras (as) economias.....	359
Verdadeiro (o) thesouro.	638
Zangãos (os).....	436
Zangãos (os) e as abelhas	600

NOTAS AO FABULARIO

(1) **FABULA 1.ª**

Valemos
Quanto par'cemos

O dictado diz muito bem: — O habito não faz o monge; — porém não é menos justo o outro—Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.—Julgamos pelas apparencias, ás vezes forçadamente, por não termos vagar ou interesse ou ainda possibilidade de julgar de outro modo. Se vejo um homem de maneiras delicadas e bem trajado, infiro que teve boa educação e que tem meios. Devo porém tomar informações a seu respeito, se quizer conviver ou travar com elle relações intimas.

(2) Depois de assim revestida

V. D.Francisco Manuel de Mello, *Carta de guia de casados;* onde um marido diz ironicamente a sua mulher muito casquilha, que até a respeita quando a vê não só vestida, senão *reveslida.*

V. fabulas 11.ª, 14.ª, 15.ª, 352.ª ... e notas respectivas.

(3) **FABULA 2.ª**

V. introducção, ácerca dos assumptos das fabulas.

V. fabula 3.ª, 97.ª, 136.ª, 301.ª, 327.ª, 353.ª ... e notas respectivas.

(4) **FABULA 4.ª**

O assumpto d'esta fabula é tirado d'um *fabliau* francez que li em uma nota á fabula correspondente de La Fontaine e, a meu ver, com razão, alli preferido ao que adoptou o grande fabulista. Em ambos elles, porém, o egoismo do leão é demasiadamente calvo: raro se apresentará assim. Preferi que aproveitasse a tangente lembrada pela raposa.

V. fabulas 9.ª, 43.ª, 67.ª, 85.ª, 267.ª, 294.ª ... e notas respectivas.

(5) **FABULA 5.ª**

Culpas não ter
No cartorio,
E morre sem oratorio.

Nem todos saberão que se trata do cartorio do escrivão que declarava, quando alguem queria mostrar-se livre de culpas, se o requerente tinha ou não algum processo crime por concluir no seu cartorio. Hoje pedem-se certidões do registo criminal.

O *oratorio* era ainda mais serio. Os condemnados á pena de morte passavam os seus tres ultimos dias *de oratorio*, isto é, preparando-se com as consolações e auxilios religiosos para a terrivel jornada.

Aqui o que se quer dizer é—condemnado sem ser ouvido e executado immediatamente.

(6) La Fontaine diz nesta fabula— *La raison du plus fort est toujours la meilleure:* deve entender-se que mal se póde resistir ao mais forte embora lhe falte razão? ou quiz o auctor fallar ironicamente? Procurei ser mais claro—Fuja o innocente do malvado com quem não poder luctar.

O lobo esforça-se por mostrar ter uma tal ou qual razão que o auctoriza a vingar-se. Nisto a presente fabula é muito verdadeira: até os peiores procuram illudir a propria consciencia. Byron faz dizer ao seu Manfredo: «Cheguei a ponto de não justificar as minhas acções aos meus proprios olhos, ultima depravação da maldade!»

V. fabula 7.ª, 39.ª, 138.ª ... e notas respectivas.

(7) **FABULA 7.ª**

Deixe-o ficar, que está bem.

Esta moralidade pode á primeira vista parecer *crua:* porém attenda-se a que se trata aqui de representar um malvado empedernido. Os outros animaes bem o conheciam e, porisso, o abandonavam. A cegonha acudiu-lhe com esperança na recompensa e ia levando pago bem merecido. Somos os carrascos de muitos entes nocivos ou ainda levemente incommodos. Não o sejamos de nossos semelhantes; mas não temos o direito de praticar a caridade com prejuizo alheio. Quem, reflectindo, iria coadjuvar a fuga de um Diogo Alves?

V. fabula 5.ª, 22.ª, 39.ª ... e notas respectivas.

(8) **FABULA 8.ª**

Soltava deixando o mundo...

Os poetas da antiguidade, pelo menos alguns, diziam que o cysne sentindo chegar a morte soltava um canto melodioso: d'ahi o—«derradeiro canto do cysne.» Digo alguns, pois vejo em Virgilio (Eneida I, 139) cysnes cantarem sem ser *in extremis.*

(9) Seu triste rondó final.

O rondó (com licença de quem sabe musica) parece ser —uma aria na qual ha duas ou tres repetições, depois de cada uma das quaes recomeça a primeira, que sempre termina a aria. Dou-o como o li. Se me fiz perceber, confesso que eu não percebo. É *final* quando a *dama* (não sei se os gatãs tambem cantam *rondós;* julgo que não, nunca tal ouvi) o canta no fim da opera, qual o cysne no fim da vida. Assim tenho ouvido chamar a ultima e magnifica aria da Lucrecia Borgia e outras, e nesse sentido é aqui tomado.

(10) Tem *muitas vezes* valor

Nem sempre infelizmente. Porisso se diz: «Quem faz festa a gallegos....» Pessoas ha a quem boas razões não convencem nem boas maneiras captivam.

V fabulas 1.ª, 109.ª, 183.ª, 225.ª, 259.ª, 323.ª, 350.ª ... e notas respectivas.

(11) **FABULA 10.ª**

Vinham, letras protestadas,
Exigir o pagamento

Li este pensamento na historia da revolução franceza escripta pelo inglez Carlisle. Nenhuma outra me tem satisfeito tanto, por sua imparcialidade e bom-senso.

(12) Sempre leão.

Vespasiano dizia que «um imerador deve morrer em pé.» (Suetonio, Duod. Caes. XXIV.)

(13) Em memoria da caçada.

Allude á fabula 4.ª

(14) (Era urso e *doutrinario*)

Como em mais occasiões tem de figurar nas presentes fabulas esta peste social, que é para a politica o que a hypocrisia para a verdadeira religião; fallarei d'ella aqui mais detidamente, citando depois esta nota cada vez que for necessario.

Doutrinarios (do francez *doctrinaires*) são os adeptos de um systema politico nascido nos primeiros annos da restauração em França; o qual, rejeitando o principio do direito divino dos reis e o da soberania absoluta dos povos, lhes substitue a soberania da razão, unico legislador verdadeiro da humanidade. Teve chefes illustres taes como Royer Collard, Maine de Biran... Nada ha mais rasoavel do que tal doutrina, e nada mais santo do que os principios da Religião Christã. Todavia esta serviu muita vez de capa a tartufos e malvados; e aquella aos astutos, egoistas e pedantes. Já Remusat, que fóra da seita, dizia: «*doctrinaire être abstrait et insolent.*» (V. *Revue politique et littéraire*, de 22 de março de 1884.)

Outro auctor francez disse d'elles que «não mettiam a doutrina no seu procedimento, porém este na doutrina.»

Foram preponderantes no reinado de Luiz Filippe, e cavaram-lhe a ruina.

(15) **FABULA 11.ª**

Que me parece melhor.

Grande differença, no meu entender, ha entre—pobre—e—miseravel;—termos que na linguagem commum muitas vezes se confundem. O miseravel é pobre: mas nem todo o pobre é miseravel.

O ser pobre depende até certo ponto da posição social, da educação do individuo, e de necessidades facticias. Neste sentido todos são mais ou menos pobres. A miseria é a falta dos meios indispensaveis para se viver, ainda na posição mais infima. Parece-me pois que rasoavelmente a significação da palavra se póde subdividir nas de—remediado—e—miseravel.

(16) Pois menos que elles não valho

Esta philaucia tem causado a desgraça de muita gente, que imagina valer muito mais do que de ordinario vale.

V. fabulas 12.ª, 58.ª, 149.ª, 175.ª, 211.ª, 295.ª ... e notas respectivas.

(17) **FABULA 12.ª**

Para os figos afogar

Antigamente não se bebia café nem chá ao almoço, e em muitas terras ainda se não bebe.

Conta Garcia de Resende (*Chro. de D. João II* cap. 46) que o Duque de Bragança, degolado em Evora em 1483, almoçou no dia da execução uns figos lampos e uma vez de vinho.

(18) **FABULA 14.ª**

Segundo Plinio os golfinhos...

Eram crenças d'aquelles tempos e Plinio se refire a ellas. (*Hist. Nat.* IX, 8). Citei-o, como o fazia um celebre professor de

materia medica, dizendo: «Segundo Plinio, o mel é doce» e accrescentava: «Passemos á prova,» mandando correr uma tigela com mel pelos bancos dos estudantes, os quaes, já se sabe, molhavam todos o dedinho. A mania dos antigos de citarem auctores tocava as raias do ridiculo; e fez dizer a alguem que «era preciso ser muito erudito para escrever tão mal.»—Hoje recrudesceu tolamente a mania do *francíú* para, como disse Diniz no *Hysope*,

«Mostrar ao mundo que francez sabemos.»

(19) Por não ficar ás escuras.

Contrapuz a escarnada realidade á poesia antiga. Dos golfinhos e d'outros cetaceos, bem como de alguns peixes, se extrahe uma gordura a que chamam—azeite de peixe—. Serviu e ainda serve em alguns paizes para alumiar. Lembro-me de assim ter sido feita, em tempo, a illuminação de Lisboa, que no seu genero era então das melhores na Europa.

(20) Descendemos de Theseu.

Theseu foi o fundador do estado de Athenas, reunindo differentes tribus. Nelle buscava origem, verdadeira ou não, a mais antiga nobreza d'aquella republica.

Aproveito a occasião para recommendar a leitura da excellente obra de Fustel de Coulanges—*La cité antique*.

(21) O que me diz do Pireu?

Pireu, porto muito afamado de Athenas a 8 kilometros da cidade e a esta reunido por duas muralhas, uma d'ellas obra de Temistocles, e a outra de Pericles.

(22) E não morrem afogados?

Diz o auctor do *Hysope* fallando d'um tolo prudente:

Se não sabe fallar, sabe calar-se...

V. fabulas 15.ª, 18.ª, 59.ª, 80.ª, 92.ª, 356.ª ... e notas respectivas.

(23) **FABULA 15.ª**

Que estes tem mais os jumentos.

Não é minha intenção mostrar desprezo pelos camelos ou jumentos, e ainda menos por aquelles que, faltos de intelligencia, lhes são muitas vezes comparados. O fim d'esta fabula é avisar os incautos, para que observem bem antes de declarar um portento quem não passa d'um paspalhão.

V. fabulas 14.ª, 18.ª, 90.ª, 164.ª, 234.ª, 278.ª, 356.ª ... e notas respectivas.

(24) **FABULA 16.ª**

Apenas se desatou.

A união faz a força. A *associação*, cujos effeitos são já maravilhosos, ha de transformar a humanidade.

V. fabulas 133.ª, 359.ª ... e notas respectivas.

(25) **FABULA 18.ª**

Se martyr, se confessor...

Martyr foi quem soffreu a morte pela fé, *confessor* quem publicamente a confessou sem, por esse motivo morrer. Todo o martyr foi confessor: mas nem todo o confessor teve a palma do martyrio.

(26) Ora queima
O que adorou...

Allude ás palavras de S. Remy (Remigio) quando baptizou Clovis rei dos Francos.

Nesta fabula não se criticam tanto os parvos vaidosos como aquelles que os levam a pensar que tem valor, pelas grandes zumbaias que lhes fazem.

V. fabulas 14.ª, 15.ª, 29.ª, 92.ª, 103.ª, 120.ª, 125.ª, 129.ª, 154.ª, 164.ª, 177.ª, 181.ª, 222.ª, 253.ª, 356.ª ... e notas respectivas.

(27) **FABULA 19.ª**

De sujar com a immunda baba.

O homem de bem nem sempre póde ter tempo ou occasião de se justificar, nem a fortuna de ser a sua justificação lida ou ouvida por quem antes leu ou ouviu a calumnia. E o peior é que sempre se dá mais credito ao mal do que ao bem.

V. fabulas 122.ª, 138.ª, 214.ª, 268.ª ... e notas respectivas.

(28) **FABULA 20.ª**

No ventre de seus juizes...

Antigamente até queimavam os corpos dos suppliciados e lançavam as cinzas ao vento ou ao mar. Ás vezes, arrasavam as casas, lavravam o chão e salgavam-o, para que nem herva alli crescece. Não deixavam tambem de sequestrar-lhes os bens, ficando as familias na miseria e infamadas. Lá iam pois, senão os corpos, os bens para o ventre dos denunciantes, dos governos, etc.

(29) Por modelo.

O camelo, nesta fabula, representa o legislador que demasiadas vezes, naquelles tempos de muito boa fé, julgava que injustiças e atrocidades podiam abrandar a colera divina. Aqui não se critica tanto o camelo ou os seus imitadores, como se apontam os desvarios, filhos das crenças de então.

V. fabulas 52.ª, 117.ª, 151.ª, 231.ª ... e notas respectivas.

(30) **FABULA 21.ª**

Como ficou o cordeiro.

Assim necessariamente deve ser aos olhos de quem acredita numa Providencia infinitamente justa e sabia. Com taes idéas se deviam educar as creanças e nunca com terrores, não só irracionaes, mas até damnosos, pois lhes deixam no espirito vestigios fataes e indeleveis.

V. fabulas 246.ª, 292.ª 232ª ... e notas respectivas.

(31) **FABULA 22.ª**

Dos nocturnos ratoneiros.

Caracoes, lesmas e quejandos, de noite é que procuram o seu pasto.

(32) Para o quintal do vizinho.

O chamado—bom coração—é bastas vezes, posto que inconscientemente,—rematado egoismo.—Não lhe podemos dar ouvidos á custa alheia.
V. fabulas 7.ª, 90.ª, 133.ª, 146.ª ... e notas respectivas.

(33) **FABULA 24.ª**

Dá no chão com o proprio peso.

Nem sempre é assim. Alcançada a posição, ha quem nella se sustente apesar do seu pouco merito. Lembra o dictado — quem não tem letras tem trêtas;—o que, se não é muito louvavel, não deixa de servir.

(34) **FABULA 25.ª**

Revirou
O coração

Bello dito de Garret no seu—Alfageme de Santarem.

(35) **FABULA 26.ª**

Não ousou
Além passar.

Crença poetica e popular, de que o arminho prefere o deixar-se apanhar pelo caçador ao sujar-se na lama.

(36) Não passa um homem honrado.

E dizem os *porcos*, os tartufos, os traficantes: «A culpa é d'elle; porque não se sujeita?»—«Porque não posso»: responde elle, qual o arminho, «porque não nasci porco...» e morre. O que os *taes* muitas vezes estimam, pois dava *mau* exemplo e era a condemnação viva do proceder d'elles.

V. fabulas 143.ª, 341.ª . . e notas respectivas.

(37) **FABULA 27.ª**

Não approvo a philosophia do macho. Sou fraco admirador da resignação das victimas da injustiça e da espoliação. Isso querem os malvados: «soffra,» e até, «vá-se calando em quanto não lhe vem peior.»

Victimas houve brutaes
Que assassino lhe chamaram!

Diz Béranger numa das suas cantigas—*Complainte sur la mort de Trestaillon*. O macho apanhou bem, porque se metteu a taralhão.

V. fabulas 18.ª, 32.ª, 135.ª, 220.ª e notas respectivas.

(38) **FABULA 28.ª**

«Não quizeram fazer de urso»

Dizia-se no meu tempo em Coimbra—fazer de urso—figurar, v. g., no dia da distribuição de premios. (V. Cabologia). Aqui é tomado no sentido de—fazer triste figura.

(39) Quantas vezes com razão?

E quantas sem ella! O melhor argumento produzido contra os concursos é, para mim, uma razão irrespondivel a favor d'elles. Se um ministro vai escolher o ultimo classificado, a quem nomearia elle se não houvesse concurso? Ao menos nomeou um homem legalmente habilitado. Devemo'-nos lembrar tambem de que os concursos são obra do poder executivo, que lançou mão d'elles para se livrar, até certo ponto, das pressões inattendiveis de partidarios.

(40) E... d'isto não direi mais.

Pois podia dizer; mas levava muito tempo. Uma epocha não é mais do que a *carriça* das epochas anteriores. Um grande homem na sciencia ou nas artes é qual a flor que não existiria sem a obscura raiz, o caule e as demais partes da planta. A carriça é ridicula, porque imaginou que uma aguia não podia ter voado mais do que ella; mas é facto que lhe excedeu o vôo as taes dezenas de palmos.

V. fabulas 316.ª, 314.ª, 329.ª ... e notas respectivas.

(41) **FABULA 30.ª**

Como as maiorias vão.

Fallo das maiorias em geral.

(42) Vejam bem este *entrechat;*

Figura das contradanças chamadas *francezas,* muito usadas no meu tempo de rapaz, e mais difficil que o *balancé.* Dava-se um salto e, no seu intervallo, cruzavam-se os pés uma ou mais vezes, segundo a mestria do dançante.

(43) No que muito mal fazia.

Péssimo costume de ruins professores e que póde produzir nos discipulos ou o desalento ou a indignação contra o mestre, e portanto a má vontade ao estudo.

(44) Concluem que o mestre é fraco.

Conclusão tantas vezes tirada pelas familias. — O menino tem talento (isto sempre): se, pois, não apprende quando o filho de fulano (muito menos talentoso) está adeantado, a culpa é do mestre... E se o filho de fulano anda no mesmo mestre, o mau resultado provém de este se interessar mais por elle etc.

Isto tudo é decidido pela familia perante o menino!!

(45) Alumno
De mações.

Quando se quer dar cabo d'um cão, diz-se que está damnado. Quando se quer perder alguem, attribuem-se-lhe

todos os defeitos—é isto, é aquillo—e principalmente é um *nome* a que a maior parte da gente não sabe dar sentido e, porisso, o resumo de toda a perversidade. Segue-se, como nesta fabula se diz, dar cresta ao que elle tem e tirar-lhe a vida. Se não (hoje) a ferro e a fogo, com a calumnia e a fóme.

(46) Dote que bem poucos tem.

Pouquissimos. Vale mais saber ensinar pouco, do que ter muita sciencia sem a poder communicar a ninguem.

(47) Mas fica sempre *gentio*.

Os grandes defeitos dos systemas de ensino são, em geral, considerar todos como capazes de apprender e de ensinar. Contam sempre com boa terra e bom lavrador, e. . perdem as sementes e o tempo. «Em muitos casos, diz um auctor inglez, «a eschola compõe-se d'um individuo que não sabe, ensinando a outros incapazes de saber.» Demais, que triste sorte não tem geralmente os professores a quem regateiam o pão, ou negam perante os discipulos a consideração indispensavel!

V. fabula 168.ª, 230.ª . . e notas respectivas.

(48) **FABULA 31.ª**

A ponto de sossobrar.

Crenças populares. A primeira póde provir de o leão, quando entra de noite nalguma aldêa, se assustar com o ruido de tal sentinella; a segunda, do elephante não gostar de companhia pouco limpa mesmo para elle.

V. fabula 177.ª e nota respectiva.

(49) **FABULA 32.ª**

Diz-lhes que busquem palhinhas

Preferi que a rã se fizesse ajudar das outras (que figuram como sociedade de mutua admiração); porque não percebo como, á força de se encher de vento, ella podesse rebentar.

Quem sendo do tammanho da rã quer chegar ao d'um

toiro, é louco; quem procura honradamente elevar-se, tem brio.

V. fabulas 27.ª, 72.ª, 84.ª, 154.ª, 220.ª, 294.ª ... e notas respectivas.

(50) **FABULA 33.ª**

É o que se vê todos os dias, mórmente em politica; e cada um fica muito satisfeito vendo o outro sujo, sem attender ao estado indecente em que elle ficou tambem.

V. fabula 77.ª ... e notas respectivas.

(51) **FABULA 34.ª**

Tenho eu as forças d'um cão?...

Não por certo, se este fôr dos de gado ou de caça; porém sim, se fôr qualquer *tótó*. A raposa é covarde e desculpa-se com as suas poucas forças. Menores são as do gallo, e ninguem o accusa de covardia.

(52) De educações anteriores.

Herdamos, pelo sangue, o bom de nossos antepassados e tambem o mau. Veja-se a grande obra de Gustave Lebon— *L'homme et les societés;* porém não se adoptem algumas conclusões desanimadoras que elle tira, sem as poder demonstrar, valha a verdade.

(53) Sendo má a educação.

A boa póde muito, porém não tudo: mais póde infelizmente a educação ruim.

V. fabulas 62.ª, 166.ª, 167.ª, 251.ª, 314.ª, ... e notas respectivas.

(54) **FABULA 35.ª**

A quizerem applicar.

Uma lei é qual receita de medico — má ou boa, segundo fôr applicada.

V. fabulas 30.ª, 230.ª ... e notas respectivas.

(55) **FABULA 37.ª**

Aos homens deu
Sombra e fructo...

Sombra ainda elles dão hoje: fructo é sabido que o deram aos homens primitivos; e felizes dos que não o obtiveram peior.

(56) Que era tão grande o carvalho.

Depois da perda é que se avalia a falta. Reconhece-se o merito quando acabam as rivalidades e as paixões mesquinhas.

V. fabulas 174.ª, 341.ª ... e notas respectivas.

(57) **FABULA 38.ª**

De thesouros enterrados.

A mythologia e as historias da edade media estão cheias d'estes bicharôcos. Seriam elles sómente filhos da imaginação dos povos, ou viriam por tradição d'aquelles animaes chamados ante-diluvianos, que de certo não se extinguiram repentinamente?...

(58) (Muito embora talentosas)

O talento não é tão commum como muita gente suppõe; nem é preciso que o seja e nem infelizmente sempre o acompanha o senso commum. O talento resulta de uma faculdade intellectual exagerada, não raro á custa das outras. O grande erro é imaginar que quem tem talento para uma cousa é apto para todas.

V. fabulas 88.ª, 169.ª, 202.ª, 205.ª, 300.ª ... e notas respectivas.

(59) **FABULA 39.ª**

Esta fabula é o complemento das fabulas 5.ª e 7.ª

O malvado ainda á hora da morte achava virtude o não ter podido praticar o mal.

V. fabulas 5.ª, 7.ª, 167.ª, 251.ª .... e notas respectivas.

(60) **FABULA 40.ª**

Admira, e busca imital-a.

V. Proverbios de Salomão, cap. VI, vv. 6 e 8.

(61) O que soube assim
Ganhar.

Esta doutrina não está em contradicção com a da fabula 281.ª Uma cousa é entreter-se procurando ainda ser util, outra é sem necessidade e sobre-posse procurar o lucro.

(62) Que muitas vezes sai cara.

As leis, bem como os preceitos medicos, estão patentesa todos; porém, quem não sabendo direito nem medicina os quizer applicar a si, ha de pagar caro tammanha imprudencia.

V. fabulas 82.ª, 149.ª, 211.ª, 233.ª, 289.ª ... e notas respectivas.

(63) **FABULA 41.ª**

Depois da eschola queimada,
Onde ensinava a verdade.

A quantos não tem isto acontecido? Rara será a verdade que não tenha custado sangue.

(64) Não lhe poupando bicada.

Os mochos são o alvo da troça dos passarinhos, quando estes os apanham de dia: porisso os passarinheiros ás vezes servem-se d'elles para chamarizes cercando-os de ramos envisgados.

Não é menos notavel a fuga do milhafre deante da chiadeira das andorinhas, explicada no mytho de Tereu (o milhafre) Progne (a andorinha) e Philomela (o rouxinol.)

(65) **FABULA 42.ª**

Marcavam os padre-nossos.

Jogar a padre-nossos quer dizer—não jogar a dinheiro. Nicolão Tolentino diz:

Vem e traze o teu baralho,
Ministro dos meus destroços;
Farei do vicio virtude
Apontando a padre-nossos.

(66) Mas é um parvo chapado

Nisto, como em muitas outras cousas, são mais os que se fingem parvos do que os que o são na realidade.
V. fabulas 131.ª, 158.ª, 160.ª, 218.ª, 337.ª, ... e notas respectivas.

(67) **FABULA 43.ª**

O ditado é bom: mas não deve ser seguido imprudentemente, e muito menos á custa ou com perigo d'outrem.

(68) Fizeram sem dó ao povo.

Ninguem póde negar que houvesse e haja ainda hoje injustiças que reclamem remedio; mas d'ahi ás utopias mais ou menos sinceras dos communistas vai longe.

(69) Inda em cima diz mal d'ella.

—Chama-lh'o antes que t'o chame—é manha velha, e meio de muito tratante limpar a sua consciencia e a sua reputação aos olhos dos parvos.
V. fabulas 4.ª, 9.ª, .ª, 67.ª, 89.ª, 123.ª, 179.ª ... e notas respectivas.

(70) **FABULA 45.ª**

Serve até para milagres.

Falla-se das offertas de cera feitas pelos devotos para commemorarem os beneficios recebidos de Deus ou dos santos. Alguns davam (ou ainda dão) o seu peso em cera; d'ahi o dito—deve pesar-se a cera—por—escapar d'algum grande perigo.

(71) No seu tempo, deleitavel.

Segundo Plinio, disse um celebre professor de materia medica (fab. 14.ª) «o mel é doce.»

(72) Voluntarios a cordel.

Durante as luctas politicas entre cabralistas e patuleias o governo mandava prender os individuos que recusavam alistar-se nos batalhões chamados—de voluntarios—, aos quaes o povo porisso chamava—a cordel.

(73) Que tenho de atordoar-te.

Atordoam ás abelhas com fumo quando se crestam as colmeias.

V. fabulas 76.ª, 122.ª, 124.ª, 163.ª, 279.ª, 285.ª, ... e notas respectivas.

(74) **FABULA 46.ª**

Não vaidoso;

O orgulho é o exagero do brio e funda-se, ou julga-se fundado, em merito real. A vaidade é uma especie de tolice, que torna ridiculo quem a tem, fundada em bugiarias; e, quando exagerada, apenas incommóda a quem a atura.

V. fabulas 18.ª, 24.ª, 61.ª, 84.ª, 120.ª, ... e notas respectivas.

(75) **FABULA 47.ª**

Gago que a valer ficasse.

Quem vive muito tempo num paiz adquire a pronuncia, a intoação, o *cantar* da falla do povo respectivo. Parece que tambem é possivel pegar-se o gaguejar nervoso.

(76) É fugir
De conviver...

Quem poder siga este systema. que é o mais prudente: nada se póde ganhar na companhia de ruins e de mal-creados senão, pelo menos, dissabores.

V. fabulas 67.ª, 85.ª, 105.ª, 109.ª, 110.ª, 123.ª, 183.ª, 192.ª, 245.ª, 259.ª, 267.ª, 308.ª ... e notas respectivas.

(77) **FABULA 48.ª**

Semelhante, mas em ponto menor e mais rapida, á das moscas no centro dos quartos.
V. fabulas 68.ª, 95.ª, 239.ª ... e notas respectivas.

(78) **FABULA 49.ª**

Poesia mal cosinhada.

Dito d'um philosopho inglez. A metaphysica, no sentido restricto e odioso do termo, reinou entre a classe scientifica, quando o espirito humano não tinha cousas mais serias em que se empregar, e emquanto a sciencia não assentou na experiencia.
V. fabulas 75.ª, 104.ª, 282.ª ... e notas respectivas.

(79) **FABULA 50.ª**

Como o latim é conciso!

Vide a admiração de Monsieur Jourdain na comedia do *Bourgeois Gentilhomme* com respeito á concisão da lingua turca.

(80) Quando trata do que é seu.

Diz o ditado—Mais sabe o tolo do seu, que o esperto do alheio.—Comtudo encontram-se homens que passam por habeis e não sabem cuidar do que é seu: porisso, não raro, os escolhem para governar o alheio!

(81) Julgavas de certo assim.

O criterio dos nossos julgamentos é geralmente a nossa utilidade, mais ou menos disfarçada ou cohonestada.
V. fabulas 106.ª, 216.ª, 345.ª... e notas respectivas.

(82) **FABULA 51.ª**

Perdida toda a energia.

Por mais que digam (e façam, infelizmente) a educação do

homem deve ser differente da educação da mulher. A elle pertencem a força, a energia, que em alguns casos terá de ser rude; a ella, a graça, a doçura e as virtudes domesticas.

A educação continuada em casa, depois que o homem chega á puberdade, é um veneno cujos effeitos são incuraveis. A educação espartana, modificada pelas conveniencias da sociedade moderna é a unica que convem ao homem. O mundo para lá caminha, mão grado dos que não o querem ver. A educação dos collegios, dos lyceus, das escolas industriaes (que se tornam cada vez mais necessarias) é d'isso prova irrefutavel. A familia tem mais, muito mais, deveres do que direitos; e estes quasi que se limitam a ella ser auxiliada pela sociedade na educação dos filhos, que, se lhes pertencem hoje, é como um deposito que tem de entregar ámanhã. A familia é o principio e um meio, não o fim, da sociedade. A raiz não é o fructo.

A quem nelle ha de viver
O mundo deve educar.

Accresce que uma educação, não direi perfeita, mas apenas sufficiente, torna-se cada vez mais difficil, ou impossivel numa familia; principiando pelos meios pecuniarios que exige.

V. fabulas 168.ª, 264.ª, 288.ª, 309.ª, 354.ª ... e notas respectivas.

(83) **FABULA 52.ª**

É a differença que se dá entre os calculos dos phenomenos provaveis, baseados em serias observações, para um ou dois dias, e os prognosticos das folhinhas, Bordas d'agua, etc.

Se podér de lá sahir.

Nada se perde se lá ficar: o peior é que muitos podem tambem cahir, se lhe seguirem as pégadas.

V. fabulas 161.ª, 210.ª ... e notas respectivas.

(84) **FABULA 53.ª**

Nada mais sensato do que a admiração pelas acções dos

grandes homens: nada mais parvo e desastroso do que a idolatria por elles, a ponto de ver sabedoria, grandeza, perfeição em tudo quanto diziam e faziam. Grandes homens disseram e fizeram grandissimos desacertos, alguns dos quaes lhes deram na cabeça ou, o que foi ainda peior, deram na cabeça dos outros. Não ha ninguem perfeito, nem totalmente imperfeito. Grandes genios tem dito e praticado enormes erros, quasi que instinctivamente; e do mesmo modo os parvos dizem e fazem ás vezes cousas de valor.—Enojam-me os adoradores de Gran'-Lamá. A auctoridade d'um grande homem ou d'um homem virtuoso nunca póde sanccionar uma parvoice ou uma acção má. Não approvo de modo algum o dito de Bossuet; quando lhe perguntaram se era licito a ecclesiasticos assistir a espectaculos, respondeu —«Ha grandes principios contra, e grandes exemplos a favor»!

V. fabulas 54.ª, 362.ª ... e notas respectivas.

(85) **FABULA 54.ª**

Ouvem-se a cada passo d'estas criticas aos homens de merito e até a nações. Vão esquadrinhar os defeitos que se exageram, e a sim servem de consolação a quem os tem, sem as virtudes e meritos que não querem ver. É o defeito contrario do apontado na fabula anterior. Póde-se escrever má prosa quando se é Virgilio, e maos versos quando se é Cicero; podem-se commetter erros quando, como a Inglaterra, se é uma grande nação. Evitem-se os defeitos e procure-se egualar o merito.

V. fabulas 97.ª, 239.ª, 266.ª ... e notas respectivas.

(86) **FABULA 55.ª**

Ainda quando nos pertença aproveitar os serviços alheios, não temos o direito de espesinhar a quem nol'os presta. Favores pedem-se, agradecem-se; mas não se exigem, nem a elles ha direito.

(87) **FABULA 56.ª**

Nunca sentimos tanto os males alheios como quando nos tocam, ou receiamos nos venham a tocar pela porta. A maior parte das vezes a compaixão nasce de pensarmos na possibilidade de que males eguaes nos podem acontecer, e que assim havemos de merecer a compaixão dos outros. Tanto isto é verdade que foi resumido no preceito moral e grande regra pratica de—Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.

(88) **FABULA 57.ª**

Não damos importancia ás cousas e ás pessoas senão quando nos podem ser uteis ou, ainda mais, nocivas. Convem nada desprezar e, quanto possivel em relação ás pessoas, não crear incompatibilidades futuras.

A facilidade de perderem a cabeça por qualquer vantagem que alcancem, é sestro dos insignificantes, a quem qualquer altura aonde subam dá vertigens.

(89) **FABULA 58.ª**

O bem e o mal são relativos. A saciedade faz-nos desprezar o bem que temos, e desejar outros maiores. A privação do bem é que nos dá a medida do seu valor.

V. fabulas 11.ª, 12.ª, 116.ª, 175.ª, 295.ª ... e notas respectivas.

(90) **FABULA 59.ª**

Faz lembrar aquelles de quem dizem que tem máu vinho. Eu digo *in vino veritas*.

V. fabula 90.ª ... e notas respectivas.

(91) **FABULA 60.ª**

Os *gostos* tem valor segundo as pessoas. Os sentidos dos rusticos são geralmente menos apurados que os dos ho-

mens cultos, quando estes não os tenham viciado com excessos.

V. fabulas 142.ª, 159.ª, 165.ª, 257.ª, 335.ª, 338.ª ... e notas respectivas.

(92) **FABULA 61.ª**

Ha gente que, á falta de merito proprio, procura identificar-se com um talento morto ou vivo, um personagem de quem se constituem sacerdotes. É tambem a explicação de certa idolatria de que se fallou na nota á fabula 53.ª

(93) **FABULA 62.ª**

A quadra popular diz:

Pilriteiro, dás pilritos;
Porque não dás coisa boa?
Cada qual dá o que póde
Segundo a sua pessoa.

Póde muito a educação, mas não tudo. Desenvolve, melhora os bons instinctos, attenua mas não póde destruir os ruins: não cria nada do nada; nem póde transformar completamente em uma só geração: ainda muito depois apparecem effeitos de atavismo.

V. fabulas 34.ª, 201.ª, 251.ª, 314.ª ... e notas respectivas.

(94) **FABULA 63.ª**

«O mundo é um palco» diz Shakspeare. Cada qual busque representar um papel, com tanto que possa represental-o bem. Grandes homens tem cahido quando o seu papel já era desnecessario, ou quando não o souberam adaptar ás circumstancias. Vide Napoleão 1.º.

V. fabula 234.ª, ... e notas respectivas.

(95) **FABULA 64.ª**

As sciencias dependem cada vez mais umas das outras. Para se conhecer bem um paiz ou uma lingua é preciso ter

algum conhecimento dos outros paizes e linguas. As sciencias porém tem-se subdividido por tal maneira que ninguem póde hoje ser encyclopedico. A maior parte dos homens mal tem tempo e intelligencia para apprender um modo de vida. Alguns mais favorecidos podem estudar bem uma sciencia e ter o indispensavel conhecimento das outras. Quem as quizer abranger todas dá em trapalhão ou louco.

V. fabulas 15.ª, 18.ª ... e notas respectivas.

(96) **FABULA 65.ª**

Deixa estar...

Ridiculo, quando não prejudicialissimo, o systema de metter medo a crianças, que ou ficam acanhadas ou perdem o respeito a quem assim as trata.

De cangalhas no nariz.

— Cangalhas — chamavam, (quando eu era menino), aos grandes oculos de latão ou prata.

Cartilha na esquerda mão

Cartilha, ou carta, era o abecedario.

Desculpe-me o leitor a *sympathia* que eu tenho pela palavra *esposa*, tão usada pelos que tem aspirações ao *high life* e ao *fino tracto*, outras expressões da mesma laia.

O lobo desculpa-se, como quasi todos o fazem desde Adão e Eva para cá. Nunca somos nem fomos parvos, os outros é que abusaram, etc.

V. fabulas 67.ª, 85.ª, 100.ª, 104.ª, 105.ª, 179.ª, 256.ª ... e notas respectivas.

(97) **FABULA 66.ª**

Ha muito valentão theorico.—«Eu no logar de fulano fazia... acontecia... Havia de ser comigo... etc.»

V. fabulas 134.ª, 147.ª, 197.ª, 224.ª, 346.ª ... e notas respectivas.

(98) **FABULA 67.ª**

É o fructo que sempre (ou quasi sempre) se tira de nos associarmos com gente pouco honesta. Nem aqui, nem nas fabulas—da raposa e do bode e—do corvo e da raposa, figura esta zombando depois das victimas, porque entendo que não é isso o que fazem os lisongeiros e intrujões. Não cahem nessa.

V. fabulas 105.ª, 179.ª, 192.ª, 256.ª ... e notas respectivas.

(99) **FABULA 68.ª**

Os antigos, como se sabe, tinham idéas as mais absurdas dos astros e até da terra. Mal sabiam elles que o homem havia de chegar aos conhecimentos que hoje tem sobre tal objecto. A resposta é a que o sol poderia ter dado naquelles tempos; e a que deve dar (se alguma) quem despreza a opinião dos parvos.

V. fabulas 95.ª, 159.ª, 180.ª, 239.ª, 266.ª, 335.ª, 338.ª ... e notas respectivas.

(100) **FABULA 69.ª**

Não ha carne sem osso, nem fructa sem caroço. A fructa boa é a que, além de muito poucos, tem os caroços pequenos; tratemos de a alcançar, e tambem carne com pouco osso. Não nos ceguemos com as apparencias. Debaixo das flores se esconde a serpente.

V. fabulas 11.ª, 59.ª, 90.ª, 234.ª, 285.ª ... e notas respectivas.

(101) **FABULA 70.ª**

Nem tudo ao mar nem tudo á terra. Postoque muitas vezes a fortuna ajude os audaciosos e que se diga com alguma razão—«Quem não se arriscou não perdeu nem ganhou—» muitos tambem são victimas da propria audacia. Do outro lado a demasiada prudencia, quando não chegue a tornar um homem demente, torna-o timido, acanhado e incapaz de fazer cousa que preste.

V. fabula 140.ª, ... e notas respectivas.

(102) **FABULA 71.ª**

Eu não fallo dos cordatos...

E quem póde fallar contra elles? Devemos ser justos para com os animaes; direi quasi, para com as cousas. A exageração e o sentimentalismo parvo é que são condemnaveis. Desprezar desgraçados para acudir a animaes, é peior do que abandonar os desvalidos que nos cercam para salvar os que nos dizem estão soffrendo na China ou, ainda, mais longe.

Não houve um, mas dois culpados.

Os animaes são capazes de ensino e ensinam-se como taes. Se os proprios criminosos e até os bebedos são doentes, na opinião de alguns sabios, tambem para essas doenças ha remedios, embora se não vendam nas boticas.

V. fabulas 227.ª, 244.ª, 254.ª, 293.ª, 360.ª ... e notas respectivas.

(103) **FABULA 72.ª**

Ninguem é para tudo. Cada qual que se contente de brilhar no que póde e não vá expôr-se a perder a boa opinião de que gosa, fazendo *fiasco*. O publico ha de sempre julgal-o pelo peior lado. Faça como o Jupiter da fabula. Quem mostra merito no desempenho d'um logar leva a crer que teria desempenhado bem qualquer outro.

V. fabula 32.ª, 63.ª, 79.ª, 220.ª, ... e notas respectivas.

(104) **FABULA 73.ª**

A natureza deu a cada um as armas necessarias para se conservar na batalha da vida. Usar d'ellas honestamente para sua defesa, se não é um dever, é pelo menos um direito incontestavel. Quem prefere soffrer, soffra, mas não se queixe.

V. fabulas 71.ª, 172.ª, 244.ª, 254.ª ... e notas respectivas.

(105) **FABULA 74.ª**

Cuja palavra era a lei.

É o raio o teu olhar,
Tua palavra é a lei:

Diz Lamartine no cantico da sagração de Carlos X. Não é meu intento censurar as mudanças de opinião politica de Lamartine, nem de qualquer outro poeta. São poetas, vêem e cantam o bello ou o sublime onde o encontram. Falta-me o espaço para dizer mais a tal respeito.

Não sendo nenhuma tola. ..

Esta rã foi typo, e ao depois o exemplo, dos que governaram ou ainda governam. O peior para elles tem sido que os demais tambem se vão chegando e abrindo os olhos. Os governos e as leis são *necessidades*, que vão diminuindo com a civilização dos povos.

Que reinava....

È a theoria, ou a ficção, base dos systemas constitucionaes.

V. fabulas 101.ª, 158.ª, 199.ª, 212.ª, 215.ª, 129.ª, 306.ª ... e notas respectivas.

(106) **FABULA 75.ª**

Deram vivas, deram palmas...

Quod volumus, facile credimus. Quem não tem visto homens sabios, intelligentes ... acreditarem, cegos pelo desejo, nos maiores disparates?

Só conheço os baptizados...

Dizia uma velha do meu tempo de rapaz: «Livre-me Deus dos demonios baptizados, que eu me livrarei dos do inferno.» Contava com as cruzes e com a agua benta, e contava bem.

V. fabulas 11.ª, 104.ª, 149.ª, 155.ª, 179.ª, 211.ª, 272.ª, 285.ª, 303.ª, 339.ª ... e notas respectivas.

(107) **FABULA 76.ª**

Ha gente que se julga tão justa, tão santa, tão perfeita, que tudo quanto faz ou que d'ella promana é uma benção para a humanidade, que lh'o deve agradecer.
V. fabulas 44.ª, 45.ª, 124.ª, 279.ª ... e notas respectivas.

(108) **FABULA 77.ª**

Ignorantes e patetas
E. demais a mais, velhacos.

Diz Nicolao Tolentino:

Se não és tolo és velhaco,
E talvez que sejas tudo.

Ha velhacos que não são tolos; porém raro será o tolo que não seja um tanto velhaco. É uma compensação, uma arma contra a intelligencia alheia que queira abusar.
V. fabula 33.ª... e notas respectivas.

(109) **FABULA 78.ª**

Pois que das cousas pequenas.

De minimis non curat Praetor.—Quem governa deve ter idéas vastas e generosas. Outros, governados por elle, que cuidem de cousas mais miudas, e assim até ás infimas. Um bom dono de casa deixa certos cuidados a sua mulher, a qual, se a familia é grande, escolhe a quem confie as minudencias. O *sino grande* não toca senão em occasiões solemnes.

(110) **FABULA 79.ª**

V. fabulas 32.ª, 63.ª, 72.ª, 220.ª, 234.ª ... e notas respectivas.

(111) **FABULA 80.ª**

A educação (não me canço de o dizer) póde muito; mas

não póde tudo, pelo menos numa só geração, e isto quer se trate de individuos quer de povos. Em todo o caso o que ella deve poder, se convenientemente dada, é o que se diz aqui do calhao. A sociedade interessa com o aperfeiçoamento de todos os seus membros; de alguns porém só póde conseguir que não se tornem ruins ou incommodos.

V. fabulas 51.ª, 62.ª, 98.ª, 107.ª, 132.ª, 168.ª, 201.ª, 251.ª, 264.ª, 288.ª, 309.ª, 314.ª, 321.ª ... e notas respectivas.

(112) **FABULA 81.ª**

Ninguem ha que faça falta.

Isto é verdade em absoluto. Ha quem faça falta, e muita falta, aos seus ou aos estranhos: não porem á sociedade ou á humanidade. O que elle deixou de fazer, outro ou outros o farão, se fôr necessario. Os destinos do mundo não podem depender da vida mais ou menos curta de um homem, nem da sua vontade; não podem soffrer porque o mataram, ou porque morreu de qualquer indigestão.

(113) **FABULA 82.ª**

Falla-se do homem em geral. Muito mais se podia dizer; mas não cabe aqui.

E não fôra decretado

Quer dizer que o homem tinha de viver.

O burro isto é o asno satisfeito com a sua perfeição; o urso, o feliz, o *gordo*, o bem enroupado sem merito; o porco, o sabujo, o sem senso moral, para quem todos os meios são bons; o macaco, o descarado, o sem brio, o saltimbanco, o galopim; a serpente, o covarde, o traiçoeiro, o calumniador, o hypocrita *et reliqua*: todos hão de ser vencidos pelo *homem*, isto é, pelo saber, pela justiça, pelo brio, pelo bem. Podem ainda muito, já poderam mais; mas hão de desapparecer de todo.

V. fabulas 99.ª, 127.ª, 141.ª, 202.ª, 281.ª, 289.ª, 292.ª, 334.ª 366.ª ... e notas respectivas.

(114) **FABULA 83.ª**

Com voz unctuosa e meiga.

Diz-se tom avinagrado o que é aspero, *cheio de fel*: parece, pois que a voz da manteiga deveria ser unctuosa e suave ou meiga.

Cada um tem direito a honradamente se fazer valer; mas não a servir-se dos outros para trepar, infamando-os não poucas vezes.

V. fabulas 84.ª, 345... e notas respectivas.

(115) **FABULA 84.ª**

—Quem o alheio veste na praça o despe—e pode ainda custar-lhe caro, ou porque julguem, sendo pensamento alheio, que os outros que apresenta são tambem roubados; ou porque, sendo caso mais serio, terá de pagar condemnação e custas. Não posso aqui alargar-me sobre a propriedade litteraria, para mim sagrada, se alguma o é: porém contra a qual parece haver não menos aversão do que contra a outra. Constando só na fórma que se dá a um pensamento (que sabe Deus d'onde vem), parece uma grande injustiça pôr-lhe restricções. Acho que os seus defensores não acertam quando a collocam na mesma linha que a propriedade artistica ou fórma material plastica; mas, como disse, não ha aqui logar para discutir.

V. fabulas 83.ª, 294.ª ... e notas respectivas.

(116) **FABULA 85.ª**

E seus tres pés de supporte

Assim ha ainda, e haverá, panellas de ferro pela provincia. Servem os pés de trempe e está sempre ao lume.

Por alli não haver tacho.

A rivalidade natural não se podia dar.

Cada qual com seus eguaes

Devemos *conviver* com os nossos eguaes; porém não ha inconveniente, antes será bom, que *vivamos* tambem com os que nos são um pouco inferiores, e um pouco superiores. Todos se hão de achar bem com isso. A regra da nossa conducta deve ser: urbanidade com os nossos inferiores, familiaridade moderada com os nossos eguaes, deferencia sem baixeza com os nossos superiores, justiça e respeito para todos: é fugir, quanto ser possa, de parvos e ruins.

V. fabulas 6.ª, 67.ª, 89.ª, 109.ª, 110.ª, 179.ª, 192.ª, 245.ª ... e notas respectivas.

(117) **FABULA 86.ª**

Pois um cão não é cadella

A colleira com prégos era uma novidade para o tal cão: tomando-a como moda nova de colleiras, dispensava-a, porisso que *modas* são mais proprias de senhoras (cadellas) do que de senhores (cães).

(118) **FABULA 87.ª**

Sem de nada aproveitar.

Ha homens essencialmente trabalhadores, dotados de memoria incrivel; porém com falta de critica, ou de espirito synthetico.

Póde dizer se que juntam muita materia prima, arrancando-a dos archivos; não fazem pouco, são utilissimos, embora não possam ir além. Dá-se assim uma divisão de trabalho, sem a qual pouco se póde caminhar, no estado em que se acha a enorme tarefa que o passado nos legou, e a que estamos preparando para o futuro.

(119) **FABULA 88.ª**

Não sei; mas vejo julgar...

Esse defeito parece-me filho do sentimento de harmonia. Por isso se julgam (e mal) os corações pelas caras. Affigu-

ra-se-nos que a um rosto formoso não podem corresponder sentimentos ruins. Se nisto nos enganamos, muito mais o fazemos, julgando que a uma aptidão correspondem todas. Algumas ha e não poucas que até excluem completamente outras. Demosthenes arrasta com a sua eloquencia os athenienses contra Philippe, e foge do campo de batalha em Coroneia *largando o escudo*, o que para os gregos era o cumulo da covardia. É sempre a—muita parra, pouca uva.

V. fabulas 38.ª, 103.ª, 162.ª, 169.ª, 202.ª, 205.ª, 300.ª, 339.ª ... e notas respectivas.

(120) **FABULA 89.ª**

De alcateia
.....
Que se o seu farnel deitasse...

Não será preciso advertir á maioria dos leitores que *alcateia* não significa sómente ajuntamento de lobos; mas sim explicar-lhes — *farnel* (de fardel, fardo) termo pouco usado em Lisboa, e que vai desapparecendo da nossa lingua á proporção que se multiplicam as boas hospedarias e os bufetes dos caminhos de ferro. É termo coévo do de—*estalagem*, onde primitivamente só se encontrava o abrigo; e de—*alforges*, nos quaes cada viajante levava os seus comestiveis, isto é, o seu farnel.

Tocar-lhes logo a viola

Gente ha a quem nada satisfaz: obtidos noventa e nove favores e recusado um, ficam furiosos como se todos lhes tivessem sido negados. São o tonel das Danaides; e porisso é livrarmo-nos d'elles e de prompto.

(121) **FABULA 90.ª**

Talvez por necessidade

Muitas vezes esta impelle o homem a fazer o que parece imprudencia a quem está fóra do perigo.

Bem nos póde metter medo

Ha doenças physicas e males moraes que se apresentam ás vezes com symptomas tão leves que até aos mais competentes enganam; e vice-versa.

Quanta vez...

Debaixo de ruim capa se esconde um bom bebedor, e raro será encontrar patife que não tenha modos delicados e insinuantes: são os seus meios de caber.

V. fabulas 11.ª, 75.ª, 94.ª, 104.ª 285.ª... e notas respectivas.

(122) **FABULA 91.ª**

Os tem havido

Assim o creio firmemente: alguns até os tenho conhecido. Os verdadeiros santos tem sido a honra da humanidade, combatendo e dando o seu sangue pela causa do progresso moral e intellectual.

Foi um tartufo com pranto

Li ha pouco um artigo muito interessante de mr. Coquelin *(Revue littéraire)* ácerca da celebre comedia. Pretende elle que Molière não quiz pintar um hypocrita; e faz a distinção entre este e o tartufo. Se entendi bem, hypocrita é aquelle que não acredita, mas para seus fins finge acreditar: tartufo o que acredita, mas a quem o egoismo ou ignorancia leva a crer numa certa religião que lhe é facil de cumprir e que, com sacrificios relativamente pequenos, lhe assegura o bem estar nesta vida, e na outra a felicidade eterna.

Os Phariseus, que prégavam a verdadeira doutrina (Evangelho de S. Mattheus, XXII 2.º e 3.º) tinham para seu uso proprio essa tal religião e eram tartufos. Lembram o—«il est avec le ciel des accommodements.» Vai-se peccando, vão se tomando as pilulas o mais douradas possivel. Sendo, como são, amigos de Deus, tem privilegios e desculpas, recusadas aos demais, por honrados que sejam, quando falham. Em todo o caso pensam nada ter a perder e tudo a ganhar. Se é verdade aquillo que acreditam, passaram bem neste mundo e melhor hão de passar no outro; se tudo é falso, ao menos

viveram bem cá na terra. Sancho Pança (quem tal diria!) era, segundo este systema, um grande tartufo. Não procurava nem queria saber se o seu amo estava ou não doido varrido: era seu amo... E lá ia vivendo á custa e á sombra d'elle, esperando apanhar mais cedo ou mais tarde o governo de alguma ilha. Assim aconteceu; mas foi o da Barataria. Os tartufos, pois, menos detestaveis que os hypocritas, são porém mais ridiculos, não deixando muitos de ser egoistas. Eis o que Molière, na opinião de mr. Coquelin, quiz, representar na sua comedia. Não sei se o comentador acertou: mas acho que apresenta um typo que em verdade existe e que muito differe do hypocrita; pois que, ou por ignorancia ou por cegueira, ha quem acredite que o céo (isto é, a *verdade*, transige e que podemos entrar em certos ajustes com elle.

(123) **FABULA 92.ª**

... O direito
Se deve olhar e o avesso

É o que ás vezes não faz, e muitas não quer fazer, a maior parte da gente. Casos ha em que não se póde: falta o interesse ou o vagar, e temos de nos contentar com o que vemos: isso porém não é julgar.

Por toda a gente gabado

Toda, é modo de fallar: mas de certo a maior parte da gente, que pelo motivo acima apontado — leviandade ou não ser capaz de ter opinião sua, julga como ouve julgar tanto em bem como em mal.

V. fabulas 14.ª, 15.ª, 104.ª ... e notas respectivas.

(124) **FABULA 93.ª**

Um parvo, um analphabeto,
Emfim ... um sandeu completo.

Fui-me sangrando em saude. Haverá quem seja tão parvo que faça o que este fez? Só não tendo mais intelligencia do que uma creancinha. Porém, quaes estas, são muitos homens; senão em tudo, em muitas cousas. Ás satyras como ás carica-

turas é permittido exaggerar para serem percebidas de todos. A applicação é verdadeira: parvos ha eguaes ao burro da fabula, que chegam a capacitar-se de que merecem o incenso que se queima ás reliquias; e que se estivessem em altas posições adquiriam *ipso facto* os meritos e virtudes que estas requerem: o mesmo direi eu de não poucos que já as occupam, e tanto basta.

V. fabula 18.ª ... e notas respectivas.

(125) **FABULA 94.ª**

A primeira vez que o mar

A muitos que nasceram á beira-mar talvez isto pareça estranho, não se lembrando de que ha milhões de individuos (alguns até na Europa) que nunca tiveram occasião ou desejo de ver o mar, e que mal formam idéa d'elle.

O rapaz, cheio de susto

Como era muito natural, vendo pela primeira vez o mar crescer sobre elle com ruido medonho.

O homem não ver
Não crer

Só cremos fundado aquillo que desejamos; isto na melhor boa fé e inda que vejamos evidentemente o contrario.

V. fabulas 104, 157 ... e notas respectivas.

(126) **FABULA 95.ª**

Perto do ninho pousado.

Parece que os rouxinoes machos não estão no chôco, porém cantam perto do ninho onde está a femea; quasi todos os passaros não domesticos só cantam durante a primavera.

Não percebes dos pardaes

É natural ás aves, cantarem quando ouvem o canto de outras, e até a falla humana. O rouxinol que não queria ser interrompido, e o pastor que gostava de o ouvir, attribuiam

a inveja o piar dos pardaes. Talvez esta não exista nos que tem dois pés e pennas, mas não succede outro tanto com os que não as tem: d'ahi a verdade da fabula.

(127) **FABULA 96.ª**

Por certo não és capaz

—Para quem é bacalhau basta—pensa muita gente quando se trata do proximo.—Não sabe o que é bom.—Resta porém indagar se é justo que não o saiba; e ainda mais se não é injustissimo impedil-o. Tivessem todos presentes sempre, que o bem que fazemos aos outros ainda aproveita mais a nós, ninguem pensava de tal modo.

V. fabulas 194.ª, 280.ª ... e notas respectivas.

(128) **FABULA 97.ª**

Ninguem póde louvar uma má acção ou erros commettidos ainda pelos maiores homens: mas indigna-nos quando vemos um miseravel, incapaz de entender o que é bello, criticar, qual papagaio, o que lhe disseram ser defeito.

V. fabulas 338.ª, 357.ª ... e notas respectivas.

(129) **FABULA 98.ª**

Sei perfeitamente que é preciso primeiro acudir ás consequencias do mal já feito; e ninguem póde deixar de louvar os esforços de quem o tenta e o consegue em parte; mas como não ver, pelo estudo d'esse mal, o que se podia e devia tentar para o prevenir? Alguma cousa se tem feito nos outros paizes civilizados; muito pouco entre nós, e receio que menos bem, o que longe de impedir o mal futuro o ha de aggravar. Não cabe aqui dizer o que me parece se devia tentar: se eu tiver vida e saude, tenciono ainda coordenar e publicar o que a experiencia bem ou mal me tem ensinado; mas o grito santo é este que ahi deixo:

Ensinem a ganhar pão
Honradamente ...!

V. fabulas 107.ª, 132.ª, 168.ª, 264.ª, 228.ª, 309.ª, 321.ª, 82.ª 99.ª, 222.ª, 226.ª, 281.ª, 334.ª ... e notas respectivas.

(130) **FABULA 99.ª**

A tudo vence o saber ...

E ha de vencer. A victoria final pertencerá a *Ormuzd*, isto é, ao Bem. Como se vê tirei do assumpto velho uma moralidade que tambem nelle se continha,—a necessaria victoria do saber, do trabalho e da razão, sobre a força material e bruta.

V. fabulas 82.ª, 127.ª, 202.ª, 261.ª, 269.... e notas respectivas.

(131) **FABULA 100.ª**

Só elle sabe, coitado!

—Não sentenceies de estalo—diz Nicolao Tolentino. Quem está bem, vê tudo côr de rosa. Num jantar, onde acabavam de comer parte de um pastelão com bella massa folhada ouviu um menino dizer que os pobres não tinham pão.—«E porque não comem elles massa de pastel?» disse muito esperto o menino.

V. fabulas 181.ª, 278.ª, 360.ª ... e notas respectivas.

(132) **FABULA 101.ª**

Este facto foi-me contado como verdadeiro.

Depois de feitas as pazes.

Depois do reconhecimento, por parte de Portugal, da independencia do Brazil em 1825.

Quando vinham ás centenas.

Assim em principio, emquanto no Brazil não houve universidades, nas quaes ainda ha pouco figuravam homens distinctos, formados em Coimbra.

Bello doce de tijolo.

Nome que dão ou davam á goiabada, em rasão da sua côr vermelha e pelo feitio que tomava nas caixas, ordinariamente de corrediça onde vinha, em troca de marmelada e de doce de ginja, que para lá ia e que julgo ainda vai.

Eram senhores do bolo.
.....
Tudo se ha de nivelar.

Entendamo'nos: só entro na questão de facto. Se tinham ou não direito a elle, tanto quanto o caloiro, não é para aqui: o certo é que o guardaram mal, se acaso o não podiam guardar melhor. O verdadeiro bolo, aquelle de que aqui se quer fallar, é o direito que todos, quantos o poderem, tem a ser gente. Para isso se trabalhou e trabalha, diga-se a verdade, apesar dos que tinham o bolo todo e com excesso da parte dos que o querem ter. Assim como os montes com o tempo se vão desfazendo e no decurso de milhões de seculos, hão de desapparecer; assim as classes inferiores, que vão subindo com o trabalho e progresso, hão de nivelar-se ás superiores. Para lá caminhamos. Que motivo haverá para succeder o contrario, quando a instrucção e sobretudo a educação forem eguaes? Mas isso não pode dar-se completamente, respondem os incredulos; nem tão pouco se dá, ou se viu nunca, na mesma classe social, onde ninguem nega haver aquella egualdade, digo eu.

V. fabula 34.ª, 135.ª, 133.ª, 215.ª, 226.ª e notas respectivas.

(133) **FABULA 102.ª**

Fica a um filho muito bem.

E poucas cousas lhe poderão ficar melhor. O amor filial e o amor patrio sentimentos são nobilissimos, quando de todo limpos do amor proprio, que nos leva a falsear a historia, isto é a verdade, que está acima de tudo. Não te pódes defender cala-te, ausenta-te. O adversario ha de cahir em si e córar da sua grosseira acção. Devemos fugir sempre de taes questões. O silencio é muito melhor resposta do que uma defesa má. Lembra-me aquelle moço que veiu perante o senado romano a defender seu pae, e, vendo a impos-

sibilidade da defesa, desatou a chorar. O senado, *aquella assembleia de reis*, vencido pela eloquencia das lagrimas, perdoou ao pae, o que não haveria feito se o filho tentasse defendel-o faltando á verdade.

Que historias nos vem contar.

Vem a pello o que com tanta graça diz, no seu estylo magnifico de pamphletario, o nosso A. Herculano no prologo de um dos seus romances, dando o calculo proporcional entre os portuguezes e seus inimigos, ou quantos d'estes valia um portuguez.

Os francezes até ha poucos annos não cediam nisso a ninguem; tinham ou deviam ter ganho todas as batalhas. Não ha muito que li um livro moderno, o qual injuriando Wellington diz: «que o miseravel tivera a ignobil gloria de vencer aquelle a quem outros mil vezes mais illustres nunca poderam derrotar». O peior é que estas e outras sonoras parvoices são muito admiradas até entre nós!

(134) **FABULA 103.ª**

Não estará farto o leitor de ouvir gabar todos os dias tantos talentos, sem nada ver que elles fizessem?

V. fabula 159.ª e notas respectivas.

(135) **FABULA 104.ª**

Sem unhas eram velludo.

Não posso jurar que os gatos durmam com as unhas encolhidas; é porém mais que provavel que sim, pois só as deitam de fóra quando lhes faz conta.

Na cabeça o tal malvado.

Não é para admirar que o lansudo do rato, vendo um figurão, que lhe pareceu bellicoso, de barrete vermelho, julgasse que era republicano. Se visse o gato de mitra julgal-o-ia bispo; assim como não duvidou de que o gallo fosse o diabo por o ver de rabo alçado, moda de que os ratos não usam, pois andam com elle de rastos.

Eu do outro o *fino*
Tracto

Expressão usada por aquelles que tomam certas maneiras, muitas vezes caricatas, como signal de verdadeira educação.

É um animal
Pacato...

Para a ratazana, que não tinha medo d'elle.
V. fabula 90.ª e notas respectivas.

(136) **FABULA 105.ª**

Alcunhado de bisoiro.

—Oiro bisoiro, prata barata—diziam quando eu era menino, para significar prata e oiro falsos. Aqui inventei uma etymologia (não sou o primeiro que o faço) que não será das peiores; posto que esteja persuadido de que forjaram aquella palavra só porque rima com oiro, assim como prata com barata.
V. fabulas 4.ª, 67.ª, 109.ª, 192.ª, 245.ª ... e notas respectivas.

(137) **FABULA 106.ª**

D'aquella familia amiga

Verdade é que sempre o tinha dado ou vendido a outros. Podia talvez desculpar-se; pois não havia de ter viveiro de cães: de mais estava certa de que elle seria alli muito bem tratado, etc., etc. Se alguma culpa levissima havia, o cão esqueceu-a.

Mostram sentimentos taes.

Mostram. Não entro aqui na grande questão da intelligencia dos animaes, se ainda é questão; e muito menos da sua responsabilidade, e por consequencia da sua virtude relativa: mas é innegavel que praticam actos, inconscientes ou não, que podem servir de exemplo: d'ahi a verdade das fabulas em que figuram.

Só para proveito seu.

Isto é assim não só na humanidade em geral, mas em quasi todos os individuos quando não reflectem. Se até chegaram a acreditar que o Omnipotente creou todas as estrellas (incluindo as que só se vêem com um grande telescopio, e as que nunca se hão de ver) para elles gosarem d'um bello céo estrellado!

Pela perda que soffreu.

Ou verdadeira ou não, a phrase está consagrada pelo uso: e tambem me parece verdade que nós só choramos os que nos estimavam, suavisavam nossos males, embellesavam nossa vida, cuja falta emfim *sentimos*; e não os nossos inimigos, ou algum mandarim chinez que conheciamos só de nome.

Que todos lhe tem.
Amor,

A vaidade e a falta de uso do mundo levam muitas vezes a acreditar isto. Os logistas parvos ainda dizem aos freguezes, que elles julgam ainda mais parvos: «Por ser para v. ...» Cada um metta a mão na propria consciencia e veja se está disposto a fazer sacrificios por todo e qualquer. Lembra-me o dito do misanthropo de Molière—:

«En quelque préférence une estime se fonde,
Et c'est n'estimer rien qu' estimer tout le monde»

É tomar os tentos do jogo por dinheiro.

(138) **FABULA 107.ª**

Como quer um cavalheiro que seus filhos sejam bem educados, se os deixa conviver com os moços das cavallariças e com os bolieiros da praça, os quaes podem ser muito capazes de educar cavalleiros, mas não cavalheiros.

V. fabulas 80.ª, 105.ª, 288.ª, 309.ª, 354.ª ... e notas respectivas.

(139) **FABULA 108.ª**

Eu ouvi...

Este facto parece que se deu realmente.

Bispo Conde

O bispo de Coimbra era conde de Arganil, senhor de Cêa e alcaide-môr de Avô. Segundo li, o condado de Arganil, e não sei se o demais, veiu á mitra de Coimbra por umas trocas feitas com o celebre Infante D. Henrique. Hoje só se diz—o Bispo Conde, fallando do de Coimbra, embora todos os bispos, tenham honras de conde. Trata-se aqui do grande D. Francisco de Lemos, da familia dos Ramalhos, que ainda tem representantes em Condeixa-a-Nova, homem de grande merito e muito privado do Marquez de Pombal.

São egualmente culpados.

Quantos que se mettem com parvos julgando lucrar, ou com velhacos esperando valer-se das manhas d'estes, se lastimam depois e se apregoam victimas?

V. fabula 296.ª ... e notas respectivas.

(140) FABULA 109.ª

Porém é ave tão rara...

Não duvido que haja pessoas assim, mas parece-me que nunca as encontrei. A approvação ou applauso illustrado e sincero de pessoas estimaveis, sendo moderado, é cousa muito de apreciar.

E porisso despeitada.

A nossa vaidade é que de ordinario nos torna insupportavel a do proximo.

Porque ningem é perfeito

É sentimento louvavel o desejar ver só perfeições nas pessoas que estimamos, e sentir encontrar-lhes defeitos. Não é porém sensato exigir impossives; e muitas vezes é contraproducente o tornar-se censor importuno.

V. fabulas 183.ª, 265.ª, 343.ª, 350.ª ... e notas respectivas

(141) **FABULA 110.ª**

Quasi seu pae fui assim...

É certo que a roseira e as demais plantas tiram a sua substancia da terra, da athmosphera e até... do monturo. Porisso este com alguma razão reclamava o quasi parentesco da rosa.

Eis porque te não aturo.

Uma das maiores difficuldades de se estabelecerem relações intimas ou amigaveis entre as diversas classes da sociedade consiste, não na desegualdade das fortunas ou no differente gráo de intelligencia e de saber, mas na disparidade da educação. As outras differenças dão-se tambem em cada uma das classes, e sem maior inconveniente. Convivem alli, pelo menos soffrivelmente, os mais ricos com os mais pobres, os mais intelligentes com os menos aptos, os mais instruidos com os mais ignorantes. A differença de educação é que produz difficuldades no trato entre os individuos d'uma classe ainda com os da immediatamente inferior, embora estes sejam eguaes ou se avantagem aquelles na fortuna ou no saber. Pesada até para os individuos das classes inferiores, torna-se insupportavel para os das outras. Não me parece que se tenha reflectido bastante nesta difficuldade por parte de muitos que de boa fé desejam ver estabelecida a harmonia social. Não attendem a isso uns, porque não pensam que uma causa que julgam futil pode ter grande influencia; outros, porque não tendo recebido educação e sendo-lhes porisso pesada a odeiam; tem a suberba feroz da bruteza.—«Vejo o orgulho» dizia Sucrates a Antisthnes, «atravez dos buracos de teu manto.» Aquella aversão nascida da impotencia tenho-a eu visto manifestada em individuos aliás respeitaveis por seu caracter e saber.

Um meio efficaz para conseguir tão desejavel fim é a educação, quanto ser possa, em commum em bons estabelecimentos publicos. Em Inglaterra é isso muito procurado; e as familias que podem mandam seus filhos para certos collegios que alli substituem os lyceus (Estou. Rugby...) e para as universidades só com o fim de elles obterem tão invejavel beneficio.

O progresso das sciencias e das artes tem ennobrecido

varias carreiras e até officios. O derramamento da instrucção ha de concorrer muito para encurtar distancias: nesta porém, assim como na intelligencia, nunca haverá a egualdade que pode attingir-se na educação que se encontra ás vezes, e não era impossivel encontrar sempre, nas classes mais infimas da socidade. Tratem de elevar, illustrar, enobrecer, e não de rebaixar, obscurecer, aviltar. Tenho fé que assim o ha de conseguir a utilidade geral bem entendida, quando não seja a necessidade.

V. fabulas 101.ª, 135.ª, 150.ª, 250.ª, 345.ª, 358.ª, 359.ª ... e notas respectivas.

(142) **FABULA 111.ª**

O que a raposa pedia...

O forte não tem manhas nem d'ellas precisa; despreza-as. O fraco sim: sem protecção, é necessariamente manhoso ou morre. É verdadeiramente ruim o que for manhoso ou mau sem necessidade de o ser. Entenda-se que fallo sempre do forte no sentido moral.

V. fabulas 34.ª, 63.ª, 167.ª, 208.ª, 214.ª ... e notas respectivas.

(143) **FABULA 112.ª**

Esta trilogia apresenta o sentir de quem não desdenha ás vezes o que julga rebaixal-o, se nisso encontra o seu interesse: a vaidade que cega aquelle que é empregado, ou ainda explorado, por quem está em melhores circumstancias; o despeito de quem quizera compartilhar, mas não póde, essas miseraveis honrarias; e a lição finalmente que merecem os que chamam verdes ás uvas ás quaes desejariam chegar mas não podem.

V. fabulas 6.ª, 61.ª, 294.ª, 352.ª ... e notas respectivas.

(144) **FABULA 113.ª**

Nem todos tem egual valor só por estarem na mesma posição social ou terem distincções eguaes. Os tacões muito altos e os grandes chapéos que usam alguns homens muito

baixinhos para parecerem de estatura regular, servem só para os tornar ridiculos. Cada um é o que é; e uma moldura muito valiosa pode até patentear mais o nenhum valor da pintura que encerra.

Diz Voltaire (*Henriade* I.)

Tel brille au second rang, qui s'éclipse au premier.

V. fabulas 273.ª, 358.ª ... e notas respectivas.

(145) **FABULA 111.ª**

Esta fabula é das que não carecem de se lhes apontar a moralidade: se o fiz, foi por ver que ultimamente se tornou moda o acudir pela cigarra. Não ha melhor flandres! vida alegre e dissipada para uns, e quem trabalha que pague os desvarios dos outros! Chama-se a esta exploração philantropia! e os seus apostolos procuram tambem para si. É louvavel que lastimem e soccorram a quantos soffrem, embora por culpa sua; mas isso está muito longe da glorificação da vadiagem.

V. fabulas 99.ª, 119.ª, 200.ª, 281.ª, 289.ª, 298.ª, 355.ª ... e notas respectivas.

(146) **FABULA 115.ª**

No fundo d'esses sentimentos de protecção aos outros e de amor do bem geral esta, as mais das vezes, o interesse proprio; a ponto de serem quasi sempre aquelles pospostos a este, quando não haja outro meio de o satisfazer.

V. fabulas 22.ª, 106.ª, 163.ª, 279.ª... e notas respectivsa.

(147) **FABULA 116.ª**

Com sopa de ravioes
E bicos de rouxinoes.

Ravioes—sopa sêcca de rodelas de massa com fino e saboroso recheio — vem do italiano *ravioli*. Bicos de rouxinoes—nunca os comi, nem desejo. Não sei d'onde vem que assim se diz para significar manjar muito delicado.

Em francez de cosinheiros,

É como o latim de botica: *Cum siropo de limonibus.*
Nada ha mais parvo do que aquelle *franciú*, não fallando no das modas etc.

Seja creada ou quem fôr,

O rato do campo tambem havia de ter tido sustos; porém eram de outra natureza e estava a elles costumado. Os perigos novos são os que mais assustam.
V. fabulas 143.ª, 162.ª, 175.ª, 295.ª ... e notas respectivas.

(148) **FABULA 117.ª**

Assim muitas vezes acontece, a ponto que o mentiroso chega a acreditar na propria mentira. Lembra tambem a fabula de Pygmalião namorado da estatua que fizera, e muitissimos paes vendo só perfeições nos filhos.
V. fabula 148.ª ... e notas respectivas.

(149) **FABULA 118.ª**

O frade mereceu a lição por sua falsa modestia. O santo foi um pouco mausinho, e peccou pelo menos venialmente, (o que póde acontecer ainda aos santos).
V. fabulas 174.ª, 234.ª ... e notas respectivas.

(150) **FABULA 119.ª**

A hera faz muito menos mal aos troncos das arvores do que geralmente se pensa. O peior damno provém de abafar a folhagem por onde a planta respira, e prival-a da luz. Tambem não deixa de ser de algum proveito, além da sua belleza. Tomei-a, como vulgarmente a tomam, pelo typo dos despreziveis parasitas.
V. fabulas 82.ª, 99.ª, 114.ª, 281.ª 289.ª, 2:8.ª . . e notas respectivas.

(151) **FABULA 120.ª**

Fartos estamos de os ver, e fartissimos de os ouvir. O

mundo é assim; a fé (ainda de um parvo) acaba por vencel-o. Levanta-se alguem trombeteando o proprio merito e logo é recebido por um *tolle* geral, sem mais exame. Se sucumbe, todos o pisam; se resiste, cedo ou tarde quasi todos o admiram. É a pedra cahida no meio da corrente da agua: ou esta a arrasta, ou, se não póde, abre-se em torno d'ella.

V. fabulas 1.ª, 14.ª, 15.ª, 18.ª, 92.ª, 103.ª, 129.ª, 161.ª, 253.ª 338.ª ... e notas respectivas.

(152) **FABULA 131.ª**

Ainda nenhum comprei

Contam isto de um parvo. O certo é que os corvos vivem muitos annos.

O neto de D. Vicente

Em Lisboa chamam *Vicentes* aos corvos; porque, segundo reza a lenda, dois corvos eram a unica tripulação do navio que trouxe o corpo de S. Vicente a Portugal, navio que com elles figura nas armas de Lisboa, cuja sé sustenta sempre dois corvos. Aos conegos regrantes de S. Agostinho, porque lhes pertencia o convento e egreja de S. Vicente, chamavam frades Vicentes, e estes tinham dom, logo ... Talvez haja dons com menos fundamento do que o do meu corvo.

Não é tammanha a diff'rença.

Entendamo'-nos: é immensa e cada vez maior em absoluto, comparadas duas epochas afastadas; não é tammanha como se pensa, relativamente ao gozar e soffrer das pessoas que viveram em cada epocha. Cada qual vive no meio em que e para que nasceu, tão bem ou tão mal como outra pessoa num meio peior ou melhor de outra epocha. Viveria de certo peior, se podesse passar a um meio antigo mais ruim; e melhor, noutro mais civilizado. Aquillo que nunca se conheceu e não é indispensavel, não faz falta; e cousas ha indispensaveis para povos civilizados, das quaes nações barbaras ou pouco adeantadas não fariam caso. Isto explica o porquê certas invenções, que se julgam modernas, appareceram em tempos remotos e foram desprezadas e esquecidas por não se carecer d'ellas ainda.

V. fabulas 116.ª, 175.ª, 295.ª ... e notas respectivas.

(153) **FABULA 122.ª**

Que mais não tinha veneno

As serpentes venenosas quando mordem expremem ao mesmo tempo umas vesiculas cheias de veneno que tem debaixo de certos dentes furados. Parece hoje provado que toda a saliva é venenosa, mas só *quantum sufficit* para o fim a que é destinada.

Na India eem outros paizes ha pelotiqueiros que fazem sortes com cobras ás quaes arrancaram os dentes e que porisso não podem morder e envenenar.

Uma fabula que mente.

Foi em Lessing que vi pela primeira vez o assumpto d'esta fabula tractado no sentido pelo qual tambem o encarei. Na verdade o tal aldeão, não sendo uma creança, de todo inexperiente, de certo era idiota ou vilão ruim.

V. fabulas 100.ª, 123.ª, 124.ª, 163.ª, 279.ª, 285.ª, 295.ª, ... e notas respectivas.

(154) **FABULA 123.ª**

Puxa tu, que eu vou gemendo.

Ha muita gente que finge trabalhar gemendo, quando os outros puxam. É sabido que os marinheiros acompanham o puxar dos cabos com um som cadente que lhes serve de compasso.

Ha tartufos de todas as denominações; e porisso tambem os ha de principios, que são os doutrinarios. Todos advogam interesses *superiores* desde os (que elles chamam) de Deus até os dos desgraçados, dos devassos e das feras. Já se sabe a maior parte de taes procuradores procuram para si.

V. fabulas 67.ª, 122.ª, 124.ª, 179.ª, 285.ª ... e notas respectivas.

(155) **FABULA 124.ª**

V. fabulas 45.ª, 126.ª ... e notas respectivas.

(156) **FABULA 125.ª**

Todos sabem como foram famosas as armas brancas de Toledo. Todos sabem tambem que a folha d'um espadim da côrte serve só de encher a bainha.

V. fabula 14.ª, 15.ª, 18.ª, 92.ª, 93.ª ... e notas respectivas.

(157) **FABULA 126.ª**

Quem funda, quasi sempre obedece a um sentimento de orgulho (boa manha, se com isso lucram os demais): quem destroe raro o faz que não seja por inveja, ou para edificar a seu modo e então entra na classe dos fundadores, e não é para censurar se o fizer melhor do que aquillo que já estava. Muitas vezes (menos porém do que se pensa e pratica) é impossivel construir sem primeiro destruir o que existia.

V. fobulas 291 ... e notas respectivas.

(158) **FABULA 127.ª**

Não me lembra agora o nome d'aquelle a quem attribuem a invenção da serra: mas tenho idêa de dizerem que outro figurão se matou desesperado por não ter elle sido o inventor de instrumento tão util e tão simples. Não sei se as cousas se passaram como as conto; é porém possivel e até probabilissimo que assim fosse. A sciencia está cheia de acasos que, disse alguem—só acontecem a homens de merito: seria mais exacto dizer—a quem d'elles sabe tirar proveito. Tambem é verdade que o pouco—bem aproveitado rende mais do que o muito esbanjado. Em todo o caso devemos fazer o que diz-m os inglezes—tirar o possivel proveito d'um ruim negocio.

V. fabulas 84.ª, 99.ª, 204.ª, 289.ª ... e notas respectivas.

(159) **FABULA 128.ª**

Pareceu-me que, alem da moralidade palpavel e antiga, pode tirar-se d'esta fabula mais outra de applicação mo-

derna. Não entrarei aqui em dissertações sobre o jury, grande instituição ainda tão pouco proficua entre nós, já (e principalmente) por culpa dos legisladores que tem feito dos juizes de facto, juizes leigos de direito; já pela natural tendencia, que quasi todos tem, de pensar que podem ubstituir-se á lei e dar assim o que não é seu; e isto (seja dito em sua defesa) na melhor boa-fé.

V. fabulas 71.ª, 130.ª, 156.ª, 227.ª, 238.ª, 293.ª, 313.ª, ... e notas respectivas.

(160) **FABULA 129.ª**

Não se lhe deve chamar sociedade de mutua admiração, a qual raro existe; mas de mutuo proveito, e degenera ás vezes em associação de malfeitores, sem os azares a que se expunham os do Pinhal da Azambuja, Serra da Falperra, Pégões e quejandos logares famosos.

Quaes as dois mulos de Erasmo.

O proverbio latino diz — *Asinus asinum fricat.* Erasmo na seu *Elogio da loucura* chama-lhes mulos. São os nossos leigos a darem-se reverendissima.

V. fabulas 15.ª, 18.ª, 29', 60.ª, 68.ª, 142.ª, 161.ª, 222.ª, 253.ª 257.ª, 330.ª, 338.ª ... e notas respectivas.

(161) **FABULA 130.ª**

Quando se tracta de saber a verdade ou quem tenha razão, de nada valem as qualidades boas ou más do individuo que a diz, ou que tem direito á justiça. Não admiro Cicero quando nas Tusculanas, declara «que não se lhe dá de errar com Platão. Devemos sempre querer acertar seja com quem fôr.

É manha velha, quando se quer atacar as opiniões de alguem, começar por deprimil-o e até por calumnial-o; chegando a propalar e a inventar factos de vida privada que nada vem para o caso: assim procuram prevenir contra a victima o publico ignaro ou malevolo.

V. fabulas 96.ª, 138.ª, 262.ª, 268.ª ... e notas respectivas.

(162) **FABULA 131.ª**

Já Bocage dizia:

Procurador, não me enganas;
Tu procuras para ti.

Nem todos serão, assim mas não faltam.
V. fabulas 42.ª, 123.ª, 158.ª, 160.ª, 199.ª, 218.ª 279.ª 285.ª, 337.ª, 339.ª, 345.ª ... e notas respectivas.

(163) **FABULA 132.ª**

Não approvo o rigor (e ainda menos, quando manifestado com maus modos ou maus tratos) no ensino e educação das creanças. Tambem não me agrada o systema medico de causticos, sangrias, vomitorios, (remedios heroicos na phrase de Hufland) que ás vezes são indispensaveis. Comtudo o rigor não deixa de ser necessario do mesmo modo para reprimir a revolta ou castigar a má vontade. Abusou-se e muitissimo d'elle: hoje em epocha de reacção cahem no extremo opposto. Já Swift no seu Guliver apresenta o systema de ensinar a geometria cortando as figuras em bolos e marmelada que os meninos comiam.

Não insisto por falta de espaço; só accrescentarei que assim como um grande medico disse—não ha doenças, ha doentes—bem se póde dizer—não ha systema absoluto de educação, ha creanças a educar. Não nego (nem de certo o medico negaria) que haja principios geraes a seguir; porém nem todos os doentes, nem todos os educandos, podem passar pela mesma fieira: o que é emoliente para uns é caustico para outros e inutil para muitos.

Tire-se o que ha de utopia na maior parte dos apregoados systemas, e de charlatanismo em não poucos de seus *apostolos*, e todos valem o mesmo, com pouca differença, ou tanto quanto valer quem os poser em pratica e os individuos a educar.—Do nada nada se faz:—para o ensino é necessario quem saiba ensinar e quem seja capaz de apprender.

V. fabulas 30.ª, 51.ª 110.ª, 148.ª, 161.ª, 168.ª, 230.ª, 255.ª, 264,ª 288.ª, 321.ª, 331.ª, 354.ª... e notas respectivas.

(164) **FABULA 132.ª**

Não me agrada...

Os asylos de mendicidade que podem ser, (e são realmente) um bem para alguns) até dizem que uma especie de conventos para certos mandriões que preferem tudo ao trabalho com que ainda podiam são um mal para outros, e uma injustiça barbara para muitos, a quem com o fim de os beneficiar (ou de se verem livres d'elles, pois o mais forte e mais usado argumento que tenho ouvido contra os mendigos é—que incommodam) roubam o ultimo bem que lhe resta — a liberdade equiparando-os assim aos criminosos. Demais, é um remedio inefficaz, contra a mendicidade: senão, vejam se ella tem diminuido depois da fundação de tantas d'aquellas casas: ou se é desnecessario dar-lhe continuamente caça. É sempre a fabula do rio e do dique.—Elles (dizem) acodem ás cidades de todas as villas e aldeias.—Deveras! Forte milagre que corram os famintos aonde esperam achar pão ou migalhas, e as moscas aonde ha mel! Porisso de quando em quando mandam, com toda a seriedade, que sejam remettidos para as suas terras, onde encontram a fome, pois sem o trabalho com que já não podem, o que hão de elles encontrar? e se podem, são vadios e, como taes sejam castigados... Porém, é mais simples enxotar as moscas. Não sei de remedio immediato para tão grande mal, nem me consta que alguem o achasse, para o attenuar no futuro só vejo o Estado tornando obrigatoria a instrucção *profissional;* quasi o contrario do que por ahi em geral se tem feito e está fazendo.

V. fabulas 98.ª, 146.ª e notas respectivas.

(165) **FABULA 134.ª**

Em geral os mais incapazes são os mais promptos a admirar e a exaggerar as grandes façanhas, tão grandes que se torna quasi impossivel pratical-as; e assim acham desculpa para nada fazer. Os desgraçados orientaes, cobertos de immundicie e vivendo em ociosa miseria inventaram as mil e uma noites.

(166) **FABULA 135.ª**

—Soffra, não ha remedio, tenha paciencia:—são conselhos que me soam mal, dados as mais das vezes pela covardia em proveito dos oppressores. A conformidade só é razoavel e até um bem quando evidentemente não ha remedio algum possivel ao mal, e ainda assim não exclue o protesto contra a injustiça.

Os protestos, quando justos,

Podia ter escolhido os do martyres tanto da religião como da sciencia; porém, quiz mostrar o direito bem descarnado, e não duvidei porisso advogar a causa do mais egoista e antipathico dos brutos, porque o direito é um só e para todos o mesmo. E' contar pouco com a justiça da causa dos negros o apresental-os todos intelligentes, honrados e até asseiados o mesmo direi dos proletarios. O seu a seu dono, seja elle quem fôr.

(167) **FABULA 136.ª**

Antes de se transformar em crysalidas muitas lagartas fiam um fio tenuissimo, que para nada presta. A que figura nesta fabula appellava para a delicadeza do seu fio, já que não podia invocar coisa melhor.

V. fabulas 3.ª, 54.ª, 301.ª, 327.ª, 345.ª, 353.ª... e notas respectivas.

(168) **FABULA 137.ª**

Julguei mais conveniente e mais claro tomar para esta fabula o titulo do—argueiro—de que falla o Evangelho, do que o de—alforges—da fabula antiga, tão graciosamente contada por La Fontaine.

Quatro eu tenho e sou capaz

Parece hoje evidentemente demonstrado que os macacos não tem quatro mãos, mas duas e dois pés. Aqui aproveitei a opinião mais popular.

—«Olha!» lhe diz: «o oução,

Deve ser animal quasi imperceptivel, talvez porisso ainda o não vi. É, diz o Diccionario contemporaneo, o *acarus siro*, e encontra-se na farinha e no queijo.

(169) **FABULA 138.ª**

Esta fabula, mais verdadeira do que parecerá a muita gente, tem larga applicação. Foi este execrando meio empregado antigamente em grande escala, e ainda, o continúa a ser mas tem de mascarar-se. O caso está em fazer cahir a victima no laço—*Le mettre dans son tort* — como dizem os francezes. Depois elles, os sacerdotes da justiça, os defensores natos da moral publica (deviam-lhe essa compensação) apontam o desgraçado á indignação dos algozes e dos parvos illudidos.

V. fabula 130.ª ... e notas respectivas.

(170) **FABULA 139.ª**

—De quem se afasta do seu, o seu se afasta—diz o ditado. Não devemos esperar dos outros maior interesse por nós e pelas nossas cousas do que aquelle que nós proprios mostramos.

V. fabula 153.ª, 181.ª, 272.ª, 333.ª, 355 ... e notas respectivas.

(171) **FABULA 140.ª**

Ha muitos que para uma cousa se lhes não estragar nunca a usam, o que vale o mesmo que não a ter.

V. fabula 70.ª ... e notas respectivas.

(172) **FABULA 141.ª**

Nunca devemos olhar a intervallos transitorios de regresso, mas sim ao andar dos annos e dos seculos; e para quem não fôr moço, inda bastará o principio de sua vida. Demais, devemos attender ao resultado geral, e nunca chorar por qualquer cousa que se perdeu temporariamente, pois, se

ella fôr cousa boa, ha de voltar embora modificada na fórma.

V. fabulas 20.ª, 82.ª, 99.ª, 101.ª, 160.ª, 212.ª, 229.ª, 892.ª, 316.ª, 324.ª, 329 ... e notas respectivas.

(173) **FABULA 142.ª**

As toupeiras, pelo menos algumas especies, não são cégas, só vêem pouco; e aquellas que o são, é por terem os olhos atrophiados pela falta de uso. Escolhi uma da primeira classe pela mesma razão porquê a escolheu o pardal: fez-me conta.

V. fabulas 56.ª, 60.ª, 95.ª, 159.ª, 239.ª, 266.ª, 335.ª ... e notas respectivas.

(174) **FABULA 143.ª**

O cão tem sido o thema dos maiores, mais poeticos e mais sentimentaes elogios: ainda assim o nome de—sabujo nunca ennobrecerá ninguem. O cão é elogiado porque serve e se humilha. Já disse alguem que—quanto mais conhecia os homens, mais estimava os cães.—Era digno de viver com elles.

V. fabulas 26.ª, 172.ª, 340.ª, 341.ª ... e notas respectivas.

(175) **FABULA 144.ª**

Poucos grammas de ouro valem uma libra, que corresponde a grande peso de moeda em cobre. O que é mau reproduz-se com grande facilidade, no physico e no moral. Não quer isto dizer que valham mais (para o homem, já se sabe) os leões do que os coelhos: porém dão maior apreço áquelles e é isto quanto basta para a verdade da fabula.

(176) **FABULA 145.ª**

Destruir
A ruim fama...

Não é facil; mas é possivel. Quem fizer uma acção má e

se arrepender, não deve demorar-se em praticar uma ou mais acções boas. Esta é a prova do verdadeiro arrependimento e regeneração, e o unico remedio contra o mal; não protestos nem prantos inuteis e estereis. Eis o que se devia explicar ás creanças. Um homem arrependeu-se do mal que fez? está regenerado? Prove-o. O doente deve, por assim dizer, amar o remedio, ou pelo menos tomal-o de boa vontade, por mais amargo que seja.

V. fabula 293.ª ... e notas respectivas.

(177) **FABULA 146.ª**

E vejo que deixou 'schola

Ha em verdade muita gente que a segue de boa fé.

Emquanto lei não houver

—«Se é crime ter cão» (disse numa celebre sentença o nosso Mousinho da Silveira, sendo juiz-de-fóra em Setubal) «tambem é crime ter cadella.» Se o pedir esmola é um crime, o dal-a será virtude? Não serei eu quem resolva aqui este espinhoso problema: só direi que todos os argumentos que tenho ouvido produzir contra os mendigos (fallo dos que não são vadios, porque a esses pune-os a lei) se resumem a... «incommodam!»

V. fabula 98.ª, 133.ª ... e notas correspondentes.

(178) **FABULA 147.ª**

Como vens com as costas quentes

É essa a origem da valentia de muita e muita gente.

V. fabula 66.ª ... e notas respectivas.

(179) **FABULA 148.ª**

Depois de feitas as pazes

Refiro-me á fabula 113.ª

Quem é fraco

Até certo ponto é uma compensação, para se tornar possivel a lucta contra os fortes. Tambem se diz e, em geral, com verdade — Quem não sabe trapaceia. Quem não tem letras tem trêtas.—Fallo sempre da fortaleza moral.

Que não é o que imaginam
O modo de educar gente

Não seja o filho educado em casa. É o meu *delenda Carthago*. Não cessarei de o repetir. Passada certa edade, a casa paterna, e mais que tudo os mimos maternos, são a causa pelo menos do acanhmento physico, moral e intellectual de muitissimos homens, ainda dos melhores.

V. fabulas 107.ª, 168.ª, 264.ª, 309.ª, 354.ª ... e notas respectivas.

(180) **FABULA 149.ª**

Li esta fabula, *si rite recordor*, numa tradução de Lochman. Parece que d'ella foi tirada a do—homem e a gallinha dos ovos de ouro—a meu ver falsa. Semelhante homem não era ambicioso, senão doido ou imbecil. Como podia elle esperar que contivesse a gallinha em si um thesouro? Fora o contheúdo muitissimas vezes maior que o continente?

V. fabulas 211.ª ... e notas respectivas.

(181) **FABULA 150.ª**

Entendamo'-nos. Esta fabula é evidentemente verdadeira quanto ao passado; e, se o não é (pelo menos de todo) quanto ao presente em nações civilizadas isso dependeu não dos *pastores*, senão dos *lobos*, que foram conquistando á dentada o seu direito a viver.

A que chamam social...

Nobilissimos são, mas até hoje, pouco fructiferos, os esforços d'aquelles que de boa fé procuram resolvel-a. Entre a theoria e a pratica immediata vai sempre grande intervallo. E como não seria assim, se nesta materia raro é aquelle que sinceramente deseja o que proclama! Grandes sacrificios são faceis e até agradaveis de acceitar em theoria, mas

duros de cumprir na pratica. Do outro lado as pretenções quasi sempre vão muito alem do termos do que é justo. D'ahi a necessidade da lucta. Até hoje, infelizmente, nenhuma verdade de qualquer natureza que fosse, nenhum bem deixou de custar perseguições e até muito sangue!

V. fabulas 98.ª, 101.ª, 133.ª, 153.ª, 222.ª, 292.ª, 231.ª ... e notas respectivas.

(182) **FABULA 151.ª**

As crendices são mais nocivas e geraes do que vulgarmente se cuida. É a perversão d'um sentimento natural do homem,—o do maravilhoso, o qual bem dirigido lhes pode ser util, suavizando as penas da vida, e mal educado o leva até a imbecilidade e ao crime.

(183) **FABULA 153.ª**

É o—

Hoje rimos do que fomos
Amanhã do que hoje somos.

Raro será o dia em que não criticamos nos outros as nossas passadas perfeições, ou os nossos defeitos passados, quando não presentes.

V. fabulas 137.ª ... e notas respectivas.

(184) **FABULA 153.ª**

Os bons exemplos! eis o grande meio civilizador dos povos; são o—*Apprendei de mim*... como dizia o Mestre.

V. fabulas 80.ª, 107.ª, 168.ª, 309.ª ... e notas respectivas.

(185) **FABULA 154.ª**

Se os homens não julgassem geralmente só pelas apparencias, já os asnos não iam vestir-se com a pelle dos leões. Fazem pois elles muito bem.

V. fabulas 15.ª, 18.ª, 155.ª, 165.ª ... e notas respectivas.

(186) **FABULA 155.ª**

Quem desce por culpa sua é mais para desprezar do que quem procura subir, embora sem o poder por falta de merecimento: ao menos mostra apreciar o que é nobre e bom.

V. fabula 154.ª... e notas respectivas.

(187) **FABULA 156.ª**

Ao erro cruel do castigo vingador succedeu em reacção a mania, perigosa por excesso, da crença na possibilidade, senão certeza da regeneração do criminoso. D'ahi as horriveis e barbaras cadeias se tornaram-se para muitos utopistas fabricas de santos.

(188) **FABULA 157.ª**

Era qual o Tenebroso

Todos sabem, ou facilmente podem saber o que era este *Mar tenebroso*. Aquella e outras idéas semelhantes, dominaram o espirito dos povos, retardaram o seu desenvolvimento, depois promovido por homens quaes Copernico, Galileo e outros...

A humanidade não é, e jamais será homogenea. Não devemos rir do passado: o nosso tempo tambem ha de apresentar aos vindouros mares tenebrosos e outras patranhas, que muitos acreditam hoje, outros fingem acreditar (lá sabem porquê) e alguns combatem se não com perigo de vida como antigamente, de certo com o de perseguições surdas e implacaveis. Assim foi e assim será. A verdade só medra com sangue, fome e perseguições, o martyrio emfim de mil fórmas. Vem depois o fazerem reliquias dos desgraçados que succumbiram na luta.

Quanto ao sentido da fabula, é elle muitissimo claro— ninguem vá metter-se no que não entende.

V. fabulas 49.ª, 52.ª, 104.ª e notas respectivas.

(189) **FABULA 158.ª**

Não ha muito que um celebre escriptor e philosopho in-

glez, Herbert Spencer, foi convidado por certo circulo eleitoral para o representar no parlamento. Desculpou-se elle com os seus trabalhos e avançada idade (ou doenças, já me não lembra); e accrescentou que de pouco serviria no parlamento, pois as questões, quando lá chegavam, já o paiz as tinha resolvido. Não é assim inteiramente, segundo o que se vê na pratica: basta porém que o seja em parte, isto é, que toda uma nação se interesse no que lhe diz respeito e o discuta com prudencia. Para este fim servem os jornaes (serios) e ainda os *meetings* (quando o sejam tambem). Não critico pois estes em geral, mas só os que ás vezes são promovidos ou convocados por quem até chega a ter culpas nos cartorios!

Mui sabios sociologistas.

Longe de mim o pensamento de zombar dos trabalhos, tão eruditos e tão interessantes, da moderna philologia e sociologia com os quaes me regalo em horas vagas. A raposa é que quiz abusar da respeitabilidade d'elles, attribuindo-lhes opiniões da sua lavra.

Qual o *delenda Carthago*

Quem não sabe da celebre teima de Catão *o antigo* para se destruir a famosa rival de Roma?

Que todo o *meeting* assim
Convocado

Só me refiro aos que o forem *assim*, e muito desejaria da cordura e illustração dos convocados (e enganados), aquella correcção condigna.

V. fabula 339.ª e notas respectivas.

(190) **FABULA 159.ª**

Como póde alguem achar prazer no applauso de um parvo, ou ainda de quem tudo applaude sem criterio!

V. fabulas 60.ª, 68.ª, 129.ª e notas respectivas.

(191) **FABULA 160.ª**

Quantos homens, e por vezes quantas nações inteiras, se queixam amargamente de os outros haverem praticado contra elles acções eguaes áquellas que julgam ter gloriosamente praticado contra os outros! Lembro-me de um historiador notavel se indignar porque a França, quando invadida pelos alliados fosse *espoliada (sic)* dos quadros e outros objectos de arte que tinha tirado á Italia, pelo direito da guerra! O mesmo repete um de seus maiores poetas—Béranger—na sua ode sublime—*Les enfants de la France:—D'un vol fameux prompts á venger l'injure!...*

(192) **FABULA 161.ª**

Contam que a um annuncio absurdissimo, que promettia mundos e fundos por pouco dinheiro, acudiram tantos pedidos que, para acabar com elles teve de publicar-se uma declaração de que fôra aposta para provar que, por mais absurda que fosse uma cousa havia sempre de achar alguem que a acreditasse. Estava ganha a aposta: tinham apparecido milhares de crendeiros e continuando a apparecer ainda mais, faziam aquella declaração para que cessassem.

(193) **FABULA 162.ª**

E Demosthenes lembraram...

É sabido que aquelle grande orador, tão heroico na tribuna contra Philippe de Macedonia, fugiu vergonhosamente na batalha de Coroneia abandonando o escudo, o que na Grecia era tido como prova da maior covardia.

Já vi isto em qualquer parte...

Se não me engano, foi num combate prognosticado por Mentor a Telemacho.

E os filhinhos apertaram...

Vide Camões—Luziadas IV, 28 e Virgilio—Encida VII, 518.

Lido em Corneille é belleza.

Na famosa narração do combate do Cid contra os moiros lê-se (e é citado como rasgo de grande belleza):—*Et le combat cessa faute de combatants.*

Se o poeta dissesse que findou o combate porque os inimigos todos tinham morrido ou fugido, mostrava a valentia dos vencedores ou a covardia dos vencidos; porém, uns morreram, outros fugiram (de certo para se conservarem á patria) e os restantes entregaram-se afinal, vendo a batalha perdida (isto consta da narração). Quizera, pois saber onde está a maravilha do facto, onde a grandeza do pensamento; e se não é isso o que acontece as mais das vezes. De taes ouropeis não faltam infelizmente exemplos, nos cursos de litteratura e, o que é peior, para educar o sentimento esthetico da mocidade!

Assim fez Caio Varrão...

Na batalha de Cannas ganhada por Annibal sobre o exercito romano commandado por Paulo Emilio e Caio Varrão e dada por causa d'este contra a opinião d'aquelle seu collega. P. Emilio morreu no combate, Varrão escapou com dez mil homens. Chamado a Roma, o senado agradeceu-lhe o não ter desesperado da salvação da républica. O senado, aquella *assembléa de reis*, sabia muito bem o que fazia, e com a sua prudencia contribuiu efficazmente para a ruina de Annibal,

Em brilhante centenario...

A mania d'esta macaqueação de procissões ha de passar de moda, ainda que não seja senão pelo abuso.

Quando ha publicos revezes,

É verdade que a quem tem pouco a falta d'este é tão sensivel como a do muito a quem é abastado: a differença está em que o pouco é mais facil de recuperar. Os estragos da quéda são proporcionaes á altura d'esta.

V. fabulas 53.ª, 203.ª, 362.ª ... e notas respectivas.

(194) **FABULA 163.ª**

Decerto que aquelles amos

Temos o caso da fabula anterior — quem tem pouco ou nada pouco perde tambem com a mudança de posição. O burro tracta seus donos de amos; o que não é para admirar nos tempos em que fallavam com elles tanto á mão.

Quando correm algum perigo

Se (no sentido religioso) muita gente junta não se salva mais facil lhe é salvar-se, se não toda, parte d'ella, nos negocios mundanos.

V. fabulas 123.ª, 279.ª, 295.ª ... e notas respectivas.

(195) **FABULA 164.ª**

Eu mesmo presenciei a primeira parte d'esta fabula, isto é, a queixa do premiado, a qual me suggeriu a resposta do outro. Quantas vezes as creanças que mais cedo se desenvolvem intellectualmente mostram depois menor aptidão do que as de desenvolvimente mais tardio? Isto sem levar ainda em conta os motivos pelos quaes, ás vezes, os premios são concedidos.

V. fabulas 14.ª, 15.ª, 18.ª, 103.ª, 273.ª ... e notas respectivas.

(196) **FABULA 165.ª**

É a lucta pela existencia. Para viver é necessario tirar a a vida a outros. O que faz o homem ainda o mais virtuoso e o mais sensivel com relação ás plantas e aos animaes?

(197) **FABULA 166.ª**

É manha de muita gente confessal-os e até exageral-os para depois ouvir que os demais os negam. Chamam a isso os inglezes — pescar cumprimentos. Outros apresentam o rol de suas imperfeições, que são todas ellas virtudes exaggeradas. A vaidade é muito manhosa...

V. fabula 62.ª, 201.ª, 261.ª, 314.ª ... e notas respectivas.

(198) **FABULA 167.ª**

Tal
A vida assim
O fim.

Qualis vita
Finis ita:

Diz a conhecida sentença latina.

V. fabula 26.ª, 39.ª, 201.ª, 251.ª, 259.ª, 314.ª, ... e notas respectivas.

(199) **Fabula 168.ª**

A gallinha, sendo uma das aves mais domesticadas, é tambem das melhores criadeiras, e um dos exemplos mais poeticos de amor materno.

Ficando sempre patinhas

É muito difficil, senão impossivel, vencer os maus instinctos das creanças sem as arrancar ao meio onde os vêem praticar por todos ou quasi todos, mórmente por aquelles que estimam e devem respeitar. Nada direi acerca de quanto as desgraçadas mestras ou governantes (hoje *institutrices*) tem muitas vezes que soffrer nos vespeiros onde cahem. Amargo pão! Fazem-me lembrar os capellães das antigas casas grandes, que muitas vezes serviam de bobos... Como ha de uma creança respeitar essa a quem não vê os outros guardar respeito?

V. fabulas 107.ª, 264.ª, 309.ª ... e notas respectivas.

(200) **FABULA 169.ª**

Nos tempos em que os pastores...

Fallo dos pastores de Florian, das Cartas d'Echo e Narciso e ainda (porque pode haver primores em generos embora detestaveis e falsos) da Marilia de Dirceu, etc., etc.

Elle um cravo

Era a comparação sabida, sendo nesses tempos o cravo e a rosa as primeiras d'entre as flores; como ainda hoje, na minha humilde opinião, é a rosa.

Na Rua dos Capellistas.

«Rua Nova de El-Rei» se ficou chamando depois do terramoto em vez de «Rua Nova» nome que, julgo, tinha antes. Foi a primeira que existiu fóra das primitivas muralhas de Lisboa. Para alli se mudaram e lhe deram o nome vulgar os *Capellistas*, assim chamados por terem loja junto á capella dos Paços da Ribeira. Alem dos principaes cambistas alli se encontram (e onde não se encontrarão ellas hoje!) lojas de modas mais em conta do que as de primeira ordem das Madamas francezas *et reliqua*.

Capazes de enternecer

Todos reconhecem o fraco que as mulheres, em geral, tem pelos trapos. Infelizmente esse fraco é o seu forte.

Nesta vida...

Tudo tem seu logar, attendendo-se á occasião e á dose. Os bois e os carneiros (até os porcos!) e os trigos são de certo mais uteis do que os rouxinoes e as rosas que, embora dispensaveis, não se devem desprezar, visto satisfazerem um prazer do homem e suavizarem-lhe a existencia. Pode aqui dizer-se: «Não só de pão vive o homem.»

Accrescentarei que a verdadeira poesia eleva a alma inspirando-lhe sentimentos nobres e generosos.

(201) **FABULA 170.ª**

De crear bicho

Dicto popular, fundado em que muita vez uma pancada pode produzir o desenvolvimento de um cancro, a que o povo chama—bicho, por julgar que o é. Explicar a verdadeira natureza d'este não é para aqui. Conviria que na instrucção primaria apresentassem *mui succintamente* idéas verdadeiras combatendo estas e outras mais perigosas, taes como a da espinhela cahida, do poder das pragas, das figas, das benzedeiras e mulheres de virtude ... que atrophiam a intelligencia das creanças e são uma vergonha para a humanidade.

(202) **FABULA 171.ª**

Esta fabula, porisso mesmo que é verdadeira, ha de desagradar a muita gente amavel e encantadora. Paciencia! O meu fim não é escrever historias da carochinha.

D. Maria Justina
Sua *esposa*

Esta senhora é uma das principaes figuras, se não a primeira, da comedia social. Seu *esposo* para ter a paz em casa (e ás vezes tambem para que fechem os olhos aos seus peccados fóra d'ella), concorda num—*modus vivendi*, não raro peior do que aquelle que intento descrever aqui. Assim cada um, procurando enganar o outro, se engana a si mesmo.

(203) **FABULA 172.ª**

Não vou tão longe como os que dizem—«não o podes esmagar? tira-lhe o chapeo.» O brio e a honra não medem forças nem distancias. Porém, não estando estes em perigo, é loucura correr a uma sorte inutil e evidentemente funesta.

Quanto ao assentar-lhes bem a mão, é só para o fim de impedir que repitam. O sentimento de vingança pode *desculpar-se* quando o aggravo é atroz e ainda verte sangue; não é porém louvavel. Quanto a perdoar, se o culpado não está arrependido, não merece perdão; e se o está, não carece d'elle. Se o perdão significa abstenção de vingança, deve perdoar se sempre: não assim se quer dizer que tenhamos estima por um malvado ou um tratante porque já não pode lesar-nos.

(264) **FABULA 173.ª**

No norte da Europa ha fogões nas egrejas. É uma necessidade. Não se vá á egreja para alli estar mui confortavelmente, mas é preciso que lá se possa estar. Não approvo egrejas-salas com distincções odiosas de ricos e de pobres; mas deve haver nellas o arranjo e ainda as commodidades indispensaveis, e principalmente o maior asseio.

Que não se deve fazer...

Este pensar, com prudencia, é acerto; sem criterio, é incompativel com qualquer progresso, e porisso altamente parvo.

(205) **FABULA 174.ª**

Tirei duas fabulas do mesmo assumpto: esta e a 341.ª, na qual dou razão ao Carvalho, pois — antes quebrar que torcer. Nesta critico a demasia do seu orgulho, equiparando-o ao canniço. Se o carvalho da fabula antiga póde ser a imagem do orgulho, tambem o será de quem é brioso; e o canniço, se representa a modestia, corre tambem o risco de fazer o papel de sabujo ou ao menos, de fraco; o que não é para se aconselhar.

(206) **FABULA 175.ª**

A medicina antiga estava, como é sabido, cheia de crendices e de talismans.

Ser feliz

Estou convencido de que, não havendo miseria ou soffrimento, póde haver felicidade egual em todas as classes. D'ahi o dictado—dá Deus o frio conforme a roupa—o qual ainda assim não deve tomar-se em absoluto. Em todo o caso a felicidade depende muito do genio particular do individuo: d'isto se encontra um exemplo encantador no vigario de Wakefield de Goldsmith.

(207) **FABULA 176.ª**

Para viajar com verdadeiro proveito deve o homem ter não só intelligencia mas instrucção e o conhecimento da lingua do paiz onde viaja. Quando não, é o mesmo que um ignorante, surdo, visitando um museu.

(208) **FABULA 177.ª**

A lição é tambem applicavel aos individuos. Imitar o bem é muito louvavel. Se a rã se limitasse a procurar ser uma

guapa creatura no seu genero, como o era o boi no d'elle, teria tido juizo e não estoirava.

(209) **FABULA 178.ª**

Tudo quanto nos é inutil não vale o trabalho de o alcançarmos, mórmente com sacrificios. Diziam quando eu era menino: «Kágado, para que queres botas, se tu tens as pernas tortas?»

(210) **FABULA 179.ª**

Tambem
Te podes fartar.

Estou que um lobo esfaimado, se poder alcançar enguias não as rejeitará. O que me parece incrivel é que alguem (o lobo e a raposa aqui são gente) acredite que a imagem da lua no fundo de um poço seja um pedaço de queijo.

E assim sóbe a enzoneira.

De pequeno ouvi sempre a palavra *enzona* com a significação de intriga, enredo, mentira; *enzonar* com a de metter *enzonas; enzoneiro*, quem as mettia. Neste sentido vejo a primeira no *Diccionario contemporaneo*, mas fazendo-a derivar por corrupção de *onzena*, *onzenar*, á qual dá tambem o sentido de—bisbilhotar, que só alli vejo sem que nada a auctorize. Este Diccionario não traz enzoneiro e enzoneira, o que me parece lapso.

Moraes e outros não apresentam aquellas palavras, mas a de *Enzéma* ou *Enzéna*, odio, inimizades, o que me leva a crer que d'ella por corrupção derivam *Enzona*, *Enzonar* e *Enzoneiro*, etc., no sentido de quem fomenta odio e inimizades mentindo para maus fins.

Quando sem justo motivo

A que carga de agua? Não é impossivel, mas certamente rarissimo, e deve despertar desconfiança.

(211) **FABULA 180.ª**

No Alemtejo lavram (ou lavravam) com muares e cavallos, e assim o fazem em quasi todos os paizes do norte da Europa.

E direi mais que o devias.

Estou completamente de accordo. Quem sabe e tem força é que deve mandar.

V. fabulas 33.ª, 331.ª... e notas respectivas.

(212) **FABULA 181.ª**

Não procurei fazer a apologia da avareza, nem pugnar *pro domo mea*. Sem ser prodigo, nunca fui avarento, antes menos poupado. Deve-se porém justiça a todos, ainda aos mais antipathicos.

Esta fabula na bocca de um avarento é talvez falsa; poucos, provavelmente, se desculpariam por este modo: mas não deixa de ser verdadeira, pelo menos em grande parte, quando explica a razão que move a muitos, ainda inconscientemente.

Tambem não é menos verdade que a cada passo vemos adorar nelles o bezerro de ouro. Odeiam-os quando não se podem aproveitar d'elles; porém nem sempre quem odeia despreza; muitas vezes é inveja, e mostram mais consideração ao burro carregado de reliquias e ao avarento, do que ao homem de merito e ao caritativo. Porque maldizem na ausencia quando chegam a aviltar-se diante d'elles? Se não respeitassem o burro e não adulassem os avarentos, teriam direito a fallar. Não é isso, porém, o que geralmente se vê. Quem é pois mais vil? os que respeitam e adulam, ou o alvo das zumbaias e adulações?

(213) **FABULA 182.ª**

É o pensar de muita gente. O mundo foi feito para elles: o que não lhes serve de nada presta. Para muitos o pronome pessoal tem uma só pessoa—eu.

(214) **FABULA 183.ª**

Contentemo'-nos com o jantar e com o fructo, não procuremos ver o cosinheiro nem comer o caroço. Fructos ha que o tem venenoso, outros cuja polpa junto d'elle amarga e porisso se chamam—gostos da vida.

Diz auctor que muito prezo:

O padre Manuel Bernardes—*Luz e calor* (parte 1.ª, doutrina 9.ª) «Quatro mães mui formosas parem quatro filhos mui feios: a verdade pare odio; a prosperidade, orgulho; a familiaridade, despreso; a segurança, perigo.»

Parece que o padre formou aquelle bello pensamento tomando a 1.ª parte da *Andria* de *Terencio*, acto 1.º, scena 5.ª v. 41; a 2.ª de Plauto, *Stichus*, acto 2.º, scena 1.ª, v. 28; a 3.ª de Quintiliano, liv. I, cap. II; e a 4.ª de Velleio Paterculo, *Historia Romana*, liv. IX, cap. 118.

(215) **FABULA 184.ª**

Mas tem
Certo ....

Assim se acreditava ou se procurou fazer acreditar: tanto podem a dependencia e o servilismo! Contou-me um fidalgo velho que vira em sua casa o capellão que levava o viatico a um creado, em zumbaias com o patrão, para que s. ex.ª entrasse primeiro no quarto! Ainda hoje as salvas de artilheria a uma pessoa real constam de mais estoiros que as ao Santissimo.

É melhor
deixar ....

A dôr gasta-se com o desabafar—termo cheio de verdade. Não podemos soffrer nem gozar, por muito tempo.

(216) **FABULA 185.ª**

(Para o seu lume accender)

Diz o nosso Nicolao Tolentino:

E já as vizinhas vão
Pedir ás vizinhas lume...

O accender lume não era, ainda na minha meninice, cousa tão facil como é hoje: não havia phosphoros...

A ladainha sabida...

Quem tem pressa não póde passar por certas ruas e portas de loja, onde os vadios assaltam os transeuntes. Desgraçados! não sabendo como occupar o seu tempo, empregam-o dando provas de falta de educação.

(217) **FABULA 186.ª**

Passar a carta de tolo...

Para mim entendo que é um dos maiores insultos, e tanto peior de soffrer quanto muitas vezes, senão sempre, é impossivel applicar-lhe o remedio das taes fomentações. Quanto aos *doutrinarios* v. nota á fabula 10.ª

(218) **FABULA 187.ª**

—Nem muito ao mar, nem muito á terra.—O optimista e o pessimista erram egualmente na pratica da vida. Raras vezes a verdade se encontrará nos extremos. É certo que quanto mais orgulho ou vaidade temos, tanto mais nos ferem e escandalizam estes defeitos nos outros.

(219) **FABULA 188.ª**

Um velho, quanto mais instruido é, tanto menos se aborrece e se vê aborrecido. Um velho ignorante, a braços com as enfermidades proprias da sua edade, e ainda em cima azedado pelo pouco ou nenhum caso que d'elle fazem, torna-se uma verdadeira peste na sociedade.

(220) **FABULA 189.ª**

Em theoria, raros se encontram que não estejam promptos a fazer actos de heroismo e de abnegação; na pratica porém é muitas vezes o avesso, nem querem sujeitar-se a sacrificios que se lhes tornam proveitosos: os outros que se sacrifiquem.

(221) **FABULA 190.ª**

Não pretendo insinuar que os juizes comam a ostra: mas é verdade que muitas vezes as despezas legaes deixam cada um dos litigantes só com uma casca. D'ahi querem alguns que a *justiça* seja gratuita. Tem graça em sua ingenuidade! E quem havia de pagar, poisque os juizes e demais empregados hão de viver? E quantos juizes, quantos tribunaes e escrivães não seriam necessarios, segundo tal systema, á custa da barba longa?

(222) **FABULA 191.ª**

Uma das doenças mais vulgares é a mania de prophetizar; e tanto mais vulgar e insupportavel, quanto mais ignaros são os prophetas. Não a cura nem ao menos a attenua o continuo desmentido que recebe dos factos. Em politica é o principal fundo da sciencia de quasi todos os jornaes. Hoje prophetizam para ámanhã; ámanhã tem de contar os acontecimentos que desmentem os seus profundos calculos; e ou lhes dão uma volta, ou os contam candidamente, ou ainda tem a coragem de sustentar que assim o tinham previsto, e ficam sempre como os frades de sabugo.

V. fabula 253.ª e notas respectivas.

(223) **FABULA 192.ª**

Com sua licença

Assim dizia no meu tempo a gente do povo quando fallava em burros ou em porcos, aos quaes em Coimbra (e talvez noutras partes) chamavam os das vistas baixas. Estes euphe-

mismos ás vezes são inconvenientes: assim dizer levado de S. Pedro por...

Para estar perto do céo.

V. fabula 107.ª ... e notas respectivas.

Ha de acabar a maldade

Deve este ser o crédo de todos os que acreditam numa Intelligencia suprema e, portanto, no progresso; e é o meu.

A enzoneira trepou;

Enzoneira—V. nota á fabula 179.ª

O meu marido anda fóra

Entendi dever dar-se esta circumstancia; senão, vivendo as aguias aos casaes, esta não podia correr o perigo inventado pela gata, ficando assim a fabula falsa.

(224) **FABULA 193.ª**

V. fabulas 11.ª, 75.ª, 100.ª, 105.ª, 123.ª, 157.ª, 163.ª, 179.ª, 356.ª ... e notas respectivas.

(225) **FABULA 194.ª**

Quantas historias famosas...

Muitos dos mais ardentes partidarios dos frades concordavam em que estas corporações estavam geralmente reclamando profundas reformas, pelo menos em Portugal.

Á eira
Venha a soalheira
Chuva caia nos nabaes,

—Sol na eira e chuva no nabal: — diz o rifão. Os nabaes precisam de chuva no mesmo tempo em que o sol é necessario para o trabalho nas eiras. Estar bem já não é pou-

co: querer de mais é loucura; e egoismo, se com incommodo alheio.

(226) **FABULA 195.ª**

O facto deu-se effectivamente; não sei porém, valha a verdade, se o homem alcançou a mercê.

Solemne pancadaria

Ouvi a Alexandre Herculano que conhecia pessoas,as quase tinham alcançado a sua posição social a murro. A murro, ou com descomposturas descabelladas nos jornaes... tudo é um, tudo são meios que, se não honram a quem com elles alcança o seu fim muito menos, aos que deixam alcançal-o d'esse modo. Infelizmente tem sido este para muitos o caminho mais curto, se não o mais *direito*.

(227) **FABULA 196.ª**

É certo que as melhores soluções apenas afastam as difficuldades: sempre tem de chegar-se até o inexplicavel.
V. fabula 277.ª e nota respectiva.

(228) **FABULA 197.ª**

Ha quem, á semelhança dos frades de sabugo, por mais piparotes que leve, fique sempre em pé: tão pouco lhe pesa a cabeça!
V. fabula 253.ª ... e notas respectivas.

(229) **FABULA 198.ª**

Costumavam os gregos e os romanos collocar nas encruzilhadas dos caminhos estatuas, ou antes marcos rematados com a cabeça d'alguma divindade, ordinariamente Mercurio
V. fabula 287.ª ... e notas respectivas.

(230) **FABULA 199.ª**

Seguiam quaes os carneiros...

More pecudum—diziam os latinos. Basta, ás vezes, levar á força um que esteja na frente do rebanho, para todos os demais o seguirem. O exemplo tem grandissimo poder mórmente para o mal: socega a consciencia dos parvos.

Bourdalou ou Massillon

A ironia aqui é tão clara que julguei poder empregal-a sem falta de respeito aos dois grandes oradores sacros francezes.

(231) **FABULA 200.ª**

O facto deu-se. O auctor da carta era um cavalheiro instruido, mas um tanto apedantado, como é natural que o sejam aquelles que pouco sahem da sua aldeia, onde são oraculos. A carta veiu ter á minha mão porque (naquelle tempo) era muito costume nas terras pequenas empregar em embrulhos as cartas recebidas.

(232) **FABULA 201.ª**

É bem sabido que as plantas sem o amanho, e os homens sem a educação perdem, pelo menos em parte, as boas qualidades com que nasceram.

V. fabula 251.ª ... e notas respectivas.

(233) **FABULA 202.ª**

O talento póde muito, mas não tudo. De que serve um bom instrumento nas mãos de quem não quer usar d'elle? Que vale um bom terreno, se o deixam estar inculto?

(234) **FABULA 203.ª**

Plutarcho na vida de Lycurgo refere que em todas as fes-

tas de Esparta havia tres córos, representando as tres épocas da vida humana. O dos velhos dizia:—Fomos outr'ora moços, valentes e ousados; o dos moços:—Assim o somos nós hoje e promptos a proval-o; e o das creanças:—Um dia o havemos de ser e excedel-os a todos. A origem d'estes córos (cheios de verdadeiro e nobre patriotismo) não é conhecida; julga-se porém muito anterior aos grandes tragicos gregos. É para notar que geralmente os promotores de centenarios ostentam desprezo pelos descendentes dos festejados; e não admittem que se honrem de uma tal descendencia!

V. fabulas 62.ª, 162.ª, 273.ª ... e notas respectivas.

(235) **FABULA 204.ª**

Quantas descobertas foram feitas e depois desprezadas, (d'ahi o dizer-se que nada ha novo sob o sol) porque a humanidade ainda não estava em circumstancias de as poder aproveitar.

O merito não consiste em achar por acaso: mas em descobrir estudando, ou em tirar o verdadeiro proveito do que por acaso se encontrou.

V. fabula 127.ª ... e notas respectivas.

(236) **FABULA 205.ª**

A fórma litteraria não é para desprezar; porém, é um accessorio que varía e até perde parte do seu merito com o tempo, o qual torna até incomprehensivel para quasi todos a linguagem em que ella foi modelada. A idéa permanece, vai revestindo fórmas novas segundo as épocas, e é admirada em linguas diversas.

Não se deve pois desprezar a fórma, que é meio poderoso de espalhar a idéa e que sempre conserva o seu grande merito para quem está nas circumstancias de a poder apreciar; nem tão pouco sacrificar-lhe a idéa, ou gastar com a fórma tempo demasiado, pois isso esfria a inspiração.

(237) **FABULA 206.ª**

V. fabula 260.ª e notas respectivas.

(238) **FABULA 207.ª**

Quantos brigam com o Pantana que não sabem onde se metter quando sentem o menor perigo!

Mas, imitando estadistas...

Pedir emprestado (ainda certo de o poder pagar) para despender em cousas que não sejam de urgentissima necessidade, equivale a comprar caro em vez de barato e a comer o trigo em verde. Demais, quantas cousas se julgam necessarias, que uma pequena demora mostra serem inuteis ou escusaveis?

(Operação financeira.

É de fé que homens de bem negoceiem e enriqueçam com as dividas fluctuantes, assim como é certo que houve e ha negociantes honrados: não sei porém o que o dinheiro traz comsigo, que tantas vezes suja; e será talvez porisso que os termos noutro tempo decentes de—tratante e de—traficante, são hoje injuriosos. Até já se diz *negocio* e *negociata* em mau sentido...

Porém, ou seja verdade...

Era, ou ainda é, crença popular que os ursos não comem corpos em putrefacção.

(239) **FABULA 208.ª**

A má vontade e o máu modo podem tornar amargo ainda o maior beneficio.

(240) **FABULA 209.ª**

Acabando com certos preconceitos e augmentando o va-

lor do tempo, muito se tem modificado as relações sociaes no que diz respeito a cerimonias e mesuras. Quanto menos, porém, forem as regras que a sociedade imponha, mais severa tem ella direito de ser (e o deve) contra as suas infracções. As bases da boa educação são as mesmas da verdadeira religião: seguir o recto caminho, não fazendo aos outros o que não queremos que nos façam a nós; antes procurando ser-lhes agradaveis como desejamos que elles sejam para comnosco. Quanto ao serviço publico, muito por certo se tem simplificado; porém estamos ainda bem longe do que devia podia e ha de ser.

V. fabula 248.ª... e notas respectivas.

(241) **FABULA 210.ª**

V. fabula 161.ª... e notas respectivas.

(242) **FABULA 211.ª**

A fabula da «gallinha que punha ovos de ouro» é falsa, como se disse em nota á da «velha e a gallinha» (149). Antes porém de encontrar esta ultima tinha eu composto a presente fabula, que não inutilizei por julgar serem de interesse algumas observações que nella apresento.

V. fabula 149.ª... e notas respectivas.

(243) **FABULA 212.ª**

A natureza está sempre produzindo porisso que tem de destruir continuamente. Ambas as cousas não passam de transformação. Cousas houve optimas que se tornaram inuteis e até prejudiciaes. Assim ha de succeder com muitas que hoje parecem optimas e indispensaveis.

V. fabulas 174 ª, 234.ª ... e notas respectivas.

(244) **FABULA 213.ª**

È natural que o fraco peça o auxilio de quem pode mais;

porém não é justo nem razoavel nem brioso pedil-o quem pode passar sem elle.

(345) **FABULA 214.ª**

Ha genios a que eu chamo *incarrapassiveis* (perdão pelo ouriçado neologismo): são o Sr. Agudo do conto allemão: vivem só de arrepellar. Parece que pessoas tão azedas e nervosas deviam durar pouco. Pois não é assim; morrem de velhas, animadas pelo demo que tem sempre no corpo.

V. fabula 208.ª... e notas respectivas.

(246) **FABULA 215.ª**

As maiorias governaram e hão de sempre governar; pois não se deve ter em conta o numero de individuos sem intelligencia nem vontade, mas a força intellectual ou ainda physica. Quem não pode ou não quer, que se queixe da natureza ou de si; mas nada remedeia com isso.

V. fabulas 25.ª, 73.ª, 161.ª, 218.ª, 221.ª, 235.ª... e notas respectivas.

(247) **FABULA 216.ª**

Á falta de cada um poder ou desejar ver os seus defeitos, que ponha os olhos nos outros e verá se esta fabula é ou não verdadeira.—Porque não faz fulano isto ou aquillo?—Porque não tem estas ou aquellas qualidades?...—E tu, porque não fazes e não tens o que dizes que elle devera ter e fazer?

(246) **FABULA 217.ª**

Todos ou quasi todos tem bellos conselhos para os outros: mas quanto a seguil-os, muda o caso de figura.

(249) **FABULA 218.ª**

Sem orelhas e sem rabo.

O fim d'aquella mutilação, ainda hoje usada, era asseme-

lhal-os aos macacos! O mesmo faziam a uns cãesinhos inglezes (*pug-dogs*—cães macacos) a que chamam *dogues;* aos quaes para identico fim deformavam tambem o focinho.

Doutrinario

V. a nota á fabula 10.ª

Ha pouca gente
Ou ninguem.

Labia nunca falta: mas é bem certo que—cão que ladra não morde, e—muitas vozes, poucas nozes.
V. fabula 162.ª... e notas respectivas.

(250) **FABULA 219.ª**

Somos a continuação de nossos avós; é um sentimento, pelo menos, desculpavel o estimarmos que elles fossem bons, e illustres. D'ahi deve nascer para nós o desejo de os imitar (no que fôr possivel) ou ainda exceder; e nunca o orgulho ou vaidade, lembrando-nos de que muitos ha que degeneram e que, porisso, o bom nascimento é apenas uma feliz presumpção. Ainda menos devemos alardear da nossa ascendencia, poisque assim podemos ferir os sentimentos de quem a teve ruim ou menos illustre.
Tambem não se deve invejar, no mau sentido, o nascimento de ninguem, tentando rebaixal-o aos olhos dos outros e affectando desprezo, as mais das vezes filho da inveja ou da vaidade offendida.
V. fabula 203.ª... e notas respectivas.

(251) **FABULA 220.ª**

As maiores aguias podem levar coelhos e até cordeiros e cabritos para o ninho. O que é possivel e natural em alguns, pode até ser ridiculo que outros o tentem sequer. O arrojo imprudente só tem desculpa, e chega até a ser louvavel e nobre, quando nasce do desejo de praticar alguma cousa util ou grande.

Em camisa de onze varas

Metter-se em grandes trabalhos e desgostos: Vem, segundo dizem, de que as alvas dos enforcados levavam onze varas de panno.

V. fabula 134.ª... e notas respectivas.

(252) **FABULA 221.ª**

Está tudo por ahi cheio d'estas moscas, em grande parte inoffensivas e que até, senão fossem tantas, podiam servir de divertimento a quem não tivesse mais que fazer.

(253) **FABULA 222.ª**

—*Il vaut mieux frapper fort que frapper juste*--dizia Voltaire; e ainda hoje isso é verdade com relação á maior parte da gente. O estardalhaço, o palavrão (quanto mais sonoro e incomprehensivel melhor) as côres assanhadas é que arrastam a multidão e com ella, não raro, gente mais ou menos sensata, salvo depois o arrependimento.

V. fabula 161.ª... e notas respectivas.

(254) **FABULA 223.ª**

Não posso dar razão ao moleiro, como o fez La Fontaine, —*Il le fit et fit bien.*

—Todos os conselhos ouvirás, mas o teu não deixarás—diz o dictado. Quem toma ás cegas qualquer conselho que lhe dão, e ás cegas muda de parecer, só de si deve queixar-se se o resultado fôr mau. Todo o homem deve ter principios fixos pelos quaes regule o seu proceder e não os abandonar, qual catavento, á primeira objecção que lhe façam.

(255) **FABULA 224.ª**

Quem pretende ser, ou é, superior aos demais não póde tirar vaidade de os vencer. Que gloria póde provir ao homem de subjugar uma creança; ao forte, o fraco; ao instruido, o ignorante?

(256) **FABULA 225.ª**

Dizer verdades desagradaveis sem para isso ter missão ou absoluta necessidade, é d'um mal-creado; e ainda quando se digam por serem perguntadas ou se deverem dizer, seja sempre sem rudeza. Os remedios não se applicam á bruta. Verdades ditas assim produzem, não raro, o effeito contrario ao que se deseja obter. — *Que de vertus vous me faites haïr!* disse já um escriptor francez

V. fabula 323.ª ... e notas respectivas.

(257) **FABULA 226.ª**

Os homens, em geral, levam-se mais pelo exemplo do que pelas maximas.—Se é esse o verdadeiro caminho (dizem elles) porque não o segues? A primitiva significação de—escandalizar é fazer tropeçar, dar mau exemplo.—Apprendei de mim—disse o Mestre.

V. fabula 153.ª ... e notas respectivas.

(258) **FABULA 227.ª**

Cumpra cada um com o seu dever, sem lhe importar se os outros cumprem ou não o seu; salvo quando lhe competir fazel-o.

(259) **FABULA 228.ª**

Quando a humanidade tiver estudado mais, ha de haver só uma arithmetica, uma geometria, uma historia, etc., quer dizer, um só tratado sobre cada uma das sciencias e artes. As duvidas que ainda existem e as melhores ou peiores demonstrações (não esquecendo o espirito mercantil) são a causa de tantas obras sobre o mesmo assumpto.

(260) **FABULA 229.ª**

Athletas d'outras edades

Todas as acções, todas as instituições se devem julgar,

quanto possivel fôr, não isoladamente mas acompanhadas das circumstancias em que existiram. Não se segue que por uma instituição ter sido optima ou indispensavel noutro tempo, o seja ainda hoje, em que póde ser inutil ou até prejudicial. Com os tempos mudam os costumes; e com os ventos, os tempos.

Quanta cousa conservada...

Mau é mexer no que está combalido. O dourado ou o verniz podem encobrir muitos defeitos; se o tiram, fica a obra mostrando que não tem valor.

(261) **FABULA 230.ª**

Um bom instrumento nas mãos do ignorante, leis boas com ruins governos são, pelo menos, inuteis.

(262) **FABULA 231.ª**

Quem acredita em sortes, em bruxarias, em maus olhares, em enguiços, influições benignas e malignas... como póde zombar dos selvagens e dos seus *manitús?*

O Jordão fallava prosa

Todos conhecem, ou devem conhecer, o *Bourgeois Gentilhomme* de Molière.

(263) **FABULA 232.ª**

Muitos são victimas de demandas, ás vezes males inevitaveis.

Tanto para a administração da justiça como para a applicação dos remedios não basta a honradez. O juiz e o medico pódem na melhor boa-fé desgraçar ou matar um individuo.

(264) **FABULA 233.ª**

A velha não tinha amigas.

Diz D. Francisco Manuel de Mello na sua *Carta de Guia de casados* que—aos homens perdem os seus inimigos, e ás mulheres, as suas amigas.

Quem havia de aturar...

Só a paciencia da mulher, que para isso foi creada. O mesmo com o velho, que é uma segunda creança. Porisso, instinctivamente, os paes preferem as filhas em que vêem o seu ultimo conchego; e as mães, os filhos que lhes hão de servir de amparo pela morte ou velhice do marido.

Dois homens difficilmente se aturam ou convivem; dois velhos menos, salvo se forem muito illustrados. Porisso o homem acaba ordinariamente debaixo do chinello da mulher, isto é, dependente d'ella, no sentido de precisar de quem o ature.

Quantos no mundo, leitor...

Quem não tem desejos? e quantos fazem bom uso d'elles se chegam a vel-os realizados?

(265) **FABULA 234.ª**

—O mundo é um palco—! diz Shakspeare. Trate cada qual de representar o papel que lhe coube. Quem desempenhar bem o de sapateiro de escada será melhor actor do que quem representa mal o de heroe. De mais, lembre-se cada um, que está *representando*, que—se é Cesar, podia ser João-Fernandes.

(266) **FABULA 235.ª**

O povo (e quando fallo assim quero dizer o homem) tem geralmente queda invencivel para acreditar no maravilhoso; e, quanto maior fôr o absurdo, mais serão os crendeiros. A fé é indispensavel ao homem, poisque, não podendo saber tudo, tem de acreditar na palavra dos que sabem o que elle ignora. O ponto é ir bater a boa porta.

(267) **FABULA 236.ª**

Tenho representado muita vez o papel d'este reo! E quem o não terá feito?

(268) **FABULA 237.ª**

Que o homem de mim provém.

Opinião menos exactamente attribuida a Darwin que, por sustentar que o homem e o macaco derivam d'um mesmo typo ou ente, não pretende dizer mais do que diz quem affirma que o burro e o cavallo provém de um typo commum, e não um do outro.

Que entre o *iota* e o *i romano*.

Por muito tempo se escreveram ambos com a mesma letra; (i); chamando-lhe ora *i vogal*, ora *i consoante*, assim como o *u vogal* e o *u consoante* com outra para ambas (v). Quando isto se alterou houve serias polemicas, visto não haver mais em que entreter a actividade do espirito humano.

Tolentino alludindo á questão e fallando do seu mestre, —poço de tabaco e de sciencia, disse:

Entre o iota e o i romano
Que diff'rença se encontrasse,
Trabalhava havia um anno;
Obra que, se elle a acabasse,
Feliz do genero humano!

E as taes de lana caprina

Outra questiuncula sobre a natureza do pello da cabra e o da ovelha. Esta e outras questões eram interminaveis, porque á falta de sciencia experimental tratavam-se metaphysica e até... religiosamente, (e agora o verás) com Platão, Aristoteles, os Santos Padres... não raro cheirando o caso a heresia!

A continua gargalhada.

Vulcano, vendo os ares turvos no Olympo por causa dos ciumes de Juno, tomou o logar de escanção e começon a servir o nectar. Os deuses acharam tanta graça ao desengraçado coxo, substituindo Hebe ou Ganimedes, que desataram numa estrepitosa gargalhada, a qual ainda hoje duraria se elles existissem. Com ella termina Homero o 1.º Canto da Iliada.

A nobreza...

A nobreza e a belleza não são nada para desprezar; porém, quando desacompanhadas de merito pessoal, pouco valem e são mal empregadas.

(269) **FABULA 238.ª**

Ha muitos que dizem: «Se ha de ser outro...» Como se devesse necessariamente fazer-se o mal. Cada um responde por si.

(270) **FABULA 239.ª**

O verdadeiro sentido da palavra—critica—não exclue o elogio merecido; porém o abuso d'ella fêl-a synonima de —censura, e quantas vezes injusta e ignorante?

Bocage disse das satyras—que prestam e se estimam quando não calumniosas—; e podia juntar—ignaras e com fins de ganho sordido. Quem haverá mais vil do que aquelle que ganha torpemente o pão a maldizer e a calumniar?

Quando
Applaude, ou se não ralha.

É o *chantage* da Lei Penal franceza.

Sou eu que o digo.

Esse *eu* é, não poucas vezes, um fugido com os rr dos lyceus ou que nem pôde fazer exame de instrucção primaria, mas se arvorou em litterato e até politico!

(271) **FABULA 240.ª**

O caso dou por provado.

O facto é que na China ha pescadores que introduzem nas ostras perleiras figurinhas de madeira que depois tiram revestidas de madre-perola.

O do mal...

Neste sentido ha poucos males que, vencidos, não possa dizer-se d'elles que vieram para bem. O homem que nunca

soffreu póde comparar-se, moralmente, ao que viveu na absoluta falta de exercicio e, porisso, não tem vigor ou energia physica.

(272) **FABULA 241.ª**

Quantos desejam que a morte os avise a tempo e a horas, e não vêem que ella nos está avisando todos os dias?

(273) **FABULA 242.ª**

V. fabula 239.ª... e notas respectivas.

(274) **FABULA 243.ª**

Levo aqui meus seis tostões ...

O calculo foi cuidadosamente feito e depois approvado por pessoas mui auctorizadas, visto lidarem com taes negocios.

Só com tres

A saloia tirava os ovos por esse preço, por melhores e mais frescos que fossem.

Compro boa deitadura

Não encontro a palavra nos diccionarios que tenho: peor para elles. É tão boa e usada como—amassadura, cozedura, pão que se amassa, que se coze de uma vez. Note o leitor para seu governo que, segundo as auctoridades na materia, a deitadura deve constar de numero impar de ovos; se fizer o contrario, depois não se queixe.

Para a gallinha pedrez

Esta especie de gallinhas foi das mais estimadas, mórmente como prolifica. Diz a quadra popular:

Minha gallinha pedrez
Põe-me dois ovos ao dia;
Se ella me pozesse tres,
Melhor conta me faria.

O coração humano é insaciavel!

E se bom frango...

Ouvia eu dizer, quando creança:

Pinto de janeiro,
Se salta ao poleiro,
Vale um carneiro.

Quer dizer: se escapa, tem grande valor.

Pois certo saem gallinhas...

Crença muito antiga, da qual já falla Persio numa de suas satyras—que dos ovos mais redondos saem gallinhas e dos mais agudos gallos... talvez por causa da crista?

Uns bezerritos de meias.

Neste contracto avalia-se o animal que se dá a crear (ou de meias) e depois, quando se effectua a venda tira-se do preço realizado aquelle valor e o resto reparte-se egualmente entre o dono do animal e quem o creou.

Embora sejam ratinhos.

Chamam-se assim os de raça pequena; são o *ponies* do gado vaccum.

Dizem que o assumpto d'esta fabula veiu, como outros muitos, da India. Não percebo porque tivesse de vir de tão longe.

(275) **FABULA 244.ª**

Não fazer caso de cousas insignificantes é prudencia: porém cuidado, não se tornem ellas pela frequente repetição males incuraveis. Quem se respeita deve fazer-se respeitar e não consentir que qualquer faça d'elle o seu arreburrinho.

(276) **FABULA 245.ª**

Do mundo no borborinho

Moral ou intellectualmente póde-se estar só entre milha-

res de pessoas. Imagine-se um individuo no meio de Pekin, sem alli ter relações e ignorando o chinez. Antes porém só que rodeiado de parvos ou de malevolos: do mal o menos.

(277) **FABULA 246.ª**

O assumpto d'esta fabula faz lembrar a resposta de Jesus Christo aos saducceus (Evangelho de S. Matheus, cap. XXII, v. 30.)

(278) **FABULA 247.ª**

Uma pouca de *guita* é necessaria para se viver na sociedade; mas... pouca. Porque nos havemos de admirar de que saibam da nossa vida os outros, se a estamos contando a todos continuamente?

V. fabula 1.ª e notas respectivas.

(279) **FABULA 248.ª**

Esse soprano de sala

O canario, que por ahi vemos e ouvimos, é uma creação da selecção artificial; não se encontra no estado selvagem. O mesmo acontece com outros animaes e com algumas plantas, v. gr. o trigo.

De graves erros tambem

Queixam-se de os adversarios jogarem o seu jogo, sabe Deus se menos licito que o d'elles. São como Mr. Jourdain (Bourgeois Gentilhomme) que accusa a creada de interverter a ordem no jogo do florete:—«*Tu tires quarte avant de tirer tierce*»—, quando a verdade é que a maior parte das vezes os partidos cahem do poder pelos seus proprios erros e, portanto, sobem pelos erros alheios.

(280) **FABULA 249.ª**

Entre sucia tão ruim.

Ruim para o lavrador. O mesmo diriam os passaros fal-

lando dos homens; cada qual falla da festa como lhe vai nella. Os passaros, porém, representam aqui os amigos do alheio, com responsabilidade moral.

(281) **FABULAS 250.ª**

Disse ao seu *particular*

Particular, abbreviação de—creado particular, que se usa no Paço. A pesar de se ver claramente que o facto não podia dar-se em nossa época, declaro terminantemente que durante o tempo da minha estada no Paço, não se deu facto algum a que esta fabula possa alludir.

Com geito e boa intenção

Ha pessoas que tem o dom de tornar tudo desagradavel, ainda os conselhos mais amigos e salutares: são medicos que curam á bruta.

Quantos desejando estão
Que o dos outros mór quinhão.

Pelo menos quanto á egualdade; pois geralmente se deseja esta com os que tem mais fortuna ou melhor posição social, sem se admittirem eguaes pretensões nos inferiores. V. fabulas 225.ª, 323.ª... e notas respectivas.

(282) **FABULA 251.ª**

Tão fortes são ás vezes os maus instinctos que resistem á educação; e nesse caso a instrucção torna-os mais perigosos. É armar um malvado.

(283) **FABULA 253.ª**

Se é verdade que o egoismo exaggera muitas vezes a cautella; não o é menos que a indifferença para com os incommodos alheios vem de estes não nos causarem incommodo nem prejuizo. Os dois defeitos podem ter a mesma origem. Assim tambem o orgulho (ou a vaidade) póde nascer do

sentimento aristocratico ou do democratico.-«Vejo-lhe o orgulho pelos buracos do seu manto.» Dizia Socrates de Antisthenes, fundador da eschola cynica, depois tão desacreditada.

(344) **FABULA 253.ª**

Certa eschola
Que deixaram.

Raro é que o que se chama—eschola—continue as idêas do mestre. Da de Socrates sahiram algumas bem differentes. Platão foi discipulo de Socrates, e Aristoteles de Platão; e todavia estes dois ultimos philosophos foram quasi antagonistas. Os cynicos e os epicureus estavam longe, bem longe, de seguir as idêas de Antisthenes e de Epicuro.

Sempre em-pé.

A imperturbabilidade de certos individuos é que os faz *gente:* lembram o dictado—quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

(285) **FABULA 254.ª**

'Stá curado.

Crença antiga e não sei se ainda moderna. È o—curar a ferida feita pelo cão com o pello do mesmo animal.

É contar...

Ha muitos infames que vivem de morder ou de ameaçar que mordem. O melhor, ou o necessario quando a lei ou os tribunaes não protejam o homem de bem assim exposto, é, podendo ser, tirar a taes feras a vontade de morderem; com o mesmo direito e dó com que se tratam as bestas bravas e os bichos peçonhentos.

(286) **FABULA 255.ª**

Mas fino que nem coral.

Os coraes antigamente foram muitissimo mais estimados

do que são hoje ainda os mais valiosos; d'ahi o dizer-se—fino como um coral. Porém tendo a palavra—fino outra significação, applicou-se o dito para significar—pessoa esperta, ladina; qualidades que de certo nunca pertenceram aos coraes.

O chumeco

Termo popular mais usado no Porto que em Lisboa, e muito mais na ilha da Madeira. Deriva-se da palavra ingleza *shoemaker*, fabricante de sapatos, sapateiro; e usa-se entre nós no sentido de remendão, trapalhão, etc., etc.

Que o methodo é arriscado.

E é, deveras: mas á falta de outro criterio, temos de recorrer ao senso commum, isto é, ás regras deduzidas dos conhecimentos da nossa epocha. Não devemos admirar que homens, aliás illustrados, de outras eras não admittissem certas hypotheses hoje demonstradas como verdades innegaveis, poisque essas hypotheses iam de encontro aos principios scientificos então admittidos.

(287) **FABULA 256.ª**

Dó de peito

Gymnastica musical e encanto de muitos que são, e muitissimos mais que se dizem ser, amadores e conhecedores de musica.

E abalou. Só percebeu
Então
Que fôra logrado...

Não julgo natural que a raposa (o lisongeiro) depois de enganar dê com os pratos na cara ao enganado e ainda em cima uma roda de tolo, com a competente moralidade Tambem vejo que quasi sempre o enganado, ou desenganado, se volta sómente contra o intrujão, sem dizer *mea culpa*.

V. fabulas 67.ª, 179.ª... e notas respectivas.

(288) **FABULA 257.ª**

Nunca se deve dizer.

A celebre falla ou proclamação de Napoleão I antes da batalha das Pyramides não resiste á analyse; é um dos monumentaes destemperos que tem sahido da bocca humana. Mas foi efficasissima, attenta a occasião e aquelles a quem era dirigida; e portanto optima. O palavrão sempre tem governado e ha de ainda por muitos seculos governar o genero humano. É obra feita e muito commoda para a maior parte da gente a quem allivia do terrivel incommodo de pensar. É o—*tarte à la crème* do Marquez na—critica da *Eschola das mulheres* de Molière.

Quanto a producções litterarias, mórmente poeticas ou assim chamadas, a regra é que—quanto mais incomprehensiveis por absurdas, tanto mais admiradas.—«E dizendo isto é ode certamente»—diz o Tolentino na satyra do *Bilhar*. Mas quem lê isso hoje?

(289) **FABULA 258.ª**

Conheci um magistrado.

É facto. Tambem me parece verdade ser tal mania muito commum. É a theoria do—bode emissario—lançar sempre as culpas a alguem; ou á sorte ou, hoje, á sociedade. Triste consolação! mas serve a muita gente, e da melhor. É a creança a bater no movel onde se magoou, ou o caso do soneto de Tolentino:

—Que este honrado, infeliz cabelleireiro
Pelas manhas da bêsta pune a albarda.

(290) **FABULA 259.ª**

Um leopardo, que ensinado

É isto usado pelo menos na India.

O brinco
Deu em chorinco

Este *chorinco* não é meu; inventou-o o povo para fazer rimar as duas partes, o ditado. Não o encontro em dicionario algum: mas como serve e se entende e não é indecente, aproveitei-o. Sempre me pareceu que uma palavra decente, que os portuguezes em geral entendem, é mais portugueza do que outra, embora empregada por grandes classicos, que para se entender obriga a folhear o Elucidario.

Nem todos saberão que *apartamento* (no sentido francez de quarto) *refusar* (recusar) *reproche*, *reprochar* (lançar em rosto) são palavras vernaculas e se encontram em Barros Lucena, Sá de Miranda, Vieira, D. Francisco Manuel... Por essas e outras é que eu adoptei e sigo a regra apontada, que cedo ou tarde todos seguem. As linguas vivas, porisso que são vivas, estão-se transformando continuamente.

Tu nasceste humilde e pobre.

— Fiz-te duque, não pude fazer-te cavalheiro. — Attribue-se o dito á rainha Christina de Hespanha, como dirigido ao celebre Espartero, um d'aquelles homens que estando no poder foi, com razão ou sem ella, maldito como uma fera sanguinaria; e que no fim da vida se viu adulado ou adorado pelos seus antigos adversarios. Quantos assim! E vão lá acreditar em opiniões e juizos de politicos...

(291) **FABULA 260.ª**

Era a vingança o prazer
Dos deuses que já lá vão.

Os deuses do paganismo tinham carta branca para toda a sorte de patifaria. Eram os antigos fidalgos, os antigos prelados barões e, atè certo ponto, os antigos desembargadores. Tambem a justiça e a vingança (Nemesis) eram uma e a mesma cousa. Hoje cahiu-se no extremo opposto: a sociedade (a grande culpada de tudo...) ou antes os homens honrados mal tem o direito de se defender. As sympathias são todas para os malvados e bebedos (infelizes doentes!) de cuja regeneração se tracta muito mais (senão exclusivamente) do que da verdadeira educação para, quanto possivel, evitar que os haja. Muita botica, muitos remedios, porém os mais agradaveis que possam ser; e pouca ou nenhu-

ma hygiene. Assim, quem governa não sómente dá, mas tece a corda para se enforcar.

(292) **FABULA 261.ª**

Pouco depois um gemido

É crença popular que os crocodilos gemem, fingindo que choram, para attrahir victimas: d'ahi—lagrimas de crocodilo.

(293) **FABULA 262.ª**

Não ha calumnia que não levantem ás corujas. Todos lhes atiram só porquê... são feias e apparecem de noite!

Os lavradores superstícios perseguem-as e o mesmo fazem aos mochos e sapos, ignorando que ellas e elles, longe de lhes serem nocivos, os ajudam destruindo outros animaes verdadeiramente damninhos. Mas são de mau agoiro! e matam esses e outros desgraçados animaes, ou os pregam vivos numa porta ou os espetam num pao, para exemplo! Aqui, como em muitas outras fabulas não culpo o animal mas aquelle que tem as qualidades que lhe são attribuidas.

(294) **FABULA 263.ª**

V. fabula 172.ª ... e notas respectivas.

(295) **FABULA 264.ª**

Tão necessaria me parece a intervenção da mulher na educação de seu filho quando creança, como prejudicial e ridicula quando este chega aos 14 ou 15 annos. Affigura-se-me um coronel de *nulanos* a educar uma menina. Na primeira hypothese teremos (salvo o milagre) um—maricas, atado e pretencioso; na segunda, o que se chama vulgarmente uma cavallona. E isto é o mais baratinho possivel.

Que levou
O tal conselho
Das prognosticas a dar...

Aos ignorantes dá-lhes muitas vezes para ser prophetas; (Vide o Bandarra e outros) e é sestro de muitas D. D. Marias.
—«Olhe, sr. Fulano, lembre-se que lh'o digo eu; a tantos de tal... verá!»

Com os taes passaros *bisnaos*

Quem me dirá que especie de passarola é, ou era, esta?

O mundo deve ensinar...

Para dizer quanto a este respeito sinto e para proval-o tornava-se o presente livro, já tão volumoso, verdadeiramente descommunal. Se eu teimar em viver, tenciono publical-o noutro livro já em parte escripto.
V. fabulas 34.ª, 51.ª, 64.ª, 80.ª, 107.ª, 168.ª, 288.ª, 309.ª... e notas respectivas.

(296) **FABULA 265.ª**

Ha mais d'uma que o consiga...

A uma rapariga que demasiadamente se enfeita serve de desculpa a sua pouca edade; mas, se ella soubesse quanto perde com isso physica e moralmente, não o fazia de certo. Uma mulher casada, e ainda mais uma velha, podendo ser respeitavel, torna-se, pelo menos, ridicula e desprezivel: porém, quando para tanto possue os precisos meios o mal é só d'ellas e com ellas fica.

Se a vaidade...

A discreta satisfação da vaidade é ainda necessaria no estado em que se acha a illustração humana.
V. fabulas 6.ª, 13.ª, 18.ª, 27.ª, 28.ª, 31.ª, 32.ª, 44.ª, 46.ª, 53.ª, 60.ª, 61.ª, 109.ª, 137.ª, 219.ª, 307.ª, 324.ª, 350.ª... e notas respectivas.

(297) **FABULA 266.ª**

Muitos ha que, qual a mosca, vão logo direitinhos á podridão; a outros, pelo contrario, tudo lhes é cheiroso

quanto é havido como tal: os primeiros são maos, os outros—parvos.

Nas fabulas—«os ratos e as doninhas» e—«os dois imitadores da natureza», não se procura criticar os defeitos dos grandes mestres, sim a parvoice de quem pensa que tudo nelles deve ser perfeição.

V. fabulas 162.ª, 362.ª... e notas respectivas.

(298) **FABULA 267.ª**

Deve a memoria dos mortos ser respeitada, já em attenção ás familias e aos amigos que deixaram, já porque não podem defender-se. Só a historia deve ser para com elles severa, quando o mereçam, porém sempre justa. Escandaliza ver elevado ás nuvens um malvado ou um parvo, por aquelles mesmos que na vespera até o calumniavam exaggerando os seus defeitos.

Quanto ás necrologias vulgares, são estas ordinariamente as primeiras armas dos parvos e dos analphabetos. É triste dizel-o porém a maior parte d'aquelles ensaios diverte: a fouce da impia morte, a dura Parca, a ampulheta da eternidade, os decretos dos destinos. a lagrima da saudade eterna vertida na urna e quejandas monstruosidades e até sentimentos que seriam impios se, quem os profere, tivesse imputação. .

(299) **FABULA 268.ª**

E quem é as mais das vezes

—Chama-lh'o antes que t'o chame.—Muitos dos mais zelosos defensores da moral publica são os que mais a offenderam e a offendem ainda, patenteando, com o desejo de infamar, aquillo que ninguem via. Nasce isso tambem ás vezes do desejo de mostrar que, se elles andam mal, tambem outros assim fazem, senão peior.

(300) **FABULA 269.ª**

Entre a cruz e a caldeirinha

Num grande perigo.—Assim iam, entre nós, os pade-

centes em procissão até á forca entre a cruz alçada e a caldeirinha da agua-benta.
V. fabula 311.ª... e notas respectivas.

(301) **FABULA 270.ª**

V. fabula 170.ª e notas respectivas.

(302) **FABULA 271.ª**

Não é para admirar que um analphabeto julgue inuteis os meios (a instrucção e a educação) que não teve, e que tantas vezes pouco servem a outros para alcançarem o que elle obteve sem os ter. Mas não deixam porisso de ser o que são,—burros carregados de reliquias, ou com a pelle do leão; e, faltando-lhes a boa maré, dão á costa e voltam á albarda. O que porém os torna mais insupportaveis é a sua ruidosa vaidade.

(303) **FABULA 272.ª**

Tive muitas vezes de mudar os nomes dos animaes das fabulas antigas para as tornar mais verosimeis. O lobo atacava logo a cabra que figura ordinariamente nesta.
V. fabulas 4.ª, 121.ª... e notas respectivas.

(304) **FABULA 273.ª**

Operarios bem peritos

Perito—é aqui tomado evidentemente no seu genuino sentido, de—habil, entendido sabedor...

(305) **FABULA 274.ª**

Á força nem para o céo; nem taes são os meios de levar para lá ninguem. Lembra-me o que disse o almirante Balão ao bispo que d'esse modo o queria converter. Ainda assim ouso pensar que o Carlos Magno não perde no confronto com algumas producções modernas que, verdade, verdade nada tem que perder.

(306) **FABULA 275.ª**

O fazel-a, mais o ninho

As mais das vezes escondido nalguma fenda ou buraco por isso raro se vê.

(307) **FABULA 276.ª**

As cousas valem segundo a sua maior ou menor abundancia, as nossas necessidades verdadeiras ou facticias e, até, a nossa vaidade.

(308) **FABULA 277.ª**

Quantos *almirantes* por ahi tem apparecido? Noutras terras maiores, como Londres e Paris, encontram-se a cada passo.

A maior parte da gente

E porque não toda? A questão está no numero de argumentos ou razões. A final vem sempre o eterno—*é por que sim.*

Vide fabula 129.ª,... e notas respectivas.

(309) **FABULA 278.ª**

A fabulosa innocencia

No seculo passado houve a mania de admirar as virtudes dos selvagens. A sciencia acabou com tal erro. Ainda hoje, porém, muita gente boa acredita na innocencia dos habitantes das aldeias...

Assim o mundo

Para rectamente julgarmos alguem com relação a um facto de que é accusado ou porque é louvado, precisamos de conhecer bem todas as circumstancias em que elle estava quando o praticou. Porisso a historia ainda é por muito tempo ha de ser—*uma historia.*

Papel de justo ou malvado

Tem-se ainda modernamente dado o caso em theatros nossos, de haver espectadores sinceros que pateiam um

actor quando representa bem o seu papel de malvado. Devia tomar-se como um protesto contra quem apresentasse monstruosidades em scena.

Vide fabula 234.ª... e notas respectivas.

(310) **FABULA 279.ª**

Com o judeu

O odio contra os judeus noutros tempos, não provinha, tanto de os accusarem de deicidas, como de elles serem agiotas desapiedados e da inveja ás suas riquezas, ainda quando bem adquiridas. As mesmas causas estão ainda hoje produzindo os mesmos effeitos na Russia e na Allemanha.

E não poucos d'esses mécos

Aqui é que se dá o caso de caberem num sacco, senão a honra, as *honras* mais o proveito.

(311) **FABULA 280.ª**

Os animaes, principalmente os domesticos, tem consciencia do mal que fazem, isto é, de que obram contra preceitos estabelecidos. Na edade media, chegou-se a processar e condemnar animaes por crimes de que foram acusados!

(312) **FABULA 281.ª**

De fructos novos enxertos

A palavra — enxerto tambem significa — arvore fructifera nova que se dispõe ou transplanta. Provavelmente vem-lhe o nome de já estar enxertada.

Assim em tempos passados

Era costume, nos tempos heroicos e ainda mais tarde enterrar, pelo menos os chefes, com *armas* e *bagagens*, e ás vezes mulheres, escravos e cavallos: prova de que acreditavam na continuação de uma vida material, que não explicavam a si proprios. Esses costumes ainda se encontram, em parte, entre os povos barbaros.

'Stá feito o meu testamento
Por Deus...

Assim diz o povo quando o individuo que está nas circumstancias de testar tem filhos.

E que Deus os faça uns santos

Quando eu era creança, assim diziam os paes ou superiores ao darem ou deitarem a benção.
V. fabula 40.ª e notas respectivas.

(313) **FABULA 282.ª**

E que nunca vira tal

Sabios ha, mormente os que se entregam a profundas e metaphysicas lucubrações, que são de uma ignorancia pasmosa ácerca de factos ainda os mais communs.

Deve a sciencia
Nascer

A verdadeira sciencia tem nascido da experiencia. Não se negam as inspirações; mas tem estas de passar por aquelle cadinho. Demais, essas inspirações, quando serias, vem a espiritos syntheticos e nascem de factos anteriores e bem comprovados. Não se adivinha.

(314) **FABULA 283.ª**

Esta fabula é celebre pelo uso que d'ella fez Menenio Aggrippa, pessoa consular, mandada pelo senado romano a tractar com o povo que se retirara para o Monte Aventino no anno de Roma 492. Quem quizer saber o que era o povo e a aristocracia d'aquelles tempos e d'outros mais remotos, e não se expôr a crer ou a dizer disparates, leia *La cité antique* de Fustel de Coulanges.

De vivêres songa-monga

Songa-monga—expressão, julgo que, pouco usada fóra de Lisboa e que não vem em Moraes, mas sim no *Diccionario comtemporaneo;* significa—sonso, manhoso.

Do corpo todo em proveito

Nem todos os *estomagos* assim fazem: d'ahi barrigudos com pernas delgadas, e tambem ás vezes indigestões e *vomitorios*.

(315) **FABULA 284.ª**

É o que se chama—dar pelo amor de Deus o que não podem dar ao demo.
O Tolentino diz:

E d'estas que dão a Deus
O que o mundo já não quer.

(316) **FABULA 285.ª**

Se o egoismo e a vaidade nos não cegassem, deviamos pensar que nenhuns motivos ha para que os outros se interessem por nós mais do que nós por elles.

(317) **FABULA 286.ª**

Milão de Crotona, celebre athleta, que viveu no 6.º seculo antes de J. C. e do qual se contam outras lendas.

Que ha de ser uma excepção.

Quasi todos assim pensam e porisso a experiencia ou exemplo dos outros serve de tão pouco.

(318) **FABULA 287.ª**

Ao falso ao *venerador*

Raro será o *venerador* que não seja velhaco. Venera-se a si, e venera, pelo menos apparentemente, os que lhe estão superiores ou de quem espera proveito e é desapiedado para com os que estão abaixo d'elle. Qual o capaxo, pesa sobre o chão, tanto quanto sobre elle pesam.
V. fabula 198.ª... e notas respectivas.

(319) **FABULA 288.ª**

V. fabulas 34.ª, 51.ª, 64.ª, 80.ª, 107.ª, 168.ª, 309.ª... e notas respectivas.

(320) **FABULA 289.ª**

Ormuz,—hoje povoação miseravel, na ilha do mesmo nome, á entrada do golpho Persico; out'rora poderosa e riquissima pela pescaria das perolas. Tomada por Affonso de Albuquerque em 1515.

(321) **FABULA 290.ª**

E seus intentos logrou

E ainda é bom que já não possa obrigar os demais a acreditar no seu achado.

(322) **FABULA 291.ª**

O que está tem de ordinario uma razão de ser. Tirada esta, por bem ou por mal, ha de dar-se necessariamente uma alteração. Fôra prudente antes de fazer reformas estudar as causas ou motivos do que existe. Mas isso... dava trabalho e impedia a explosão dos grandes talentos.

(322) **FABULA 292.ª**

Julgo que li pela primeira vez esta fabula em Florian: porém lá o viajante tinha de levar um elephante ás costas, era acclamado rei, não me lembra por que povo... Idêas de então.

(324) **FABULA 293.ª**

Levado foi ao Cadi

Cadi—magistrado turco que exerce funcções administrativas, civis, criminaes e até religiosas.

Escripto na Alcorão

Não sei devéras se lá está: porém os turcos (e mahometanos em geral, são, ou passam por ser, fatalistas.

Não combato...

Creio que individuos ha, os quaes nascem tão maos que a educação e o castigo pouco podem sobre elles; e outros de tão boa indole que nem a desgraça nem os maos exemplos os pervertem. Tambem estou capacitado de que alguns nascem tão faltos de intelligencia, que se perde o tempo em os querer ensinar; e outros com tanta aptidão que, se não os educam, educam-se elles a si proprios. Tudo isto porém são excepções. A maior parte dos homens nascem capazes de melhorar ou de peiorar, segundo a educação ou exemplos que receberem, e as circumstancias em que viverem. Em todo o caso trate-se dos idiotas, tenham os doidos a bom recado, e castiguem os malvados para que não continuem e para que sirvam de escarmento. Os proprios irracionaes temem o castigo e d'elle tomam ensino.

(325) **FABULA 294.ª**

Aos que se foram metter

Por vaidade parva e desprezando os seus eguaes, pois entendo que procurar subir por meios licitos é prova de brio.

V. fabula 32.ª... e nota respectiva

(326) **FABULA 295.ª**

Dei a esta fabula uma forma completamente differente d'aquella pela qual é conhecida. Pareceu-me que um remendão a quem dessem uma bolsa de dinheiro não perdia porisso o socego, (provavelmente deixava de trabalhar emquanto o dinheiro durasse) e muito menos iria restituir a somma dada julgando que assim lhe voltava a alegria! Pelo menos o mais certo, e portanto o mais verdadeiro, é que o gastasse. Outra cousa deveria ser com o pobre que collocassem em posição de ter alguma cousa que perder, pois d'ahi nasce a maior parte dos cuidados.

'Té os chumecos descada!

Chumeco—vide nota á fabula 255.

Nunca largando o capote

O trajo descripto é o dos chumecos do meu tempo de rapaz.

De simonte matizada

Hoje já bem pouca gente toma rapé. Antes d'este, trazido de França (*tabac rapé*—isto é, raspado, ralado,) tomou-se, e julgo tomam ainda, tabaco torrado ou sêcco ao lume, a que chamavam simonte, esturro, esturrinho, etc. Falla o Tolentino, na sua satyra—os *Amantes*, d'uma velha

Que em festival sociedade
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade;
Mas vai fartar-se na alcova
De simonte e de cidade.

Ás Athenas e *Parvonias*

Quem ainda não leu a *Parvonia* (Lisboa) leia-a que não perde o seu tempo.

Chapeo alto encarniçado

Ha chapeos de seda ordinarios que se tornam avermelhados quando envelhecem.

Na velha feira da ladra

Restos, julgo eu, da 1.ª feira de Lisboa, mercado semanal como os que ainda existem em Coimbra e noutras terras. Começou, como devia, no rocio; recuou para o lado do antigo *passeio publico* (hoje parte da Avenida); subiu ao Campo de Sant'Anna e está hoje no de Santa Clara. Mas porque era ladra? Não sei.

De cangalhas de latão

Assim chamavam a uns grandes oculos fixos, que os ricos usavam com aros de ouro ou prata, e os pobres com

elles de latão, encostando-os á testa, quando nalgum intervallo os dispensavam.

Na qual um laivo se nota

Ainda hoje aprendizes e officiaes de sapateiro do mesmo modo e com o mesmo resultado dão o fio á faca de que usam.

Desde a—Lilia abandonada

«Joven Lilia abandonada» — versos do primeiro visconde de Castilho, que se cantavam com uma musica tirada da Semiramis de Rossini.

Até a—Carta adorada...

Côro da duqueza de Gerolstein, opera comica de Offenbach. Ambas estas cantilenas se tornaram popularissimas em Lisboa, e julgo que em todo o paiz.

De dilettanti

Palavra italiana que significa—amador—e se applica aos da musica.

Aleijando *tutti quanti*

Palavras italianas que significam — todos, tudo quanto haja.

Alli tinha o seu telonio

Casa, escriptorio dos arrendatarios ou exactores dos tributos. O publicano Mattheus (depois Evangelista) estava no seu telonio quando J. C. o chamou ao apostolado.

Em cousas *da mathamatica*

No *Divertimento erudito*, especie de encyclopedia dos principios do seculo passado e muito elogiada naquelle tempo, encontra-se esta palavra sempre assim escripta.

Qualquer dia andam descalços

O remendão não o dizia com malicia, mas é o que pode acontecer a quem quer andar muito de carruagem.

Leve-me essas inscripções

Bastava que fossem poucas; e o banqueiro só lhes perdia o juro.

Raro encontrarás tratante

É um meio certo de prenderem os homens de bem pela gratidão.

(327) **FABULA 296.ª**

V. fabulas 17.ª, 108.ª, 193.ª, 213.ª, 227.ª, 238.ª... e notas respectivas.

(328) **FABULA 297.ª**

As offensas dos nossos são as que mais dóem, não raro nascidas de interesses offendidos. Dizia alguem, censurado por ter demandas com seus irmãos:—«Nada tenho que partilhar senão com elles.»

(329) **FABULA 298.ª**

Fui modêlo...

Os *signaes*, de que as senhoras usavam no seculo passado, chamavam-se em França *mouches*—moscas.

De tudo emfim conspurcar

Aqui a palavra é tomada no seu sentido genuino e não naquelle em que, com tanta graça, Garrett o põe na bocca de Barnabé Fulgencio na sua, nunca assás lida, *D. Philippa de Vilhena*.

(330) **FABULA 299.ª**

Conheci uma senhora, aliás muito estimavel, que apenas boa de uma indigestão logo recomeçava com as suas golodices, e respondia a quem a censurava: — «Eu curei-me para estar boa, e não para comer de dieta. Tanto golozou...

(331) **FABULA 300.ª**

V. fabulas 38.ª. 169.ª, 202.ª, 331.ª... e notas respectivas.

(332) **FABULA 301.ª**

V. fabula 327.ª

(333) **FABULA 302.ª**

V. fabula 189.ª...

(335) **FABULA 303.ª**

V. fabula 4.ª, 5.ª, 43.ª, 52.ª, 63.ª, 67.ª. 70.ª, 72.ª, 75.ª, 79.ª... e notas respectivas.

(335) **FABULA 304.ª**

Antigamente todos iam comprar o panno aos mercadores; nem os alfayates o tinham.

(336) **FABULA 305.ª**

No vinho está a verdade

In vino veritas.—O verdadeiro sentido do ditado é que o vinho leva o individuo a mostrar o seu verdadeiro caracter. Por isso é fugir de quem tem mau vinho.

(337) **FABULA 306.ª**

Sempre o fraco ha de soffrer...

Preso por ter cão, preso por não ter cão:—vem isto num conto antigo, em que um pobre diabo depois de ter sido preso por ter um cão, o foi novamente por deixar de o ter.

O menos governador

Quanto mais um povo é civilizado de menos governo carece—isto é verdade tambem para cada individuo.
V. fabulas 136.ª, 205.ª, 359.ª, e notas respectivas.

(338) **FABULA 307.ª**

Castigar o chão
Com a testa.

— Toma chão, que te dou com a testa — ouvi eu dizer muita vez em Coimbra.

(339) **FABULA 308.ª**

Para saber o sentido moderno da palavra—satyro, V *Diccionario Contemporaneo*.

(340) **FABULA 309.ª**

Os caranguejos não andam para trás, mas para um lado (o direito, se não me engano).
«O caranguejo» dizia um examinando: «é um insecto vermelho que anda para trás.»—«Perfeitamente!» lhe respondeu o examinador; «apenas lhe farei observar que não é insecto nem vermelho, e que não anda para trás; no mais a definição é exacta.» Quantas assim!

(341) **FABULA 310.ª**

Verdades ha impossiveis

A primeira vez que ouvi esta expressão, muito significativa, foi na *D. Maria Paes*, drama do nosso mimoso poeta João de Lemos.

(342) **FABULA 311.ª**

V. fabula 269.ª...

(343) **FABULA 312.ª**

Mas isso raro acontece

Ha poesias que pouco fundo tem e que nem porisso ca-

recem de merito, não pelo que dizem mas pela harmonia que em nós dispertam; são como a musica sem palavras.

(344) **FABULA 313.ª**

Lembra-me um mestre que, quando via dois rapazes a brigar, batia logo em ambos e assim decedia a questão. E o mais é que raro se enganava. Chicaneiros ha que são a peste dos tribunaes: ainda quando elles se lançam uns aos outros, não vai a cousa mal...

(345) **FABULA 314.ª**

V. fabulas 26.ª, 34.ª, 63.ª, 111.ª.. e notas respectivas.

(346) **FABULA 315.ª**

Ainda estão vivas pessoas do tempo em que este caso aconteceu.

Porque se ha de duvidar...

Parece que seria mais um motivo para não se fazer tal despeza, e tentar que se acabassem as inuteis.

(347) **FABULA 316.ª**

Insigne mestre de dança

O celebre Vestris, mestre de dança e compositor de bailados na Opera de Paris (1748—1781); estimadissimo, porém tão tolamente vaidoso que dizia: «A Europa tem só tres grandes homens—eu, Voltaire e Frederico II.»

(348) **FABULA 317.ª**

Esta historia da machadinha é uma collecção de historias, algumas engraçadas e com boa lição. Aproveitei-lhe o principio para esta fabula, e duas das historias para as fabulas—«O dilemma» e—«As difficuldades vencidas.»

(349) **FABULA 318.ª**

E conforme o ritual

Em algumas terras de Portugal, encontram-se usos

ainda mais exoticos taes, como o do noivo arrombar a porta, mal segura geralmente, do quarto da noiva, etc.

D'ahi dilema fatal...

É o dictado—Ou cortar a cabeça á noiva ou as pernas á besta.

V. fabulas 317.ª, 344.ª... e notas respectivas.

(350) **FABULA 319.ª**

Ainda que inconsciente

Ninguem inventa senão no sentido primitivo da palavra (achar). O mesmo fundo em que se encontram as idéas é herdado ou communicado. O mais que se faz geralmente é dar maior desenvolvimento ao que outros já acharam. Todavia o que chega a desenvolver e a demonstrar sufficientemente merece a gloria da invenção.

(351) **FABULA 320.ª**

É natural que os velhos não gostem de novidades, ás quaes já mal se podem amoldar. Devem, porém, lembrar-se de que apreciaram novidades quando eram rapazes, e que se ha principios immutaveis, as suas applicações variam constantemente; e não dar importancia a cousas futeis.

(352) **FABULA 321.ª**

Saber como isso se faz

Tem que saber, embora não muito, e apprendem-o os rapazes vendo cavar. Os philosophos que querem reformar o alphabeto, tambem hão de occupar-se de tão interessante materia quando... lhes fizer conta.

(353) **FABULA 322.ª**

Raro será o auctor que diga com as suas obras; por isso, quem não quizer perder a illusão não procure conhecel-o.

(354) **FABULA 323.ª**

Diz, já não sei que auctor francez:—«*Que de vertus vous me faites haïr*».

Ha conselhos que escandalizam e até revoltam pelo modo como são dados: as boas intenções, a amisade não auctorisam a grosseria.

(355) **FABULA 324.ª**

Dão-se aqui tres formas do mesmo sentimento—o egoismo: a forma brutal, insupportavel e damnosa; a inutil e ridicula; e a pedante, mas util.

Se não fosse a aguia, isto é, a serie das gerações passadas, os maiores homens eram apenas tristes carriças.

V. fabula 28.ª...

(356) **FABULA 325.ª**

Eu não gosto de pescar

Para nos serem agradaveis, as nossas acções precisam de incentivo ainda que não seja senão o lucro ou a vaidade satisfeita.

(357) **FABULA 326.ª**

Assim governo prudente

É preciso que o deixem ser os partidarios que o sustentam no poder: mas, infelizmente, nem entre estes mesmos póde elle ás vezes escolher á vontade.

(358) **FABULA 327.ª**

V. fabula 301.ª...

(359) **FABULA 328.ª**

É crença popular, significando que são mansos, incapazes de odios, o symbolo emfim da innocencia. Crença sem fundamento, e que o digam os que d'elles tem tractado.

Não procures congraçar...

La Fontaine vai mais longe, aconselhando que os instiguem, que os açulem uns contra os outros. Estava de mau humor quando tal escreveu, nem era capaz de o fazer nem de o aconselhar seriamente. Impedir, porém, que feras se destruam umas ás outras, e isso com perigo nosso ou de terceiro, para tanto não estou inclinado.

(360) **FABULA 329.ª**

Este caso deu-se em Coimbra na minha presença. Ainda é vivo o veterano, que não sou eu, nem era então caloiro.

(361) **FABULA 330.ª**

A posição de um homem sabedor e sensato entre ignorantes e analphabetos é muito mais desagradavel, senão intoleravel, do que a de um individuo d'aquellas classes entre homens de merito.

(362) **FABULA 331.ª**

Methodos intuitivos

É indubitavel que os methodos de ensinar se tem aperfeiçoado; mas nem todos os systemas nascidos moderadamente são baseados na verdadeira experiencia. Dou muito mais por quem sabe e tem o dom de ensinar do que por a maior parte dos methodos mais apregoados. Assim é com as leis: de que serve serem ellas boas se não forem bem entendidas e bem applicadas?

Ganha e deve governar

Não se podem deixar os interesses da sociedade á mercê de palradores ignorantes que repetem, quaes os papagaios, palavrões que não entendem; nem ainda de pessoas bem intencionadas, ás quaes faltam a pratica e a energia necessarias para governar.

V. fabulas 230.ª, 314.ª, e notas respectivas.

(363) **FABULA 332.ª**

De suas crenças o inverso.

Não só o inverso de suas palavras; pois, como diz o Mestre: «Não basta dizer—Senhor! Senhor! mas fazer a sua vontade:» porém o inverso das suas crenças.—*Video meliora proboque, deteriora sequor*—reconheço e approvo o que é melhor, mas sigo o peior.

Tambem é verdade que muita gente apresenta theorias más, das quaes está muito longe em seu procedimento, Para se ser justo basta tirar as consequencias logicas dos bons principios e pol-as em pratica. Tenho notado que neste mundo ha muita falta de logica, muita demazia de rhetorica, e muito abuso de *bicarbonato*.

(364) **FABULA 333.ª**

Mais meus parentes e amigos...

É certo que os homens precisam do auxilio um dos outros, porém deve só pedir-se em caso de urgencia. Quem tem brio deve contar primeiro com as suas forças; não é digno nem justo que os outros carreguem comnosco para nos poupar as pernas.

(365) **FABULA 334.ª**

Todos gostam dos fructos e ainda das flores; poucos porém do trabalho necessario para uns e outras se produzirem. Entre os que dizem *querer* poucos *querem* devéras pois não tem animo para empregar os meios e fazer os necessarios sacrificios. Diz um ditado alemtejano:—«para comer ninguem se faz amarello (se assusta) para trabalhar, o corpo não é de ferro.»

(366) **FABULA 335.ª**

Expôr sempre costumavam...

Facto referido, com relação a *Apelles*, por Plinio, Liv. XXXV. Cap. 35, n.º 22.

Mas, quando o chumeco quer

Chumeco — V. nota ao banqueiro e o remendão (fab. 295.)

Não podem as suas notas...

D'ahi vem o dictado—*ne sutor ultra crepidam*, e o nosso —quem te manda a ti sapateiro tocar rabecão?

Grande mal provêm de vulgarmente se julgar habil para tudo aquelle que o é em certo ramo das sciencias ou artes.

(367) **FABULA 336.ª**

Ambos os factos narrados nesta fabula aconteceram; um commigo em Lisboa, e o outro em Coimbra numas theses de theologia.

(368) **FABULA 337.ª**

Os partidos contendores

Em todos os partidos ha gente honrada e de boa-fé: são, porém, compostos de homens e, pois que infelizmente a maioria d'estes....

(369) **FABULA 338.ª**

Presenciei eu o facto em S. Carlos, cantando o mavioso tenor Mongini; e tenho-o presenciado muitas vezes no theatro do mundo, onde o palavrão campanudo corresponde ao dó de peito. O ouvido (ou as orelhas) é o meio de levar geralmente a humanidade,—*more peccudum*. A maior parte da gente louva e até admira o que ouve admirar e louvar, accomoda-se bem com a obra feita.

(370) **FABULA 339.ª**

Robinó e basta o nome

Allude á fabula—«o gato e a rata velha.»

Appar'ceu a idêa nova!

Ahi está um dos taes palavrões com que os impostores e charlatães politicos illudem os parvos. É mais velha do que quantas Sés ha, tomada tanto no bom como no mau sentido. No bom é a do Evangelho (contra o qual tantos são ingratos) e ainda mais antiga do que elle, mas nunca tão bem formulada, pelo menos no mundo occidental. No outro sentido, sempre existiu e infelizmente existe, praticada com bruteza no pinhal da Azambuja, na serra da Falperra, na communa de Paris *et reliqua*.

Diga-se um dia:—«Houve gatos!»

Imitei Racine na sua tragedia *Ester*—Il fut des Juifs! Um dos pensamentos mais energicos de quem tão poucos assim escreveu.

Esse estrangeiro
Maltez

Robinó era gato maltez, e talvez não naturalizado; pelo menos convinha accusal-o d'essa pécha.

Quaes outr'ora D. João...

Assim diz Alexandre Herculano no seu *Monge de Cister* na magnifica scena dos Paços de a par S. Martinho.

Sobresaíndo aos demais...

Caso pouco raro. O exemplo vem de Demosthenes, que ao menos nisto é facil de imitar, e não lhe tem faltado imitadores. Conservam-se para o bem do seu partido, e do povo ..

(371) **FABULA 340.ª**

É sempre o desejar os fins sem querer empregar os meios.

(372) **FABULA 341.ª**

Como se vê lendo esta fabula e a 174.ª, tirei do anti-

go assumpto duas moraliidades differentes. Quando se trata do orgulho, carvalho e canniço nada são neste mundo; quando de brio, estou do lado do carvalho e dos antigos ditados: — «Antes quebrar que torcer» — «Morra o homem e fique a fama.» Dictados bons não nos faltam... nem tão pouco boas leis, mas...

V. fabulas

(373) **FABULA 342.**

Senão
Ser caso isolado...

É o *in medio consistit virtus*. Raras vezes a razão estará d'um só lado.

Fazer vistosa funcção.

Sinos, foguetes, salvas de artilheria, bodos, danças, tudo são manifestações de alegria mais ou menos brutaes e selvagens que vemos tambem, quanto está ao seu alcance, entre povos quasi no estado primitivo. Beber á saude, tirado das libações aos deuses, é mais delicadamente ridiculo. Quanto á moralidade da fabula é sempre a teima de querer os fins sem empregar os meios.

(74) **FABULA 343.ª**

Não nego a influencia do nascimento, do atavismo ou do sangue, como ainda lhe chamam: porém este tambem se altera e corrompe. Disse um philosopho que os descendentes dos grandes homens são os outros homens tambem illustres. Só, fechando os olhos á evidencia deixará de ver-se que os filhos raro succedem aos paes nas grandes qualidades; nas boas é mais commum, porém nem sempre certo.

Diz Camões:

«Do grande e justo Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto)...

A nobresa (herdada) obriga (os sucessores): dizem muito bem os francezes; é preciso porém que os herdeiros tenham forças para satisfazer a taes obrigações.

(375) **FABULA 344.ª**

Esta fabula (como já se disse em outra nota) é tirada da historia completa da Machadinha.

E fica tudo arranjado

Assim aconteceu quando foi da grande revolução franceza. Parece-me que quem ler as memorias, ainda mesmo as partidarias do *antigo regimen*, anteriores áquelle cataclismo, ha de reconhecer que as cousas poderiam ter corrido de outro modo, se houvesse boa vontade, da parte de quem podia e devia ceder. Vide tambem a já citada historia da revolução franceza do inglez Carlisle e a obra recente—La chute de l'ancien régime—por mr. Chérest.

V. fabula 318.ª...

(376) **FABULA 345.ª**

E o caso do -la vai um—dos gaiatos, avisando os cocheiros.

Ha muito que melhorar começando pela moralidade publica; e podia ficar-se por ahi, porque o fundo (o emadeiramento direi) da sociedade é e sempre foi o que podia ser no estado da civilização passada e presente. Aquelle é o caminho e não o de videntemente mudar tudo pela base ainda que em sentido razoavel. A sociedade nunca está prompta para essas mudanças repentinas; e tanto que sempre volta um pouco (quando não muito) atraz depois d'ellas.

Acabem com a propriedade, dividam tudo egualmente (suppondo o absurdo possivel): o Estado tinha, cedo ou tarde, de mandar administrar tudo em proveito commum. Como encontraria administradores melhores que os actuaes proprietarios? pois que estes alem do interesse proprio, não são para quem *possa* ou *queira* ver donos absolutos dos bens que disfructam, pagam tributos, (rendas) ao Estado. Paguem pois já *todos* o que é justo e está resolvido o problema sem revolução e a bem de todos. Se hoje não ha moralidade para tanto se conseguir não seria a posse violenta que a faria nascer: quem não pode o menos não pode o mais. Napoleão I não podendo, para atacar a Inglaterra atravessar o Pas-de Calais (7 legoas) quiz ir destruil-a na

India, atravessando meio mundo, e... foi morrer a Santa Helena.

Muitos não vêem isso, porque soffrendo acreditam em remedios de curandeiros. D'estes alguns andam de boa-fé, outros não tendo que perder, ou contando ganhar muito procuram turvar as aguas.

(377) **FABULA 346.ª**

Isto aconteceu no meu tempo de Coimbra.

Logo alli pela couraça
De Lisboa...

Coimbra está entre duas calçadas a que chamam couraças «a de Lisboa que deita para o lado do rio: e a dos Apostolos que deita para o poente e sobe até a antiga casa dos jesuitas (os apostolos): isto se o municipio não as tem chrismado já com o nome de algum grande homem ou o da bella *O linda que ninguem conhece*, como diz Bocage.

Uma nação pequena deve imitar a Belgica, e muito mais a Suissa que ainda assim são respeitadas. A ninguem fica mal andar a pé por não ter meios para sustentar um bom cavallo ou um trem; antes assim do que na seje do Tolentino ou no Rossinante de D. Quixote.

(378) **FABULA 347.ª**

É o julgado de Monforte, comarca de Castello Branco. O chaparral (plantação de chaparros, azinhos, sobreiros pequenos) é logradoiro do povo e, excepção de muitos, esta bem cuidado e aproveitado. Alvo da cubiça de mandões tem sido até hoje victoriosamente defendido, e (cousa digna de notar-se) as *primeiras* palavras que naquelle julgado se ensinam ás creanças são — O chaparral é nosso! A idêa está tão fixa que basta alguem pronunciar a palavra chaparral deante d'um homem d'aquelle povo, para ouvir immediatamente a resposta instinctiva:—O chaparral é nosso!

Honra aos cidadãos de Monforte! e assim digamos nós todos — Portugal é nosso, e não d'um ou d'outro partido! Portugal é nosso! deve ser o grito de guerra

contra todo o despotismo ou espoliação, venham elles dos estrangeiros, do governo, das camaras municipaes, dos mandões, dos marialvas, dos galopins, porque todos querem collocar-se acima da lei e porisso são despotas, quanto o podem ser, e concorrem com as força que tem para o mal geral.

(379) **FABULA 348.ª**

Deu-se este facto ou semelhante com um emigrado politico em Pariz.

(380) **FABULA 349.ª**

O mytho tem quasi sempre um fundamento de verdade; é o ponto que se accrescenta ao conto.

Só se encontra em portuguez

Pelo menos que eu saiba. A maior parte da gente que emprega o termo não repara no seu primitivo sentido, nem attende a que fica *empenhada*, isto é com dividas,... ás vezes bem duras de pagar.

(381) **FABULA 350.ª**

Já se sabe, sem estrellas; porque com ellas diz muito bem Garrett:

Noite escura tão formosa,
Linda noite sem luar.
As tuas estrellas de oiro
Quem as poderá contar!

E haverá nada mais formoso e sublime?

É mais alto o seu pensar
Hoje que troça aos b'roeiros.

Não lamento a perda das caçoadas brutaes que se encontram ou encontravam em quasi todas as universidades

e escholas. O receio d'ellas, porém, impedia que os caloiros, soltos de repente de todo o constrangimento, abusassem da liberdade e se *constipassem* moralmente. Passavam assim por um estado intermedio que tinha algumas vantagens.

B'roeiro—significa em Coimbra o caloiro boçal, vindo das localidades onde o povo não come senão boroa.

Quem lhe coce a borbulhinha

Diz-se de quando se falla em conformidade com a paixão ou desejo de alguem.

(382) **FABULA 351.ª**

E innegavel que os meios materiaes ao alcance dos artistas estão hoje altamente aperfeiçoados, bem como a instrucção recebida pelos mesmos artistas. Onde havia as excellentes fabricas de pinceis, de telas e de tintas? onde as grandesescholas de anatomia e de artes no tempo dos Phidias, dos Praxiteles, dos Migueis Angelos e dos Raphaeis?...

Um pintor...

O dicto é attribuido a Turner, pintor inglez já d'este seculo, e celebre pelo seu brilhante colorido.

(383) **FABULA 352.ª**

O facto deu-se. ha annos, com um deputado lente de medecina na Universidade e homem de grande merito, que passava por excentrico e o era um pouco, porém que respeitava as conveniencias sociaes.

Como quasi todos são.

Foram tambem (elles ou os cabelleireiros, tudo é um) poetas (Quita...) e em muitas terras pequenas criam canarios. Ja se vê que o officio só por si não é bastante para lhes occupar a actividade intellectual.

(384) **FABULA 353.ª**

A mais grosseira insolencia

É a mania de *dizer verdades*, propria de mal-creados e ordinariamente filha da inveja.

Ser um triste conselheiro.

Dizia um membro da Academia franceza: — «Sommes nous au complet, on se moque de nous; sommes, nous trente neuf, on est á nos genoux.» Sabe-se que os membros da Academia franceza são eleitos e que o seu numero é limitado a quarenta.

(385) **FABULA 354.ª**

Mr. Smith azafamado

Ha tantos individuos d'este nome em Inglaterra que o dizer—«mr. Smith» e é o mesmo que entre nós «o sr. Fulano».

Por competente doutor

Já se sabe, em termos, e os remedios conforme os doentes. Tudo, porém, preferivel na educação de um homem a apaparicações e pieguices sempre ridiculas e altamente prejudiciaes.

(386) **FABULA 355.ª**

O pouco, bem governado, basta e até sobeja, o muito esbanjado nem sequer chega.

(387) **FABULA 356.ª**

Li esta pêta na *Revista franceza de litteratura*, que a recommendava para uma fabula, sem lhe indicar moralidade, a qual me pareceu poder ser a que lhe dei.

Do *micrómegas* mirar

Micrómegas palavra inventada por Voltaire, e formada

de duas da lingua grega, que significam—*pequeno* e *grande*, para designar Fontenelle, chamando-lhe assim—pequeno grande homem.

V. fabula 15.ª...

(388) **FABULA 357.ª**

O critico dizem que foi Mousinho da Silveira, que era bastante sarcastico; o criticado, o patriarcha D. Francisco de S. Luiz. O dito é muito mais agudo e chistoso do que verdadeiro.

(389) **FABULA 358.ª**

As questões *chamadas* de hysope são ridiculas para qualquer emquanto lhe não passam pela porta. Quer ataquem o brio quer a vaidade, poucas ha que não causem incommodo e, portanto, rancores. Só um grande philosopho, um santo, um descarado ou um imbecil lhes não dá nesse caso valor: mas cada qual que isto ler metta a mão na consciencia.

Depois de composta e impressa esta fabula é que fui informado de como o caso se passou. Deu-se com o marquez de Ponte de Lima, ministro de D. Maria I, e um individuo que, atarantado, o tratou de senhoria quando o fidalgo visitou o seu solar. No demais as idéas são as mesmas que expuz, bem como a opinião do marquez.

(390) **FABULA 359.ª**

A desunião dos fracos, nascida da covardia ou do egoismo, é que os torna facilmente victimas dos que são mais fortes que cada um d'elles. Deveriam nisso imitar os maus que geralmente se associam.

(391) **FABULA 360.ª**

Se isto é verdade quanto a factos contemporaneos, cujas circumstancias não podem ser conhecidas, o que será quanto aos que passaram ha seculos, e que conhecemos tão pouco?

(392) **FABULA 361.ª**

Cada qual, geralmente, começa a encarar o facto d'um só lado—o que mais lhe agrada: d'ahi a contenda entre varios que o estudam; e d'ahi tambem o estudar-se o facto a fundo. É a analyse precedendo a synthese. A verdade nasce da discussão de boa-fé entre homens instruidos.

(393) **FABULA 362.ª**

Nenhum auctor é perfeito. A idolatria é sempre filha da ignorancia, da fraqueza de espirito, ou do interesse de ser sacerdote do idolo. Admire-se o que é bom seja de quem for, e do mesmo modo despreze-se o que é ruim. A auctoridade d'um auctor funda-se unicamente na verdade e na razão, e portanto só a estas pertence.

Só o verdadeiro é bello:—mas nem todo o verdadeiro. Como criterio da verdade deve recorrer-se á natureza. A poesia tem muitas liberdades, não pode porém ser falsa, fazendo—*brancas as formigas*—e ainda menos absurda. A poesia augmenta, exaggera até, porém não cria, quando falsa, senão monstruosidades ou disparates. Cuidado com os *dó de peito*!

V. fabulas 162.ª, 266.ª... e notas respectivas.

(394) **FABULA 363.ª**

Não ficou um... páo-do-ar.

Páo-do-ar chama-se (ou chamava-se) por euphemismo a materia dos galhos.

Que na letra da tal lei...

Deviam as leis ser feitas de tal modo que a letra indicasse bem o seu espirito. Os inglezes chegam a fazer seguir cada lei de um vocabulario explicando o sentido das palavras sobre que possam dar-se duvidas.

(364) **FABULA 364.ª**

O caso é attribuido a um figurão de letras gordas (que

por factos taes que com elle se deram ou lhe foram attribuidos se tornou celebre) porém honrado cumpridor de seus deveres; o que vale mais do que ser bem-fallante quanto ás suas obrigações, antepondo-lhes porém as suas conveniencias.

(396) **FABULA 365.ª**

Os escravos, os pobres, os martyres... tornam-se de ordinario, quando podem, os peiores amos, ricos e perseguidores. A historia o prova a cada passo, e assim o vêmos na pratica da vida.

(397) **FABULA 366.ª**

Tudo tem seu valor. Um conto de réis, se lhe tirarem um real fica necessariamente 999999 réis; e as contas em que elle entrar ficarão inevitavelmente erradas. Todos tem, ou podem ter, alguma utilidade e a devem empregar em seu proveito e tambem no proveito dos outros; *(ainda que não seja senão a escrevinhar fabulas.)*

Fim das notas

INDICE

Das principaes materias a que se allude nas presentes fabulas e notas respectivas

Ambição.—Posto que esta palavra signifique verdadeiramente o desejo de alcançar honras e gloria, e a palavra cobiça, bens de fortuna, confundem-se ellas comtudo no uso commum, tomando-se não poucas vezes a primeira e quasi sempre a segunda em mau sentido. Uma ou outra exprime o desejo de possuirmos mais do que temos. Sendo nos limites do que podemos gosar sem prejuizo proprio ou alheio, a ambição nada tem de condemnavel; mas só o é quando se torna mania ou loucura.

V. Fabulas 11.ª, 12.ª, 27.ª, 32.ª, 40.ª, 69.ª, 72.ª, 74.ª, 118.ª, 149.ª, 178.ª, 911.ª, 233.ª, 339.ª, e respectivas notas.

V. Tambem—compensações, conformidade, prudencia.

Apparencias.—Quando mais instruido o homem é e mais experiencia tem tanto menos se deixa enganar pelas apparencias e por ellas julga.

«Mais j'admirais bien plus l'aurore
«Quand je connaissais moins les cieux.

diz Béranger.

Faltando aquellas bases ou o tempo para examinar, forçosamente havemos de formar o nosso juiso, segundo as cousas se nos apresentam.

Eis a razão porque nunca devemos acreditar na nossa infallibilidade, antes confiar em quem pode julgar com mais conhecimento de causa. Noutro sentido devem conservar-se as apparencias não com o fim de enganar, mas por decoro, ao que não se pode chamar hypocrisia; ao deffeito contrario é que com justiça se dá o nome de descaramento.

V. Fabulas 1.ª, 11.ª, 14.ª, 15.ª, 18.ª, 21.ª, 22.ª, 59.ª, 64.ª, 65.ª, 59.ª, 70.ª, 76.ª, 88.ª, 90 ª, 92.ª, 93.ª, 94 ª, 96.ª, 100.ª, 104.ª 116.ª, 120.ª, 121.ª, 122.ª, 123.ª, 124.ª, 125.ª, 126.ª, 141.ª, 161.ª, 164.ª, 165.ª, 173.ª, 175.ª, 176.ª, 222.ª, 224.ª, 236.ª, 247.ª, 257.ª, 273.ª, 278.ª, 279.ª, 285.ª, 293.ª, 295.ª, 322.ª, 324.ª, 345.ª, 352ª., 355.ª, 356.ª, e notas respectivas.

V. tambem,—critica, hypocrisia, impostura, opinião publica.

Associação.—Nasceu o homem para viver em sociedade, sem a qual pouco ou nada pode, é a microscopica roda ou mola da grande machina. A associação alem de necessaria para se effectuar qualquer empresa e se gosarem fácilmente grandes commodos é o escudo dos fracos contra a prepotencia dos mais fortes; dos bons contra os maus; sendo para lastimar que se dê mais vulgarmente e mais firme entre estes do que entre aquelles.

V. Fabulas 16.ª, 17.ª, 133.ª, 179.ª, e notas respectivas. V. tambem — contractos, convivencia, nivel social.

Brio.—É o sentimento da dignidade propria, a base de todo o caracter nobre e respeitavel, o *punctum* que Archimedes pedia para firmar a alavanca e levantar o mundo. Dado elle, sempre se pode esperar combater os maus instinctos e alcançar a regeneração do culpado ou vicioso e sem elle é escrever na arca ou como diz o povo enfiar agua. Contam que Socrates encontrando na rua um moço dado á devassidão, este corou «animo!» lhe brada o philosopho «ainda ha remedio!»

V. Fabulas 14.ª, 17.ª, 26.ª, 71.ª, 77.ª, 82.ª, 83.ª, 108.ª, 114.ª, 119.ª, 134.ª, 139.ª, 143.ª, 155.ª, 172.ª, 193,ª, 203.ª, 213.ª 227.ª, 238.ª, 244.ª, 254.ª, 281.ª, 283.ª, 296.ª, 298.ª 321.ª, 333.ª, 340.ª, 341.ª, 343.ª, 347.ª, 358.ª, e notas respectivas.

V. tambem — merito, honradez, trabalho.

Calumnia.—Falsa imputação que ataca a honra ou cre-

dito de alguem. Differe de diffamação que junta á calumnia a publicidade. Tambem se diffama, quando se publicam erros ou defeitos que embora reaes estavam secretos. Filha não raro de leviandade, as mais das vezes nasce da inveja ou desejo de vingança. Propalar defeitos alheios embora verdadeiros pouco differe de calumniar, pois difficilmente se poderá ter a certeza absoluta da sua existencia, e produz o escandalo mais nocivo do que proveitoso.

V. fabula, 19.ª, 30.ª, 122.ª, 130.ª, 192.ª, e notas respectivas.

V. Tambem — critica, inveja.

Caridade.—Toma-se geralmente pelo resumo das obras que no cathecismo catholico se chamam de misericordia. Ainda assim é preciso attender-se ao sentimento que nos leva a pratical-a. Quando o fazemos movidos pelo coração todas aquellas acções se tornam verdadeiros prazeres e trazem comsigo a sua recompensa. Ha quem diga que então nos collocamos no logar do soccorrido e que é isso que nos impelle. Seja porém como for, a caridade assim entendida não se pode comparar com a que nos impõe a razão quer nos cause ou não prazer. A verdadeira caridade é o amor do proximo em Deus e por Deus, isto é em vista do que é bom santo e justo sem attendermos ao merito ou demerito de quem a recebe, ou á sympathia que em nós disperta.

Quanto ao exercicio da caridade no sentido de accudir com esmolas aos necessitados, faça cada qual o que poder. que a mais não é obrigado, e não tenha a louca (postoque piedosa) pretenção de representar o papel da Providencia, que não o encarregou d'essa impossivel tarefa. A viuva do Evangelho dando o pouco que podia deu mais do que os que offereceram ricas esmolas (S. Lucas xxi, 2 e 3).

V. Fabulas 7.ª, 22.ª, 76.ª, 114.ª, 122.ª, 133.ª, 146.ª, 251.ª, 269.ª, 311.ª, 355.ª, e notas respectivas.

V. tambem — egoismo, hypocrisia, impostura.

Compensações. — O francez Azaïs escreveu um livro sobre este assumpto, architectando sobre alguns dados verdadeiros, uma theoria falsa de completa harmonia entre o bem e o mal que se podem gosar ou soffrer na vida. As compensações dependem da indole e organização dos individuos e da educação que tiveram, o que quer dizer que

as mesmas causas para produzirem os mesmos effeitos devem dar-se em identicas circumstancias. Estou persuadido de que não havendo miseria nem ambições e gosando-se de saude, os prazeres e os desgostos se contrabalançam; isto é, pouco, differem em intensidade nas differentes classes sociaes. É fatal que quanto mais se pode gosar ou se gosa tanto mais se soffre tambem. Ha prazeres e privações que uns homens são capazes de sentir e outros não; nem os desejam nem as temem. Não se pode porém tomar á letra o dictado — dá Deus o frio conforme a roupa, postoque haja n'elle muita verdade.

V. fabulas 11.ª, 27.ª, 69.ª, 116.ª, 121.ª, 162.ª, 175.ª, 263.ª, 295.ª, e notas respectivas.

V. tambem — ambição, apparencias, conformidade.

Conformidade. — A resignação só é para louvar e aconselhar quando não é filha de preguiça ou falta de energia e de brio, e quando nos convencemos de que o mal não tem remedio possivel, só nesse caso nos devemos conformar; salvo sempre o direito de protestar contra o mal, e o cuidado de (como dizem os inglezes) aproveitar o possivel d'um mau negocio. No parlamento diabolico (Paraiso Perdido de Milton) vem um discurso de certo demonio, sobre a materia sujeita, que se não fosse de quem é, seria de pessoa muito sensata.

V. fabulas 11.ª, 12.ª, 27.ª, 73.ª, 96.ª, 258.ª, 348.ª, e notas respectivas.

V. tambem — ambição, brio, compensação.

Contractos. — O homem precisa de conviver, de se associar; d'ahi a necessidade dos contractos. Estes podem ser convenientes e até vantajosos a ambas as partes; cautela porém com as pessoas com quem se fazem e com as responsabilidades futuras... e desconfiar dos que se nos apresentam muito vantajosos só para nós.

V. fabulas 4.ª, 9.ª, 43.ª, 67.ª, 105.ª, 123.ª, 179.ª, 183.ª, 259.ª, e notas respectivas.

V. tambem — associação, convivencia.

Convivencia. — O homem procura companhia quando gosa ou quando soffre. A convivencia pule o homem obrigando-o a dominar as suas paixões para não se tor-

nar insopportavel. O homem ainda illustrado, quando não o occupa o trabalho, mal soffre a sodidão; precisa de convivencia, não só pela necessidade que sente de communicar as suas idéas, mas ainda pela conveniencia de as discutir. A convivencia tambem nos abre os olhos sobre os defeitos e as boas qualidades dos outros. Deve ser muito escolhida, mormente nas primeiras edades: dize-me com quem andas dir-te-hei as manchas que tens.

V. fabulas 4.ª, 6.ª, 43.ª, 47.ª, 61.ª, 80.ª, 85.ª, 89.ª, 105.ª, 109.ª, 110.ª, 112.ª, 119.ª, 123.ª, 166.ª, 168.ª, 179.ª, 183.ª, 185.ª, 189.ª, 192.ª, 198.ª, 209.ª, 225.ª, 245.ª, 247.ª, 249.ª, 259.ª, 267.ª, 274.ª, 287.ª, 294.ª, 308.ª, 320.ª, 322.ª, 323.ª, 330.ª, 350.ª, 352.ª, e notas respectivas.

V. tambem — associação, contractos.

Critica. — Esta palavra toma-se hoje geralmente, no sentido de — censura: tanto abusaram os criticos. Em vez de ser a apreciação conscienciosa do bem e do mal tornou-se o synonimo de satira. A critica, se contemporanea á obra criticada, nasce muitas vezes da inveja, não raro se associa á calumnia e é para alguns um modo de vida torpemente lucrativo, quer elogiando o que não tem valor, quer fazendo receiar censuras, ao que os francezes chamam — *chantage* — uma especie de pesca na qual se faz ruido para que o peixe caia na rede. A critica séria deve avaliar o homem ou a sua obra, attendendo ás circumstancias que o cercaram, ou em que foi feita; absoluta ou relativamente. O auctor pode ter muito merito com relação ao tempo em que escreveu; a obra pode ter sido muito valiosa noutros tempos mas ser de pouco valor actualmente. A tudo isto rarissimas vezes se attende. E tambem commum a cegueira de não admittir defeitos no autor que tem verdadeiro merito; é *o ipse dixit*. Até se formam associações que exaltam todos e quesquer pensamentos ou ditos do seu idolo, como o fazem as irmandades com os do seu padroeiro. A tudo isto porém não se pode chamar critica, senão grande falta d'ella.

V. fabulas 2.ª, 3.ª, 19.ª, 37.ª, 48.ª, 54.ª, 56.ª, 60.ª, 68.ª, 71.ª, 81.ª, 82.ª, 86.ª, 88.ª, 92.ª, 95.ª, 96.ª, 97.ª, 99.ª, 100.ª, 109.ª, 120.ª, 121.ª, 130.ª, 136.ª, 138.ª, 141.ª, 142.ª, 144.ª, 159.ª, 164.ª, 165.ª, 174.ª, 180.ª, 181.ª, 223.ª, 225.ª, 239.ª, 249.ª, 255.ª, 257.ª, 267.ª, 278.ª, 281.ª, 305.ª, 312.ª, 334.ª, 335.ª, 336.ª, 338.ª, 345.ª, 355.ª, 356.ª, 360.ª, 361.ª, 362.ª, 364.ª, e notas respectivas.

V. tambem — apparencias, calumnia, indole, inveja, merito, opinião publica.

Direitos e deveres.—Ha perto de dois seculos que se falla muito mais dos direitos do homem do que dos seus deveres. Dir-me-hão que vem a dar no mesmo poisque uns suppõe os outros. Não me parece isso tão verdade na pratica, como o dizem. A maior parte da gente fica em meio caminho pugna pelos seus direitos ou que imagina ter e quanto aos seus deveres deixa aos outros o trabalho de pugnarem por elles e de os fazerem cumprir. É um estado de continua guerra, quando, começando pelo outro lado, o seria de perfeita paz, qual se dá entre os homens honrados e de boa educação. O egoismo, fundo necessario do caracter humano, leva o homem áquelle continuo conflicto. Para não nos illudirmos completamente convem que tratando-se dos nossos direitos sejamos acanhados; e dos nossos deveres, deixemos ensanchas e para mangas; não nos fiando em nós no primeiro caso, pois assim o fazem os advogados e medicos prudentes quando se trata das suas demandas ou saude. Colloquemo-nos quanto possivel no logar d'aquelle que pleiteia comnosco.

V. fabulas 22.ª, 25.ª, 27.ª, 55.ª, 71.ª, 73.ª, 108.ª, 114.ª, 128.ª, 130.ª, 139.ª, 156.ª, 165.ª, 226.ª, 227.ª, 244.ª, 251.ª, 293.ª, 296.ª, 328.ª, 364.ª, e notas respectivas,

V. tambem — justiça, impostura.

Educação.—É termo generico que comprehende todo o desenvolvimento, physico, moral e intellectual de que o homem é capaz. Vem do latim — *educo*, que os francezes traduziram muito bem por *élever*, levantar, conduzir a creança até á edade viril. Divide-se (pelo menos) em physica, moral e intellectual (litteraria, artistica, profissional), todas são mais ou menos necessarias para o desenvolvimento da humanidade porém a ultima (a intellectual), mais ou menos indispensavel ao individuo segundo a sua posição social e aptidões. A educação moral (incluindo a que se chama boa educação, maneiras, etc.) é muito mais necessaria, do que geralmente se pensa, ás classes, ainda as mais infimas da sociedade, e independente da intellectual, e porisso possivel de ellas a obterem. A educação physica descurada por alguns seculos e muito apreciada na Inglaterra, deve dar-se com prudencia e *quantum suffixit* para conservar

ou melhorar a saude e não para crear arlequins e politiqueiros. Quando á educação intellectual ou instrucção nos diversos ramos, mormente considerada como litteraria e professional, a segunda não se deve sacrificar á primeira. Esta é muito mais difficil de receber e muito menos necessaria do que a outra para a grandissima maioria dos homens. A egualdade de intelligencias ou de aptidões é uma das maiores falsidades que se tem propalado, um dos mais notaveis exemplos de como se chega a negar a evidencia quando se armam theorias a cada passo desmentidas na pratica. A desegualdade de intelligencia ou de aptidões dá-se até entre individuos os mais bem dotados, poisque a maior parte não a tem para adquirir todos e quaesquer conhecimentos, sendo apta para uns e muitas vezes totalmente incapaz de outros. Demais a capacidade de cada individuo tem limites que largos em alguns, são muito apertados noutros; isto dá-se tanto nos individuos, como nas epochas em que vivem, cujo progresso os mais illustrados representam, mas não póde ser ultrapassado senão pelas epochas que se seguirem.

Quanto á verdadeira boa educação, muitos ha que a confundem com certa delicadeza natural, e maneiras. Estas a fazem sobresair, porem são insufficientes só por si, e, sem ella, muitas vezes ridiculas e até incommodas para os demais; poisque as bases da boa educação em nada differem das da religião—cumprir á risca os nossos deveres e não fazer aos outros o que não queriamos que elles nos fizessem a nós. Pode praticar-se uma falta de educação com maneiras muito delicadas, como se pode roubar com bonitos modos, é o dourado a encobrir madeiras ordinarias ou em mau estado de conservação.

V. fabulas 1.ª, 30.ª, 34.ª, 51.ª, 62.ª, 64.ª, 78.ª, 80.ª, 97.ª, 98..ª, 107.ª, 110.ª, 114.ª, 132.ª, 134.ª, 136.ª, 143.ª, 151.ª, 153.ª, 161.ª, 164.ª, 171.ª, 176.ª, 185.ª, 188.ª, 201.ª, 202.ª, 206.ª, 209.ª, 222.ª, 225.ª, 226.ª, 237.ª, 240.ª, 243.ª, 247.ª, 251.ª, 255.ª, 259.ª, 264.ª, 271.ª, 283.ª, 288.ª, 320.ª, 321.ª, 324.ª, 331.ª, 335.ª, 352ª, 354.ª, e notas respectivas.

V. tambem — convivencia, maneiras, nivel social, philosophia, prudencia, trabalho.

Egoismo.—Amor de nós mesmos. Se formos a bem analysar, rara será a acção humana, ainda a mais louvavel que o não tenha por movel; poisque ainda o prati-

carmos o bem com o fim de merecermos aos olhos da nossa consciencia, tambem é egoismo, nobre embora. Não pode o homem deixar de ser algum tanto egoista pois tem de defender-se contra tudo, desde a natureza inanimada até os seus semelhantes. É tambem o egoismo, embora inconsciente, que torna mais apreciadas as acções generosas praticadas por outros, poisque podemos lucrar ou vir a aproveitar com ellas. Tambem nos faz sympathisar com os males alheios, collocando-nos na posição de quem as soffre. Emfim, ha egoismo louvavel e nobre, o que nos eleva sem sacrificarmos os nossos semelhantes; necessario e portanto innocente o que nos conserva e augmenta, respeitando quanto ser possa o bem estar alheio; condemnavel (verdadeiro egoismo) o que nos leva a tudo e todos sacrificar ás nossas conveniencias, orgulho, vaidade, caprichos... quem o tem torna-se o inimigo encarniçado dos seus semelhantes e a peste da sociedade, que com toda a justiça o ha de combater e inutilisar se tanto poder.

V. fabulas 4.ª, 22.ª, 23.ª, 50.ª, 56.ª, 106.ª, 115.ª, 121.ª, 123.ª, 163, 189.ª, 194.ª, 216.ª, 250.ª, 257.ª, 279.ª, 284.ª, 295.ª, 345.ª, 359.ª, 365.ª, e notas respectivas.

V. tambem—caridade, generosidade, direitos e deveres.

Honradez.—Consiste na pratica da moral com relação á sociedade.—«Vemos» diz E. Hartmann «numa e mesma sociedade o codigo moral d'um individuo compor-se de dois capitulos: o primeiro contem as regras que são communs a toda a sociedade; o segundo a moral profissional que varia com o officio do individuo.»

Homens ha na sociedade que se contentam com o segundo capitulo mencionado por Hartmann, que se julgam honrados e são tidos geralmente como taes, quando estão fora da alçada do Codigo Penal. Serão o que quizerem, mas para mim o homem honrado é aquelle que não deixa de o ser em tudo e em todas as occasiões.

V. fabulas 17.ª, 108.ª, 193.ª, 238.ª, 296.ª, e notas respectivas.

V. tambem—apparencias, brio.

Hypocrisia.—Muito se tem abusado d'esta palavra applicando-a á prudencia e á decencia. Hypocrita é o homem que apparenta o que não é, e encobre as suas más

qualidades para enganar e lucrar, e nesse sentido—bons exteriores com maus interiores são hypocrisias—como diz Vieira.

A hypocrisia, diz La Rochefoucauld, é o tributo que o vicio paga á virtude. Esta maxima, porém, muito bellamente formulada deve entender-se em termos que não se tenha por virtude o que é um grande vicio. É um tributo louvavel quando alguem esconde defeitos que só a elle prejudicam para não escandalizar os demais e cahir no seu desprezo, que nem sempre seria justo, porém muito pouco acceitavel quando se ocultam ruins qualidades e se apparentam boas para em seu proveito enganar: assim, dizem, chora o corcodilo. Quem tiver uma chaga repugnante trate de a encobrir para não causar nojo aos demais; devendo porém, se ella for contagiosa, fugir todas as occasiões de lha communicar, dando-se por são e escoreito. Quem não póde ser casto, sem blazonar de que o é, seja pelo menos cauto; a estes todos chama hypocritas o descarado e o devasso.

V. fabulas 20.ª, 30.ª, 56, 76.ª, 90.ª, 91.ª, 100.ª, 104.ª, 118.ª, 122.ª, 123.ª, 124.ª, 137.ª, 146.ª, 156.ª, 167.ª, 192.ª, 198.ª, 199.ª, 261.ª, 262.ª, 267.ª, 284.ª, 285.ª, 287.ª, 293.ª, 299.ª, 308.ª

V. tambem—apparencias, caridade, impostura.

Imitação macaqueação.—O homem copia ou imita sempre, embora inconscientemente; póde porém não só imitar com conhecimento de causa, mas ainda desenvolver, embellesar o que imita; isso é o mais que lhe é dado alcançar e só o faz o verdadeiro merito.

A macaqueação é um acto quasi machinal proprio dos homens e de muitos animaes. É um bem quando se macaquea o que é bom, sem o deturpar, e serve de regra de conducta a quem não é capaz de se dirigir: o que acontece a muita gente e boa.

V. fabulas 1.ª, 13.ª, 27.ª, 32.ª, 62.ª, 63.ª, 117.ª, 203.ª, 220.ª, 319.ª, 346.ª

V. tambem—critica, politica, vaidade.

Impostura.—Pode em parte dizer-se d'ella o que fica dito da hypocrisia, poisque muitos alcunham de impostura o que é só compostura. Toma-se tambem no sentido

de presumpção e está para a vaidade, como para o orgulho a soberba e a arrogancia.

V. fabulas 4.ª, 15.ª, 18.ª, 27.ª, 39.ª, 52.ª, 56.ª, 64.ª, 66.ª, 67.ª, 74.ª, 76.ª, 83.ª, 84.ª, 91.ª, 92.ª, 93.ª, 100.ª, 104.ª, 111.ª, 119.ª, 122.ª, 123.ª, 124.ª, 125.ª, 131.ª, 134.ª, 136.ª, 138.ª, 146.ª, 147.ª, 156.ª, 158.ª, 160.ª, 161.ª, 164.ª, 167.ª, 171.ª, 180.ª, 186.ª, 197.ª, 198.ª, 199.ª, 203.ª, 210.ª, 221.ª, 222.ª, 230.ª, 224.ª, 235.ª, 237.ª, 247.ª, 253.ª, 256.ª, 261.ª, 267.ª, 273.ª, 277.ª, 279.ª, 281.ª, 283.ª, 293.ª, 294.ª, 295.ª, 298.ª, 299.ª, 345.ª, 346.ª, 353.ª, e notas respectivas.

V. tambem — apparencias, critica, hypocrisia, opinião publica, politica, vaidade.

Indole. — Quer boa quer má depende da organização de cada individuo e dos instinctos herdados. Indoles ha tão ruins que resistem á melhor educação; outras tão boas que pouco soffrem com a peior. Tambem as ha intermedias, que são as mais communs, e para estas é que a educação se torna mais necessaria, bem como para algumas que são por assim dizer indifferentes e egualmente capazes de melhorar ou peiorar. A indole ruim de certo que attenua a responsabilidade moral do individuo que a tem, mas não a destroe; e muito menos deve tirar garantias aos que nasceram mais bem dotados ou aproveitaram os beneficios da educação. Se ninguem é culpado por ter nascido com instinctos ferozes, tambem o não é quem soffre de doença contagiosa ou de loucura; curem uns e outros ou isolem-se para não causarem prejuizo aos demais.

V. fabulas 3.ª, 13.ª, 19.ª, 26.ª, 34.ª, 39.ª, 62.ª, 63.ª, 80.ª, 97.ª, 111.ª, 119.ª, 123.ª, 143.ª, 165.ª, 166.ª, 167.ª, 176.ª, 183.ª, 192.ª, 201.ª, 208.ª, 214.ª, 251.ª, 259.ª, 268.ª, 287.ª, 314.ª, e notas respectivas.

V. tambem — educação, critica, inveja.

Inveja. — Não é a vontade de com os nossos esforços alcançarmos qualidades, posição, fortunas eguaes ás que vemos nos outros mais bem favorecidos, nem a magua de não as podermos honradamente possuir, pois a isso deve chamar se emulação, sentimento muito nobre; mas o desejo de as possuirmos embora aquelles fossem d'ellas despojados, e a magua que nos causam as venturas alheias de que não podemos nem podiamos gosar.

V. fabulas 2.ª, 3.ª, 29.ª, 32.ª, 54.ª, 69.ª, 95.ª, 97.ª, 126.ª, 136.ª, 201.ª, 227.ª, 244., 252.ª, e notas respectivas.
V. tambem — calumia, critica, indole.

Justiça. — Deve-se a todos, ainda os peiores. Shakspeare faz dizer a Bruto na sua apologia acerca da morte de Cesar (Julio Cesar, 3.ª, sc.ª 2.ª).—«Assim lagrimas pela sua amizade, alegria pelos seus triumphos, respeito pelo seu valor e a morte pela sua ambição... Os motivos da sua morte estão registados no Capitolio em narração imparcial nada diminuindo da gloria que elle justamente alcançou, nem carregando as culpas que lhe mereceram a morte.»
Ao mau basta a sua maldade e o castigo que lhe foi applicado: negar-lhe algum merito que tenha parece ainda maior injustiça do que alguns a quem tiver muitos; é roubar o pobre, affligir o afflicto.
Recei-se tambem que procurando praticar com alguem o que se affigura justiça, se façam favores á custa alheia. Representar de Providencia é admissivel até certo ponto, requer porém muita prudencia, pois se corre o risco de apenas imitar D. Quixote, ou de ser altamente injusto.
V. fabulas 5.ª, 20.ª, 22.ª, 41.ª, 128.ª, 130.ª, 133.ª, 136.ª, 138.ª, 146.ª, 150.ª, 156.ª, 165.ª, 232.ª, 293.ª, 313.ª, 363.ª, 365.ª, 366.ª e notas respectivas.
V. tambem — apparencias, direitos e deveres.

Maneiras.—Perdem muito do seu valor se não tiverem por base a boa educação, pois d'ella devem ser o complemento e o adorno, mas ainda assim e na falta d'aquella sempre podem tornar um homem supportavel senão estimavel. Lord Chesterfield não cessava de as recommendar ao filho nas suas celebres cartas, as quaes tirado o que o tempo tem alterado nos costumes são ainda um dos melhores compendios para a educação de um cavalheiro. As maneiras agradam aos superiores, captivam os inferiores, e são indispensaveis para se conservar a convivencia.
V. fabulas 1.ª, 8.ª, 109.ª, 166.ª, 183.ª, 184.ª, 185.ª, 225.ª, 247.ª, 256.ª, 274.ª, 343.ª, 350.ª, 352.ª e notas respectivas.
V. tambem—convivencia, educação, nivel social, vaidade.

Merito.—Raro se encontrará perfeito em alguem, e rarissimo de mais de uma especie. Demais, depende da epocha em que viveu ou vive o individuo, e como esta acaba e a humanidade progride, tende sempre e a diminuir quanto ao genero em que se deu e a importancia d'esse mesmo genero. Um famoso constructor de aqueductos quando as aguas eram conduzidas sobre arcarias, seria de certo muito menos apreciado hoje em que ellas se levantam por meio de syphões; um escriptor de grande merito com relação ao estado de adiantamento do paiz em que vive e da lingua ainda meio-barbara, tel-o-ha muito menor em epocha mais avançada. Não se lhe deve diminuir o merito, julgado no seu tempo; mas raro se lhe poderá conceder egual na actualidade. A sua obra perde ainda mais do valor com a acção do tempo, pois quanto á forma torna-se innitilligivel para a maior parte da gente, e quanto ás idéas, que são mais ou menos admiradas ou ainda admissiveis segundo o desenvolvimento social.

V. fabulas 10.ª, 13.ª, 37.ª, 68.ª, 82.ª, 87.ª, 88.ª, 95.ª, 99.ª, 103.ª, 113.ª, 114.ª, 125.ª, 134.ª, 136.ª, 164.ª, 176.ª, 197.ª, 202.ª, 203.ª, 273.ª, 276.ª, 283.ª, 298.ª, 343.ª, 345.ª, 356.ª. 357.ª, 358.ª, 362.ª, 366.ª, e notas respectivas.

V. tambem—brio, honradez, talentos, trabalho.

Nivel social.—A humanidade nunca foi nem é homogenea: d'ahi niveis differentes que difficultosamente se harmonisam entre si, isto quanto a intelligencia, instrucção, religião... etc. Os grandes philosophos antigos tinham porisso duas doutrinas: uma a *esoterica* (secreta) só para os adeptos; outra a *exoterica* (vulgar). Socrates foi victima por se descuidar em seguir á risca este systema. O christianismo exigia um noviciado antes de se revelar completamente aos que pretendiam abraçal-o; o mesmo succedia com outras religiões antigas que tinham seus mysterios quaes os de Eleusis, onde só eram admittidos os adeptos que passassem um certo numero de provas. Os homens collocados em niveis sociaes differentes, tendo portanto pensar e interesses diversos, antipatizam geralmente entre si, donde nasce o desprezo nos de nivel superior, a inveja e o odio nos do inferior. Os partidarios do verdadeiro progresso, trabalhando para diminuir ou acabar com essas differenças o devem fazer educando e elevando sempre e nunca rebaixando ou destruindo.

V. fabulas 6.ª, 10.ª, 26.ª, 50,ª, 85.ª, 110.ª, 112.ª, 113.ª, 114.ª, 294.ª, 341.ª, 352.ª, 356.ª, 358.ª, e notas respectivas.
V. tambem — associação, brio, convivencia, educação, maneiras.

Opinião publica. — Nasce de varias opiniões particulares, que hoje se propagam de ordinario pela imprensa; e que, fundadas em informações mais ou menos exatas e em apreciações mais ou menos apaixonadas, intereceiras ou esclarecidas pouco e pouco se confundem e se modificam segundo a indole e estado de desenvolvimento moral e intellectual da sociedade, não sendo porisso raro, antes vulgarissimo, que se altere findando no contrario do que começou a ser. — A opinião publica é pois norma muito pouco segura. É forçoso porém respeital-a pelo menos ostensivamente; porque, como disse Mirabeau — quando todos erram todos tem razão—salvo em caso de grave injustiça, porque por cousas futeis não vale a pena expôr-se ao martyrio.
V. fabulas 1.ª, 14.ª, 15.ª, 18.ª, 29.ª, 36.ª, 41.ª, 53.ª, 60.ª, 88.ª, 92.ª, 100.ª, 103.ª, 120.ª, 125.ª, 134.ª, 138.ª, 142.ª, 145.ª, 154.ª, 159.ª, 161.ª, 164.ª, 173.ª, 182.ª, 210.ª, 222.ª, 223.ª, 231.ª, 234.ª, 235.ª, 237.ª, 247.ª, 249.ª, 253.ª, 257.ª, 277.ª, 279.ª, 312.ª, 330.ª, 334.ª, 335.ª, 338.ª, 356.ª, 357.ª, 362.ª, 364.ª, e notas respectivas.
V. tambem — apparencias, critica.

Orgulho. — Sentimento nascido da estima que temos de nós mesmos. Em termos comedidos é o brio — qualidade nobre sem que a qual o homem se torna desprezivel e desprezado; exaggerado degenera, por factos, em soberba e arrogancia, o que o torna prejudicial a quem o tem e insupportavel aos demais. O orgulho basea-se ou julga basear-se em qualidades moraes e intellectuaes; a vaidade funda-se geralmente em qualidades physicas e apparencias espectaculosas.
V. fabulas 24.ª, 57.ª, 174.ª, 186.ª, 234.ª, 286.ª, 324.ª, e notas respectivas.
V. tambem — brio, vaidade.

Philosophia. — A definição que mais me tem quadrade de quantas li e já me não lembro é — a explicação racional dos factos, tomando este termo no seu sentido mais

lato. Assim póde haver philosophia de cada uma das sciencias ou conhecimentos humanos: quando aquellas se elevam a ponto de explicar racionalmente os factos em que se fundam tornam-se philosophicas.

Philosophia toma-se tambem vulgarmente no sentido de juizo, sensatez que levam o homem a que não dê a cada acontecimento mais valor do que elle merece; e a saber conduzir-se no meio dos contratempos da vida, a ser prudente.

V. fabulas 1.ª, 11.ª, 14.ª, 15.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 24.ª, 28.ª, 30.ª, 32.ª, 39.ª, 43.ª, 49.ª, 52.ª, 58.ª, 59.ª, 69.ª, 88.ª, 90.ª, 92.ª, 94.ª, 98.ª, 100.ª, 110.ª, 116.ª, 121.ª, 122.ª, 123.ª, 124.ª, 125.ª, 126.ª, 127.ª, 128.ª, 132.ª, 133.ª, 141.ª, 150.ª, 151.ª, 153.ª, 155.ª, 164.ª, 169.ª, 234.ª, 236.ª, 240.ª, 241.ª, 247.ª, 250.ª, 251.ª, 258.ª, 260.ª, 273.ª, 276.ª, 278.ª, 281.ª, 282.ª, 283.ª, 285.ª, 288.ª, 293.ª, 294.ª, 295.ª, 299.ª, 303.ª, 305 ª, 307.ª, 310.ª, 315.ª, 318.ª, 320.ª, 322.ª, 324.ª, 325.ª, 326.ª, 328.ª, 330.ª, 334.ª, 336.ª, 343.ª, 345.ª, 348.ª, 356.ª, 358.ª, 359.ª, 361.ª, 365.ª, e notas respectivas.

V. tambem — educação, politica.

Politica. — Sciencia de governar os povos e que exige profundos e especiaes conhecimentos e longa experiencia, que porisso poucos podem ter; mas que muitos ou quasi todos julgam possuir. Varia necessariamente segundo os povos a governar e segundo as differentes epochas do desenvolvimento d'estes. Quem d'isto duvidar leia o que cada dia estão escrevendo, uns dos outros, os diversos partidos e verá tambem em pratica a verdade das fabulas.—Os dois sujos,—a dupla demonstração. — Os jogadores...

Bom ou mau, porém é indispensavel haver um governo, e se este não fôr o melhor que podia ser a culpa é de todos, partidos politicos e governados.

V. fabulas 10.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª, 33.ª, 35.ª, 38.ª, 42.ª, 43.ª, 72.ª, 74.ª, 77.ª, 78.ª, 79.ª, 88.ª, 94.ª, 101.ª, 110.ª, 115.ª, 123.ª, 131.ª, 133.ª, 135.ª, 139.ª, 141.ª, 143.ª, 150.ª, 153.ª, 158.ª, 160,ª, 161.ª, 162.ª, 171.ª, 173.ª, 174.ª, 180.ª, 189.ª, 191.ª, 195.ª, 199.ª, 203.ª, 207.ª, 209.ª, 210.ª, 212.ª, 215.ª, 216.ª, 222.ª, 226.ª, 228.ª, 229.ª, 230.ª, 235.ª, 248.ª, 260.ª, 262.ª, 267.ª, 279.ª, 283.ª, 285.ª, 286.ª, 288.ª, 291.ª, 300.ª, 302.ª, 306.ª, 316.ª, 318.ª, 326.ª, 331.ª, 337.ª, 338.ª, 339.ª, 343.ª, 344.ª, 346.ª, 347.ª, 359.ª, 365.ª, e notas respectivas.

V. Tambem — educação, impostura, philosophia, talento.

Progresso.—Lei geral do desenvolvimento de todos os seres; assim como o é da sua decadencia. Todo o ser que nasce, desenvolve-se, estaciona e decae. Dá-se isto com relação aos individuos, ás raças, ás nações: dar-se-ha tambem com relação á humanidade em geral? Conhecemos diversas phases do seu desenvolvimento, e não podemos deixar de ter a convicção de que foi continuo, e que ha de ainda durar pelo menos por um tempo que escapa a todos os calculos. Findará elle, e chegará a epocha de estacionar, e a da geral decadencia? Vivêmos; ainda inconscientemente nos nossos antepassados, viveremos do mesmo modo nos nossos vindouros; porém viverão elles sempre na terra? Não deixará esta de existir no estado em que possa sustentar a vida organica tal qual hoje existe? Estou que estes problemas bem como o da origem primitiva das cousas são d'aquelles a que o homem nunca dará solução; e confesso, na minha ignorancia, que nem vejo nella grande utilidade.

V. fabulas 20.ª, 21.ª, 28.ª, 30.ª, 33.ª, 35.ª, 82.ª, 99.ª, 101.ª, 110.ª, 121.ª, 123.ª, 125.ª, 141.ª, 173.ª, 192.ª, 203.ª, 204.ª, 209.ª, 212.ª, 229.ª, 247.ª, 292.ª, 315.ª, 316.ª, 324.ª, 329.ª, 361.ª, 362.ª, e notas respectivas.

V. tambem—brio, trabalho, vida futura.

Prudencia.—Previdencia ou ainda providencia (de ver antes). É o contar com o que os acontecimentos, que se succedem podem produzir ou desfazer. É a grande arte de vida na opinião de Cicero; e na de Vieira,—«um homem prudente nunca dirá—não cuidei.» Exagerada degenera em timidez, tornando o homem acanhado e incapaz de tentar cousa que preste. O acaso não existe: porém, como não é possivel calcular todos os acontecimentos futuros, calculem-se os mais proximos e provaveis e esteja-se sempre disposto a arrostar com o peior.

V. fabulas 4.ª, 5.ª, 11.ª, 12.ª, 16.ª, 32.ª, 40.ª, 43.ª, 49.ª, 51.ª, 52.ª, 57.ª, 58.ª, 63.ª, 65.ª, 67.ª, 69.ª, 70.ª, 72.ª, 73.ª, 75.ª, 77.ª, 79.ª, 85.ª, 94.ª, 100.ª, 104.ª, 105.ª, 114.ª, 127.ª, 134.ª, 139.ª, 140.ª, 149.ª, 150.ª, 155.ª, 161.ª, 170.ª, 172.ª, 179.ª, 183.ª, 188.ª, 190.ª, 192.ª, 200.ª, 206.ª, 207.ª, 220.ª, 225.ª, 232.ª, 233.ª, 235.ª, 236.ª, 243.ª, 251.ª, 256.ª, 258.ª, 259.ª, 260.ª, 263.ª, 270.ª, 274.ª, 325.ª, 328.ª, 333.ª, 339.ª, 344.ª, 348.ª, 355.ª, e notas respectivas.

V. tambem — philosophia.

Superstição. — Provem da ignorancia, da fraqueza de espirito, do receio, da necessidade de acreditar, inherente ao homem quando mal dirigida pela primeira educação. Acanha o espirito e faz praticar acções pelo menos inuteis e ridiculas. Quando excessiva degenera em fanatismo e perseguição aos que não a partilham. Todo o ignorante, é supersticioso; porém este nem sempre é ignorante; homens ha illustrados que são supersticiosos, já porque se deu uma falta no desenvolvimento da sua intelligencia, já porque foi esta eivada naquelle sentido, e sem remedio na primeira educação que receberam. Ha muitissimo mais supersticiosos do que vulgarmente se imagina e sempre os haverá em todas as classes da sociedade, emquanto durar a desastrosa educação que em todas ellas se dá ás creanças.

V. fabulas, 20.ª, 52.ª, 117.ª, 151.ª, 231.ª, 299.ª, e notas respectivas.

V. tambem — apparencias, hypocrisia, impostura.

Talentos. — Disposições naturaes, aptidões a cima das vulgares para se obterem conhecimentos, e porisso variam aquellas tanto como estes. Antigamente significou vontade, desejo donde—*talante*. Fernão Lopes na Chr. de D. João I — c. 9. diz — «muito talentoso (desejoso) de ver tal feito acabado. Assim significa em francez antigo. — *Talent de bien faire* — foi a devisa do famoso infante D. Henrique, e bella, porque a boa vontade vence muito — mais faz quem quer que quem pode, diz o rifão. Neste sentido a significação antiga da palavra tornou-se contraria á moderna, porquê o talento é independente da vontade. *Talentum*, porém, significa em latim não só uma certa somma ou peso de metal precioso, senão tambem riquezas thesouros, e d'ahi vem a significação moderna da palavra entre nós.

Muitissimas vezes, infelizmente, tomam-se por talento as suas apparencias, mórmente nas creanças precoces, dotadas do que a gente séria chama esperteza de rato; e nos homens a impostura, a audacia, a facundia óca e apparatosa com que sabem lançar poeira nos olhos. Tambem vulgarmente se erra julgando que aquelle que tem talento para uma sciencia ou arte o possue para outras e até para tudo. O talento é apenas um meio um instrumento de superior qualidade que pode ficar esteril por falta de applica-

ção, e servir para o bem e para o mal, segundo as mãos que o empregarem, e nem sempre é acompanhado de prudencia e de senso commum. O talento facilita o trabalho (quando não desgosta d'elle) mas não o substitue totalmente. Ouvi dizer a dois homens ambos d'elle dotados (era um Alexandre Herculano) que não acreditavam em talentos, mas sim no trabalho.

V. fabulas 13.ª, 15.ª, 38.ª, 53.ª, 63.ª, 87.ª, 88.ª, 92.ª, 103.ª, 134.ª, 169.ª, 202.ª, 205.ª, 231.ª, 257.ª, 258.ª, 263.ª, 264.ª, 275.ª, 300.ª, 331.ª, 351.ª, e notas respectivas.

V. tambem—apparencias, impostura, indole, merito, opinião publica.

Trabalho.—O homem não pode viver sem trabalhar ou aproveitar-se do trabalho alheio. O homem que vive só para o prazer não differe do animal immundo senão pela especie do chiqueiro onde se retouça. Um ente assim é prejudicial a si mesmo e inutil, senão nocivo, aos outros. O trabalho eleva, enobrece o homem que, sem elle, fôra o mais miseravel dos animaes.

V. fabulas 40.ª, 82.ª, 87.ª, 99.ª, 114.ª, 119.ª, 127.ª, 202.ª, 203.ª, 207.ª, 213.ª, 258.ª, 271.ª, 273,ª, 275.ª, 281.ª, 282.ª, 298.ª, 321.ª, 333.ª, 334.ª, 366.ª, e notas respectivas.

V. tambem — brio, merito, progresso, talentos.

Vaidade.—Desejo da admiração e applauso dos outros de ordinario fundado em motivos frivolos e até ridiculos. Raro quem não é um pouco vaidoso. A vaidade alheia incommoda-nos as mais das vezes porque vem ferir a nossa. Esta, se nos causa dissabores tambem nos porprociona prazeres. A vaidade pode ser o movel de acções ruins e tambem o é de acções boas e até gloriosas. No tracto entre os homens ha uma troca de transigencias com a vaidade, sem as quaes a convivencia seria quasi impossivel. Deve dar-se, porém, como moderação, para que não degenere em baixeza, e possa conservar algum valor. Molière faz dizer ao seu Misantropo: — «Que apreço se pode dar aos protestos de estima de quem os vai logo repetir ao primeiro bisborrea que encontrar?»

V. fabulas 6.ª, 13.ª, 18.ª, 27.ª, 28.ª, 31.ª, 32,ª, 44.ª, 46,ª, 48.ª, 53.ª, 60.ª, 61.ª, 62.ª, 64.ª, 69.ª, 82.ª, 84.ª, 102.ª, 109.ª, 112.ª, 118.ª, 120.ª, 134.ª, 137.ª, 145.ª, 147.ª, 152.ª, 164.ª, 177.ª, 180.ª, 182.ª, 191.ª, 165.ª, 197.ª, 203.ª, 219.ª, 220.ª, 221.ª,

256.ª, 265.ª, 270.ª, 274.ª, 304.ª, 307.ª, 324.ª, 331.ª, e notas respectivas.

V. tambem — orgulho, convivencia, maneiras.

Vida futura.—Do passado provem o presente e d'este ha de vir o futuro, porque nada morre, senão que se transforma. Tudo me leva a crer que essas transformações hão de ser sempre para melhor, pois que o progresso é a lei innegavel da natureza desde os tempos historicos e ainda os prehistoricos de que temos conhecimento.

V. fabulas 21.ª, 246.ª, 281.ª, 292.ª, 332.ª e notas respectivas.

V. tambem—progresso.

EMENDAS E ALTERAÇÕES A FAZER NAS FABULAS

(OS VERSOS AQUI IMPRESSOS
DEVEM SUBSTITUIR OS EMENDADOS OU ALTERADOS.)

Pag.	Versos	
1	5	De ser
		Mais dura que um osso
	8	Depois de 'star bem
		de molho
	10	Que num pégo muito fundo
	11	Cahia quem
		Procurava
2	3	Seja qual fôr o sentido,
	7	Sem
		Vestido
	8	Nem
		Sequer uma camisa!
	12	E era caso de fugir,
	13	Pois quem
		Não se escandaliza
	14	De ver
	15	(E, peior, de ouvir)
	18	Ninguem
		A quiz receber.
	29	Sempre caridosa ser.
3	1	Ha mulher que não
		As tenha
	3	Do coração?

Pag.	Versos	
3	6	Achegue-se bem de mim:
	20	De trapos e de ouropeis
	23	Que as civis e que as moraes;
	25	Porque, emfim,
		Era mulher.
	27	Depois de assim
	28	Revestida (2),
		Recebida
		Foi'té nos paços reaes
4	8	Quando a viu ataviada
	11	Se gosto d'ella enfeitada,
	12	Se foi acerto adornal-a?
	15	Poisque, sabendo doural-a,
	20	Quando a verdade se diga
		(Com maneiras
		Não grosseiras)
	21	Livre de tanto rodeio
	22	Com que ainda se mitiga,
	24	De pão-pão
		E queijo-queijo
	25	Porém.
		Ainda não.
		Veiu
	26	(*Elimina-se*)
	28	Muita fabula até lá
	29	No mundo tem
		De appar'cer
5	1	Se te enfadam meu censor. .
	2	(*Depois d'este verso*) Só prazer
	19	Novo esculptor
6	2	Disse:—«Muito bem pensou
	3	(Se não foi aconselhado)
	8	Vem d'ahi; pois onde está
	9	O merito do esculptor
	10	Quando o acaso assim lhe dá
	11	Tão
	12	Prestimoso metal
	13	Não
		Imagine o leitor
	20	D'um vallado no meu campo
7	2	Nojento sapo que o viu

Pag.	Versos	
7	4	Nelle a peçonhenta baba.
	10	Nada fiz de que me accuses.»
	11	Torna o sapo:—«E porque luzes?»
	13 a 17	Bradei eu, alli ao—pé «Que torpe sempre deseja Destruir, enlodaçar Tudo quanto bello seja, Não te quero eu esmagar Que me sujavas o pé.»
	20	Da raposa
	21	O leão disse uma vez:
8	13	Os socios são)
	15	Que aos consocios perguntou:
	26	Coma a raposa o menor.»
	29	Recebe tal cachação
9	6	A raposa que tal viu
	12	Brada o leão;
	16 a 26	«Um doutor:» A raposa respondeu: «(Parece que 'stou a vel-o Com seu capello Vermelho) Este conselho Me deu; —Jamais vas com teu Senhor Metter-te a jogar as peras; Pois, que esperas? Sirvam-te os outros de espelho (4).»
10	4	O malvado,
	5	Nem Lhe deixará provar
	8	E morre sem Oratorio (5),
	9	Cordeirinho malfadado
	10	E novato
	12	Para beber num regato
11	3	Quando eu nelle quiz beber;
	6	Volta tremendo o cordeiro:
	11 a 19	Ès tu que mentes, meu Traste,

Pag.	Versos	
11		E sei tambem que fallaste
		Ha dois annos contra mim.»
		—«Inda não
		Era nascido
		Ha só um
		Que ao mundo vim.»
		«Seria algum
		Teu irmão,
		E por elle vais pagar.»
		—«Irmãos não
		Tenho.»—«Atrevido!
12	11	Vinha cahir na cilada
	14	Do burro, no fim
		Da festa
	15	«A trompa é ruim
		Ou presta?»
	17	Torna-lhe o outro; e esta caça,
	18	Ignorando a tua raça,
13	1 a 3	O lobo, uma vez, um osso,
		Por muito comprido ou grosso,
		De todo não enguliu
	9 a 11	Quando sem
		Falla acenava
		E nem
		Um só lhe acudia;
		De quanto bicho alli via.
	19	Se o trabalho lhe pagava.
14	13	Quando algum
		Homem de bem
	14	Vir um
		Malvado engasgado,
15	5	Majestosos animaes.
	8 a 11	—«Não
		Sou ainda tão
		Boçal»
		Disse então
		O cosinheiro
		Pois logo cahiu em si;
		Que vá matar
		Um gaiteiro
	14	Foi um ganso que apanhou;

Pag.	Versos	
15	19	Sem gritos ou palavrões
	20	E ainda de bom humor
	21	Tem, ás vezes, seu valor (10).
16	7	Houveram emfim por bem
	13	Entregam como refens,
	19	—Atrás d'um tempo outro vem.—
17	4 a 11	Matam os refens Dos cães, Correm direito aos curraes! (Os zagaes Dormiam todos, fiados Na santa fé dos tractados) Alli com os filhos, então Quasi em forças seus eguaes,
	14 a 16	Lembra-te deste painel; Com malvados Foge sempre de tractados.
18	8	*(Depois d'este verso)* Sem cessar
	9	Outr'ora, que o receiavam.
	11	Quando injustiças passadas
	13	Exigir seu pagamento (11).
	14	Não Foi o tigre presente;
	15	*(Elimina-se)*
	17	Ainda aos mais inf'riores
	ult.	Mas nada lhe disse, e foi-se;
19	2	Em lembrança da caçada (13);
	6	Assim á chucha-calada,
	9	Se vingou:
	26	Já moribundo o leão:
20	7	Mas—homem remediado—
	11	Mais o seu gado.
21	4	A dizer:—«Se tenho pão
	5	Tambem O tem O meu cão;
	8	Queira ou não Até morrer.
	9	Vida minha, desgraçada!
	11	A levam tanto: e porquê?
	17	Não posso trabalhar mais

Pag.	Versos	
21	18	Do que faço. E os demais...
	19	Pois não se ganha com o ocio?
	20	Tiveram outro trabalho,
	22	Com as terras do Ultramar.
	ult.	Este perdeu-se em baixio,
22	21	Carpindo se julga alguem,
	22	Até vir maior desgraça
23	9	(Elle moço já não
		Era)
	21	Basta dizer que me péllo
24	19	Brada o amigo afinal.
	20	Com effeito é começada
	25	Foi sua morte vingada,
	27	No mesmo estado
	29	Qual um paiz conquistado
25	1	Um escandalo,
	2	Cyclone que alli passou!
	18	De trabalho e de pancadas.
	19	Notando quanto estimadas
26	1	Não attendendo a que raças
		E tamanhos differiam;
	12	Dar o seu lindo pésinho;
	22	*(Depois d'este verso)* De terror
27	4	Longe de serem damninhos,
	5	Eram até animaes
	6	Aos nautas mui serviçaes,
	10	Ou se via lá em p'rigos:
	13 a 17	Dos homens. Lindas chimeras!
		Illusões d'antigas eras,
		Erros de ha muito passados!
		Hoje os golfinhos fisgados
		São
		Por causa das gorduras,
	18	Que pessimo cheiro deitam,
	19	Mas que muitos aproveitam
	20	Por não
		Ficar ás escuras (19).
28	11 a 12	Á terra os homens levando
		Em cima do seu costado.
	14	Um d'elles, indo montado
	17	Lhe pergunta, conversando:

Pag.	Versos	
28	19	Aparentado
		Do que eu.
	20	Filho sou de magistrado,
	21	Tenho irmão grande letrado,
	ult.	Quando estava de partida.»
29	3	Quem
		Nelle vinha montado;
	6	Mergulha sem
		Mais cavaco
	10	Quantos macacos não ha
	11	Que por muito bem
		Calados
	12	Tem
		De sabios alvará,
	14 a 16	*(Eliminam-se)*
30	ult.	Que mostrou
		Junto do leito
31	4	Do feixe nenhuma
		Vara.
	5	Eis logo o velho as separa
	6	Uma
		Após outra partiu.
	17	Nenhum
		Mais se recordou;
	19	Ver-se cada um
32		Perdido
	5	Com os queixumes que soltava,
		Em triste pranto banhado.
	7	Outro, se mal lhe chegava
	8	O ganho para comer?
	9	Porisso nada o acalma:
	21	—«Aqui o tens todo inteiro,
33	16	E com este se abraçou
	29	*(Elimina-se)*
34	1 a 4	O d'oiro, muito depressa,
		Deixa logo, pelo certo,
		(Não
		Lhe vá elle fugir)
		De gritar:—» Esse é o meu!»
		Então
		Mercurio lh'o deu...

Pag.	Versos	
35	8	Quem
		Nasceu sem
		Nenhum ter.
	15	O tal
		Burro, na certeza
	18	Da qual
	26	Havia sahido,
	ult.	Ora
		Queima
36	4 e 5	*(Abra-se um espaço entre estes dois versos).*
	18	Lhe diz a lima zombando:
	19	«Do que estás ahi fazendo.
38	11	Dos mofentos attentados;
	27	Viu-se um carneiro
39	9 e 10	*(Abra-se um espaço entre estes dois versos).*
	13	Quando tinha de acabar
	14	Como sempre ha de fazer,
	15	(*Elimina-se*)
	17 e 18	Dos que tomam por modelo
		O camelo
		Ou outro parvo qualquer (29).
40	20	Bem
		Preso de pés e mãos;
	23	Contente porém
		Ficou,
41	1	Não será assim com a morte?
	7	Nem carneiro nem
		Um anho
	9	Quanto mais quem
		Tudo cria?
	11	Assim tambem
		É a morte,
	21	Has de surgir melhorado,
42	6 a 8	Comtanto
		Que seja santo
		Cada qual á sua custa.
	15	O matal-os
43	3	Para aldeia
	4	De alta serra:
	12	Até o cimo da encosta;
	14	—«Amigo!» Volta o casmurro,

Pag.	Versos	
44	2	Não
		Te arredes do meu lado»
	6	Pelo lobo serei
		Breve.»
	7	—«Não
		Sei
		Porquê? Tu vais leve,
	9	Ou combater
		A valer»
	18 a 21	Foge o cão,
		E num momento
		Chega o lobo: triste fim
		Porque foi villão
		Ruim,
		Teve em paga o tal jumento.
45	12	Apesar
		De ser ruim,
	15	Dar
		No chão com o proprio peso (33).
46	15	Pelo filho ; e pela nora
47	11	Revirou
		O coração (34)
	16	Tratou
		Do velhinho tonto.
	21	Nem tentou
	22	Atravessar (35).
48	1	Quando
		Olhava
	9	Longe de lhe dar
		Cuidado
	18	—«O que tu fizeste vi.
	20	Nem
		De certo o tentarei,
	26 e 27	Vil tartufo, traficante,
		Ou galopim descarado,
49	ult.	Eis, quando
		Menos se esp'rava,
50	3	Pondo a murro e a bordoada
	5	Correm direito aos dobrões;
	6 e 7	*(Eliminam-se)*
	13	Até alguem

Pag.	Versos	
50		Lhe accudir,
	14	Porem
		Ninguem
		Lhe valeu
	21	Quasi que alli o mataram!
	24	Só tal recibo deixaram
51	4	—«Se, cumprindo teu dever,
	5	Fosses levando o dinheiro
	9	Um notavel figurão,
		Fazendo tanto ruido;
	10 a 13	Talvez ahi não
		'Stivesses
		Estatelado
		E moido
		De pancadas, nesse chão.»
	15	Quem
		Se for assim metter
	18	Bem
		Lhe pode acontecer
52	2	Se parvoice, não sei;
	3	Pouco importa. Ella junctou-se
	27	Nos concursos se hão
		De dar
53	1	Cançada esta de voar,
54	7	Dizia o urso
		Ao velhaco
	8	Do macaco.
	9 e 10	—«Olha, amigo, o teu discurso»
	11	Voltou este: «é doutrinal;
	13	É facto que danças mal,
	14	Peior não podia ser,
	15	D'um modo quasi indecente:
	17	*(Elimina-se)*
	18	Mas se tu dançasses bem
	19	De certo tambem
		Se ria.
	23	Ou se baile muito mal,
	24	Ou com graça, com mestria,
55	10	Quanto lograra apprender
56	13	Reparem neste *entrechat* (42);
	16	Ou qual café?

Pag.	Versos	
56	ult.	Breve se viu apupado,
57	16	Foi-lhe isso muito melhor
	17	Que ser civilizador
	19	Quaes bastantes inda são.
	22	Quem
		Se mette a educar
	27	Mais do que o vulgo imagina,
58	3	É só gente no feitio,
	4	Na essencia sempre gentio (47).
	10 e 11	Defeito de natureza,
		Impossivel de curar: »
	14	—«Ao leão misero gallo
	ult.	«Se vejo cão,
59	2	Que não
		Me posso conter
	4	Num charco, formoso
	12	Não
		Quero ficar anã.»
	13	Chama então
		Suas vizinhas,
60	12	Acaba por estoirar;
	13 e 14	E esse mal vai em augmento.
	15	*(Elimina-se)*
	18	Abelhudo, o rabecão:
	23	Ha concertos aos milheiros
	ult.	Quando morre um nescio ou um louco.
61	1	Peior é quando taes rãs
	4	Nunca chegam a ser toiros,
	5	E com o seu parvo coaxar
	7 a 13	Santo e justo
		É
		Todos embora a custo,
		Sem quebra de honra, e com tino
		Melhorarem seu destino;
		Julgo até
		Isso um dever,
		Ou mui nobre sentimento,
		Que um homem aspire a ser
62	1	Era um alvo de neve,
63	4	Dás
		A's

Pag.	Verssos	
63		De Villa-Diogo,
	9	Nascendo assim bem
		Armado.
	12	Ninguem
		Me via fugir,
	16	«Estou mui capacitado
	21	Com susto dos cães estava;
	22	Pois minha mãe
		Abalava
	24	Em
		corrida
	29	*(Elimina-se)*
64	2 a 4	Logo que um latir
		Ouvia
	5	Ou trompa de caçador:
	13	Talvez o mesmo fizesses
65	7	E, sem abundantes chuvas,
	11	Noite e dia
		Aos ceos erguiam.
	12	Perto havia
		Uma represa,
	19	De ao povo dar
		Um conselho:
66	6	Eis deitam logo a correr,
	7	Não querem mais escutar
	10	Tudo a eito
	15	Os campos lhes alagou!
	23	Todos se voltam então
	24	Contra o velho
	25	E o seu prudente conselho!
67	3	Mas eu tenho mais talento;
	4	(Haverá no mundo egual?)
	11	Lhe respondeu a matreira:
	17	Sincero se respondia,
68	11	Quando o gigante nascera.
	21	Tão
		Grande abalo soffreu
	22	Com o peso descommunal!
70	2	Eram estes de uns dragões
	3	Que, vai muito e muito anno,
	9	De thesouros enterrados (57);

Pag.	Versos	
70	10	Bichos, nos quaes o diabo
	11	Gostou sempre de encaixar-se
	12	Porisso elles tinham rabo
71	7	Eis começam na carreira,
	10	O das cem mal
		Pode andar,
	11	Pois cada qual
		A primeira
	12	Quer
		Ser
		E as mais governar;
	19	O primeiro caminhando
	21 e 22	Sem
		Estorvo ter
		Nem
		Medo
	28	Quando o outro nem metade
72	5	(Embora pouco talento)
	7 a 9	Que um cento
		De talentosas (58)
		Sem ter siso,
	10	As quaes com balofas prosas
	11	Nos vão dar, por nossa magua,
	16	—«Eu fui grande peccador!
	17	Mas se ás vezes andei mal,
73	3	Que teimosa
		Me insultava,
	5	Vivo um filho a quem a vida,
	6	Tão generoso, poupei?»
	8	Diz raposa
		Descarada,
	15	(Por comeres sem cautela
		O outro cordeiro d'ella)
	16	Um osso
	17	Nessa guela,
74	6	Perguntou com voz amiga:
	23	—«Permittirá que lhe diga,
	26	Ou tinha bem fraca a vista
75	1	Trabalha a mais não
		Poder,
	14 a 16	Não

Pag.	Versos	
75		Tinha entendido
		O velho
		de Salomão
		O conselho,
	18	Percebeu
	24	Na metade
76	9	Com pobre mocho,
	10	Velho, chôcho
77	1	—«Sim, porisso é que ha de ser,»
	2	O sabio diz: «mocho amigo!
	4	Um lanzudo, que jogou
	14	Feitos de cobre doirado;
78	2	Soltou alta berraria
	14	Assim faz quem toma a serio
	15	O louvor, o vituperio,
	20 e 21	Quem tomar por sacro fogo
		Aquelles tentos do *jogo*,
79	9	Da qual lhes passo a fallar (67).
	20	Corre tempo, a senhoria
	21	Pede, em boa cortezia
	22	A casa, que mais um mez
80	1	A inquilina requer:
	2	Não tem onde se metter;
81	6	As regras de bem-viver.»
	7	Ficou pois a senhoria
	9	Na rua, e a outra cadella,
	10	Inda em cima diz mal d'ella (69).
82	2	Ou farto, no chão
		Se extende
	5	Emquanto o somno não
		Vem.
	8	—«Amigos! podem ficar,»
	19	Na terra ou nella se escondem.»
	21	Mas só deste modo, o fim
	24	Outros, nem ainda assim.
83		(Titulo da fab.) Os beneficios,
	10	D'ella são
		Os côtos
	11	Bentos
	12	Que afastam os maus intentos
	14	E com isto não

Pag.	Versos	
83		Acabo.
	20	Que direi do mel então?
84	1	No seu tempo, deleitavel (71).»
	6	'Stares calada,
	28	Dá só vontade
85	3	Dão,
	4	Se não
	17	— Uns os figos vão
		Comendo,
	19	—«Meu marido não
		Defendo
86	1	Razão
		Tens de assim fallar,
	2	Pois não
		Ha que comparar,
	5 a 7	Nem me péja
		Confessal-o;
		Porém nunca foi vaidoso (74);
	20	Com dinheiro e escorreito
	21	Quiz um homem viajar.
87	9	E nunca vista, encontrou,
	10	Pois notou
	22	Era tambem
		Novidade
	24	Ver alguem
		Direito andar
88	2	Por aquella troça infinda,
	4	—«Isso não sou!
	7	Todos vejo e gaguejando.»
	8	Logo os outros se offenderam:
89	5	Contrafeito ou de bom grado,
	6	Tal
		E qual
		O vir fazer:
	9	Muito dissabor soffrer.
	18	Soffra pois com paciencia
	até	Ou fuja da convivencia
	o fim da	De quem
	fabula.	Não sabe fallar
		Nem
		Decentemente andar (76).

Pag.	Versos	
90	5	De mosquitos
	6	Revoavam
	13	Numa venta se lhe lança;
	14	Porem o maior abalo,
91	9	De mui perfeita saude.
92	15	Que entre os dons presume estar.
	29	Põe-se em-pé e sem demora,
93		(Titulo da fabula) A precedencia.
	16 e 17	*(Eliminam-se)*
94	10	E a raposinha matreira,
	12	O que faz ainda agora).
	15	*Hoc opus, hic labor est*;
	23	Fica assim
		Rima não tem.)
	25	(Nem
		Sempre o broma é sandeu,
95	1	Havia de julgar
		Bem
	18	De certo não acho:»
	21	Fulo, pergunta o leão,
	23 e 24	Então
		Eu a ficar,
96	6	De ha muito reconhecido;
	7	E a quem inda o não
		Souber
		Eu o ensino, se quizer.»
	17	Nada
		Responde o leão
	19	'Tras d'elle vão
		Os demais
	21	Primeiro os feros, valentes,
	27	Furiosos, a qual mais,
97	2	Era forte, mui certeiro...
	13 e 14	Ficando um arco bonito
	20	E o arco, dando um estalo,
	21	Deve ser bem
		Educado
	22	O homem; porém
		Cuidado!
98	1	Fugir sempre a demasia;
	7	As mesmas distancias vão.

Pag.	Versos	
99	1	E ainda prophetizando
	7	Acabou,
	8	Porém segue outros caminhos:
	10	Cousa é pouco para aqui;
	22	Nelle cahiu e ficou
	23	De molho até o pescoço.
	24	Assim no mundo acontece
	ult.	O que s'tá de si deante,
100	1	O que tem
		De si ao-pé,
	6	*(Elimina-se)*
	7	Ou entender;
	8	'Té que vai emfim cahir
101	7	Quem
		A disse,
	8	Nem
		O dito mais correcto
	17	Mas d'elles ninguem
		Fez caso,
102	2	Que elle tem!
		Que perfeição!»
	3	Diz um:—«E como elle berra
	17 a 23	Vejo aos de vocês
		Eguaes;
		A sua voz, os seus pés,
		Que os d'elle não
		Valem mais;
		Mas as bellezas que tem
		Em
		Perús vê-as alguem?
103	10	Por a lã. Impaciente
	11	Logo a ovelha o enxotou.
	12 a 20	—«Quando o pastor te tosquia
		O vello, 'stás socegada»
		O passarinho exclamou:
		«E a mim, que tão
		Poucochinho
		Te pedia,
		Não
		Dás nada!
		Que injustiça!»

Pag.	Versos	
103		Ao que a ovelha respondeu:
		—«Nunca o pastor me derriça
		Nem
		Assim me faz doer;
104	3	A quem
		Quizer (86).»
		(Titulo da fabula) O pastor, o lobo, o burro e a raposa
	9	Ou qualquer mal
		Que lhe deu.
105	9	—«Sempre has de ser
	10	Muito bruto!»
	11	Diz-lhe a raposa: nem vês
106	4 a 11	Eu
		Não
		Sei que mal
		Lhe fiz,
		Para ao seu
		Real
		Nariz
		(Ou focinho)
		Subir tão
		Forte mostarda.
		Se o sr. tem
		Força em
		Barda
		Contra este insecto mesquinho,
		Não
		Lhe fica bem tal ira:
	22 a 30	E apesar
		D'esse costado,
		Das fortes garras e dentes,
		Da guedelhuda cabeça
		E esse temido
		Rugido;
		Para ficar
		Convencido
		De que mette tanto
		Medo
		Com seus ditos insolentes
107	1 a 4	Quanto

Pag.	Versos	
107		Um burro
		Com o seu zurro,
		Ou com o seu ladrar
		Um cão»
		Bradou elle muito azedo:
	15	Mais e mais o outro se exalta
	16	Gritando:—«Veja se agarra,
	18	Não lhe dá tregoas: o dardo
	19	Lhe ferra onde mal o espera.
	21	Escorrendo está a fera:
	22	*(Depois d'este verso)* Esse orgulhoso leão
108	25	Por quem tanto desprezou!
	26	*(Elimina-se)*
	9	No combate mais renhido,
	10 a 12	Aquelle que em fraca lucta
109		Ha de vencido
		Morrer (88).
	5	O santo pensava bem;
	17	E, se era vão
110		Seu lamento,
	18	Ao menos desabafava.
	2	O viu manso, mudo, e quedo
	3	Mal se lhe sentindo o arfar;
	8	Aquelle a quem tu roubaste;
	9	Uma só, uma vez baste,
111	11	—«É injusto o teu lamento
	15	D'elle, pois, que seja a queixa.
112	6	Antes ter
	14	Ouvem teus meigos trinados:
	11	Que só fructo amargo dava,
	12	—Era fel,
	13	Não se engulia;—
113	15	E alli feito o doce mel
	18	Macieira.
	3	Morando mui perto d'ella:
	13	O que logra a companhia
	até	De quem
	o fim da	Tem
	fabula	Maior valia,
		E d'isso tira vaidade
		Não sabendo melhorar;

Pag.	Versos	
113		Consegue apenas provar
		A sua incapacidade,
		Louca e cega,
		Pois mostra assim ter a crença
		Do merito ser doença,
		Que qual a sarna se pega (92)
114	11	Corvos. Está
		Pois provado;
	14	Assim faz: nem se enfastia
	16	E 'staria
	20	Mas isso ainda não veiu:
115	5	Corvada,
	11	*(Elimina-se)*
	13	Lhes fazem dar boa fructa...
		Contra a raça mal se lucta (93).
	16	Pois andavam
	19	Se passavam
		Sem um roubo.
	20	Julgou melhor
	21	Sêr pastor,
116	1	Gozar
	2	De bello rebanho.
	23	Que inutil fôra o ardil
117	25	E os sensatos jejuando,
118	1	E quizer
		Deixar o roubo,
	4 a 8	Se vai metter-se a raposa;
		E não
		Procure esta obter
		A sua presa á
		Má
		Cara
		Que lhe pode sahir cara
		A tentação,
		Se a tiver (94).
	16	«Essas prendas tão
		Gabadas
	18	A final são
		Uma peta,
	19	Se com as de outros confrontadas:
	20	Tu qual o peixe não

Pag.	Versos	
		Nadas,
	21	Nem voas qual a andorinha,
	22	E, se ao gamo comparado,
		Como ousas dizer que corres?
119	1	És um trapalhão
		Chapado
	5 a 11	*(Eliminam-se)*
	20	Porem
		De menos proveito.
	21	Quem
		Assim não
		Estudar,
	23	De certo
	24	Que ha de ficar
		Um trapalhão
		Badameco,
	ult.	Qual era o pato marreco (95).
120	2	Que inda hoje te hei de dar
	15	E na dextra com a guedelha.
121	12	Nada ganhei com as demoras
	14	Sem cousa alguma trazer.»
	16	—«Foi por ter
		Ouvidos dado
		A promessas de mulher!»
122	1 a 7	Um rapasito montava
		Forte e brioso cavallo.
		Brada um toiro:—«Esse regalo
		Não
		Tinha commigo; ao chão
		Com certeza o atirava.»
	10	E muito mais do que eu sou»
	11	O cavallo
		Lhe voltou;
	12	«A vista d'isso, o que esperas,
	17	Porque lhe lavreis a terra?
	23	Ou do perigo se sacode
		Quando póde
		Apanhar para tabaco (97).
123		(Titulo da fabula) A raposa e o bode.
	3	*(Abra-se espaço entre este e o seguinte verso)*
	6	Com raposa

Pag.	Versos	
	13	Até
		Sé lê
		Em Camões.
	22	'Stando eu lá, verás que posso
124	2	Lembraram cousas assim!
	8	Como a raposa lhe pede.
	16	Que nada pode durar;
	17	Muita gente vem buscar
	18	Agua a este bello poço.»
	19	Aquelle que se metter
	até	Com um tratante,
	o fim da	Não se espante
	fabula	Se algum dia o vir comer
		A carne e deixar-lhe o osso (98).
125	10	Um palmo, escasso medido.
	11	—«Mais curto nem mais comprido»
126	6	Responde o sol;» fico eu,
		Como os tem
	7	E nós não os temos
		Tu bem
	8	Podes
	10	*(Depois d'este verso)* Sabes que te deu o leite
128	14	*(Elimina-se)*
	16	Na barriga, sem demora.
	18	Ingenhoca,
	20	Tirar a muitos a vida.
		Nunca mais topou
129	3	Comida
	4	Taes coices d'ella levou
	11	Que ficou
130	12	Naquella besta manhosa,
	13	Que por traz d'ella passou.»
	15	—«Pois está muito enganado:
	22	Porisso dois castigados,»
		O mais certo é ficar
	23	Coxo!)
	27	Ella, por assim m'os dar
131	1	Para ver se toma emenda
		Que um bruto um villão
	3	Ruim
		Não

Pag.	Versos	
131		Tenhas que duvidar,
	16	Socegar,
132	ult.	Vá andando, que é melhor (103).
133	5	Ao ouvir-lhe a triste historia
	12	Num volver
		D'olhos te mudo.
	14	Com que se hão
		De ver
		Bem quentes
	16	Não
		Me faças tal favor»
134	2	Armas não
		Queres
	3	Vê lá então
		Se preferes
	7	Tão
		Agudos
	8	Que ninguem se chegue a ti.»
	9 a 15	—«Senhor, o que te pedi
		É que me deixem em paz,
		Só isto me satisfaz;
		Pois receio
		Que um tal meio
		De defesa, que me dás,
		Me possa tambem tentar
		A lesar.»
	22	—«Senhor, eu amaldiçoada
	24	Mui depressa acóde a ovelha.
	27	Não quer
		Nada
135	1	Sem um veneno mortal,
	6	Quando t'o queiram fazer;
	10	Já não o posso emendar,
		D'outros remedios não sei.»
	13	Torna a ovelha:» até
		A morte
	17	Se tal queres
136	4	Muito mansa
	11	Dizer, se erraram
	16	Será de certo imprudente.
137	11	*(Abra-se um espaço entre este verso e o seguinte)*

Pag.	Versos	
137	14	Jove lhes lança do céo,
	15	Era negro que nem breu.
	22	Do logar onde cahiu.
	25	Quanta rã allí se via
138	7	Pensava achar
		Um guerreiro,
	9	Se não
	10	Fosse um Numa ou Tito,
	14	Quando viu que era... madeiro!
	16	(E tanto, que deixou 'schola...)
139	7	Por ella, d'elle em logar.
	24	Discernindo
140	ult.	Quem vos ha de governar
141	14	E cruzes não afugentam)
	15	Os dava por acabados
	17	Nos museus os devem ter
	19	Para depois de saber,
142	24	De cambulhada
	26	Salta-me o gato no chão
	28	Aqui dois, acolá um;
143	4	É pouco siso mostrar (106).
	ult.	Não tratas de agradecer.
144	4	Do mais não queres saber.»
	6	Volta o porco: «se não visse
	10	Nanja por tu desejares
	12	Para em sustento m'a dares.
	15	Tanta generosidade
	20	Ficava sem mim.
		No chão,
	ult.	O que não
145		Podem guardar (107)?
	18	Vendo como demonstrado
	19	Foi por um e outro lado,
146	22	E tão immundos cavacos;
	7	*(Depois d'este verso)* Eis que depois de o benzer
	10	*(Elimine-se)*
147	2	A empolgava num instante.»
	9	Terás a grande nobreza
	16	Acções grandes, bizarrias;
	26	Com negocios sem
		Valor,

Pag.	Versos	
148	1	—«Não ha no universo inteiro
149	8	A poder talvez alguem
	11 e 12	Se o quizesse, muito bem
		E melhor do que ninguem (110).
	18	Teve-a o outro desgraçada:
	20	*(Abra-se um espaço entre este verso e o seguinte)*
150	3	A cem legoas ao redor,
	7	Valído do cosinheiro
	18	Nem
		Tem
		Modo
151	2	Pois se elle pedra ficou,
	3 e 4	*(Eliminam-se)*
	7	E não
		Causar
		Prejuizo
		A mão
		Que nelle tocar (111).
	9	Ninguem
		No mundo faz falta
	10	Impossivel de supprir.
	11	Se um dá baixa, outro dá alta;
152	1	Não
		Les deu isso cuidado:
	2	Um peão
		Que havia a mais,
	15	Dois passinhos cada vez...»
153	3	A fazerem limpa;
	11	O contrario, mui de certo
	12	Lhes davam conta das pelles.
	13	Ou quasi para o deserto:
	23	Poderosos animaes,
154	8	—«Eu não
		Sei»
	17	Tua voz afeminada,
	23	Sem cascos mui alentados,
	27	O teu rosto. Ao inimigo
155	1	Facilmente evito o p'rigo
	24	Cá me avenho.
	26	E só quer
		Comer

Pag.	Versos	
156	3	Como faz bem boa gente,
	10	Que me queira exaggerar.
	14	Tem
		A louca pretenção
	17	As mãos do chão!»
	18	«Como ha de elle ser
		Alguem;»
	23	Do que a força que elle tem?»
157	21	Subiu o porco ao fumeiro;
158	8	Tanto vale o trabalhar
159	13	De carinha descoberta,
	24	Não
		É justa
161	5	São
		Minhas»
	19	E até do bem grangeado;
162	10	Com a outra mal se emparelha,
163	13	Venha commigo, vizinha,
	15	*(Elimina-se)*
	16	—«Para quem é
		Bom será»
	27	Basta que se chegue a mim
	29	Para lhe servir de escudo,
164	3	A de barro. Lá vão ellas
	22	Já tem rachas tem
		Buracos...
		Até que se fez em
		Cacos;
		E a outra... nem
		Um belisco.
165	5	Ou mau gosto
	9	Passava mui bem
		Sem
		Ella
	10	Pois um cão
		Não
		É cadella,
	11	Breve porém
		Enxergou
	14	Quando assim o ornamentou;
	17	Não

Pag.	Versos	
		Podendo este encontrar
166	18	Mui sorrateira
167	4	*(Elimina-se)*
	5	Incapaz sendo de ver;
	9	É ser
		O fructo comido
168	5 a 7	Sem
		Pensar
		Que ser alguem
		Muito bom, muito ruim
	8	Depende sempre do fim
169	2	Eis sente d'um lobo o uivar.
	3	Por armas só o cajado
	6	Deve trepar-se a um muro
	12	Pois esp'rava
	24 a 27	O lobo tudo comeu;
		Mas d'alli não se mexia,
		E com a esp'rança se lambia
		De apanhar maior piteo.
		Eis que, para se entreter
170	1	O homem larga a cantar
	4	Muito depressa fugiu.
	8	Tanto de me ouvir assim
	9	Não
		T'o guardava para o fim
171	6	Vendo que em
		Realidade
	8	Não deu nem
		Um só mergulho;
	15	O viajante, contente,
	19 e 20	Que nem grande nem
		Pequeno
		Sem
		Cachôpos
172	13	Com outras que pouco assustam,
	14	E que a vida ou a honra custam.
	18	E nos encobre ar cortez,
173	20	Assim os quer
		Ter
		Fechados
	ult.	Que podér

Pag.	Versos	
		Faça tambem,
174	5	Sem
		Enfados nem
		Clamores,
	14	Para se formar
		Conceito
	16	Se deve olhar
		E o avesso:
	17	Os que não fazem assim
	18	Erram muito quanto a mim.
175	2	Por seu bello modelado,
	5	Passa alli uma raposa
	6	Que, tendo bem
		Reparado,
	7	Diz:—«És bello, porém
		Oco;
	8	És de gêsso
	16	Sandeu devéras complelo,
	17	Quiz uns oculos comprar;
	18	*(Elimina-se)*
176	7	O outro até duvidou
	8	De que elle soubesse lêr;
	24	Como elles, lesse
	ult.	Quanto sandeu haverá
178	7	Perde o medo
	8	E vai brincar.
	19	Foi então
		Que se assustou:
	22	Não
		O podem conseguir!
179	5	*(Depois d'este verso)* Que do mal a maré cresce
	6	E o homem não o quer
		Ver
	7	*(Elimina-se)*
180	1	Eu jámais.
		De te escutar.»
	2	*(Elimina-se)*
	3 e 4	—«O maldoso reboliço
		Não percebes dos pardaes
	9	*(Elimina-se)*
	10	E nunca teria ouvido

Pag.	Versos	
180	11	Seu descarado
		Alarido,
181	2	De cevada,
	9	Por certo que és incapaz
	17	Nem me sinto resolvido
	20	—«Pois está muito enganado
182	6 e 7	Á sã verdade a mentira
		Ao que é bom o que é ruim.
	8 a 12	Pode haver gostos assim:
		Mas não falta quem se ageite
		Ao peior
		E só o acceite
		Por não ter cousa melhor (127).
	18	Bezerrito mui pedante
183	ult.	Ao longe tudo alagava
184	1	E fazia,
	3 e 4	Para aos estragos fugir,
		Povo que ás margens vivia
	14	Muito pouco lhe durou
185	3	Enche mais e assim consegue
	17	O seu fim;
	19 e 20	Grande sequeiro tornar
		Fertil, por ser regadio.
186	13	Fôr;
	21	Pelos annos respeitado
	ult.	Grupo em marmore lavrado,
187	1	Onde se via
	3	Vencido no duro chão
	13	—«Se o fosse...» volta a raposa
	ult.	Nada disse el-rei Leão (130).
188	21	Ou tu és surdo, ou de certo
189	4	Porisso não
		Obedeço
	8 a 13	Vendo esvoaçar as pennas,
		Cabeças,
		Pés ás dezenas
		Por esse chão espalhados,
		D'outros por elle chamados,
		Pouco me fio em promessas.»
190	14	Muito azada,
	28	E cortam do outro lado

Pag.	Versos	
	29	Enormissimo boccado.
191	4 e 5	Assim diziam Zombando:
	16	Quando elle ia
	20	Foi então Que percebeu.
	22	Não Com *doce-de-lijolo*,
	28	Com notavel imprudencia;
192	13	Quem a meu pae comparar.
	15 e 16	Aquillo é que foi vencer Com denodo batalhar
193	3	Se offendida, de seu pae
	26	Porém d'ahi não Passava,
194	3	Tambem Se póde applicar
	6	Que *historias* nos vem Contar (133).
195	7	Não é bastante dizel-o:
	8	Em que o mostra no que faz,
	ult.	Quando avisto
196	10	Mas affirmal-o mal posso
	11	Não O vi bem á vontade.
	13	São E robusto;
	14	Com toda a chantrenidade
198	2	Ou se te houvesse
199	12	Quer Dizer:
	16	Em vez d'oiro É Ouropel,
	18	A côr da abelha tambem O zangão tem, Incapaz
	19	De fazer o doce mel
	20	Que ella faz,
	ult.	*(Elimina-se)*
200	1	*(Elimina-se)*

Pag.	Versos	
200	2	Quem
		Se associa ao ruim
	3	Cedo ou tarde tem
		Mau fim (136).
	6	Em casa de lavrador
	12	Não
		Estou
201	24	Não
		Tivesse o mundo ratos,
202	9	Que será bem
		Pouco esperto
	14	*(Elimina-se)*
	15	Não attendendo ao valor
203	10	Não
		Para que degenerem
204	6	A um fuão
		Que lh'as comprasse
	9	Não
		Tardou
	17	Ver-se albardado,
	19	De tal compra e assim lhe diz
	23	Eu pago a outra, porquê
	28	Num tolo sem tal saber.
205	4	Quando soffreram revezes,
	22	—«Não me apraz ser escutado
206	1	Com justiça;» e que não minta
	9	Foi pois ter
		Com o beija flor
	10 e 11	Com quem
		Travou amizade
	14	Sem
		Ver
	15	Pisada
	24	Nunca a este acontecia
	28	Se muitos são
		Inimigos
207	1	Não
		Pode haver
		Dois amigos,
	2	Sem um ao outro soffrer,
	3 e 4	*(Eliminam-se)*

Pag.	Versos	
207	5	Embora com sacrificio
	6	*(Elimina-se)*
	13	Quanto digo
	14	Quanto faço (140).
208	2	Apesar
		De tão
		Ruim.)
	3	—«Negar
		Isso não
		Pretendo
	5	«Nem
		Me mostro desdenhosa
	9	Para que cheiras tão mal?»
	10 a 12	*(Eliminam-se)*
	13	—«Se tenho fartum sédiço»
	16	«Se cheiro assim orgulhosa,
209	24	Porém, não perder assim
211	4	Com ar
		De mofa sorriu
	16	De gaudio em si mal cabia
	21	E a quem elle não
		Pagou
212	6	Não
		Fôra pelo outro burro,
	10	Mas agora só, gritou:
	11	—«Vê lá bem
		Se me conheces
	13	Visto que breve te esqueces
	14	De quem
		Sou,
	18	E já
		Não
	19	Aqui ha
		Bem poucos dias!»
213	6	Fica d'isso dispensado:
	14	Cheiras aos ratos que embaças:
	17	Dar-te cabo da sciencia:»
	18	Pespegou
		Com altivez
214	5	Isso aqui não
		Vale nada,

Pag.	Versos	
214	7	Senão,
		Diga,
	19	Foi porquê te trouxe Pallas:
	ult.	Nem todo o matto é ourégam (144).
215	1	Alegre levara o v'rão
	12	Eil-a de fome a chorar;
	13	*(Elimina-se)*
	ult.	A formiga nunca empresta,
216	1	E nisso não
		Anda mal:
	8	Quem sabe se até gostava
	10	—«Eu tinha mais que fazer!...
	14	Emquanto eu não me poupava
	26	Mas o cigarra peior.
	27	Nunca se deve queixar
	ult.	Ou de sorte desgraçada
217	1	Ou dos outros com rancor
	2	O que for
	3	Assim
		Levar
	4	Vida alegre e regalada,
	16	Ao pé d'elle se deixou
218	21	Mas vezes mil
		Acontece:
	23	(Sempre á custa do innocente)
	24	Tudo pelo vil
		Int'resse
	25	Quando ha mais de um pretendente (146)!
	ult.	*(Elimina-se)*
219	1	Dois genios não ha eguaes
	2	Entre os homens; nem se encontram
	3	Entre os outros animaes.
	ult.	Bem pouco podia dar.
220	8	O pobre, pór mais não
		Ter,
	10	Disse o cidadão:
		—«Ó mano!
	16	Estou ainda solteiro,
221	1	Me dão
		Ao miolo tratos,
	3	Onde esses p'rigos não

Pag.	Versos	
221		Ha.»
	27	Lhe serve de brincadeira.
	29	Onde não
		Ha cosinheiro,
222	2	Quando são,
		Qual eu pacatos;
	4	Emfim sou exemplo vivo;
	8	E prometteu ir cear
	21	—«Aqui terás onde roas»
	22	Lhe diz o outro: «á vontade;
223	10	Mercearias
	18	Nem sabe onde se metter,
	21	Diz-lhe o mano: «não é nada,
	23	Ella nunca vem
		Aqui.»
	24	—«Seja creada ou quem
		For,»
	29	Nem
		Sei como não morri!
224	1	Safo-me já
		Sem
		Demora;
	2	E, se me vejo lá
	7	Prometto pesar-me a cera:
	ult.	Um mausoleu?
225	1	Um heroe... Cesar? Pompeu?...
	7	A tal ponto se esmerou
	13	Entes que a imaginação
	18 e 19	Que o tal frade
		Car'cia
		De santidade,
	20	Pois como hei de affirmar tanto
	21	Sem certeza de verdade?)
226	1	*(Elimina-se)*
	19	Pois é Sua Santidade
	20	Um grande apreciador
	22	—«De certo... de quem
	27	E sorve enorme pitada.
227	5	Poisque ha de ser cardeal.»
	8	Vendo que o outro pescou
	16	«Sei que um servo indigno sou;

Pag.	Versos	
227	19	—«Amigo, sem
		Ser propheta,
	20	Bem
		Me parece que 'stou
	21	Da carreira a ver-lhe a méta.
	28	Meu padre; e, louvado Deus,
	29	Bons catholicos. Os seus
	ult.	Terrores são naturaes,
228	2	Pode mais.
	6	—«Ai de mim! obedecer:»
	9	—«Depois...» continúa o santo,
	12	—«Póde, póde...: ha de morrer
	13	Após esse sonho lindo»
	16	«Como se fosse um... donato!
	22	Com a pitada.
229		*(Titulo da fabula)* A hera e o tomilho
	5	És de muito baixa esphera:
	6	Bem
		Mesquinha
	7	Te foi mãe
		A natureza;
	8	Não
		Te deu força ou destreza;
	9	Nunca te has de levantar,
	11	Tanto assim que me liguei
	13	—«Lá isso de certo não,»
	14	Lhe respondeu
		O tomilho.
	16	Tal eu
		Quizera
	18	Miseravel parasita,
	19	Que serve só de impecilho;
	20	E, vivendo á custa alheia,
	ult.	Do seu
		Immenso valor!
230	1	Matas o teu
		Bemfeitor
	2	Sugando-lhe a força e a vida;
	5	Por esse chão extendida;
	6	E has de ser aos pés calcada,
	11	Quantos parasitas ha,

Pag.	Versos	
230	20	Um ganso; e porisso teve
231	1	Com os cysnes se vai metter
	3	Tractos soffrendo o pescoço
	9	Quando assim
	11	*(Elimina-se)*
	13	Quantos cysnes não tens visto
	14	*(Elimina-se)*
	17	Os corvos, duram cem annos.
	18	Assim dizem; que eu não sei,
	20	Para saber se é verdade.
232	5	A um neto e seu afilhado,
	8	Disse-lhe um dia:
		—«Affirmado
	16	Passando de mão a mão;
	22	Com que perseguem as feras,
	23	E não pouco nos atiram.»
	28	Até de velho morrer!»
233	3	Em vez de armas caçadeiras,
	14	Que já não tinha veneno,
	20	E mordeu
234	2	Pois que os dentes te arrancaram;
	3	Mas para egual ruindade
	8	«Uma fabula que mente,
	17 e 18	No seu seio
		Sem receio,
		Para alli ella aquecer
		E de frio não
		Morrer!
	19	Ou seria mais verdade
	23	Para a pelle lhe vender,
	26	Pois foi tal
		E qual
		Assim:
235	2	Sempre está prompto a enganar
	18	Do que era o seu companheiro.
236	2	Ao tão
		Famoso preceito
	8	Para si, o bem supremo;
	26	Que ninguem
		D'ella duvída;
	27	Pois nós vamos pol-a em

Pag.	Versos	
236		Pratica
	29	Tu com essas unhas tammanhas,
	ult.	Que a natureza te deu,
237	10	Começam ambos na lida:
	25	De seres tão botocudo»
	29	—«Tratante!» lhe torna o gato:
	ult.	Não é a ella que segues,
238	2	E tua conveniencia
	12	Ou com capa de prudencia:
	17	Malvados sem
		Consciencia,
	19	Tratam de tirar proveito
	20	Do mundo que julgam seu (154).
239	17	Pois os hombros encolheu;
	20	*(Elimina-se)*
	27	*(Depois d'este verso)* Morfeu...tinha adormecido.
	ult.	Se podem, a vão
240	15	A qual não lhe dando apreço,
	20	*(Abra-se um espaço entre este verso e o seguinte)*
241	4	Ao que já então
		Se olhava
	5	E não
		Ao ferro e ao córte,
	7	A salas só destinado;
	18	Numa sala, onde no meio
	19	Junto a grande mesa estavam
242	12	O edificio e gritou
	14	Aqui mui nobre solar
	15	Digno até d'um grande rei!»
	23	E a maman de lhe sorrir,
	24	Tanta gracinha lhe achou!
	25	—«Mal sabem» seu pae lhes diz,
	26	(Que assim quiz
	28	Uma salutar lição):
243	4	Tu, fazendo esse castello
	9	Tu, avesso a trabalhar
	21	E porisso o abandonou,
	ult.	O qual, tendo em vão tentado
244	1	Talhar com elle, notou
	9	Da serra foi inventor,
	17	Por quem

Pag.	Versos	
244		Busca descobrir
	18	As causas pelos effeitos,
	20	Os demais senão defeitos?
	25	Inda algum bem?
	28	Se este for
	ult.	Desperdiçado (158)!
245	9	— Sendo cão d'um lavrador,
	14 e 15	E o seu pastor
		Atacado! —
	19	Não
		Para se desculpar
	20	(Que elle mui bem conhecia
	21	Quanto o castigo mer'cia);
	22	Mas para que aos mais servisse
	23	De lição
		O caso seu,
	ult.	A soluçar assim disse:
246	8	A presa deixou em
		Meio,
	9	'Stava só, ninguem
		Me via
	15	Fosse logo divulgar;
	16	Talvez, quem sabe? acusar-me
	18	*(Depois do verso)* Sem ao menos vacillar
	20	Matei-a para salvar-me:
	21 e 22	Scena de horror
	23	Sobrevem o meu pastor!
	26	Perco de todo a cabeça,
	27	Lanço-me a elle; o cajado
	ult.	Não
		Me quiz alli matar
247	8 e 9	E porventura maior
		De que talvez a tiraste:
	11	Quão
		Facilmente
	24	Entre o libello
248	6	Porisso as nações modernas,
	11	Abrandaras
	13	Chamado assim quando fores,
	14	Não
		Te esqueça
	15	Pesar bem

Pag.	Versos	
248		As intenções
	17	Nem
		Sempre serão
		Ladrões
	20	Por lançarem mão
	21	Do alheio;
		Nem
		Sempre será tão
		Feio,
	24	Porém se for
	26	Que o reo de feito é malvado,
	27	Não podes fazer favor
249	2	E a baptizado»
	6	Desprezando tal dictado
	7	Um intrujão
	12 a 21	Visitar certo burguez (Trapalhão enriquecido) Nunca d'elles conhecido, E assim bem se divertirem Aproveitando saráo Menos mau, Entram: vai logo direito Um d'elles ter com o sujeito Que lhes indica o creado, E diz, muito descarado:
250	5	Por seu turno o companheiro
	24	Uns aos outros, sem pudor,
251	7	E as letras, que assim endossam,
	13	E depois
	14	A exp'riencia que tentaram,
252	9	E filho de deputado
	16	Tal
		Qual
		É o meu papá.
	17	Querem ver?
253	5	Hei de salvar o paiz.
	7	Quer
		Ser
		Vestido e calçado:
	9	Roto, com os dedos de fóra,
	10	Por lhe faltar
		O dinheiro:

Pag.	Versos	
253	12	Não podem comprar
		Bonitos!
	18	A casa, o fato, o comer
	23	Ou fique sem
		Sobremesa
	24	Quem
		Não
		Souber
		A lição;
	27	Cada qual os que quizer
254	4	Isto feito e muito bem
	9	A maman, que o abraçou
	10	Com muito e muito beijinho
	17 a 19	E muito procurador
		Negocios d'outrem tratando,
		Para si vai procurando (162),
255	2	Dinheiro e tempo esbanjando
	3	Se burro vai, burro vem,
	5	Ou póde vir peiorado,
	6	Todo ancho e empertigado
	13	Em que ella via
	17	Gritou á passarinhada:
	18	«Para mim aquillo é nada;
	23	De que em breve vão
		Fazer
	26	Em
		Que apanham os pardaes
	27	E a vocês hão
		De apanhar.
	28	Porisso sem
	ult.	É comer toda a linhaça
256	1	Com cautela
	3	Nem
		Deixando
		Rastos d'ella;
	18	—Meus conselhos desprezaram
257	6	Eis que a passarada
		Toda
	8	E lhe faz vil assuada
	13	E ingrezia
	15	Sessão de algum parlamento;
258	1	Emquanto póde vencer

Pag.	Verssos	
258	7	Escutae-me, mães e paes:
259	11	Não
		Fosse, como culpado,
	14	Ao seu bordão
		Encostado
	20 a 30	—«Fóra bruto! que nem vê
		Que aqui stou:»
		Grita o misero tolhido,
		Que contra o cego se agasta,
		Ignorando que elle o é.
		—«E você
		Ahi no chão
		Extendido
		E a grunhir
		Porque de mim não
		Se afasta?»
		Lhe torna o cego:» Se vê
260	1 a 6	Que nada posso enxergar?»
		—«Deixam-me aqui a pedir
		Até
		Me virem buscar,
		Não
		Me posso ter
		Em pé.»
		—«Irmão»
		O cego lhe diz:
	8	Que nem você possa andar
	10	E comtudo lhe foi dar
261	4	Se ha de
	9	Emquanto esta nos reger,
	12	Longe de se combater
	16	Todos nisso hão de ganhar (164).
	17	*(Elimina-se)*
262	1	Elle tinha viajado
	2	Nas cinco partes do mundo,
	14	Na India sim, o regalo
263	11	Seus visos tem de demencia.
	16	São
	17	Brilhantes poesias;
	19	Porém valem pouco ou nada,
	21	Lendas de antigas edades,
	23	Ocios para divertir,

Pag.	Versos	
264	4	Em carro puxado a bois,
	19	Lhes não
		Importa:
	ult.	A outra, que vão
		Mungir
265	5	Já a carqueija
		E chouriços me 'stou vendo
	9 a 12	Pendurado num fumeiro
		Pois eu muito bem entendo,
	15	Quero assim, até morrer.»
	22	Seja ou não
		Certo o proveito
266	2 a 8	Geralmente, nada
		Val';
		Se o não
		Querem attender,
		D'elle podem rir
	14 e 15	Não
		Cai o roble no chão:
267	15	Obra tão bem
	17	Acabada
		—«Talvez, haja quem
		Exceda
268	3	Elogiar.
	4	Alto o dito repetiu
	20	Racionaes,
		Irracionaes
269	1 e 2	Livres de qualquer
		Receio
	4 a 6	Não levando a ninguem custas,
		De attender
		A queixas justas.
	8	Muitas de certo has de ter.
	9	*(Elimina-se)*
	13	Do que eu haverá alguem?
	17 e 18	O que elle ás vezes não
		Faz;
	26	Pelo pobre;
270	1	D'ahi vem
		Seres norma e imitação
	4	Do alto apreço fallar

Pag.	Versos	
270	6	Sempre dá ao meu dançar;
	19	«Deixa fallar
		O macaco,
271	2	Da minha chantrenidade,
	17	Faze-lhe o grande serviço
	18	De lhe aparar as orelhas,
	26	Que não quer
	28	Emendado,
272	1	Immensa, gorda e tão
		Feia,
	3	Onde não
		A possam ver,
	4	Vem
		Esta affirmar que tem,
	7	Razão
		De estar
	11 a 13	Mas a gordura
		É que dá a formosura:
	17 e 18	Grita e alto protesta
	26	Com o seu tammanho decente,
273	2	Esse, sim, terá razão
	3	De se queixar, coitadito,
	4	Sempre é muito pequenito!...»
	9	Em si vê a perfeição.
	13	Cheio de orgulho e tolice
	ult.	*(Elimina-se)*
274	1 a 3	Mas não pode perceber
		Que tem no seu um madeiro (168).
275	6	Um tabefe.—«Ai! ai! ai!»
	21	Cada dia estamos vendo
	23	(O qual leio,
	24	De antigos já praticado.)
276	11 e 12	Quem
		Da causa é causador
		Tambem
		O é do causado:
	13	Porisso quasi culpado,
	20	E assim se deixe roubar.
	ult.	Lavrador,
277	6	De ver bem se não havia
	8	Dando para o gallinheiro.

Pag.	Versos	
277	10	Fiado
		Num bom rafeiro;
278	3	E menos elle perder,
	ult.	Para o sol, veiu a cegar:
279	5	*(Abrir um espaço entre este verso e o seguinte)*
	11	Privados da luz do dia.
280	ult.	Só um passo, e póde ver
281	1 a 6	Que, sessenta quando são,
		Correu o circulo inteiro,
		Entretanto o companheiro
		Vagaroso caminhou
		D'um ao outro dos signaes
		Que as horas alli declaram.
		Nos caminhos deseguaes
		Ambos, pois, elles gastaram
		Uma hora que passou,
		Que não póde voltar mais.»
	15	O que eu vejo claramente
	23	E que, embora tendo luzes,
282	5	De fazer quanto ella faz,
	11	As azas hei-de-a seguir.»
	15	Quando elles ambos partiram;
	18	Poisque logo se sumiram
284	6	Eu já não
		Sou;
	14	Não comes hervas ou folhas
	15	Nem bolotas ou raizes;
	16 e 17	Embora da nossa raça
		Fracos são esses narizes
	18	Para viveres de caça
	ult.	Uteis, senão
		Necessarios;
285	2	São
		Inimigos,
	6	Dizem-se amigos
	11	Ou simples divertimento;
	15	(Pois na humana sociedade
	17	Pouco me importa se é justa
	20	Que aos homens cabe o vencer,
287	3	E não

Pag.	Versos	
287		Sou grande doutor
	4	Ou me tenho por ladino
	15	Já se sabe, esmordaçado,
	28	E famosas sopas gordas,
288	1	E um viver... franciscano!»
	5	—Partamos
		Já para a herdade»
	7	—«Vamos!»
		Lhe responde o cão,
	19	São
		Effeitos da colleira,
	23	—«Pois tu não
		Andas á solta?»
	29	Que eram bellas na verdade!
289	7	Mais que se ao rabo sentisse
	12	Só aquelle que tiver
291	16	Talvez mesmo nem acerte
292	4	Que nunca deu uma 'smola
	8	Não gastando um só vintem;
	11	Muito o pobre do mendigo.
	12	Este era sempre um vadio
	17	Que não
		Car'cia
	20	Senão
		De ser castigado.
	ult.	Digno sim de compaixão;
293	1	*(Elimina-se)*
	3 a 8	Escondendo, sem ter pão
		Sua sorte desgraçada
		Nalguma agua furtada
		Onde de fome morria?
		E quanto elle o lastimáva!
	12 e 13	*(Eliminam-se)*
	14	Eis porque nada lhe dava.
	16	Desprezar aquella eschola,
	23	Aos velhos, aos aleijados,
294	3	Aquelle que 'smolas dá
	4	E o pobre que as vai pedir...
	11 a 13	Da caridade a mania
		De certo não
		Haveria

Pag.	Versos	
294	14	Tanto pobre que pedisse (177)?
295	1	—«Nem tu faças tanto alarde,
	3	D'essa grande valentia!
	9	Não
		Fujo
	10	De ti, sabujo!
	12	Se estivesse desarmado.»
	13 e 14	*(Eliminam-se)*
	16	Qual era o cão
		(Titulo da fabula) O mocho e a aguia
296	1 a 3	De lindas pennas cobertos
		Tão
		Espertos...
	3	Olha, são
		Mesmo umas flores!
	6	Já não
		Desisto do intento.
	8	Só se estás de todo cega.»
	12	Nem t'os posso maltratar.»
	13 e 14	E com verdade dizia
	16 a 26	Pois é o forte brioso,
		Verdadeiro,
		Aborrece o mentiroso,
		Tem nojo do trapaceiro;
297	3 a 7	Nuns pinhaes
		E em tóca mui bolorenta
		Ninhada
		Feia e nojenta
		Foi ella encontrar
		Um dia.
298	3	Signaes que outr'ora me déste.»
299	6	Um ovo e (quem tal diria?)
	12	Pensou
		Ella; e assim o fez.
	17	Pois o papo rebentou,
300	11	Porém
301	27 a 30	*(Eliminam-se)*
302	1	—«Pastor! Se tu não me queres
	8	Sempre a pelle é arriscar...
	26	Em serem seis; da-me cinco:
303	6	Me seja por ti roubado!

Pag.	Versos	
303	7	Nenhuma te quero dar,
	13 a 19	— «Rezes, licenças, conselhos...
		Nada emfim te quero dar.
		Inimigos somos velhos,
		E diz sensato dictado:
		—Quem seu inimigo poupa
		(Quanto mais quem o soccorre)
		A's mãos de certo lhe morre—
	22	Uma bala e nada mais.»
	28	*(Elimina-se)*
	29	Queres que eu morra de fome,
	30	Pois não me deixas viver...
304	9 a 11	Por ti em
		Proveito teu;
		De certo tambem
		Vim eu
		Ao mundo para viver.
305	10	Questão,
	19	Quanto convenha fazer.
306	6	Pois as julgavam... funestas!
307	8	Que eram pêtas
	11	As prezadas borboletas,
308	8	Porque julgava
	11	Posto que da sua raça;
	16	O que ha de d'ahi surdir,
	18	— «Olha, que te 'stás
		A rir
	21	Pêga mordaz
		Lhe gritou.
	26 a 28	A imagem diz:—«Reparado,
	ult.	Tenho melhor.
309	8	Apresenta, e bem
		Profundo
	11	Signaes são de quem
		A vida
	13	Se alguem
		Quer
	20	Elle a todos causa riso.
	27	No mesmo instante julgamos
	ult.	Pois somos sempre — perfeitos (183).
310	12	Muito a encosta

Pag.	Versos	
310	13	Dos oiteiros 'té o cimo;
	14	Mas aos valles nem
		Um limo
	16 e 17	Reparando alguem
		Lhe disse:
		—«De taes cousas pouco entendo;
	21	Das terras da sua herdade.»
312	5	Era bem
		Pobre o espolio
	6	De quem
		Occupara o solio...
	9 a 12	*(Eliminam-se)*
	15	Por um burro aproveitada!
314	5	Embora um tanto arriscadas,
315	9	Em esp'rar.
	11	O outro pôde a traição
	19	Mas, meu genro, que ha de ser,
	24	*(Elimina-se)*
	25 e 26	Veja pois, em que lhe custe,
	28	No perder
		A garra e o dente;
316	6	Não
		Foi chloroformizado,
	26	Mas, já sem
		Garras nem
		Dentes,
	ult.	E sujeitou-se á calada,
317	13	Tu, porém, nobre qual eras,
	23	E um leão,
	ult.	Quaes os tristes burros são (186)!
318	7	Quasi que a seu bel-prazer;
319	22	Brada el-rei: «este malvado!»
	23	E foi-se sem dar
		Signaes
	24	De se importar
		Com os demais.
	25 e 26	—Quem confessa o seu peccado
	ult.	Não merece ter
320	1	Castigo—
	2	*(Elimina-se)*
	3	Tal doutrina contradigo;

Pag.	Versos	
320	7	E o fizer,
	13	A um malvado
	14	Que chora, bem
	19	Qual o é, naturalmente,
321	5	Foi-lhe qual o *Tenebroso,*
	8	Pela praia caminhando
	9	*(Elimina-se)*
	10	Viu mil ostras bocejando
	17	Cousa boa, e a atacou.
322	12	Apesar de archi-manhosa,
323	10	Geral
		Do povo;
324	4	Nos commodos, na belleza...
325	8	Não
		Se perdem nas nações,
	10	Em phrases, que são
		Retabulos
	20	—*Quem*
		Tem
		Rabo não
		Se senta—
	24	Se não
326	11	Hoje de certo os não ha;
	12	Mas porquê? Bem claro está:
	13	Nos queira o... côto mostrar,
	17	Teve a outra de se erguer...
	20	A regougar!
329	9	Escutava;
	11	Quanto approvava,
	17	Estacou
	ult.	Tudo é roubo!»
330	6 a 8	*(Entre parenthesis)*
	26	Deixa tambem
		Que te diga
	27	O que vem
		De acontecer
331	4	Á qual já chamava minha;
	ult.	E inda os ha
332	6	Um estadista,
	13	Impingindo bem
		Ou mal

Pag.	Versos	
332	15	A quem
		A póde vender,
	22	Quer
		Dizer,
		Ao charlatão
	ult.	Burro emfim...
333	15	*(Elimina-se)*
334	3 e 4	Não cuidando de mais nada;
335	4 a 6	Os charlatães tem
		Os *prós*
		Bem
		Seguros,
		Tudo lhes é beneficio,
336	15 a 17	*(Entre parenthesis)*
	18	Quizera que o orador
337	4 a 6	Quer
		Dizer
		(Se não me engano
		Já vi isto em qualquer
		Parte)
		— Uns tinham valor insano,
339	2 e 3	Ás de Villa-Diogo
		E o fez logo,
	6	Quem
		Morreu por lá
	8	Ou bem
		Ou mal enterrado:
	11	Antes sim commemorado
340	1	Emtanto que os ratos rasos
	9	Por fugir á soalheira,
341	2	—«Foje tu» volve o jumento:
	6	Ou comtigo
	ult.	Porém
		Que nada lucrara
342	16	E — *mais ia*
	26	Quanto grato devo estar
343	12	*(Elimna-se)*
	26 e 27	Negros, d'uma deitadura,
		Como costumam nascer,
344	2 a 4	D'um que, quando elles cresceram,
		Se mostrou cysne não ser;

Pag.	Versos	
344		Era marreco, e mais nada (195).
346	5	Signaes não
		Eram de dôr,
	7 e 8	D'aquelle casal tão
		Terno.
		Não
		Longe havia
	11	Sem cessar um só momento
347	6	D'ahi a boa harmonia.»
	7 a 9	*(Eliminam-se)*
	10 e 11	—«Isso nunca se ha de vêr
	15 e 16	(Ás vezes sem
		Tom nem
		Som
348	3	«Sou teimosa,
	8	Você como se dá bem
	10	O qual, sempre tenho ouvido,
	12	Julga que as demais são
		Toscas
	13	E que não
		Sabem viver,
	15	Commigo, sempre creada
	17	Louvado Deus, 'té agora
349	8	Oh! quem
		Me dera voltar
	11	Sem
		Maldade
	18	Eil-os aos bandos que vem!
	19	*(Elimina-se)*
	20	Quem
		D'elles me livrará?»
350	1 e 2	E á
		Qual
		Um tal
		Maná
	5 e 6	Quem pilhara essa caçada!»
	22	—«Lá
		Vão ellas
		Muito á
		Ufa
351	10 e 11	Qual tinha vivido,

Pag.	Versos	
351	12	Sempre em gallinhas pensando (198).
	13 a 16	*(Eliminam-se)*
352	27	Nella entram a nadar.
353	9	E soccorro não
		Lhes deu.
	11	Então
		D'aquella ninhada;
	26	Mil vezes suas passadas
	27	Pois muitas meninas tem
354	22	No tronco d'algum salgueiro,
355	1	Tempos que bem longe vão!
	5	E por aqui ficarei.
	9	Menos ternos... maviosos...
	12	Louco andava:
	26	Na rua dos Capellistas,
	19	Tira d'alli os sentidos
	20	E vai armar grande rede
	23	Mais lhes não falla
	28	Puxa a guita e, num momento,
356	5	(Eu cá de certo os comia)
357	6	Ninguem
		Sabe se as papou;
	7	Consta porém
		Que ficou
	10	Tendo verdade e belleza,
	13	Mas, egual á sobremesa,
	19	Sustenta a imaginação
	20	Não
		Serve para alimento;
	ult.	Por boa e sensata prosa (200).
358	16	Que, por motivo d'um burro
	17	Furtado, dois ratoneiros,
359	1	Logo entre elles o dinheiro,
360	21	—«Habitamos» continúa:
	22	«Este grande casarão
361	5	Possas encontrar,
	11	—«Coitadinha! já bem velha,
	25	Lhe lançou!
362	4	Tire d'ahi o sentido:
	15	Diz, julgando esconjurar
363	5	—«Sempre tenho visto e lido»

Pag.	Versos	
363	12	Despedil-o sem tardar;
	19	No que fôr só agradavel (202)?
	20	Quantas
		Teias,
		Paciente,
364	1	Outras tantas de repente
	4	Lá
		Iam de moscas cheias
	7	Da aranha, já
		Meio-louca,
	8	De fazer cruzes na bocca,
	20	Nunca te vás tu metter
	22	A luctar,
365	17	Semelhante innovação;
366	21	Resumindo-se em dizer:
	22	— Nunca se deve fazer
	23	O que ainda não
		Se fez
	27	O fogão
		Na egreja pôr.
367	8	De morrer!
369	5	*(Abrir espaço entre este e o seguinte verso)*
	8	Ao longe ficando o chão
	13	Não
		É nada;
	23	Que a terra 'stão
370	8	Não,
		Senhor;
	12	Segundo as crenças de então,
	14	*(Elimina-se, deixando um espaço)*
	15	Estando um rei a morrer
		Não
		Sabendo a faculdade
	17	Lembrou-se (valha a verdade,
	18	Sem
		Se rir)
371	2	A pesquiza,
	3	*(Elimina-se)*
	4 e 5	Lá vão pois indagadores
	8 a 18	Que alli muito pouco dura,
		Por inveja, por pobreza,

Pag.	Versos	
371		Com mais ou menos razão
		Não
		A encontram na nobreza!
	27	Só miserias, dissabores,
372	10	Cuja sorte lastimaram;
	12	Nunca a tinham visto assim!
	21	
		A sua morte!
	22	Ha
		Um par d'annos nasci»
	24	*(Elimina-se)*
	25	E sempre vou resistindo.»
373	5	
		Senão quieto dormir,
	6	Que bem pouco tarda a vir.»
	12	
		Pasmados porém
		Ficaram
	14	
		Nem
		Sombras acharam
	21	Em festins e serenatas
374	6 a 12	E não ter fóme ou fastio
		Nem lhe importar calma ou frio
		(Corra a sorte má ou boa)
		Nenhum mal
		Quer physico, quer moral
		Sentir, que muito lhe doa.
	15	*(Depois do verso)* Quanto é bom de appetecer
	19	A'quelle que não o tem
	20	Ou que o chegou a perder (206).
375	2	
		Muita cousa;
	3	Não és neuhuma zoupeira,
	10	Nas terras por onde andou;
377	2	Ha sino descommunal
	16	
		Para o poder
		Perceber
	22	
		A qual então
		Se encasqueta,
	26	*(Elimina-se)*
378	1	Pequenina, suja e feia
379	15	Que o thesouro disputado
	16—20	Era... um pente de marfim (209)!
380	6	Que elles alcunham de *palos*
	25	E desceu

Pag.	Versos	
381	3	Ao miolo,
	4	Nada achou.
	7	Na grande diplomacia)
	10	Breve o demo lh'o mandou.
	15 a 19	O seu auxilio não pede
		— «Cautela!»
		Lhe gritou
		Ella:
		«Se tambem queres beber,
		Podes no balde descer;
382	8	E assim sobe a enzoneira
	15	Mais alguem
		Ha de aqui vir
	20	(Lobos tem
		Outro pensar:)
	21 e 22	Sem
		Saber o que fazia,
	26	E elle afogado morreu.
	27	Quando
		Sem
383	18 e 19	Quem
		Não cumprisse
		O seu mando,
384	1	De que não fazemos caso.
	2	Bem
		Sei que podes ferrar:
	5	Eu te pilho com este rabo,
	11	E, direi mais, que o devias:
385	4	Aos patacos e aos tostões,
	5 e 6	Um vizinho lhe censura
		Aquella grande amargura;
	8	A seu ver, quanto dinheiro
	10	No mealheiro.
	13	Ponha uns calhaos no logar,
	24 e 25	Malvados, sem coração
		Terem mesmo para si;
386	6	Se o dinheirinho guardava
	8	Que 'stava
	12	O saber.
	23	— «Chegam a exaggerar,
	25	Que se esconde na pobreza.»

Pag.	Versos	
387	1	—«Basta podel-o deixar
	2	No seu testamento a alguem.
	9	Que se compra mesmo o céo!
	18	Labutando em dura lida
388	11	Vê no oiro o arrimo, o escudo:
	21 e 22	Isso agora vou soffrer;
389	2	O velho, e em parte não.
	22	Que bastas vezes o mundo
	25	Ao avarento é porquê
390	4	Algo assim vir
	6	Emquanto, em geral, despreza
	9	Parte nessa culpa tem,
	10	Não pouca, o mundo tambem (212).
	18	A passarada
		Voltou.
	22	—«Fizeram obra bonita!
391	13	Juntos viver:
394	3	Jove não
		Quiz demorar
	6	Ainda em tão
		Tenra edade,
395	8	Ou talvez inda melhor»
	ult.	Embora o saiba no céo.
396	18	De Athenas, e dando á perna
	19	Muito e muito azafamado,
	ult.	Que tinha accesa na mão
397	2	Para o seu lume accender
	5	Se lhe atravessa,
	7	E diz muito zombeteiro:
	8	—«Eu quero agora saber
	14	Lanterna accesa?
	26	Como em noite muito escura.»
	29	Insulsos alanzoados
398	7	Nada o parvo percebeu (216).
	13	E corre muito aguçosa
	20	E julgando engazupal-o:
	21	«Acabou-se a dura guerra
399	18 e 19	E não
		Pode aqui tardar,
		O cão
		Que nos guarda o gado

Pag.	Versos	
399	20	Vamos juntos festejar
401	28	O mal ou o bem
		Que lhe vinha
	ult.	Nem
		Deixava
402	5	Fazer podia;
	11	Eis que se encontram um dia
	15	De todas haver lavado
403	6	*Quando ha no teu coração*
		(Titulo da fabula) A amphora.
	10	Vazilha feia,
404	7	Os que forem assim velhos
	8 e 9	Dar
		Podem bem bons conselhos:
405	5	Nenhum quiz sacrificar
	ult.	De accordo
406	15	Gritava o outro e dizia,
407	19	Assim venha uma centena!
	26	Repara bem no que fazes:
409	6	Em pé!
		Temos trovoada,
	18	O que aliás é evidente:
410		*(Titulo da fabula)* A má vizinha
411	17	Para alli accommodar
412	11	Que furor,
	15	*(Abrir um espaço entre este e o seguinte verso*
	17	A enzoneira trepou;
	29	De noite e dia
	ult.	As raizes do carvalho:
413	23	—«Vizinha, muito obrigada»
414	3	A malvada, que desceu
415	2	Mas não vá
		Ella notar
	3	Lá
		De cima esta conversa:
	4	*(Abrir espaço entre este e o seguinte verso)*
	16	E pôde a vil enzoneira
	19	De seu vagar
	20	Farta herança que deixaram (223).
416	21	Tanto gatimanho,
	24	Tammanho.

Pag.	Versos	
418	4	Dos famosos franciscanos.
	6	(Ai! quantos annos
	27	O que hoje você me dá;
419	17	Não
		Ouvindo dizer mais
	ult.	Chuva caia nos nabaes
420	2	Basta e de sobra o ruim (225).
	5	Já não
		Sei
	7	Pois tenho fraca memoria)
	9	Mui de certo calará,
421	16	Soltando grande alarido;
422	11	(Quando não seja indecente)
	12	Amargo medicamento,
423	12	*(Abrir espaço entre este e o seguinte verso).*
	18	Outra não
		Lhes pode achar (227).
424	17	Trazia o frango de ponta;
	26	E até de *pinto* o alcunhou!
426	1	Ou era eu o vencido.»
	12 a 14	Um cão
		Se curva e lhe diz:
		—«Bem sei quanto sou mesquinho;
		Mas não
		Quiz
428	10	Desejava...
	13	Só a elle e a mais nada...
	29	Confundindo o bem
		Com o mal
431	13	Os casos graves passados,
	14	Que da aldeia
432	20	A urze, a grama, a urtiga
434	5	Que alem
		Se vê branquejar.»
	6	—«Isso bem,
		Podia ser!»
	26	A lebre a pastar
435	2	A lebre e deita a correr,
	12	Quem
		Sempre e em
		Linha

Pag.	Versos	
435	14	Embora mui devagar,
	15	Sem
		Se destrahir caminha,
436	6	De ter lido em
		Lendas velhas
	8	Que elles tambem
		Descendiam
	10	As quaes, em
		Tempos faziam
	13	Muito e muito sup'rior
438	3	(Se foram d'isso crédores;
	26	De foguetes;
440	25	Pratos são muito caseiros,
	28	Escalfados.
441	15	Pouco tinha que fazer: »
	16	Me vai o leitor dizer.
442	16	— « Se tu assim continúas
444	2	Que accendeu;
	7	Mas foi elle quem o deu,
	8	Não ella, que se metteu
	13	Ao lavrador leviano,
445	4	Sobre a pelle do primeiro
	5	Urso que fossem matar,
	6	E sabe Deus com que usura!
	10	Porém
		Já disse o bastante
	14	Bem
		Faceis são
	17	Tambem
		Não
447	13	Que dava pão á enteada
448	7	Se não
		Sempre, bastas vezes,
449	2	(Tinha muito que fazer:)
	8	As cartas substituindo.
	22	Sem
		Gastar
	23	O tempo em
		Vão
	27	É o caminho a trilhar
450	ult.	Eternamente sumidos

Pag.	Versos	
451	7	Descarada.
	12	Que a figueira de Timão,
452	18	Têl-o mais do que te dá
453	1	Do que o simples argumento.
	8	Farinha de trigo boa,
	11	Farinha, quando o grão
	12	Fôr ruim:
	13	E, sendo o moinho assim,
	17	Dotados d'ella bem
		Clara,
	18	Porém
		De ignorancia rara,
	20	Cousas boas, sem
		Sciencia
454	10	Haver
		Alli um mysterio
456	19	Mau grádo ás opiniões
	20	Contrarias dos sabichões:
457	1	Atolado um carro estava.
459	6	—« D'onde vem »
	7	Diz-lhe um salgueiro:
	11 e 12	Em rasgar
	14	Lhe voltou o espinheiro.
	ult.	Que faz gosto em
		Ser ruim (245).
460	12	Foge tudo em
		Debandada.
	18	Governar:
461	25	Assim fazem sem
		Demora.
	26	Assim vivem 'té
		Demora.
	27	É bem
		É
		De acreditar
462	2	Me julgues tu, meu leitor.
	4	Nem d'esse nem
		De nenhum
	6	Porém,
		Seja elle qual fôr,
	9	Já que d'elle se carece;

Pag.	Versos	
462	15	De velho, sem
		Medicina,
	16	Boticarios:
	18	Muitos governos tem
		Sido
	19	Quando o homem pervertido
	20	Desatina,
	21	Quando, alem
		De tolo, é mau,
463	7	Não
		Me consta que se faça
465	9	Por este dia
	14	De haver pregado,
	15	E mais d'uma vez, calote)
466	2	O céo como está:
	14	O outro: «que nenhum tem;
	19	Segundo as occasiões,
	23	Homens de bem:
	ult.	Basta termos pouco ou nada (247)!
467	6	Claro espelho em que te vejas.
	11	Dos que na botica tem?
	18	Que não quero morrer d'esta.»
470	9	Este famoso decreto,
	13	Pela patria o sangue seu,
	29	De mólho ficou o intento
472	19	Do pae não fallava:
	20	E porisso se vingava,
	21	Zombando d'elle, o povinho
473	5 e 6	A meu ver, menos esperto
	9 a 11	Imitar
		Ou peior macaquear
		Aquelles que podem mais:
474	1	Eil-o pois vai escolher
476	2	Sem
		Poderem perceber
	4	E nas quaes ninguem
		Repara (252).
	5 a 7	Para pregar
		'Stão em uso
		O prégo e o parafuso.
	16 e 17	Que batido,

Pag.	Versos	
476		É a martello ou a malho,
477	3	Deixando ás duas por tres
	14	Eu mui pouco engraço.
	17 e 18	E só uso
		O parafuso.
	22	Ignoro-o, e alguns serão,
	23	Em vez de parvos, velhacos.
	26	Cavacos;
478	4	O charlatão 'stá seguro
	5	De que sempre ha de abrir furo;
	8	Quem menos veja,
	18 a 23	Avisado
		Por alguem
		De que só se defendia,
		Ás vezes, com argumentos
		Virulentos
		Porém
		De pouco valor
479	22	Como não
		Par'cesse bem,
480	3	Vão
		Andando até que vem
482	10	Assim ver
	20 a 22	Parece asneira.
		Porém
		Não tinham chegado
483	5	—«Metta tambem
		O bedelho!
	8	Por ter querido sem
		Cessar
	12	Em
		Seguir
	15 e 16	E se tal
		Fez, andou mal
	21	De, sendo ella bem
		Pensada,
	ult.	Sem
		Nos importar mais nada (254),
485	9	E côrte d'el-rei Leão,
486	3	O leão
		A um macaco,

Pag.	Versos	
487	6	E diz verdades grosseiras:
	8	Lh'as vai supportar.
	10	Quem
		Mentiras lisongeiras
	18	(Silencios ha eloquentes):
	19	Se o formos, meios decentes
	20	Procurar,
489	2	Eu, se faço o que fazeis!...
	15	Sois qual
		Era frei Thomaz
	16	Quando moral
		Prégar quiz:
	19	Pois eu vos quero imitar;
	22	Juro que a hei de comer.»
490	2	Só por o haver
491	2	Moscas ficando
		Aos milhões?»
492	12	Pasmado, não
		Percebia
	21	Dos quaes grande parte li,
493	1	Ocos
494	18	Decrescer
495	2	Deixemos, porém
		Os frades,
	13	Tinham bom, lauto jantar:
496	19	Na fradaria,
497	11	Mal vejo dos seus furores.»
	12	—« Pois vejo-a eu muito bem»
498	6	Certo macaco diz: — Pés!
	ult.	Candieiro ou vela;
500	3 e 4	*(Eliminam-se)*
	8	E se alguem
		Lhe perguntava:
	11	Nem
		Milagre d'algum santo»
	13	De mal occulta vaidade:
	21	É verdade bem
		Sédiça
	22	—Quem
		Não sabe não diz missa.—»
	ult.	Passados porém

Pag.	Versos	
500		Uns tempos.
501	9	Intenta vender.
502	20 e 21	O Jordão fallava prosa
		Annos sem tal perceber (262).
503	6 e 7	Porém
		Ella tal não quiz,
	8	Respondendo:—«A casa é sua?
	16	Tenho posse;
	23	Do cantão
		Chamar a meca
	24	Pondo-lhe acção
		De despejo
	26	—«Cheguem-se mais; não
	28	Nem
		Os ouço
504	3	Ambos vão
		De boa fé
505	3 e 4	Viviam, e menos mal
		Dois velhos (era um casal)
	9 e 10	A velha não tinha amigas
		Nem o marido inimigos,
	14	E foi cousa bem
		Pensada!
	15	Pois aturar quem
		Havia,
506	4	Ha de ter mais de um *duello)*
	13	Uma linha tórta ou recta,
507	8	E tres desejos cumprisse
	9	Taes
		E quaes
		Eu lh'os pedisse.»
508	12	Gordo chouriço, que até
509	5 a 9	Se não me tiram já
		Isto!»
		—«'Stá
		Bem visto»
		Torna o velho:
		Pódes lá
		Assim ficar?
		Vamos chamar
		A conselho

Pag.	Versos	
513	16	Para que bem
		O guardasse
	29	Que lhe dá em ár de graça.
514	9	Mas deixando-lhe escolher
515	25	A miude assim
516	2	O outro, de mais
		A mais (267).
	5	Á feira correm um dia,
	20	E enfeitar-se
	ult.	Das mais delicadas flores:
517	11	Mas muito breve sahia,
	12	Poisque num momento via
	22 e 23	Berrava do outro lado
	26	Começando o seu *cavaco;*
519	9	E quem não
		Ficar
520	1	A nobreza,
	10	Um cão que fôra ensinado
521	4	Por quem
		Vai ser atacado.
	7	Nem
		Ficara o inimigo;
	8	E tal era a apertura,
	18	Quantos cães ahi não vês
	19	De dois pés,
	26	Por galfarros,
	28	Que a d'elles da mesma raça?
523	14	Tanto monta:
	16	Para tal obra faz conta,
	23	Do peior!
524	5	Sendo Jove, um tal pespêgo,
	9	Da cabeça até os pés,
	19	Por muito que ás trancas dês!
	24	Que te chega até os pés;
525	5	Qual o seu dizer.
	11 e 12	Decretam sem
		Tom
		Nem
		Som
	18	Dizem já ter-se encontrado
	19	Um grão

Pag.	Versos	
		De areia alojado
525	ult.	A dureza tão
		Damnosa
527	3	«Não te largo assim a pelle.
	8	Pódes ceifar á vontade
	11	Velhos chôchos, bolorentos
	19	Dizem que a morte não ri;
528	3	Pois de certo has de morrer.»
	10	Muito pasmado elle diz;
	17	Fazer-me, da outra vez,
	20	Inutil é esse tedio
	22	Que com prantos não se afrouxa;
	23	Contra mim nenhum remedio.
	24	Vamos, faze a tua trouxa
	25	E cessa de consumir-te.
	28	Mas vê se o fazes,
529	5	O velho: «nesta cadeira,
	6	Annos ha, vivo entrevado.»
	16	Se eu não fosse surdo e cégo...»
529	17	—«Ousas ainda, pespêgo!»
	21	Logo ás costas o levou,
530	2	Poema defeituoso.
	5	Elogio o mais pomposo.
	9	Se de ambos tinha gostado
	21	O dinheiro dá talento;
531	8	Vem
		A Lisboa vender
	9	E, em
		Profundas reflexões
	22	(Pois, certo, sáem gallinhas
532	8	Tómo a alguem
	11	De dinheiro.
	22	Cai no chão
	25	Os sonhos da desgraçada!
533	11	—«Não acertaste no alvo,
	16	Vae um ou outro ensinando.
534	18	— Do que mal
	21	Ao homem:—
535	4	Quando não
		São
		Partilhadas;

Pag.	Versos	
535	10	Quando mal acompanhado,
	13	Não se falla ao cego em côres
	21	Aos falhos de intelligencia;
	25	D'alma os intimos affectos
	ult.	Para mais não
		Conviver
536	16	E, sempre só,
	17	Muito mal
	24	Termo mil vezes do amor
	29	Idiota sem
		Maldade,
537	3	E, em
		Summa
	4	Alli tem
		Quasi um amigo
	12	Ia as moscas enxotando,
	18	Devéras o idiota;
	21	E, vendo que uma pousou
	23	Com tal gana, que a matou
537	25	O patrão
538	13	Uns entes que aos céos subiam,
540	3	*(Elimina-se)*
	7	*(Depois do verso)* Havia outr'ora uns bonecos,
	17	Eu d'elles muito gostava
	19	Lhes achava,
	ult.	A notavel semelhança
541	14	Dois homens, ou numa sala,
	16	Com quem
		Falla,
	22	—«Passa bem,
		Ao que parece:»
542	3	Acónito e, volta e meia,
	28	Para seu lado se afasta;
543	13	(Que não embaçam
544	4	E escusada
	7	Se 'stá bem,
		Se 'stá doente,
	9	A quem
		Apertar
	14	'Stejam pelos autos,
	15	De comer tem

Pag.	Versos	
544		Muito lume (278).
	ult.	Sob a direcção
		Do burro
545	9	De oiro
	11	E caros...)
	22	E a bom valer,
	27	Como inda hoje é costume.
546	16	Não
		Era então
		Conhecido.)
	17	Á surrelfa, sem ruido
	22	(Ainda o mais descarado)
547	9 a 11	Berra a quem
		Berrará mais
		A parte que lhe cabia.
	12	Em summa, para encurtar:
548	5	E (caso mais engraçado!)
549	21	Entre sucia tão
		Ruim.
	ult.	Se não
		Tens queixas de mim?
550	8	— «Ignoro se tu me mentes,
	20	Hão de pensar que elle tem
551	15	Outro é e deve ser.
	19	(A sorrir)
552	23	Ou mal,
	24	É só meu;
553	3	E trata de o impingir,
	4	Qual mafarrico, aos demais;
	9	—«Sou mau; pois nascido assim,
	11	Ninguem fez caso de mim.»
554	3	O lavrador e tratou
	5	De adubar
	13	E em peior
	16	Bello e farto; mas ruim
	19	Cobre o monte, cobre o prado;
	20	E emfim
	22	Ninguem, mirando ao proveito,
	23	Deve ajudar um malvado,
555	8	A propria custa um veado.
	16	(O boi não é fementido).

Pag.	Versos	
558	5	Bem pegada
	8	O boneco, já se vê,
	14	Algum rijo piparote,
559	12 a 16	Em si e no seu talento,
		Sem terem merito algum
		Atrevidos,
		Detestaveis, detestados
		Quaes moscas e enxotados
560	9	Nada mais tem
		Que temer;
	10	'Stá curado:»
	11	Disse
		Alguem
561	13	Assim o fez,
	22	As regras de bem
		Viver;
	23	Pois tambem
		É caridade
	ult.	Castigar (285).
562	2	Mas fino que nem coral,
	4	Num lyceu nacional.
	7	Cabulando
	8	O que podia.
	12	Não para que vadiasse;
	20	Quanto o rapaz traduzia,
563	1	Ou fazer nenhum sentido
	4	Este asp'ramente zurzido.
	8	De julgar não é capaz
	10	Tornava o outro:—«Pois sim!
	27	E, se não as entendemos,
564	1	Quando se falla em *latim* . . .
	20	Que soubesses bem cantar:
565	14	Emendava a natureza;
	17	E isso, quando se tem,
	26	O corvo, todo encantado,
	27	Solta um grasno asselvajado.
	28	O queijo cai; e a raposa,
566	2	Devéras, e sem
		Defeito!
	6	Que ninguem,
	9	Não deixes de convidar

Pag.	Versos	
567	1	Pois, se a palha bem
		Cortada
	5	Ninguem
		Lhe acha mau sabor (287).
	21	Na primeira,
568	3	Na segunda, menos má;
	4	E não gostei, na terceira,
	8 a 10	Será
		Ouvido uma vez,
		Que não tres.»
	15	Para que foi dito ou feito:
569	1	*Não sentenceies de estalo.*
	4 e 5	E astros novos no céo;
		Porém ficam luminarias;
	7	Na segunda ou na terceira
		(Titulo da fabula) Os ses...
	14	(Já morreu! um delegado)
	16	De que preterido estava.
	17 e 18	—«Se a meu pae, por ser *malhado*,»
		(Eis como elle arrazoava)
	19	«Não tivessem degredado;
	21	A guerra, estava formado.
570	4 a 6	Obtivesse
		O meu
		Despacho.
		Logo eu
		Acho
	27	Ou:—«Se eu fôra protegido,
	ult.	Melhor
571	1	Que muito impostor,
	2	Bem diff'rente do que mostra.»
	24 a 26	Qual foguete, muito teso,
		Por outrem sendo ajudado;
		Mas, quando desamparado,
572	1	Com *ses* que não valem nada,
	10	Grangear.
	12	Não chega? veja se o póde
	18	Um leopardo, que ensinado
	21	Mui prompto d'elles se achega
573	8	O leopardo, sem
		Querer,

Pag.	Versos	
573	11	(Nem
		Tampouco que fazer:)
	16	Até brincando se assulam;
	22 e 23	Figurão
		Do seu paiz:
		«Não
		Pude; por mais que o quiz,
574	2	Dos deuses que já
		Lá
		Vão,
	20	Diz-lhe o cavallo: «Obrigado;
	22	Nem algum villão
		Ruim.»
575	1	Não
		Te deixo lá voltar,»
	4	E nada te ha de
		Faltar,
	6	A liberdade
		Perdeu
	7	*(Elimina-se)*
	9	Depois de basta canceira
		(Embora tendo a pitança),
576	13	Não é
		Porquê,
		Tendo errado
	26	E que o has de devorar.»
577	1	Com arteira caramunha,
578	1	Depois muito a seu contento.
	6	Para os povos opprimir
580	20	Mais tarde soffre a maldade
	24	Pois bem se póde affirmar
	25	Que, se escapa inda algum são
581	15	Tanto fez, tanto teimou,
583	19	Porque foi mal educado...
	21	Com o mais accurado
584	10	Toda lirios, toda rosas,
585	3	Qualquer fazia.
	21 e 22	Que mal nos
		Vem
		Dos
		Que o tem

Pag.	Versos	
585	24	Pouco mais que molestar
	25	A que nós temos tambem (296).
587	14	*(Entre este verso e o seguinte)*
		Mas para o homem honrado,
		Humilde embora illustrado,
		Para o util cidadão
		Fugindo ao immundo mercado
		Que vende reputação,
		O biquinho
		Caladinho!
589	15	Apenas morta, o logar
590	5 até o fim da fabula	Assim os homens honrados
		São
		Ás vezes obrigados
		A mentir;
		Não
		Direi
		Para fugir
		A cruel morte (esses tempos,
		Felizmente,
		Já
		Lá
		Vão)
		Mas a fataes contratempos.
		Não
		Se mata hoje ninguem,
		Innocente,
		A ferro e fogo; porém
		Os tartufos sempre tem
		Muitos meios
		E rodeios
		De conseguir santamente
		Seu intento
		Com a calumnia que consome
		Destruindo a fogo lento,
		Matando um homem á fome
		Tendo-lhe infamado o nome (298).
591	7	Sem ter
		A tua ousadia!
	25	Ser tão
		Mau senão

Pag.	Versos	
591		Peior
	28	—«Tir'-te lá não
		Me enfarrusques!»
592	2	Num regato; e alli se viu
593	14	Salvar
	17	Pôde a sua amiga,
		Não possa pagar
		O bem
595	4 a 6	(Como? ninguem o sabia
		Nem tratava de o saber,
		Pois basta dinheiro haver.
		Pouco importa como havido . . .)
		Dizia
		Cheio de si
596	1	E os guizados
599	9	Mais esperta que a maman.
600	12	Com as quaes o correr
		Parelhas
601	2	Sem
		Mais palra nem
		Escriptos
	3	Operarios bem
		Peritos,
	6	Ou melhor, caso o soubessem,
	9	*(Depois do verso)* Para novas evitar
		As abelhas desde então
		Tem cuidado de os matar
		Mal começa o quente v'rão.
602	19	A outra muito mais moça,
	29	De obterem bom casamento
603	1	Fazem-lhe guerra á cabeça:
	10	Ou bem
		Pouco lhe faltou
	13	Tambem
		Ver
605	6	Que por acaso encontrou.
	15	O gallo pensava bem:
606	5 e 6	Já
		Ninguem
		Nem
		A peso o quiz comprar

Pag.	Versos	
606	7 a 11	Muita cousa é boa ou má
		Segundo o caso se dá
		De alguem
		D'ella carecer,
		Ou ninguem
		A appetecer (307).
	12	Charlatão se apresentava
	15	D'um paiz muito distante
608	18	Tendo com ruins vivido,
609	1	Dos costumes primitivos
	20	Seguisse um tal viver.
	27 e 28	Porém
		Rude
		Não
		Sabia
	ult.	Nem
		Como e tão
		Amiude
610	20	Ver alli representando
611	10	E ver que 'stava enganado:
614	3	E não poucos d'esses mécos
	8	Semelhantes intrujões!...
	13	Nem esquece chamariz,
615	1	Já te havia feito algum?
616		Diz o segundo: «aqui 'stá
617	3	Os mais inclytos varões.»
	24 e 25	As pazes
		Com Deus 'stão feitas
618	7	Nos tempos que já
		Lá
		Vão:
	15	E tambem
		Para pagar
	20	A quem
		Ao depois vier.
620	3	Philosopho que passava
	5	Desata logo a gritar,
	16	Lhe voltou
		O podador
	19	Ficou
		O sabio pasmado!

Pag.	Versos	
620	20 até o ult.	E sem Mais ver nem Ouvir Imaginou Descobrir, Cheia de philosophia,
621	1 a 30	Uma nova theoria De podar. Dito e feito Compra logo um bom pomar, Corta, serra, Dá com elle quasi em terra, Segundo o novo preceito Que inventou. Finalmente tanto fez Que o . . . podou Por uma vez. Consciencioso tractado Então o sabio escreveu, No qual deixou Demonstrado —Que não se deve podar— (Já que o seu Pomar morreu Da theoria a pesar Que salval-o não logrou.) Vêmos porém que da póda A móda Continuou E talvez irá durando; Pois ignorantes, Pedantes E sabios abalisados Vão-se sempre regalando Com os fructos,
622	1 a 29	Bellos productos De pomares bem podados. *(Abra-se um espaço)* Deve a sciencia Nascer De sensata experiencia.

Pag.	Versos	
622		Vem
		Esta sempre primeiro;
		Nem póde deixar de ser,
		Poisque o homem vê ou sente,
		Ainda instinctivamente,
		Durante muito janeiro
		Antes que possa ou que queira
		Principios estab'lecer
		De que a sciencia se forma,
		A qual depois tem por norma
		Verdadeira.
		Regra certa onde aferir
		Quanto haja que decidir
		Sobre pontos duvidosos,
		Segundo os mais numerosos
		Factos em
		Que ella se funda,
		Pratica ou exp'riencia
		Sem
		Sciencia
		Pode haver
		E até abunda
		Emquanto as necessidades
		Da vida se contam poucas;
		Sciencia sem exp'riencia
623	1 a 10	Nunca pode ter
		Valor;
		É cheia de falsidades
		E de theorias ôcas,
		D'ella te livra leitor (313).
		(*Numeração da fabula*) 283.ª
624	2	De vivêres songa-monga
	6	Nem mais podia fallar
	19	Para alimento
		Lhe dar,
	21	De tal sustento
		Empregar
625		(*Titulo da fabula*) O homem e o lobo
	3	Um lobo disse a um pastor:
	7	Mas gostam bem do calor
	9	Quando a apanham para um fato!

Pag.	Versos	
626	14	Finorio corvo-marinho
629	3	Bem escondido
	10	A mudança; que não vá
	12	Assim o fez. Pouco a pouco
	20	Das puras aguas do céo.
	25	—Povo! vê-te n'este espelho!
630	18	Ao fraco e ao innocente;
	19	Mas d'isso raro apparece:
	25	É mau, porém
		Natural;
	29	Um qualquer por quem
		Eu não
631	4 a 6	Milão, grande luctador,
	20	Nos demais o vê e aponta
		Cada qual;
633	13	Excepção
		Se imaginar
635	1	E tem
		De viver sumido
	3	Sem
		Ousar mostrar-se emquanto
	15	Filhinho
		Deu
636	27	Por sua desdita e nossa,
637	7	E, se mau, será então
	20	*(Abrir espaço entre este e o seguinte verso)*
	23	Mas, emquanto não
		Souberem
	26	Hão
		De sempre edificar
	29	Ou permitte semear,
	ult.	Á mão
		Cheia
638		Quem
		Tal faz ou tal consente
	5	O que 'stamos sempre a ver
	6	Sem
		Remedio infelizmente (319).
	11	Jámais vender, ainda quê
	13	Foi porquê
	18	Onde? Não

Pag.	Versos	
638		O soube achar.
	ult.	Tão
		Fundo, quanto podia,
639	9	Veiu a ser de dia em dia;
	13	Assim deram com um thesoiro.
	ult.	Mas, depois que se mirou,
640	13	Do tão malfadado espelho
	15	Onde quer que se espalharam.
	17	Andam sempre asafamados
	25	Que nos pedaços que achou
641	2	Pouco mostram da verdade (322)!
	9	D'estes um que foi então
	15	Levando, se regalou,
	17	Ao depois philosophou,
	19 a 21	De quem está satisfeito.
643	13	Se desprezas uma vida
644	11	Terá
645	20	Nessa vida alem
	21	Da morte
		Quem
		For mau, fraco, ignorante,
652	14	Ou qualquer
		Outro malvado,
	16	Sem ter
652		Nunca educação,
653	14	Cuidado
	15	De as porem a bom recado,
656	28	Faça...
657	1 e 2	Era grande trovador
		(Uma terrivel cigarra,
	4	Ninguem
		Lhe lançava a barra
659	20	Tudo vai a peso d'oiro
	28	Não
		Põe no chão
		Um pésinho;
661	1	(O remendão
		Cortejou)
	3	São
		Minhas; mas a você
662	7	Bem

Pag.	Versos	
662		Guardada
	8	E sem
		Soffrer prejuizo
663	8	Visto que bem baratinho
665	6	Deixa de haver fortunas,
	10	Em droga e grande mal
666	4	Tem ás vezes de seguir,
	10 e 11	Mas sem
		Na escolha convir,
		Tolhido de reagir.
	14	E bem
		Haja
669	20	Entrada
	21	Alli você e outras taes...
	23	Não a pódem lá soffrer
671	5	Como ha tanta que se gosa
675	8	É atroz,
	25	Ave invejosa!»
677	ult.	Ora é isso que me aterra (333).
678	2	Mandou deitar
		Que pregão
	5	A visitar
		O seu rei
	7	Apressou-se a bicharia.
	21	«Mas não posso enxergar
		Onde
679	1	Dar
		A quem pouco reflecte,
682	4	«Vae-me tu d'aqui tirando,
	6	Só preciso de ajudado
	20	Logo o povo se vê quente,
683	2	Em vão
		Cada qual se some
	3	Não
		Evita a dura sorte
684	9	(Ou baixa) para o freguez
	13	São tres;
		Porém
		Ao senhor
	15	O outro muda de côr
685	7	Houve satyros outr'ora,

Pag.	Versos	
685	11	Não
		São
		Pessoas de bem;
686	6	Com as pontinhas muito agudas.
	20	É não
		Constipar os dentes
689	24	Receiar
		Sempre o peior
	25	Se vier,
690	11	(Nem o caso era d'amor).
	12	Supplicante,
	14	(Via
		Quasi certa a morte)
	16	Quem tal diria?
		Escapou!
691	1	Da presa não
		Tomou posse,
	4	Incauto o leão
		Num laço,
692	18	De diversos,
	19	Aliás bem chôchos, versos
693	4	Uma causa discutir
697	4	Fazer
		Passar
698	20	Proteger
		O tal rapaz
	25	E que vai ser
		Despachado,
701	19	Isto em
		Todos os sentidos;
	21	Ha quem
		Diga
702	1	Quanto ellas mais parvas são.
	2	Eu sempre direi que não:
	24	Era bem
		Perto d'alli
	ult.	Nem
		Tal cousa era mister,
703	4	—«Ao lavrador possuir
	6	Mas terras que não as saiba.»
	18	Vendo aquelle estranho enguiço,

Pag.	Versos	
703	21	Em prantos e soluçando.
	27	Com seu chôro:)
704	12	Hoje parto;
705	12	E ou porquê a mulher
	21	Transpôr
707	16	Vai muito além
	21	A diff'rença.
		Muito embora inconsciente;
	ult.	Porém
		Se quer
709	18	Porque logo adivinhou:
	20	—«Meu caro: não se adivinha:
710	20	De que, semelhante á rosa
711	4	Mocidade.
712	ult.	Numa pedra se sentou,
714	3	Bem para este espelho;
	15	Crua e renhida (352).
716	20	Faze quanto te disser;
717	17	Já com semelhante
718	6	Não te agradecer
		O modo
721	5	Que resultados mui serios
722	3	Comica chantrenidade,
724	3	Com certeza é obrigado
	12 e 13	Julgar que o mundo careça
		D'elle, sempre caminhou
726	23	—«Mas eu sempre ouvi dizer,»
	26	Do que dois, *eu te darei*;»
	27	E, pondo termo ao cavaco,
728	9	Utilizado
	20	Onde não
		Houvesse perigo
	22	Lança mão
		De toda a gente,
	27	Não
		Rejeita
730	12	Porquê os senhores do mundo
		Ardendo em odio profundo
	15	Através sèccas e chuvas,
	21	A quem
		Vão

Pag.	Versos	
731	3	Tem
		Por causa bastas vezes,
	16	Sem tregoas e sem
		Quartel
	18	As desgraças e os perigos
	21	Tem
		Fel)
	26	Aquelle mal.
734	21	Nem se vê nada ;
735	3	Uma chuva tão
		Damnada
	4	Que toda a gente, molhada
	7	(Segundo a tradição
		Diz)
	21	Sem
		Demora
736	1	Nem
		Carapuços?
740	22	Valeu,
742	ult.	De fórma; morta não 'stá,
743	26 a 29	Será isto:—
		Não ter
		Visto
		Nem
744	1 e 2	Lhe ser
		Bem
		Demonstrado)—
745	12	O tal dono e um filho seu,
746	26	Tu e eu
747	11	A trouxa faz nessa noite
	17	Quer
		Dizer,
		Umas meninas
750	4	De ouro
754	5	Que ellas me nascessem
	18	Tal
		Cumprir
756	16	Já se sabe sem pagar
757	18	Do bilhar tambem
		Vender
	20	Ou em

Pag.	Versos	
757		Talas se hade ver (368).
760	12	E porisso a rataria,
763	3	Qual a Sansão
		A guedelha.
	12 e 13	Quando em completa derrota
	15 a 17	Sem esp'rar por nada mais,
		Deram todos á cannella;
	19	Tanto á pressa se 'scondeu
	24 e 25	Aos restantes succedeu
764	18	—«Isso nunca hei de eu fazer
	19	Poisque vou assim perder,
765	20	Lauta mesa,
771	12	E sempre á cata,
	20	Da cara,
772	13	O seu intento logrou:
	15	Em sangue illustre observada,
773	9	Que não
		Se podem mexer
	12	Umas com as outras estão,
774	10	Que prega todos em
		Terra
775	17 a 19	(Assim eu tenha saude)
		Passar
		Vida regalada;
779	24	A sua terra natal
		Eu grito: (é o mais que posso)
		— «Este chaparral
		É nosso (378)!
780	2	Todo o dia tendo andado
	5	E a negra fóme matar,
	14	Um urso (que se soltara)
782	9	Da séria historia
786	6	Gostavam de caçoar,
	13	E seu visar,
787	10	Ás vezes vinha a lembrança:
789	18	Cria.
	20	E não lhe vejo excepções:
	21	Do nada nada se faz,
792	3	Na casa d'um cidadão,
	19	«Vá indo que eu
		Depois vou.»

Pag.	Versos	
793	21	Se conta lhe não fizer,
796	5	Escolhendo um animal,
	9	Mas preferir sem
		Motivo
	13	A quem
		Talvez não
797	28	Bem
		Forrado
	ult.	Logo em
		Casa lhe pegava
802	19	Percebeu este o engano;
804	20 e 21	Soube elle o que pretendia
		Escrever
805	2	Tanto de certo valia
808	27	Eia pois se elle vier,
809	12	Chega um lobo e o tal carneiro,
810	1	Que o homem tem
		Sido assim
	5	Quem
		O quizer
		Explorar?
	16	Se a alguem
		Vê espesinhar
	21	Como muito bem
		Quizer.»
	25	—Que para o homem viver
811	5	Quer vá aos outros lesar.—
812	13	Do que lhe era permittido.
813	16	Por certo mal — um sabor
814	8	De ferro
	18	Sem
		Nada se aproveitar,
	20	Alguem
		Na borra encontrou
	27	Póde bem
		Acontecer
	24	Sobre assumptos controversos
815	12	Quem
	13	Boa fama crear
		Póde em
		Paz ir-se deitar

Pag.	Versos	
816	2	Como se julga em
		Geral
	4	Que se pense bem
		Ou mal
	5	Ora assim, infelizmente,
	7	E julgou
	24	Mal ao palco tem
		Subido
	27	É logo, sem
		Mais exame,
817	9	Porém não póde acabar:
	28	Ou de outro classico auctor,
818	6	É belleza sem
		Debate;
	10	Quem
		Defender o contrario.
	15	'Stá julgado
819	13	Gósto das marradas
821	20	É ora assim, ora assado,
822	14	Para o incendio debellar,
	17	O respectivo inspector
	19	Morava,
823	13	Sem
		Demora,
	20	E, de certo, má:
825	5	Dos novatos
	22 e 23	Vai logo fazer
		Peior
		Se o podér.
826	3	Da intolerancia soffrida.
827	6 a 8	O homem tinha razão,
		Sendo só para notar
		O seu muito exaggerar.
	11	Tem
		Direito a algum quinhão,
	12	Seja em
		Que trabalho fôr,
	18	Ou do que trabalhou mais.

FIM DAS EMENDAS E ALTERAÇÕES
DAS FABULAS

Emendas no indice das fabulas

Pag.	Col.	Linhas	
829	1.ª	2 e 3	*(Eliminam-se)*
		8	*(Elimina-se)*
		13	Amphora (a)... 403.
	2.ª	8	*(Depois da linha)* Beneficios (os)... 83.
830	2.ª	12	Côrte (a) do leão .. 485.
831	1.ª	21	Exequias (as) da leôa... 587.
	2.ª	15	*(Depois da linha)* Homem (o) e o lobo... 625.
832	1.ª	16	Leiteira (a) e a bilha de leite... 531.
		19	Leopardo (o) e o macaco... 516.
		29	*(Elimina-se)*
		40	Manteiga (a) e a margarina... 158.
	2.ª	11	*(Depois da linha)* Mocho (o) e a aguia...295
833	1.ª	27	*(Depois da linha)* Precedencia (a)... 93.
		39 e 40	*(Eliminam-se)*
	2.ª	26	Rio (o) e o dique... 183.
		ult.	Ses (os)... 569.
834	1.ª	15	Urso (o) civilizador... 55.

Emendas e additamentos ás notas

Pag.	Linhas	
835	17	*(Depois da linha).* Quanto a cumprimentos, necessarios são elles (como boa educação) para se manter a convivencia indispensavel ao homem. Nem todos podem ser philosophos, occupar-se de profundos estudos e viver sós; a maior parte precisa, depois do trabalho, de um remanso agradavel e encontra-o nesse meio innocentemente ficticio, onde circula aquella moeda que mal se póde dizer falsa, pois não engana ninguem. O arco nem sempre pode estar armado. V. fabulas 109, 166, 183, 1887, 225, 259, 323. 350, 352... e notas respectivas.

Pag.	Linhas	
838	10	Vespasiano dizia que um imperador deve morrer em
839	24	muitas terras ainda assim é.
	31	Eram crenças antigas e Plinio se refere a ellas:
840	25	Pireu, antigo e muito afamado porto de Athenas a 8 kilometros da
842	14	herva alli crescesse. Não deixavam tambem de confiscar-lhes
843	1	V. fabulas 246.ª 292.ª 332.ª... e notas respectivas.
	10	V. fabulas 7.ª, 133.ª, 146.ª e notas respectivas.
844	17	V. fabulas 18.ª, 32.ª, 220.ª... e notas respectivas.
846	20	V. fabulas 168.ª, 230.ª... e notas respectivas.
	27	V. fabula 177.ª... e notas respectivas.
847	19 e 20	*L'homme et les sociétés*; porém não se adoptem algumas conclusões desanimadoras, que alias não póde provar.
848	20	O talento não é tão vulgar como muita gente suppõe;
	26	V. fabulas 88.ª, 169.ª, 202.ª, 300.ª... e notas respectivas.
849	14 e 15	*(Eliminam-se)*
850	21	V. fabulas 4.ª, 9.ª, 67.ª, 179.ª... e notas respectivas.
851	7	Atordoam as abelhas com fumo quando se crestam as col-
	26	Quem podér siga este systema que é o mais prudente;
	25	nada se póde alcançar na companhia de ruins e de mal-crea-
854	17	V. fabula 362.ª... e notas respectivas.
	19	Ouvem-se a cada passo d'estas criticas feitas a homens de me-
	ult.	a elles ha direito, porque os vemos fazer a outros. Quanto ao modo de exigir, ainda o que nos pertence, deve ser causando o menor incommodo. Dizia um funccionario

Pag.	Linhas	
854		publico quando o respectivo ministro abusava da sua posição incommodando-o inutilmente — «que não se queixava da carga mas de quem não estava quieto em cima d'ella.»
856	27	*(Entre as linhas 27 e 28).* Calça bota de canhão A heroina de Aragão de J. M. da Cósta e Silva diz: —«Calço bota de canhão Que faz andar de villão.» Não ha muito ainda as usavam os saloios, e
858	12 e 13	não sei se ainda algum as usará, havia de chegar aos conhecimentos que hoje tem sobre taes assumptos. A resposta é a
860	1.ª	que o sol poderia ter dado naquelles *(Depois da linha)* Quando o mal não está no pello, Mas na raiz do cabello... Dicto discreto que, quando rapaz, ouvi a pessoa do Alemtejo, significando que o mal é difficil de curar ou incuravel, se na raiz da planta ou na massa do sangue, como diz o povo.
861	10	Ou és doido ou és velhaco, E talvez que sejas tudo.
862	22	*(Entre as linhas 22 e 23).* Conspurcado Tem aqui esta palavra a significação que com tanta graça lhe dá Garrett na D. Philippa de Vilhena—Conspurco-o — diz Barnabé Fulgencio, no sentido de desprezar ou insultar,
864	8	para todos; e fugir, quanto ser possa de parvos e ruins,
865	8	—mulo da covardia. É sempre o — muita parra, pouca uva,
	17	sim explicar-lhe — farnel (de fardel, fardo) termo pouco
	23	*(Entre as linhas 23 e 24)* Muito depressa fugiu

Pag.	Linhas	
865		Dizem que os lobos não podem soffrer musica. Não é o mel...
	32	*(Entre as linhas 32 e 33)* Um cano d'agua da chuva
		Ouvi o dicto a José Estevam de Magalhães referindo-se á maior parte dos rios de Portugal.
867	10	—quelin, quiz representar na sua comedia. Não sei se o com-
	14	que o céo (isto é, a verdade) transige e que podemos entrar
	ult.	senão em tudo, em muitas cousas. As satiras e ás carica-
868	20	Geralmente só crêmos fundado aquillo que desejamos; isto na melhor boa-fé
870	3	Que qual bobo tambem ousa
		A verdade sempre se fez ouvir, com mais ou menos proveito, chegando a ponto de não desdenhar a bocca dos bobos.
871	1.ª	Nome que dão ou davam á—goiabada—em razão da sua
872	22	*(Entre as linhas 22 a 23)* Com toda a chantrenidade.
		Neste sentido ouvi a palavra em Coimbra e gostei muito d'ella.
873	22	Podia talvez desculpar-se, poisque, possuindo outros, não queria ter viveiro de
874	15	Que todos lhe tem
876	28	da bruteza.—Vejo o orgulho» dizia Socrates a Antisthenes
	36	—gios que alli, até certo ponto, servem de lyceus (Eton, Rugby...) e para
880	3	recebido com um *tolle* geral, sem mais exame. Se succum-
881	24	*(Entre as linhas 24 e 25)* Hypocritas doutrinarios
	26	os ha de principios politicos, que são os doutrinarios. Todos advogam
	30	V. fabulas 10.ª, 67.ª, 122.ª, 124.ª, 170.ª, 285.ª... e notas respectivas
882	12	estava. Ás vezes (menos porém do que se

Pag.	Linhas	
		pensa) é
883	26	mais do que o muito—esbanjado. Em todo o caso devemos
	5	dencia que quasi todos tem, de pensar que podem substi-
	27	errar com Platão.» Devemos sempre querer acertar seja com
884	14	não deixa de ser necessario do mesmo modo, para reprimir
885	4	te) um bem para alguns, até dizem que uma especie de con-
	6	lho com que ainda podiam, são um mal para outros, e uma
	10	gos é—que incommodam) roubam o ultimo bem que lhes
	22	de encontrar? e se podem, são vadios, e porisso
	25	consta que alguem o achasse; para o attenuar no futuro só
886	7	*(Entre as linhas* 7 e 8) —«Vae prégar A uma horta Ouvi dizer isto muitas vezes, em rapaz. Na verdade quem fôr prégar a uma horta, que espera em paga, senão alguma couve?
887	29	não for moço, ainda bastará em muitos casos, o principio de sua vida. Demais,
889	1	se arrepender, não deve demorar-se, mas logo que possa praticar uma ou
890	11	*(Em seguida á linha)* que tantas vezes se avantaja á força physica,
891	11	homem, o do maravilhoso, o qual bem dirigido lhe póde
892	11	*(Em seguida á linha)* Quem errou e está arrependido deve ser o primeiro a desejar satisfazer á opinião publica e á propria consciencia, que lhe impõem o castigo.—«Como ha de a minha oração ser ouvida» exclama o rei no Hamlet de Shakspeare: «se estou gosando o fructo do meu crime!»

Pag.	Linhas	
893	19	*(Entre esta linha e a seguinte)* Conservando-se em vocabulos Milhares de exemplos se encontram; bastará citar a palavra—*lareira*. O presente póde ser muitas vezes comparado a um palympsesto onde se póde descobrir o passado.
894	11	*(Entre esta e a seguinte linha)* Sabes? a do bom arinto, Bom signal para a raposa se lembrar d'ella; o proprio lobo não desdenha a uva á falta de melhor, e assim fazem os cães.
	20	*(Entre esta linha e a seguinte)* Em ambos os parlamentos V. fabulas 218 e 339.
895	10	perdida (isto consta da narração). Quizera pois saber onde
	12	e se não é isso o que acontece as mais das vezes? De taes
	13	ouropeis não faltam, infelizmente, exemplos
	14	e o que é peior nos cursos de litteratura, para educar o sentimento esthe-
	24	—*sembleia de reis*, sabia muito bem o que fazia, e com a sua
	34	V. fabulas 53.ª, 203.ª, 266.ª, 362.ª... e notas respectivas.
896	2	nada, pouco perde tambem com a mudança de posição. Aqui o
	6	Se (no sentido religioso) muita gente junta não se salva.
	23	(*Em continuação*) É necessario não exaggerar o sentimentalismo, ou tem de se morrer para não destruir animal algum, nem planta pois tambem tem vida. Ha gente que não come d'uma gallinha se a viu ainda viva! Tanto póde a piéguice.
909	24	accessorio que varía e chega a perder parte do seu merecimento com
910	12	—teis ou escusaveis?
911	11	do que devia, podia e ha de ser,

Pag.	Linhas	
927	2	rimar as duas partes do ditado. Não o encontro em dic-
	14	que são vivas estão transformando-se continuamente.
950	33	A nobreza (herdada) abriga (os successores): dizem muito

Emendas e alterações ao indice por materias

Pag.	Linhas	
959	6	cobiça, bens de fortuna; confundem-se ellas comtudo no uso
	17	mais experiencia tem, tanto menos se deixa enganar pelos
960	6	ao defeito contrario é que com justiça se dá o nome de
	17	de, sem a qual pouco ou nada pode: é a microscopica ro-
	20	facilmente grandes commodos, é o escudo dos fracos con-
	31	so; e, sem elle, é escrever na areia, ou, como diz o povo, enfiar
	33	dado á devassidão, este corou—: Animo! lhe brada o philo-
961	1.ª	dito de alguem. Differe da diffamação que junta a calu- mnia á publicidade. Tambem se diffama, quando se pu- blicam erros ou defeitos que, embora reaes, estavam secre- tos. Filha não raro da leviandade, as mais das vezes nasce da inveja ou desejo de vingança. Propalar defeitos alheios, embora verdadeiros, pouco differe de que- rer calumniar, pois dif- ficilmente se poderá ter a certeza absoluta da existencia

Pag.	Linhas	
961		d'elles, e produz o escandalo que é, em regra, mais nocivo que proveitoso
	13	Ainda assim, é preciso attender ao sentimento que nos
	14	leva a pratical-as. Quando o fazemos movidos pelo coração,
	20	a razão, e que é independente do prazer que nos causa. A verdadeira ca-
	21	ridade é o amor do proximo em Deus, e por Deus, isto é, em
	22	vista do que é bom, santo e justo, sem attendermos ao mé-
	27	que a mais não é obrigado; e não tenha a louca (postoque
	30	Evangelho, dando o pouco que podia, deu mais do que os
	38	tre o bem e o mal, que se podem gosar ou soffrer na vida.
962	3	de que, não havendo miseria nem ambições e gosando-se de
	5	pouco differem em intensidade nas diversas classes so-
	6	ciaes. É fatal que, quanto mais se gosa ou se póde gosar,
	8	uns homens são capazes de sentir, e outros não; nem os
	16	aconselhar quando não é filha da preguiça ou falta de
	18	mal não tem remedio possivel. Só nesse caso nos devemos
	23	nio, sobre a materia sujeita, que, se não fosse de quem
	28	sociar: d'ahi a necessidade dos contractos. Estes podem
963	7	mórmente nas primeiras edades:—dize-me com quem an-
	17	de ser a apreciação conscienciosa do bem e do mal, tornou
	27	o cercam, ou em que esta foi feita, absoluta ou relativa-
	29	tempo em que escreveu: a obra póde ter

Pag.	Linhas	
963		sido muito va-
		liosa noutros tempos, mas ser de pouco valor actualmente.
964	4	deveres. Dir-me-hão que vem a dar no mesmo, poisque
	7	meio caminho: pugna pelos seus direitos ou que imagina
	8	ter e, quanto aos seus deveres, deixa aos outros o tra-
	9	balho de pugnarem por elles e de lh'os fazerem cumprir.
	26	o desenvolvimento physico, moral e intellectual, de que o
	31	moral e intellectual (litteraria, artistica, profissional). Todas
	33	humanidade, porém a intellectual (litteraria ou artistica) só se torna
	34	possivel ou conveniente ao individuo segundo as suas especiaes
	38	sociedade, e independente da intellectual e, porisso, pas-
965	2	queiros. Quanto á educação intellectual ou instrucção nos
	16	individuo tem limites que, largos em álguns são mui-
	17	—to apertados noutros: isto dá-se tanto nos individuos co-
	23	a fazem sobresahir, porém são insufficientes só por si e,
	30	—nitos modos; é o dourado a encobrir madeiras ordinarias
966	3	pode o homem deixar de ser algum tanto egoista, pois
	11	nos eleva sem sacrificarmos os nossos semelhantes;—ne-
	12	cessario e portanto innocente, o que nos conserva e aug-
	14	—condemnavel (verdadeiro egoismo) a que nos leva a tudo
	16	dade caprichos.. : quem o tiver torna-se o inimigo encar-

Pag.	Linhas	
966	18	com toda a justiça o ha de combater e inutilizar se tanto
	19	podér.
967	9	prejudicam, para não escandalizar os demais e cahir no
	10	seu desprezo, que nem sempre seria justo; porém muito
	16	—casiões de lh'a communicar, dando-se por são e escorreito.
	25	Imitação, macaqueação.—O homem copia ou imita
	32	—caqueia o que é bom, sem o deturpar; e serve de regra
968	16	boas que pouco soffrem com a peior. Tambem ha indoles in-
	27	—tros ou isolem—os para não causarem prejuizo, aos de-
	38	—sejo de os possuirmos, embora aquelles fossem d'ellas des-
969	3	*V. tambem*--calumnia, critica, indole.
	4	Justiça. — Deve-se a todos, ainda aos peiores. Shaks-
	6	de Cesar (Julio Cesar, act. 3.º sc. 2.ª) : — Assim, lagrimas pela
	10	parcial, nada diminuindo da gloria que elle justamente al-
	14	plicado: negar-lhe algum merito que tenha parece ainda
	15	maior injustica do que negar alguns a quem tiver muitos : é rou-
	17	Receie-se tambem que, procurando praticar com al-
	18	guem o que se afigura justiça, se façam favores á custa
	20	ponto; requer porém muita prudencia, pois corre-se o
	25	*V. tambem*—apparencias, direitos e deveres.
	28	—mento e o adorno; mas, ainda assim e na falta d'aquella, sem-
	29	—pre podem tornar um homem supporta-

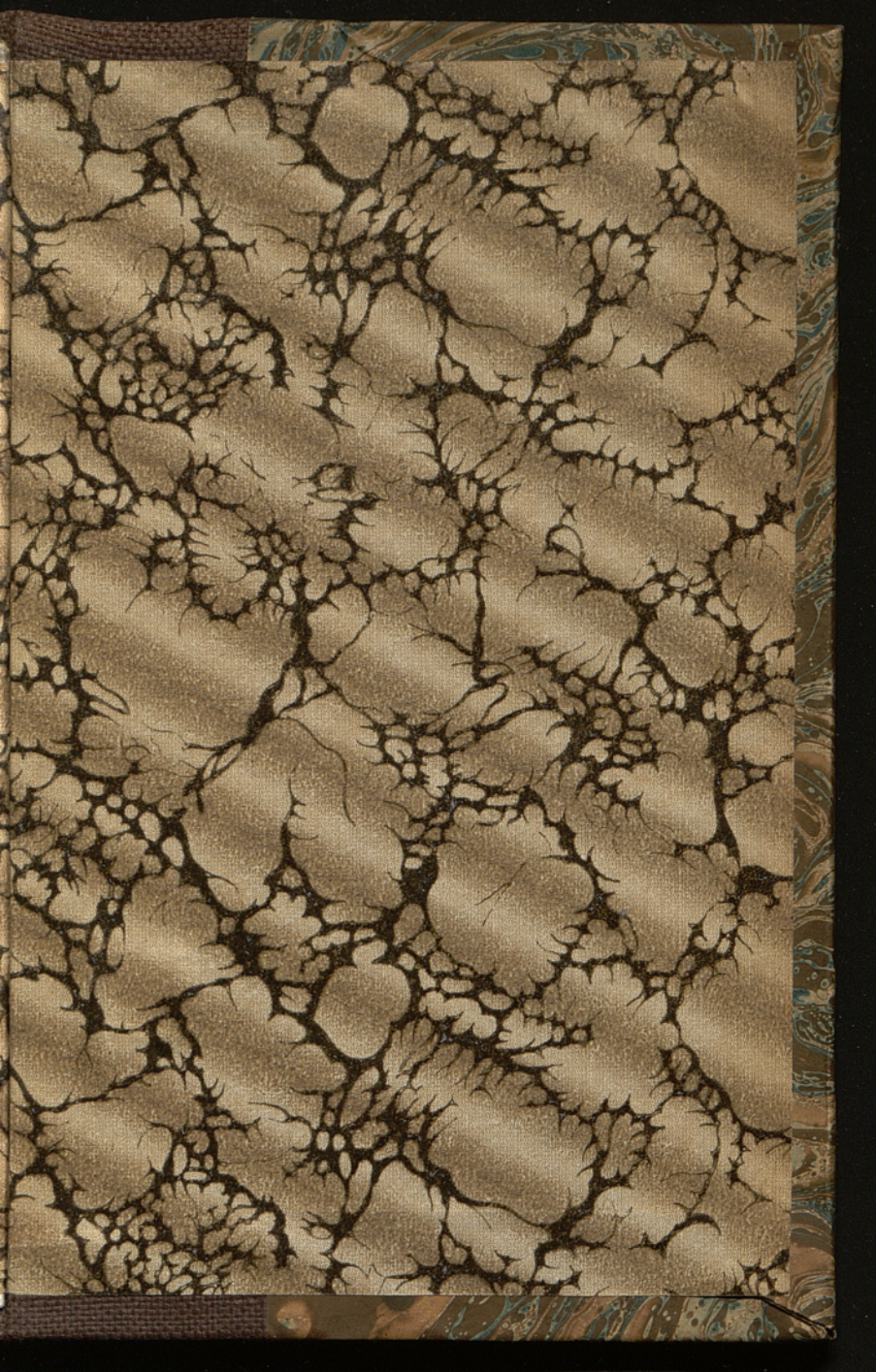
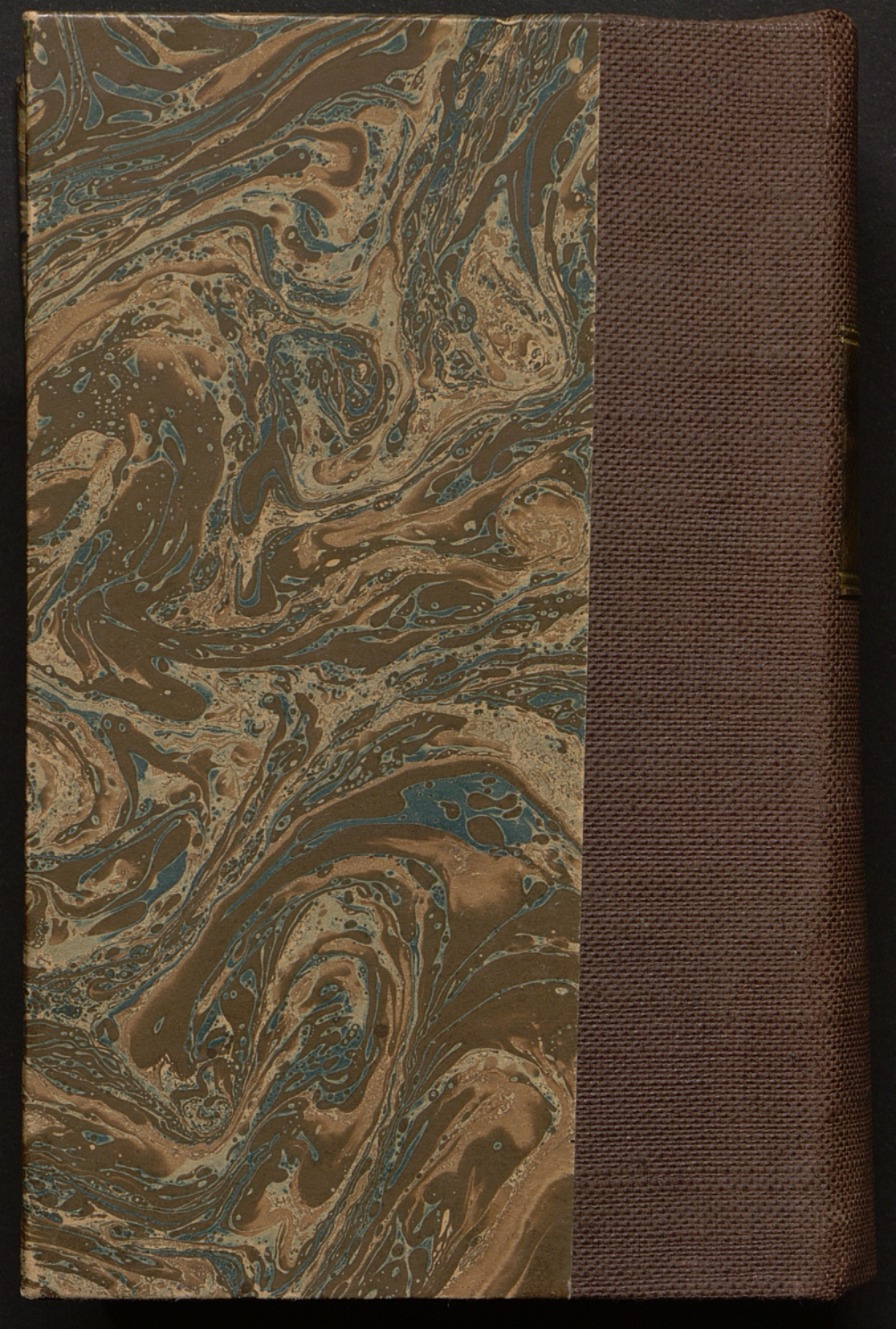
Pag.	Linhas	
968		—vel, senão estimavel.
969	31	suas celebres *Cartas*, as quaes, tirando o que o tempo tem alte-
	32	rado nos costumes, são ainda um dos melhores compen-
	34	—dam aos superiores, captivam os inferiores e são indis-
970	2	—rissimo o demais de uma especie. Tambem depende da epo-
	3	—cha em que viveu ou vive o individuo; e, como esta aca-
	4	—ba e a humanidade progride, tende sempre a diminuir
	5	quanto ao genero em que se deu e á importancia d'esse
	8	de certo menos apreciado hoje em que as aguas se
	9	levantam por meio de syphões: um escriptor de grande
	14	conceder egual na actualidade. A sua obra com a acção do tempo
	15	perda do seu valor quanto á forma que se torna
	16	inintelligivel para a maior parte da gente; e
	26	—monizam entre si; isto quanto á intelligencia, instrucção
	32	—tamente aos que pretendiam abraçal-o: o mesmo succedia
	33	com outras religiões antigas, que tinham os seus mysterios,
	37	e interesses diversos, geralmente antipathizam entre si:
	41	differenças, devem-o fazer educando e elevando sempre e
971	7	e que, fundadas em informações mais ou menos exactas e
	8	em apreciações mais ou menos apaixonadas e interesseiras
	9	ou esclarecidas, pouco e pouco se confundem e modificam

Pag.	Linhas	
971	11	intellectual da sociedade; não sendo por-isso raro, antes
	14	pouco segura. É forçoso porém respeital-a, pelo menos
	28	—de nobre sem a qual o homem se torna desprezivel e
	29	desprezado: exaggerado porém degenera, por factos, em soberba
	39	—do de quantas li e já me não lembro, é— a explicação ra-
972	4	fundam, tornam-se philosophicas.
	6	de juizo, sensatez, que levam o homem a que não dê a cada
	20	Politica.—Sciencia de governar os povos, exigindo
	22	cia; sciencia que porisso poucos podem ter mas que muitos
	25	epochas do desenvolvimento d'estes. Infelizmente, tem-se tornado para não poucos individuos uma especulação lucrativa em larga escala... Quem d'isto duvidar
	28	fabulas—os dois sujos—a dupla demonstração—os jo-
	29 e 30	—gadores... Bom ou mau porem, é indispensavel que haja um governo;
	31	e, se este não for o melhor que podia ser, a culpa é de to-
973	2	seres, assim como o é da sua decadencia. Todo o ser que
	3	nasce e se conserva, desenvolve-se, estaciona e decai. Dá-se isto com
	8	ha de ainda durar; pelo menos, por um tempo que es-
	10 e 11	de estacionar, e a da geral decadencia? Vivemos, ainda que inconscientemente, nos nossos antepassados, viveremos
	15	—je existe? Estou que estes problemas, bem como o da ori-
	16	—gem primitiva das cousas, são d'aquelles a que o homem

Pag.	Linhas	
973	26	succedem, podem produzir ou desfazer. É a grande arte da
	29	em timidez tornando o homem acanhado e incapaz de
974	1	Superstição.—Provém da ignorancia, da fraqueza de
	2	espirito, do receio, da necessidade de acreditar, inherente
	3	ao homem, quando mal dirigida pela primeira educação. Aca-
	6	—guição aos que não a compartilham. Todo o ignorante é superstí-
	7	—cioso; porém este nem sempre é ignorante, homens ha il-
	10	esta eivada naquelle sentido e sem remedio na primeira
	12	—sos do que vulgarmente se imagina, e sempre os ha-
	13	verá em todas as classes da sociedade, emquanto durar a
	20	vontade, desejo, d'onde—*talante*. Fernão Lopes na Ch.ª de
	24	D. Henrique; e bella, porque a boa vontade vence muito—
	34	—tadas do que a gente sensata chama—esperteza de rato; e nos
975	1	ção, e servir para o bem ou para o mal segundo as mãos
	2	que o empregarem; e nem sempre é acompanhado de pru-
	13	Trabalho.—O homem não pode viver sem trabalhar ou sem
	14	se aproveitar do trabalho alheio. O homem que vive só
	24	Vaidade.— Desejo da admiração dos outros,
	28	Esta, se nos causa dissabores, tambem nos proporciona pra-
	33	dar-se, porém com moderação, para que não degenere
	34	em baixeza, e para que possa conservar algum valor. Molière faz

Pag.	Linhas	
975	35	dizer ao seu Misanthropo:—«Que apreço me- recem os
	37	—meiro bisborrea que encontrar?»

NB. Durante a impressão d'este livro preparei, alem das emendas, as alterações que me pareceram necessarias ou convenientes, com o fim de imprimir uma nova edição mais correcta; e decidi-me a publicar estas desde já (embora tornem muito maior o volume do livro) não só pelo receio de que me falte vida e saude para realizar a nova edição, mas por desejar que as pessoas que tiverem esta possam tambem aproveitar-se d'ellas. Apesar de tantas emendas, alguns erros de certo ainda escaparam. Espero porém que serão, a maior parte, typographicos e faceis de emendar.

INDICE GERAL

	Paginas
Dedicatoria a S. Alteza Real	II[I]
Introducção	VII
Fabulas	1 a 827
Indice alphabetico das fabulas	829
Notas	835 a 958
Indice por materias	959 a 976
Emendas e alterações a fazer nas fabulas	977 a 1062
Emendas e addições a fazer ás notas	1062 a 1068
Emendas ao indice por materias	1068 a 1075